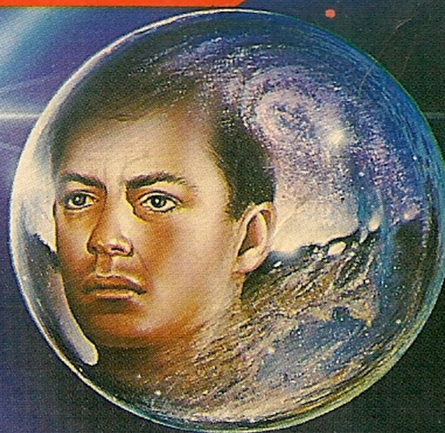
ISAAC ASIMOV

AUTOR DE
A FUNDAÇÃO E A TERRA
E **OS ROBÔS DO IMPÉRIO**



PRELÚDIO DA FUNDAÇÃO



Prelúdio da Fundação

O ano é 12.020 da Era Galáctica e Cleon I ocupa o instável trono imperial. Em Trantor, capital do Império Galáctico, quarenta bilhões de pessoas compõem uma civilização de imensa complexidade tecnológica e cultural, formando uma malha de relações tão intrincadamente tecida que a retirada de um único fio pode desfazer toda aquela complexa estrutura. O imperador está inquieto, pois sabe que há muitas pessoas interessadas em sua queda e que a única saída para continuar detendo o controle do Império está nas mãos de um jovem matemático ...

Ao desembarcar em Trantor, o heliconiano Hari Seldon não tem a menor consciência das conspirações políticas em curso. Mas, ao apresentar na Convenção Decenal uma monografia sobre psico-história, sua notável teoria da previsão, ele sela seu destino e determina o futuro da humanidade. Tendo em mãos o poder profético tão ambicionado pelo imperador, o matemático se transforma, de uma hora para outra, no homem mais procurado do Império. Seldon é obrigado a lutar desesperadamente para evitar que sua teoria caia em mãos. erradas, enquanto forja sua poderosa arma para o futuro: uma força que se tornará conhecida pelo nome de Fundação.

ISAAC ASIMOV

Prelúdio da Fundação

Tradução de
BRAULIO TAVARES

2ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD

Título original norte-americano

PRELUDE TO FOUNDATION

Direitos de publicação exclusivos em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 - 20921 Rio de Janeiro, RJ - Te!.: 580-3668
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Todos os personagens deste livro são fictícios,
e qualquer semelhança com pessoas reais,
vivas ou mortas, é mera coincidência.

Para Jennifer "Green Peneil" Brehl,
a melhor editora do mundo,
e a que trabalha mais duro.

Nota do Autor

Quando escrevi Foundation, que apareceu no número de maio de 1942 da revista Astounding Science Fiction, eu não sabia que aquilo era apenas o início de uma série de histórias que acabariam por se estender ao longo de seis volumes e de um total de 650 mil palavras (até agora). Também não podia imaginar que essa série acabaria se fundindo às minhas narrativas sobre os robôs e aos meus romances sobre o Império Galáctico, perfazendo um total de (até agora) catorze volumes e aproximadamente 1.450.000 palavras.

Examinando a data de publicação desses livros, o leitor pode perceber que há um hiato de 25 anos entre 1957 e 1982, durante o qual nada foi adicionado a estas séries. Não que eu tivesse deixado de escrever, ao contrário: durante esse quarto de século escrevi sem parar - mas um outro tipo de material. Meu retorno às séries, em 1982, não foi propriamente idéia minha, mas o resultado de uma combinação de pressões, da parte dos leitores e dos editores, que acabou se tornando irresistível.

De qualquer modo, isso tornou as coisas um pouco complicadas, e parece-me que a esta altura os leitores veriam com bons olhos a publicação de uma espécie de guia para as séries, uma vez que os livros não foram escritos na mesma ordem em que (talvez) devam ser lidos.

Os catorze livros, todos publicados originariamente pela Doubleday, formam uma espécie de "história do futuro", que talvez não seja totalmente consistente - entre outras coisas, porque não era essa a intenção original. A ordem cronológica dos livros, em termos dessa "história do futuro" (e não em termos da data de publicação) é a seguinte:

1. The Complete Robot (1982). É uma coletânea de 31 contos sobre os robôs publicados entre 1940 e 1976, inclusive as histórias reunidas em minha primeira coletânea, I, Robot (1950). Apenas um conto meu sobre robôs foi publicado após esta coletânea: é "Robot Dreams", que até agora não figura em nenhuma coletânea lançada pela Doubleday.
2. The Caves of Steel (1954). É o meu primeiro romance sobre os robôs.
3. The Naked Sun (1957). O segundo romance sobre os robôs.
4. The Robots of Dawn (1983). Os Robôs do Amanhecer (Record, 1985). O terceiro romance sobre os robôs.
5. Robots and Empire (1985). Os Robôs e o Império (Record, 1987). O quarto romance sobre os robôs.

6. The Currents of Space (1952). Meu primeiro romance sobre o Império.
7. The Stars, Like Dust ... (1951). O segundo romance sobre o Império.
8. Pebble in the Sky (1950). O terceiro romance sobre o Império.
9. Prelúdio da Fundação (1988). O primeiro romance da Fundação (embora tenha sido escrito por último).
10. Foundation (1951). O segundo romance sobre a Fundação. Na realidade, trata-se de uma coletânea de quatro contos, publicados originariamente entre 1942 e 1944, acrescidos de uma seção introdutória escrita em 1949, especialmente para a publicação em forma de livro.
11. Foundation and Empire (1952). O terceiro romance sobre a Fundação, composto de dois contos, publicados originariamente em 1945.
12. Second Foundation (1953). O quarto romance sobre a Fundação, composto de dois contos, publicados originariamente em 1948 e 1949.
13. Foundation's Edge (1982). O quinto romance sobre a Fundação.
14. Foundation and Earth (1983). A Fundação e a Terra (Record, 1989). O sexto romance sobre a Fundação.

Poderei incluir livros adicionais a esta série? Creio que sim. Há espaço para mais um livro entre Os Robôs e o Império (5) e The Currents of Space (6), por exemplo, assim como entre Prelúdio da Fundação (9) e Foundation (10), bem como entre outros. E poderei continuar A Fundação e a Terra (14) em volumes adicionais, tantos quanto desejar.

É claro que deve haver algum limite, pois não imagino que irei viver para sempre; mas tenho a firme intenção de permanecer por aqui o maior tempo possível.

Prelúdio da Fundação

MATEMÁTICO

CLEON I - ... 0 último imperador galáctico pertencente à dinastia Eutun. Nasceu no ano 11.988 da Era Galáctica, o mesmo ano em que nasceu Hari Seldon. (Existe a versão de que a data de nascimento de Seldon, que alguns consideram duvidosa, pode ter sido alterada para coincidir com a de Cleon, com quem Seldon, segundo se supõe, teria se encontrado logo após chegar a Trantor.)

Tendo subido ao trono imperial em 12.010, com a idade de 22 anos, Cleon I teve um reinado invulgarmente pacífico para aquela época turbulenta. Isso se deveu, sem dúvida, à habilidade de seu chefe do Estado-Maior, Eto Demerzel, o qual obscureceu tão habilmente os registros oficiais sobre si próprio que muito pouco se sabe hoje a seu respeito.

Quanto ao próprio Cleon ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA*

1.

Cleon reprimiu um pequeno bocejo enquanto perguntava:

- Demerzel, você por acaso já terá ouvido falar alguma coisa sobre um homem chamado Hari Seldon?

Cleon era imperador há exatamente dez anos, e algumas vezes, em cerimônias oficiais, usando as vestimentas e os adornos protocolares, conseguia adquirir um ar majestoso. O mesmo ar que ostentava na holografia que aparecia num nicho da parede, às suas costas, colocada de forma a dominar os outros nichos, onde luziam as holografias de seus antepassados.

Não era uma holografia totalmente honesta. Nela, o cabelo do imperador era mais cheio do que no original, apesar de ser da mesma cor castanho-claro. Havia também uma certa assimetria no rosto do monarca, que a holografia disfarçava com habilidade: uma ligeira contração que fazia o lado esquerdo de seu lábio superior se erguer um pouco mais que o direito. E se Cleon ficasse de pé ao lado da imagem holográfica, ficaria visível que ela, com seu 1,83m, estava uns dois centímetros acima da estatura real do imperador - e que ele era um pouco mais corpulento.

*Todas as citações extraídas da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas são de sua 116ª edição publicada no ano 1.020 E.F. pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica, Terminus, com a autorização dos editores.

É claro que aquela holografia era o seu retrato oficial da época da coroação, quando ele era bem mais moço. Mesmo assim, ainda era jovem e razoavelmente bonito, e quando não estava mergulhado na impiedosa roda-viva das cerimônias oficiais seu rosto podia até mesmo assumir uma expressão de afabilidade.

- Hari Seldon? - repetiu Demerzel, no tom respeitoso que cultivava com toda a atenção. - O nome não me é familiar, Sire. Deveria tê-lo ouvido?

- O ministro da Ciência o mencionou ontem à noite, e achei que você saberia quem é.

Demerzel franziu levemente a testa; muito levemente, porque não convém franzir a testa em demasia diante de um imperador. - Sire, o ministro da Ciência deveria ter mencionado esse nome a mim, como chefe do Estado-Maior. Vossa Majestade não pode ser bombardeado por todos os lados com ...

Cleon ergueu a mão e Demerzel parou no mesmo instante. - Por favor, Demerzel. Não podemos nos apegar o tempo todo às formalidades. Parei para cumprimentar o ministro na recepção de ontem à noite, e quando trocamos algumas frases ele disse algo a esse respeito. Não pude deixar de prestar atenção, e ainda bem, porque achei interessante o que ouvi.

- Interessante em que sentido, Sire?

- Bem, não estamos mais naquela época antiga em que ciência e matemática eram o assunto do dia. Esse tipo de coisa parece estar um pouco superado ... talvez porque todas as descobertas já tenham sido feitas, não é mesmo? Parece, no entanto, que alguma coisa interessante ainda pode surgir. Pelo menos foi o que me disseram.

- Quem, sire? O ministro?

- Sim. Segundo ele, esse Hari Seldon tomou parte numa convenção de matemáticos que teve lugar aqui em Trantor. .. Fazem isso de dez em dez anos, por alguma razão; e esse Seldon diz ter provado que é possível predizer matematicamente o futuro.

Demerzel permitiu-se um ligeiro sorriso.

- Sire, ou o ministro da Ciência, que não é um homem muito perspicaz, está equivocado ... ou esse matemático está. A predição do futuro é um tipo de mágica com que as crianças sonham, e mais nada. - Será, Demerzel? O povo acredita nessas coisas.

- O povo acredita em muitas coisas, Sire.

- Sim, mas o fato é que acredita nisso. Portanto, não interessa se a profecia é verdadeira ou não. Se um matemático profetizar que terei um reinado longo e feliz, uma época de paz e prosperidade para o Império ... hem? Que tal lhe parece?

- Seria algo bom de ouvir, Sire, mas chegaria a se concretizar?

- Se o povo acredita em algo, age em função dessa crença. Muitas profecias já

se transformaram em fatos pela mera força da fé daqueles que as aceitaram. São profecias que se impõem por si mesmas. Aliás, agora que estamos falando nesse assunto, lembro-me de que foi você mesmo que me explicou isso certa vez.

- Creio que sim, Sire. - Os olhos de Demerzel estudavam o imperador cuidadosamente, como se querendo avaliar até que ponto ele poderia prosseguir sem ajuda. - Mas, se é assim, qualquer pessoa pode fazer a profecia.

- Mas nem todas seriam igualmente levadas a sério, Demerzel. Um matemático, no entanto, que pode revestir sua profecia com fórmulas matemáticas e termos científicos, pode não ser entendido por ninguém e mesmo assim todos acreditarem nele.

- Como sempre, Sire, Vossa Majestade tem razão. Vivemos numa época turbulenta, e valeria a pena manter a tranquilidade no Império de um modo tal que não fosse preciso empregar dinheiro nem ação militar. Esses recursos, na história recente, causaram mais prejuízos do que bons resultados.

- Exatamente, Demerzel - apoiou o imperador, com entusiasmo. - Traga-me esse Hari Seldon. Você me diz que tem cordéis espalhados por este mundo inteiro, mesmo onde as minhas forças não alcançam. Puxe um desses cordéis, e traga-me o matemático. Quero uma audiência com ele.

- Eu o farei, Sire.

Demerzel já tinha localizado Hari Seldon. Fez uma anotação mental para elogiar o ministro da Ciência pelo bom trabalho.

2.

Nessa época, a aparência pessoal de Hari Seldon não tinha nada de magnífica. Tinha a mesma idade de Cleon, 32 anos, mas apenas 1,73m de altura. O rosto imberbe tinha uma expressão jovial, e o cabelo era castanho-escuro, quase negro; as roupas que usava tinham um ar inconfundivelmente provinciano.

Para todos aqueles que no futuro veriam em Seldon apenas a figura lendária de um semideus, pareceria quase um sacrilégio o fato de ele não ter cabelos brancos, um rosto envelhecido e vincado de rugas, um sorriso sereno que irradiava sabedoria - e não estar sentado numa cadeira de rodas. Mas mesmo então, em plena velhice, seus olhos iriam manter aquele brilho jovial. Isso nunca iria mudar.

E naquele instante seus olhos estavam mais bem-humorados do que nunca, porque tinha acabado de apresentar sua monografia aos participantes da Convenção Decenal. Sua comunicação verbal tinha mesmo despertado um certo interesse na platéia, e o próprio Osterfith fizera um aceno de cabeça em sua

direção, dizendo: "Muito engenhoso, meu rapaz. Muito engenhoso." O que, vindo da parte de Osterfith, era satisfatório ... muito satisfatório.

Mas agora os fatos tomavam um rumo diferente - e inesperado; Seldon já começava a ter motivos para crer que toda a sua satisfação, talvez não chegasse a durar muito tempo.

Encarou o homem alto e de uniforme parado à sua frente, e observou o emblema da espaçonave e do sol, no lado esquerdo de sua túnica.

- Tenente Alban Wellis - disse o oficial da Guarda do Imperador, e voltou a guardar sua identificação. - Pode acompanhar-me agora, senhor?

Wellis estava armado, naturalmente, e havia dois outros guardas à espera do lado de fora. Seldon sabia que não tinha escolha, apesar da polidez meramente formal do outro; mas achou que poderia pelo menos extrair mais algumas informações.

- Para ver o imperador?

- Para ser conduzido ao Palácio, senhor. É o que dizem minhas instruções.

- Mas por quê?

- Não estou informado, senhor. Recebi ordens para levá-lo até lá, de um modo ou de outro.

- Isso quer dizer que estou sendo preso? Não fiz nada que possa justificar esse tipo de ...

- Digamos, senhor, que é uma guarda de honra que se apresentou para escoltá-lo. E devo pedir-lhe que se apresse.

Seldon obedeceu. Apertando os lábios, como que para reprimir novas perguntas, fez um sinal afirmativo com a cabeça e pôs-se a caminho. Mesmo que tudo aquilo resultasse numa audiência com o imperador e no recebimento de uma condecoração, ele não via nisso nenhum motivo para ficar alegre. Considerava-se um partidário do Império - ou seja, da manutenção da união e da paz entre os mundos habitados pela humanidade -, não um partidário do imperador.

O tenente Wellis caminhava à frente, os outros dois guardas às suas costas. Seldon procurou sorrir e aparentar despreocupação diante das pessoas com quem cruzava. Ao saírem do hotel, os guardas o introduziram num carro oficial. (Seldon correu a mão de leve sobre o estofado que recobria o assento; nunca vira nada tão luxuoso.)

Estavam num dos setores mais nobres de Trantor. A cúpula que o recobria era alta o bastante para dar a impressão de que estavam a céu aberto, e qualquer pessoa - mesmo Hari Seldon, nascido e criado num mundo sem redomas - poderia jurar que estavam à luz do sol. Não se via nenhum sol, nem sombras, mas o ar era leve e perfumado.

E então aquilo acabou: a parede da cúpula curvou-se até o solo e se abriu à sua frente; logo estavam se movendo ao longo de um túnel onde Seldon avistou a intervalos regulares o símbolo da espaçonave e do sol, deduzindo que aquela era uma passagem reservada aos veículos oficiais.

Uma porta se abriu e o carro cruzou a abertura; quando ela voltou a se fechar

às suas costas, estavam do lado de fora - o verdadeiro lado de fora. Aquela área, com 250 quilômetros quadrados, era o único trecho de espaço aberto em Trantor, e ali ficava o Palácio Imperial. Seldon pensou que gostaria de ter a chance de passear um pouco naquelas imediações - não por causa do Palácio, mas porque ali também ficava a Universidade Galáctica e, o que mais o atraía, a Biblioteca Galáctica.

Mas, ao passar da parte fechada de Trantor para aquele trecho coberto de bosques e gramados, eles tinham penetrado num mundo onde as nuvens obscureciam o céu e um vento gélido agitava suas roupas. Seldon pressionou o botão que fechava a janela do carro. O tempo ali fora estava escuro, tempestuoso.

3.

Seldon não tinha certeza de estar sendo levado ao imperador. Na melhor das hipóteses iria ser recebido por um oficial de quarto ou quinto escalão que se diria porta-voz de Cleon.

E quantas pessoas, de fato, já tinham chegado a vê-lo? A vê-lo em carne e osso, e não na holovisão? Quantas pessoas já tinham avistado o imperador tangível e real, que nunca abandonava aquele trecho do planeta onde Seldon penetrava?

Um número de pessoas extremamente reduzido, por certo. Vinte e cinco milhões de mundos habitados, cada qual com um bilhão ou mais de habitantes - e entre todos esses quatrilhões de seres humanos, quantos deles já teriam posto seus olhos (ou poderiam fazê-lo um dia) na pessoa viva do imperador? Mil pessoas, talvez?

E na verdade, quem se importava com isso? O imperador não passava de um dos símbolos do Império, semelhante ao da espaçonave e do sol, só que menos onipresente, e até menos real. Eram seus soldados e seus oficiais que na verdade representavam o Império - um império que já se tinha tornado um peso morto nos ombros do povo.

Tanto era assim que, quando Seldon foi introduzido num aposento amplo e luxuosamente mobiliado e se deparou com um indivíduo jovem sentado sobre a beira de uma mesinha próxima a uma janela, com um dos pés pousado no chão e o outro balançando distraidamente, surpreendeu-se ao ver um oficial do Império com uma aparência tão bem-humorada. Já tinha constatado, repetidas vezes, que os oficiais do governo - especialmente os que estavam no serviço direto do imperador - tinham sempre uma aparência grave, como se estivessem carregando nos ombros o peso da Galáxia inteira. E parecia que quanto mais

subalternos fossem seus cargos mais séria e mais ameaçadora era sua aparência.

Aquele ali, portanto, tinha que ser um funcionário de escalão tão alto, e tão próximo ao sol do poder, que não via necessidade de cercá-lo com nuvens de preocupação.

Seldon não sabia se devia mostrar-se muito impressionado. Decidiu que era melhor ficar em silêncio e esperar que o outro falasse primeiro.

O oficial disse:

- Você é Hari Seldon, creio eu. O matemático.

Seldon murmurou um minúsculo "sim, senhor", e permaneceu à espera.

O outro fez um gesto descuidado.

- A resposta seria sim, Sire, mas não gosto de muita cerimônia. Estou saturado dela. Estamos aqui a sós, portanto posso me dar o luxo de mandar a cerimônia às favas. Sente-se, professor.

Antes que o homem acabasse de falar, Seldon percebeu que estava diante do imperador Cleon, Primeiro desse Nome, e sentiu que as forças lhe faltavam. Havia uma certa semelhança (agora ele reparava melhor) com a holografia oficial que aparecia nos noticiários, mas nessa holografia Cleon estava sempre vestido de forma imponente, e parecia mais alto, mais nobre, mais impessoal.

Agora o original daquela holografia estava ali à frente de Seldon, e tinha uma aparência decididamente comum.

Seldon permaneceu imóvel.

O imperador franziu de leve a testa. Não lhe era fácil abandonar, mesmo temporariamente, o hábito do comando. Disse, em tom peremptório:

- Eu disse sente-se, senhor. Nessa cadeira aí. Rápido. Seldon apressou-se a obedecer, sem emitir um som. Não conseguiu sequer dizer sim, Sire.

Cleon sorriu.

- Assim é melhor. Agora podemos falar como dois simples seres humanos, e afinal de contas, é o que todos nós somos, quando se abre mão da cerimônia. Não é assim, meu caro?

Cheio de cautela, Seldon respondeu:

- Se Vossa Majestade Imperial o diz, então é assim.

- Ora, vamos, por que tanto receio? Quero conversar com você de igual para igual. Isso me agrada, certo? Então, faça como eu digo. - Está bem, Sire.

- Basta dizer está bem, rapaz. Será que não estou me fazendo entender?

O imperador fitou Seldon com intensidade, com evidente interesse. Por fim falou:

- Você não parece um matemático. Seldon conseguiu sorrir.

- Infelizmente não sei qual deve ser a aparência de um matemático, majest. ..

Cleon ergueu a mão e Seldon cortou o título pela metade. O imperador disse:

- De cabelos brancos, imagino. Talvez de barba. E idoso, com certeza.

- Mas mesmo os matemáticos devem ter sido jovens um dia.

- Sim, mas quando ainda não são famosos. Quando se tornam notícia na Galáxia já estão do jeito que descrevi.

- Receio não ser tão famoso assim.
- Você não participou da convenção que houve aqui?
- Sim, mas havia muitos participantes, alguns deles até mais jovens do que eu. E muito poucos chegaram a despertar alguma atenção.
- Sua palestra, ao que parece, atraiu a atenção de alguns dos meus representantes. Pelo que fui informado, você acredita que é possível prever o futuro.

De repente, um imenso cansaço apoderou-se de Seldon. Tudo levava a crer que aquele tipo de interpretação simplista de suas teorias nunca o deixaria em paz. Talvez tivesse sido melhor não fazer aquela palestra.

- Não é bem assim - disse ele. - Meu trabalho é algo mais limitado. Em muitos sistemas existe uma situação tal que, dadas certas condições, eventos caóticos passam a acontecer. Isso significa que, dado um certo ponto de partida, fica impossível prever os seus desdobramentos futuros. Isso é verdadeiro mesmo em sistemas relativamente simples, mas quanto mais complexo um sistema mais possibilidades ele tem de se tornar caótico. Há um consenso geral em torno da idéia de que um sistema tão complicado quanto uma sociedade humana tende a se tornar caótico e, consequentemente, imprevisível. O que demonstrei, no entanto, foi que no estudo das sociedades humanas é possível escolher um ponto de partida qualquer e, através das hipóteses adequadas, evitar o caos. Isso equivale a prever o futuro, não nos mínimos detalhes, é claro, mas em seus traços mais amplos; não com exatidão, mas definindo probabilidades.

O imperador ouviu atentamente, e perguntou:

- E então? Isso não significa que você pode prever o futuro?
- Não é bem assim. Demonstrei que é teoricamente possível, e só. Para obter algo mais além disso teríamos em primeiro lugar que escolher o ponto de partida correto; depois, fazer as hipóteses corretas; e depois descobrir um modo de efetuar os cálculos necessários num lapso finito de tempo. A teoria que apresentei aqui em Trantor não diz como fazer tudo isso. E mesmo que tivéssemos como fazê-lo, o máximo que teríamos em mãos seria uma avaliação de probabilidades. Não é o mesmo que predizer o futuro, é apenas uma suposição sobre o que é mais provável de acontecer. Todo político ou homem de negócios faz isso o tempo inteiro. Qualquer pessoa dotada de razoável discernimento tem que fazer isso, para obter um mínimo de sucesso no que planeja.
- Fazem isso sem o auxílio da matemática.
- Exatamente. Fazem por intuição.
- Mas com o auxílio da matemática qualquer pessoa seria capaz de fazer uma avaliação correta de probabilidades, e não apenas aqueles poucos indivíduos dotados de uma intuição fora do comum.
- Correto. Mas demonstrei apenas que esse tipo de análise matemática é possível. Isso não quer dizer que seja realizável do ponto de vista prático.
- Como pode uma coisa ser possível e não poder ser realizada na prática?
- Teoricamente é possível, para mim, visitar cada mundo da Galáxia e

cumprimentar cada um de seus habitantes. No entanto, isso iria exigir muito mais tempo do que os anos de vida que me restam. Mesmo que eu fosse imortal, os seres humanos se multiplicam muito rapidamente, e seu número total aumentaria mais depressa do que o número dos entrevistados por mim ... E mais ainda: um grande número de pessoas morreria antes que eu pudesse chegar até elas.

- Isso vale também para a sua matemática do futuro? Seldon hesitou um pouco, mas continuou.

- Talvez os cálculos exigissem um tempo longo demais para poderem ser úteis, mesmo que se usasse um computador do tamanho do universo, funcionando a uma velocidade hiperespacial, Quando a resposta fosse formulada já teria perdido o sentido, porque nesse intervalo de tempo a situação inicial já se teria modificado por completo.

- Esse processo não pode ser modificado? - indagou Cleon com vivacidade.

Seldon percebeu que o imperador assumia uma atitude cada vez mais formal à medida que as respostas que ouvia iam no sentido contrário às suas expectativas. Respondeu, num tom igualmente impessoal.

- Vossa Majestade Imperial deve ter em mente o modo como os cientistas lidam com as partículas subatômicas. Há um número enorme delas, cada uma se movendo ou vibrando de um modo imprevisível e aparentemente aleatório; mas esse caos aparente possui padrões de ordem subjacentes, que nos permitem, através da mecânica quântica, responder às perguntas que formulamos. Algo semelhante se dá no estudo das sociedades, com os seres humanos individuais fazendo o papel dessas partículas; mas aí entra um novo fator, que é a mente humana. As partículas se movem sem consciência de si mesmas; os seres humanos não. Tentar computar todas as atitudes e todos os impulsos potenciais da mente humana iria tornar todo o processo tão incrivelmente complexo que seria preciso um tempo infinito para levar a cabo os cálculos necessários.

- Talvez os pensamentos humanos tenham um padrão de ordem subjacente, assim como o movimento das partículas.

- Talvez. Minha análise matemática pressupõe a existência de uma harmonia subjacente a todas as coisas, por mais desordenadas que possam parecer; mas não nos dá nenhuma indicação de como essa harmonia pode vir a ser descoberta. Pense bem, Sire. Vinte e cinco milhões de planetas, cada um com características próprias e com sua própria cultura, cada um substancialmente diferente dos demais, cada um contendo mais de um bilhão de seres humanos dotados de mentes individuais, e todos esses mundos interagindo entre si das mais diversas formas, gerando uma quantidade incalculável de combinações! Por mais que uma análise psico-histórica possa ser possível em teoria, é altamente improvável que seja um dia viável em termos práticos.

- O que quer dizer você com "análise psico-histórica"?

- Denomino psico-história à avaliação teórica de probabilidades relativas ao futuro.

O imperador ficou de pé subitamente e pôs-se a caminhar; foi até a outra

extremidade do aposento, fez meia-volta, retomou, e parou diante da cadeira onde Seldon permanecia sentado.

- De pé! - ordenou.

Seldon levantou-se e teve que erguer um pouco os olhos para encarar o imperador. Esforçou-se para manter o olhar firme.

Cleon finalmente quebrou o silêncio.

- Essa sua psico-história ... se pudesse ser posta em prática, seria algo de enorme utilidade, não acha?

- Sem dúvida alguma. Saber em que direção marcha o futuro, mesmo de um modo geral e probabilístico, serviria como uma nova orientação para os nossos atos, um instrumento maravilhoso, algo que a humanidade nunca experimentou antes. Mas é claro que ..

Interrompeu-se. Cleon o interpelou, impaciente: - Sim? ..

- Bem, tudo indica que os resultados da análise psico-histórica teriam que permanecer desconhecidos da população, com exceção de um número reduzido de líderes e planejadores.

- Permanecer desconhecidos?! - exclamou Cleon com surpresa.

- Evidentemente. Tentarei explicar. Se os resultados da análise psico-histórica fossem levados ao conhecimento do público, as reações e as emoções das pessoas sofreriam uma distorção imediata.

A análise psico-histórica se baseia em emoções e reações que se produzem sem o conhecimento do futuro, senão, não tem sentido.

Os olhos do imperador brilharam e ele riu alto.

- Maravilhoso! - Desferiu um tapa no ombro de Seldon que fez o cientista vacilar. - Não percebe? Aí está para que serve tudo isso. Não precisamos prever o futuro. Basta escolher um futuro (um futuro bom, útil) e fazer previsões que alterem as emoções e reações humanas de tal modo que elas resultarão naquele futuro escolhido. É melhor criar um futuro positivo do que meramente predizer um negativo.

Seldon franziu a testa.

- Entendo o que quer dizer, Sire, mas isso é igualmente, impossível. .

- Impossível?

- Ou pelo menos impraticável. Não percebe? Se não podemos partir das reações e emoções humanas para predizer o futuro que elas irão forjar, também não podemos fazer o inverso. Não podemos estabelecer um futuro e predizer as emoções e reações humanas que conduzirão a ele.

Cleon apertou os lábios. Parecia frustrado.

- E essa sua monografia ... é assim que se diz, não é? Para que serve?

- É uma simples demonstração matemática. Tem aspectos que interessam aos matemáticos, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse vir a ter alguma utilidade prática.

- Isso é irritante - disse Cleon, carrancudo.

Seldon encolheu os ombros de leve. Lamentava cada vez mais ter pronunciado aquela palestra. O que seria dele, caso o imperador começasse a achar que tinha

feito papel de tolo?

A julgar pela expressão do seu rosto, Cleon não estava muito longe dessa idéia.

- Mesmo assim - disse ele -, você poderia fazer previsões relativas ao futuro, matematicamente justificadas ou não. Previsões que produziriam na população as reações adequadas, de acordo com a avaliação dos oficiais do governo, que são especialistas em saber o que a população está propensa afazer.

- Então para que precisariam de mim? Os próprios funcionários do governo poderiam fazer as previsões, sem nenhum intermediário.

- Mas não com a mesma credibilidade. Funcionários do governo estão sempre fazendo previsões desse tipo, e o público não acredita necessariamente no que eles dizem.

- Por que acreditariam em mim?

- Você é um matemático. Você estaria calculando o futuro e não simplesmente intuindo, se é esse o termo. - Mas eu não poderia calcular o futuro.

- Sim, mas quem saberia disso?

Os olhos de Cleon se estreitaram, e houve uma pausa no diálogo. Seldon sentiu-se preso numa armadilha. Seria prudente recusar-se a obedecer uma ordem dada diretamente pelo imperador? Isso poderia lhe valer a prisão, talvez a pena de morte. Não sem um julgamento, é claro, mas seria muito difícil conduzir esse tipo de processo de modo a contrariar a vontade de uma corte impiedosa, especialmente uma sob o comando do soberano do Império Galáctico.

Não daria certo - disse ele, por fim. - Por que não?

- Daria certo apenas se me pedissem para fazer previsões muito vagas, de caráter geral, coisas que talvez não tivessem que ser verificadas senão quando esta geração, e talvez a próxima, já tivessem morrido. A desvantagem nesse caso é que o público iria prestar muito pouca atenção. Ninguém iria se entusiasmar muito com alguma eventual maravilha prevista para dali a um século.

- Para obter resultados palpáveis eu teria que fazer previsões de consequências mais definidas, sobre acontecimentos mais imediatos. Somente isso poderia ter alguma repercussão junto ao povo. O problema é que mais cedo ou mais tarde ... provavelmente bem cedo ... uma dessas previsões acabaria não se confirmando, e minha credibilidade cairia por terra. Em conseqüência, a popularidade de Vossa Imperial Majestade sofreria um sério abalo, e o pior de tudo é que não haveria mais condições para o desenvolvimento da psico-história, mesmo que surgissem artifícios matemáticos que pudessem tornar mais possível a sua aplicação prática.

Cleon deixou-se cair numa cadeira e fitou Seldon, a testa franzida.

- É só isso que vocês matemáticos sabem fazer? Provar que as coisas são impossíveis?

Numa voz suave mas inflexível, Seldon respondeu:

- É Vossa Majestade, Sire, que insiste em coisas impossíveis.

- Deixe-me fazer um teste com você. Suponhamos que eu lhe pedisse para

usar suas fórmulas matemáticas e avaliar se eu serei assassinado um dia. Qual seria sua resposta?

- A matemática não pode responder uma pergunta tão específica como essa, Sire, e não poderia, mesmo que a psico-história fosse suscetível de aplicação prática. Todo aparato da mecânica quântica não é capaz de predizer o comportamento de um elétron isolado: ela apenas indica o comportamento médio de uma grande quantidade deles.

- Você entende de matemática muito mais do que eu. Faça apenas uma suposição, com base em sua experiência. Há chance de que eu seja assassinado um dia?

Com a mesma suavidade, Seldon retrucou:

- Vossa Majestade me coloca numa posição difícil, Sire. Se me disser antes qual a resposta que deseja ouvir, eu a darei; senão, preciso ter certeza de que posso dar minha própria resposta sem incorrer no risco de uma punição.

Fale o que quiser.

- Tenho sua palavra de honra?

- Prefere tê-la por escrito? - A voz de Cleon veio carregada de sarcasmo.

- Sua palavra de honra, dada verbalmente, será o bastante - disse Seldon com um aperto no coração, pois não tinha certeza disso.

- Tem minha palavra de honra.

- Então, posso dizer-lhe que nos últimos quatro séculos quase a metade dos imperadores morreu assassinada. Isso me leva à conclusão de que as chances de Vossa Majestade ter a mesma sorte são de uma em duas ... aproximadamente.

- Qualquer idiota pode dar essa resposta - queixou-se Cleon.

- Para isso não é preciso ser matemático.

- Falei a Vossa Majestade que minha matemática é inútil para problemas de ordem prática.

- Você não leva em conta a possibilidade de que eu tenha aprendido alguma lição, vendo o destino que tiveram meus antepassados?

Seldon respirou fundo e foi em frente.

- Não, Sire. A História prova que nunca aprendemos lições com o passado. Por exemplo ... Vossa Majestade está me concedendo uma audiência privada. E se eu tivesse vindo até aqui com o propósito de assassiná-lo? - E aduziu rapidamente: - Evidentemente não é esse o caso.

Cleon sorriu, mas sem demonstrar bom humor.

- Meu rapaz, você não está levando em conta a nossa eficiência, e os avanços de nossa tecnologia. Nós estudamos sua história, sua vida, seu dossiê completo. Quando você chegou aqui, foi esquadrinhado por nossos instrumentos. Sua expressão facial e suas inflexões de voz foram analisadas. Ficamos com uma avaliação detalhada de seu estado emocional; sabíamos, praticamente, em que você estava pensando. Se houvesse algo de potencialmente perigoso em sua pessoa, você não teria sido trazido à minha presença. Para falar a verdade, provavelmente nem estaria vivo a esta altura.

Seldon sentiu-se atravessado por uma sensação de náusea, mas conseguiu falar:

- É claro que intrusos sempre tiveram dificuldade para chegar até um imperador, mesmo quando a tecnologia não era tão avançada. Mas a maioria dos assassinatos reais foi na verdade um golpe palaciano. O maior perigo para um imperador são as pessoas que o cercam. Contra esse tipo de perigo, de nada adianta esquadrinhar os visitantes. E Vossa Majestade não pode tratar os funcionários, os guardas, os seus assessores mais próximos, do mesmo jeito que me trataria.

- Sei disso - replicou Cleon. - Sei disso tão bem quanto você. A resposta é que trato bem aqueles que me cercam, e não lhes dou motivos para qualquer tipo de ressentimento.

- Isso é uma bobag ... - Seldon interrompeu-se, confuso.

- Vá, vá, continue - disse Cleon, impaciente. - Dei-lhe permissão para falar livremente. Por que é uma bobagem?

- Minha expressão foi infeliz, Sire. Eu queria dizer que essa questão do modo como Vossa Majestade trata as outras pessoas é irrelevante. Vossa Majestade deve alimentar suspeitas; não seria humano se não fizesse. Se alguém usa uma palavra pouco apropriada, como foi meu caso agora, ou faz um gesto rude, ou usa uma expressão estranha... Vossa Majestade reagirá a isso com um movimento instintivo de recuo, de desconfiança. E isso põe em ação um círculo vicioso. A outra pessoa perceberá essa suspeita; e passará a se comportar de uma maneira artificial, tentando evitar que ela volte a se produzir. Vossa Majestade perceberá isso e ficará mais desconfiado ainda; no final desse processo, ou a outra pessoa será executada. ou Vossa Majestade morrerá às suas mãos. É um mecanismo que nenhum imperador nos últimos quatro séculos conseguiu evitar. Este é apenas um dos indícios de como se torna cada vez mais difícil administrar os negócios do Império.

Então, nada que eu faça pode evitar que eu seja assassinado.

Não, Sire - disse Seldon. - Mas talvez Vossa Majestade tenha um pouco de sorte.

Os dedos de Cleon estavam tamborilando no braço da cadeira, e ele disse, num tom rude:

- Você não tem nenhuma utilidade para mim, rapaz, e a sua psico-história muito menos. Pode retirar-se. - Com essas palavras, o imperador afastou os olhos, e de súbito pareceu muito mais velho do que seus 32 anos.

- Eu havia dito que minha matemática não poderia ser-lhe útil, Sire. Minhas mais profundas desculpas.

Seldon esboçou uma reverência mas, atendendo a algum sinal que lhe passou despercebido, dois guardas entraram no aposento e o conduziram para fora. Tudo o que ele ouviu foi a voz de Cleon às suas costas:

Levem esse homem de volta ao lugar de onde o trouxeram.

4.

Eto Demerzel surgiu no aposento e relanceou os olhos na direção do imperador, com uma afetada expressão de respeito.

- Sire - disse ele -, Vossa Majestade quase perdeu a calma. Cleon o encarou e, com algum esforço, conseguiu sorrir.

- É, tem razão. Esse indivíduo me decepcionou.

- De qualquer modo, ele não prometeu nada mais do que podia dar.

- Ele não me deu nada.

- E nada prometeu, Sire.

- Foi uma decepção.

- Talvez mais do que isso - disse Demerzel. - Esse homem é um canhão desregulado, Sire.

- Um ... um o quê desregulado? Você é cheio de expressões estranhas, Demerzel. O que é um canhão?

- Isso é apenas uma expressão que aprendi na juventude, Sire - respondeu Demerzel, com gravidade. - O Império é cheio de estranhos modos de falar, muitos dos quais desconhecidos em Trantor, assim como os de Trantor às vezes soam estranhos em outra parte.

- Está querendo me ensinar que o Império é grande? Enfim ... o que é um canhão desregulado?

- Isso quer dizer, Sire, que esse homem pode causar mal a muitas pessoas, mesmo que não seja essa a sua intenção. Ele não tem idéia da sua própria força, ou da sua própria importância.

- Isso é uma dedução sua, Demerzel?

- Sim, Sire. Esse homem é um provinciano. Não conhece Trantor, nem seus costumes. Nunca esteve antes em nosso planeta, e não sabe se comportar como alguém de sangue nobre, alguém da corte. E no entanto lidou com Vossa Majestade de igual para igual.

- E por que não? Eu lhe dei permissão para falar. Abri mão das formalidades. Eu o tratei de igual para igual.

- Não totalmente, Sire. Vossa Majestade não tem o hábito de tratar assim as outras pessoas. Vossa Majestade tem o hábito do comando. E mesmo quando procura deixar o interlocutor à vontade, são poucas as pessoas que o conseguem. A maioria perde a fala, ou, pior ainda, torna-se subserviente, recorre à bajulação. Esse homem comportou-se à altura.

- Muito bem, Demerzel, você pode achar isso admirável, mas não gostei dele. - Cleon parecia pensativo e pouco satisfeito. - Você percebeu que ele não fez nenhum esforço para me explicar suas teorias matemáticas? É como se tivesse

certeza de que eu seria incapaz de entender uma só palavra.
- E provavelmente não entenderia, Sire. Vossa Majestade não é um matemático, nem cientista, nem artista. Há muitas áreas do conhecimento em que outras pessoas sabem mais do que Vossa Majestade. Mas a obrigação dessas pessoas é usar esses conhecimentos para servi-lo. Vossa Majestade é o imperador, e isso vale mais do que todas essas especializações juntas.
- Será? Eu não me incomodaria de passar por ignorante diante de um homem idoso, que tivesse levado anos e anos para acumular seus conhecimentos. Mas esse tal Seldon tem a minha idade. Como pode saber de tanta coisa?
- Ele não teve que aprender o hábito do comando, Sire, a arte de tomar decisões que irão afetar a vida de todas as pessoas.
- Às vezes, Demerzel, tenho a impressão de que você está rindo de mim.
- Sire?! - A expressão de Demerzel era de censura e respeito ao mesmo tempo.
- Não importa. Vamos falar do seu canhão desregulado. Que razões você tem para considerá-lo perigoso? A mim não parece mais do que um provinciano, um simplório.
- Também o é. Mas há essa teoria matemática que ele desenvolveu.
- Diz ele que não serve para nada.
- Vossa Majestade achou que serviria. Eu também achei, depois que Vossa Majestade me falou a respeito. Outras pessoas também poderão pensar assim. O próprio matemático pode acabar se convencendo disso, agora que alguém despertou sua atenção. Quem sabe? Talvez ele acabe descobrindo um meio de tornar útil sua descoberta. Se isso acontecer, a pessoa que conseguir antever o futuro, mesmo sem exatidão, estará numa posição de imenso poder. Mesmo que Seldon não ambicione esse poder para si mesmo, e esse tipo de abnegação sempre me parece uma hipótese remota, ainda assim ele pode ser usado por alguém mais.
- Eu tentei convencê-lo. Não consegui.
- Ele não teve tempo suficiente para pensar, mas talvez tenha, na próxima vez. E talvez ele não estivesse interessado em servir a Vossa Majestade, mas pudesse ser persuadido a trabalhar para ... digamos, o prefeito de Wye.
- Por que trabalharia para Wye, e não para nós?
- Como ele sempre explicou, é sempre difícil prever as emoções e o comportamento de indivíduos isolados.
Cleon assumiu um ar carrancudo e ficou algum tempo em silêncio. Depois voltou à carga:
- Acha mesmo que ele pode desenvolver essa tal de psico-história a ponto de dar-lhe alguma utilidade? Ele parece tão seguro de que isso é impossível...
- Talvez, com o passar do tempo, ele perceba que estava errrado ao negar essa possibilidade.
Então, suponho que teria sido melhor mantê-lo aqui conosco.
- Não, Sire. O instinto de Vossa Majestade estava certo, quando deixou Seldon partir. Prendê-lo, ou coagi-lo de qualquer forma, iria produzir nele ressentimento

e ansiedade, e isso não o ajudaria a desenvolver suas ideias, nem o tornaria mais propenso a trabalhar para nós. Melhor deixá-lo partir, como Vossa Majestade fez, mas mantê-lo sob vigilância. Assim poderemos saber se ele não está a serviço de nenhum dos inimigos de Vossa Majestade; e podemos estar certos de que, quando seus instrumentos científicos estiverem prontos, ele será trazido de volta até nós ... e aí poderemos ser mais persuasivos.

- Mas, e se ele for apanhado por algum dos meus inimigos ... ou melhor, por algum dos inimigos do Império, porque eu sou o Império? E se ele resolver, por sua própria iniciativa, servir a um desses inimigos? Como vê, essa possibilidade não está fora das minhas cogitações.

- Nem deveria. Farei o possível, Sire, para que tal coisa não aconteça, mas se apesar dos nossos esforços acabar sucedendo, então é melhor Seldon não trabalhar para ninguém do que trabalhar para a pessoa errada.

Cleon pareceu pouco à vontade.

- Deixo isso em suas mãos, Demerzel, mas vá com cuidado. Esse Seldon pode ser, no final das contas, apenas o proprietário de uma ciência teórica que não serve para nada.

- É bem possível, Sire. Mas é mais seguro admitir que esse homem é, ou pode tornar-se, alguém importante. Se comprovarmos que ele é um joão-ninguém, teremos perdido apenas um pouco do nosso tempo, e nada mais. Mas se descobrirmos um dia que o subestimamos, poderemos perder a Galáxia.

- Então está resolvido - disse Cleon. - Mas se acontecer algo desagradável, poupe-me os detalhes.

- Esperemos que não seja esse o caso - disse Demerzel.

5.

Seldon teve uma noite inteira e o início de uma manhã para refletir sobre seu encontro com o imperador. Ou, pelo menos, a variação de luminosidade nas passarelas, nos corredores móveis, nas praças e nos parques de Trantor indicava que havia transcorrido toda uma noite e parte da manhã.

Agora ele estava num pequeno parque, sentado num banco de plástico que se amoldava ao seu corpo e o fazia sentir-se com conforto. A julgar pela luz, seriam umas nove da manhã; o ar estava fresco, agradável, nem um pouco cortante ...

Seria assim o tempo todo? Seldon lembrou-se do céu ameaçador e cinzento do dia anterior, quando estava indo ao encontro de Cleon. Pensou também nos dias cinzentos, nos dias gelados, nos dias quentes e chuvosos de Helicon, seu planeta natal, e imaginou se alguém seria capaz de sentir falta daquilo. Seria possível sentar-se num parque de Trantor, desfrutando dia após dia de um clima ideal, a

ponto de ter a impressão de estar boiando no nada ... e começar a ter saudade do uivo de uma ventania, ou de um frio cortante, ou de uma umidade irrespirável?

Talvez. Mas não no primeiro dia ou no segundo, nem na primeira semana. Ele tinha apenas aquele dia em Trantor; partiria na manhã seguinte, e tinha a intenção de aproveitar aquelas horas da melhor maneira possível. Quem sabe - talvez nunca mais retornasse a Trantor.

Ainda se sentia inquieto pelo fato de na véspera ter falado de um modo tão desassombrado diante de um homem que podia, a seu bel-prazer, ordenar o encarceramento ou a execução de quem quer que fosse - ou pelo menos podia decretar sua perda de status profissional, sua morte social e econômica.

Antes de se deitar, Seldon tinha consultado o arquivo enciclopédico no terminal de computador em seu quarto de hotel, à procura de informações sobre Cleon. O texto era altamente elogioso em relação ao imperador, como sem dúvida tinha sido em relação a todos os anteriores durante seus reinados, independentemente de seus feitos. Seldon não levou em conta esses elogios, mas seu interesse foi despertado pela informação de que Cleon tinha nascido no Palácio e jamais deixara suas dependências. Jamais estivera em Trantor propriamente dito, jamais pusera os pés no interior de qualquer uma das incontáveis cúpulas que recobriam o planeta. Uma questão de segurança, talvez, mas isso queria dizer que o imperador era um prisioneiro, e não fazia muita diferença se ele admitia esse fato ou não. Era talvez a mais luxuosa prisão de toda a Galáxia, mas era uma prisão.

Embora Cleon tivesse se mostrado cortês e não parecesse ser um autocrata sanguinário à maneira de muitos de seus antecessores, Seldon lamentava ter atraído sua atenção, e achava reconfortante a idéia de que no dia seguinte estaria partindo rumo a Helicon, mesmo lembrando que lá era inverno, e um inverno bem rigoroso.

Olhou para o alto, para aquela luminosidade difusa. Embora a chuva fosse algo impossível ali, o ar estava longe de ser seco. Não muito longe de Seldon, ouvia-se o murmúrio de uma fonte; as plantas eram verdes e provavelmente nunca tinham sentido falta de umidade. De tempos em tempos, os arbustos próximos farfalhavam, como se animais miúdos estivessem correndo por baixo de suas folhas. E era possível escutar o zumbido das abelhas.

Na verdade, embora Trantor fosse considerado em toda a Galáxia um mundo artificial feito em metal e cerâmica, pelo menos naquele trecho tinha uma aparência decididamente primitiva.

Havia algumas outras pessoas desfrutando do clima ameno do parque, todas usando chapéus leves, alguns deles bem pequenos. Uma moça aparentemente bonita estava bem próxima dele, mas inclinada sobre um visor e Seldon não podia ver direito seu rosto. Um homem vinha se aproximando; seus olhos cruzaram distraidamente com os de Seldon, sem parecerem percebê-lo, e em seguida ele se sentou num banco próximo, mergulhando sua atenção num maço de telecópias; cruzou as pernas. Trajava uma espécie de calça muito justa, cor-

de-rosa.

Seldon já tinha observado que os homens em Trantor davam preferência a roupas em tons pastéis (o que ele achava pouco comum), enquanto que as mulheres, em sua maioria, vestiam-se de branco. Mas num ambiente claro e reluzente como aquele, fazia sentido usar cores leves. Ele baixou os olhos, divertido, para seus trajes heliconianos, em que predominava o marrom-escuro. Se tivesse que permanecer mais algum tempo em Trantor (o que não era o caso) teria que comprar novas roupas, ou passaria a ser objeto de curiosidade, de riso ou de desagrado. O homem que folheava as telecópias, por exemplo, tinha voltado a olhar em sua direção, sem dúvida intrigado com aquelas vestimentas típicas de alguém de outro planeta.

Bem, pelo menos não estava rindo. Seldon podia encarar filosoficamente o fato de alguém ver nele uma figura extravagante, mas em hipótese alguma isso o deixava contente.

Continuou observando discretamente o outro homem, que parecia agora travar uma discussão interna consigo mesmo: em dado momento deu a impressão de que ia dirigir a palavra a Seldon, depois pareceu mudar de idéia, em seguida fez menção de falar, mais uma vez. Seldon permaneceu onde estava, aguardando o resultado final.

Observou o outro com mais atenção. Era um homem alto, de ombros largos, e sem nenhum sinal de obesidade; seu cabelo era escuro com alguns reflexos dourados, o rosto bem barbeado, fisionomia séria; transmitia uma impressão de força, embora não fosse musculoso, e suas feições tinham traços bem acentuados - um rosto agradável, sem ser propriamente bonito.

No momento em que o homem pareceu perder (ou ganhar) a luta que travava consigo, e falou em sua direção, Seldon concluiu que simpatizava com ele.

- Desculpe-me - disse o outro -, mas creio que o vi participando da Convenção Decenal. Na área de matemática, não é isso? - Exatamente - respondeu Seldon

- Ah, eu bem sabia. Achei que o tinha reconhecido e sentei-me aqui até ter certeza. Desculpe se estou atrapalhando a sua privacidade ...

- Oh, não. Estou apenas passando o tempo.

- Deixe-me ver se me lembro bem. Você é o professor Seldon. Seldon.

- Hari Seldon. Chegou perto. E você?

- Chetter Hummin. - O homem pareceu algo embaraçado. - É um desses nomes inventados em casa, creio eu.

- Nunca encontrei ninguém chamado Chetter - disse Seldon.

- Nem Hummin, para falar a verdade. Isso o torna uma pessoa única, a meu ver. Talvez seja melhor do que viver sendo confundido com uma infinidade de Haris que existem por aí, sem falar nos Seldons.

Chegou seu banco mais para perto do outro, arrastando-o sobre os ladrilhos de cerâmica aparente.

- Por falar em coisas feitas em casa - continuou -, o que me diz desta roupa que estou usando? Não me tinha ocorrido a idéia de que talvez precisasse usar roupas trantorianas.

- Talvez precise comprar algumas - disse Hummin, tentando disfarçar o ar de reprovação com que fitou o traje de Seldon.

- Estou indo embora amanhã, e mesmo assim creio que não teria dinheiro. Os matemáticos costumam manejar números muito grandes, mas nunca em seu orçamento pessoal. Aliás, devo supor que você é matemático.

- Oh, não. Sou um zero nesse departamento.

- Oh - fez Seldon, desapontado. - Mas você me viu na Convenção.

- Estive lá como espectador. Sou jornalista. - Exibiu o maço de telecópias e só então pareceu perceber que ainda as segurava; guardou-as no bolso do casaco. - Fui lá para colher material para as holo-transmissões - Ficou pensativo um instante e depois comentou: - Aliás, estou cansado disso.

- Desse trabalho? Hummin assentiu.

- Estou cansado de passar a vida recolhendo fatos absurdos que nos chegam de todos os planetas. Estou numa espiral descendente, e detesto isso. - Lançou um olhar especulativo na direção de Seldon. - Mesmo assim, de vez em quando surge uma novidade realmente interessante. Ouvi dizer que você foi visto na companhia de um guarda imperial, indo na direção do Palácio. Por acaso terá sido recebido pelo imperador?

O sorriso apagou-se do rosto de Seldon, e ele respondeu devagar:

- Se isso tivesse acontecido, dificilmente eu poderia dar declarações públicas a respeito.

- Não, não tem nada a ver com publicação. Se você ainda não sabe, Seldon, deixe-me ser o primeiro a dizer-lhe: a primeira regra para os homens de imprensa daqui é que nada pode ser dito sobre o imperador, ou sobre seus círculos mais próximos, além do que é oficialmente divulgado. Claro que é uma bobagem, porque a quantidade de boatos que circula acaba sendo algo mais prejudicial do que a verdade. Mas é assim que a coisa funciona.

- Se você não pode publicar nada, meu caro, então por que pergunta?

- Curiosidade pessoal. Em minha profissão, acabo sabendo de muitas coisas além do que é transmitido para o público. Deixe-me arriscar uma suposição. Não vi sua conferência, mas houve rumores de que você falou sobre a possibilidade de se prever o futuro.

Seldon abanou a cabeça e murmurou: - Meu maior erro.

- O quê?

- Nada.

- Bem, qualquer tipo de previsão, desde que acurada, deve interessar ao imperador, como deve interessar a qualquer governante. Portanto, tenho o palpite de que Cleon, Primeiro desse Nome, deu-se ao trabalho de fazer conduzir o professor Seldon ao Palácio e pediu-lhe para fazer uma ou duas previsões.

Seldon respondeu, bastante empertigado:

- Não tenho a intenção de falar a esse respeito. Hummin encolheu os ombros.

- Suponho que Eto Demerzel estava presente.

- Quem?

- Eto Demerzel. Nunca ouviu falar nele?

- Nunca.

O alter ego de Cleon. Seu cérebro, sua eminência parda .. ele tem sido chamado de todas essas coisas, se nos limitarmos ao que não tem caráter pejorativo. Demerzel certamente estava lá. - Hummin percebeu a expressão confusa de Seldon. - Ora, não importa. Talvez você não o tenha visto, mas ele estava lá. E se ele imagina que você pode prever o futuro ...

- Eu não posso prever o futuro - exclamou Seldon, abanando a cabeça com força. - Quem tiver assistido à minha conferência sabe que eu falei apenas numa possibilidade teórica.

- É a mesma coisa. Se ele pensa que você pode prever o futuro, não vai deixá-lo livre.

- Já deixou. Estou aqui, não estou?

- Isso não quer dizer nada. Ele sabe onde você está, e saberá o tempo inteiro. E quando ele quiser apanhá-lo ele o fará, não importa onde você esteja. Se ele decidir que você tem algo que lhe interessa, ele saberá arrancar isso de você. E se ele achar que você é perigoso, ele se livrará de você.

Seldon o encarou.

- O que está pretendendo com isso? Me amedrontar?

- Quero apenas preveni-lo.

- Não acredito numa palavra do que você diz.

- Não? Há alguns instantes atrás você se referiu a alguma coisa como seu maior erro. Talvez esteja imaginando que sua conferência foi um erro, porque ela o meteu numa enrascada, num tipo de situação em que você não gostaria de se ver envolvido.

Seldon mordeu o lábio inferior, preocupado. O palpite de Hummin estava muito próximo da verdade ...

Foi nesse momento que Seldon percebeu a presença dos intrusos.

Não projetaram nenhuma sombra sobre eles, porque a luz do dia era suave e uniformemente distribuída; foi apenas um movimento que Seldon percebeu com o canto do olho, e que no mesmo instante se interrompeu.

FUGA

TRANTOR - ... A capital do Primeiro Império Galáctico ... Sob o reinado de Cleon, ela atingiu o seu crepúsculo. Aos olhos de todos, entretanto, estava no auge de seu esplendor. Sua superfície continental de duzentos milhões de quilômetros quadrados estava inteiramente recoberta por cúpulas (com exceção da área do Palácio Imperial) formando uma única e ilimitada megalópole que se estendia até mesmo para baixo das plataformas continentais. A população era de quarenta bilhões de habitantes, e embora houvesse indícios numerosos (e claramente visíveis, numa análise retrospectiva) de que os seus problemas estavam se multiplicando, aqueles que viviam em Trantor ainda tinham o planeta na conta do Mundo Eterno referido pelas lendas, e não imaginavam que ele um dia ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

6.

Seldon ergueu os olhos. Um rapaz bastante jovem estava parado à sua frente, olhando-o com uma expressão que era um misto de divertimento e menosprezo. Ao seu lado outro rapaz, talvez um pouco mais jovem. Ambos eram de boa estatura e davam a impressão de fisicamente fortes.

Vestiam-se à moda trantoriana, mas com exagero, pelo que Seldon pôde avaliar: cores fortes e agressivas, cintos largos ornados com franjas, chapéus redondos com abas muito largas, e uma fita cor-de-rosa indo da aba do chapéu até a nuca.

Aos olhos de Seldon aquilo era cômico, e ele sorriu.

- Qual é a graça, meu camarada? - inquiriu o rapaz, em tom de desafio.

Seldon ignorou a atitude do outro e respondeu com polidez: - Desculpe meu sorriso, por favor. Apenas achei a sua roupa interessante.

- Ah, é? É a minha roupa, que é interessante? E o que me diz desses molambos de segunda-mão que você está usando?

Ele estendeu a mão e roçou com o dedo a lapela do casaco de Seldon - cuja cor, pensou ele, era lamentavelmente fosca e sombria, em comparação com as cores vivas do traje do outro.

- Minhas roupas são de outro planeta - disse ele -, mas infelizmente são as

únicas de que disponho.

Naquele instante, não pôde deixar de perceber que as poucas pessoas que havia no parque estavam ficando de pé e se encaminhando para longe dali, como se pressentissem algum tipo de complicação e preferissem ficar a salvo. Seldon se perguntou se Hummin estaria a ponto de fazer o mesmo; mas preferiu não afastar os olhos do intruso à sua frente, e recostou-se um pouco mais à cadeira, para encará-lo.

Então, você é um forasteiro - disse o rapaz. - Sim. Daí a minha indumentária.

- Indumentária? a que diabo é isso? É a linguagem do seu planeta?

- Não é bem isso. Estou me referindo às minhas roupas. Elas são do mundo de onde venho, por isso parecem estranhas.

- Você vem de onde?

- Helicon.

As sobrancelhas do rapaz convergiram uma para a outra.

- Nunca ouvi falar.

- Não é um planeta muito grande.

- Por que não vai embora para lá?

- Estou indo. Amanhã.

- Amanhã não. Vai hoje. Agora. O rapaz olhou para seu companheiro; Seldon acompanhou seu olhar e teve uma rápida visão de Hummin, ainda sentado. Mas o parque àquela altura estava deserto, a não ser pelos quatro.

- Não posso ir hoje - disse Seldon. - Ainda pretendo dar um passeio.

- Não pretende nada, cara. Você vai é embora. Seldon sorriu.

- Sinto muito, mas não vou. O rapaz voltou a olhar seu colega. - Gosta das roupas dele, Marbie? Marbie falou pela primeira vez.

- Não. São nojentas. Dá vontade de vomitar.

- A gente não pode deixar que ele saia por aí, fazendo as pessoas vomitarem. Não é, Marbie? Faz mal à saúde.

- Isso mesmo, Alem. Alem sorriu.

- Está vendo? Ouviu o que Marbie disse? Então Seldon ouviu a voz de Hummin.

- Olha aqui, pessoal. Alem, Marbie, seja qual for o nome de vocês. Já se divertiram. Por que não vão embora?

Alem, que se tinha inclinado ligeiramente na direção de Seldon, voltou a se endireitar e retrucou:

- Quem é você?

- Não é da sua conta - disse Hummin.

- É trantoriano?

- Também não lhe interessa.

Alem franziu a testa.

- Você veste roupas trantorianas. A gente não quer nada com você. Não se meta em complicações.

- Já estou metido. Isso quer dizer que nós somos dois. Dois contra dois não parece ser o tipo de briga que vocês gostam. Por que não dão uma volta e

chamam alguns amigos? Aí talvez possam brigar conosco.
Seldon interveio:
- Fique afastado disso, Hummin. Agradeço a sua ajuda, mas não quero que lhe aconteça alguma coisa.
- Esses caras não são perigosos, Seldon. São apenas dois lacaios baratos.
- Lacaios!
O termo pareceu enfurecer Alem, e Seldon imaginou que em Trantor ele devia ser considerado mais ofensivo do que em Helicon. - Olha aqui, Marbie - rosnou Alem. - Você toma conta desse filho de uma lacaia, e eu vou rasgar as roupas desse Seldon, que é o que nos interessa. Agora ...
Ele abaixou as mãos para agarrar Seldon pela lapela e fazê-lo ficar de pé. Seldon jogou o corpo para trás, num reflexo aparentemente instintivo, fazendo o banco inclinar-se; agarrou as mãos de Alem com força, e jogou o pé direito para cima, entre as pernas do outro, no instante em que o banco caía para trás. Alem pareceu voar sobre ele, aterrissando com violência sobre as costas e a nuca. Seldon rolou de lado rapidamente no instante em que tocou o chão, olhou para Alem caído a pouca distância, e em seguida virou-se para localizar Marbie. Alem continuou caído, o rosto contorcido de dor: seus polegares estavam torcidos, as costas machucadas, e uma dor aguda subia pelo seu baixo-ventre.
O braço esquerdo de Hummin tinha agarrado por trás o pescoço de Marbie, e com a mão direita ele torcia o braço do outro até um ângulo doloroso. O rosto de Marbie estava vermelho, e ele respirava com dificuldade. Aos seus pés, caído no chão, brilhava um punhal-laser.
Hummin afrouxou um pouco o aperto e disse a Seldon, numa voz que demonstrava preocupação:
- Você o machucou.
- Acho que sim - disse Seldon. - Se ele tivesse caído em outra posição poderia ter quebrado o pescoço.
- Que raio de matemático é você? - perguntou Hummin.
- Um matemático heliconiano - disse Seldon. Abaixou-se, apanhou o punhal-laser e o examinou. - Uma coisa feia ... e perigosa.
- Um punhal comum faria o mesmo efeito - disse Hummin -, sem necessitar de uma fonte de energia. Mas vamos deixar esses dois irem embora. Duvido que queiram continuar.
- Largou Marbie, que se afastou, arquejante. Esfregando o ombro e depois o pescoço, lançou um olhar cheio de ódio para os dois.
- É melhor que vocês caiam fora daqui - disse Hummin, asperamente. - Senão vamos dar queixa por assalto e tentativa de homicídio. Não será difícil provar que esse punhal pertence a vocês.
Ficaram observando enquanto Marbie ajudava Alem a ficar de pé e o conduzia, cambaleando, curvado de dor. Ainda olharam para trás uma ou duas vezes, mas Seldon e Hummin se mantiveram impassíveis.
Seldon estendeu a mão.
- Não sei como agradecer a alguém que ajuda um quase desconhecido contra

dois assaltantes. Duvido que eu tivesse conseguido enfrentá-los sozinho.

Hummin fez um gesto de desdém.

- Esses caras não me metem medo. São dois lacaios, desordeiros de rua. Tudo o que eu tinha a fazer era pôr minhas mãos em cima deles ... e você também, claro.

- Você é bom de briga - comentou Seldon. Hummin encolheu os ombros.

- Você também. - Sem mudar o tom de voz, continuou: - E vamos cair fora daqui. Estamos perdendo tempo.

- Por que ir embora? Está com medo de que aqueles dois voltem?

- Eles nunca voltarão aqui enquanto estiverem vivos. Mas você viu aqueles valentes que bateram em retirada daqui para não presenciar uma cena desagradável. Talvez algum deles tenha alertado a polícia.

- Melhor. Temos os nomes dos assaltantes. E podemos descrevê-los com razoável exatidão.

- Descrevê-los? Para a polícia? E por que motivo ela se interessaria?

- Eles praticaram uma agressão, e ...

- Não seja bobo. Não sofremos um arranhão. Eles dois é que devem estar indo para um hospital, principalmente Alem. Nós é que seríamos acusados de agressão.

- Mas isso é impossível. Aquelas pessoas viram que ...

- Nenhuma delas vai ser convocada a depor. Seldon, meta isso na sua cabeça. Aqueles dois vieram especificamente à sua procura. Sabiam que você estava usando roupas heliconianas, sabiam sua descrição. Talvez tenham visto até uma holografia sua. A minha suspeita é de que foram mandados aqui pelas pessoas que controlam a polícia, de modo que é melhor irmos embora o quanto antes.

Hummin pôs-se a caminho, arrastando Seldon pelo braço. O . matemático não teve como resistir e o acompanhou, como uma criança tentando acompanhar o passo de uma governanta apressada.

Entraram por uma galeria e, antes mesmo que os olhos de Seldon se acostumassem à meia-luz reinante ali no interior, ouviram o ruído estridente dos freios de um carro.

– Chegaram - murmurou Hummin. - Mais depressa! Seguiram a passos largos até atingir um corredor-móvel, e ali se misturaram à multidão.

7.

Seldon ainda tentou persuadir Hummin a levá-lo a seu hotel, mas o outro não lhe deu ouvidos.

- Está maluco? - disse em voz baixa. - Claro que estarão lá, à sua espera.

- Bem, minha bagagem também está lá, à minha espera.
- Então, que continue esperando.

Estavam agora num quarto não muito espaçoso, num edifício de apartamentos cuja localização exata Seldon não tinha a menor condição de avaliar. Olhou ao redor. Era um aposento único, quase totalmente ocupado por uma cama, uma escrivaninha com cadeira e um terminal de computador. Não havia cozinha, pia ou lavatórios. Antes de subirem até ali, Hummin conduzira Seldon até um banheiro coletivo no andar térreo. Pouco antes de Seldon terminar seu banho, um homem entrou no banheiro e, sem lhe dar muita atenção, lançou apenas um olhar de curiosidade para suas roupas.

Seldon mencionou o fato a Hummin quando saiu, e o jornalista sacudiu a cabeça, preocupado.

- Temos que nos livrar dessas suas roupas. É uma pena que Helicon seja um planeta tão distanciado da moda ...

Seldon o interrompeu, impaciente: '

- Não acha que boa parte disso tudo é apenas imaginação, Hummin? Não nego que estou meio convencido, mas mesmo assim pode ser que isso não passe de uma espécie de ... de ...

- Acho que a palavra que você procura é paranoia

- Digamos que seja. Tudo isso pode não passar de paranoia de sua parte.

- Está bem, então pense um pouco mais a respeito. Não posso demonstrar isso matematicamente; mas você esteve com o imperador. Não o negue. Ele queria algo de você, algo que você se recusou a fornecer. Não adianta negar. Meu palpite é que ele queria informações sobre o futuro, e você se esquivou. Talvez Demerzel esteja pensando que você apenas fingiu não estar de posse de todas as informações, e que as estava guardando para exigir depois um preço mais alto, ou que há mais alguém interessado nelas. Quem pode saber? Já lhe disse que se Demerzel estiver interessado em você pode encontrá-lo onde quer que você esteja. Eu estava lhe dizendo isso quando aqueles dois malucos apareceram. Olhe, eu sou jornalista, e sou trantoriano. Sei como essas coisas funcionam. Houve um momento em que o tal Alem disse: "esse Seldon é o que nos interessa. " Lembra disso?

- Agora que você falou, acho que sim.

- Para ele eu era apenas um intrometido que devia ser mantido à distância enquanto ele cumpria a sua missão, que era agredir você.

Hummin sentou-se, e fez um gesto na direção da cama.

- Deite aí, Seldon. Descanse um pouco, e fique à vontade.

- Quem quer que tenha mandado aqueles dois (e na minha opinião foi Demerzel) pode mandar outros, portanto temos que nos livrar dessas suas roupas. Estou achando que qualquer heliconiano que for encontrado neste setor usando esse tipo de traje vai ter muitos problemas até conseguir provar que não é Hari Seldon.

- Ora, o que é isso?!

- Estou falando sério. Tire essas roupas. Vamos ter que atomizá-las. Espero

poder levá-las até uma unidade de eliminação sem ser percebido, mas antes disso temos que conseguir trajes trantorianos para você. Tenho que levar em conta que você é um pouco mais baixo que eu, mas não faz mal se houver uma pequena diferença.

Seldon abanou negativamente a cabeça.

- Não posso pagar. Os poucos créditos que me restam estão no cofre do hotel. Aqui, comigo, não tenho quase nada.

- Acertaremos isso mais tarde. Por enquanto, você fica aqui uma ou duas horas, e eu vou pegar as roupas.

Seldon abriu os braços e suspirou resignado.

- Está bem. Já que a coisa é tão séria, ficarei aqui.

- Promete que não volta para o hotel? Palavra de honra?

- Palavra de matemático Mas estou meio constrangido por estar dando todo esse trabalho, sem falar nas despesas. Afinal de contas, a despeito de toda e sa sua história sobre Demerzel, aqueles caras não iam me ferir, nem me sequestrar No máximo iriam estragar minhas roupas.

- Mais do que isso. Iam levá-lo ao espaçoporto e enfiá-lo numa hiper-nave para Helicon.

- Era só uma ameaça boba. ão era para ser levada a sério.

- Por que não?

- Eu estou indo amanhã para Helicon. Disse isso a eles. E ainda pretende ir?

- Claro. Por que não?

- Por inúmeros motivos.

Seldon não conseguiu esconder sua momentânea irritação, - Olhe aqui, Hummin, já estou me cansando desta brincadeira. Não tenho mais o que fazer aqui e quero ir para casa. Minha passagem ficou no hotel, senão eu iria agora mesmo trocá-la para viajar hoje. Não estou brincando.

- Você não pode voltar para Helicon.

O rosto de Seldon enrubesceu de impaciência.

- Não posso? Por que não posso? Será que eles vão estar lá a minha espera?

Hummin assentiu.

- Não fique zangado, Seldon. Eles vão estar lá à sua espera.

Ouça o que eu digo: se você voltar para Helicon, estará praticamente nas mãos de Demerzel. Helicon é um lugar de confiança para o Império. Você já soube de alguma rebelião de Helicon, ou de alguma vez em que Helicon tenha tomado o partido de um anti-imperador?

- Isso nunca aconteceu, e por boas razões. Helicon é cercado por planetas muito maiores. Sua segurança depende da paz interna do Império.

- Exatamente. Portanto, as forças imperiais em Helicon podem sempre contar com a cooperação do governo local. Lá, você estaria o tempo inteiro sob vigilância cerrada. Quando Demerzel quisesse apanhá-lo, bastaria estender a mão. E se eu não estivesse agora a preveni-lo você não estaria sabendo de nada: continuaria trabalhando às claras, cercado por uma falsa sensação de segurança.

- Mas isso é ridículo. Se ele me queria em Helicon, porque não esperou simplesmente que eu voltasse para lá? Eu ia voltar amanhã. Por que mandar aqueles dois desordeiros para me apressar, correndo o risco de despertar minha desconfiança?

- Ele não imaginou que isso aconteceria. Não sabia que eu ia estar por perto, e que arrastaria você para esta minha ... paranoia

- Está bem. Mas por que apressar minha partida, por uma questão de poucas horas?

- Talvez ele temesse que você mudasse de idéia.

- E para onde eu iria, senão para meu planeta? Se ele pode me apanhar em Helicon, pode fazê-lo em qualquer outro mundo. Pode me apanhar em ... em Anacreon, digamos, a dez parsecs de distância, se eu tivesse a idéia de fugir para lá. Para uma nave hiperespacial, a distância não importa. E mesmo que eu encontrasse um mundo menos subserviente ao Império do que Helicon, não poderia encontrar um que estivesse em rebelião frontal. O Império está em paz. Alguns planetas ainda se ressentem de injustiças do passado, mas nenhum deles iria desafiar as forças imperiais só para me proteger. Além disso, em qualquer lugar fora de Helicon eu não seria um cidadão local, e não haveria nem mesmo essa questão de princípios para fazê-los ficar a meu lado.

Hummin escutou com paciência, concordando com movimentos leves de cabeça, mas sua expressão continuava tão séria e impassível quanto antes.

- Tudo isso está correto - disse ele -, mas há um planeta que não está nas mãos do imperador. E deve ser isso que preocupa Demerzel.

Seldon hesitou. Passou em revista a história recente, e não conseguiu lembrar nenhum planeta onde as forças imperiais não exercessem seu domínio. Acabou indagando:

- Que planeta é esse?

- Você já está nele - disse Hummin -, e é isso, creio eu, que deixa Demerzel tão preocupado. Não é que ele esteja ansioso para vê-lo em Helicon: ele está ansioso para vê-lo longe de Trantor, antes que por algum motivo qualquer, até mesmo por curiosidade turística, você resolva ficar.

Os dois homens ficaram em silêncio por algum tempo até que Seldon falou, com voz sardônica:

- Trantor, capital do Império, com o quartel-general da frota numa estação orbital, e com as melhores unidades do exército aquarteladas em seu território. Se você acha que Trantor é um lugar seguro para mim, você está derivando da paranoia para a fantasia delirante.

- Não. Você não é deste mundo, Seldon. Não conhece Trantor. Aqui há quarenta bilhões de pessoas, e há poucos planetas que tenham sequer um décimo dessa população. A complexidade cultural e tecnológica deste mundo é inimaginável. Este lugar onde estamos agora é o Setor Imperial. .. com o nível de vida mais alto da Galáxia, e habitado apenas por funcionários do Império. Mas no restante do planeta há mais de oitocentos diferentes setores, alguns dos quais com subculturas totalmente diversas da que temos aqui, e alguns deles

inatingíveis às forças imperiais.
- Por que inatingíveis?
- O Império não pode exercer toda sua pressão aqui dentro de Trantor. Se o fizer, pode abalar este ou aquele aspecto de uma tecnologia da qual o planeta inteiro depende. Essa tecnologia se baseia em conexões tão numerosas e intrincadas que prejudicar uma única delas poderia provocar uma pane geral. Acredite em mim, Seldon. Você não faz idéia do que acontece em Trantor quando não se consegue amortecer um terremoto, ou quando uma erupção vulcânica não é desafogada a tempo, ou não se consegue dissipar uma tempestade, ou mesmo quando algum erro humano foge ao nosso controle. O planeta inteiro vacila, e todos os esforços se voltam no sentido de restaurar seu equilíbrio.
- Nunca ouvi falar nisso.
- Claro que não. - Um sorriso contido surgiu no rosto de Hummin. - Acha que o Império iria fazer propaganda de sua principal fraqueza? O que há é que eu sou um jornalista, e fico sabendo de fatos que não chegam ao conhecimento dos estrangeiros ou da própria população de Trantor, mesmo quando o Império pressiona para que esses fatos permaneçam ocultos. Pode acreditar no que digo. O imperador sabe, e Eto Demerzel também, que qualquer perturbação em Trantor pode destruir o Império.
- Por isso você me aconselha a permanecer aqui?
- Sim. Posso levá-lo para algum lugar em Trantor onde você estará totalmente fora do alcance de Demerzel. Não terá que mudar de nome e poderá prosseguir abertamente em seu trabalho, e ainda assim ele não poderá pôr as mãos em você. É por essa razão que ele queria forçá-lo a se afastar daqui, e se não fosse pelo golpe de sorte que nos aproximou (e pela sua habilidade em termos de defesa pessoal) tudo teria dado certo.
- Sim, mas terei que ficar aqui em Trantor durante quanto tempo?
- Durante o tempo que for necessário para sua própria segurança. Quem sabe? Talvez pelo resto da vida.

8.

Seldon olhou para sua própria holografia que brilhava no projetor doméstico de Hummin. Era algo mais realista e impressionante do que um espelho. Na verdade, parecia que havia dois dele parados no aposento.
Examinou a manga do casaco. Sua educação heliconiana o fazia desejar que sua cor fosse mais discreta, mas sentia-se grato a Hummin por ter escolhido cores mais suaves do que as que eram habituais naquele planeta. (Pensou nas

roupas que seus dois assaltantes usavam, e sentiu um calafrio).

- Suponho - disse ele - que devo usar este chapéu aqui.

- No Setor Imperial, sim - disse Hummin. - Andar de cabeça descoberta aqui é considerado hábito plebeu. Nos demais setores, as regras são outras.

Seldon suspirou. O chapéu era redondo, e feito de um material suave que se amoldava à cabeça. A aba era de largura uniforme em toda a volta, embora não tão larga quanto a dos chapéus de Alem e Marbie. Seldon consolou-se um pouco ao perceber que, no momento em que punha o chapéu na cabeça, a aba se curvava sozinha, de um modo gracioso.

- Está faltando a correia sob o queixo - disse ele.

É assim mesmo - respondeu Hummin. - Quem usa essa correia são os jovens magricelas.

- Os jovens o quê?

- Um magricela é alguém que usa roupas com O propósito de escandalizar. Tenho certeza de que em Helicon também há disso. - Oh, sim - grunhiu Seldon. - Há uma rapaziada que usa o cabelo longo, até o ombro, mas só de um lado ... e raspa o outro.

Deu uma gargalhada ao evocar a figura, e Hummin fez um trejeito divertido com a boca, antes de comentar:

- Deve ser uma coisa muito feia.

- Mas é pior ainda. Ao que parece há duas facções: uns deixam crescer o cabelo do lado direito, e outros do lado esquerdo; e cada grupo acha o estilo do outro tremendamente ofensivo. De vez em quando se cruzam na rua e há uma verdadeira batalha campal.

- Já que em Helicon é assim, imagino que você vai conseguir usar o chapéu, ainda mais sem a correia.

- Irei me acostumando - disse Seldon.

- De qualquer modo, vai chamar um pouco de atenção. É um modelo excessivamente discreto, e vai dar a impressão de que você está de luto. Além disso, não está perfeitamente ajustado ... você não parece muito à vontade. Mas, já que não vamos ficar muito tempo no Setor Imperial... Já viu o bastante? - E Hummin desligou a holografia.

- Quanto custou isto tudo? - inquiriu Seldon.

- Que diferença faz?

- Não gosto de ficar lhe devendo.

- Não se preocupe. Entrei nesta história porque quis. Mas estamos nos demorando demais por aqui. Tenho certeza de que minha descrição já circulou, e mais cedo ou mais tarde eles me identificarão e virão até aqui.

- Nesse caso a questão do dinheiro é realmente um problema menor - disse Seldon. - Você está correndo um risco pessoal por minha causa. Está correndo perigo.

- Sei disso. Mas foi uma decisão minha, e sei tomar conta de mim mesmo.

- Sim, mas por que ...

– Podemos discutir o aspecto filosófico mais tarde. Bem, já atomizei suas

roupas, e não creio que alguém me tenha visto. Houve um dispêndio extra de energia, que ficou registrado, e alguém pode acabar adivinhando o que aconteceu. É muito difícil dissimular as coisas por aqui, quando se é vigiado por olhos rápidos e mentes espertas. Mas antes que eles consigam somar dois e dois, estaremos em lugar seguro.

9.

Caminharam ao longo de passarelas onde brilhava uma luz amarela e muito suave. Os olhos de Hummin se moviam numa e noutra direção, atentos, e ele procurava manter o passo de acordo com o fluxo da multidão, sem ultrapassar ninguém e sem ser ultrapassado.

Durante o trajeto, iam conversando descuidadamente sobre assuntos sem importância. Seldon, inquieto e com dificuldade para proceder do mesmo modo, comentou:

- Parece que se anda muito a pé por aqui. Há filas imensas em todas as direções, nas passarelas, nas calçadas ...

- E por que não? Andar ainda é o melhor meio de transporte a curta distância. É o mais conveniente, o mais barato, e o mais saudável. Séculos e mais séculos de avanço tecnológico não foram capazes de alterar isto. A propósito, Seldon, você sofre de acrofobia?

Seldon olhou sobre o parapeito à sua direita: havia um abismo escancarado entre as duas passarelas por onde as pessoas seguiam em direções opostas, e que eram cortadas a intervalos regulares por passadiços transversais. Ele estremeceu de leve.

- Se você se refere a medo das alturas, normalmente não. Mas não é muito agradável olhar daqui para baixo. A que altura estamos?

- Neste local, a uns quarenta ou cinquenta andares, creio eu. Isto é muito comum no Setor Imperial e em outras regiões mais desenvolvidas. Na maioria dos lugares, caminha-se praticamente ao nível do solo.

- Isto não estimula tentativas de suicídio?

- Raramente. Há métodos mais práticos. Além do mais, suicídio não é um problema social em Trantor. Se alguém está pretendendo acabar com a própria vida, temos centros especializados para isto, com vários métodos à escolha ... desde que o indivíduo se submeta antes a uma psicoterapia. O que acontece de vez em quando são acidentes, mas não me refiro a isto quando falo em acrofobia. Temos que ir agora a uma locadora de táxis onde sou conhecido ... já lhes prestei favores como jornalista e eles me retribuem isso de vez em quando. Lá posso ter certeza de que não registrarão minha ida nem o fato de que eu

estava acompanhado. Terei que pagar um adicional, é claro; e se os homens de Demerzel os apertarem bastante eles terão que dizer a verdade e pôr a culpa em algum funcionário descuidado. Mas isso nos fará ganhar tempo.

- E onde entra a acrofobia?

- Para chegar lá temos que usar um elevador gravitacional; é mais rápido. É algo que pouca gente usa, e eu mesmo não o acho muito agradável, mas se você topar, será bem mais prático.

- E o que é isso?

- Ainda está em fase experimental. Talvez um dia seu uso esteja espalhado por todo o planeta, desde que se torne psicologicamente aceitável para um número razoável de pessoas. Depois disso, pode até mesmo ser adotado em outros mundos. É, por assim dizer, um poço de elevador sem cabine. Você dá um passo para dentro do espaço vazio e desce devagar (ou sobe devagar) pela ação de antigravidade. É a única aplicação prática da antigravidade que foi possível estabelecer até agora. Talvez porque seja a mais simples.

- E o que acontece se houver uma falha de energia quando estivermos em pleno trajeto?

-... Exatamente o que você está pensando. A gente cai e morre, a menos que esteja a pouca altura. Não ouvi falar que tivesse acontecido até hoje, e pode acreditar que, se acontecesse, eu ficaria sabendo. Talvez não pudesse ser noticiado por motivos de segurança, que é o pretexto das autoridades para esconder más notícias, mas eu saberia. Bem, já estamos chegando. Se não lhe agradar, então podemos ir pelo corredor móvel; mas é muito mais lento, e a maioria das pessoas costuma enjoar depois de certo tempo.

Pegaram uma passarela lateral e chegaram por fim a um amplo terraço onde havia uma fila de homens e mulheres, alguns com crianças. Seldon falou em voz baixa:

- Nunca ouvi nada sobre isso em Helicon. É claro que nossos noticiários são acima de tudo locais, mas é de supor que teríamos ouvido falar nesse tipo de coisa.

- Como já falei, ainda é algo experimental, e restrito ao Setor Imperial de Trantor. O governo não está interessado em dar muita publicidade ao projeto, pois o excessivo consumo de energia o torna pouco rentável. Foi tudo uma idéia do velho imperador, Stanel VI... o que surpreendeu a todo mundo morrendo pacificamente em sua cama. Antes de deixar o trono para Cleon, ele insistiu em instalar alguns desses elevadores; queria deixar o seu nome associado à antigravidade, pois, como acontece freqüentemente aos velhos governantes que não fizeram nada de importante, estava preocupado com seu lugar na História. Ainda não sabemos se esse tipo de tecnologia poderá ter aplicações generalizadas; talvez seu único uso continue sendo esse tipo de elevador.

- Que outros usos poderia ter?

- Eles estão pensando em vôo espacial. Mas isso iria requerer uma série de descobertas revolucionárias, e a maioria dos físicos acha que isso está fora de cogitações. Mas também diziam o mesmo do elevador.

A fila estava se tornando cada vez menor, e daí a pouco Seldon se viu, juntamente com Hummin, de pé na borda da abertura, com um poço vazio adiante. O ar à sua frente parecia emitir uma fraca cintilação. Num gesto instintivo, ele estendeu a mão - e sentiu uma espécie de choque. Não sentiu dor, mas sua mão foi instantaneamente repelida.

- É só uma precaução - disse Hummin. - Para que ninguém cruze o limiar sem que os controles tenham sido ativados.

Acionou algumas teclas no painel de controle e a cintilação desapareceu.

Seldon curvou-se e olhou para o fundo do poço. Hummin advertiu:

- Será mais fácil se você fechar os olhos e deixar que eu o conduza. Não vai durar mais que alguns segundos.

O fato é que ele não deu muita chance de escolha a Seldon: agarrou-lhe o braço e mais uma vez Seldon não conseguiu resistir à contundência daquele comando; deram um passo para dentro do poço, e Seldon (que para seu próprio embaraço ouviu-se emitindo um débil gemido) pisou no vazio.

Fechou os olhos. Não experimentou qualquer sensação de queda, nenhum deslocamento do ar. Passaram-se alguns segundos, e Hummin o impeliu para a frente. Ele tropeçou, recuperou o equilíbrio, e percebeu que pisava solo firme novamente. Abriu os olhos.

- Conseguimos?

- Não morremos - disse Hummin secamente, e, sem relaxar o aperto no braço de Seldon, obrigou-o a caminhar.

- Estou perguntando - insistiu Seldon - se chegamos ao andar certo.

- Claro.

- O que teria acontecido se estivéssemos descendo e viesse alguém subindo?

- Há dois poços. Num deles todas as pessoas descem à mesma velocidade; no outro, sobem. O poço só permite a entrada de alguém quando não há outra pessoa a dez metros de distância. Se tudo funcionar direito, não há chance de colisão.

- Não senti absolutamente nada.

- E por que deveria sentir? Não há aceleração.·Depois do primeiro décimo de segundo você está se movendo a uma velocidade constante, e o ar à sua volta se desloca com a mesma velocidade.

- É maravilhoso.

- É mesmo, mas é antieconômico. E parece que não há muito esforço no sentido de aumentar a eficiência disso, ou torná-lo rentável. Por toda parte se escuta o mesmo refrão: "não vamos conseguir, é impossível". Aliás, esse refrão se aplica a tudo. - Hummin sacudiu os ombros com evidente irritação.

- Mas estamos chegando à locadora de táxis. Vamos resolver logo essa questão.

10.

Seldon procurou manter-se despercebido no terminal dos aerotáxis, mas não foi fácil. Tentar parecer excessivamente discreto - afastar-se, evitar encarar os transeuntes, examinar com atenção excessiva um veículo estacionado - seria a melhor maneira de atrair as atenções. Teria que se comportar com a normalidade dos que não têm o que temer.

Mas o que era normalidade? Ele não se sentia à vontade naquelas roupas sem bolsos, em que não tinha onde pôr as mãos. As duas bolsinhas penduradas ao cinto, de ambos os lados, batiam de leve contra seus quadris quando caminhava, dando-lhe a impressão constante de que alguém roçara nele.

Fitou as mulheres que passavam. Não conduziam bolsas, pelo menos não naquele modelo: a maioria conduzia nas mãos algo como caixinhas, ocasionalmente presas aos quadris com a ajuda de algum artifício que Seldon não chegou a identificar mas imaginou ser pseudo-magnético As vestes femininas (ele reparou com pesar) não revelavam muito as formas do corpo, nem eram decotadas. Alguns vestidos, no entanto, pareciam desenhados propositadamente para realçar as nádegas.

Enquanto Seldon observava os transeuntes, Hummin estava ocupado pagando os créditos necessários, e logo retomou com a ficha em cerâmica supercondutora que ativava um determinado aerotáxi.

- Entre aí, Seldon - disse ele, indicando um veículo pequeno, de dois assentos.

- E então? Teve que assinar seu nome?

- Claro que não. Sou conhecido aqui, e posso dispensar as formalidades.

- Eles sabem o que está se passando?

- Não perguntaram nada, e não dei qualquer informação. Hummin inseriu a ficha na ranhura e Seldon sentiu uma ligeira vibração quando o aerotáxi entrou em funcionamento.

- Estamos indo para a 0-7 - disse Hummin.

Seldon não tinha a menor idéia do que fosse a 0-7, mas imaginou que se tratasse de alguma via expressa.

O aerotáxi foi deslizando inicialmente pelo solo, abrindo caminho por entre os carros; finalmente alcançou uma rampa de curva ascendente, ganhou velocidade e, com uma pequena sacudidela, projetou-se no espaço.

Seldon, que ao sentar-se tinha sido automaticamente envolto numa espécie de malha de segurança, sentiu as costas pressionadas de encontro ao assento, e logo a seguir para a frente, sendo retido pela malha.

- Não é o mesmo que a antigravidade - comentou.

- Não - concordou Hummin. - Uma tênue propulsão a jato, o bastante para nos

conduzir até os túneis lá no alto.

O que agora surgia diante deles era uma espécie de paredão monumental pontilhado de aberturas, num padrão regular que lembrava um tabuleiro de damas. Hummin manobrou o veículo na direção da abertura 0-7, evitando os aerotáxis que rumavam para outros túneis.

- Dá a impressão de que vamos bater - disse Seldon, depois de pigarrear.

- E bateríamos, se tudo dependesse de meus reflexos. Mas o táxi é computadorizado, e é o computador o que na realidade o manobra. O mesmo vale para os outros. Prepare-se ... lá vamos nós.

Penetraram na abertura 0-7 como se tivessem sido aspirados para dentro dela, e a luminosidade brilhante do espaço aberto foi substituída por uma luz amarela e difusa.

Hummin largou os controles e recostou-se, com um suspiro de satisfação.

- Bem, o primeiro estágio foi cumprido sem problemas. Poderíamos ter sido detidos na estação. Aqui, estamos razoavelmente seguros.

O deslocamento do táxi era suave, e as paredes do túnel passavam com rapidez. Não se ouvia quase nada além de um zumbido aveludado, à medida que o veículo se projetava à frente.

- A que velocidade estamos indo? - perguntou Seldon. Hummin lançou um olhar ao painel de controle.

- Trezentos e cinquenta quilômetros por hora - respondeu.

- Propulsão magnética?

- Sim. Imagino que vocês têm isso em Helicon.

- Temos uma linha, apenas. Nunca viajei nela, embora sempre tivesse a intenção. Mas não creio que se compare a isto.

- Certamente que não. Trantor tem muitos milhares de quilômetros destes túneis perfurando a camada superior do solo, e uma boa quantidade que penetra em trechos de mar com pouca profundidade. É o nosso principal meio de transporte a longa distância.

- Quanto tempo levaremos?

- Até chegarmos ao nosso destino? Um pouco mais de cinco horas.

- Cinco horas! - Seldon ficou boquiaberto.

- Não se preocupe. A cada vinte minutos, mais ou menos, há pequenas estações onde poderemos sair do túnel, parar, esticar as pernas, fazer um lanche ... Claro que prefiro fazer isso tão poucas vezes quanto for possível.

Ficaram calados durante algum tempo, e Seldon teve um sobressalto quando, pouco depois, um clarão relampejou à sua direita e, por alguns segundos, ele teve a visão de dois aerotáxis.

- Uma das tais estações - disse Hummin, respondendo à pergunta que Seldon não chegou a fazer.

O heliconiano estava pensativo, e voltou a falar logo em seguida.

- Hummin, estarei mesmo em segurança nesse lugar para onde estamos indo, seja ele onde for?

- Estará a salvo de qualquer ação explícita da parte do imperador. Mas sempre

é preciso se precaver contra ações isoladas: um espião, um delator, um assassino profissional... Em todo caso, arranjarei uma guarda pessoal para você.

Seldon inquietou-se:

- Assassino profissional? Está falando sério? Acha mesmo que querem me matar?

- Demerzel, com certeza, não o quer. Acho que ele pretende usá-lo, não liquidá-lo. Contudo, podem surgir outros inimigos, ou pode haver uma combinação inesperada de circunstâncias, e você não pode seguir pelo mundo afora como um sonâmbulo.

Seldon abanou a cabeça e olhou para fora. Pensou que há apenas 48 horas atrás era um matemático insignificante e praticamente desconhecido, vindo de outro mundo e contente com a oportunidade de passar uns poucos dias em Trantor como turista, deleitando seus olhos provincianos com os prodígios daquele enorme planeta. E agora, não havia como fugir à realidade: era um homem perseguido, caçado pelos agentes do Império. O insólito da situação o esmagava, e ele sentiu um tremor.

E quanto a você? - perguntou. - E quanto a isto que está fazendo agora?

Hummin fez uma expressão meditativa.

- Bem, imagino que eles não vão ter ideias muito agradáveis a meu respeito. Posso acabar com a cabeça esmigalhada, ou meu tórax pode explodir pela ação de algum assaltante misterioso que jamais será identificado.

Não havia qualquer tremor em sua voz e sua expressão permaneceu inalterada, mas Seldon encolheu-se.

- Achei desde o começo que você sabia estar correndo esse tipo de risco - disse ele. - Mas não parece muito preocupado.

- Sou trantoriano, e há muito tempo. Conheço este mundo tão bem quanto qualquer outra pessoa. Conheço uma porção de gente, e muitos me devem favores. Gosto de me considerar um sujeito esperto, um sujeito difícil de enganar. Em outras palavras, Seldon, tenho certeza de que sei cuidar bem de mim mesmo.

- Isso me deixa satisfeito, e espero que você tenha razão, Hummin, mas ainda não entendi por que motivo está se metendo nisto. O que represento para você, afinal? Por que está se arriscando tanto por causa de alguém que é praticamente um estranho?

Hummin fez uns pequenos ajustes nos controles, com ar distraído, e depois virou o corpo para encarar Seldon. Seu olhar era firme, e totalmente sério.

- Quero salvá-lo do imperador pela mesma razão por que ele está à sua procura: pelos seus poderes de previsão do futuro.

Seldon sentiu uma funda pontada de desapontamento. Então no fim das contas não estava sendo salvo de coisa alguma: era apenas a presa disputada por dois antagonistas e incapaz de se defender. Murmurou com amargura:

- Nunca mais conseguirei viver minha própria vida, depois desta Convenção. Acho que arruinei meu futuro.

- Não, meu caro matemático, não salte direto para as conclusões. O imperador

e seus funcionários precisam de você por uma única razão: tornar suas vidas mais seguras. Estão interessados em suas habilidades, mas só até o ponto em que elas possam servir para preservar a autoridade do imperador e de seu descendente, e manter a posição, o status, e o poder dos seus assessores. Mas eu preciso dos seus poderes para o bem da Galáxia.

- Há alguma diferença? - foi a pergunta ácida de Seldon. Hummin retrucou, o rosto carregado de preocupação:

- Se você não enxerga a diferença, é lamentável da sua parte.

Os seres humanos que ocupam a Galáxia já existiam muito antes de o imperador nascer; existiam antes de surgir a dinastia que ele representa; existiam antes mesmo do surgimento do Império. A humanidade é muito mais antiga do que o Império. Talvez seja até mais antiga do que os 25 milhões de mundos habitados. Há lendas que falam de um tempo em que a humanidade habitava em um único planeta.

- Lendas! - Seldon encolheu os ombros.

- Sim, lendas, mas nada impede que isso tenha de fato ocorrido, há vinte mil anos ou mais. Imagino que a humanidade não tenha nascido já de posse dos conhecimentos que tornam possível o vôo hiperespacial. Certamente houve uma época em que o homem não podia viajar a velocidades maiores que a da luz, e seu domínio estava restrito a um único sistema planetário.

- E se olharmos adiante, para o futuro, temos que concordar em que os habitantes da Galáxia continuarão a existir depois que você e o imperador tiverem morrido, depois que sua linha de sucessão esteja extinta e as próprias instituições do Império se tenham dissolvido. Nesse caso, não podemos nos preocupar em demasia com o destino de meros indivíduos, mesmo com o do imperador e o do jovem príncipe. Não podemos nos preocupar nem mesmo com a estrutura do Império. O que acontecerá, no futuro, com os quatrilhões de pessoas que habitam a Galáxia? O que será feito delas?

- Os planetas e as pessoas continuarão existindo, julgo eu.

- Você não sente nenhum impulso no sentido de investigar as condições dessa futura existência?

- Acho que podemos supor que continuarão existindo do mesmo jeito que agora.

- Podemos supor. Mas não poderíamos saber, com o auxílio dessa ciência da previsão de que você fala?

- Eu a chamo de psico-história. Sim, teoricamente poderíamos saber.

- E você não tem nenhuma ânsia de transformar essa teoria em prática?

- Eu gostaria muito, Hummin, mas a vontade de fazê-lo é uma coisa, e a possibilidade de fazê-lo é outra. Eu disse ao imperador que a psico-história não poderia ser transformada numa técnica suscetível de aplicações práticas, e agora me vejo forçado a dizer-lhe o mesmo.

- E você não tem nem sequer a intenção de tentar descobrir essa técnica?

- Não, não tenho, do mesmo modo que não tenho a intenção de empilhar um monte de pedras do tamanho de Trantor, contá-las de uma em uma e depois

enfileirá-las por ordem decrescente de massa. Eu sei que é algo que eu jamais poderia concluir no espaço de uma vida inteira, e não seria idiota a ponto de tentar.

- Mas tentaria, se soubesse a verdade a respeito da situação da espécie humana?

- Isso não faz sentido. Qual é a verdade sobre a situação da espécie humana? Você sabe, por acaso?

- Sei. E posso dizê-la em cinco palavras. Os olhos de Hummin voltaram a fitar o túnel à sua frente, aquela paisagem branca e imutável de paredes brilhantes que se alargavam ao vir ao seu encontro, envolviam o veículo durante um breve e vertiginoso instante, e voltavam a se afunilar e desaparecer lá atrás. Hummin falou devagar, escandindo as sílabas, e sua voz estava mais sombria do que nunca.

Ele disse:

- O Império Galáctico está morrendo.

UNIVERSIDADE

UNIVERSIDADE DE STREELING - Uma instituição de estudos avançados no Setor Streeling da antiga Trantor. .. Apesar de ser considerada famosa tanto no campo das ciências exatas quanto no das humanidades, não foi devido a isso que o nome da Universidade se impregnou tão fortemente na consciência contemporânea. Gerações inteiras de pesquisadores teriam provavelmente uma enorme surpresa se soubessem que nos tempos futuros a Universidade de Streeling seria lembrada, principalmente, porque um certo Hari Seldon teve ali um curto período de residência, durante a fase de sua vida que ficou conhecida como "A Fuga".

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

11.

Hari Seldon mergulhou num incômodo silêncio após a frase calmamente articulada por Hummin. Sentiu-se encolhido, minúsculo, ao constatar assim de súbito suas próprias deficiências.

Tinha inventado uma nova ciência, a psico-história. Tinha sutilmente expandido as leis da probabilidade, levando em conta novas complexidades e incertezas, até estar de posse de um elegante sistema de equações com incontáveis incógnitas - talvez um número infinito delas, embora ele ainda não pudesse afirmá-lo com segurança.

Mas era um quebra-cabeça matemático, e nada mais.

Ele dispunha da psico-história (ou pelo menos das bases da psico-história), mas somente a título de curiosidade matemática. Onde estava o conhecimento histórico que poderia, quem sabe, infundir algum sentido àquelas equações abstratas?

Seldon não o possuía. Nunca se tinha interessado por História.

Conhecia apenas as linhas gerais da história de Helicon; cursos a respeito desse pequeno fragmento da história humana eram, naturalmente, obrigatórios nas escolas heliconianas. Mas o que poderia haver por trás disso? Com certeza, os conhecimentos que ele tinha assimilado não continham mais do que esqueletos nus de uma porção de fatos, recolhidos por mãos alheias - metade lenda, metade informações distorcidas.

Ainda assim, como era possível alguém afirmar que o Império Galáctico estava morrendo? Ele existia enquanto império há dez mil anos; mesmo antes disso, Trantor, já como a capital do reino dominante, era a sede de um império virtual há mais de dois milênios. O Império tinha sobrevivido durante aqueles séculos iniciais em que setores inteiros da Galáxia, vez por outra, se recusavam a abrir mão de sua independência local. Tinha sobrevivido às vicissitudes das eventuais sublevações, das guerras dinásticas, dos períodos de depressão. A maioria dos planetas pouco se deixara afetar por tudo isso, e Trantor tinha crescido, sem sofrer maiores abalos, até se tornar o planeta-cidade que agora se autodenominava "O Mundo Eterno" .

Era bem verdade que nos últimos quatro séculos a turbulência política se tinha acentuado ligeiramente, dando lugar a um surto de assassinatos de imperadores e golpes de Estado. Mas mesmo isso já parecia ser coisa do passado, e naquele momento a Galáxia parecia atravessar um de seus períodos de maior tranquilidade Sob o reinado de Cleon I (bem como sob o de seu pai, Stanel VI) os mundos do Império desfrutavam de prosperidade, e o próprio Cleon não era considerado tirano. Mesmo aqueles que contestavam o Império como instituição não tinham nenhuma queixa mais séria contra Cleon, ainda que nutrissem antipatia contra Eto Demerzel.

Então, por que motivo Hummin era capaz de dizer que o Império estava morrendo - e dizê-lo com tamanha convicção?

Hummin era um jornalista. Provavelmente tinha conhecimentos detalhados sobre a história da Galáxia, assim como também devia conhecer em detalhe sua atual situação. Talvez estivesse de posse de informações que poderiam fundamentar sua afirmativa, mas que informações seriam essas?

Por várias vezes Seldon esteve a ponto de abrir a boca para perguntar algo, mas a expressão sombria de Hummin o detinha. E havia um outro fator que o fazia temer a possível resposta: sua crença profundamente arraigada de que o Império Galáctico era um axioma, um ponto pacífico, a pedra fundamental sobre a qual repousavam todas as certezas. Talvez essa crença estivesse equivocada, mas nesse caso ele preferia nem tomar conhecimento disso.

Não, ele não podia estar enganado. O fim do Império Galáctico era algo tão inconcebível quanto o fim do próprio Universo, ou melhor: somente o fim do próprio Universo era uma razão admissível para que o Império, por sua vez, deixasse de existir.

Seldon fechou os olhos e tentou cochilar, mas não conseguiu, E agora? Teria que se dedicar ao estudo da história do Universo, para poder desenvolver sua teoria da psico-história?

E como o faria? Havia 25 milhões de mundos, cada qual com sua própria história, num tecido de infinita complexidade. Como poderia estudar tudo aquilo? Sabia da existência de filmes-livros, em muitos volumes, que abordavam a história da Galáxia. Chegara mesmo a consultar um deles certa vez, por alguma razão de que nem se lembrava mais; lembrava apenas tê-lo achado maçante, e não chegara a vê-lo nem pela metade.

Esses filmes-livros estudavam os mundos mais importantes. Alguns eram estudados ao longo de quase toda sua história; outros eram mencionados à medida que ganhavam importância, e até o ponto em que mergulhavam no esquecimento. Seldon lembrava que certa vez tinha procurado o nome de Helicon no índice, para constatar que havia uma única citação a respeito de seu mundo. Digitando o código que dava acesso a essa citação, ele constatou que Helicon estava incluído numa relação de planetas que, em certa ocasião, tinham apoiado temporariamente um pretendente ao trono imperial que acabou não sendo bem-sucedido em suas aspirações. Helicon não chegou a sofrer represálias; talvez porque não fosse suficientemente importante.

Qual a utilidade que poderia ter esse tipo de história? Era evidente que a psico-história teria que levar em conta as ações, reações e interações de todos os planetas; de cada um com todos os restantes. Como poderia alguém estudar a história de 25 milhões de mundos e computar todas as suas interações? Uma tarefa impossível, e isso era apenas mais um argumento em favor de sua conclusão de que a psico-história tinha interesse teórico mas jamais poderia ser destinada a fins práticos.

Seldon sentiu-se levemente impelido para diante, e percebeu que o aerotáxi reduzia a velocidade.

- O que houve? - perguntou.

- Já nos distanciamos um bocado - disse Hummm. - Podemos correr o risco de parar um instante, ir ao banheiro, fazer um lanche rápido.

Durante os quinze minutos seguintes, a velocidade do aerotáxi foi reduzindo aos poucos, até que surgiu diante deles uma ampla reentrância, brilhantemente iluminada. Hummin manobrou-naquela direção, e logo eles estacionavam numa área já ocupada por meia dúzia de outros veículos.

12.

O olhar experimentado de Hummin pareceu avaliar, de um só relance, a área de estacionamento, os outros táxis, o restaurante, as passarelas, os homens e mulheres que por ali circulavam. Seldon, mais uma vez tentando não chamar a atenção de ninguém e sem saber como consegui-lo, examinava Hummin para registrar suas reações. Quando se sentaram à mesa e fizeram seus pedidos, ele perguntou, tentando parecer despreocupado:

- Tudo em ordem?

- Parece que sim - disse Hummin.

- Como sabe?

Os olhos negros de Hummin o fitaram de frente.

- Instinto - respondeu. - Anos e anos indo de um lado a outro à procura de notícias. Você olha ao redor e pensa: nada de interessante por aqui.

Seldon assentiu e sentiu-se aliviado. O tom de voz de Hummin tinha uma certa carga de ironia, mas no fundo ele estava dizendo a verdade.

Sua satisfação só durou até a primeira mordida que deu no sanduíche. Com a boca cheia, ele encarou Hummin, enquanto uma expressão de dolorosa surpresa se espalhava em sua face.

- É um restaurante de estrada, meu caro - disse Hummin.

- Comida rápida, barata, e não muito boa. É feita em casa, e contém um fermento de sabor muito forte; mas o paladar dos trantorianos já está acostumado.

Seldon engoliu com dificuldade, e protestou: - Mas, lá no hotel...

- Você estava no Setor Imperial, Seldon. Ali a comida é importada, e quando eles empregam micro-alimentação, é da melhor qualidade. E é algo muito caro, também.

Seldon avaliou se teria coragem de dar outra mordida.

- Quer dizer então que, durante o tempo em que eu ficar em Trantor ...

Hummin fez um sinal de cautela.

- Não deixe ninguém perceber que você está acostumado a pratos mais refinados. Há lugares em Trantor onde é pior ser identificado como um aristocrata do que como alguém de outro planeta. Mas posso lhe garantir que a comida não é assim em toda parte; estes restaurantes de beira de estrada são famosos pela má qualidade da comida. Se você for capaz de comer esse sanduíche poderá comer qualquer outra coisa em Trantor. E não precisa se preocupar: não vai lhe fazer mal, não é comida estragada ou coisa desse tipo. É um tempero forte, grosseiro, pode-se dizer; e você irá se acostumando. Conheço trantorianos incapazes de comer qualquer coisa que não apresente esse tipo de sabor.

- Como é a produção de comida em Trantor? - perguntou Seldon, depois de verificar que não havia ninguém sentado nas proximidades. - Sempre ouvi dizer que são necessários vinte planetas próximos e centenas de naves cargueiras para alimentar Trantor durante um único dia.

- E é assim. Também são necessárias centenas de naves para retirar o lixo do planeta. E se você quiser tornar essa história ainda mais interessante pode dizer que as naves que chegam trazendo comida vão embora do planeta carregadas de lixo. Nós importamos grandes quantidades de alimentos, mas a maior parte são artigos de luxo. E exportamos lixo, depois de dar-lhe um tratamento que o torna inofensivo e de muita utilidade como fertilizante orgânico, coisa tão fundamental para outros mundos quanto a sua produção agrícola é para nós. Mas isso é apenas uma pequena parte do total.

- É mesmo?

- Claro. Além da pesca nos oceanos, temos hortas e fazendas por toda parte. E árvores frutíferas, granjas, criação de coelhos, e fazendas onde são cultivados micro-organismos ... geralmente são chamadas "fazendas de fermento", embora

o fermento seja apenas pequena parte das suas culturas. E a maior parte do nosso lixo é reaplicada aqui mesmo, como fertilizante. O fato é que, sob vários pontos de vista, Trantor se assemelha a uma gigantesca colônia espacial. Já visitou uma delas? .

- Sem dúvida.

- Colônias espaciais são cidades auto-suficientes, onde tudo é artificialmente reciclado, onde há ventilação artificial, dias e noites artificiais, e assim por diante. A única diferença é que mesmo a maior dessas colônias tem apenas uns dez milhões de habitantes, e Trantor tem quatro mil vezes esse número. E, é claro, aqui dispomos de gravidade natural; e nenhuma colônia do espaço pode se rivalizar conosco em matéria de micro-alimentação Temos nossos reservatórios de fermento, criação de fungos, tanques de algas mais vastos do que qualquer coisa que você já tenha imaginado. E o sabor artificial é uma tecnologia muito avançada entre nós, usada sem a menor parcimônia. É daí que vem esse sabor que você está experimentando.

Seldon já estava quase terminando o sanduíche, e já não achava o sabor tão agressivo quanto na primeira dentada.

- Isso não vai me fazer mal?

- Pode afetar sua flora intestinal. De vez em quando algum desafortunado visitante de outro planeta é acometido de diarréia, mas isso é raro, e as pessoas rapidamente se acostumam. Em todo caso é melhor terminar seu milk-shake, mesmo que não esteja muito gostoso: ele contém um antidiarreico que o deixará tranquilo mesmo que você tenha o organismo sensível a essas coisas.

- Não fale assim - queixou-se Seldon. - Tem gente que é muito sugestionável.

- Esqueça isso e tome o milk-shake.

Terminaram a refeição em silêncio, e logo estavam novamente a caminho.

13.

Quando estavam mais uma vez em pleno vôo ao longo daquele infindável túnel, Seldon resolveu formular a pergunta que vinha inquietando sua mente durante a última hora.

- Por que você diz que o Império está morrendo? Hummin o encarou:

- Como jornalista, vivo absorvendo estatísticas por todos os lados, até ter a impressão de que elas começam a me transbordar pelos ouvidos. E só tenho autorização para publicar pequena parte delas. A população de Trantor está diminuindo. Há 25 anos atrás, era de quase 45 bilhões.

- Esse declínio é, em parte, conseqüência da queda na taxa de natalidade. Em Trantor, essa taxa nunca foi muito elevada. Se você prestar atenção, quando

andar em Trantor. vai ver um número muito pequeno de crianças, comparado à população total. Mas mesmo esse índice está diminuindo cada vez mais. E há também a emigração. Há mais gente indo embora de Trantor do que vindo morar nela.

- Considerando o tamanho da população - disse Seldon -, não é de admirar.

- Mas mesmo assim é inquietante, porque nunca aconteceu antes. Além do mais, a dinâmica interna da Galáxia começa a dar sinais de estagnação. As pessoas acham que, só porque não há nenhuma rebelião séria no momento e tudo parece em paz, as dificuldades dos últimos séculos foram superadas. Mas o fato é que as lutas políticas, as sublevações, as agitações ... tudo isso são sinais de uma certa vitalidade. O que existe agora, ao contrário, é um tédio generalizado. As coisas estão calmas, não porque as pessoas estejam prósperas e satisfeitas, mas porque estão cansadas e sem motivação.

- Não estou muito certo disso - disse Seldon, em dúvida.

- Eu estou. Outro sintoma disso é a tecnologia antigravitacional que você conheceu hoje. Temos um pequeno número de elevadores desse tipo em operação, mas nenhum outro está sendo construído. No momento é um empreendimento não-lucrativo, e ninguém parece interessado em inverter essa situação. O nosso índice de evolução tecnológica vem há séculos se tornando cada vez mais lento, e pode-se dizer que no momento atual ele mal se arrasta. Em algumas áreas, já estacionou por completo. Nunca reparou nisso, Seldon? Afinal, você é um matemático.

- Nunca me preocupei com essas coisas.

- Ninguém se preocupa. É algo que as pessoas simplesmente constatam, e aceitam. Os cientistas de hoje não param de falar que isto ou aquilo é impossível, é impraticável, é inútil. Qualquer tipo de especulação criativa é logo alvo de críticas. Veja o seu caso. O que você me diz da psico-história? É teoricamente interessante, mas inútil do ponto de vista prático. Não é isso?

- Sim e não - retrucou Seldon, aborrecido. - Ela é inútil em termos práticos, mas não porque o meu senso de aventura esteja em declínio, posso lhe assegurar. Ela é de fato inútil.

- Ou pelo menos - disse Hummin, com sarcasmo - essa é a sua impressão, dentro da atmosfera geral de decadência que envolve o Império.

- Essa atmosfera de decadência é impressão sua - tornou Seldon. - Não lhe ocorre que talvez esteja equivocado?

Hummin ficou pensativo durante alguns instantes e disse:

- Sim. Posso estar estar equivocado. Digo essas coisas baseado apenas na intuição, em palpites. O que realmente preciso é de uma técnica de psico-história que possa ser aplicada...

Seldon encolheu os ombros, pouco disposto a engolir a isca.

- Não disponho de tal técnica - disse. - Mas, suponhamos que você esteja certo. Suponhamos que o Império esteja decadente, e que em dado momento vá desmoronar e fazer-se em pedaços. Ainda assim a humanidade prosseguirá sua existência.

- Sim, mas em que condições? Durante quase doze mil anos Trantor e seus governantes têm garantido a paz. Há interferências ocasionais: rebeliões, guerras localizadas, tragédias; mas no cômputo geral, e em áreas mais amplas, tem predominado a paz. Veja o caso de seu planeta, Helicon: por que ele é pró-Império? Porque é um planeta pequeno e, se o Império não estivesse presente para manter a ordem, seria absorvido pelos seus vizinhos.

- Quer dizer que se o Império vacilar o resultado será a guerra, a anarquia?

- Por certo. Não tenho muita simpatia nem pelo imperador nem pelas instituições do Império de modo geral, mas não disponho de nenhum substituto à altura. Não sei quem mais seria capaz de manter a paz na Galáxia, e não quero permitir a queda do Império, a menos que eu tenha em mãos algo mais.

- Você fala como se fosse o comandante da Galáxia - disse Seldon. - Você não quer permitir a queda do Império? Você quer ter alguma coisa em mãos? Quem é você para falar assim?

- Estou falando em termos genéricos, figuradamente - disse Hummin. - Não me preocupo com o destino individual de Chetter Hummin. Posso supor que o Império permanecerá de pé durante meu tempo de vida, e que pode até apresentar sinais de recuperação nesse intervalo. A decadência histórica não se dá em linha reta. Talvez a crise final ainda demore uns mil anos, quando eu já estiver morto. Também não penso em deixar descendentes: no que diz respeito às mulheres, tenho apenas relacionamentos ocasionais, e não tenho planos de ter filhos. Não vou deixar nenhum refém nas mãos do destino. Colhi informações sobre você após a Convenção, Seldon. Você também não tem filhos.

- Tenho meus pais e dois irmãos, mas nada de filhos. - Seldon esboçou um sorriso. - Já cheguei a gostar muito de uma mulher, certa vez, mas ela chegou à conclusão de que eu gostava muito mais da matemática.

- Era verdade?

- Eu achava que não, mas ela achava que sim, e foi embora.

- Nenhuma outra, depois disso?

- Não. Ainda dói muito quando lembro.

- Bem, como você pode ver, não nos custaria nada adiar essa questão e deixar que outras pessoas, no futuro, sofram com o que vier a acontecer. Em outros tempos, eu procederia assim, mas não agora, porque agora tenho um instrumento de ação, e de certa forma estou no comando.

- Qual é esse instrumento? - perguntou Seldon, antevendo a resposta.

- Você.

Seldon não perdeu tempo tentando mostrar-se chocado ou surpreso. Apenas abanou negativamente a cabeça e disse: - Está errado. Sou imprestável como instrumento.

- Por quê?

Seldon suspirou.

- Quantas vezes terei que repetir? A psico-história não é um estudo de natureza prática. Existe uma dificuldade fundamental. Todo o espaço e todo o tempo do Universo não bastariam para que fossem resolvidos os principais

empecilhos.
- Tem certeza disso?
- Infelizmente, sim.
- A questão que se apresenta não é a de delinear todo o futuro do Universo, você sabe. Não é necessário levar em conta o comportamento individual de cada pessoa em cada planeta. Há apenas algumas questões que você terá de responder: o Império vai cair? Quando? Como ficarão as condições de vida da humanidade depois disso? Alguma coisa pode ser feita para evitar essa queda, ou para suavizar suas consequências? São perguntas bastante simples, parece-me.
Seldon voltou a abanar a cabeça, e exibiu um sorriso triste. - A história da matemática está repleta de perguntas simples que receberam as mais complicadas respostas, ou não receberam nenhuma.
- Então não há nada que se possa fazer? Eu posso sentir que o Império está em declínio, mas não posso prová-lo. Todas as minhas conclusões são subjetivas, e não tenho como convencer alguém de que não estou equivocado. É uma perspectiva inquietante, a que estou expondo; as pessoas acham mais cômodo duvidar de minhas conclusões subjetivas, e o resultado é que nada vai ser feito para evitar a queda do Império ou para atenuá-la. Mas você podia provar a iminência dessa queda ... ou provar a sua impossibilidade, se fosse esse o caso.
- Mas é exatamente isso o que eu não posso fazer! Não posso achar provas onde elas não existem. Não posso tornar prático um sistema matemático que não possui aplicabilidade prática. Não posso fornecer' a você dois números pares que somados produzam um número ímpar, mesmo que isso seja de importância vital para você ou para toda a Galáxia.
- Você já faz parte da decadência - disse Hummin. - Está pronto a aceitar o fracasso.
- Qual a outra opção?
- Ora, não se pode tentar? Mesmo que isso lhe pareça um esforço inútil, será que você tem algo melhor a que dedicar sua vida? Tem algum objetivo mais nobre? Tem algum empreendimento que de algum modo possa justificar sua existência, aos seus próprios olhos?
Os olhos de Seldon piscaram.
- Milhões de planetas - disse ele. - Bilhões de culturas. Quatrilhões de pessoas. Decilhões de relacionamentos ... e você quer que eu reduza isso a fórmulas.
- Não, eu quero que você tente. Pelo amor desses milhões de mundos, bilhões de culturas, quatrilhões de indivíduos. Não pelo imperador, não por Demerzel. Pela humanidade.
- Não vou conseguir - disse Seldon.
- Nesse caso não estaremos em pior situação do que já estamos. Vai tentar?
E, contra sua própria vontade, e sem mesmo entender por que dizia aquilo, Seldon ouviu sua voz responder:
- Sim, vou tentar.

E o destino de sua vida foi traçado.

14.

A viagem chegou ao fim e o aerotáxi penetrou numa área muito mais ampla do que aquela onde tinham parado anteriormente (o gosto do sanduíche retomou à boca de Seldon, e ele fez uma careta).

Hummin entregou o táxi e retomou até onde ele estava, enquanto guardava num bolso interno da camisa a carteira com créditos.

- Aqui você está completamente a salvo - disse. - Este é o Setor Streeling.

- Streeling?

- Foi batizado assim em homenagem a algum sujeito que deu início à colonização desta área, imagino. A maior parte dos setores de Trantor recebe seus nomes dessa forma, o que faz com que alguns desses nomes sejam ou não muito bonitos, ou difíceis de pronunciar. Por outro lado, haveria veementes protestos se você tentasse convencer os habitantes daqui a mudar o nome de Streeling para Alamedas Perfumadas, ou algo parecido.

- E aliás não é bem esse o caso - disse Seldon, aspirando fortemente o ar.

- Em qualquer parte de Trantor o ar não é propriamente perfumado, mas você irá se acostumando.

- Ainda bem que chegamos - disse Seldon. - Não que este lugar seja uma maravilha, mas eu já estava cansado de ficar sentado naquele táxi. Viajar através de Trantor deve ser horrível. Em Helicon podemos fazer viagens aéreas de um ponto a outro, em muito menos tempo do que levamos para percorrer estes dois mil quilômetros.

- Temos aerojatos também.

- Então, por que ...

- Tenho condições de conseguir um aerotáxi de um modo mais ou menos anônimo, mas com um aerojato a coisa seria muito diferente. E, mesmo que isto aqui seja um lugar seguro para você, é preferível que Demerzel não tenha nenhum indício concreto de sua localização. E aliás, ainda não chegamos, propriamente. Temos que tomar o expressway para percorrer o trecho final.

Seldon já tinha ouvido esta expressão.

- Sei o que é. Aqueles trens em monotrilho, movidos por um campo eletromagnético.

- Isso mesmo.

- Não existem em Helicon. Até porque deles não precisamos.

Mas andei num deles em meu primeiro dia em Trantor, fui do aeroporto até o hotel. Para mim era novidade, mas se tivesse que utilizá-lo diariamente acho que

o barulho e a multidão se tornariam insuportáveis.

- Você chegou a se perder? - perguntou Hummin, divertido.

- Não, a sinalização é bem eficaz. Tive certa dificuldade na hora de entrar e de sair, mas as pessoas me ajudaram. Agora estou percebendo que minhas roupas mostravam que eu vinha de outro planeta. Em todo caso, sempre aparecia alguém para me ajudar; acho que era divertido para eles, quando me viam hesitar ou tropeçar.

- Em todo caso, você agora é um veterano no expressway, e não vai sofrer nenhuma hesitação ou tropeço. - A voz de Hummin tinha um tom de simpatia, mas os cantos de sua boca estavam levemente contraídos. - Vamos lá.

Caminharam descontraidamente ao longo da passarela; o ar era claro, reproduzindo exatamente o tom de luz que seria de se esperar num dia nublado, e de vez em quando a luminosidade aumentava, como se o sol tivesse surgido por entre as nuvens. Automaticamente Seldon ergueu os olhos para verificar se isto de fato acontecia, mas o "céu" sobre suas cabeças era apenas um brilho leitoso.

Hummin percebeu o olhar de Seldon e comentou:

- Essas mudanças de luminosidade são programadas para atender a uma necessidade psicológica. Há dias em que as ruas parecem banhadas por uma luz do sol bastante intensa, e dias mais escuros e nublados do que hoje.

- Mas sem chuva, ou neve, não é verdade?

- E sem granizo, ou geada. Nada disso. Nada de excesso de umidade ou frio muito intenso. Trantor tem seus pontos positivos, Seldon, mesmo hoje em dia.

Pessoas caminhavam em ambas as direções; havia um número considerável de jovens e também algumas crianças acompanhando os adultos, a despeito do que Hummin dissera sobre a taxa de natalidade. Tudo parecia razoavelmente próspero e respeitável. Ambos os sexos estavam igualmente representados, e as roupas eram visivelmente mais discretas do que no Setor Imperial. As roupas que Seldon usava, escolhidas por Hummin, pareciam perfeitamente adequadas àquele ambiente. Poucas pessoas estavam usando chapéus; com um suspiro agradecido, Seldon retirou o seu e o pendurou de lado.

Não havia qualquer abismo separando as duas pistas da passarela; como Hummin dissera antes, estavam andando praticamente ao nível do solo. Também não se via nenhum veículo, e Seldon chamou a atenção de Hummin para o fato

- São numerosos no Setor Imperial- disse Hummin - porque são usados pelos funcionários. Em outros lugares, os veículos privados não são numerosos, e os poucos que existem trafegam em túneis especiais, reservados para eles. O fato é que não são necessários, porque temos o expressway e, para distâncias menores, os corredores móveis. Para distâncias menores ainda, temos as passarelas, e aí podemos esticar as pernas um pouco.

Seldon estava escutando, a intervalos, uma série de rangidos e chiados; e avistou, a certa distância, os carros do expressway que passavam sem cessar.

- Lá está - apontou ele.

- Sim, mas temos que caminhar até a estação. Lá o número de carros é maior, e fica mais fácil subir num deles

Logo que se acomodaram num carro do expressway, Seldon virou-se para Hummin e disse:

- O que me impressiona é o quanto isto aqui é silencioso. Tudo o que sei é que a massa dos carros é impeli da por um campo eletromagnético, mas mesmo assim tudo me parece extremamente macio.

A intervalos, ele podia escutar um rangido mais forte, quando o carro em que estavam se comprimia de encontro aos outros.

- É um meio de transporte maravilhoso - concordou Hummin -, mas já ultrapassou seu clímax. Quando eu era mais jovem, isto era muito mais silencioso, e pessoas garantem que há cinquenta anos atrás o único ruído que se ouvia era um leve sussurro. É claro que se deve dar a esses depoimentos um certo desconto, em função da nostalgia de quem fala.

- Por que não continua assim, então?

- Porque a manutenção é deficiente. Já lhe falei. É a decadência.

Seldon franziu a testa.

- Ora, as pessoas não se sentam lado a lado e dizem: Oh, o Império está em declínio, vamos relaxar a manutenção do expressway.

- Claro que não é assim. Não é nada proposital. Os pontos fracos sofrem reparos, os vagões recebem nova pintura, os magnetos são trocados de vez em quando. Mas isso é feito de um modo cada vez mais negligente, mais descuidado, e a intervalos cada vez maiores. Não há muitos créditos disponíveis.

- Onde estão os créditos?

- Em outros setores. Tivemos séculos de agitação política. A armada é hoje muito maior do que era no passado, e muitas vezes mais cara. Os oficiais são muito mais bem remunerados, a fim de mantê-la sob controle. Conflitos, rebeliões, conflagrações menores de guerras civis, tudo isso acarreta mais despesas.

- Mas o Império está em paz sob Cleon. Temos tido cinquenta anos de paz.

- Sim, mas militares bem remunerados não acham justo que se rebaixem os seus salários só porque não estão em guerra. Os almirantes não querem deixar suas naves inativas e não querem ser rebaixados de patente só porque não há muito trabalho para eles. Desse modo, os créditos são destinados de forma improdutiva para as forças armadas, e áreas vitais da administração vão se deteriorando. É a isso que chamo decadência. E você? Não acha que eventualmente poderia enquadrar esse tipo de análise em suas noções de psico-história?

Seldon mudou de posição, sentindo-se de repente meio desconfortável. Então perguntou:

- Por falar nisso, para onde estamos indo?

- Para a Universidade de Streeling.

- Ah, é por isso que o nome do setor me pareceu familiar.

Já ouvi falar nessa Universidade.

- Não me surpreende. Trantor tem aproximadamente umas cem mil instituições de estudos avançados, e Streeling é uma das mil que estão no topo dessa faixa.

- Vou permanecer aqui?

- Por algum tempo. Um compus universitário é, em qualquer circunstância, um santuário inviolável. Você estará seguro aqui.

- Mas serei bem-vindo?

- Por que não? É difícil se achar um bom matemático nos dias de hoje. Você pode ser útil aqui. E eles lhe podem ser úteis também ... Para algo mais do que um simples esconderijo.

- Você quer dizer que num lugar como este eu poderei desenvolver minhas teorias.

- Você prometeu - disse Hummin, sério.

- Prometi tentar - replicou Seldon, e pensou consigo mesmo que era como prometer tentar fabricar uma corda de areia.

15.

A conversa foi morrendo aos poucos, e Seldon passou a observar as edificações do Setor Streeling, à medida que iam passando. Havia edifícios de estruturas baixas, enquanto que outros pareciam atingir o "céu". Havia largas passagens transversais interrompendo a sucessão de blocos, e numerosas alamedas.

A certa altura, Seldon percebeu que embora os edifícios se elevassem para o alto eles também tinham sua extensão subterrânea, e era bem possível que sua profundidade fosse ainda maior que a altura; mal a idéia lhe ocorreu, Seldon teve a certeza intuitiva de que isso de fato acontecia.

Ocasionalmente, ele podia avistar largas faixas verdes ao longe, bem afastadas do expressway, e mesmo algumas árvores.

Após certo tempo de contemplação, começou a perceber que a luminosidade lá fora diminuía. Virou-se para olhar em outras direções e em seguida para encarar Hummin, que a essa altura já tinha adivinhado a pergunta.

- A tarde está acabando - disse ele - e a noite vem aí. As sobrancelhas de Seldon se ergueram, e os cantos de sua boca descaíram um pouco.

- Oh, é impressionante. Posso imaginar o planeta inteiro ficando às escuras e, algumas horas depois, sendo iluminado novamente.

Hummin voltou a exibir seu sorriso contido, cuidadoso.

- Não é bem assim, Seldon. Trantor não anoitece todo ao mesmo tempo, nem amanhece. O anoitecer avança gradualmente ao longo do planeta, e é seguido,

metade de um dia depois; pelo aumento de luz que indica a aurora. Na realidade, esse efeito segue muito de perto a sucessão natural de dia e noite acima das cúpulas, e de tal forma que em latitudes mais elevadas o dia e a noite mudam de extensão, de acordo com a estação do ano.

Seldon sacudiu a cabeça.

- Então, por que trancar-se embaixo de domos, e depois imitar o que aconteceria se se estivesse do lado de fora?

- Presumo que as pessoas prefiram assim. Os trantorianos apreciam as vantagens de viver num ambiente fechado, mas não querem ser lembrados desse fato o tempo inteiro. Você ainda não sabe muito sobre psicologia trantoriana, Seldon.

Seldon sentiu-se enrubescer de leve. Era apenas um heliconiano, e sabia muito pouco a respeito dos milhões de mundos que existiam em redor de Helicon. Trantor não era o único mundo que ele desconhecia; como poderia, então, ter esperanças de descobrir alguma aplicação prática para a psico-história?

Seria possível a qualquer número de pessoas, reunidas, manipular esses conhecimentos?

Isso lembrou a Seldon um problema que lhe havia sido proposto na juventude. Seria possível existir um bloco de platina relativamente pequeno, munido de alças de segurar, que não pudesse ser erguido pela força humana, não importa de quantas pessoas, sem ajuda mecânica?

A resposta era sim. Um metro cúbico de platina pesaria 22.420 quilos, em condições de gravidade padrão. Supondo que cada pessoa era capaz de erguer do chão um peso correspondente a 120 quilos, seriam necessárias 188 pessoas para erguer o cubo de platina. Só que não seria possível comprimir 188 pessoas ao redor de um metro cúbico de tal forma que cada uma pudesse segurar uma das alças. Talvez não se pudesse juntar mais do que nove pessoas num tal espaço; e alavancas, bem como outros artifícios, não poderiam ser utilizados, já que se tratava da "força humana, sem ajuda mecânica".

Do mesmo modo era possível argumentar a impossibilidade de reunir um número suficiente de pessoas para armazenar as informações necessárias à psico-história - mesmo que os fatos estivessem codificados em computadores, em vez de numa mente individual. Apenas um número limitado de pessoas poderia "se comprimir" em torno dessas informações, por assim dizer, e transmiti-las.

A voz de Hummin soou ao seu lado.

Você está pensativo, Seldon.

- Estou considerando minha própria ignorância.

- Uma tarefa bastante útil. Há quatrilhões de pessoas que só teriam a ganhar fazendo o mesmo. Mas estamos quase chegando. - Como sabe? - perguntou Seldon, olhando ao redor.

- Do mesmo modo que você soube quando andou no expressway pela primeira vez: olhando a sinalização.

Seldon avistou um dos sinais quando este passou, logo em seguida:

UNIVERSIDADE DE STREELING - 3 MINUTOS

- Descemos na próxima estação - avisou Hummin. - Cuidado, veja bem onde pisa.

Seldon seguiu Hummin à saída do vagão; observou que o céu tinha agora um tom carregado de púrpura, enquanto que por toda parte os prédios, os corredores móveis e as passarelas começavam a ser envolvidos por uma difusa luminosidade amarela.

Aquilo poderia muito bem passar por um anoitecer heliconiano

Se ele tivesse sido trazido vendado até ali, e a venda fosse removida, não seria difícil convencê-lo de que estava em algum setor particularmente moderno de uma das maiores metrópoles de Helicon.

- Durante quanto tempo deverei ficar aqui na Universidade, Hummin? - perguntou ele.

A voz calma de Hummin não se alterou nem um pouco quando ele disse:

- É difícil dizer, Seldon. Talvez a vida inteira.

- O quê?!

-Talvez não. Mas sua vida deixou de lhe pertencer desde que você proferiu aquela palestra sobre psico-história. O imperador e Demerzel reconheceram no mesmo instante a sua importância. Eu também. Pelo que posso supor, também outras pessoas. Isso significa apenas que você não é mais o dono de si próprio.

BIBLIOTECA

VENABILI, DORS - ... Historiadora, nascida em Cinna ... Sua vida poderia ter continuado a transcorrer sem nenhum acontecimento excepcional, não fosse pelo fato de que, depois que ela passou dois anos na faculdade da Universidade de Streeling, envolveu-se com o jovem Hari Seldon, durante "A Fuga". ..

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

16.

O quarto em que Hari Seldon se encontrava era maior do que o de Hummin no Setor Imperial. Era um quarto de dormir com um dos cantos sendo usado para o banheiro, e sem nenhum sinal de copa ou de cozinha. Não havia janelas; no teto via-se um ventilador protegido por uma grade, que produzia um ruído contínuo e sussurrante.

Seldon correu um olhar desgostoso pelo recinto.

Hummin interpretou esse olhar com sua agudeza habitual e disse:

- É só por essa noite, Seldon. Amanhã pela manhã virá alguém para levá-lo até a Universidade, e lá você estará mais à vontade.

- Não me leve a mal, Hummin, mas como pode ter certeza?

- Tomarei minhas providências. Conheço uma ou duas pessoas aqui. - Ele sorriu, sem muito humor. - Há alguns favores pelos quais posso esperar retribuição. Agora, vamos aos detalhes. - Seu olhar se fixou em Seldon. - O que você deixou em seu quarto de hotel está perdido. Alguma coisa insubstituível?

- Na verdade, não. Havia alguns objetos pessoais, coisas a que dou um valor afetivo por estarem associadas a minha vida, mas se estão de fato perdidas, tanto faz. Há também algumas anotações a respeito de minha conferência, alguns cálculos. Sem falar no texto da conferência propriamente dita.

- Esse texto já é do conhecimento público, pelo menos até ser considerado perigoso e retirado de circulação, o que certamente acontecerá. Mas posso conseguir uma cópia, sem dúvida. Em todo caso, creio que você seria capaz de reconstituí-lo, não?

- Sim, por isso falei que nada era de fato insubstituível. Deixei lá também

alguns livros, uma quantia de aproximadamente mil créditos, roupas, minha passagem de volta para Helicon, esse tipo de coisas.

- Nada essencial, então. Darei um jeito para que você tenha uma ficha de crédito em meu nome, para que suas despesas sejam debitadas em minha conta. Isso resolverá seus problemas imediatos, por enquanto.

- É algo extremamente generoso de sua parte. Não posso aceitar.

- Não há generosidade envolvida nisso, uma vez que estou trabalhando para salvar o Império. Você tem que aceitar.

- Mas até que ponto posso me valer disso, Hummin? Na melhor das hipóteses, estarei o tempo todo com a consciência pesada.

- Gaste o que precisar para sua sobrevivência e para ter um razoável conforto, Seldon. Evidentemente não o aconselho a comprar o ginásio de esportes da Universidade, ou gastar um milhão de créditos com bugigangas.

- Você não devia se preocupar com isso, mas de fato, se meu nome for registrado ...

- Tanto faz. O governo imperial é formalmente impedido de exercer qualquer tipo de controle sobre a Universidade ou seus membros. Existe completa liberdade aqui, tudo pode ser discutido, tudo pode ser falado.

- E quando há um crime?

- As autoridades universitárias se encarregam dele, com rigor, com imparcialidade. Mas os crimes violentos são praticamente inexistentes aqui. Os estudantes e os membros da Universidade valorizam a liberdade que têm, e conhecem os seus limites. Caso haja tumulto excessivo, motins, quebra-quebras e derramamento de sangue, o governo pode se achar no direito de romper esse "acordo de cavalheiros" e mandar as tropas invadirem o campus. Acontece que isso não interessa a ninguém, nem mesmo ao governo, de modo que o equilíbrio, mesmo delicado, se mantém. Em outras palavras: Demerzel não pode arrancá-lo do interior da Universidade, a menos que você lhe dê um motivo muito forte, coisa que não acontece por aqui há pelo menos uns 150 anos. Por outro lado, você não deve se deixar atrair para fora dos limites da Universidade, caso algum aiuno-espião consiga convencê-lo a ...

- Existem alunos-espiões?

- Como posso saber? É possível que sim. Qualquer indivíduo pode se tornar um agente a serviço de alguém, através de ameaças, de manipulações ou de dinheiro; pode haver pessoas a serviço de Demerzel, ou de muitos outros, se você quer saber. Resumindo: aqui, você vai estar razoavelmente seguro, mas ninguém está absolutamente a salvo. É preciso ter cuidado. Mas não é preciso viver amedrontado. No cômputo geral, você estará mais seguro aqui do que se tivesse retomado a Helicon ou ido para qualquer outro planeta da Galáxia que não Trantor.

- Espero que sim - disse Seldon, em voz lúgubre.

Tenho certeza - disse Hummin. - Senão, não o deixaria aqui.

Vai me deixar? - O olhar de Seldon acendeu-se instantaneamente. - Não pode fazer isso, Hummin. Você conhece este mundo, eu não.

- Você ficará entre pessoas que conhecem este mundo, e que conhecem esta parte do mundo muito melhor do que eu. Mas tenho que ir. Passei o dia inteiro com você e não posso abandonar meus afazeres por tanto tempo assim. Por outro lado, não posso atrair as atenções sobre mim; tenho as minhas dificuldades, assim como você tem as suas.

Seldon ruborizou-se.

- Tem razão. Não posso exigir que você fique se expondo ao perigo o tempo inteiro por minha causa. Espero que já não esteja irremediavelmente comprometido.

– Quem pode saber? - disse Hummin, calmamente. - Vivemos numa época perigosa. Quero apenas que você se lembre de uma coisa: se há alguém que pode tornar este mundo mais seguro, se não para nós pelo menos para os que vierem depois, esse alguém é você. Pense nisto, Seldon, e deixe que esta idéia seja sua motivação.

17.

O sono se esquivava à mente de Seldon. Ele se virava e revirava na cama, no meio da escuridão, pensando. Nunca se sentira tão sozinho e desamparado quanto depois que Hummin apertou rapidamente sua mão e partiu, deixando-o ali. Estava agora num mundo estranho, e numa parte desse mundo mais estranha ainda. Estava sem o único ser humano que podia considerar amigo, e mesmo este era alguém que ele só conhecera há um dia; não tinha idéia de para onde iria ou do que lhe poderia acontecer, fosse na manhã seguinte ou no futuro mais distante.

Nenhum desses pensamentos o ajudava a adormecer, é claro, mas quando, sem esperanças, ele começou a admitir que não poderia conciliar o sono naquela noite, e talvez até pelo resto da vida, o cansaço foi tomando conta dele, e acabou por vencê-lo.

Quando acordou ainda estava escuro, embora não totalmente, porque do lado oposto do quarto ele podia ver uma luz vermelha piscando repetidamente, acompanhada por um zumbido intermitente e incômodo que, sem dúvida, devia tê-lo despertado.

Seldon tentou recordar onde estava e atribuir algum significado a estas escassas mensagens captadas pelos seus sentidos; mas logo a luz parou de piscar, o zumbido cessou, e fortes pancadas começaram a soar à porta.

Ele deduziu que era à porta que alguém estava batendo, mas agora, novamente em plena escuridão, não conseguia adivinhar sua localização exata. Devia haver um interruptor de luz nas proximidades, mas ele não tinha como

encontrá-lo.

Sentou-se na cama e tateou ao longo da parede à sua esquerda, quase em desespero, enquanto dizia:

- Um momento, por favor!

Seus dedos tocaram um contato e o quarto se encheu de uma luz suave. Ele saiu engatinhando da cama, contraindo os olhos, localizou a porta e, ao estender a mão para abri-la, foi contido por um pensamento de alerta. Numa voz subitamente desperta, cautelosa, perguntou:

- Quem está aí?

Uma voz suave, de mulher, respondeu:

- Meu nome é Dors Venabili, e quero falar com o Dr. Hari Seldon.

E no momento em que essa voz soou uma mulher surgiu ali, do lado de dentro da porta, a porta ainda trancada.

Por um breve momento, Seldon a fitou, estupefato, e depois percebeu que estava à frente dela apenas de cuecas. Soltou um grunhido e recuou na direção da cama, e só então compreendeu que o que tinha diante de si era uma holografia: a imagem não tinha contornos muito nítidos, e a mulher parecia não enxergá-lo. Estava simplesmente enviando a própria imagem, para ser identificada.

Seldon se deteve, a respiração ainda acelerada, e ergueu a voz, para ser ouvido através da porta:

- Espere um pouco, e já conversaremos. Dê-me ... uma meia hora, por favor.

A mulher, ou a holografia, respondeu: - Estou à espera. E sumiu.

No canto do quarto reservado ao banho não havia chuveiro, apenas uma esponja com que Seldon se esfregou. Havia pasta de dentes, mas nenhuma escova, de modo que ele utilizou os dedos. Depois, não teve escolha senão vestir as roupas que usava na véspera. Foi até a porta. No momento em que a abria, pensou que a mulher, na realidade, não se identificara: apenas fornecera um nome, e Hummin não lhe tinha dito o nome da pessoa que viria ao seu encontro, fosse essa Dors Não-sei-das-quantas ou alguém mais. Ele se sentira seguro porque a holografia mostrava uma mulher jovem e simpática, mas bem que poderia haver meia-dúzia de rapazes antipáticos em sua companhia.

Abriu apenas uma estreita fresta; a mulher estava sozinha, e Seldon abriu mais a porta, apenas o suficiente para deixá-la entrar, e a trancou por dentro em seguida.

- Desculpe - disse ele. - Que horas são?

- Nove - respondeu a mulher. - O dia já começou há algum tempo.

Em termos de tempo oficial, Trantor obedecia ao Padrão Galáctico, uma vez que somente assim seriam possíveis os contatos governamentais e o comércio interestelar. Cada planeta, entretanto, mantinha também um sistema cronológico local, e Seldon ainda não se tinha habituado às referências casuais dos trantorianos a respeito das horas.

Estamos no meio da manhã? - perguntou. Claro.

Oh. Não há janelas neste quarto - disse ele, em tom de desculpa.

Dors caminhou até a cama, estendeu o braço e tocou um círculo negro que havia na parede. No teto, mesmo por cima da cabeceira da cama, apareceram algarismos vermelhos; Seldon leu: 0903.

Ela deu um sorriso de superioridade.

- Desculpe, mas pensei que Chetter Hummin o tinha avisado de que eu viria às nove. O problema com ele é que está tão acostumado a saber de tudo que geralmente não lhe ocorre que de vez em quando as outras pessoas não saibam de algo. E eu não devia ter usado minha identificação rádio-holográfica, Acho que vocês não têm isso em Helicon, e talvez eu o tenha assustado.

Seldon sentiu-se relaxar. O tom de voz dela era natural, amistoso; e a casual referência a Hummin deu-lhe mais segurança.

- Acho - disse ele - que está um pouco enganada a respeito de Helicon, Srta ...

- Chame-me Dors.

- Está enganada sobre Helicon, Dors. Nós conhecemos a rádio-holografia, embora eu nunca tenha podido comprar esse tipo de instrumento; o mesmo se dá com todas as pessoas do meu círculo de relações, daí eu ainda não ter presenciado o seu funcionamento. Mas logo percebi o que estava acontecendo.

Enquanto falava, Seldon a examinou. Ela não era muito alta; estatura média para uma mulher, pelo que ele pôde julgar. Seu cabelo era dourado com um leve tom de ruivo, embora não muito brilhante, e estava arranjado em minúsculos cachos em volta da cabeça. (Seldon tinha avistado inúmeras mulheres trantorianas usando aquele tipo de penteado; devia ser uma moda local, se bem que em Helicon aquilo provavelmente provocasse gargalhadas). Não era particularmente bela, mas tinha um rosto agradável de se olhar; para isso contribuíam os lábios, cheios e parecendo sempre recurvados num semi-sorriso cheio de humor. Era esguia, de corpo firme, e parecia bastante jovem - talvez jovem demais para ser de alguma utilidade, pensou ele, meio constrangido.

- Passei no exame?

Ela parecia ter o mesmo talento de Hummin para adivinhar os pensamentos. Ou talvez, pensou Seldon, faltasse a ele próprio o talento de ocultá-los.

- Desculpe - falou. - Não quis ser indiscreto, estava apenas tentando avaliar você. Estou num planeta estranho, onde não conheço ninguém e não tenho nenhum amigo.

- Por favor, Dr. Seldon, pode me considerar sua amiga. O Sr. Hummin me pediu para cuidar do senhor.

Seldon deu um sorriso melancólico. - Você é um pouco jovem para isso.

- Vai descobrir que não sou.

- Tentarei dar o mínimo de trabalho possível. Poderia repetir seu nome?

- Dors Venabili - disse ela, com ênfase na tônica da segunda sílaba. - Mas pode me chamar de Dors, e se não fizer nenhuma objeção vou chamá-lo de Hari. Aqui na Universidade as pessoas se tratam de um modo muito informal, e todos se esforçam para não evidenciar sinais de status ... tanto familiar quanto profissional.

- Chame-me de Hari, por favor.

- Ótimo. Sejamos informais, então. Por exemplo: o instinto de formalidade, se é que existe tal coisa, me levaria a pedir permissão para sentar-me. Mas como já chegamos a um acordo, eu simplesmente me sentarei aqui.

Dors sentou-se na única cadeira do quarto, enquanto Seldon pigarreava, novamente constrangido.

- É, eu realmente não estou de posse de minhas faculdades ... Devia ter-lhe pedido desde logo para sentar-se.

Ele se sentou na cama ainda desarrumada e pensou que devia ter lembrado de ajeitá-la, mas ... ora, afinal de contas fora pegado de surpresa.

- Vamos trabalhar assim, Hari - disse ela, com simpatia. - Primeiro vamos tomar o café da manhã num dos cafés da Universidade. Depois eu lhe conseguirei um quarto num dos alojamentos, um quarto bem melhor que este aqui. Com direito inclusive a uma janela. Hummin me deu instruções para lhe dar uma ficha de crédito em nome dele, mas a burocracia da Universidade vai retardar isto por um ou dois dias. Até então, pagarei suas despesas, e você me reembolsa mais tarde. Enquanto isso, creio que podemos usá-lo. Chetter Hummin me disse que você é um matemático, e por alguma razão a Universidade é carente de bons matemáticos.

- Hummin disse também que sou um bom matemático?

- Na verdade, sim. Disse-me que você era um indivíduo notável.

Bem ... - Seldon contemplou as próprias unhas. - Eu ficaria honrado de ser considerado assim, mas Hummin me conhece há menos de um dia; antes disso, ele me viu fazer uma conferência sobre um assunto cujo mérito ele não tinha condições de avaliar. Acho que ele estava apenas tentando ser gentil.

- Não concordo - disse Dors. - Ele próprio é um homem notável, e tem uma grande experiência no trato com as pessoas. Posso confiar no julgamento dele. Em todo caso, você terá oportunidades para mostrar quem é. Suponho que saiba trabalhar com computadores.

- Claro.

- Refiro-me à programação de computadores didáticos. Quero saber se você é capaz de elaborar programas para ensinar fases diversas da matemática contemporânea.

- Sim. É parte do meu trabalho como professor-assistente de matemática na Universidade de Helicon.

- Hummin me tinha falado a respeito. Você deve ter em mente, também, que todo mundo aqui vai saber que você é um não-trantoriano, mas isso não lhe deve acarretar nenhum problema sério. A maior parte das pessoas aqui é composta de trantorianos, mas as pessoas de outros planetas são geralmente aceitas. Ocasionalmente você vai se defrontar com algum tipo de gracejo ou de preconceito, mas isso é mais frequente entre os estrangeiros do que entre os próprios trantorianos. Aliás, eu também sou estrangeira aqui.

- Ah, é? - Seldon hesitou um pouco, e concluiu que seria conveniente fazer a pergunta. - De onde você vem?

- De Cinna. Já ouviu falar?

Ele achou que se mentisse para ser gentil acabaria sendo descoberto, e confessou:

- Nunca.

– Não me surpreende. É provavelmente um mundo ainda menos importante do que Helicon. Mas, vamos voltar aos computadores didáticos. Essa programação de que falei pode ser feita, suponho, com maior ou menor precisão.

- Certo.

- E você o faria com uma precisão maior.

- Julgo que sim. - Então está resolvido. A Universidade lhe pagará um salário para isso, portanto já podemos sair e comer alguma coisa. A propósito, você dormiu bem?

- Para minha surpresa, sim.

- Está com fome?

- Sim, mas ... - Ele hesitou.

- Ah, já sei - disse ela, com desembaraço. - Está preocupado com a qualidade da comida, não é? Descanse. Também sou estrangeira e posso entender como outras pessoas se sentem a respeito desse uso de micro-alimentação em todos os pratos de Trantor, mas o cardápio da Universidade não é mau, pelo menos no restaurante dos professores. Os estudantes é que sofrem um pouco ... mas isto lhes serve como experiência de vida.

Ela se ergueu e foi até a porta, mas se deteve quando Seldon perguntou:

- Você ensina na Universidade?

Ela virou-se, com um sorriso travesso nos lábios.

- Acha que não tenho idade para isso? Concluí meu doutorado em Cinna, há dois anos atrás, antes de vir morar aqui. Farei trinta anos daqui a duas semanas.

- Desculpe - sorriu Seldon. - Mas é impossível alguém aparentar vinte e quatro anos e não gerar dúvidas quanto ao seu status acadêmico.

- Como ele é gentil! - exclamou Dors, e Seldon deixou-se percorrer por uma agradável e reconfortante sensação. Apesar de tudo, pensou ele, você não consegue trocar galanteios com uma mulher bonita e se sentir totalmente estrangeiro.

18.

Dors tinha razão: o café da manhã não foi desagradável. Havia um prato que era sem dúvida feito com ovos, e a carne era saborosamente defumada. Havia uma bebida à base de chocolate (Trantor era famosa pela sua produção de chocolate, e isso não incomodava nem um pouco a Seldon) provavelmente

sintética, mas deliciosa; e os pãezinhos eram muito bons.

Seldon sentiu-se na obrigação de dizer:

Foi uma refeição muito agradável: a comida, o ambiente...tudo.

Que bom que você gostou - disse Dors.

Seldon olhou em volta. Havia largas janelas ao longo de uma das paredes, e, embora nenhuma luz solar entrasse ali (Seldon imaginou se chegaria a se acostumar àquela luminosidade difusa e cessaria de procurar por faixas de luz do sol nas paredes), o recinto estava bastante claro. Aparentemente, o computador que estabelecia as condições do tempo tinha decidido que era ocasião para um dia mais luminoso do que o usual.

As mesas eram para quatro pessoas, e a maioria estava totalmente ocupada; mas Dors e Seldon permaneciam sozinhos na sua. Dors tinha chamado até ali alguns dos homens e mulheres, apresentando-os a Seldon; nenhum se tinha reunido a eles, apesar de terem sido todos bastante polidos. Seldon percebeu que fora esta a intenção de Dors, embora não chegasse a descobrir sua tática.

Você não me apresentou a nenhum matemático, Dors - disse.

- Ainda não avistei nenhum que eu conheça. A maioria deles começa a trabalhar cedo; às oito já têm aulas. Tenho a impressão de que o aluno que é temerário a ponto de estudar matemática faz questão de se ver livre dessas aulas o mais cedo possível.

- Estou percebendo que você não trabalha com matemática.

- Nem de longe - riu Dors. - Nada a ver. Minha área é História. Publiquei alguns estudos sobre a ascensão de Trantor. .. não este planeta, mas o primitivo reino trantoriano. Suponho que este deverá ser o objeto de minha especialização: O Reinado de Trantor.

- Maravilha - disse Seldon.

- Maravilha? - Dors o olhou com estranheza. - Está interessado em história trantoriana, também?

- De certo modo, sim. Isso e outras coisas semelhantes. Nunca estudei história a sério, e acho que isso foi um erro.

- Por quê? Se você tivesse estudado história não lhe teria sobrado muito tempo para a matemática, e a necessidade de matemáticos é muito grande, principalmente nesta Universidade. Estamos até aqui com historiadores. - Ela ilustrou a frase erguendo a mão espalmada até a testa. - Para não falar em economistas, e cientistas sociais. Mas temos carência nas áreas de matemática e ciências exatas. Chetter Hummin chamou minha atenção para isto, certa vez. Chamou a esse fenômeno' 'declínio científico", e parecia acreditar que era algo generalizado.

- Quando digo que devia ter estudado história - respondeu Seldon -, não estou sugerindo que devia ter feito disso minha carreira. Mas devia conhecer o bastante para que me fosse útil no estudo da matemática. Meu campo de especialização é a análise matemática das estruturas sociais.

- Não soa muito atraente.

- E de um certo modo não é mesmo. É algo muito complicado, e torna-se

inútil, caso eu não aprenda muito mais coisas sobre o modo como as sociedades evoluem. Minha visão dessas coisas ainda é muito estática ... você me entende.

- Não sei se entendo, porque não sei nada sobre esse assunto. Chetter me disse que você estava desenvolvendo algo chamado "psico-história", algo muito importante. É isso mesmo? Psico-história?

- Certo. Eu devia tê-la batizado "psicossociologia", mas me pareceu uma palavra horrível. Ou talvez eu instintivamente pressentisse que um certo conhecimento de história iria ser necessário, e não pensei mais no resto.

- Psico-história soa bem melhor, mas ainda não sei do que se trata.

- Não pense que sei muito mais do que você - disse Seldon.

Ficou pensativo durante alguns minutos, fitando a mulher do lado oposto da mesa e começando a sentir que ela podia tornar seu exílio naquele planeta menos semelhante a um exílio. Pensou naquela outra mulher que tinha conhecido há poucos anos atrás, mas logo afastou sua imagem da mente, com um esforço deliberado. Se tivesse de escolher uma companheira, algum dia, teria de ser alguém que entendesse a carreira científica e as exigências que ela impõe a um indivíduo.

Resolveu mudar de assunto.

- Chetter Hummin me disse que a Universidade não tem problemas com o governo - disse ele.

- Isso mesmo.

Seldon abanou a cabeça.

- Isso é uma generosidade incrível, vindo da parte de um governo imperial. O sistema educacional de Helicon não é nem um pouco independente de pressões oficiais.

- O de Cinna também não é, nem o de nenhum outro planeta, com exceção talvez de um ou dois mundos mais importantes. Mas Trantor é outra realidade.

- Sim, mas por quê?

- Porque é o centro do Império. As universidades daqui têm enorme prestígio. Qualquer outra universidade pode formar profissionais, mas os administradores do Império ... os altos funcionários, e os incontáveis milhões de pessoas que compõem os tentáculos do Império em todos os recantos da Galáxia ... são todos educados em Trantor.

- Nunca vi as estatísticas ... - começou Seldon.

- Aceite minha palavra. É da maior importância que os funcionários e agentes imperiais tenham todos alguma base em comum, algum sentimento especial com relação ao Império. Por outro lado, eles não podem ser todos trantorianos de nascimento, senão os outros mundos iriam se sentir desconfortáveis. Por isso, Trantor deve atrair milhões de estrangeiros para serem educados aqui. Não importa de onde venham, qual o seu sotaque, qual a sua cultura nativa: o que interessa é que todos recebam um verniz trantoriano, e que possam todos se identificar uns com os outros por meio da educação que receberam em Trantor. É isso que mantém a coesão do Império. E os outros mundos se tornam mais fáceis de governar quando uma porção considerável dos representantes do

governo imperial é nascida e criada no próprio planeta.

Seldon voltou a sentir-se embaraçado. Nunca tinha parado para pensar em questões desse tipo, e começou a imaginar se alguém poderia ser um grande matemático se se dedicasse apenas à matemática e nada mais.

- Todo mundo tem consciência disso? - perguntou.

- Suponho que não - disse Dors, após pensar um pouco. - Existe tanto conhecimento para ser absorvido que os especialistas usam suas respectivas especializações como uma espécie de escudo protetor, para não se sentirem obrigados a absorver ainda mais informações, e acabarem soterrados por elas.

- Em todo caso, você sabe.

- Sim, mas esta é a minha especialidade. Sou uma historiadora que estuda a ascensão do Reinado de Trantor, e essa técnica administrativa foi uma das armas que possibilitaram a Trantor expandir sua influência e fazer a transição de reinado para império.

Seldon murmurou baixinho, quase que falando para si mesmo: - Que coisa prejudicial é a superespecialização. Secciona o conhecimento em milhares de pontos, e o deixa sangrando.

Dors encolheu os ombros.

- O que se pode fazer? Por outro lado, se Trantor pretende atrair estrangeiros para suas universidades, tem que lhes dar algo em troca, algo que compense o fato de que eles estão cortando os laços com sua cultura de origem e indo morar num mundo estranho, com uma estrutura incrivelmente artificial, e costumes um tanto exóticos. Moro em Trantor há dois anos e ainda não me acostumei totalmente. Acho que nunca me acostumarei. Mas como não estou aqui para ser funcionária do Império, não preciso me esforçar demais para ser trantoriana.

"O que Trantor oferece aos estrangeiros não é apenas a promessa de ascensão para um status social superior, com dinheiro e poder: é também a liberdade. Quem estuda aqui tem toda a liberdade para criticar o governo, organizar manifestações pacíficas contra ele, desenvolver suas próprias teorias e pontos de vista. Isso é importante para eles, e muitos vêm para cá a fim de experimentar essa sensação de liberdade.

- Imagino que também deve servir para aliviar as tensões sociais - disse Seldon. - Os estudantes dão rédeas soltas ao seu inconformismo, saboreiam a vaidade de se sentir revolucionários, e quando assumem seus postos na hierarquia imperial estão prontos para se instalar no conformismo e na obediência.

Dors assentiu com um gesto.

- Tem razão. Em todo caso, o governo tem todas estas razões para preservar a autonomia interna das universidades. Não é uma questão de generosidade, e sim de habilidade política.

- E quanto a você? Se não vai ser funcionária do Império, o que pretende ser, então?

- Historiadora. Vou ensinar, vou inserir nos currículos os meus próprios filmes-livros.

- Isso não parece dar muito status

- Nem muito dinheiro, Hari, o que é mais importante. No que se refere a status, é o tipo do jogo em que não faço questão de entrar: já vi muitas pessoas cheias de status social e profissional, mas não conheço uma só pessoa que pareça feliz. Status não é algo em que você pode pisar com firmeza: você tem que ficar lutando o tempo inteiro para não afundar. Até mesmo os imperadores acabam mal, na maioria das vezes. Tudo o que pretendo é retomar a Cinna algum dia e me tornar professora.

- E desfrutar do status de quem teve uma educação trantoriana.

Dors soltou uma risada.

- Imagino que sim, mas que utilidade tem isso ... em Cinna?

É um planeta insípido, cheio de fazendas e de gado, tanto do tipo quadrúpede quanto do bípede.

- Não vai ser monótono, depois de ter vivido em Trantor?

- Estou contando com isso. Se se tornar maçante demais, posso conseguir uma autorização e viajar para qualquer parte, fazendo pesquisas. É uma das vantagens da minha área.

Seldon começou a experimentar uma sensação amarga que até então lhe era desconhecida. Murmurou:

- Com um matemático é diferente. Tudo o que se espera dele é que se sente diante de um computador e se ponha a pensar. Aliás, por falar em computadores … Interrompeu-se. A refeição já tinha terminado, e ele considerou que ela certamente tinha seus próprios afazeres. Mas Dors não parecia apressada.

- Sim? - disse ela. - Por falar em computadores ...

- Como posso conseguir permissão para frequentar a biblioteca de História?

Foi a vez de ela hesitar um pouco.

- Vou ver o que se pode fazer. Se você trabalhar com programação matemática, poderá ser considerado quase um membro do corpo docente, e eu poderei encaminhar esse pedido. O problema é que ...

- O que há?

- Não quero ferir seu orgulho; mas você é matemático, e disse que não conhece muita coisa sobre História. Como vai poder usar a biblioteca?

- Seldon sorriu.

- Suponho que seus computadores devem ser semelhantes aos de uma biblioteca especializada em matemática.

- Sim, mas cada área de especialização tem suas peculiaridades. Você não conhece os filmes-livros básicos de referência; não conhece as técnicas de filtrar informações e de saltar de um ponto de interesse para outro. Talvez você seja capaz de achar um intervalo hiperbólico no escuro, mas ...

- Você quer dizer uma integral hiperbólica - corrigiu Seldon com suavidade.

Dors ignorou.

- Mas provavelmente você não será capaz de localizar o texto do Tratado de Poldark em menos de um dia e meio de esforço. - Acho que posso aprender.

- Bem ... caso você ... - Ela parecia insegura. - Caso você se disponha a isso,

posso fazer uma sugestão. Costumo dar cursos para estudantes não-graduados, cursos de uma semana, uma hora por dia, sem contagem de créditos: são cursos que ensinam a utilizar uma biblioteca de História. Um desses cursos deverá começar dentro de três semanas. Se você não se sentir constrangido no meio de estudantes não-graduados ...

- E quanto a umas aulas particulares? - Seldon ficou um pouco surpreso ao escutar o tom levemente malicioso que se insinuou em sua voz, e que também não passou despercebido por Dors.

- Bem que eu poderia - disse ela. - Mas acho que um treinamento formal lhe seria mais útil. Estaremos trabalhando na biblioteca, e no final da semana você será incumbido de localizar determinadas informações de interesse histórico. O fato de estar competindo com outros alunos ajudará seu aprendizado, e neste sentido aulas particulares serão menos eficazes, posso garantir. Talvez o fato de estar competindo com não-graduados o incomode, se você vier a perceber que não está tendo o mesmo rendimento que eles. Mas tenha em mente que eles já estudaram história elementar, e você provavelmente não.

- Não se trata de "provavelmente" - disse Seldon. - Não estudei. Mas não me importo em competir com quem quer que seja, e não vou me sentir humilhado. A única coisa que me interessa é aprender os truques necessários para se trabalhar em pesquisa histórica.

Naquele momento já estava bastante claro, na mente de Seldon, o quanto aquela mulher lhe agradava, e o quanto ele estava disposto a aproveitar essa oportunidade de tomar umas aulas com ela. Também já percebia com clareza que tinha chegado a um momento decisivo de sua vida.

Ele tinha prometido a Hummin que tentaria elaborar um sistema prático para a psico-história; mas tinha sido uma promessa puramente do intelecto, sem motivação emocional. Agora, ele estava determinado a agarrar a psico-história pela garganta, caso fosse preciso, e transformá-la em algo útil. E isso talvez se devesse à influência de Dors Venabili.

Teria Hummin previsto justamente isto? Seldon chegou à conclusão de que Chetter Hummin era, com toda certeza, um indivíduo formidável.

19.

Cleon I tinha acabado de jantar, e a refeição, infelizmente, não tinha passado de uma cerimônia formal. Isso significava que ele se limitara a conversar com diversos funcionários, todos igualmente desconhecidos aos seus olhos; um diálogo composto de frases feitas cuja finalidade era provocar em cada um deles uma reação específica, reafirmando sua lealdade ao Império. A comida chegara

morna ao seu prato, e já estava fria antes mesmo que ele chegasse a tocá-la.

Devia haver algum modo de evitar isso. Jantar logo, talvez: sozinho, ou na companhia de uma ou duas pessoas mais íntimas, e só depois, já descontraído, marcar presença num jantar formal, durante o qual comeria apenas uma pêra importada. Cleon adorava peras. Mas talvez isso pudesse ofender os convidados, que veriam, nessa recusa do imperador em comer na sua companhia, um insulto calculado.

Sua esposa, é claro, em nada podia ajudá-lo; a bem da verdade, a mera presença dela apenas contribuiria para aumentar seu mal-estar. Cleon a tinha desposado apenas porque ela pertencia a uma família poderosa em conflito com a Coroa, e a união dos dois tinha como único propósito neutralizar essa dissidência. Quanto a ela própria, Cleon esperava, fervorosamente, que nada mudasse em suas relações. Permitia que ela vivesse uma vida independente, em seus aposentos; seus únicos contatos pessoais tinham se resumido às tentativas de produzir um herdeiro, pois Cleon não se sentia nem um pouco atraído por ela. E agora que o herdeiro tinha chegado ele podia, com alívio, ignorá-la por completo

Tinha recolhido um punhado de nozes ao se retirar da mesa e começou a mastigar uma. De repente chamou, em voz alta: - Demerzel!

- Sire? ..

Demerzel sempre aparecia no instante exato em que era chamado. Talvez porque se mantivesse o tempo todo ao alcance da voz, do outro lado da porta; talvez porque seu instinto de subserviência o ajudasse a pressentir o instante em que seria chamado - mas o importante é que ele aparecia, e isso (pensou Cleon, preguiçosamente) era o que importava. É claro que em certas ocasiões Demerzel estava ausente, em missão oficial; mas o imperador detestava essas ausências. Elas o deixavam inseguro.

- O que aconteceu com aquele matemático? - perguntou Cleon. - Esqueço seu nome.

Demerzel certamente sabia a quem o imperador estava se referindo, mas talvez pretendesse submeter a um teste a memória de Cleon.

- A que matemático se refere, Sire? Cleon fez um gesto impaciente com a mão.

- Aquele que adivinha o futuro. O que veio falar comigo.

- Aquele que mandamos buscar?

- Sim, sim, o que mandamos buscar, mas ele veio falar comigo, não veio? Você estava encarregado desse assunto, se bem me lembro. Não é assim? Em que pé estamos?

Demerzel pigarreou.

- Fazendo o possível, Sire.

- Aha! Isso significa que você falhou, não é?

De certo modo, isso trouxe a Cleon uma sensação de satisfação.

Entre todos os seus ministros, Demerzel era o único que não procurava esconder os próprios erros. Os outros nunca admitiam ter errado, e, como o erro

era algo muito comum, esse tipo de atitude tornava extremamente trabalhoso corrigir qualquer tipo de falha. Talvez Demerzel pudesse se dar o luxo de ser honesto porque errava muito raramente. Não fosse por Demerzel (pensou Cleon, com melancolia) ele talvez nunca tivesse chegado a conhecer a sinceridade. Talvez nenhum imperador jamais a tivesse conhecido; talvez fosse essa a razão por que os impérios ...

Cleon afastou esses pensamentos e, subitamente irritado pelo silêncio aquiescente do outro (afinal, tinha acabado de enaltecer mentalmente a honestidade de Demerzel), inquiriu, com acidez:

- E então? Falhou, não foi?

Demerzel não tergiversou

- Sire, creio que falhei parcialmente. Achei que teríamos problemas se o deixássemos ficar aqui em Trantor, onde as coisas nem sempre são fáceis de manipular. A conclusão lógica era a de que o lugar mais adequado para ele seria seu planeta natal. Sua viagem de volta estava marcada para o dia seguinte, mas sempre havia a possibilidade de que alguma circunstância imprevista o induzisse a permanecer em Trantor, portanto contratei dois marginais para que o forçassem a embarcar naquele mesmo dia.

Cleon pareceu divertir-se.

- Você conhece marginais, Demerzel?

- É importante ter contatos entre todo tipo de gente, Sire, porque cada um deles pode ter alguma utilidade; e os marginais não são os menos importantes. Infelizmente, nosso objetivo não foi alcançado.

- E por que não?

- Por incrível que pareça, Seldon os enfrentou e conseguiu derrotá-los.

- Ora, ora ... O matemático sabia brigar?

- Aparentemente, Sire, a matemática e as artes marciais nem sempre são atividades incompatíveis. Acabei descobrindo, ainda que tarde demais, que o tal planeta Helicon não é famoso por sua contribuição à matemática, mas pelo seu desenvolvimento nas artes marciais. Não ter sabido a esse respeito desde logo foi sem dúvida uma falha, Sire, e só posso rogar que me perdoe.

- Em todo caso, o tal matemático deve ter viajado de volta ao seu planeta no dia seguinte, como era sua intenção.

- Infelizmente, Sire, o episódio inteiro entrou em curto-circuito. Alertado pelos acontecimentos, o matemático abriu mão de retomar a Helicon, e resolveu permanecer em Trantor. Talvez tenha sido aconselhado neste sentido por um transeunte que estava presente no momento da luta; esta complicação adicional era impossível de prever.

O imperador franziu a testa.

- Está bem. Isso quer dizer que o nosso matemático ... como é mesmo o nome dele?

- Seldon, Sire. Hari Seldon.

- Isso quer dizer que o tal Seldon está fora de alcance.

- Num certo sentido, Sire. Seguimos seus passos, e no momento ele está na

Universidade de Streeling. Enquanto se mantiver ali, ele é intocável.

O imperador fez uma carranca, e seu rosto enrubesceu visivelmente.

- Detesto essa palavra, intocável - disse ele. - Não deveria haver nenhum ponto do Império que minha mão não pudesse alcançar. Mas aqui, em meu próprio planeta, existe alguém que você me diz ser intocável. Isso é mais do que eu posso agüentar!

- Sua mão pode alcançar a Universidade, Sire. Basta dar uma ordem, e um exército inteiro estará lá dentro, para trazer Seldon à sua presença. Uma tal medida, no entanto, é ... indesejável.

- Diga logo que é impraticável, Demerzel. Você parece o tal matemático quando fala do seu truque de adivinhar o futuro. Não é que seja impossível. .. mas é impraticável. Eu sou um imperador rodeado de coisas que são totalmente possíveis, o problema é que poucas delas podem ser postas em prática. Não se esqueça, Demerzel. .. alcançar esse tal Seldon pode ser difícil, mas você está ao alcance da minha mão.

Eto Demerzel deixou passar em brancas nuvens esta última ameaça. Sendo uma eminência parda, sabia da sua própria importância no Império, e já tinha ouvido ameaças semelhantes. Esperou em silêncio enquanto Cleon lançava olhares fulminantes numa e noutra direção, tamborilando os dedos no braço da poltrona. Por fim, O imperador perguntou:

- Afinal, de que nos serve esse matemático, se ele está na Universidade de Streeling?

- Talvez toda esta complicação tenha resultado positivo, Sire.

Ao permanecer na Universidade, ele pode ser compelido a elaborar melhor a sua psico-história.

- Mas ele não disse que ela é impraticável?

- Talvez ele esteja errado. Talvez acabe descobrindo que estava errado. E se isso acontecer nós podemos dar um jeito de arrancá-lo de dentro da Universidade. Quem sabe até ele se junte a nós voluntariamente, de acordo com as circunstâncias?

O imperador permaneceu pensativo durante algum tempo, e depois perguntou:

- E se alguém o arrancar de lá, antes de nós?

- Quem poderia pensar tal coisa, Sire? - perguntou Demerzel, com suavidade.

- O prefeito de Wye, por exemplo! - gritou Cleon, num impulso repentino. - Ele ainda sonha em se apossar do Império.

- Está velho, Sire, e seus dentes não são mais tão afiados.

- Não esteja tão seguro disso, Demerzel.

- Além do mais, não temos razão para supor que ele saiba alguma coisa a respeito de Seldon, Sire.

- Ora, vamos, Demerzel Se a conferência de Seldon chegou aos nossos ouvidos, por que não aos de Wye? Se nós percebemos a possível importância de Seldon, por que não Wye?

- Se tal coisa acontecesse - disse Demerzel-, ou se pelo menos tivesse uma

chance razoável de acontecer, talvez isso fosse razão suficiente para tomarmos medidas radicais.

- Que tipo de medidas?

- Pode-se considerar - disse Demerzel com cautela - que é preferível ver Seldon nas mãos de ninguém do que nas mãos de Wye. Ou seja: anular sua existência, Sire

Você quer dizer: matá-lo.

- Se Vossa Majestade prefere assim. - disse Demerzel

20.

Hari Seldon deixou-se afundar na cadeira, no apartamento que tinha sido posto à sua disposição através de Dors Venabili. Não estava nem um pouco satisfeito.

Para falar a verdade, embora fosse esta a expressão que ele usava mentalmente, sabia que ela subestimava em muito seus verdadeiros sentimentos. Não, não estava pouco satisfeito: estava furioso; e ainda mais porque não sabia qual o motivo que o punha furioso. A História? Os historiadores e os pesquisadores da História? Os planetas e as pessoas que criavam essa História?

Qualquer que fosse o alvo de sua fúria, isso fazia pouca diferença. O fato é que suas anotações eram inúteis, seus conhecimentos recém-adquiridos eram inúteis, tudo era inútil

Já fazia quase seis semanas que ele estava na Universidade. Tinha conseguido um terminal de computador desde o início, e ali tinha começado a trabalhar - sem instruções, usando apenas os instintos que tinha desenvolvido ao longo de anos de pesquisa matemática. Era um trabalho vagaroso e cheio de interrupções, mas havia um certo prazer em ir descobrindo pouco a pouco o caminho certo na direção das respostas que procurava.

Então, começou o curso ministrado por Dors, o qual lhe ensinou boa quantidade de truques operacionais, e lhe trouxe dois constrangimentos.

Primeiro foram os olhares de soslaio que os alunos do curso começaram a lançar em sua direção; pareciam incomodamente cônscios da diferença de idade de Seldon em relação a eles, e franziam a testa cada vez que Dors o tratava por "doutor".

- Apenas não quero que eles fiquem pensando - justificou-se Dors - que você é algum tipo de estudante profissional que resolveu agora dedicar-se à História.

- Penso que isso já ficou claro desde o início - retrucou ele.

- Basta me tratar apenas por "Seldon", agora.

- Não - disse Dors; e de repente sorriu. - Além do mais, gosto de chamá-lo "Dr. Seldon". Gosto de ver a cara que você faz.

- Você cultiva um humor sádico muito peculiar.

- Vai me negar esse direito?

A resposta provocou uma gargalhada em Seldon, A resposta mais óbvia da parte dela teria sido na linha do "não, nada disso" , o fato de que ela aceitasse sua brincadeira e a respondesse à altura causou-lhe prazer. Era como um jogo; e esse pensamento o conduziu a uma mudança de assunto.

- Vocês jogam tênis aqui na Universidade?

- Existem quadras, sim, mas eu não jogo.

- Ótimo. Posso ensinar-lhe, e faço questão de chamá-la professora Venabili.

- Você já me chama assim durante as aulas.

- Vai ficar surpresa ao ver como isso soa ridículo numa quadra de tênis.

- Posso até gostar

- Nesse caso, posso tentar descobrir alguma outra coisa de que você goste.

- Você cultiva um humor lúbrico muito peculiar

Ela havia colocado propositalmente a bola no ponto certo, e ele rebateu:

- Vai me negar esse direito?

Ela sorriu. Depois, saiu-se surpreendentemente bem na quadra de tênis.

- Tem certeza de que nunca jogou tênis antes? - perguntou ele, arquejante, após uma partida.

- Absoluta - respondeu Dors.

O outro constrangimento por que ele passou foi de ordem mais íntima. Depois de aprender as técnicas básicas de pesquisa histórica, ele sentiu-se enfurecer quando reavaliou suas primeiras tentativas de usar a memória do computador. A atitude mental requerida para isso era totalmente diversa da que se adotava ao estudar matemática. Algo igualmente lógico, uma vez que podia ser usado, de modo consistente e seguro, para se mover em qualquer direção que ele desejasse; mas era um ramo da lógica totalmente distinto daquele ao qual ele estava habituado.

Mas, com ou sem instruções, movendo-se aos saltos ou se arrastando, ele não conseguia chegar a resultado algum.

Seu aborrecimento começou a se refletir na quadra de tênis.

Dors atingiu muito rapidamente um ponto em que ele não precisava mais levantar bolas fáceis para que ela tivesse tempo de avaliar a distância e a trajetória. Isso o levou a esquecer que ela era ainda uma principiante, e ele passou a desabafar suas irritações em golpes violentos, rebatendo a bola na direção de Dors como se estivesse disparando um facho sólido de raio laser.

Dors veio caminhando até a rede e disse:

- Posso entender o motivo pelo qual você quer me assassinar ... deve ser irritante ver alguém perder tantas bolas seguidas. Mas desta vez você errou minha cabeça por mais de três centímetros, nem sequer me tocou. Não pode fazer melhor do que isto?

Seldon, alarmado, tentou explicar-se, mas conseguiu apenas balbuciar algumas frases incoerentes.

- Olhe aqui - continuou Dors -, não estou pronta para agüentar devoluções desse tipo. Acho melhor tomarmos um banho de chuveiro, e depois irmos para um lugar qualquer, tomar um chá ... e aí talvez você concorde em me dizer o que estava tentando assassinar. Já que não era eu, precisamos descobrir a verdadeira vítima, do contrário você será um parceiro perigoso demais para se ter do outro lado da rede.

Durante o chá ele disse:

- Dors, tenho examinado todo o material histórico possível; ainda não tive tempo para nenhuma análise mais profunda, estou apenas checando, examinando por alto. Mesmo assim, uma coisa me parece óbvia. Todos os filmes-livros abordam apenas um pequeno número de eventos.

- Eventos de importância fundamental. Eventos que fizeram a História.

- Isso é apenas desculpa. Eles copiam uns aos outros. Existem 25 milhões de mundos, e essas obras só mencionam de forma significativa uns 25, se tanto.

- Você está examinando História Galáctica em geral. Consulte a história específica de cada mundo. Em cada um deles, as crianças aprendem primeiro sua história local, antes mesmo de saber que estão cercados por uma grande Galáxia. Você mesmo deve saber mais sobre Helicon, hoje, do que provavelmente sabe sobre a ascensão de Trantor ou sobre a Grande Guerra Interestelar.

- Esse tipo de conhecimento também é limitado - disse Seldon, com desalento. - Conheço a geografia de Helicon, os relatos de sua colonização, as narrativas das malfeitorias e das violências do planeta Jennisek ... nosso inimigo tradicional, embora nossos professores tivessem o cuidado de recomendar o uso do termo "nosso antigo rival". Mas nunca aprendi nada sobre as contribuições prestadas por Helicon à História Galáctica.

- Talvez porque não haja nenhuma.

- Não seja tola. É claro que deve haver. O que talvez não tenha havido seja alguma grandiosa batalha espacial em que Helicon esteve envolvido, ou alguma revolução importante, ou tratados de paz. Talvez nenhum adversário do Império tenha chegado a montar uma base em Helicon. Mas tem que haver algum tipo de influência sutil. Nada pode acontecer, seja em que parte for, sem afetar todas as coisas restantes. No entanto, não consigo localizar nada que me seja útil. Veja bem, Dors. Em matemática, tudo pode ser achado no computador; tudo o que descobrimos ou que viemos a saber, em vinte mil anos. Mas em História não sucede assim. Os historiadores selecionam o que consideram importante, mas o fato é que todos acabam considerando importantes exatamente as mesmas coisas.

- Mas, Hari - disse Dors -, a matemática é uma invenção ordenada da mente humana. Cada passo é a decorrência lógica de outro. Existem definições e axiomas, e todos são conhecidos. É ... é como se tudo fosse formado numa única peça. Já a História é diferente, é o resultado inconsciente dos atos e

pensamentos de quatrilhões de seres humanos. Os historiadores têm que determinar o que é ou não relevante.

- Justamente - concordou Seldon -, mas preciso conhecer tudo o que constitui a História, se quiser formular as leis da psico-história.

- Nesse caso, você nunca vai poder formular essas tais leis.

Isso tinha sido na véspera. Agora, Seldon estava sentado na poltrona, em seu quarto, depois de mais um dia de esforço inútil, com as palavras de Dors ainda ecoando em seus ouvidos: "Nesse caso, você nunca vai poder formular essas tais leis."

Afinal, era isso mesmo que tinha pensado desde o princípio, e ainda estaria pensando da mesma forma, se não fosse pela convicção de Hummin de que ele estava errado, e do poder de persuasão de seu entusiasmo, que tinha acabado por contagiar Seldon.

Ele ainda não estava disposto a desistir, apesar de tudo. Tinha que haver uma saída.

O problema é que não conseguia pensar em nenhuma.

SUPERFÍCIE

TRANTOR - ... Quase nunca é representado visualmente como se visto do espaço. Há muito tempo, se impôs às mentes de toda a humanidade como um mundo fechado, e sua imagem típica é a da colmeia humana que existe por baixo das cúpulas. No entanto, há uma parte exterior, e ainda se conservam algumas holografias tiradas do espaço que nos fornecem visões em vários graus de detalhe (ver figuras nºs 14 e 15). Deve-se notar que a parte externa das cúpulas, por sobre a vasta cidade e a atmosfera que a envolve, é uma região referida naquela época como "a Superfície", e que ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

21.

Em todo caso, no dia seguinte Hari Seldon estava de volta à biblioteca. Por um lado, havia a promessa feita a Hummin. Prometera tentar, e não estava disposto a se envolver de modo apenas parcial nessa tentativa. Por outro, sentia-se devedor de alguma coisa a si mesmo. Detestaria admitir que tinha fracassado, ao menos enquanto podia convencer a si mesmo de que estava seguindo alguma pista promissora.

Assim, ele voltou a fitar a lista dos filmes-livros de referência que ainda não tinha examinado, tentando adivinhar naquele menu pouco apetitoso qual o título que poderia ter alguma remota possibilidade de lhe ser útil em alguma coisa. Estava prestes a decidir que a resposta era "nenhuma das alternativas", e já se resignava a escolher amostras de cada um, aleatoriamente, quando ouviu uma batidinha na parede do compartimento onde estava.

Erguendo os olhos, deu de cara com o rosto embaraçado de Lisung Randa a observá-lo através da abertura. Seldon o conhecia: tinham sido apresentados por Dors, e já haviam jantado juntos, em companhia de outras pessoas, diversas vezes.

Randa era professor-assistente de psicologia: um homem baixinho e roliço, com um rosto redondo e jovial, e um sorriso quase perpétuo. Tinha a pele pálida e os olhos estreitos, traços que podiam ser encontrados nos habitantes de

milhões de mundos. Seldon conhecia bem aquela aparência física, que era também a de muitos matemáticos ilustres, cujas holografias ele vira repetidas vezes; mas em Helicon jamais tinha encontrado pessoalmente um desses orientais. (Assim eram tradicionalmente chamados, embora ninguém soubesse por quê; e também se dizia que os próprios orientais não apreciavam essa denominação, embora também não se soubesse o motivo disso.)

"Existem milhões de nós aqui em Trantor", dissera Randa, sorrindo com desembaraço, quando Seldon, ao encontrá-lo pela primeira vez, não conseguira ocultar totalmente sua surpresa. "Você também vai encontrar uma grande quantidade de meridionais, que têm pele escura e o cabelo fortemente encaracolado. Já viu algum?"

"Não em Helicon", respondera Seldon.

"São todos ocidentais em Helicon, hem? Que coisa mais sem graça! Bem, não importa. Há lugar para todo mundo". (Seldon perguntou-se a si próprio por que, diabos, havia meridionais, orientais e ocidentais, mas nenhum tipo que fosse chamado "os setentrionais". Tinha até mesmo procurado resposta para isso durante as suas pesquisas bibliográficas, mas sem sucesso.)

Agora, o rosto bem-humorado de Randa o espreitava com um olhar cômico de preocupação. - Você está bem, Seldon?

- Claro. - Seldon o encarou. - Por que não estaria?

- Estou julgando a partir dos sons que ouvi, meu caro. Você estava gritando.

- Gritando?! - Seldon o fitou com uma expressão que ia de ofendida a incrédula.

- Não muito alto ... algo assim. - Randa rangeu os dentes e emitiu um som agudo e gutural que vinha do fundo da garganta. - Se eu estiver enganado, perdoe-me essa intrusão. Sinto muito.

Seldon abanou a cabeça.

- Não há o que perdoar, Lisung. Eu costumo fazer esse tipo de barulho de vez em quando, mas posso lhe assegurar que é algo totalmente inconsciente. Nunca chego a perceber.

- Mas ao menos sabe o motivo.

- Claro que sei. Frustração.

Randa chamou Seldon para perto de si e abaixou a voz.

- Estamos incomodando as pessoas. Vamos até o saguão antes que nos ponham para fora.

No saguão, enquanto tomavam drinques leves, Randa disse: - Posso indagar, só por uma questão de interesse profissional, o que o faz sentir-se frustrado?

Seldon encolheu os ombros.

- Por que motivo as pessoas se sentem frustradas, geralmente? Estou enfrentando um problema, e não tenho feito nenhum progresso.

- Mas você é um matemático, Hari. Por que motivo alguma coisa na biblioteca de História iria deixá-lo assim?

- E quanto a você? O que estava fazendo lá?

- Passei pela biblioteca para encurtar caminho, mas ia em outra direção ... até

que o ouvi gemendo. - Ele sorriu. - Como pode ver, o caminho agora ficou muito mais longo, mas em todo caso este é um encontro agradável.

- Eu bem gostaria de estar apenas passando por aquela biblioteca, mas o fato é que estou tentando resolver um problema matemático que requer alguns conhecimentos de História, e temo não estar me saindo muito bem.

Randa olhou para Seldon com uma expressão insolitamente séria, e disse:

- Peço-lhe mil perdões, mas vou correr o risco de ofendê-lo agora. Estive investigando a seu respeito nos computadores.

- Investigando a meu respeito! - Os olhos de Seldon se dilataram de surpresa, e ele sentiu uma imediata irritação invadi-lo.

- É, acho que o ofendi. Mas, sabe, tenho um tio que também é matemático. Você deve ter ouvido falar dele. Kiangtow Randa.

Seldon ficou sem fôlego.

- Você é parente desse Randa?

- Sim. Ele é o irmão mais velho de meu pai, e ficou um tanto decepcionado porque eu não lhe segui os passos, uma vez que ele não tinha filhos. Achei que ele talvez gostasse de saber que eu tinha feito amizade com um matemático, e de certa forma eu queria me gabar sobre você, se fosse possível, de modo que fui checar as informações que a biblioteca de matemática tinha a seu respeito.

- Ah, então era isto que você andava fazendo por aqui. Bem, não creio que tenha encontrado muito do que se gabar.

- Você se engana. Fiquei impressionado. Não entendi coisíssima alguma do tema de seus escritos, mas as referências a respeito deles me pareceram muito favoráveis. E quando chequei os arquivos mais recentes descobri que você esteve presente à Convenção Decenal este ano. Portanto ... poderia me explicar o que é "psico-história"? Não preciso dizer que as duas primeiras sílabas excitam minha curiosidade.

- Vejo que foi lá que você pescou essa palavra.

- A menos que eu esteja totalmente equivocado, pareceu-me que você é capaz de prefigurar o rumo da história futura.

Seldon assentiu com um gesto fatigado da cabeça.

- É mais ou menos isso que é a psico-história, ou pelo menos o que ela deveria ser.

- Mas é um estudo sério? - Randa estava outra vez sorridente. - Você não está apenas jogando varetas?

- Jogando varetas?

- Estou me referindo a um jogo das crianças em meu planeta natal, Hopara. O objetivo do jogo é, supostamente, prever o futuro, e se você é um garoto esperto pode conseguir bons resultados. Diga a uma mãe que a filha dela vai crescer, tornar-se uma linda moça e casar com um homem rico, e há grande probabilidade de você ganhar no mesmo instante uma fatia de bolo ou um meio-crédito. Ela não vai esperar para ver se a previsão se confirma; você é recompensado unicamente por ter dito o que disse.

- Sei como é. Mas não, não jogo varetas. A psico-história é apenas um estudo

abstrato. Estritamente abstrato. Não tem nenhuma aplicação prática, exceto ...

- Ah, era aí que eu queria chegar. As exceções são sempre a parte mais interessante.

- Exceto que eu gostaria muitíssimo de descobrir essa aplicação. Talvez, se eu conhecesse mais um pouco de História ...

- Então é por isso que está pesquisando História?

- Sim, mas isso não tem adiantado muito - disse Seldon com tristeza. - Existe História demais, e muito pouco dela chega a ser contado.

- E é isso o que o deixa frustrado? Seldon assentiu.

- Mas Hari, você só está aqui há algumas semanas.

- É verdade, mas já dá para perceber que ...

- Você não pode perceber coisa alguma em umas poucas semanas. Talvez você tenha que dedicar sua vida inteira para poder conquistar um pequeno avanço. Pode ser que sejam necessárias muitas gerações de matemáticos para poder abrir uma trilha nesse problema.

- Sei disso, Lisung, mas nem por isso me sinto melhor. Quero fazer eu mesmo algum progresso visível.

- Deixar-se perturbar por isso também não vai ajudá-lo nem um pouco. Mas, se isso pode fazê-lo sentir-se melhor, posso dar-lhe o exemplo de um assunto muito menos complexo do que a história humana, e um assunto que vem sendo estudado, sem resultado, há um tempo tão longo que nem sei como avaliar. Sei disso porque há um grupo trabalhando com isso aqui na Universidade, e um de meus amigos mais próximos está envolvido com ele. Você fala de frustração? Você não tem a menor idéia do que é sentir-se frustrado.

- Mas que assunto é esse? - Seldon começou a sentir a curiosidade a espicaçá-lo.

- Meteorologia.

- Meteorologia! - A resposta foi um anticlímax tão grande que Seldon ficou aborrecido.

- Não faça essa cara. Preste atenção. Todos os mundos habitados possuem uma atmosfera. Cada mundo possui sua própria composição atmosférica, sua própria escala de temperatura, sua própria relação entre rotação e translação, sua própria inclinação axial, sua própria distribuição de oceanos e massas continentais. O resultado é que temos 25 milhões de problemas diferentes, e ninguém até agora conseguiu encontrar uma generalização satisfatória.

- Isso é porque o comportamento de uma atmosfera entra com facilidade numa fase caótica. Todo mundo sabe disso.

- É o que diz meu amigo, Jenarr Leggen. Você o conheceu. Seldon procurou lembrar-se.

- Um sujeito alto? Nariz longo? Um que fala pouco?

- É esse mesmo. Bem, Trantor constitui um problema maior do que qualquer outro mundo. De acordo com os relatos, seu padrão meteorológico era bastante simples no início de sua colonização. Depois, com o crescimento populacional e o aumento de industrialização, passou a se consumir cada vez mais energia, e a se

descarregar cada vez mais calor na atmosfera. As calotas polares começaram a diminuir, as camadas de nuvens foram se tornando mais espessas, e o tempo começou a ficar cada vez pior. Isso encorajou as pessoas a desenvolver habitações subterrâneas, e pôs em movimento um círculo vicioso. Quanto mais o tempo piorava, mais eles escavavam a terra e construíam cúpulas, e o tempo ficava ainda pior. Agora, Trantor é um planeta quase constantemente nublado, e onde as chuvas são frequentes ... ou a neve, na época mais fria. O problema é que ninguém consegue encontrar uma racionalização satisfatória para esses fenômenos. Ninguém produziu ainda algum tipo de análise que explique por que a atmosfera se deteriorou exatamente dessa forma, ou que possa nos ajudar a predizer as suas f1utuações cotidianas.

Seldon encolheu os ombros. - Será isso tão importante?

- Para um meteorologista, sim. Então só você tem o direito de se sentir frustrado em seus projetos? Não seja chauvinista.

Seldon recordou o céu nublado e o vento gélido, no caminho para o Palácio Imperial. Perguntou:

- E o que está sendo feito a esse respeito?

- Há um grande projeto sendo desenvolvido aqui na Universidade, e Jenarr Leggen faz parte dele. Eles acham que se chegarem a compreender as mudanças atmosféricas de Trantor terão aprendido muita coisa sobre leis básicas de meteorologia geral. Leggen sonha com isso, tanto quanto você sonha com sua psico-história; e instalou uma incrível parafernália de instrumentos na Superfície ... você sabe, na parte superior das cúpulas. Até agora não tem adiantado muito. Mas o fato é que se já faz tanto tempo que se pesquisa a atmosfera e não se obtém resultado, como é que você pode se queixar de não ter conseguido nada com a história da humanidade em umas poucas semanas?

Seldon pensou que Randa tinha razão, e que era ele próprio que estava sendo pouco razoável. E no entanto ... no entanto ... Hummin diria que esse fracasso na abordagem dos problemas científicos era mais um sinal dos tempos de decadência que viviam. Talvez ele tivesse razão, mas o caso é que estava se referindo a uma decadência generalizada, e a uma avaliação média de seus efeitos. Seldon não sentia nenhum tipo de degenerescência mental em si próprio.

Perguntou, movido por um real interesse:

- Quer dizer que as pessoas caminham sobre as cúpulas, no espaço aberto lá de cima?

- Sim, na Superfície. É uma coisa engraçada ... a maior parte dos trantorianos nativos jamais o faria. Eles não gostam de ver a Superfície. Sentem vertigens, ou coisa semelhante. A maior parte dos que trabalham nos projetos de meteorologia é de estrangeiros.

Seldon olhou pela janela, viu os gramados e o jardinzinho do campus, brilhantemente iluminados, sem sombras, sem calor excessivo, e disse, pensativo:

- Acho que não posso censurar os trantorianos por gostarem tanto deste

conforto que se desfruta aqui dentro, mas não é possível que alguns deles não sintam curiosidade de subir à Superfície. Eu já estou sentindo.

- Gostaria de ver uma equipe de meteorologia em ação?

- Creio que sim. Como se vai à Superfície?

- Sem problema algum. Um elevador leva você até o alto, uma porta se abre, e pronto. Já estive lá. É ... diferente.

- Isso me ajudaria a me distrair um pouco da psico-história - suspirou Seldon. - Seria agradável.

- Por outro lado - disse Randa -, meu tio costuma dizer que todos os conhecimentos são em última análise um só, e talvez ele tenha razão. Talvez você aprenda algo sobre meteorologia que possa lhe ser útil na sua psico-história. Não é possível?

Seldon deu um sorriso débil.

- Oh, sim, existe muita coisa possível. E completou consigo mesmo: mas nem todas são praticáveis.

22.

Dors pareceu divertir-se. - Meteorologia?!

- Sim - disse Seldon. - Há uma missão marcada para amanhã, e vou subir com eles.

- Cansou-se da História? Seldon assentiu, carrancudo.

- Cansei. Uma mudança vai me fazer bem. Além disso, Randa diz que esse é um outro problema onde os dados são tão numerosos que não há como manipulá-los matematicamente, e talvez me faça algum bem ver que não sou o único a ter esse tipo de problema.

- Espero que você não sofra de agorafobia. Seldon sorriu.

- Não, não sofro, mas sei por que pergunta. Randa me disse que os trantorianos são freqüentemente agoráfobos e se recusam a subir à Superfície. Imagino que se sintam inseguros sem uma cobertura que os proteja.

Dors concordou.

- É uma explicação bem natural, mas também existem muitos trantorianos espalhados pelos outros mundos da Galáxia ... turistas, administradores, soldados. E a agorafobia também não é particularmente rara entre os estrangeiros .

- Está bem, Dors, mas eu não sofro de agorafobia. Sou um sujeito curioso, gosto de coisas diferentes, e amanhã estarei me juntando à equipe deles.

Dors hesitou.

- Eu devia ir com você, mas tenho uma agenda cheia amanhã. Em todo caso,

já que você não tem agorafobia, não deve haver nenhum problema, e provavelmente vai divertir-se. Ah, sim. Mantenha-se perto dos meteorologistas. Já ouvi falar sobre pessoas que se perderam lá em cima.

- Terei cuidado. E já faz muito tempo que não me perco, seja onde for.

23.

Jenarr Leggen era um homem sombrio. Não tanto pela cor de sua pele, que era bastante clara, nem mesmo pelas sobrancelhas, que eram escuras e espessas. Era mais pelo fato de que essas sobrancelhas se arqueavam sobre olhos profundamente encovados e um nariz longo e protuberante, o que lhe dava um ar de perpétua infelicidade. Seus olhos não sorriam, e quando ele falava, o que não acontecia com frequência, sua voz era grave e forte, com uma ressonância surpreendente para um corpo tão magro.

- Você vai precisar de roupas mais quentes do que essa aí, Seldon - disse ele.

- Oh - fez Seldon, olhando ao redor:

Havia dois homens e duas mulheres que se preparavam para subir juntamente com eles e, a exemplo de Leggen, suas finas vestes trantorianas estavam cobertas com grossos suéteres em cores vivas. Os desenhos eram ousados, e não havia dois modelos semelhantes.

Seldon olhou para si próprio e disse:

- Sinto muito, mas não sabia. Além do mais, acho que não tenho nenhuma roupa apropriada para isso.

- Posso lhe conseguir uma, se não me engano tenho aqui uma de reserva. Um pouco velha, mas é melhor do que nada. Aqui está. - Muito quentes esses suéteres - comentou Seldon. - Podem se tornar desconfortáveis.

- Aqui, sim - concordou Leggen. - Mas na Superfície as coisas são diferentes. Muito frio, muito vento. É pena que eu não tenha perneiras e botas sobrando, pode ser que você venha a precisar.

Estavam levando consigo um carrinho repleto de instrumentos, e naquele instante os outros membros do grupo os estavam testando de um em um, com uma meticulosidade que aos olhos de Seldon pareceu exagerada.

- Seu planeta é frio? - perguntou Leggen.

- Em algumas regiões - disse Seldon. - O lugar de onde venho tem um clima ameno, mas chove com frequência

- É pena. Talvez você estranhe um pouco a Superfície.

- Acho que posso agüentar durante o tempo que vamos passar lá.

Quando terminaram os preparativos, encaminharam-se para um elevador que ostentava a indicação: SOMENTE PARA USO OFICIAL.

- É porque ele conduz à Superfície - explicou uma das mulheres - e quem sobe até lá deve fazê-lo por alguma boa razão.

Seldon não a conhecia, mas tinha ouvido um dos homens do grupo chamá-la de Clowzia. Não sabia se se tratava de nome, sobrenome ou apelido.

O elevador não era diferente dos que Seldon conhecia, em Helicon ou em Trantor (à exceção, claro, do elevador gravitacional que tinha usado com Hummin); mas o fato de saber que ele o estava levando para uma das partes mais inacessíveis do planeta, no espaço vazio sobre suas cabeças, deu a Seldon a impressão de estar entrando numa espaçonave.

Sorriu consigo mesmo. Uma fantasia boba.

O elevador sacolejava um pouco, e isso trouxe mais uma vez à mente de Seldon os prognósticos de Hummin sobre a decadência do Império. Leggen, juntamente com os outros homens e uma das mulheres, mantinha-se imóvel, à espera; era como se todos se tivessem desligado momentaneamente durante o trajeto. Clowzia, por outro lado, olhava para Seldon com evidente interesse.

Seldon inclinou-se e falou baixinho para ela (não queria perturbar o silêncio reinante):

- Estamos indo muito alto?

- Alto? - repetiu ela. Falou num tom de voz normal, como se não se sentisse constrangida em quebrar o silêncio. Parecia muito jovem, e Seldon pensou que era provavelmente uma estudante não graduada. Uma estagiária, talvez.

- Estamos demorando muito - disse ele. - Pelo que vejo, a Superfície deve ficar a uma altura de muitos andares.

Durante um instante, ela pareceu confusa, mas logo respondeu: - Oh, não. Não é que fique muito alto. Nós é que estamos saindo de uma região muito profunda. A Universidade fica a uma profundidade muito grande. Nosso consumo de energia é imenso, e a essa profundidade os custos energéticos são menores.

- Chegamos - disse Leggen. - Vamos retirar o equipamento. O elevador parou com uma ligeira oscilação, e a larga porta deslizou para o lado. A temperatura caiu bruscamente, fazendo Seldon enfiar as mãos nos bolsos e sentir-se grato por estar vestindo aquele suéter. Um vento gelado agitava seus cabelos, e ele pensou que um chapéu seria algo bem-vindo; como se estivesse lendo seus pensamentos, Leggen puxou algo de dentro do suéter, desdobrou-o e o colocou na cabeça. Os outros fizeram o mesmo.

Somente Clowzia hesitou, antes de colocar o seu, e o ofereceu a Seldon Ele recusou com um gesto.

- Não posso ficar com seu chapéu, Clowzia.

- Ora, o que é isso. Meu cabelo é longo, e muito espesso. Muito mais do que o seu, o seu é um pouco ... escasso.

Em outras circunstâncias Seldon reagiria com firmeza àquele adjetivo; mas naquele momento tudo O que pôde fazer foi pegar o chapéu e grunhir:

- Obrigado. Se sentir frio, pode pedi-lo.

Talvez ela não fosse tão jovem assim, talvez fosse apenas o seu rosto arredondado que lembrava o de uma criança. E agora que tinha chamado a

atenção para seu cabelo, Seldon reparou que ele tinha uma tonalidade avermelhada, algo que ele jamais vira em Helicon.

Do lado de fora, o céu estava carregado, lembrando a Seldon o dia em que tinha sido conduzido ao Palácio Imperial. O ar estava mais frio, mas Seldon pensou que isso se devia ao fato de que seis semanas se tinham passado, e o inverno estava muito mais próximo. As nuvens eram mais espessas do que da outra vez, o céu estava mais escuro, com ar ameaçador - ou talvez fosse porque faltasse pouco tempo para anoitecer. Certamente alguém não subiria à Superfície para fazer um trabalho importante sem dispor de luz do dia por tempo suficiente; mas talvez eles esperassem se desincumbir rapidamente de suas tarefas.

Seldon considerou que devia ter perguntado antes, mas agora não era o momento mais adequado: os meteorologistas estavam todos ocupados, e suas reações variavam de excitação a aborrecimento.

Seldon examinou os arredores.

Estava de pé sobre o que lhe pareceu uma superfície de metal fosco, a julgar pelo som que se produziu quando ele discretamente bateu com os pés sobre ela. Não era metal descoberto, no entanto, pois ao caminhar ele deixava pegadas. A superfície estava visivelmente recoberta pelo que parecia poeira, areia, argila fina.

E por que não? Ninguém iria subir diariamente até ali para passar um aspirador de pó. Seldon abaixou-se e tomou aquela poeira entre os dedos, cheio de curiosidade.

Clowzia aproximou-se e, notando o que ele fazia, disse, com o tom de voz de uma dona-de-casa que pede desculpas:

- Limpamos esta parte aqui, por causa dos instrumentos. No restante da Superfície é muito pior, mas não tem importância. Vira uma camada isolante, entende?

Seldon respondeu com um grunhido e continuou olhando ao redor. O chão estava coberto de instrumentos incompreensíveis, que pareciam ter brotado como plantas no solo raso (se é que aquilo podia receber este nome). Seldon não tinha a menor idéia do que eram ou para que serviam.

Leggen vinha andando em sua direção. Erguia os pés e os pousava de novo no chão com todo cuidado, certamente para não perturbar os instrumentos. Seldon fez uma anotação mental para caminhar da mesma forma.

- Você aí! Seldon!

O tom de voz não era muito agradável, e ele replicou com frieza:

- Sim, Dr. Leggen?

- Oh, está bem. Dr. Seldon. - A voz era impaciente.

Aquele sujeito, o Randa, disse que você é um matemático. - Isso mesmo.

- Um bom matemático?

- Gostaria de dizer que sim, mas isso é algo difícil de garantir.

- E está interessado em problemas insolúveis?

- Estou mergulhado num - respondeu Seldon com fervor.

- Eu também. Bem, você está livre para examinar o que quiser por aí. Se tiver alguma pergunta, a nossa estagiária, Clowzia, pode ajudá-lo. E talvez você possa também nos ajudar.
- Gostaria muito, mas não entendo nada de meteorologia.
- Não há problema, Seldon. Quero apenas que você observe as coisas com atenção, e depois podemos conversar a respeito da matemática que eu emprego neste trabalho.
- Estou à sua disposição.
Leggen virou-se para ir embora, mas ainda encarou Seldon mais uma vez, o rosto sempre carrancudo.
- Se você ficar com muito frio, a porta do elevador está aberta.
Basta entrar e apertar o botão que diz UNIVERSIDADE. Ele o levará até embaixo e depois retomará automaticamente até aqui. Se esquecer, Clowzia pode ajudá-lo.
- Não vou esquecer.
Desta vez Leggen partiu e Seldon ficou vendo-o afastar-se sentindo as rajadas gélidas do vento atravessarem como lâminas o tecido do suéter. Clowzia veio andando na sua direção, o rosto avermelhado pelo vento.
- O Dr. Leggen parece aborrecido - disse Seldon. - Ou ele é assim o tempo todo?
Ela deu uma risada.
- Ele parece aborrecido a maior parte do tempo, mas agora está aborrecido mesmo.
- Por quê? - indagou Seldon com naturalidade.
Clowzia olhou por sobre o ombro, e esse gesto fez ondular seu cabelo.
- Não é nada que me diga respeito, mas mesmo assim sei do que se trata. O Dr. Leggen tinha previsto que hoje, exatamente a esta hora, as nuvens iriam se dissipar, e ele contava com isso para fazer umas medições à luz do sol. Só que ... bem, olhe como está o céu.
Seldon assentiu com um gesto, e ela continuou:
- Temos um circuito de holovisão aqui em cima portanto ele sabia que o tempo estava nublado, mais do que o habitual; mas imagino que ele estava atribuindo isso a alguma falha dos instrumentos, e não a um erro em suas previsões. Mas até agora não acharam nada com defeito.
- Então é por isso que ele está com essa cara infeliz.
- Feliz ela não é nunca.
Seldon deu uma olhada de soslaio ao redor. A despeito das nuvens, a luminosidade era intensa. Ele percebeu que a superfície sob seus pés não era horizontal: estava de pé sobre uma cúpula achatada, e quando olhou à distância vislumbrou outras cúpulas em todas as direções, cada uma com altura e largura diferentes.
- A Superfície parece bem irregular - comentou ele.
- Em sua maior parte, eu acho. É assim que foi feito.
- Alguma razão especial para isso?

- Creio que não. O que me explicaram (quando vim até aqui e fiz a mesma pergunta que você acabou de fazer) foi que originalmente o povo de Trantor costumava recobrir de cúpulas as suas arenas de esportes, centros de comércio, praças, coisas desse tipo; depois passaram a fazer isso com cidades inteiras, de modo que logo havia um grande número de cúpulas lado a lado, com alturas e formatos diferentes. Quando foram todas se unindo, as pessoas decidiram que estava bem assim, e assim ficou.

- Quer dizer que algo que se deu de um modo assim, totalmente acidental, pode chegar a ser encarado como tradição?

- Bem, se é assim que você vê a coisa, sim, acho que sim. (Se algo que se formou acidentalmente pode chegar a ser encarado como uma tradição quase inviolável, pensou Seldon, então isso pode ser considerado como uma das leis da psico-história? Parecia algo trivial, mas quantas outras leis assim, igualmente triviais, poderia haver? Um milhão? Um bilhão? Haveria um pequeno número de leis gerais a partir das quais essas leis triviais pudessem ser derivadas, como corolários? Como era possível saber? Por alguns minutos, perdido em pensamentos, ele quase esqueceu o vento cortante que o fustigava.)

Clowzia, no entanto, não esquecera o vento, porque num dado momento estremeceu e disse:

- Tempo horrível. Lá embaixo é muito melhor.

- Você é trantoriana?

- Sim.

Seldon recordou O comentário de Randa sobre a agorafobia dos trantorianos, e perguntou:

- Não se sente mal aqui em cima?

- Detesto isto aqui - disse Clowzia. - Mas preciso terminar meu curso, conseguir minha especialização e um bom trabalho; e o Dr. Leggen diz que sem pesquisa de campo isso será impossível. E aqui estou eu, odiando isto, principalmente quando está frio como agora. Com um frio assim, ninguém poderia supor que existe algum tipo de vegetação aqui no alto, não é?

- Vegetação? Está brincando.

Seldon lançou um olhar penetrante para Clowzia, suspeitando de algum tipo de piada à custa de um estrangeiro; tinha ela uma expressão totalmente inocente, mas até que ponto isso correspondia à realidade, ou era apenas causado pelo seu rosto de criança?

- Falo sério - disse ela. - Até mesmo aqui por perto, quando a temperatura está mais quente. Já reparou no solo? Nós limpamos esta área ao redor por causa dos instrumentos, como já expliquei, mas em outros pontos a terra se acumula, e chega a ser particularmente profunda nas depressões que se formam quando duas cúpulas se unem. E ali crescem plantas.

- Mas de onde vem a terra?

- Quando as cúpulas cobriam apenas partes do planeta, o vento depositava poeira sobre elas, aos poucos. Depois, quando Trantor já estava todo coberto e se expandia cada vez mais para o subsolo, a terra escavada era trazida aqui para

cima, quando era adequada para isso, e espalhada sobre as cúpulas.

- O peso não as afetaria?

- Oh, não, as cúpulas são muito fortes, e têm apoios internos por toda parte. De acordo com um filme-livro que vi certa vez, a intenção inicial era fazer plantações na Superfície, mas acabaram descobrindo que seria muito mais prático fazê-lo no interior das cúpulas. O fermento e as algas também poderiam ser cultivados embaixo, aliviando um pouco as colheitas convencionais, de modo que acabaram deixando a Superfície entregue a si mesma. Há animais na Superfície, também ... borboletas, abelhas, ratos, coelhos. Uma porção deles.

- As raízes das plantas não danificam as cúpulas?

- Até agora não, e estão aí há milhares de anos. As cúpulas recebem um tratamento especial para repelir as raízes. A maior parte da vegetação é composta de relva, mas também existem árvores. Você poderia vê-las se estivéssemos no verão, ou um pouco mais ao sul, ou a bordo de uma espaço nave. - Clowzia lançou para ele um rapidíssimo olhar oblíquo. - Você não viu Trantor, quando vinha descendo do espaço?

- Tenho que confessar que não, Clowzia. A hiper-nave nunca parecia estar na posição ideal para isso. E você? Já viu Trantor do espaço?

Ela deu um sorriso débil. - Nunca fui ao espaço.

Seldon voltou a olhar em torno. Tudo cinzento até onde a vista alcançava.

- Ainda não consigo acreditar - disse ele. - Estou me referindo à vegetação, claro.

- É verdade, no entanto. Já ouvi pessoas dizerem ... estou me referindo a estrangeiros, como você, que viram Trantor do espaço ... que o planeta é verde, porque é coberto por relva e arbustos rasteiros. Também existem árvores, conforme já lhe disse. Existe um pequeno bosque, não muito longe daqui. Jó o vi uma vez. Árvores com seis metros de altura.

- Onde?

- Não dá para ver daqui. É do lado oposto de uma das cúpulas, acho que ...

Ouviu-se um chamado à distância; Seldon só então reparou que eles vinham caminhando enquanto conversavam, e estavam agora a uma certa distância dos demais.

- Clowzia! - chamou alguém. - Venha aqui, estamos precisando de você.

- Estou indo! - respondeu ela. - Com licença, Dr. Seldon, mas preciso ir agora.

Ela correu de volta, tentando pisar com suavidade apesar do peso de suas botas forradas.

Seria tudo piada?, pensou Seldon. Estaria ela apenas se divertindo à custa de um forasteiro, com uma porção de histórias fantasiosas? Coisas desse tipo sempre aconteciam, em qualquer mundo, em qualquer tempo. Seu ar de transparente honestidade também não servia como garantia: especialistas em pregar peças costumavam cultivar exatamente esse tipo de imagem.

Árvores com seis metros de altura ... ali, na Superfície? Sem pensar duas vezes, Seldon caminhou na direção da cúpula mais alta que se via no horizonte. Balançou os braços ao caminhar, para ativar a circulação, mas seus pés já

estavam bastante frios.

Clowzia não tinha apontado em nenhuma direção; bem que poderia tê-lo feito, para dar-lhe alguma pista sobre a localização do tal bosque. Por que não o fizera? Bem, talvez porque não tivesse tido tempo.

As cúpulas eram bem mais largas do que altas, o que era um alívio, pois de outro modo a caminhada ali seria muito mais difícil. Por outro lado, a suave inclinação significava que ele teria que andar um bom pedaço antes de atingir o topo de uma cúpula e poder olhar ao redor.

Por fim ele atingiu o alto, e pôde avistar o lado oposto da cúpula que estivera escalando. Olhou para trás a fim de certificar-se quanto à posição dos meteorologistas e de seus instrumentos. Estavam a boa distância, num vale afastado, mas Seldon podia avistá-los com clareza. Tudo bem, então.

Dali não podia avistar nenhum bosque, nem árvores, mas havia uma depressão que serpenteava entre duas cúpulas. De ambos os lados dessa espécie de desfiladeiro, o solo era mais compacto, e havia ocasionais manchas verdes que poderiam ser de musgo. Se ele seguisse ao longo daquela fenda, e ela se tornasse mais profunda, e o solo suficientemente espesso, talvez pudesse encontrar árvores mais adiante.

Olhou para trás, tentando estabelecer mentalmente alguns pontos de referência, mas tudo o que se avistava eram as curvas das cúpulas a subir e descer. Hesitou um pouco, lembrando-se da advertência de Dors sobre o risco de se perder; o que tinha parecido naquele instante um conselho supérfluo fazia muito sentido agora. Em todo caso, parecia-lhe claro que o tal desfiladeiro podia ter a mesma utilidade de uma estrada; se ele o seguisse até uma certa distância, tudo o que tinha de fazer depois era refazer o trajeto, e estaria de volta ao ponto onde se achava.

Caminhou a passos largos e decididos, seguindo a curvatura descendente da cúpula. Um rumor surdo vinha do céu, mas ele não lhe deu maior atenção. Tinha decidido que queria avistar aquelas árvores, e essa era a única coisa importante para ele naquele momento.

O musgo ia se tornando cada vez mais espesso, e se espalhava pelo chão como um verdadeiro tapete; havia tufos de relva aqui e ali. Apesar da desolação que reinava na Superfície, o musgo era de um verde brilhante, e ocorreu a Seldon que num planeta nublado como aquele a quantidade de chuva devia ser considerável.

A fenda continuava seguindo numa curva suave, e de repente, exatamente sobre outra cúpula, Seldon avistou uma mancha escura de encontro a superfície cinza, e percebeu que tinha achado as árvores.

Nesse instante, como se a visão das árvores tivesse liberado sua mente para prestar atenção em outras coisas, ele voltou a perceber o rumor surdo que vinha escutando há algum tempo, e que distraidamente tinha atribuído a algum tipo de maquinaria. Só então pensou: mas, que maquinaria?

Ora, por que não havia de ser? Ele estava de pé sobre uma das milhares de cúpulas que recobriam centenas de milhões de quilômetros quadrados do

planeta-cidade. Havia todos os tipos imagináveis de máquinas sob aquelas cúpulas - motores de ventilação, para dar só um exemplo. Talvez seu ruído pudesse ser escutado, num lugar e num momento em que não houvesse outro tipo de ruído.

Só que o ruído não parecia vir do chão. Seldon ergueu os olhos para o céu lúgubre e indistinto. Nada.

Continuou a esquadrinhar o espaço com a vista, enquanto rugas se formavam entre seus olhos, e então, lá, ao longe ...

Era apenas um pequeno ponto negro destacando-se de encontro ao céu cinzento. Fosse o que fosse, movia-se como se estivesse procurando se orientar; e um instante depois foi novamente oculto pelas nuvens.

Nesse instante, sem nem saber por quê, Seldon pensou: estão à minha procura.

E antes mesmo de poder avaliar qual devia ser sua atitude, ele escolheu uma. Correu, correu desesperadamente ao longo da fenda, na direção das árvores, e na tentativa de atingi-las mais rapidamente virou para a esquerda e escalou uma cúpula menor, embarafustando através do mato rasteiro, fetos ressequidos, arbustos espinhosos e pequenos frutos avermelhados.

24.

Seldon arquejou de encontro a uma árvore, agarrando-se a ela, colando a ela o seu corpo. Olhou o céu à procura do objeto voador, para saber sua posição exata e poder ocultar-se do lado oposto do tronco, como um esquilo.

A árvore estava gelada, sua casca era áspera e desagradável ao toque - mas podia servir de abrigo. Claro que não seria suficiente, caso eles o estivessem procurando com o auxílio de um sensor térmico, mas Seldon teve esperança de que aquele tronco gelado pudesse ajudar a confundir os sinais.

Sob os seus pés, o solo era duro e espesso. Mesmo num momento como aquele, em que tentava avistar seus perseguidores ao mesmo tempo em que evitava ser visto por eles, Seldon não pôde deixar de pensar na profundidade que aquele solo devia ter, no imenso tempo que devia ter levado para se acumular, e em quantas cúpulas nas regiões mais quentes de Trantor deviam suportar florestas inteiras sobre si; pensou também se as árvores cresciam de preferência nas fendas por entre as cúpulas, deixando a parte superior destas para o musgo, a relva e os arbustos menores.

Conseguiu avistá-lo novamente. Não era uma hiper-nave, nem mesmo um aerojato: era um íon-jato. Ele podia ver o débil clarão dos íons que brotavam dos vértices de um hexágono, neutralizando a atração gravitacional e permitindo que

as asas mantivessem o veículo pairando no ar como um enorme pássaro. Era um veículo capaz de planar e de efetuar a exploração de um território.

Seldon notou que tinha sido salvo pelas nuvens. Mesmo se as pessoas a bordo estivessem usando sensores térmicos, estes indicariam apenas que havia alguém lá embaixo. O íon-jato teria que arriscar um mergulho abaixo da camada de nuvens para poder verificar quantas pessoas havia, e se alguma delas seria o indivíduo que estavam procurando.

O íon-jato estava mais próximo agora, e não podia permanecer oculto a Seldon. O ruído dos motores denunciava sua posição e os tripulantes não podiam desligá-los enquanto prosseguissem na sua busca. Seldon conhecia bem os íon-jatos: em Helicon ou em outros mundos abertos, onde o céu ficava limpo com frequência, eles eram um meio de transporte bastante comum, inclusive para uso particular.

Qual poderia ser a utilidade de um íon-jato em Trantor, onde toda a vida humana transcorria abaixo das cúpulas, e onde o céu era eternamente coberto por um colchão de nuvens? Qual, senão a de funcionar como veículos privativos dos órgãos de segurança do governo, com a função de localizar pessoas extraviadas na Superfície ... ou atraídas para lá?

Por que não? As forças do governo não podiam ter acesso ao território da Universidade, mas o lugar onde estava Seldon não pertencia a esse território. Ele estava na parte externa das cúpulas, uma região que devia estar fora da jurisdição de qualquer autoridade meramente local. Um veículo imperial podia ter o direito de pousar em qualquer trecho da Superfície e inquirir ou deter qualquer pessoa que fosse localizada ali. Hummin não lhe dissera nada a respeito, mas talvez essa idéia não lhe tivesse ocorrido.

O íon-jato estava cada vez mais próximo, esquadrinhando o terreno feito fera farejando sua presa. Iriam examinar mais de perto aquele grupo de árvores? Iriam aterrissar, e mandar até ali um ou dois guardas armados, para vasculhar cada moita e cada arbusto?

Se isso acontecesse, o que poderia ele fazer? Estava desarmado, e toda a sua técnica de luta corporal seria inócua diante da dor lancinante provocada por um neuro-chicote

O veículo, no entanto, não fazia menção de pousar. Ou não tinham considerado seriamente aquele pequeno bosque, ou ...

Uma nova idéia assaltou a mente de Seldon. E se aquilo, afinal de contas, não fosse um veículo patrulha? E se ele fizesse parte das experiências dos meteorologistas? Era mais do que admissível que experiências meteorológicas também envolvessem testes realizados nas camadas mais altas da atmosfera.

Estaria fazendo papel de idiota?

O céu estava mais escuro. As nuvens se adensavam ou, o que era mais provável, a noite começava a cair.

Estava cada vez mais frio, e tudo indicava que a temperatura continuaria a baixar. Devia ele permanecer ali, congelando, só porque um inofensivo íon-jato tinha passado por perto e ativado um sentimento paranoico que ele jamais

experimentara antes? Teve um súbito impulso de abandonar o bosque e retornar à estação meteorológica.

Pensando bem, como poderia o homem que Hummin tanto temia - Eto Demerzel - adivinhar que Seldon estaria vagando pela Superfície justamente naquela hora, pronto para ser apanhado?

Durante alguns instantes, esses argumentos pareceram irrefutáveis e, tremendo de frio, Seldon começou a afastar-se das árvores.

Mas voltou correndo para lá, quando o veículo reapareceu, muito mais próximo do que antes. Seldon não o tinha visto fazer nada que se assemelhasse a alguma atividade meteorológica, que certamente envolveria tarefas como testes, medições, coleta de amostras. E, se essas coisas estivessem sendo feitas, seriam visíveis a um observador externo? Ele não tinha idéia do tipo de instrumentos que poderia haver lá dentro, ou de como funcionavam. Se aquele veículo estivesse de fato efetuando pesquisas, ele nunca teria como se certificar; em vista disso, como poderia se arriscar a ser visto em campo aberto?

E se Demerzel soubesse de sua ida à Superfície pelo simples fato de que agentes seus, infiltrados na Universidade, o tinham prevenido dos planos de Seldon? Lisung Randa, o simpático e sorridente oriental, tinha sugerido sua ida até lá. Para falar a verdade, tinha sugerido com uma certa insistência, e além disso o assunto não tinha surgido naturalmente na conversa, ou pelo menos não com bastante naturalidade. Seria Randa o agente imperial que teria dado o aviso a Demerzel?

E também havia Leggen, que lhe dera aquele suéter para vestir. Por que não lhe dissera nada a respeito com antecedência, para que ele pudesse providenciar as próprias roupas? Havia algo de especial no suéter que ele agora estava usando? Era totalmente de cor púrpura, enquanto que os dos outros membros da equipe seguiam o estilo trantoriano de padrões entrecruzados em diferentes cores. Quem quer que olhasse para o solo, de uma altura razoável, veria uma mancha avermelhada em movimento, misturada a outras de cores mais claras, e saberia imediatamente a quem perseguir.

E quanto a Clowzia? Para todos os efeitos, ela estava ali na Superfície para cumprir um estágio e ajudar os meteorologistas; como explicar a sua atitude, dirigindo-se espontaneamente a ele, um estranho, puxar conversa, e depois afastá-lo habilmente do lugar onde estavam os outros, de forma a que ele pudesse ser caçado com mais facilidade?

E, pensando bem, o que dizer de Dors Venabili? Ela sabia de sua ida à Superfície. Não tinha feito nada para dissuadi-lo. Devia tê-lo acompanhado, mas por coincidência estava cheia de compromissos.

Era uma conspiração. Claro que era uma conspiração. Àquela altura já estava plenamente convencido, e nem pensava mais em abandonar seu refúgio sob as árvores. (Seus pés já pareciam dois blocos de gelo, de nada adiantava sapatear no chão). Aquele íon-jato nunca mais iria embora?

No momento em que pensou isso o zumbido dos motores se tornou mais intenso e agudo, e o veículo elevou-se até as nuvens, sumindo logo em seguida.

Seldon apurou o ouvido, atento para captar o menor barulho, até ter certeza de que o íon-jato tinha de fato sumido. Mesmo depois de ter certeza ainda pensou que talvez aquilo não passasse de um estratagema para fazê-lo deixar seu esconderijo, e permaneceu onde estava, enquanto os minutos se arrastavam lentamente e a noite continuava a cair

Finalmente, quando percebeu que se não abandonasse seu abrigo acabaria congelando começou a caminhar, afastando-se pouco a pouco da proteção fornecida pelas árvores.

Pensando bem, era um crepúsculo particularmente sombrio; eles não seriam capazes de localizá-lo senão com a ajuda de um sensor-térmico, mas em todo caso ele ouviria o motor do íon-jato se aproximando. Parou a certa distância do bosque, contando os segundos, pronto para ocultar-se novamente ao escutar o menor ruído - embora não soubesse de que poderia adiantar isso, caso sua presença fosse detectada.

Olhou ao redor. Se fosse ao encontro dos meteorologistas poderia ver as luzes artificiais que eles certamente tinham, mas a não ser por elas não devia haver nenhum outro tipo de luz. Sua vista ainda alcançava uma certa distância, mas dentro de uns quinze minutos, meia hora no máximo, seria impossível. Sem uma lanterna, e com aquele céu de chumbo sobre sua cabeça, estaria numa total escuridão.

Amedrontado pela perspectiva de se perder do meio das trevas, Seldon percebeu que teria de encontrar o caminho de volta para a fenda por onde viera, e refazer seu trajeto, o mais rapidamente possível. Com os braços fortemente apertados ao peito para resguardar o calor do corpo, ele partiu na direção de onde supunha ter vindo.

É claro que devia haver uma certa quantidade de fendas semelhantes entre as cúpulas que se erguiam nas proximidades; mas de um modo ou de outro ele julgou reconhecer alguns arbustos de frutos rasteiros pelos quais tinha passado, e que agora pareciam negros, em vez de vermelhos. Não podia perder tempo. Tinha de acreditar que estava certo. Quando a fenda no terreno surgiu diante de seus olhos ele penetrou por ela, caminhando o mais rápido que podia, orientando-se pela pouca luz que restava e pela vegetação que se enroscava em seus pés.

Mas não iria permanecer Indefinidamente no interior daquela abertura. Quando viera, ele tinha descido a encosta da mais alta das cúpulas que havia nos arredores, e tinha chegado à fenda seguindo um trajeto que ficava em ângulo reto em relação a ela. Pelo seu raciocínio, teria agora que virar à direita, depois virar de vez à esquerda, e isso o colocaria na direção da cúpula onde estavam os meteorologistas.

Depois que virou à esquerda, Seldon ergueu a cabeça e, com dificuldade, vislumbrou a curva de uma cúpula que se delineava à sua frente, de encontro aos derradeiros vestígios de luz que havia no céu. Tinha de ser aquela!

Ou ele estaria apenas se forçando a acreditar?

Não lhe restava outra alternativa senão achar que estava no caminho certo.

Mantendo os olhos fitos no topo da cúpula, para não se desviar de um trajeto razoavelmente reto, ele começou a escalada, caminhando com determinação e rapidez. À medida que se aproximava, a silhueta da cúpula contra o céu se tornava mais e mais indistinta. Se não estivesse errado, dali a pouco ele terminaria de subir a suave inclinação e começaria a andar sobre uma superfície praticamente achatada, de onde poderia avistar o lado oposto e ver as luzes dos meteorologistas.

Já estava escuro como breu, e ele já não conseguia avistar o que havia à sua frente. Desejou que houvesse ao menos algumas estrelas para fornecer um pouco de luz, e imaginou que aquela devia ser a sensação de ser cego. Agitou os braços à frente do rosto, como um inseto agita suas antenas.

O frio aumentava a cada minuto, e de quando em quando ele bafejava sobre as mãos para aquecê-las, e depois as enfiava sob as axilas. Lamentou não poder fazer o mesmo com os pés. Começou a pensar que poderia começar a chover; mas se houvesse precipitação seria com certeza de neve; ou, pior ainda, de geada.

Para a frente ... para a frente ... era tudo o que ele podia fazer. Num dado momento, começou a ter a sensação de estar caminhando numa descida. Ou a ansiedade o estava enganando ou já tinha ultrapassado a parte mais alta da cúpula.

Parou. Se tinha chegado ao alto da cúpula, já devia ser capaz de enxergar as luzes da estação de meteorologia. Haveria as lanternas conduzidas pelos cientistas, cintilando, movendo-se em várias direções como vaga-lumes.

Seldon cerrou com força os olhos para acostumá-los ainda mais à escuridão, e depois tentou novamente, sem sucesso. Fechar os olhos não tornava a treva mais intensa do que com eles abertos; abri-los não lhes trazia a menor quantidade de luz.

Talvez Leggen e os outros já tivessem ido embora, levado consigo as lanternas, desligado os instrumentos. Talvez ele tivesse galgado a cúpula errada. Ou talvez seu trajeto ao escalar a cúpula tivesse descrito uma curva, de modo que estaria agora olhando numa direção equivocada. Ou talvez tivesse escolhido uma outra fenda no terreno, e durante todo o tempo não fizera mais do que se afastar do local para onde pretendia seguir.

O que fazer, então?

Se estivesse olhando na direção errada, então havia uma chance de avistar alguma luz caso olhasse à direita ou à esquerda: mas não havia nenhuma. Se tivesse entrado por uma fenda diferente daquela que percorrera antes, então não havia a menor possibilidade de retomar agora ao bosque e localizar a fenda correta.

Sua única chance estava em pressupor que estava olhando na direção certa, e que a estação meteorológica ficava mais ou menos à sua frente - só que àquela altura os cientistas já a teriam abandonado e ela estaria às escuras.

A solução era seguir em frente. Suas chances eram poucas, mas não havia outra escolha.

Ele avaliou que teria gasto cerca de meia hora para caminhar da estação meteorológica até o topo da cúpula, tendo ido em companhia de Clowzia até uma certa altura, mais perambulando do que caminhando a passo regular. Agora, ia a passos largos, apesar da esmagadora escuridão.

Continuou seguindo adiante, e em dado momento ocorreu-lhe que gostaria de saber que horas seriam, mas ali, na escuridão ...

Ele estacou. Ora, estava usando no pulso um crono-visor trantoriano, que informava o Tempo-Padrão Galáctico (como todos os crono-visores), bem como a hora local de Trantor. Os crono-visores heliconianos eram fosforescentes, e podiam ser consultados na escuridão de um quarto de dormir; por que não os trantorianos?

Com uma relutante apreensão ele tocou o ponto de contato que acionaria a fonte de luz do crono-visor O mostrador deste emitiu um brilho fraco, mas suficiente para mostrar o tempo: 18:47. Para que já fosse noite fechada, pensou Seldon, deviam estar em pleno inverno. Mas ... há quanto tempo teria ocorrido o solstício? Qual seria o grau de inclinação do eixo do planeta? Qual a duração do ano? A que distância do equador estava ele naquele instante? Seldon não tinha a menor condição de responder, no momento, aquelas perguntas; mas o que importava era que aquele débil cintilar de luz era visível.

Ele não estava cego! De algum modo, o brilho do mostrador de seu crono-visor lhe trouxe uma esperança renovada.

Seu ânimo se fortaleceu. Decidiu continuar marchando na mesma direção, durante uma meia hora. Se nada encontrasse, prosseguiria durante cinco minutos, não mais do que isso. Se não obtivesse nenhum resultado, pararia para pensar. Se isso acontecesse, em todo caso, seria daí a 35 minutos. Até então ele se concentraria unicamente no ato de caminhar e de fazer o possível para manter o corpo aquecido. (Ele agitou vigorosamente os dedos dos pés, e verificou que ainda os sentia.)

Caminhou para a frente, com dificuldade. Meia hora se passou. Ele fez uma pausa e depois, vacilante, prosseguiu durante mais cinco minutos.

Agora, teria que tomar uma decisão. Não tinha encontrado coisa alguma. Ele podia estar em qualquer parte, muito, muito distante de qualquer passagem para o interior das cúpulas. Ou então poderia estar a apenas três metros à esquerda (ou à direita ... ou atrás) da estação meteorológica. Podia estar à distância de dois braços estendidos da própria abertura do elevador. .. a qual, no entanto, certamente estaria fechada naquele momento.

E agora?

Valeria a pena gritar? Ele estava rodeado por um silêncio que, não fosse pelo silvar do vento, seria total. Se na vegetação que recobria as cúpulas havia de fato pássaros, pequenos animais ou insetos, então eles não se achavam ali àquela altura da estação, ou àquela hora da noite, naquele local específico. Havia apenas o vento, que continuava a enregelar aos poucos o corpo de Seldon.

Talvez ele devesse ter vindo gritando enquanto caminhava.

Aquele ar frio poderia conduzir o som a uma distância razoável. Mas haveria alguém para ouvi-lo?

Poderiam ouvi-lo do interior da cúpula? Haveria ali algum instrumento que pudesse detectar seus movimentos? Haveria algum sentinela de sobreaviso, pelo lado de dentro, nas proximidades? ..

Isso soava ridículo. Teriam ouvido seus passos, não é mesmo? No entanto ...

Ele gritou.

- Socorro! Socorro! Alguém pode me ouvir?!. ..

Seu grito soou gutural, contrafeito. Parecia algo idiota, gritar no meio daquela vastidão mergulhada nas trevas.

No entanto, ele sentiu que mais idiota ainda seria hesitar, numa situação tão grave. O pânico estava começando a dominá-lo. Encheu os pulmões com o ar gelado e voltou a gritar, o mais alto que pôde. Inspirou novamente e novamente gritou, projetando a voz bem para o alto. E outra vez, e outra.

Fez uma pausa, já sem fôlego, virando a cabeça em todas as direções, mesmo que não conseguisse avistar coisa alguma. Não podia nem sequer detectar algum tipo de eco. Parecia que não lhe restava outra escolha senão esperar o amanhecer. Só que ... quanto tempo durava a noite naquela época do ano? E até que ponto poderia cair a temperatura?

Sentiu algo minúsculo e gelado tocar seu rosto. Algum tempo depois, voltou a senti-lo. .

Começava a gear em meio à escuridão ... e não havia como procurar algum tipo de abrigo.

Pensou: teria sido bem melhor que aquele íon-jato tivesse me avistado e recolhido. Talvez eu estivesse prisioneiro neste instante, mas pelo menos estaria mais aquecido e aliviado.

Ou, se Hummin nunca tivesse aparecido em sua vida, ele estaria de volta a Helicon há muito, muito tempo. Sob vigilância, mas aquecido e aliviado. Naquele instante, era tudo em que sua mente era capaz de pensar - calor e bem-estar

Tudo o que lhe restava era esperar. Deitou-se ao chão, enroscando-se sobre si mesmo, e pensando que, por mais longa que fosse a noite, não devia se permitir adormecer. Tirou os sapatos e esfregou com força os pés enregelados; voltou a calçá-los depressa.

Sabia que iria ter de repetir esse gesto a noite inteira, bem como esfregar as mãos e as orelhas, para manter o sangue circulando. Mas o mais importante de tudo era ter em mente que não podia adormecer: isso poderia significar a morte.

E, depois de pensar nisso com intensidade e determinação, ele sentiu que seus olhos começavam a se fechar e sua cabeça descaía, adormecida, enquanto a geada continuava a cair sobre seu corpo.

RESGATE

LEGGEN, JENARR - ... Embora suas contribuições à meteorologia sejam consideráveis, elas perdem importância diante daquilo que ficou conhecido como a "Controvérsia Leggen". É ponto pacífico que suas ações contribuíram para pôr em perigo a vida de Hari Seldon, mas existe uma acalorada discussão, há longo tempo, entre os que atribuem essas suas ações a circunstâncias fortuitas e os que as vêem como parte de uma conspiração deliberada. Ambos os lados defendem apaixonadamente seus pontos de vista, e mesmo os estudos mais confiáveis não oferecem nenhuma conclusão definitiva. Entretanto, as suspeitas associadas ao seu nome contribuíram para arruinar a carreira e a vida pessoal de Leggen nos anos que se seguiram a ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

25.

Ainda não tinha anoitecido quando Dors Venabili conseguiu localizar Jenarr Leggen. Ele respondeu ao seu cumprimento ansioso com um grunhido e um breve aceno de cabeça.

- E então? - perguntou ele, com certa impaciência. - Como foi que ele se saiu?

Leggen, que estava alimentando com dados seu computador, replicou:

- Como se saiu quem?

- Meu aluno de pesquisa histórica, Hari. Dr. Hari Seldon. Ele subiu com você à Superfície. E então? Foi de alguma utilidade?

Leggen ergueu as mãos do teclado do computador e fez um gesto vago no ar.

- Aquele sujeito heliconiano? Não nos serviu para nada. Não demonstrou nenhum interesse. Ficou o tempo todo olhando a paisagem, mesmo sem nenhuma paisagem para olhar. Um sujeito esquisito ... Por que você o mandou até lá?

- Não foi idéia minha, foi idéia dele. Mas, não compreendo ...ele estava muito interessado. Onde está ele agora?

Leggen encolheu os ombros. - Como vou saber? Por aí.

- Para onde ele foi depois que vocês desceram? Não lhe disse para onde ia?

- Ele não desceu conosco. Já lhe falei que não estava interessado.

- E quando desceu, então?

- Não sei, não lhe dei muita atenção. Tinha muitíssimo trabalho para fazer. Deve ter havido um vendaval e depois uma chuva fortíssima, há dois dias atrás, e nenhum dos dois estava previsto. Nenhum dos nossos instrumentos fornecia indicações que explicassem isso, ou a ausência do sol que, segundo nossos cálculos, deveria aparecer hoje. Agora estou revendo todos os modelos, e lá vem você me atrapalhar.

- Então você não viu Seldon descer?

- Escute bem: eu não estava preocupado com ele. O idiota nem sequer estava adequadamente vestido, e vi logo que dali a meia hora ele não iria suportar o frio. Dei-lhe um suéter, mas isso não adiantava de nada para suas pernas e seus pés, de modo que mostrei-lhe o elevador, expliquei como funcionava, e falei que depois de trazê-lo para baixo ele retomaria automaticamente lá para a Superfície. Tudo muito simples. Ele não suportou o frio, desceu, o elevador voltou a subir, e quando terminamos viemos todos embora.

- Mas você não sabe exatamente quando ele desceu?

- Não, não sei, já lhe disse que estava ocupado. Ele não estava entre nós quando nos preparamos para voltar; já estava escurecendo e tudo indicava que haveria geada, portanto ele deve ter vindo embora desde antes.

- Alguém o viu descer?

- Não sei. Clowzia, talvez. Estiveram juntos algum tempo. Por que não pergunta a ela?

Dors encontrou Clowzia em seus alojamentos, acabando de sair de um chuveiro quente.

- Estava gelado lá em cima - comentou ela.

- Você esteve com Hari Seldon na Superfície?

- Sim, durante algum tempo - respondeu Clowzia, erguendo as sobrancelhas. - Ele queria passear um pouco nas imediações, e andou me fazendo perguntas sobre a vegetação. É um homem inteligente, Dors. Parecia se interessar por tudo, e eu expliquei-lhe tudo o que podia, até que Leggen me chamou. Estava num daqueles seus dias insuportáveis. O tempo não estava muito bom, de modo que ...

Dors a interrompeu.

- Então você não viu Hari descer pelo elevador?

- Não, não o vi mais desde o instante em que Leggen me chamou. Bem, ele tem que ter descido, não é mesmo? Não estava mais lá quando descemos.

- Só que não consigo encontrá-lo em parte alguma. Clowzia pareceu perturbada.

- É mesmo? Ora, mas ele tem que estar em algum lugar.

- Sim, é claro que está em algum lugar. - A voz de Dors demonstrava uma ansiedade crescente. - E se estiver lá em cima?

- É impossível. Não estava. Claro que nós o procuramos por lá na hora de descermos, mas Leggen tinha-lhe ensinado como voltar, e ele não estava adequadamente vestido para um clima péssimo como o de hoje. Leggen disse-

lhe que se sentisse muito frio voltasse antes de nós, e ele estava com frio, eu sei. O que mais podia ter feito, senão descer?

- Mas ninguém o viu descer. Aconteceu alguma coisa errada com ele, enquanto você o viu por lá?

- Enquanto estivemos juntos, não. Ele estava perfeitamente bem, só se queixava um pouco do frio, naturalmente.

A essa altura, Dors estava dominada pela inquietação.

- Já que ninguém o viu descer, pode ser que ele ainda esteja lá. Não devíamos subir para verificar?

- Já lhe disse que demos uma olhada antes de descer - retrucou Clowzia com nervosismo. - Ainda estava claro, e não havia ninguém à vista.

- Vamos verificar, mesmo assim.

- Mas não posso levar você até lá. Sou uma estagiária, e não tenho a combinação que abre a porta de saída para a Superfície. Você tem que pedir isso ao Dr. Leggen.

26.

Dors sabia que Leggen não subiria com ela à Superfície por vontade própria; seria preciso obrigá-lo a-isso.

Mas antes ela checou novamente a biblioteca e os refeitórios, e em seguida ligou para o quarto de Seldon. Por fim, foi pessoalmente até lá e chamou à porta. Como Seldon não respondeu, ela foi até o zelador e conseguiu fazer com que este abrisse a porta. Seldon não estava lá. Dors entrou em contato com várias pessoas que ela vira na companhia de Seldon durante as últimas semanas; nenhuma delas o tinha visto.

Muito bem: ela obrigaria Leggen a levá-la até a Superfície. Mas àquela altura já tinha anoitecido; Leggen se recusaria obstinadamente a fazer o que ela queria, e durante quanto tempo poderiam ficar discutindo, se Seldon estava perdido lá no alto, numa noite sujeita a geada e a neve?

Uma idéia ocorreu-lhe de repente, e Dors correu até um terminal do computador da faculdade que dispunha de informações permanentes sobre o paradeiro de estudantes, professores e pessoal administrativo.

Seus dedos voaram sobre o teclado e pouco depois ela achou o que procurava.

Havia três; três deles, num outro setor do compus universitário.

Dors requisitou um aeroplanador e foi na direção do alojamento que o computador indicara. Com toda a certeza, pelo menos um deles poderia ser localizado e poderia ficar à sua disposição.

Teve sorte. Na primeira porta em que tocou, acendeu-se de imediato a luz que solicitava identificação. Ela digitou seu número de identidade, que incluía a indicação sobre o departamento a que ela pertencia. A porta se abriu, e um homenzinho corpulento, de meia-idade, a encarou. Era evidente que tinha acabado de tomar um banho para ir jantar; seu cabelo louro-escuro estava ainda úmido, e ele estava sem camisa.

- Desculpe estar assim - disse ele. - Pegou-me desprevenido, Ora. Venabili. Em que lhe posso ser útil?

Quase sem fôlego, ela indagou:

- O senhor é Rogen Benastra, sismólogo-chefe, não é isso?

- Sim.

- Trata-se de uma emergência. Preciso examinar os registros sismológicos da Superfície nas últimas horas.

Benastra a encarou.

- Mas por quê? Nada aconteceu. Se tivesse acontecido eu já o saberia. O sismógrafo teria enviado um alerta.

- Não me refiro a impacto de meteoros.

- Nem eu. Não precisamos de sismógrafos para isso. Estou falando de granizo, de avarias minúsculas. Não houve nada hoje.

- Também não é disso que estou falando. Por favor, leve-me ao sismógrafo e leia os registros para mim. É uma questão de vida ou morte.

Tenho um encontro para jantar, e ...

- Eu disse vida ou morte, e estou falando sério.

- Não entendo por que ... - começou Benastra, mas a voz lhe foi morrendo, ante o olhar imperioso de Dors. Ele entrou, terminou de se enxugar, deixou um recado na secretária eletrônica, e enfiou uma camisa.

Sob o comando insistente de Dors, os dois meio andaram, meio correram, até chegarem ao prédio da Sismologia, um edifício baixo e achatado. Dors, que nada entendia de sismologia, perguntou: - Para baixo?! Estamos indo para o subsolo?!

- Claro, abaixo dos níveis habitados. O sismógrafo tem que estar fixado ao leito rochoso, distante da agitação e das vibrações que predominam aqui em cima. .

- Então, como é que ele pode, daqui, captar o que sucede na Superfície?

- É conectado a um conjunto de transdutores de pressão localizados no interior da própria espessura da cúpula. O impacto de qualquer partícula sólida faz o indicador oscilar na tela. Podemos detectar até mesmo o achatamento da cúpula causado por ventos mais fortes. Podemos inclusive ...

- Sim, sim - disse Dors, sem paciência para escutar louvores à sofisticação dos instrumentos. - Pode detectar passos de um ser humano?

- Passos? - Benastra pareceu desconcertado. - Não é algo que se espere registrar lá em cima.

- Claro que é. Um grupo de meteorologistas estava lá no alto hoje à tarde.

- Oh ... bem, passos seria algo muito difícil de distinguir.

- Pode-se distingui-los se se examinarem os dados com atenção suficiente, e é

isso o que quero que faça.

O firme tom de comando em sua voz talvez tivesse desagradado ao cientista, mas se isso aconteceu ele preferiu deixar passar em branco. Tocou um contato, e a tela do computador iluminou-se.

Na extremidade direita da tela havia um ponto de luz arredondado, do qual partia uma finíssima linha horizontal que ia desaparecer na extremidade oposta. Essa linha parecia tremular ligeiramente, como se sofresse uma série de pequenos soluços a intervalos irregulares, os quais se moviam continuamente da direita para a esquerda. Seu efeito sobre os olhos de Dors era quase hipnótico.

- Está tudo tão quieto quanto possível - disse Benastra. - Tudo o que se vê aí é o resultado das mudanças de pressão atmosférica, talvez algumas gotas de chuva, a trepidação distante das máquinas. Não há mais nada lá em cima.

- Está bem, mas, e há algumas horas atrás? Verifique os registros relativos à tarde de hoje. Certamente está tudo gravado.

Benastra deu as instruções necessárias ao computador e por um ou dois segundos houve uma turbulência caótica na tela; em seguida tudo se aquietou e mais uma vez a linha horizontal surgiu.

- Vou aumentar a sensibilidade ao máximo - murmurou ele.

Logo começaram a se produzir variações mais acentuadas na linha, e à medida que se deslocavam para a esquerda seu padrão se alterava visivelmente.

- O que é isso? - perguntou Dors.

- Já que me informou da presença de pessoas lá em cima hoje, doutora, posso supor que são passos ... a transferência de peso de um pé para o outro, o impacto das botas. Eu não teria conseguido adivinhá-lo se não soubesse que havia pessoas lá em cima. São aquilo que chamamos de "vibrações benignas", vibrações não associadas com nada que consideramos potencialmente perigoso.

- É possível dizer quantas pessoas estão caminhando aí?

- Assim, num golpe de vista, não. Entenda: o que estamos vendo é a resultante de todos os impactos em determinado instante. - O senhor disse que "não, num golpe de vista" . Mas os componentes dessa resultante podem ser analisados no computador? - Duvido. Esses efeitos são muito tênues, e temos que levar em conta os inevitáveis "ruídos". Os resultados não seriam dignos de confiança.

- Então está bem. Corra os registros para diante, até os passos cessarem. Pode fazer isso em fast-forward, por assim dizer?

- Se o fizer, os sinais irão todos se confundir e superpor, e veremos apenas uma linha horizontal com faixas menos nítidas acima e abaixo. O que posso fazer é saltar para diante de quinze em quinze minutos e em cada parada examinar normalmente os sinais.

- Ótimo. Faça isto, então.

Ficaram observando a tela até que Benastra falou: - Veja. Nada aqui, novamente.

Via-se na tela, mais uma vez, a linha horizontal sendo agitada pelos pequenos estremecimentos irregulares.

- Quando pararam os passos? - perguntou Dors.
- Há duas horas atrás, ou um pouquinho mais.
- E quando pararam, eram em menor quantidade do que no início?
Benastra exibiu uma expressão levemente ofendida.
- Não tenho como dizer. E não creio que a análise mais sofisticada possa lhe dar essa resposta.
Dors comprimiu os lábios, e logo voltou à carga:
- Esse ... esse transdutor, como o senhor o chama, é o que está nas vizinhanças da estação meteorológica?
- Justamente; no local onde estão instalados os instrumentos, e onde os cientistas devem ter estado hoje. - E então ele perguntou, num tom cautelosamente incrédulo: - Quer que eu experimente os que ficam ao redor? De um em um?
- Não é preciso. Concentre-se nesse aí, mas continue adiantando os registros de quinze em quinze minutos. Talvez uma das pessoas tenha sido deixada para trás e tenha retomado até o ponto onde ficam os instrumentos.
Benastra abanou a cabeça e resmungou algo ininteligível.
A imagem na tela deu um novo salto, e Dors fez o mesmo. - O que foi isso? - perguntou ela, apontando.
- Não sei. Ruído.
- Não, é algo periódico. Podem ser os passos de uma única pessoa?
- Sim, como também podem ser dúzias de outras coisas.
- Estão surgindo num ritmo que lembra o de uma pessoa caminhando - retrucou ela. E depois: - Adiante um pouco.
Benastra obedeceu, e quando a imagem voltou a se instalar Dors observou:
- As oscilações estão maiores.
- Talvez. Podemos medi-las, se for o caso.
- Não é preciso. Estão visivelmente maiores. Os passos estão se aproximando do transdutor. Adiante mais um pouco. Veja quando eles cessam.
Daí a instantes Benastra falou:
- Parou há vinte ou 25 minutos atrás. - E complementou, prudentemente: - Seja lá o que for.
- São passos - retrucou Dors, com uma convicção capaz de mover montanhas. - Existe um homem lá em cima, e enquanto nós dois perdemos tempo aqui ele parou de caminhar e está a ponto de morrer congelado. Agora não venha me dizer seja lá o que for. Chame a Meteorologia e me ponha em contato com Jenarr Leggen. Eu lhe falei que era uma questão de vida ou morte. Vamos!
Benastra, com os lábios ligeiramente trêmulos já tinha ultrapassado há muito o ponto em que podia tentar resistir às ordens daquela mulher estranha e dominadora.
Menos de três minutos depois o holograma de Leggen reluzia na plataforma de comunicação. Ele tinha sido arrancado da mesa de jantar; trazia um guardanapo na mão, e sob seu lábio inferior havia uma mancha de aparência suspeita. Seu rosto alongado exibia uma carranca de meter medo.

- Vida ou morte? - disse ele. - O que quer dizer isto? E quem é você? - Só então seus olhos perceberam Dors, que tinha dado um passo mais para perto de Benastra, de modo a que sua imagem aparecesse no visor de Leggen. - Ah, é você de novo. Mais aborrecimentos.

- Não, não é - disse Dors. - Acabo de consultar Rogen Benastra, sismólogo-chefe da Universidade. Depois que você e sua equipe deixaram a Superfície, o sismógrafo mostra sinais claros dos passos de alguém que lá permaneceu. É meu aluno Hari Seldon, que foi até lá sob sua responsabilidade e que agora, quase certamente, está sem sentidos sob a geada e pode morrer a qualquer momento.

- Portanto, você vai me conduzir à Superfície agora mesmo, de posse de todo o equipamento que venha a ser necessário. Se não fizer imediatamente, recorrerei à segurança universitária ... irei até próprio presidente, se necessário. De um modo ou de outro irei até lá em cima, e se algo acontecer a Hari devido a um único minuto de demora de sua parte, farei com que seja processado por negligência, incompetência, tudo o que for possível; farei com que perca todos os seus cargos e privilégios, e seja expulso da vida acadêmica. E se Seldon morrer, é claro que farei com que você seja condenado por homicídio culposo, ou pior ainda, uma vez que acabo de adverti-lo de que ele está correndo risco de vida."

Furioso, Jenarr voltou-se para Benastra: - Você detectou ...

Mas Dors o interrompeu:

- Ele me disse o que detectou, e acabei de dizer a você. Não venha com sua tática de rolo compressor para intimidá-lo. E então, vai ou não vai subir?

- Já lhe passou pela cabeça que pode estar enganada? - perguntou Jenarr, com a boca contraída. - Sabe o que posso fazer a você se isso não passar de um maldito rebate falso? Perda de cargos e privilégios é algo que pode suceder a qualquer um.

- Não quando o que está em jogo é assassinato - disse Dors.

- Estou pronta para responder um processo por injúria. Você está pronto a responder a um por homicídio?

O rosto de Jenarr se avermelhou de fúria, talvez mais por estar sendo coagido do que pela ameaça feita por Dors.

- Está bem, vamos lá - disse ele. - Mas não vou ter pena de você, minha cara doutora, se depois for verificado que seu aluno estava são e salvo no interior da cúpula durante as últimas horas.

27.

Os três entraram no elevador num silêncio carregado de hostilidade. Leggen

tinha interrompido seu jantar pela metade, abandonando sua esposa no restaurante sem maiores explicações. Benastra não tinha jantado, e provavelmente tinha faltado a um compromisso com alguma companhia feminina, também sem dar satisfações. Quanto a Dors Venabili, também estava sem comer, e parecia mais tensa e sombria do que os outros dois. Conduzia consigo um cobertor térmico e dois emissores fotônicos.

Quando alcançaram a câmara de acesso à Superfície, Leggen, com a mandíbula contraída, digitou seu número de identificação, e a porta se abriu. Um vento gelado os envolveu, fazendo Benastra emitir um grunhido. Nenhum dos três estava adequadamente vestido, mas os dois homens, pelo menos, pretendiam demorar-se ali o mínimo possível.

- Está nevando - disse Dors, a voz tensa.

- Neve úmida - falou Leggen. - A temperatura está mais ou menos em torno do ponto de congelamento. Não chega a ser uma nevasca mortífera.

- Depende do tempo que se fica exposto a ela - replicou Dors. - Ficar mergulhado em neve derretida não deve fazer nenhum bem.

- Muito bem, mas onde está ele? - resmungou Leggen, percorrendo com o olhar a compacta escuridão que os cercava, e que se tornava ainda mais cerrada em contraste com a luz da câmara de acesso às suas costas.

- Por favor, Dr. Benastra - disse Dors -, segure esse cobertor para mim. Dr. Leggen, por favor, encoste a porta do elevador, sem trancá-la.

- Ela não tem tranca automática. Pensa que somos loucos? - Imagino que não, mas é possível fechá-la pelo lado de dentro, fazendo com que alguém fique do lado de fora impossibilitado de retomar para o interior da cúpula.

- Se existe alguém do lado de fora - disse Leggen -, mostre-me. Aponte onde está.

- Pode estar em qualquer parte.

Dors ergueu os braços; um emissor fotônico estava afixado a cada um dos seus pulsos.

- Não podemos procurar por toda parte - disse Benastra, em tom lamentoso.

Os emissores começaram a brilhar, espalhando raios de luz em todas as direções. Os flocos de neve cintilavam como nuvens de pirilampos, tornando ainda mais difícil enxergar a uma grande distância.

- Os passos dele estavam cada vez mais fortes - disse Dors.

- Era evidente que ele estava se aproximando do transdutor. Onde é que se localiza o transdutor?

- Não tenho a menor idéia - disse Leggen, em voz cortante.

- Não pertence a minha área, nem é da minha responsabilidade.

- Dr. Benastra? ..

A resposta de Benastra foi hesitante.

- Não sei ao certo. Para falar a verdade, nunca estive aqui antes. Esse equipamento foi instalado há muito tempo. O computador deve saber sua localização exata, mas nunca nos ocorreu fazer essa pergunta. Olhem, estou morrendo de frio, e não sei qual a utilidade de minha presença aqui.

- Vai ter que ficar mais um pouco - disse Dors com firmeza.

- Siga-me. Vou descrever uma espiral de dentro para fora, a partir desta porta.

- Não dá para ver muita coisa, com esta neve - disse Leggen.

- Sei disso. Se não estivesse nevando, talvez já o tivéssemos descoberto, tenho certeza. Do jeito que está, deve levar alguns minutos, e isso nós podemos suportar. - Mas ela não estava tão confiante quanto suas palavras levavam a crer.

Começou a caminhar, balançando os braços, projetando a luz numa área tão vasta quanto lhe era possível, contraindo os olhos na esperança de distinguir uma mancha escura de encontro à neve.

E foi Benastra quem disse:

- O que é aquilo? - E apontou.

Dors fez as duas fontes de luz em seus pulsos convergirem, formando um brilhante cone de luz na direção que o sismólogo indicava. Então partiu a correr para lá, seguida pelos dois homens.

Lá estava ele - enrodilhado sobre si próprio, encharcado pela chuva e pela neve, a uns dez metros de distância da porta, e a uns cinco metros do instrumento meteorológico mais próximo. Dors apalpou-lhe o peito à procura das pulsações, mas não era necessário, pois ao primeiro toque Seldon agitou-se e soltou um gemido.

- Dê-me o cobertor térmico, Dr. Benastra - pediu Dors, numa voz que soou fraca, de tanto alívio. Ela o desdobrou num gesto hábil e o espalhou sobre a neve. - Ajude-me a erguê-lo ... vamos embrulhá-lo nisto, e carregá-lo lá para baixo.

No elevador, vapor d'água começou a se elevar do corpo enrolado de Seldon, à medida que o cobertor se ajustava à temperatura do sangue. Dors disse:

- Quando o colocarmos no quarto, Dr. Leggen, quero que consiga um médico, e estou dizendo um bom médico, para vir vê-lo imediatamente. Se nada acontecer ao Dr. Seldon, tudo isto ficará entre nós, mas apenas se nada lhe acontecer. Lembre-se bem ...

- Não precisa me dar aulas - disse Leggen com frieza. - Lamento o que houve e farei o possível, mas o único erro que cometi foi permitir que este homem nos acompanhasse até a Superfície.

O cobertor agitou-se e uma voz fraca e muito baixa se fez ouvir. Benastra teve um sobressalto, pois a cabeça de Seldon estava encaixada em seu antebraço.

- Ele está tentando dizer algo - falou o sismólogo. Dors disse:

- Eu sei. Ele disse: o que está havendo?

- Ela não pôde deixar de dar uma gargalhada, ainda que curta. Parecia algo tão natural para se dizer ..

28.

O médico estava satisfeitíssimo.

- Nunca tinha visto um caso de exposição ao mau tempo - explicou ele. - Não há muita chance de se ver isto em Trantor. - Pode ser - disse Dors, friamente - e fico muito feliz em lhe proporcionar a chance dessa nova experiência, mas será que isso implica o senhor não saber como tratar do Dr. Seldon?

O médico, um homem idoso, calvo, com um bigodinho grisalho, pareceu encrespar-se um pouco.

- Claro que sei como tratar dele. Casos semelhantes em outros planetas são muito frequentes, chegam mesmo a ser fato corriqueiro, e já li muita coisa a respeito.

O tratamento consistia na aplicação de um soro antivirótico, e num banho de micro-ondas

- Isto deve bastar - disse o médico. - Nos outros planetas, os hospitais dispõem de equipamentos muito mais sofisticados, mas não temos isto aqui em Trantor. Este é um tratamento para casos sem maior gravidade, e estou certo de que resolverá o problema.

Dors concluiu mais tarde, enquanto Seldon ia se recuperando sem sofrer maiores sequelas, que ele só tinha sobrevivido por ser um estrangeiro. A treva, o frio, até mesmo a neve não eram elementos estranhos para ele. Um trantoriano provavelmente teria morrido em circunstâncias idênticas, se não pelo desgaste físico, pelo choque psicológico. Em todo caso ela não tinha certeza disso, uma vez que também não era natural de Trantor.

Afastando de sua mente esses pensamentos, ela puxou uma cadeira mais para perto da cama onde Seldon repousava, e preparou-se para esperar.

29.

Passou-se um dia inteiro, e na manhã do dia seguinte Seldon agitou-se na cama, abriu os olhos e encontrou Dors sentada ao lado de sua cama, examinando um filme-livro e tomando notas. Numa voz quase normal, ele perguntou:

- Ainda está aí, Dors?

Ela pôs de lado o filme-livro.

- Não posso deixar você sozinho, e não tenho confiança em mais ninguém.

- Estou com a impressão de que vi você aí todas as vezes que acordei. Esteve aí esse tempo todo? - Sim. Dormindo, ou acordada.

- E suas aulas?

- Tenho um assistente que está me substituindo por enquanto.

Dors inclinou-se e tomou a mão de Hari. Notando que ele ficava embaraçado (afinal, estava ainda na cama) ela a retirou.

- Hari, o que aconteceu? Tive tanto medo ... - Tenho algo a confessar - disse Seldon.

- O que é?

- Pensei que você talvez estivesse fazendo parte de uma conspiração ...

- Uma conspiração?

- Sim, para fazer-me subir à Superfície, onde eu estaria fora da jurisdição da Universidade e poderia ser capturado pelas forças do Império.

- Mas a Superfície não está fora da jurisdição da Universidade. A jurisdição setorial em Trantor vigora do centro do planeta até o céu.

- Ah, bom, mas eu não sabia. Entretanto, você disse que não me acompanharia até lá porque estava muito atarefada, e quando comecei a entrar em paranoia pensei que você me tinha abandonado deliberadamente. Por favor, me perdoe. Foi você que me salvou daquilo ali. Quem mais se incomodou comigo?

- São indivíduos ocupados - disse Dors, com tato. - Pensaram que você já tinha descido. Quer dizer: é uma desculpa mais do que compreensível.

- Clowzia disse o mesmo? - A jovem estagiária? Sim.

- Mesmo assim pode ter sido uma conspiração. Sem a sua participação, claro.

- Não, Hari, o que houve foi negligência de minha parte. Eu não devia em hipótese alguma ter permitido que você fosse sozinho à Superfície. Assumi o compromisso de protegê-lo, e não posso deixar de me sentir culpada pelo que aconteceu, pelo fato de você se ter perdido.

- Calma, espere aí - disse Seldon, irritado. - Eu não me perdi. O que você pensa que sou?

- Então, como você chama o que aconteceu? Você não estava lá quando os outros retomaram, e não voltou até a porta de acesso, ou perto dela, senão depois que já estava escuro.

- Mas isso não é tudo o que aconteceu. Eu não me perdi apenas porque comecei a andar sem direção e não consegui achar o caminho de volta. Já disse: suspeitei de uma conspiração, e tinha razões para isso. Não sou completamente paranoico

- Está bem. E o que houve, realmente?

Seldon contou-lhe tudo. Não lhe foi difícil recordar os mínimos detalhes: tudo aquilo tinha ficado remoendo em sua mente durante o dia anterior, como um pesadelo.

Dors ouviu tudo com o sobrecenho franzido.

- Isso é impossível. Um íon-jato? Tem certeza?

- Claro que tenho. Acha que andei tendo alucinações?
- Mas os agentes do Império não podiam estar à sua procura.
Não poderiam prendê-lo na Superfície sem provocar a mesma onda de protestos que causariam invadindo o campus universitário.
- Então que explicação você tem?
- Não sei ainda - disse Dors. - Mas talvez as consequências deste meu erro, não acompanhando você à Superfície, possam ser muito mais graves. Hummin vai ficar furioso comigo.
- Não precisamos contar-lhe - disse Seldon, - Acabou tudo bem.
- Temos que contar-lhe - retrucou Dors, muito séria. - Talvez não tenha acabado ainda.

30.

Naquela noite, Jenarr Leggen apareceu para uma visita, logo após o jantar. Ficou olhando de Dors para Seldon durante um bom tempo, como se escolhendo o que dizer. Nenhum dos dois fez menção de vir a seu auxílio, limitando-se a esperar pacientemente. Leggen não lhes tinha causado a menor impressão de ser um especialista em bate-papos amenos.
Finalmente ele disse a Seldon: - Vim ver como você está.
- Perfeitamente bem - disse Seldon -, exceto que ando um tanto sonolento. A Dra. Venabili me explicou que este tratamento me provocará uma sensação de cansaço durante alguns dias, de modo que terei todo o repouso de que preciso. - Sorriu. - E não posso dizer que a idéia não me agrada.
Leggen aspirou profundamente o ar, soltou-o, hesitou e, quase como se estivesse forçando a saída das palavras, falou:
- Não vou tomar muito do seu tempo. Entendo que precise de repouso, mas quero dizer apenas que lamento muito o que aconteceu. Eu não devia ter deduzido tão apressadamente que você tinha voltado à Universidade por conta própria. Já que você era um novato, eu devia ter-me sentido mais responsável pela sua segurança, afinal de contas permiti que nos acompanhasse. Espero que tenha a bondade de ... me perdoar. É tudo o que tenho a dizer.
Seldon bocejou, cobrindo a boca com a mão.
- Oh, perdão ... Já que tudo terminou bem, não há motivo para ninguém ficar magoado. E de certo modo não foi culpa sua. Eu não devia ter saído caminhando à toa, e além disso o que de fato aconteceu foi ...
Dors o interrompeu.
- Está bem, Hari, chega de falar. Relaxe um pouco. Gostaria de conversar um pouco com o Dr. Leggen antes de ele se retirar. Em primeiro lugar, Dr. Leggen,

sei perfeitamente que deve estar preocupado quanto às possíveis consequências desse caso sobre sua pessoa. Eu lhe garanti que nada de grave lhe aconteceria se o Dr. Seldon conseguisse se recuperar normalmente. Isso parece estar acontecendo, de modo que pode ficar tranquilo ... por enquanto. Mas há algo mais que gostaria de perguntar-lhe, e desta vez espero contar com sua cooperação espontânea.

- Tentarei, Dra. Venabili - disse Leggen, muito empertigado.

- Alguma coisa fora do comum aconteceu durante esta sua missão à Superfície?

- Claro que sim. Perdemos o contato com o Dr. Seldon, e acabei de pedir desculpas por isto.

- É evidente que não é a isso que me refiro. Aconteceu algum outro fato pouco usual?

- Não. Nada, absolutamente.

Dors olhou para Seldon, que franziu a testa. Parecia-lhe que Dors estava querendo verificar a veracidade de sua versão, confrontando-a com outra. Estaria pensando que ele imaginara a nave de patrulha? Seldon teve o impulso de protestar com veemência, mas ela o conteve com um gesto, como se já adivinhasse o que ele iria dizer. Ele cedeu, em parte por causa dela, em parte porque estava mesmo com sono. Fez votos para que Leggen não demorasse muito.

- Tem certeza? - prosseguiu Dors. - Não tiveram nenhuma interferência externa?

- Claro que não. Oh ... bem .. - Sim, Dr. Leggen?... - Avistamos um íon-jato.

- Isso lhe pareceu estranho?

- Não, certamente que não. Por quê? - Isto está me parecendo um interrogatório, Dra. Venabili, e não me está agradando nem um pouco.

- Entendo como se sente, Dr. Leggen, mas estas questões estão ligadas aos problemas que o Dr. Seldon andou enfrentando. Talvez essa história toda seja algo mais complicado do que me pareceu de início.

- Em que sentido? - Houve uma sutil mudança no tom da voz de Leggen. - Quer aprofundar mais o assunto, para me exigir novas desculpas? Sinto muito, mas não sei se estou disposto a isto.

- Talvez não, se não se incomodar de dizer por que considerou normal a presença de um íon-jato planando sobre aquela área.

- Porque, minha cara doutora, um bom número de estações meteorológicas em Trantor possui íon-jatos para o estudo direto das nuvens e das camadas superiores da atmosfera. A nossa estação, contudo, não os possui.

- Por que não? Isto lhes seria útil.

- De fato. Mas não competimos com as outras estações, e não mantemos informações sob segredo. Relatamos nossas descobertas e eles nos relatam as deles. Desse modo, é razoável que haja certa diversificação de atividades especializadas: seria uma bobagem se duplicássemos totalmente nossos recursos e nossos procedimentos. O dinheiro e a mão-de-obra que empregaríamos em

íon-jatos podem ser destinados a refratômetros de mésons, enquanto que outras estações podem fazer o inverso. É evidente que existe um alto grau de competitividade e rivalidade em nosso meio, mas a ciência é algo (aliás a única coisa) que nos mantém unidos. - E acrescentou com ironia: - Creio que a doutora é capaz de compreender isto.

- Compreendo; mas não é uma grande coincidência que alguém tenha enviado um íon-jato para sobrevoar sua estação justamente no dia em que vocês faziam uma missão externa?

- De modo algum. Tínhamos anunciado que iríamos fazer umas medições naquele dia, e é bastante natural que alguma outra estação tenha tido a idéia de fazer, simultaneamente, medições nefelométricas ... ou seja, das nuvens. Avaliados em conjunto, esses resultados seriam mais significativos e mais úteis do que estudados separadamente.

Numa voz semi-indistinta, Seldon murmurou, de repente: - Então eles estavam fazendo medições, hem?

- Sim - disse Leggen. - O que mais poderiam estar fazendo?

Dors piscou os olhos como geralmente fazia quando estava tentando pensar depressa.

- Está bem - disse ela -, tudo isso faz sentido. A que estação pertencia o íon-jato?

Leggen balançou a cabeça.

- Dra. Venabili, como pode imaginar que eu saiba disso?

- Estou supondo que cada íon-jato meteorológico deva ter as insígnias de sua estação.

- E tem, mas lembre-se: eu não estava olhando na direção dele, nem lhe dei muita atenção. Tinha o meu próprio trabalho para fazer. Quando receber algum comunicado, ficarei sabendo de que estação era.

- E se não houver nenhum comunicado?

- Então é por que seus instrumentos falharam. Acontece de vez em quando. - O punho direito de Leggen estava cerrado.- É só isto?

- Espere um momento. A que estações poderia pertencer, em tese, aquele íon-jato?

- A qualquer estação que possua um. Avisados com uma antecedência de um dia (e nossa missão foi divulgada com antecedência bem maior) eles poderiam vir de qualquer parte do planeta com uma dessas naves.

- Mas quem seriam os mais prováveis?

- É difícil dizer. Talvez Hestelonia, Wye, Ziggoreth, Norte Damiano. Uma dessas quatro estações seria mais provável, mas podem ser umas quarenta mais.

- Só mais uma pergunta, Dr. Leggen, uma só. Quando foi anunciado que seu grupo subiria à Superfície, por acaso terá sido mencionado que um matemático chamado Dr. Hari Seldon estaria fazendo parte do grupo?

Uma expressão de genuína surpresa cruzou o rosto de Leggen, para logo se transformar em irritação.

- Por que motivo eu iria divulgar nomes? - perguntou. - Que interesse haveria nisso?

- Está bem - disse Dors. - Permanece o fato de que o Dr. Seldon viu um íon-jato, e que isso o inquietou. Não sei bem por quê, e aparentemente ele próprio não se recorda dos fatos com muita clareza. Ele fugiu correndo do íon-jato, perdeu-se, e não pensou em retomar à estação, ou não se atreveu, senão quando a noite já caía; e quando lá já havia escurecido por completo. O senhor não tem nenhuma culpa nisso, Dr. Leggen, de modo que podemos esquecer o incidente. De acordo?

- De acordo - disse Leggen. Despediu-se, pôs-se de pé e deixou o quarto.

Depois que saiu, Dors ergueu-se, retirou os chinelos que Seldon trazia nos pés, ajeitou-lhe o corpo na cama e puxou os lençóis sobre ele. Seldon já dormia profundamente.

Ela voltou a sentar-se, imersa em pensamentos. Até que ponto Leggen tinha falado a verdade, e exatamente o que poderia estar oculto por trás de suas palavras? Ela não sabia.

MYCOGEN

MYCOGEN - ... Um setor da antiga Trantor. .. Mergulhado em antigas lendas sobre seu próprio passado, Mycogen exercia pouca influência no planeta. Auto-suficiente, vivia praticamente isolado do restante ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

31.

Quando Seldon acordou, havia outro rosto debruçado sobre ele, olhando-o com gravidade. Ele franziu o rosto e depois murmurou: - Hummin? ..

Hummin sorriu de leve.

- Lembra-se de mim?

- Foi um dia apenas, e já faz alguns meses, mas eu me lembro. Então você não foi preso, hem? Ou ...

- Como você está vendo estou aqui, são e salvo. Mas - e os olhos de Hummin se voltaram para Dors, que estava de pé ao lado - não foi fácil chegar até aqui.

- Estou feliz em vê-lo - disse Seldon. Dá-me licença? - E fez um gesto com o polegar indicando o banheiro.

- Fique à vontade - disse Hummin. - E tome seu café. Hummin não o acompanhou na ligeira refeição que ele fez em seguida; ele e Dors ficaram em silêncio o tempo inteiro. Hummin consultava um filme-livro numa atitude absorta. Dors examinava as próprias unhas. Depois, servindo-se de um microcomputador, começou a tomar notas.

Seldon os observou com atenção e não fez nenhuma tentativa de puxar conversa. O silêncio deles talvez se devesse a algum costume trantoriano em relação a pessoas doentes. A verdade é que ele já se sentia perfeitamente restabelecido, mas os outros talvez não o percebessem.

Foi somente depois que ele engoliu o último bocado e tomou o último gole de leite (devia estar ficando acostumado, porque o sabor já lhe parecia perfeitamente normal) que Hummin quebrou o silêncio.

- Como se sente, Seldon? - disse ele.

- Muito bem. O bastante para poder ficar de pé e voltar à ativa.

- É bom ouvir isso - disse Hummin, secamente. - Dors Venabili não devia ter permitido que tudo isto sucedesse.
Seldon franziu a testa.
- Nada disso. Eu insisti em ir à Superfície.
- Sei disso, mas ela devia tê-lo acompanhado, em quaisquer circunstâncias.
- Eu disse-lhe que não precisava de sua companhia. Dors interveio:
- Não foi assim, Hari. Não venha com mentiras cavalheirescas para me proteger.
Seldon prosseguiu, zangado:
- Mas não esqueça que Dors subiu à Superfície à minha procura, enfrentando fortes resistências, e sem dúvida alguma salvou minha vida. Isto não é mais do que a verdade. Já levou isto em conta, Hummin?
Dors, claramente embaraçada, o interrompeu outra vez.
- Por favor, Hari. Chetter Hummin tem toda razão em dizer que eu devia tê-lo impedido de ir à Superfície, ou pelo menos devia tê-lo acompanhado. Quanto ao que fiz depois, ele já me elogiou por isso.
- Em todo caso - disse Hummin -, tudo isso já passou, e podemos deixá-lo de lado. Vamos falar sobre o que aconteceu na Superfície, Seldon.
Seldon olhou pelo aposento, preocupado. - Podemos falar com segurança aqui? Hummin sorriu de leve.
- Dors instalou um Campo de Distorção em torno deste quarto. Podemos ter uma razoável certeza de que nenhum agente imperial na Universidade (supondo que exista algum) terá meios de penetrá-lo. Você é um sujeito desconfiado, Seldon.
- Não é da minha natureza - disse Seldon. - Fiquei assim depois daquela nossa conversa no parque. Você é um sujeito persuasivo, Hummin. Quando você terminou toda aquela sua história, eu estava avistando o rosto de Eto Demerzel em cada sombra.
- Não é impossível que ele esteja lá.
- Bem, se estivesse eu não poderia reconhecê-lo. Como é ele?
- Isso não tem importância nenhuma. Você nunca vai vê-lo, a menos que ele o queira ... e a essa altura tudo estará perdido. É isso que precisamos evitar. Vamos falar sobre o íon-jato que você avistou.
- Como já lhe disse, você me deixou amedrontado em relação a Demerzel. No momento em que o íon-jato surgiu, presumi que ele estaria à minha procura, que eu tinha feito papel de idiota ao deixar os limites da Universidade de Streeling e subir à Superfície, e que eu tinha sido atraído até lá com o propósito específico de que alguém me capturasse sem maiores problemas.
Dors interveio:
- Por outro lado, Leggen nos disse que ...
- Leggen esteve aqui? - perguntou Seldon, de imediato. - A noite passada?
- Sim. Não se lembra?
- Vagamente. Eu estava morto de cansaço. Está tudo confuso em minha memória.

- Leggen nos disse que o íon-jato era apenas uma nave meteorológica de outra estação. Uma nave perfeitamente normal e inofensiva.

- O quê? - Seldon fez uma expressão de incredulidade. - Não me convence.

Hummin falou:

- A questão agora é saber por que não lhe convence. Alguma coisa no íon-jato o fez pensar que podia ser perigoso? Refiro-me a algo específico, e não a algum tipo de suspeita que eu tenha plantado em seu espírito.

Seldon pensou um pouco, mordendo o lábio inferior, e depois respondeu:

- O comportamento dele. Ele parecia enfiar sua parte dianteira entre o lençol de nuvens, como se estivesse espiando, procurando algo lá embaixo; depois aparecia noutro ponto e repetia tudo, depois noutro, e assim por diante. Era como se estivesse esquadrinhando metodicamente a Superfície, seção por seção, e vindo cada vez mais sobre mim.

- Talvez você esteja personificando as coisas - sugeriu Hummin. - Talvez no momento você estivesse encarando o íon-jato como se este fosse um animal feroz ao seu encalço, mas é claro que não era nada disso. Era apenas um íon-jato, e se era de fato uma na e meteoro lógica , então seu comportamento era inteiramente normal e inofensivo.

- Não me pareceu assim.

- Suponho que não, mas ainda não podemos estar certos de nada. Sua idéia de que estava em perigo era apenas suposição. A opinião de Leggen de que era uma nave meteorológica também não passa disso.

Seldon retrucou, com teimosia:

- Não posso acreditar que tudo foi apenas um incidente casual.

- Vamos considerar a pior das hipóteses, então - disse Hummin. - Suponhamos que a nave estava à sua procura. Como essas pessoas poderiam saber que você estava lá, para ser capturado?

Foi a vez de Dors intervir:

- Perguntei ao Dr. Leggen se, em seus comunicados anteriores à missão, ele tinha incluído a informação de que Hari estaria fazendo parte do grupo. Em circunstâncias normais, não havia razão para que o fizesse, e ele negou tê-lo feito, demonstrando uma surpresa que me pareceu real. Acredito nele.

Hummin disse, pensativo:

- Não esteja tão pronta a confiar nele. Ele negaria isso de qualquer forma, não é mesmo? O que você deve perguntar a si mesma é o motivo que o fez aceitar a presença de Seldon na equipe. Sabemos que de início ele fez objeções, mas logo em seguida cedeu, sem muita resistência. E isso me parece algo em desacordo com seu temperamento.

Dors ergueu as sobrancelhas:

- Isso reforça a possibilidade de que ele tenha arquitetado tudo.

- Talvez tenha aceito a presença de Hari apenas para colocá-lo numa posição onde seria capturado mais facilmente. Talvez tenha recebido ordens expressas para tanto. Podemos imaginar também que tenha induzido a estagiária, Clowzia, a atrair a atenção de Hari e conduzi-lo para longe do grupo, deixando-o isolado.

Isso explicaria a naturalidade com que encarou a ausência de Hari na hora de retomarem ao elevador. Insistiu em que Hari já havia voltado, e ele próprio já havia preparado terreno para essa versão, tendo-lhe mo trado como o elevador funcionava. Isso pode explicar também sua relutância em subir de novo à Superfície: ele não queria perder seu tempo procurando alguém que, no seu entender, já estaria muito longe dali.

Hummin, que tinha escutado tudo com muita atenção, falou: - Sua teoria contra Leggen está bem articulada, mas não devemos aceitá-la com tanta facilidade. Lembre-se de que ele acabou por acompanhá-la à superfície, no fim de tudo.

- Porque o sismólogo-chefe testemunhou que havia detectado passos lá em cima.

- O que quero saber é: Leggen demonstrou alguma surpresa quando Seldon foi encontrado? Quero dizer, além da surpresa de encontrar alguém sujeito a um extremo risco por causa de uma negligência de sua parte? Terá agido como se não esperasse que Seldon estivesse ali? Teve alguma reação como se pensasse: "mas o que é isso, então não pegaram o sujeito?" ...

Dors concentrou-se, e respondeu pouco depois:

- Ele estava claramente chocado com a presença de Hari ali. Mas não posso dizer que tenha visto em sua reação algo mais além de um justificado horror diante do fato.

- Tem razão. Eu já esperava isto.

Naquele instante, Seldon, que tinha acompanhado atentamente o diálogo, olhando de um para o outro, falou: - Não acho que tenha sido Leggen. Hummin voltou sua atenção para Seldon. - Por que diz isso?

- Como você mesmo referiu, ele era claramente contrário à minha ida. Foi preciso um dia inteiro de conversas, e acho que acabou concordando unicamente porque ficou com a impressão de que eu era um matemático muito competente, e que podia auxiliá-lo em suas teorias meteorológicas. Eu estava ansioso para ir à Superfície, e se ele tivesse recebido ordens para me levar até lá, não havia nenhum motivo para ser tão relutante a esse respeito.

- Acha razoável presumir que ele se interessou apenas pelo seu talento matemático? Vocês discutiram matemática? Leggen tentou lhe explicar alguma teoria?

- Não - disse Seldon. - Falou vagamente que trataríamos disso mais tarde. O problema é que ele estava totalmente envolvido com seus instrumentos. Fiquei sabendo que ele tinha previsto sol para aquela tarde, e que o sol não tinha aparecido; ele supôs então que os instrumentos estivessem com defeito, mas ficou comprovado não ser esse o caso. Isso o deixou frustrado. Penso que esse contratempo inesperado o deixou de mau humor, e desviou sua atenção de mim. Quanto a Clowzia, desconfiei dela por alguns minutos, mas agora, repassando os fatos, não creio que tenha deliberadamente me afastado da companhia dos demais. A iniciativa foi minha. Eu estava curioso a respeito da vegetação da Superfície, e fui eu que a conduzi naquela direção, e não o contrário. E em vez

de Leggen colaborar com isso, o que ele fez foi chamá-la de volta, quando eu ainda estava à vista deles: quando andei até mais longe e os perdi de vista foi inteiramente por minha própria iniciativa.

- E, no entanto - disse Hummin, que parecia disposto a erguer objeções contra tudo que fosse dito -, se aquela nave estava procurando por você, quem estava a bordo devia saber que você se encontrava por ali. Quem poderia tê-los informado disso, se não Leggen?

- O homem de quem suspeito - disse Seldon - é um jovem Psicólogo da Universidade. Chama-se Lisung Randa.

- Randa? - disse Dors. - Não posso acreditar. Eu o conheço. Ele não poderia trabalhar para o imperador, é um sujeito anti-imperialista até a medula.

- Pode estar fingindo - disse Seldon. - Aliás, ele teria que ser abertamente anti-imperialista, e ao extremo, se quisesse encobrir o fato de ser agente do Império.

- Pois é justamente isso o que ele não faz - tornou Dors.

- Não é extremado nem violento em coisa alguma. É um homem calmo, gentil, e seus pontos de vista são sempre expressos de modo delicado, quase tímido. Estou convencida de que as ideias dele são genuínas.

- E mesmo assim, Dors - disse Seldon, com energia -, foi ele a primeira pessoa que me falou do projeto meteorológico, foi ele que me sugeriu ir à Superfície, foi ele quem persuadiu Leggen a aceitar-me na missão, chegando até a exagerar meus talentos matemáticos, no esforço de convencê-lo. Por que estaria tão ansioso para que eu fosse lá? Por que se esforçou tanto?

- Por sua causa, talvez. Ele estava interessado em você, Hari, e deve ter achado que um pouco de meteorologia lhe seria útil em sua psico-história. Não acha?

- E ainda há outro ponto a considerar - disse Hummin, com suavidade. - Houve um considerável lapso de tempo entre o momento em que Randa lhe falou sobre o projeto meteorológico e o momento em que vocês foram de fato até a Superfície. Se Randa está inocente de qualquer tipo de conspiração, não teria nenhum motivo para guardar segredo sobre o que vocês falaram. E se ele é um indivíduo extrovertido, gregário ...

- É, sim - disse Dors.

- ... então é mais do que provável que ele tenha comentado sobre isso com um bom número de pessoas. Nesse caso, ficará quase impossível descobrir quem foi o informante. E há mais outra coisa. Suponhamos que Randa seja de fato anti-imperialista Isso não implica que não seja um agente; a questão seria: um agente de quem? Para que grupo ele trabalha?

Seldon estava perplexo.

- E para quem se poderia trabalhar, se não para o próprio Império? Para quem, se não para Demerzel?

Hummin ergueu a mão.

- Você ainda está longe ele entender a complexidade da política trantoriana, Seldon. -.Voltou-se para Dors. - Diga-me uma coisa: quais foram mesmo os

quatro setores que Leggen citou, como sendo as prováveis estações de origem da nave meteoro lógica?

- Hestelonia, Wye, Ziggoreth e Norte Damiano.

- Você não influenciou esta resposta, de nenhuma maneira?

Não sugeriu nenhum desses nomes como a origem da nave?

- Positivamente não. Apenas perguntei se ele poderia especular sobre as mais prováveis estações.

- E quanto a você? - Hummin virou-se para Seldon. - Terá visto alguma marca, alguma insígnia do lado de fora do íon-jato?

Seldon teve o impulso de responder com rudeza que a nave mal podia ser vista por entre as nuvens, que emergia apenas a breves intervalos, que ele próprio não estava procurando por marcas, mas apenas tentando escapar - porém conteve-se. Sem dúvida, Hummin já sabia daquilo tudo. Respondeu apenas:

- Creio que não.

- Se a nave estava numa missão de sequestro - disse Dors -, então é bem provável que sua verdadeira insígnia tenha sido alterada.

- É a suposição mais lógica - concordou Hummin - e é possível que isso tenha sucedido, mas nesta Galáxia nem sempre é a lógica que comanda as coisas. Entretanto, já que Seldon não reparou em nenhum detalhe da nave, tudo o que podemos fazer é especular. O que está na minha mente é: Wye.

- Por quê? - ecoou Seldon*. - Imagino que queriam me sequestrar, fossem eles quem fossem, pelos meus conhecimentos de psico-história.

- Não, não. - Hummin ergueu o dedo, como a chamar a atenção de um estudante jovem. - O que eu disse foi W-y-e. É o nome de um setor de Trantor, um setor muito especial. Tem sido governado por uma dinastia de prefeitos há mais ou menos uns três mil anos. É uma linha contínua, uma dinastia familiar ininterrupta. Houve uma época, há uns quinhentos anos atrás, em que dois imperadores e uma imperatriz da Casa de Wye sentaram no trono imperial. Foi um período relativamente curto, e nenhum dos monarcas de Wye se destacou ou foi particularmente bem-sucedido; mas os prefeitos de Wye nunca esquecem seu passado imperial.

- Eles não têm sido abertamente desleais para com as casas reais que os sucederam, mas também não demonstraram muito entusiasmo em defendê-las. Durante os períodos ocasionais de guerra civil eles sempre mantiveram uma espécie de neutralidade, assumindo atitudes que parecem ter sido planejadas no sentido de prolongar a guerra e tornar necessário um apelo à Casa de Wye como uma solução conciliatória. Nunca deu certo: mas eles nunca deixaram de tentar.

- O atual prefeito de Wye é particularmente hábil. Já está muito idoso, mas sua ambição não arrefeceu. Se acontecer qualquer coisa a Cleon, mesmo morte natural, o prefeito tem alguma chance de aspirar à sua sucessão, uma vez que o filho do imperador ainda é uma criança. A população da Galáxia sempre se inclin-

*Trocadilho baseado na semelhança de pronúncia entre Wye e Why ("Por quê"). (N. do T.)

na um pouco em favor de um pretendente ao trono, se este já tem um imperador entres seus antepassados.

- Desse modo, se o prefeito de Wye já ouviu falar de você, talvez ache que você poderia ser-lhe útil como um profeta em favor de sua casa. Não faltarão motivos ao prefeito para tramar um fim rápido para Cleon, e usar você para profetizar a subida dele ao trono e o advento de uma era de paz e prosperidade que durará milênios. É evidente que, uma vez o prefeito instalado no trono, você não lhe será mais útil, e terá o mesmo destino de Cleon ... a sepultura.

Seguiu-se um silêncio carregado de presságios, que foi quebrado pela voz de Seldon.

- Mas não sabemos se é esse tal Wye que está tentando me sequestrar

- De fato. Ou que alguma pessoa esteja, no momento. Pode ser que o íon-jato fosse apenas uma nave de pesquisa meteorológica, como Leggen sugeriu. No entanto, à medida que se espalhem comentários sobre as potencial idades da psico-história (e isso certamente acontecerá) haverá um número crescente de poderosos e semi-poderosos em Trantor (ou quem sabe até em outros mundos) que poderão querer fazer uso de seus serviços.

- E o que devemos fazer? - perguntou Dors.

- Está aí uma boa pergunta. - Hummin ruminou a questão por algum tempo, e então continuou. - Talvez tenha sido um erro trazê-lo para cá. É muito óbvio que um professor escolha para se esconder o interior de uma Universidade. Streeling é apenas uma entre muitas, mas é uma das maiores e que desfrutam de mais liberdade, e já posso ver uma porção de tentáculos muito longos e muito finos entrando aqui, deslizando, tateando às cegas, vindo na direção deste quarto ... Acho que Seldon precisa ser removido daqui o mais rápido possível. De preferência, hoje. Mas ...

- Mas? - inquiriu Seldon.

- Não sei para onde.

- Acione um dicionário geográfico no computador - sugeriu Seldon - e escolha um lugar, ao acaso.

- Nunca faria isso - retrucou Hummin. - Haveria a probabilidade de encontrarmos um lugar menos seguro do que a média, tanto quanto a de encontrarmos um mais seguro. Não, não: isso é algo que deve ser decidido racionalmente. Seja lá como for.

32.

Os três permaneceram trancados nos aposentos de Seldon até depois do almoço. Durante esse período, Hari e Dors trocaram algumas frases casuais

sobre este ou aquele assunto, mas Hummin manteve-se num silêncio quase absoluto: permaneceu muito empertigado em sua cadeira, quase não tocou na comida, e o seu rosto tinha uma expressão grave que o tornava mais velho do que era na realidade; mantinha um ar ausente e concentrado.

Seldon presumiu que ele estaria repassando mentalmente a imensa geografia de Trantor, em busca de um lugar que pudesse lhe servir de esconderijo. Uma tarefa nada fácil, por certo.

Helicon, o planeta natal de Seldon, era talvez um ou dois por cento maior do que Trantor, e sua área oceânica era menor. A superfície continental de Helicon era talvez 10% mais vasta do que a de Trantor: mas Helicon tinha uma população esparsa, e seus continentes eram apenas pontilhados de núcleos urbanos, enquanto que Trantor era todo uma única megalópole. Helicon estava dividido em vinte setores administrativos; Trantor tinha mais de oitocentos, cada um deles cheio de complexas subdivisões.

Por fim Seldon falou, quase em desespero:

- Talvez a melhor solução, Hummin, fosse escolher, entre esses nobres possivelmente interessados em meus talentos, qual o mais bem-intencionado, e me entregar a ele, para que ele me defendesse dos demais.

Hummin o fitou com imperturbável seriedade:

- Não é necessário. Eu conheço o mais bem-intencionado desses pretendentes, e você já está nas mãos dele.

Seldon sorriu.

- Você se coloca no mesmo nível do prefeito de Wye e do imperador da Galáxia?

- Em termos de posição política, não. Em termos de interesses nos seus talentos, sim. A única diferença é que eles querem pôr as mãos em você para aumentar o poder e a riqueza de que já dispõem, enquanto que eu não tenho nenhuma outra ambição senão o bem da Galáxia.

- Desconfio - disse Seldon, com secura - de que qualquer um desses seus rivais diria a mesma coisa: que está interessado apenas no bem da Galáxia.

- Estou certo disso - falou Hummin. - Mas até agora o único deles com quem você teve contato pessoal foi o imperador, cujo único interesse era que você fizesse previsões fictícias para garantir a estabilidade de sua dinastia. Eu não lhe pedi nada desse tipo. Pedi-lhe apenas que aperfeiçoasse sua psico-história de modo a poder fazer predições matematicamente válidas, ainda que de natureza meramente estatística.

- É verdade - disse Seldon. E completou, com um meio-sorriso: - Pelo menos até agora.

- Já que tocamos no assunto, quero fazer uma pergunta. Como está indo o seu trabalho? Algum progresso?

Por alguns instantes, Seldon hesitou entre soltar uma gargalhada ou ceder a um acesso de fúria. Depois de um rápido intervalo, reprimiu esses dois impulsos e conseguiu falar com tranquilidade: - Progresso?! Em menos de dois meses? Hummin, isto é algo que pode muito bem exigir minha vida inteira, e a vida

inteira de doze gerações depois de mim, e ainda assim redundar em fracasso.
- Não estou me referindo a nada tão conclusivo quanto uma solução, ou mesmo o esboço de uma solução. Acontece que você me repetiu não sei quantas vezes que a utilização da psico-historia seria possível, mas jamais seria praticável. Tudo o que estou perguntando é se existe, agora, alguma esperança de reverter essa situação.
- Com franqueza, não.
- Desculpem-me - disse Dors. - Não sou conhecedora de matemática, e espero não estar fazendo nenhuma pergunta idiota. Mas como pode alguma coisa ser ao mesmo tempo possível e impraticável? Você já me disse que, teoricamente, alguém poderia encontrar e cumprimentar pessoalmente todos os habitantes do Império, mas que isso não poderia ser realizado na prática porque ninguém viveria durante o tempo necessário para fazê-lo. Como pode, no entanto, estar tão certo de que a psico-história é algo semelhante?
Seldon olhou para Dors com alguma incredulidade. - Você quer que eu explique isso?
- Sim - respondeu ela, e fez um gesto afirmativo com a cabeça, com tanto vigor que seus cabelos cacheados balançaram. - Para falar a verdade, eu também gostaria - disse Hummin.
- Sem matemática alguma? - perguntou Seldon, ainda com um esboço de sorriso nos lábios.
- Por favor - concordou Hummin.
- Bem ... - Seldon mergulhou em seus próprios pensamentos, tentando encontrar o método ideal de apresentação das suas ideias Então começou. - Para entender qualquer aspecto do Universo, convém simplificá-lo o máximo possível, deixando incluídas nele apenas aquelas características e propriedades que podem contribuir para esse entendimento. Se queremos analisar a queda de um corpo, por exemplo, não temos que nos preocupar se ele é velho ou novo, se é vermelho ou verde, se tem cheiro ou não. Eliminamos esses detalhes, e assim não temos que lidar com fatores desnecessariamente complexos. Chamamos a essas simplificações de modelos ou simulações, e podemos manipulá-los seja através de uma representação numa tela de computador ou por meio de uma fórmula matemática. Se considerarmos, por exemplo, a teoria primitiva da gravitação não-relativista ...
- Você prometeu que não usaria matemática - interrompeu Dors no mesmo instante. - Não tente recorrer a ela, mesmo chamando-a de "primitiva".
- Não, não. Uso o termo "primitiva" apenas porque essa teoria é conhecida há muitíssimo tempo, até onde vão os nossos registros; sua descoberta está perdida nas brumas do passado, tanto quanto a descoberta do fogo ou da roda. Em todo caso, as equações dessa teoria abrangem a descrição dos movimentos de um sistema planetário, de uma estrela dupla, das marés, e de várias outras coisas. Usando essas equações, é possível montar uma simulação pictórica de um planeta orbitando em torno de uma estrela, ou de duas estrelas girando uma em redor da outra, numa tela bidimensional. .. ou mesmo montar sistemas mais

complexos numa holografia tridimensional. Essas simulações simplificadas tornam mais fácil captar a essência desses fenômenos, muito mais do que se tivéssemos de estudar o fenômeno propriamente dito. De fato, sem as equações gravitacionais, nosso conhecimento dos movimentos planetários e da mecânica celeste em geral seria sem dúvida muito deficiente.

- No entanto, à medida que procuramos saber mais e mais coisas sobre o fenômeno, ou à medida que ele vai se tornando mais e mais complexo, precisamos de equações cada vez mais complexas, programações cada vez mais detalhadas, e isso nos leva a simulações computadorizadas cada vez mais difíceis de assimilar .

- Não seria possível criar a simulação de uma simulação? - perguntou Hummin. - Voltaríamos a avançar um degrau na direção do mais simples.

- Nesse caso você teria que eliminar algumas características do fenômeno que teriam de estar incluídas; sua simulação seria inútil. A chamada MSP, ou "Mínima Simulação Possível" torna-se complexa mais rapidamente do que o objeto que está sendo simulado, e num certo ponto a simulação e o fenômeno acabam por se confundir, por se equivaler. Desse modo é que foi estabelecido, há milhares de anos atrás, que o Universo como um todo, em sua imensa complexidade, não pode ser representado por nenhuma simulação mais simples do que ele próprio.

- Em outras palavras, não se pode traçar uma representação do Universo como um todo sem estudá-lo em sua totalidade. Também já foi demonstrado que não se pode criar simulações para uma pequena parte do Universo, e depois para outra, e para outra, e assim por diante, com o objetivo de reunir todas elas e formar uma representação total do Universo: para isso, seria necessário um número infinito de tais simulações parciais. Portanto, seria necessário um tempo infinito para entender a totalidade do Universo, e isso equivale a dizer que é impossível reunir as informações necessárias a essa tarefa.

Até agora estou entendendo - disse Dors, um tanto surpresa.

Então muito bem. Ora, nós sabemos que certas coisas relativamente simples são fáceis de simular, e à medida que essas coisas se tornam mais complexas a simulação vão ficando mais trabalhosa, até tornar-se finalmente impossível. Mas, em que nível de complexidade a simulação se torna impossível? Muito bem: o que demonstrei, usando um artifício matemático inventado no século passado (e difícil de usar mesmo quando se empregar um computador de grande tamanho e velocidade) foi que a nossa Galáxia fica muito aquém desse ponto. Ela pode ser representada por uma simulação mais simples do que ela própria. E fui mais além: demonstrei que isso implicaria a possibilidade de ser predizerem eventos futuros, ainda que estatisticamente ... ou seja, estabelecendo o grau de probabilidade de um conjunto específico de eventos, em vez de anunciar taxativamente que um desses eventos irá acontecer.

- Nesse caso - disse Hummin -, do momento em que você pode criar uma simulação para a sociedade galáctica, é apenas uma questão de pôr mãos à obra. O que o impede de fazê-lo?

- Tudo o que provei foi que para criar essa simulação não será preciso um

tempo infinito. Mas se o tempo finito necessário for, digamos, um bilhão de anos, então a tarefa será impraticável. Em termos humanos, isso seria o mesmo que um tempo infinito.

- Seria esse, o tempo necessário? Um bilhão de anos?

- Não consegui estabelecer isso com precisão, mas tenho fortes suspeitas de que seria algo em torno desse número.

- Mas não tem certeza ainda. Estou tentando descobrir. Sem sucesso?

- Sem sucesso.

- A Biblioteca da Universidade não lhe tem servido para nada?

- Hummin lançou um olhar na direção de Dors ao fazer esta pergunta.

Seldon sacudiu negativamente a cabeça. - De modo algum - disse.

- Dors não pode ajudá-lo?

Dors suspirou. - Não entendo nada desse assunto, Chetter. Tudo o que posso fazer é mostrar a Hari o modo mais fácil de procurar uma informação. Se ele procura e não acha, não posso fazer mais nada.

Hummin pôs-se de pé.

- Nesse caso, a permanência de Seldon aqui na Universidade não tem mais razão de ser. Tenho que descobrir um lugar onde colocá-lo...

Seldon estendeu o braço e tocou no braço de Hummin.

- Espere aí - disse. - Tenho uma idéia, apesar de tudo. Hummin estreitou os olhos, numa expressão que tanto podia significar surpresa quanto desconfiança.

- Ah, tem uma idéia? E essa idéia surgiu quando? Agora mesmo?

- Não, não. É algo que está dando voltas em minha cabeça desde alguns dias antes da minha ida à Superfície. Tudo aquilo que aconteceu acabou fazendo com que eu me esquecesse, mas agora que falamos sobre a biblioteca voltei a me lembrar.

Hummin sentou-se.

- Então explique essa sua idéia, desde que não seja algo totalmente matemático.

- Não, não há nada de matemático nisto. Quando estava pesquisando história na biblioteca ocorreu-me que a sociedade galáctica era muito menos complicada antigamente. Há doze mil anos atrás, quando o Império estava em processo de estruturação, a Galáxia tinha apenas uns dez milhões de mundos habitados. Há vinte mil anos atrás, os reinos pré-imperiais abrangiam, todos juntos, apenas dez mil planetas. Indo ainda mais longe no passado, quem pode saber até que ponto a sociedade iria ficar reduzida? Talvez a um único planeta, como as lendas que você mencionou certa vez, Hummin.

- Então você acha que seria capaz de desenvolver a psico-história se estivesse lidando com uma sociedade galáctica bem mais simples do que a atual.

- Parece-me que sim.

- Então - aduziu Dors, possuída por um súbito entusiasmo -, digamos que você formule a psico-história em relação a uma dessas sociedades mais simples do passado; digamos que você estude a situação pré-imperial e a partir dela faça predições sobre o que iria acontecer mil anos após a formação do Império ...

poderíamos então examinar o que teria acontecido nessa época, e ver até que ponto suas predições estavam corretas.

Hummin falou com frieza:

- Isso seria um teste muito pouco confiável, se levarmos em conta que já sabemos por antecipação a situação por volta do ano 1.000 da Era Galáctica. Esse conhecimento antecipado iria influenciá-lo inconscientemente: você seria levado a escolher para suas equações valores tais que lhe permitissem chegar aos resultados já sabidos.

- Não acho - discordou Dors. - Na verdade não sabemos como era a situação da Galáxia no ano 1.000 E.G.; teríamos que pesquisar para sabê-lo. Não se esqueça de que foi há onze milênios atrás.

O rosto de Seldon exibiu uma expressão de desânimo.

- O que significa isto, que não sabemos a situação no ano 1.000 E.G.? Havia computadores naquele tempo, não?

- Claro que sim.

- E unidades de armazenamento de memória, e registros audiovisuais? Imagino que tenhamos do ano 1.000 E.G. material comparável ao que temos do corrente ano de 12.020 E.G.

- Em teoria, sim, mas na prática ... Veja bem, Hari, é como o que você vive nos dizendo. É possível ter registros completos sobre 1.000 E.G., mas do ponto de vista prático eles não existem.

- O que eu digo se refere a demonstrações matemáticas. Não vejo como pode se aplicar a registros históricos.

- Registros não duram para sempre - retrucou Dors, em atitude defensiva. - Bancos de memória podem ser destruídos ou danificados pelas guerras ou pela mera ação do tempo. Cada bit de memória, cada gravação que passa muito tempo sem ser consultada pode ir se deteriorando em ruído. Costuma-se dizer que pelo menos um terço da Biblioteca Imperial consta de material ininteligível, mas a tradição impede que seja destruído. Outras bibliotecas são menos conservadoras. Na Universidade de Streeling, a cada dez anos nós eliminamos material inútil.

- É claro que registros consultados com frequência, e dos quais há cópias em bibliotecas de vários planetas, oficiais ou particulares, podem conservar-se acessíveis por milhares de anos; assim, os fatos essenciais da história galáctica permanecem conhecidos, mesmo que tenham se dado nos tempos pré-imperiais. Mas o fato é que quanto mais se recua no tempo mais precária é a conservação desse material.

- Não posso acreditar - disse Seldon. - Sempre achei que, toda vez que um registro estivesse ameaçado de deterioração, novas cópias seriam feitas. Como é possível deixar que todo esse conhecimento desapareça?

- Um registro que ninguém jamais consulta é um registro inútil - disse Dors. - Pode imaginar todo o tempo, todo o esforço e a energia que seriam necessários para ficarmos continuamente restaurando gravações que não interessam a ninguém? E esse desperdício iria crescer cada vez mais com a passagem do

tempo.
- Mas seria preciso levar em conta que alguém, algum dia, poderia necessitar desses dados tão negligenciados hoje.
- Uma informação específica pode ser consultada apenas uma vez em mil anos. Preservá-la todo esse tempo apenas com esse objetivo seria improdutivo. Nas ciências exatas também sucede assim. Você ainda há pouco se referiu às equações gravitacionais primitivas, e disse que eram primitivas porque sua descoberta não pode ser localizada no passado. Por que isso acontece? Vocês, matemáticos e cientistas, não têm dados, informações, nada relativo a esse passado remoto quando as tais equações foram inventadas?
Seldon deu um grunhido e não tentou responder. Disse apenas:
- Hummin, minha idéia, então, fica por aí. Se analisarmos o passado e lidarmos com sociedades menores, há uma boa possibilidade de desenvolver a psico-história. Mas o conhecimento disponível decresce muito mais rapidamente do que o tamanho das sociedades, de modo que esse aspecto negativo se sobrepõe às vantagens, e a psico-história torna-se mais uma vez impraticável.
- Oh, claro - disse Dors. - Basta ver o Setor Mycogen. Hummin ergueu o rosto no mesmo instante.
- Exatamente! - exclamou. - Esse é o lugar ideal para esconder Seldon. Como não tive logo essa idéia?!
- Setor Mycogen - repetiu Seldon, olhando de um para o outro. - E onde fica esse tal Mycogen?
- Hari, por favor, mais tarde falaremos sobre isso. Agora temos que fazer nossos preparativos. Você viaja hoje à noite.

33.

Dors tinha insistido para que Seldon dormisse um pouco. Estariam partindo no período intermediário entre o apagar e o acender das luzes do "céu", no meio da noite artificial de Trantor, enquanto o resto da Universidade estaria adormecida. Dors insistiu para que ele repousasse o mais possível.
- E você - perguntou ele. - Vai dormir no chão outra vez? Ela encolheu os ombros.
- A cama só tem espaço para uma pessoa, e se tentássemos nos acomodar os dois nenhum de nós conseguiria dormir.
Ele lançou para ela um olhar momentaneamente carregado de desejo; depois disse:
- Então é minha vez de dormir no chão.
- Não. Afinal não fui eu que estive a ponto de entrar em coma, dormindo sob a

geada.
O resultado foi que nenhum dos dois dormiu. As luzes do quarto foram apagadas, e o perpétuo zumbido de Trantor era apenas um rumor surdo ao fundo do pesado silêncio que cobria a Universidade" mas Seldon insistiu em continuar conversando.
- Tenho lhe dado muito trabalho, Dors - disse. - Tenho até mesmo atrapalhado seu trabalho. Ainda assim, lamento que tenhamos de nos separar.
- Não vamos nos separar - respondeu ela. - Vou com você.
Hummin vai me conseguir uma dispensa.
- Não posso lhe pedir isso - disse Seldon, espantado.
- E não está. Foi Hummin que me pediu. Tenho que tomar conta de você: afinal de contas, falhei no episódio de sua ida à Superfície, e preciso me reabilitar.
- Já lhe disse para não se sentir culpada daquilo, mas não posso negar que ficarei mais tranquilo tendo você comigo. Se ao menos eu pudesse ter certeza de que não estou atrapalhando sua vida... - Não, Hari, não está - disse ela suavemente. - E por favor, durma.
Seldon ficou em silêncio durante algum tempo e depois perguntou:
- Tem certeza de que Hummin pode resolver tudo satisfatoriamente, Dors?
- Ele é um homem notável - disse ela. - É muito influente aqui na Universidade, e em toda parte, pelo que posso ver. Se ele me diz que pode me conseguir uma licença permanente de minhas funções, é porque pode, de fato. É um homem muito persuasivo.
- Sei disso - concordou Seldon. - Às vezes fico imaginando o que será que ele quer de mim.
- Exatamente o que ele diz. É um homem idealista, sonhador, e que acredita muito fortemente nas próprias ideias
- Você fala como se o conhecesse muito bem. - Oh, conheço, sim.
- Intimamente?
Dors fez um ruído esquisito com a garganta.
- Não sei muito bem o que você está insinuando, Hari, mas, supondo a interpretação mais insolente ... a resposta é não, eu não o conheço intimamente. Aliás, será que é da sua conta?
- Desculpe - disse Seldon. - Não tenho a intenção, nem por um descuido, de invadir a ...
- A propriedade alheia? Isso é um insulto ainda pior. É melhor você ir dormir.
- Desculpe-me novamente, Dors, mas não consigo dormir. Vamos pelo menos mudar de assunto. Você ainda não me explicou o que é esse Setor Mycogen. Qual a vantagem para mim de ficar lá? Como é o local?
- É um pequeno setor, com uma população de uns dois milhões de pessoas, se me lembro bem. O detalhe a seu respeito é que os mycogenianos se apegam a um conjunto muito rígido de tradições sobre a história antiga, e fala-se que dispõem de registros muito remotos, que não estão disponíveis em nenhuma outra parte. Talvez eles lhe sejam mais úteis para estudar os tempos pré-

imperiais do que qualquer historiador ortodoxo. Todo aquele nosso diálogo sobre história antiga trouxe Mycogen à minha lembrança.

- Você já teve acesso aos tais registros?

- Não, nem conheço ninguém que os tenha visto.

- Como pode ter certeza de que existem, então?

- Não tenho certeza, para falar a verdade. Os não-mycogenianos, de um modo geral, os consideram uma horda de malucos, mas talvez esse julgamento seja injusto. Eles dizem que têm esses registros, e é possível que seja verdade. Em todo caso, lá estaremos bem escondidos. Os mycogenianos são um povo muito reservado. E agora, por favor, vá dormir.

Seldon acabou conseguindo.

34.

Hari Seldon e Dors Venabili deixaram o território da Universidade quando o crono-visor marcava 03:00. Seldon deixou que Dors assumisse a liderança: ela conhecia Trantor melhor do que ele - tinha dois anos de vantagem. Ela e Hummin eram sem dúvida amigos muito próximos (até que ponto? A questão não parava de atormentá-lo) e cabia a ela executar suas instruções.

Ambos estavam vestindo capas leves que os envolviam por completo e que culminavam em capuzes muito justos. Esse tipo de traje tinha sido uma moda passageira na Universidade (e entre a juventude intelectual, como um todo) há alguns anos atrás, e embora nessa época pudesse provocar risadas tinha a excelente vantagem de recobri-los por completo e torná-los irreconhecíveis, pelo menos a um olhar menos atento.

Hummin tinha dito:

- Existe uma possibilidade de que o episódio da Superfície tenha sido casual e não haja nenhum agente no seu encalço, Seldon, mas devemos estar preparados para o pior.

- Então você não vem conosco? - perguntou Seldon, ansioso.

- Eu bem que gostaria - respondeu Hummin -, mas não posso ficar afastado do meu trabalho por muito tempo, senão acabarei na mira deles. Compreende?

Seldon suspirou. Claro que compreendia.

Entraram num carro do expressway e procuraram um assento que ficasse o mais distante possível daqueles já ocupados por outros passageiros. (Seldon imaginou por quais motivos haveria gente no expressway às três da manhã - mas logo lhe ocorreu que isso era uma vantagem, pois fazia com que os dois passassem despercebidos.)

Ele ficou a observar o interminável panorama que desfilava através da janela à

medida que aquela interminável linha de vagões se deslocava ao longo do também interminável monotrilho magnético.

O expressway ia deixando para trás blocos e mais blocos de conjuntos habitacionais, poucos dos quais atingiam certa altura, embora alguns, ele sabia, penetrassem profundamente no subsolo. Era evidente que, quando se dispõe de dezenas de milhões de quilômetros quadrados de área urbanizada, mesmo quarenta bilhões de pessoas não irão necessitar de edifícios muito altos ou muito próximos entre si. Seldon viu boa quantidade de áreas abertas, na maioria das quais parecia haver plantações, enquanto que outras serviam visivelmente como parques. E havia bom número de estruturas cuja finalidade ele não conseguia adivinhar. Fábricas? Prédios de escritórios? Quem podia saber? Um imenso cilindro deu-lhe a impressão de ser um reservatório de água. Afinal, Trantor tinha de ter um suprimento constante de água potável, e pareceu evidente a Seldon que eles de algum modo canalizavam a chuva da Superfície, que a seguir seria filtrada e tornada própria para consumo.

Mas Seldon não teve muito tempo para contemplar a paisagem. Dors murmurou:

- Temos que sair agora.

Ficou de pé e seus dedos firmes se cerraram sobre o braço de Seldon.

Ao saírem do expressway, ficaram durante alguns instantes parados na plataforma enquanto Dors examinava as placas de sinalização.

A sinalização era discreta, e havia grande número de indicações.

Seldon sentiu seu coração afundar quando constatou que a maior parte delas se compunha de pictografias e iniciais maiúsculas, códigos certamente compreensíveis para um nativo de Trantor, mas totalmente indecifráveis aos seus olhos.

Por aqui - disse Dors. - Como sabe?

- Olhe ali. Duas asas e uma seta.

- Duas asas? Oh. - Ele tinha interpretado o signo como um W invertido, largo e achatado, mas agora podia admitir que se tratava da representação estilizada das asas de um pássaro. - Por que não usam palavras? - perguntou, mal-humorado.

- Palavras variam de planeta para planeta - replicou Dors.

- O que aqui em Trantor é um aerojato, em Cinna pode ser chamado de asa-móvel, e em outros planetas de mergulhador. As duas asas e a seta são o símbolo galáctico para um transporte aéreo, e esse símbolo é usado em toda parte. Não o empregam em Helicon?

- Não muito. Helicon é um mundo culturalmente muito homogêneo, e temos a tendência de nos apegar aos nossos próprios modos de expressão, uma vez que nossos vizinhos nos deixam de certo modo encurralados.

- Está vendo? Sua psico-história pode abordar este ponto. Você pode demonstrar que apesar da existência de diferentes dialetos o uso de símbolos padronizados em toda a Galáxia pode funcionar como um fator de unificação.

- Não adianta de muita coisa - respondeu ele.

Enquanto seguia Dors em meio a ruas pouco iluminadas, uma parte da mente de Seldon tentava imaginar qual seria a taxa de criminalidade em Trantor, e se aquela seria uma região de alta periculosidade. Depois complementou seu pensamento:

- Pode-se ter um bilhão de regras, cada uma delas correspondendo a um fenômeno específico, e ainda assim não poder derivar disso nenhuma generalização. É por isso que se diz que alguns sistemas só podem ser interpretados por um modelo se este for tão complexo quanto o sistema propriamente dito. Dors, vamos pegar um aerojato?

Ela entre parou e voltou-se para ele com uma expressão divertida no rosto.

- Se estamos seguindo o sinal que indica aerojatos, para onde pensa que estamos indo? Para um campo de golfe? Não me diga que você tem medo de aerojatos, como a maior parte dos trantorianos.

- Não, não. Em Helicon se voa com toda liberdade, e já viajei muitas vezes de aerojato. Apenas me lembrei de que quando Hummin me levou à Universidade ele comentou que estava evitando um vôo comercial porque isso deixaria um rastro muito fácil de ser seguido.

- Sim, mas porque naquela ocasião eles sabiam onde você estava, e já o tinham sob vigilância. Agora, não é o caso: provavelmente não sabem onde estamos agora, e além disso estaremos usando um aeroporto secundário, e um aerojato particular.

Quem vai pilotá-lo?

Algum amigo de Hummin, imagino. - Será de confiança?

- Se é um amigo de Hummin, com certeza sim.

- Você evidentemente tem Hummin em alto conceito - disse Seldon com um laivo de ciúme na voz.

- E com toda razão - respondeu Dors, sem modéstia. - Ele é o melhor.

O ciúme de Seldon não diminuiu nem um pouco, e pouco depois Dors apontou:

- Ali está o aerojato.

Era uma nave pequena, com asas de formato esquisito. Parado junto dela estava um indivíduo baixinho, vestindo uma roupa de cores berrantes, tipicamente trantoriana

- Nós somos psico - disse Dors.

- Eu sou história - disse o piloto.

Subiram para o aerojato e Seldon indagou: - De quem foi a idéia desta senha?

- Hummin - disse Dors.

Seldon soltou um grunhido.

- Nunca imaginei que Hummin tivesse senso de humor. Um sujeito tão soturno

Dors sorriu.

MESTRE DO SOL

MESTRE DO SOL 14 - ... Um líder do Setor Mycogen da antiga Trantor ... Como acontece com todos os líderes desse setor pouco desenvolvido, pouco se sabe a seu respeito. O lugar que ocupa na história deve-se inteiramente a seu relacionamento com Hari Seldon durante A Fuga ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

35.

Havia apenas duas poltronas por trás do compacto compartimento do piloto, e quando Seldon se instalou numa delas sentiu que seu corpo estava sendo automaticamente envolvido por uma malha que se ajustou às suas pernas, seu peito e sua cintura, enquanto que uma espécie de capacete descia do teto para recobrir sua testa e suas orelhas. Sentiu-se aprisionado, e quando virou com dificuldade o rosto para a esquerda viu que Dors estava igualmente envolta numa malha semelhante.

O piloto instalou-se em seu assento e, enquanto checava os controles, falou:

- Sou Endor Levanian, às suas ordens. Essa malha de proteção é necessária durante a decolagem, devido à forte aceleração a que amos ser submetidos. Assim que estivermos voando em espaço aberto vocês ficarão livres novamente. Não precisam me dizer seus nomes. não é da minha conta. - Virou-se em seu assento e sorriu para eles: seu rosto lembrava o de um gnomo, e o sorriso espalhava uma porção de rugas pela sua face. - Algum problema psicológico crianças?

- Sou estrangeira, e estou acostumada a voar - disse Dors, descontraidamente.

- Eu também - disse Seldon, tentando aparentar dignidade.

- Muito bem, crianças. É evidente que isto aqui não é um aerojato convencional, e talvez vocês não estejam habituados a voos noturnos, mas espero que se divirtam.

Seu corpo já estava também recoberto pela malha, mas Seldon observou que os braços ficavam livres.

Um barulho surdo começou a se ouvir no interior da nave, crescendo em

intensidade e adquirindo um tom cada vez mais agudo. Embora não chegasse a ser desagradável, Seldon instintivamente tentou esboçar o gesto de sacudir a cabeça para aliviar a pressão sobre os tímpanos, mas isso serviu apenas para apertar ainda mais a rede que o envolvia.

O barulho aumentou e o aerojato saltou no espaço (Seldon não encontrou nenhuma outra expressão para descrever o fato), fazendo com que os seus corpos fossem violentamente comprimidos de encontro ao assento e ao encosto das poltronas.

Através do para-brisa que ficava à frente do piloto, Seldon viu, com um estremecimento de pavor, a aproximação inexorável de um paredão monumental, no qual surgiu de repente uma abertura circular. Era semelhante àquela na qual o aerotáxi tinha penetrado no dia em que ele e Hummin tinham deixado o Setor Imperial, mas embora esta fosse larga o bastante para conter o corpo do aerojato, certamente não tinha espaço por onde pudessem passar as asas.

Seldon virou a cabeça para a direita o melhor que pôde, ainda a tempo de ver a asa direita da nave dobrar-se sobre si própria e ser recolhida no interior de uma abertura na fuselagem.

O aerojato mergulhou na abertura, sendo imediatamente capturado pelo campo eletromagnético que o impulsionou ao longo de um túnel brilhantemente iluminado. A aceleração era constante, e a intervalos regulares ouviam-se estalidos; Seldon imaginou que o ruído indicasse a passagem de cada um dos magnetos do túnel.

Em menos de dez minutos o aerojato foi cuspido na atmosfera, penetrando como bala na súbita escuridão que o cercou por todos os lados.

Ao se ver livre do campo eletromagnético a nave começou a desacelerar, e Seldon desta vez se sentiu impelido para a frente, seu corpo sendo pressionado com força de encontro à malha protetora, fazendo-o perder o fôlego por alguns instantes.

Então a pressão cessou, e a malha foi automaticamente recolhida de volta aos escaninhos de onde saíra.

- Como estão, crianças? - soou a voz jovial do piloto.

- Não sei ao certo - respondeu Seldon. Virou-se para Dors.

- Você está bem?

- Com certeza - disse ela. - Acho que o Sr. Levanian estava fazendo um teste conosco para conferir se somos mesmo estrangeiros. Acertei, Sr. Levanian?

- Algumas pessoas gostam de emoções fortes - disse Levanian. - Vocês não?

- Dentro de certos limites - disse Dors. E Seldon completou:

- Como qualquer pessoa de bom senso poderá lhe dizer.- E prosseguiu: - Isto tudo talvez lhe parecesse menos engraçado, senhor, se as asas de sua nave tivessem sido arrancadas à entrada do túnel.

- Impossível. Já lhes falei que isto não é um aerojato convencional. As asas são controladas por computador. Elas mudam de comprimento, largura, curvatura e formato de modo a corresponder à velocidade do jato, à velocidade

e direção do vento, à temperatura, e mais uma meia-dúzia de variáveis. Elas só podem sofrer algum tipo de dano se a própria nave for submetida a pressões que a despedacem por completo.

Seldon sentiu alguma coisa chocar-se de encontro à janela do seu lado.

- Está chovendo - falou.

- Aqui chove o tempo todo - disse o piloto.

Seldon espiou para fora. Em Helicon ou em qualquer outro planeta haveria luzes visíveis - a face luminosa da civilização, mas em Trantor estava tudo encoberto por uma camada de trevas.

Não totalmente, no entanto: num determinado ponto ele avistou o piscar intermitente de uma luz-guia. Talvez os pontos mais elevados da Superfície fossem providos de faróis.

Como de hábito, Dors percebeu a inquietação de Seldon. Dando um tapinha na mão dele, ela disse:

- Tenho certeza de que o piloto sabe o que faz, Hari.

- Também acho, Dors, mas ficaria muito agradecido se ele partilhasse os seus conhecimentos conosco.

Falou em voz alta o bastante para que o piloto o escutasse, e este logo respondeu:

- Nenhum problema. Para começar, estamos rumando para o alto. Em poucos minutos estaremos acima da camada de nuvens Lá no alto não estará chovendo, e vocês poderão avistar as estrelas.

O aviso foi bem sincronizado, e alguns instantes depois as primeiras estrelas começaram a cintilar através dos derradeiros farrapos de nuvens, e quando o piloto apagou as luzes internas da cabine eles se viram envoltos em escuridão e rutilância. Ali dentro a única luz era a do painel de controle, e do lado de fora o céu faiscava em constelações.

Dors falou:

- É a primeira vez que vejo as estrelas nestes últimos dois anos. Não são maravilhosas? Tão brilhantes ... e tantas, tantas.

O piloto respondeu:

- Trantor está mais próximo do centro da Galáxia do que a maioria dos outros mundos do Império.

Seldon estava sem fala. Helicon ficava situado num recanto remoto da Galáxia, e seu firmamento era insignificante comparado àquele.

- O vôo está muito tranquilo - comentou Dors.

- É mesmo - disse Seldon. - Que tipo de propulsão tem esta nave, Sr. Levanian?

- Um motor de micro-fusão, e um jorro concentrado de gás superaquecido.

- Não sabia que já tínhamos desenvolvido aerojatos de micro-fusão Falam muito a respeito, mas ...

- São muito poucos ainda. Até o momento são usados apenas em Trantor, e unicamente pelos funcionários do governo.

- O custo deste tipo de vôo deve ser muito alto.

- Tem razão, senhor.
- Quanto o Sr. Hummin está pagando por esta viagem?
- Nada, senhor. O Sr. Hummin é um amigo da companhia proprietária dos jatos.
Seldon soltou um grunhido. Depois perguntou:
- Por que não há um número maior desses jatos de micro-fusão?
- Em primeiro lugar, porque são muito caros. E a quantidade que existe já satisfaz a atual demanda.
- A demanda poderia ser aumentada, se se fabricassem naves maiores.
- É possível, mas a companhia ainda não conseguiu fabricar motores de micro-fusão fortes o bastante para conduzirem naves maiores do que esta.
Seldon recordou as queixas de Hummin sobre o baixo nível a que tinha chegado a inovação tecnológica.
Decadência - murmurou. - O quê? - disse Dors.
- Nada. Estava pensando em algo que Hummin me disse certa vez. - Olhou para as estrelas lá fora. - Estamos indo na direção do oeste, Sr. Levanian?
- Sim. Como sabe?
- Calculei que se estivéssemos indo para o leste já teríamos a esta altura avistado a aurora, uma vez que estaríamos indo em sua direção.
Mas a aurora acabou por alcançá-los, rodeando o planeta, até que a luz do sol, a luz brilhante e verdadeira de um sol, encheu a cabine. Isso não demorou muito, no entanto, uma vez que o aerojato logo descreveu uma curva descendente e penetrou no colchão de nuvens. O céu azul e a luminosidade dourada foram substituídos por um cinza cor de chumbo, e tanto Dors quanto Seldon soltaram um gemido de desapontamento ao se verem privados daqueles preciosos momentos de verdadeira luz.
Quando surgiram no espaço abaixo da camada de nuvens, a Superfície estava imediatamente por baixo deles, e seu terreno, pelo menos naquela região, era uma mistura de fundos barrancos cobertos de vegetação, separados uns dos outros por largas áreas de relva rasteira. Era o tipo de solo que, segundo Clowzia, existia em vários pontos da Superfície.
Mais uma vez houve pouco tempo para observação. Uma abertura apareceu diante deles, rodeada por enormes letras que grafavam o nome MYCOGEN.
O aerojato foi na direção dela, e mergulhou.

36.

Aterrissaram num aeroporto que aos olhos de Seldon pareceu deserto. O piloto, tendo cumprido sua tarefa, apertou as mãos dos dois e voltou a elevar a

nave nos ares, para logo desaparecer numa abertura que surgiu à sua frente.

Parecia que não tinham nada mais a fazer senão esperar. Havia ali alguns bancos muito longos, onde caberiam talvez umas cem pessoas, mas Seldon e Dors Venabili eram os únicos seres humanos à vista. O aeroporto era retangular, cercado por paredões onde devia haver um bom número de túneis por onde aerojatos podiam chegar e partir; mas não havia nenhuma nave ali após a partida do jato que os trouxera, e nenhum chegou enquanto esperavam.

Ninguém circulava por ali, e não havia qualquer indicação de moradias humanas nas proximidades. Até mesmo o eterno zumbido de Trantor estava inaudível.

Aquela solidão começou a parecer opressiva a Seldon. Ele virou-se para Dors e disse:

- Afinal, o que viemos fazer aqui? Tem alguma idéia? Dors sacudiu a cabeça.

- Hummin me disse que seríamos procurados aqui por um tal de Mestre do Sol Catorze. Não sei nada além disso.

- Mestre do Sol Catorze? O que pode ser isso?

- Um ser humano, suponho. Pelo nome não dá para saber se é homem ou mulher. - Nome estranho.

- A estranheza está no olho de quem vê. Às vezes, pessoas que me conhecem apenas pelo nome pensam que sou homem. - Pobres-coitados - sorriu Seldon.

- Nem tanto. A julgar pelo meu nome, têm uma certa razão. Já me disseram que é um nome masculino bastante popular em alguns planetas.

- Nunca ouvi antes.

- É porque você não é um grande viajante. O nome "Hari" é bastante comum por toda parte, embora certa vez eu tenha conhecido uma mulher chamada "Hare", com a pronúncia igual à do seu nome, só que escrito com e. Em Mycogen, pelo que me recordo, nomes específicos ficam restritos a determinadas famílias, e recebem uma numeração.

- Mas Mestre do Sol me parece um nome meio extravagante.

- O que há de mal em um pouco de excentricidade? Em Cinna, "Dors" deriva de uma antiga expressão local que significa "dádiva da primavera".

- Você nasceu na primavera?

- Não. Abri os olhos pela primeira vez em pleno verão de Cinna, mas meus pais acharam este nome agradável, sem ligar para seu significado, que aliás já está quase esquecido.

- Nesse caso, então Mestre do Sol ..

E uma voz profunda e grave o interrompeu: - Este é o meu nome, homem da tribo.

Sobressaltado, Seldon virou-se para a esquerda. Um carro descoberto tinha de algum modo estacionado nas proximidades; era um modelo arcaico que mais lembrava um caixote ou um vagão de cargas. Ao volante estava um homem idoso, de estatura alta e com uma aparência robusta apesar da idade. Com gestos pausados, cheios de majestade, ele se apeou do carro.

Usava uma longa túnica branca com mangas muito largas e presas com

colchetes ao redor dos pulsos. Abaixo da túnica emergiam seus pés com enormes dedos protuberantes, calçados com sandálias leves; seu crânio tinha um belo formato, e era completamente calvo. Fitou os dois com olhos azuis calmos e profundos, e disse - Eu o saúdo, homem da tribo.

Com uma instintiva polidez, Seldon respondeu:

- Saudações, senhor. - E depois, sinceramente surpreso, indagou: - Como chegou até aqui?

- Pelo portão de entrada, que voltou a fechar-se após minha passagem. Vocês não me ouviram.

- É verdade, mas não sabíamos a quem devíamos esperar. E ainda não sabemos.

- O homem da tribo Chetter Hummin avisou os Irmãos de que membros de duas tribos estavam para chegar, e pediu-me para que cuidasse deles.

- Então conhece Hummin.

- Nós o conhecemos. Ele nos tem prestado ajuda, e porque ele, um homem da tribo valoroso, nos tem prestado ajuda, devemos nós agora retribuir-lhe. Poucas pessoas vêm a Mycogen, e poucas também vão embora daqui. Minha obrigação é levá-los para lugar seguro, dar-lhes teto e abrigo, cuidar para que não os incomodem. Aqui estarão a salvo.

Dors inclinou a cabeça e disse:

- Ficamos gratos, Mestre do Sol Catorze.

Mestre do Sol girou o rosto para ela, exibindo uma expressão de desagrado e frieza.

- Não desconheço os costumes das outras tribos - disse. - Sei que entre elas é permitido à mulher falar sem que lhe tenha sido dirigida a palavra, e em vista disso não me considero ofendido. Entretanto, devo aconselhar mais cautela quando estiverem em meio a irmãos menos afeitos a tais costumes.

- Oh, é mesmo? - replicou Dors, claramente ofendida, ainda que Mestre do Sol não o estivesse.

- Sim - concordou o homem. - Também não se faz necessário empregar minha identificação numérica quando eu for o único da minha coorte a estar na sua presença. "Mestre do Sol" será suficiente. Agora devo pedir-lhes que me acompanhem, para que deixemos o quanto antes este local, que é de natureza excessivamente tribal para que nele eu me sinta à vontade.

- Sentir-se à vontade é importante para todos nós - disse Seldon, em voz talvez um pouco mais alta do que o necessário. - Mas não deixaremos este lugar sem que nos seja assegurado o direito de não sermos constrangidos a seguir seus costumes em detrimento dos nossos. Entre nós uma mulher tem o direito de falar em qualquer ocasião que lhe pareça oportuna. Se o seu compromisso é de nos fornecer segurança, essa segurança não deve ser apenas física, mas também psicológica

Mestre do Sol encarou Seldon de frente e disse:

- É ousado, jovem homem da tribo. Seu nome? ..

- Sou Hari Seldon, de Helicon. Minha companheira é Dors Venabili, de Cinna.

Mestre do Sol fez uma leve reverência quando o nome de Seldon foi pronunciado, mas não se moveu ao ouvir o de Dors. Falou:

- Prometi ao homem da tribo Hummin que manteria a vocês dois em segurança, e isso inclui a mulher que o acompanha, homem da tribo Seldon. Se ela insistir em exercer sua impudência, esforçar-me-ei para que seja considerada inocente. Há, no entanto, um aspecto a que ambos terão que se resignar. - Ele apontou, com uma expressão de infinito desprezo, primeiro para a cabeça de Seldon, depois para a de Dors.

O que quer dizer? - perguntou Seldon. Seus pelos cefálicos. - O que há com eles?

- Não devem ser vistos.

- Está me dizendo que terei de raspar minha cabeça, como a sua? Jamais farei isso.

- Minha cabeça não está raspada, jovem da tribo. Fui depilado quando alcancei a puberdade, assim como acontece a todos os Irmãos e suas mulheres.

- Se o caso é depilação, mais do que nunca a minha resposta é negativa. Jamais me submeterei.

- Homem da tribo, não lhe pedimos uma coisa nem outra. Nossa exigência é apenas para que seus pelos permaneçam cobertos enquanto estiver entre nós.

- Mas de que modo?

- Trouxe estas carapuças que se amoldarão ao seu crânio, juntamente com faixas que cobrirão as faixas super-ópticas, ou sobrancelhas. Deverão usá-las enquanto permanecerem entre nós. E naturalmente, homem da tribo Seldon, deverá barbear-se diariamente, ou mais, se for necessário.

- Mas por que temos que fazer isto?

- Porque entre nós os pelos são considerados obscenos.

- No entanto, seu povo deve estar informado de que entre os demais povos da Galáxia é normal manter os seus ... pelos cefálicos.

- Sabemos disso. E aqueles entre nós que precisam manter contatos com os homens das tribos, como é o seu caso, têm que avistar esses pêlos. Fazemos o possível, mas não seria justo exigir de todos os Irmãos um tamanho sacriifício.

- Então está bem, Mestre do Sol- disse Seldon. - Gostaria apenas de fazer uma pergunta: já que todos vocês nascem com pêlos cefálicos, assim como nós, e já que o mantêm até a puberdade, por que é necessário removê-los? É apenas uma questão de hábito, ou existe alguma outra razão que justifique isto?

Com orgulho, o velho mycogeniano respondeu:

- Por meio da depilação nós mostramos ao jovem que ele, ou ela, atingiu a idade adulta, e através da depilação Os adultos irão sempre recordar quem são, e nunca esquecerão que os demais são apenas homens da tribo.

Sem esperar resposta (e Seldon, na verdade, não conseguiu pensar em nenhuma) ele retirou de algum compartimento oculto no interior da túnica um punhado de películas plásticas de diferentes tonalidades, olhou atentamente os dois rostos diante de si, erguendo primeiro uma das películas, depois as outras, diante de cada um.

- As cores devem ser razoavelmente parecidas – explicou. - Todas as pessoas perceberão que se trata de carapuças, mas elas não precisam ser repulsivamente óbvias.

Por fim, Mestre do Sol deu a Seldon uma das carapuças e mostrou-lhe como colocá-la.

- Ponha-a, por favor, homem da tribo Seldon – disse. - Achará isso um pouco desajeitado no início, mas logo se acostumará.

Seldon enfiou a película na cabeça, mas ela escapuliu por duas vezes quando ele tentou puxá-la por sobre o cabelo.

- Coloque-a primeiro sobre as sobrancelhas - disse Mestre do Sol. Seus dedos se mexiam nervosamente, como se estivesse ansioso para ajudar.

Reprimindo um sorriso, Seldon indagou: - Não pode colocá-la para mim?

Mestre do Sol deu um passo para trás, perturbado, e retrucou: - Não. Não devo. Poderia tocar em seu pêlo cefálico. Com algum trabalho, e contando com as instruções de Mestre do Sol, Seldon enfiou a película sobre o crânio. As faixas que cobriam os supercílios ficaram perfeitamente ajustadas. Dors, que tinha observado tudo atentamente, não demorou em colocar a sua.

- Como é que isto sai? - perguntou Seldon.

- Basta puxá-la pela borda e pode-se retirá-la sem problema - disse o mycogeniano. - Ficará mais fácil de tirar e pôr se o seu pêlo cefálico for cortado mais curto.

- Não faço questão disso - respondeu Seldon. Virando-se para Dors, disse em voz baixa: - Você ainda está bonita, Dors, mas isso deixa seu rosto um pouco sem personalidade.

- A personalidade continua intacta aqui por baixo - respondeu ela. - E você irá se acostumando a me ver sem cabelo.

Ainda num sussurro, ele disse:

- Não espero ficar aqui o tempo bastante para me acostumar a isto.

Mestre do Sol, que com visível altivez tinha ignorado a troca de cochichos entre um mero casal de homens da tribo, disse:

- Se quiserem entrar no meu carro, poderei conduzi-I os agora até Mycogen.

37.

- Francamente - cochichou Dors -, mal posso acreditar que estou em Trantor.

- Isso quer dizer que nunca viu antes nada parecido com isto?

- Estou em Trantor há apenas dois anos, e passei a maior parte desse tempo na Universidade, portanto não sou uma pessoa viajada neste mundo. Andei aqui e acolá e ouvi falar disso ou daquilo, mas nunca vi nem ouvi falar de algo

semelhante a isto ... esta uniformidade.

Mestre do Sol dirigia metodicamente e sem pressa. Na estrada havia outros carros, todos com a mesma aparência de furgões de transporte, e em todos eles viam-se homens calvos ao volante, os crânios lisos brilhando à luz do dia.

Em cada lado da estrada havia prédios de três andares, sem nenhum tipo de ornamentação; as linhas sóbrias cruzando-se em ângulos retos, a cor de um invariável cinza-escuro.

- Fúnebre - disse Dors. - Muito fúnebre.

- Igualitário - sussurrou Seldon. - Imagino que nenhum Irmão pode arrogar para si qualquer tipo de precedência sobre os demais.

Havia muitos pedestres ao longo da estrada por onde eles seguiam. Não se via nenhum sinal de corredores móveis, e em parte alguma se escutava o rumor de um expressway.

- As mulheres vestem cinzento - disse Dors.

- É difícil dizer - falou Seldon. - As túnicas não deixam ver o corpo, e toda cabeça careca se torna parecida com as outras.

- As pessoas de cinza estão sempre aos pares, ou na companhia de outra de branco - disse ela. - As pessoas de branco podem andar sozinhas, e Mestre do Sol veste branco.

- É, você deve estar certa. - Seldon ergueu a voz. - Mestre do Sol, estou curioso em ...

- Se tem curiosidade pode formular qualquer pergunta, embora nada me obrigue a respondê-la.

- Parece que estamos atravessando uma área residencial. Não há sinais de prédios de escritórios, áreas industriais ...

- Somos uma comunidade inteiramente agrícola. De onde vêm vocês, se não sabem disto?!

- Sabe que sou estrangeiro, Mestre do Sol - disse Seldon, muito empertigado. - Estou em Trantor há apenas dois meses. - Mesmo assim.

- Mas se são uma comunidade agrícola, Mestre do Sol, como se explica que ainda não tenhamos passado por nenhuma fazenda? - Estão no subsolo. - Foi a breve resposta.

- Isso quer dizer que, neste nível, Mycogen é totalmente residencial?

- É em outros níveis também. Somos isto que está a ver. Cada Irmão e sua família vive em instalações equivalentes; cada coorte vive no seio de uma comunidade análoga; todos possuem os mesmos carros e cada um dos irmãos dirige o seu. Não há servos e ninguém se beneficia do trabalho alheio. Nenhum dos Irmãos pode se vangloriar em relação a outro.

Seldon ergueu seus supercílios cobertos olhando para Dors e disse:

- Mas algumas pessoas vestem branco, enquanto que outras vestem cinza. Isto é porque algumas pessoas são Irmãos e outras são Irmãs. - E quanto a nós?

- Você é um homem da tribo, e um hóspede. Você e a sua ...

- Fez uma pausa e depois continuou: - Você e a sua companheira não terão que se submeter a todos os aspectos da vida de Mycogen. Não obstante, sua

túnica será branca, a de sua companheira será cinza, e ambos viverão em aposentos de hóspedes, que são iguais aos nossos.

- Igualdade para todos parece um belo ideal, mas o que acontece quando a sua população começa a crescer? Para usar uma expressão comum: o bolo é cortado em fatias mais finas?

- Não temos aumento de população. Isso faria com que tivéssemos de ampliar nossa área, coisa que não iria agradar aos homens da tribo vizinhos; a outra alternativa seria uma queda em nosso nível de vida.

- Mas, e se ... - começou Seldon.

- É o bastante, homem da tribo - interrompeu Mestre do Sol.

- Como já avisei, não estou na obrigação de responder suas perguntas. Nosso dever, conforme foi prometido ao homem da tribo Hummin, é o de abrigá-lo em segurança, na medida em que isso não viole o nosso modo de viver. Faremos isto, mas não faremos nada mais. A curiosidade é permitida, mas a nossa paciência se esgota com facilidade quando alguém pergunta em demasia.

Algo no seu tom dava a conversa por encerrada, e Seldon emudeceu, irritado. Hummin, em sua ânsia de ajudá-lo, tinha aparentemente exagerado em seus cálculos.

Não era segurança que Seldon procurava, ou pelo menos não era apenas isso. Ele procurava informações, também; e sem isso ele não podia (e não queria) permanecer naquele lugar.

38.

Seldon olhou com certa decepção para os seus aposentos. Havia uma cozinha pequena e um banheiro também pequeno, mas ambos privativos; duas camas estreitas, dois armários de roupas, uma mesa e duas cadeiras. Em suma: todo o necessário para duas pessoas dispostas a viver juntas num espaço tão exíguo.

- Também temos cozinhas e banheiros privativos em Cinna - disse Dors, com ar de resignação.

- Pois eu não - disse Seldon. - Helicon pode ser um planeta pequeno, mas lá eu vivia numa cidade moderna, com cozinhas e banheiros comunitários. Veja só que desperdício. Pode-se admitir isto num hotel, onde se fica temporariamente, mas se o setor inteiro vive desta forma, imagine a quantidade astronômica de cozinhas e banheiros que deve existir.

- Deve ser parte da filosofia igualitária deles - comentou Dors. - Ninguém fica brigando por uma mesa mais bem situada, ou para ser atendido mais depressa. Todos desfrutam das mesmas condições.

- E não têm a menor privacidade. Não é que eu me importe em demasia com

isso, mas com você talvez seja diferente, e não quero dar a impressão de estar tirando partido das circunstâncias. Devemos explicar a eles que precisamos de quartos separados, ainda que contíguos.

- Não acredito que dê certo - disse Dors. - O espaço aqui parece ser disputadíssimo, e eles devem estar surpresos com a própria generosidade em nos fornecer hospedagem. Vamos ter que nos conformar, Hari. Já somos adultos o bastante para enfrentar este tipo de situação. Não sou mais uma garotinha tímida, e você não vai querer me convencer de que é um adolescente desajeitado.

- Você só está aqui por minha causa. - E daí? É uma aventura.

- Então está bem. Que cama você prefere? Pode ficar com a que está mais próxima do banheiro, se quiser. - Seldon sentou-se na outra cama. - E há uma outra coisa que me incomoda. Durante o tempo em que estivermos aqui seremos considerados gente da tribo, como o próprio Hummin deve ser tido entre eles. Somos de outras tribos, e não das coortes daqui de Mycogen, e a maioria das coisas deles não são de nossa conta. Mas acontece que muitas dessas coisas são de minha conta, afinal de contas foi com esta finalidade que vim para cá. Preciso ter conhecimento de algumas das coisas que estas pessoas sabem.

- Ou pensam que sabem - disse Dors com um ceticismo de historiadora. - Ouço falar que eles têm lendas cuja origem remonta até os tempos primordiais, mas não creio que isso possa ser levado a sério.

- Não podemos saber enquanto não descobrirmos que lendas são essas. Não há nenhuma documentação sobre elas, lá fora?

- Não que eu saiba. Este é um povo terrivelmente fechado em si próprio, é algo quase psicótico. O fato de que Hummin tenha conseguido superar essas barreiras, fazendo com que eles nos recebam aqui, é um feito notável... realmente notável.

Seldon ficou pensativo durante algum tempo.

- Mas deve haver algum meio de nos aproximarmos deles - falou, por fim. - Mestre do Sol ficou surpreso, e até mesmo zangado, com o fato de eu não saber que Mycogen era uma comunidade agrícola. Parece que a respeito disso, pelo menos, eles não pretendem manter segredo.

- Acontece que não é um segredo. "Mycogen" é um nome derivado de palavras arcaicas que significam "produtor de fungos, ou de fermentos"; pelo menos foi o que me disseram, não sou uma paleolingüista. Em todo caso, eles cultivam aqui todas as variedades possíveis de microalimentação: cogumelos, fermentos, algas, bactérias, fungos multicelulares etc.

- Algo bastante comum - disse Seldon. - A maior parte dos mundos tem esse tipo de cultura. Até mesmo Helicon.

- Mas não na escala que há em Mycogen. É a especialidade deles. Usam métodos que são tão arcaicos quanto o nome de seu setor: fórmulas secretas de fertilização, influências ambientais secretas. Quem pode saber ao certo? É segredo.

- Uma comunidade fechada.

- Mas com uma compensação. O detalhe mais importante é que eles fazem uso das proteínas de modo a criar variações de sabor extremamente sutis, de tal modo que a microalimentação deles não tem semelhante em parte alguma. Eles mantêm a produção numa escala relativamente reduzida, e os preços são astronômicos. Nunca provei da comida deles, e estou certa de que você também não, mas ela é vendida em grandes quantidades para a burocracia do Império, e para as classes abastadas de outros planetas. Mycogen depende desse comércio para manter seu equilíbrio econômico, portanto é do interesse deles Que todos conheçam este setor como a origem de um produto tão valorizado. Portanto, isto não é nenhum segredo.

- Mycogen deve ser um setor muito rico, então.

- Pobres eles não são, mas desconfio que não é a riqueza material o que procuram, e sim a proteção. O governo imperial os protege porque, sem eles, não haveria esse tipo de microalimentação tão rico em sutilezas de paladar, em especiarias tão aromáticas, em pratos tão variados. Isso quer dizer que Mycogen pode persistir em seu estilo de vida, por excêntrico que seja, e encarar de igual para igual seus vizinhos, que provavelmente os acham insurportáveis. - Dors relanceou os olhos ao redor. - Eles vivem uma vida austera. Já reparei que não têm holovisão, nem filmes-livros.

- Há um na prateleira de cima do armário. - Seldon levantouse para apanhá-lo, olhou o selo na parte exterior e fez uma expressão de desapontamento. - Um livro de culinária.

Dors o tomou nas mãos e começou a mexer nos controles. Demorou algum tempo, porque o modelo era diferente dos que ela conhecia, mas ela afinal conseguiu fazer com que a tela se acendesse, e começou a examinar as páginas. Disse:

- Há algumas receitas, mas a maior parte consiste em ensaios filosóficos sobre gastronomia. - Ela revirou o filme-livro nas mãos, olhando-o de um lado e do outro. - Parece ser um modelo único, não vejo por onde ejetar o microcartão e inserir outro. Puxa ... um visor para um único livro? Isso sim, é desperdício.

- Talvez achem que esse livro é o único que é necessário.- Seldon estendeu a mão para a mesinha entre as duas camas e apanhou outro objeto. - Isto aqui pode ser um fone, só que não estou vendo a tela correspondente.

- Talvez eles achem que a voz seria o bastante.

- Sim, mas como funciona? - Seldon ergueu o objeto, olhando-o por todos os ângulos. - Já viu algo igual a isto?

- Certa vez, num museu ... se é que é o mesmo objeto. Mycogen parece ter a firme intenção de preservar costumes arcaicos. Suponho que eles vêem nisso outra maneira de se isolar do que eles chamam de homens da tribo, que afinal de contas os cercam por todos os lados e em grande número. O fato de serem antiquados e excêntricos faz com que não possam ser digeridos com facilidade, por assim dizer. Existe uma lógica tortuosa por trás disso tudo.

Ainda manipulando o objeto, Seldon exclamou:

- Êpa! Parece que consegui ligá-lo, ou ele se ligou sozinho. Mas não estou escutando nada.

Dors franziu a testa e apanhou um pequeno cilindro revestido de feltro que continuava pousado sobre a mesinha. Colocou-o no ouvido e exclamou:

- Espere! Estou ouvindo uma voz aqui. Experimente. - E estendeu o cilindro a Seldon, que o apanhou e tentou ajustá-lo ao ouvido.

- Ah - disse ele -, tem um prendedor. .. Machuca um pouco a orelha, mas ... - Escutou um instante e disse: - Você pode me ouvir? Sim, este é o nosso quarto ... Não, não sei o número. Dors, tem alguma idéia do nosso número?

Há um número inscrito no fone - disse ela. - Talvez seja isso.

Vamos ver - disse Seldon, em dúvida. E falou ao fone: O número inscrito neste aparelho é 6LT-3648A. Será isto? ... Bem, como posso aprender a usar corretamente este aparelho, e também como usar a cozinha? ... O que quer dizer isto, "funcionam do modo habitual"? Isso não me adianta muito ... Olhe aqui, eu sou um ... um homem da tribo.. um hóspede. Eu não sei qual é o "modo habitual" ... Sim, desculpe o meu sotaque, mas ainda bem que você pode reconhecer o sotaque de um homem da tribo ... Meu nome é Hari Seldon.

Houve uma pausa e Seldon olhou para Dors com uma expressão de martírio no rosto.

- Ele vai verificar os registros - disse. - Sou capaz de apostar como não vai achar meu nome ... Espere. Alô? Ah, achou meu nome? Ótimo! Nesse caso, pode me dar a informação que pedi? .. Sim ... Sim ... Sim ... E como posso ligar para alguém fora de Mycogen? .. Oh, não? E como posso entrar em contato com Mestre do Sol Catorze, por exemplo? .. Bem, então seu assistente, ou sua secretária, o que quer que seja ... Oh, oh ... Muito obrigado.

Seldon pousou o fone sobre a mesinha, desprendeu o receptor da orelha com uma certa dificuldade, desligou o aparelho e disse:

- Eles mandarão alguém para nos mostrar tudo o que precisamos aprender aqui, mas não pôde garantir quanto tempo vai demorar. Não é possível fazer chamadas para fora de Mycogen, pelo menos não neste aparelho, de modo que se precisarmos de Hummin não temos como contactá-lo. E para falar com Mestre do Sol Catorze é preciso enfrentar uma porção de formalidades ... Isto pode ser uma sociedade igualitária, mas parece haver exceções, embora eles não o queiram admitir facilmente. - Olhou seu relógio. - Em todo caso, Dors, não tenho a menor vontade de ler um livro sobre culinária, e tratados sobre gastronomia menos ainda. Meu relógio ainda está ajustado para o horário de Streeling, de modo que não sei se é dia ou noite aqui: mas o fato é que não me importo, passamos a noite inteira acordados e acho que vou dormir um pouco.

- Eu também. Estou cansada.

- Então está bem. E na primeira manhã que se apresentar depois de acordarmos vou pedir-Ihes para fazer uma visita às suas microplantações.

Dors o olhou surpresa.

- Você está interessado nisso?

- Não propriamente, mas se essa é uma coisa da qual eles se orgulham, talvez

estejam dispostos a falar sobre ela, e uma vez eu consiga deixá-los em ponto de conversa, usando todo o meu encanto pessoal, posso levá-los a falar sobre as suas lendas. Penso que é uma estratégia bastante hábil.

- Espero que sim - disse Dors, em tom dúbio. - Mas não sei se os mycogenianos podem ser tapeados com essa facilidade. - Veremos - disse Seldon, carrancudo. - Eu tenho que conhecer essas tais lendas.

39.

A manhã seguinte encontrou Seldon fazendo uso mais uma vez do fone: estava faminto, e zangado.

Sua tentativa de entrar em contato com Mestre do Sol Catorze foi bloqueada por alguém que insistia: Mestre do Sol não podia ser incomodado.

- Por que não? - indagou Seldon com aspereza.

- Evidentemente não é necessário responder essa pergunta - disse a voz fria do outro lado.

- Não viemos até aqui para ficar prisioneiros - tornou Seldon. - Nem para passar fome.

- Tenho certeza de que há uma cozinha e comida suficiente à sua disposição.

- Claro que há. Só que não sei como usar os utensílios da cozinha, nem sei como preparar a comida. Vocês a comem crua? Frita? Fervida? Assada? ..

- Não posso crer que ignorem isso.

Dors, que tinha ficado andando para lá e para cá durante esse diálogo, estendeu a mão para apanhar o fone, mas Seldon a afastou, cochichando:

- Se uma mulher lhe dirigir a palavra ele desliga na hora.- E depois, para o fone: - O que você crê ou não crê não interessa. Quero que mande alguém aqui, alguém que possa fazer algo a respeito da nossa situação, ou, quando eu entrar em contato com Mestre do Sol Catorze, o que acabará acontecendo, você pagará caro.

Não obstante, duas horas se passaram antes que aparecesse alguém - e a essa altura Seldon estava num estado verdadeiramente selvagem, e Dors, à beira do desespero, tentava acalmá-lo.

O recém-chegado era um jovem cujo crânio calvo era coberto de sardas, e que provavelmente seria ruivo, em outras circunstâncias.

Trazia consigo um certo número de pequenos potes, e parecia estar a ponto de dizer algo quando subitamente assumiu um ar constrangido e virou-se de costas para Seldon.

- Homem da tribo - disse, tomado de violenta perturbação

- sua carapuça não está bem ajustada.

Seldon, cuja paciência tinha atingido os limites, retrucou: - Isso não me incomoda.

Dors interveio:

- Deixe-me ajustá-la, Hari. Está um pouco erguida aqui do lado esquerdo.

Seldon resmungou:

- Pode virar-se agora, rapaz. Como se chama?

- Meu nome é Nuvem Cinzenta Cinco - disse o mycogemano, voltando-se aos poucos e lançando um olhar esquivo na direção de Seldon. - Sou um noviço, e trouxe uma refeição para vocês.- Hesitou. - Vem da minha própria cozinha, e foi preparada pela minha mulher, homem da tribo.

Ele colocou os potes sobre a mesa; Seldon ergueu uma das tampas e cheirou o que havia dentro, com desconfiança; seu rosto se ergueu surpreso na direção de Dors.

- Sabe, o cheiro não é nada mau - disse.

- Tem razão - concordou ela. - Daqui estou sentindo.

Nuvem Cinzenta disse:

- Não está tão quente quanto deveria, devido à demora no trajeto. Creio que vocês têm louças e talheres aqui em sua cozinha.

Dors foi providenciar o necessário; e depois que terminaram de comer, o que fizeram com enorme disposição, Seldon sentiu-se outra vez um homem civilizado.

Dors tinha percebido que o rapaz não se sentiria à vontade se fosse deixado a sós com uma mulher, e menos ainda se esta lhe dirigisse a palavra; coube-lhe, portanto, a tarefa de levar os pratos sujos para a cozinha e lavá-los, assim que conseguiu decifrar os comandos da máquina de lavar.

Enquanto isso Seldon perguntou ao mycogeniano qual era a hora pelo tempo local, e ao ouvir a resposta teve um sobressalto. - Quer dizer que estamos no meio da noite?

- Sim, homem da tribo - disse Nuvem Cinzenta. - Por isso demoramos em satisfazer o seu desejo.

Seldon compreendeu então por que motivo Mestre do Sol não podia ser incomodado. Quando pensou que a mulher de Nuvem Cinzenta tinha sido acordada para preparar a refeição que ele acabara de comer, sentiu uma pontada de remorso.

- Desculpe-nos - disse. - Somos apenas gente da tribo, e não tínhamos idéia de como usar a cozinha ou preparar a comida. Poderia nos mandar alguém pela manhã, para nos explicar tudo?

- Farei o melhor possível, homem da tribo - disse Nuvem Cinzenta, com gentileza. - Vou mandar-Ihes duas Irmãs. Peço-lhe perdão se lhe imponho o distúrbio de uma presença feminina, mas são elas que cuidam dessas coisas.

Dors, que acabava de retomar da cozinha, disse (antes de recordar seu papel na sociedade mycogeniana):

- Oh, está bem assim, Nuvem Cinzenta. Teremos muito prazer em receber as Irmãs.

Nuvem Cinzenta lançou-lhe um olhar de soslaio, pouco à vontade, e nada disse.

Seldon partiu do princípio de que o jovem mycogeniano se recusaria a escutar o que uma mulher lhe dizia, e repetiu a frase: - Está bem assim, Nuvem Cinzenta. Teremos muito prazer em receber as Irmãs.

A expressão do rapaz se desanuviou de imediato.

- Farei com que estejam aqui logo cedo pela manhã. Depois que Nuvem Cinzenta saiu, Seldon comentou, satisfeito:

- As Irmãs devem ser exatamente o que precisamos.

- É mesmo, Hari? E de que modo?

- Ora, é claro que se as tratarmos como seres humanos normais, elas se sentirão gratas o bastante para nos contar suas lendas. - Se é que as conhecem - tornou Dors, com ceticismo. - Não faço muita fé no tipo de educação que os mycogenianos devem proporcionar às suas mulheres.

40.

As Irmãs chegaram umas seis horas depois; Dors e Seldon tinham dormido mais um pouco, tentando ajustar seus relógios biológicos.

As Irmãs penetraram no aposento com timidez, quase nas pontas dos pés. Suas túnicas (kirtles, no dialeto mycogeniano) eram de um cinza suave e aveludado, ornadas com debrum de um cinza mais escuro. Os kirtles tinham um certo atrativo, mas sem dúvida sua função principal era a de ocultar as formas do corpo humano.

Suas cabeças eram, evidentemente, calvas; os rostos não ostentavam nenhum tipo de pintura ou enfeite. Elas lançaram olhares curiosos para os leves retoques azuis nos cantos dos olhos de Dors, e o batom avermelhado que realçava os cantos de sua boca.

Durante alguns momentos Seldon ficou imaginando como alguém poderia ter absoluta certeza de que as irmãs eram de fato irmãs.

A resposta veio de imediato, quando elas lhes endereçaram saudações formais. A voz das duas era uma mistura de chilreio e trinado, e Seldon, lembrando a voz grave de Mestre do Sol e o timbre de barítono de Nuvem Cinzenta, suspeitou de que as mulheres, à falta de outra identificação sexual óbvia, eram forçadas a cultivar determinados tipos de voz e de maneirismos sociais.

- Sou Gota de Chuva Quarenta e Três - disse uma delas - esta é minha irmã mais nova.

- Gota de Chuva Quarenta e Cinco - disse a outra. - Existem muitas Gotas de

Chuva em nossa coorte. - E deu uma risadinha espremida.

- Tenho muito prazer em conhecer vocês duas - disse Dors com gravidade -, mas agora tenho de saber como devo chamá-las. Não posso ficar apenas dizendo "Gota de Chuva", não é mesmo? - Não - disse Gota de Chuva Quarenta e Três. - Deverá usar o nome inteiro, se estivermos ambas presentes.

Seldon perguntou:

- E o que acham de dizermos apenas Quarenta e Três e Quarenta e Cinco, senhoras?

As duas lançaram um rápido olhar na direção dele, mas não disseram uma palavra.

Dors falou com suavidade:

- Deixe que eu cuido delas, Hari.

Seldon afastou-se. Não era difícil supor que ambas eram jovens solteiras e, possivelmente, não deveriam conversar com um homem. A mais velha parecia também a mais séria das duas, e era provavelmente a mais puritana. Era difícil de julgar baseando-se num contato tão rápido, mas Seldon teve essa intuição e deixou-se guiar por ela.

- Sabem, Irmãs - disse Dors -, somos gente da tribo, e não temos idéia de como se opera esta cozinha daqui.

- Então não sabe cozinhar?! - Gota de Chuva Quarenta e Três lançou-lhe um olhar chocado e cheio de censura. Gota de Chuva Quarenta e Cinco reprimiu mais uma risadinha. (Seldon pensou que sua idéia inicial a respeito das duas estava correta.)

Dors prosseguiu:

- Eu já possuí uma cozinha, mas era muito diferente desta aqui. Não conheço bem que tipos de comida são estes, e não sei como prepará-los.

- É muito simples - disse Gota de Chuva Quarenta e Cinco.

- Podemos mostrar-lhe.

- Vamos preparar um almoço gostoso e nutritivo - completou Gota de Chuva Quarenta e Três. - Um bom almoço para ... vocês dois.

Ela hesitou um instante antes das últimas palavras; era-lhe necessário um visível esforço para admitir a existência de um homem.

- Se não se importam - disse Dors -, gostaria de ir até a cozinha com vocês, e gostaria que me explicassem cada detalhe. Afinal de contas, Irmãs, não posso esperar que venham aqui três vezes por dia para cozinhar para nós.

- Mostraremos tudo - repetiu Gota de Chuva Quarenta e Três, com um gesto decidido de cabeça. - No entanto, talvez seja difícil para uma mulher da tribo aprender. Talvez ela não tenha ... jeito.

- Eu tentarei - sorriu Dors.

As três desapareceram no interior da cozinha. Seldon ficou com os olhos postos nelas, e tentou planificar sua próxima estratégia de ação.

MICROFAZENDA

MYCOGEN - ... As microfazendas de Mycogen são lendárias, embora atualmente subsistam apenas em expressões proverbiais do tipo de "rico como as microfazendas de Mycogen", ou "saboroso como os fermentos de Mycogen". Elogios desse tipo tendem a tornar-se cada vez mais exagerados com a passagem do tempo, por certo, mas Hari Seldon visitou essas microfazendas no transcurso da Fuga, e há referências, em suas memórias, que corroboram a opinião popular ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

41.

- Mas isto é muito bom! - disse Seldon com entusiasmo. - É muito melhor do que a comida que Nuvem Cinzenta trouxe!

Atalhou Dors calmamente:

- Você precisa levar em conta que a mulher de Nuvem Cinzenta preparou aquela refeição às pressas, e no meio da noite. - Fez uma pausa e disse: - Gostaria muito que eles dissessem esposa. Eles fazem a palavra mulher parecer um utensílio, como "minha casa" ou "meu roupão". É aviltante.

- É de dar raiva. Mas do jeito que eles falam, também a palavra esposa acabaria soando do mesmo modo. É o estilo de vida deles, e as irmãs não parecem se incomodar. Não creio que eu e você possamos modificar isso à base de reprimendas. A propósito, aprendeu a manejar a cozinha?

- Sim, e as duas fizeram tudo parecer muito simples. Não achei que pudesse guardar na memória tudo quanto elas fizeram, mas ambas insistiram em dizer que não seria necessário. Por mim, me daria por satisfeita em aprender a esquentar os pratos. Mas aprendi que o pão deles tem algum tipo de microderivado que se adiciona antes de levá-lo ao forno, um fermento que aumenta a massa e dá ao pão essa consistência suave, quebradiça ... e um leve apimentado, você notou?

- Não sei definir muito bem, mas seja lá o que for, comeria ainda muito mais. E a sopa! Reconheceu aqueles vegetais?

- Não.

- E as fatias de carne? Sabe o que era?

- Não sei nem sequer se eram de fato fatias de carne. Em Cinna temos um prato feito com carneiro que é um pouco semelhante.

- Aquilo certamente não era carneiro.

- Eu disse que não sei nem sequer se era carne. Não creio que ninguém, fora de Mycogen, desfrute de uma refeição tão sofisticada. Nem mesmo o imperador, tenho certeza. Os produtos que os rnycogenianos vendem não são os melhores, sou capaz de apostar. Eles guardam o melhor para si próprios. Hari, não podemos passar muito tempo aqui. Se nos acostumarmos a comer assim, nunca mais nos conformaremos àquela comida miserável que nos dão lá fora. - E ela soltou uma gargalhada.

Seldon riu também. Tomou mais um gole do suco de frutas, que era indescritivelmente mais delicioso do que qualquer suco de frutas que já tivesse provado em sua vida; falou:

- Quando Hummin me levou para a Universidade, paramos no caminho para fazer um lanche. A comida era fortemente tratada à base de fermento, e o gosto dela ... bem, não tenho termos de comparação, mas era algo inconcebível; mas também é inconcebível que algo possa ter este sabor aqui. Gostaria que as Irmãs tivessem permanecido conosco ... o mínimo que devíamos fazer era agradecer-lhes.

- Acho que elas já sabiam qual seria a nossa reação. Falei algo sobre o cheiro delicioso da comida, quando estava sendo preparada, e elas disseram, bem confiantes, que o gosto seria ainda melhor. - A mais velha das duas disse isso, suponho.

- Sim; a mais nova deu uma risadinha. Aliás, elas voltarão aqui depois. Prometeram de trazer um kirtle, para que eu possa acompanhá-las quando forem fazer compras. E também me avisaram de que eu teria de lavar o rosto antes de sair em público. Vão me mostrar onde poderei comprar alguns kirtles de boa qualidade para mim, e também onde é possível comprar algumas refeições já prontas, de todos os tipos, pratos que precisam apenas ser esquentados. Segundo eles, uma Irmã que se respeite não recorre a isso: prepara as refeições do começo ao fim. Parte desta refeição foi apenas esquentada, e elas me pediram desculpas por isso, embora dando a entender que gente da tribo como nós não notaria muita diferença, pois não somos capazes de reconhecer uma refeição "artisticamente" preparada. A propósito. elas parecem ter como ponto pacífico que eu farei todas as compras e ficarei encarregada das tarefas domésticas.

- É como dizemos em meu planeta - riu Seldon. - "Em Trantor ... como os trantorianos."

- É, eu sabia que sua atitude seria exatamente esta. - Eu sou humano - disse ele.

- A desculpa de sempre - disse Dors, com um meio-sorriso.

Seldon recostou-se na cadeira e espreguiçou-se, invadido por uma sensação de bem-estar físico.

- Dors, você está em Trantor há dois anos, e deve entender uma porção de

coisas que fogem à minha compreensão. Diga-me: você acha que uma ordem social tão esquisita quanto a dos rnycogenianos faz parte de alguma visão sobrenaturalista que eles possuam?

- Sobrenaturalista?

Sim. Já ouviu algo que a fizesse pensar assim?

- Espere. O que quer dizer com "sobrenaturalista"?

- O óbvio. A crença em entidades que são independentes das leis naturais; que não estão sujeitas à lei da conservação de energia, por exemplo, ou pela existência de uma constante de ação.

- Sei. Você está querendo saber se Mycogen é uma comunidade religiosa.

Foi a vez de Seldon. - Religiosa? ..

- Sim. É um termo arcaico, mas os historiadores ainda o empregam; nossa área é repleta de termos arcaicos. "Religioso" não é exatamente a mesma coisa que "sobrenaturalísta", embora o termo seja rico em elementos sobrenaturalistas. Mas não posso responder à pergunta que você fez, contudo, porque nunca estudei Mycogen por esse ângulo. Mesmo assim, pelo pouco que vi até agora, e pelo meu conhecimento das religiões através da História, não me surpreenderia se a sociedade de Mycogen tivesse um fundamento basicamente religioso.

- Nesse caso, ficaria surpreendida se as lendas de Mycogen também tivessem substância religiosa?

- Não. .

- E, em conseqüência, não se baseassem em fatos históricos?

- Uma coisa não acarreta necessariamente a outra. O essencial das lendas pode ser autenticamente histórico, mesmo com distorções e com interferências sobrenaturalistas.

- Ah - fez Seldon, e pareceu mergulhar em conjeturas. Daí a algum tempo Dors quebrou o silêncio.

- Não é algo fora do comum. Existem consideráveis elementos religiosos na cultura de vários planetas. Isso tem crescido nos últimos séculos, à medida que o Império foi se tornando mais turbulento. Em Cinna, meu planeta, pelo menos um quarto da população se compõe de triteístas.

Seldon estava mais uma vez constatando de forma dolorosa sua própria ignorância em assuntos históricos. Disse:

- Houve algum tempo no passado em que a religião teve uma proeminência maior que a de hoje?

- Certamente. Ademais, novas formas religiosas continuam brotando constantemente. A religião de Mycogen, qualquer que seja ela, pode ser relativamente nova e por enquanto restrita a este setor. Mas eu não poderia dar uma resposta mais exata sem um estudo considerável.

- Chegamos agora a um outro ponto, Dors. Você acha que as mulheres são mais propensas à religião do que os homens?

Dors ergueu os supercílios.

- Não sei se é possível fazer uma generalização tão simplificada quanto esta -

disse ela, pensativa. - Desconfio que aqueles elementos de uma população que têm menor participação no usufruto dos bens materiais tornam-se mais inclinados a procurar conforto naquilo que você chama de sobrenaturalismo: são os pobres, os deserdados, os oprimidos. Na medida em que o sobrenaturalismo se sobrepõe à religião, eles acabam se tornando religiosos. É claro, no entanto, que há exceções, em ambos os sentidos. Muitos oprimidos jamais se tornam religiosos; muitos entre os ricos e os poderosos possuem algum tipo de religião.

- Mas em Mycogen - disse Seldon -, onde as mulheres parecem ser tratadas de modo subumano ... seria possível arriscar a hipótese de que elas seriam mais religiosas do que os homens, mais envolvidas com as lendas que sua sociedade tem preservado?

- Eu não apostaria minha reputação profissional nisto - disse Dors. - Mas apostaria meu salário de uma semana. - Ótimo - disse Seldon, meditativo.

Dors sorriu para ele.

- Aí você já tem um pedaço da sua psico-história, Hari. Regra n? 47.854: os oprimidos são mais religiosos do que os satisfeitos.

Seldon balançou a cabeça.

- Não brinque com psico-história, Dors. Você sabe que o que procuro não são pequenas regras, e sim vastas generalizações, e técnicas de manipulação. Não quero estabelecer uma religiosidade comparada como o resultado de cem regras específicas. Quero algo que me permita dizer, depois de tratado por algum sistema de lógica matemática: "Aha! este grupo de pessoas tende a ser mais religioso do que aquele outro grupo, desde que os seguintes critérios sejam observados, e desde que, em conseqüência, quando os indivíduos forem submetidos a tais e tais estímulos reagirão de tal ou tal forma."

- Que coisa mais horrível- disse Dors. - Você descreve seres humanos como se fossem simples artefatos mecânicos. "Aperte este botão X, e você terá a resposta Y."

- Nada disso. No caso da psico-história, haverá um número incalculável de botões sendo apertados simultaneamente e em diferentes graus, e defIagrando respostas de natureza tão variada que as previsões relativas ao futuro terão de ser de natureza forçosamente estatística, e o ser humano individual permanecerá um agente dotado de livre-arbítrio.

- Como pode saber disto?

- Não sei - disse Seldon. - Sinto que é assim. É dessa forma que, no meu entender, devem funcionar as coisas. Se eu puder formular os axiomas, as Leis Fundamentais da Humanística, por assim dizer, e o tratamento matemático adequado a elas, então terei em mãos minha psico-história. Já provei que, em teoria, isto é possível...

- Só que impraticável.

- Continuo pensando assim.

Um tímido sorriso recurvou os lábios de Dors.

- É isto que você está fazendo, Hari ... tentando encontrar alguma solução para esse problema?

- Não sei, juro que não sei. Chetter Hummin está ansioso para descobrir uma solução, e por alguma razão estou ansioso para ajudá-lo. Ele é um homem muito persuasivo.

- É, sei disso.

Seldon fingiu não ter ouvido o comentário, embora uma levíssima contração cruzasse seu rosto, mas continuou:

- Hummin afirma que o Império está em decadência, que eventualmente deverá desmoronar, que a psico-história é a nossa única esperança para salvá-lo (ou pelo menos para atenuar a gravidade de sua queda), e que sem ela a humanidade será destruída ou, na melhor das hipóteses, conhecerá um prolongado e tenebroso período de miséria. E ele coloca sobre mim a responsabilidade de evitar tudo isso. Pois bem: o Império certamente terá uma vida bem mais longa que a minha, mas se eu aspirar a uma vida tranqüila preciso tirar essa responsabilidade de cima dos meus ombros. Preciso convencer a mim mesmo (e também a Hummin) de que a psicohistória não é uma solução, e de que, apesar de minhas teorias, ela não pode vir a ser desenvolvida. Portanto, tenho que seguir todas as trilhas possíveis, e mostrar que todas elas são falhas.

- Trilhas? Como, por exemplo, retroceder na história, até um tempo em que a sociedade humana era muito menor do que hoje? - Muitíssimo menor. E bem menos complexa.

- E mostrar que uma solução continua sendo impraticável?

- Sim.

- Mas quem poderá descrever para você esse passado remoto?

Se os mycogenianos dispõem de algum retrato coerente da Galáxia primordial, Mestre do Sol certamente não estará disposto a revelá-lo a um homem da tribo. Nenhum mycogeniano o faria. Esta é uma sociedade fechada em si mesma, quantas vezes teremos que repetir isto? Seus membros suspeitam dos homens das tribos até o ponto de uma verdadeira paranóia. Jamais nos dirão coisa alguma.

- Então preciso descobrir algum meio de fazê-los falar. As Irmãs, por exemplo. Elas não são capazes nem sequer de ouvir um homem, assim como Mestre do Sol não me ouve. E mesmo que falem com você, o que poderão saber, senão uma pequena coleção de frase feitas?

- Preciso começar por algum lugar.

- Deixe-me pensar - disse Dors. - Hummin me pediu para protegê-lo, e para mim isso significa que devo ajudá-lo sempre que possa. Então vejamos: o que sei sobre religião? Você sabe que isso não passa nem perto da minha especialidade. Sempre lidei com forças econômicas e não forças filosóficas, mas você não pode dividir a História em unidades básicas que não se interpenetrem. Por exemplo, a religião tende a acumular riquezas quando é bem-sucedida, e isso eventualmente tende a distorcer o desenvolvimento econômico de uma sociedade ... Existe, a propósito, uma das numerosas regras da História humana que você vai ter que derivar das suas Leis da Humanística ou como lá se chame.

Mas ...

Nesse ponto a voz de Dors sumiu, e ela quedou-se pensativa.

Seldon a observava atentamente, e os olhos dela estavam vagos, como se ela estivesse profundamente mergulhada em si mesma. Por fim, ela voltou a falar:

- Não é uma regra invariável. Mas me parece que na maioria dos casos uma religião possui um livro, ou um conjunto de livros, de significado especial: livros que lhes fornecem seus rituais, sua visão da história, seus poemas sagrados, e tudo o mais. Em geral, esses livros são acessíveis a todos, e funcionam como um meio de conquistar novas conversões àquela fé. Às vezes são livros secretos.

- Acha que Mycogen tem algum livro dessa espécie?

- Para ser franca, nunca ouvi falar em nenhum, e acho que teria ouvido, caso eles existissem abertamente. Isso significa que: ou não existem ou são mantidos em segredo. Seja qual for o caso, não me parece que você vai pôr as mãos neles.

- Mas pelo menos é um ponto de partida - disse Seldon, sem muito otimismo.

42.

As Irmãs retomaram umas duas horas depois que Hari e Dors acabaram a refeição. Estavam ambas sorridentes, e Gota de Chuva Quarenta e Três, a mais séria das duas, estendeu um kirtle cinzento para que Dors o examinasse.

- Muito interessante - disse Dors, abrindo um largo sorriso, e balançando a cabeça com uma certa sinceridade. - Gosto deste bordado aqui, é tão bem-feito ...

- Ora, não é nada - chilreou Gota de Chuva Quarenta e Cinco. É apenas uma das minhas roupas velhas, e acho que não vai cair muito bem, porque você é mais alta do que eu. Mas vai lhe servir por algum tempo, e depois nós vamos levá-la à melhor kirtleria para que você mesma escolha alguns mais adequados. Você vai ver.

Gota de Chuva Quarenta e Três tinha um sorriso nervoso nos lábios mas não dizia nada, mantendo os olhos baixos, e por fim estendeu na direção de Dors um kirtle branco, cuidadosamente dobrado. Dors nem fez menção de desdobrá-lo, e o passou direto para as mãos de Seldon.

- Pela cor posso adivinhar que este é seu, Hari.

- Provavelmente - disse ele -, mas devolva-o. Ela não o entregou a mim.

- Oh, Hari... - murmurou Dors, com um leve aceno de cabeça.

- Não - retrucou Seldon com firmeza. - Ela não o entregou a mim, e vou esperar até que ela o faça.

Dors hesitou, e fez uma tentativa vacilante de devolver o kirtle a Gota de

Chuva Quarenta e Três. A Irmã, no entanto, pôs as mãos às costas e recuou, sem um vestígio de vida no rosto. Gota de Chuva Quarenta e Cinco relanceou apenas um rapidíssimo olhar na direção de Seldon, depois postou-se ao lado da irmã e a rodeou com os braços, num gesto protetor.

- Por favor, Hari - disse Dors. - Estou certa de que as Irmãs não têm permissão para conversar com homens que não sejam seus parentes. Qual a vantagem em deixá-las assim tão constrangi das? Elas não podem fazer nada.

- Não creio - tornou Seldon, implacável. - Se existe uma tal regra, ela se aplica apenas aos Irmãos. Duvido muito de que ela já tenha encontrado um homem da tribo antes.

Com voz suave, Dors dirigiu-se a Gota de Chuva Quarenta e Três: - Já encontrou antes algum homem da tribo, Irmã, ou uma mulher da tribo?

Houve uma longa hesitação, e depois um vagoroso gesto negativo com a cabeça. Seldon fez um gesto largo com os braços:

- Está vendo? Se existe regra de silêncio, ela se aplica apenas aos Irmãos. Acha que eles teriam enviado essas jovens, estas Irmãs, para nos servirem, se houvesse algum tipo de lei as proibindo de falar comigo?

- Talvez devessem falar apenas comigo, e eu serviria de intermediária entre você e elas.

- Bobagem. Não acredito nisso, e você também não. Não sou um mero homem da tribo, sou um hóspede ilustre em Mycogen, cheguei aqui recomendado por Chetter Hummin e fui trazido por Mestre do Sol Catorze em pessoa. Não admito ser tratado corno se não existisse, e se isso acontecer vou me queixar a Mestre do Sol Catorze.

Gota de Chuva Quarenta e Cinco começou a soluçar, e Gota de Chuva Quarenta e Três, ainda que mantendo-se quase impassível, enrubesceu visivelmente.

Dors esboçou uma nova tentativa de argumentar com Seldon, mas este a silenciou com um gesto brusco e encarou Gota de Chuva Quarenta e Três com expressão ameaçadora.

Finalmente ela falou; e desta vez já não chilreava. Sua voz era rouca e trêmula, como se ela tivesse que forçar-se a articular cada palavra na direção daquele homem, e isto fosse algo totalmente contrário ao seu instinto e à sua vontade.

- Não deve se queixar a nosso respeito, homem da tribo - disse ela. - Seria uma atitude injusta. Está me forçando a infringir os costumes do meu povo. O que deseja de mim?

Seldon deu um sorriso cativante e no mesmo momento estendeu as mãos para ela:

- Quero a roupa que trouxe para mim. O kirtle.

Em silêncio, ela colocou o kirtle nas mãos de Seldon. Ele fez uma ligeira reverência e disse:

- Obrigado, Irmã. - e relanceou um breve olhar na direção de Dors, como se dissesse: está vendo? Mas Dors, zangada, afastou o olhar.

Seldon desdobrou o kirtle, que era branco e sem bordados de nenhuma espécie: aparentemente, enfeites e ornamentos eram privativos das roupas femininas. A roupa vinha acompanhada de um cinto cheio de borlas; Seldon achou que não teria dificuldade em descobrir o modo correto de usá-lo.

- Vou ao banheiro vestir esta coisa - anunciou. - Não demoro mais que um minuto, ou pelo menos assim espero.

Entrou no minúsculo banheiro e, quando tentou fechar a porta, Dors forçou a passagem para dentro, e só depois de entrar cerrou a porta.

- O que foi que você fez, Hari? - Você foi de uma grosseria imperdoável. - Por que tratou a pobre moça daquele jeito?

- Eu tinha que obrigá-la a me dirigir a palavra - retrucou Seldon com impaciência. - Preciso dela para conseguir informações, você sabe disso. Lamento ter sido um pouco cruel, mas de que outro modo poderia vencer a inibição dela?

Fez um gesto para que Dors saísse; e quando saiu do banheiro viu que ela também já tinha vestido seu kirtle. A despeito da carapuça plástica que a tornava praticamente calva, e do desalinho do kirtle, Dors estava bastante atraente. O caimento da veste delineava os contornos de seu corpo, sem exibi-lo totalmente. Seu cinto, num tom de cinza ligeiramente diferente do da roupa, mais largo que o de Seldon, era preso na parte da frente por dois colchetes adornados com brilhantes pedras azuis. "As mulheres sempre dão um jeito de ficar mais bonitas, mesmo nas condições mais adversas", pensou Seldon.

Olhando para ele, Dors comentou:

- Agora você está parecendo um mycogeniano. Acho que estamos prontos para ser levados às compras pelas Irmãs.

- Sim - disse Seldon -, mas depois disso quero que Gota de Chuva Quarenta e Três me leve a um passeio nas rnicrofazendas.

Os olhos de Gota de Chuva Quarenta e Três se dilataram, e ela deu um passo para trás.

- Sim - prosseguiu Seldon. - Eu gostaria muito de conhecê-las.

Gota de Chuva Quarenta e Três olhou rapidamente para Dors. - Mulher da tribo ... - começou a dizer.

- Parece que não conhece nada sobre as fazendas, Irmã - interrompeu Seldon.

Isso pareceu surtir efeito: ela ergueu o queixo com altivez e falou, ainda dirigindo-se a Dors:

- Eu trabalhei nas microfazendas. Todos os Irmãos e Irmãs o fazem, numa certa altura em suas vidas.

- Então muito bem, vamos dar esse passeio - disse Seldon.

- E não vamos recomeçar a discutir. Eu não sou um Irmão com quem você é proibida de conversar e de se relacionar. Sou um homem da tribo e um convidado ilustre. Estou usando este kirtle e esta carapuça para não atrair as atenções desnecessariamente, mas sou um erudito, e vim aqui para pesquisar. Não vou ficar trancado neste quarto, olhando as paredes. Quero ver aquilo que apenas vocês possuem, em toda a Galáxia ... as suas microfazendas. Pensei que

vocês teriam orgulho em mostrá-las.
- Nós temos orgulho - tornou Gota de Chuva Quarenta e Três, finalmente encarando Seldon enquanto falava. - E eu as mostrarei, e não creio que descobrirá nenhum dos nossos segredos, se é para isso que está aqui, homem da tribo. Mostrar-lhe-ei as microfazendas amanhã pela manhã. Preciso de algum tempo para combinar a visita.
- Esperarei até amanhã - disse Seldon. - Mas está prometido? Tenho sua palavra de honra?
Gota de Chuva Quarenta e Três replicou, com visível desprezo: - Eu sou uma Irmã e eu farei conforme o disse. Manterei minha palavra, ainda que dada a um homem da tribo.
Sua voz adquiriu um tom glacial ao pronunciar estas últimas frases, enquanto seus olhos se dilatavam e pareciam chamejar. Seldon tentou adivinhar o que estaria se passando em sua mente, e começou a sentir-se um tanto desconfortável.

43.

Seldon não teve uma noite tranqüila. Para começar, Dors anunciou que o acompanharia na visita às microfazendas, ao que ele objetou energicamente.
- Meu propósito - disse - é fazer com que ela fale livremente, colocando-a numa situação inusitada: sozinha com um homem, mesmo se tratando de um estranho. Transgredindo seus hábitos até esse ponto fica fácil ir mais longe ainda. Se você nos acompanhar, no entanto, ela irá se dirigir apenas a você, e eu só pegarei as sobras.
- E se algo acontecer com você durante minha ausência, como na sua ida à Superfície?
- Nada vai acontecer. Por favor, Dors. Se quiser me ajudar, mantenha-se afastada, se não, não há mais nada que possamos fazer juntos. Estou falando sério. Isto é algo importante para mim. Por mais que eu me tenha apegado a você, agora quem toma as iniciativas sou eu.
Ela concordou, ainda que com enorme relutância, e disse: - Está bem, mas prometa que não será muito duro com ela.
- É a mim ou a ela que você tem que proteger? Garanto que não fui duro com ela para me divertir, e continuarei assim.
A lembrança dessa sua primeira discussão com Dors contribuiu para mantê-lo acordado durante a maior parte da noite, juntamente com o temor de que as duas Irmãs não aparecessem na manhã seguinte, a despeito da promessa de Gota de Chuva Quarenta e Três.

Mas elas chegaram, não muito tempo depois de Seldon ter acabado um rápido desjejum (ele tinha tomado a resolução de não se permitir engordar por excesso de autocornplacência). Ele já estava vestido em seu kirtle, que se ajustou perfeitamente, e tinha aprendido o modo correto de prender o cinto.

Gota de Chuva Quarenta e Três, ainda com um brilho de frieza nos olhos, disse:

- Se estiver pronto, homem da tribo Seldon, minha irmã ficará aqui em companhia da mulher da tribo Venabili.

Sua voz não soava mais como um gorjeio, nem estava rouca como quando se dirigira a ele na véspera: era como se ela tivesse passado a noite ensaiando um modo de dirigir a palavra a um homem que não era um dos Irmãos.

Seldon imaginou se ela teria passado a noite em claro, e disse: - Estou pronto.

Meia hora depois, Gota de Chuva Quarenta e Três e Seldon desciam rumo ao subsolo. Embora já fosse dia, pelo relógio, o ar tinha uma luminosidade mais mortiça do que Seldon já tinha visto em qualquer parte de Trantor.

Não havia nenhuma razão óbvia para isto, uma vez que a luz do dia artificial que lentamente percorria o planeta evidentemente abrangia também o Setor Mycogen; mas Seldon supôs que os rnycogenianos talvez preferissem as coisas daquela forma, apegados a algum de seus costumes primitivos. Aos poucos, seus olhos foram se acostumando à penumbra.

Seldon tentou encarar com naturalidade as pessoas, fossem Irmãos ou Irmãs, com quem cruzavam em seu trajeto. Considerou que ele e Gota de Chuva Quarenta e Três seriam tomados como um Irmão e sua mulher, e não atrairiam nenhuma atenção, desde que nada fizessem de insólito.

Infelizmente, Gota de Chuva Quarenta e Três parecia querer atrair os olhares. Quando falava a Seldon, proferia apenas umas poucas palavras, em voz muito baixa, e pelo canto da boca. Era visível que a companhia de um homem não pertencente à sua cultura a deixava insegura, ainda que só ela soubesse do fato. Seldon pressentiu que, se lhe dissesse para ficar tranqüila, isso apenas a deixaria ainda mais tensa do que já estava. (Ele imaginou qual seria a reação dela se por acaso encontrassem alguém que a conhecesse pessoalmente; tranqüilizou-se quando foram chegando aos níveis mais profundos, onde havia um número bem menor de pessoas.)

A descida não era feita através de elevadores, e sim de rampas móveis dispostas aos pares, uma subindo e a outra descendo; Gota de Chuva Quarenta e Três referia-se a elas como escaladores. Seldon não estava certo de ter ouvido corretamente a palavra, que para ele era totalmente desconhecida.

Quanto mais se aprofundavam no subsolo, mais apreensivo Seldon ia ficando. A maior parte dos planetas possuía microfazendas, e tinha suas próprias variedades de microprodutos. Em Helicon, Seldon havia ocasionalmente freqüentado esses locais para comprar molhos e condimentos, e sempre encontrara o ar invadido por uma intensa mistura de odores, capazes de fazer revirar o estômago.

As pessoas que trabalhavam nas microfazendas pareciam não se incomodar

com isso; mesmo os visitantes casuais, apesar de inicialmente fazerem caretas, pareciam ir-se acostumando depois de um certo tempo. Seldon, no entanto, era particularmente suscetível àquele tipo de cheiro, e nesse instante estava preparado para se deparar com ele mais uma vez; tentou se consolar pensando que fazia um nobre sacrifício, em sua busca incansável de informações - mas isso não impedia que seu estômago se contraísse, de apreensivo que estava.

Quando já tinha perdido a conta do número de andares que tinham descido, Seldon, vendo que o ar continuava razoavelmente fresco, perguntou:

- Quando chegaremos aos níveis das microfazendas?

- Já estam os neles - foi a resposta.

Ele inalou profundamente. - Não parece, pelo cheiro.

- Cheiro? O que quer dizer com isso?

Gota de Chuva Quarenta e Três pareceu ofendida o bastante para erguer a voz.

- Pela minha experiência, há sempre uma espécie de odor desagradável associado às microfazendas. Você sabe. É algo associado aos fertilizantes necessários aos fungos, bactérias, saprófitas etc.

- Pela sua experiência? - A voz dela abaixou-se novamente. - Onde foi isso?

- Em meu planeta.

O rosto da Irmã se contorceu numa careta de repugnância. - Então o seu povo vive mergulhado na gabelle!

Seldon nunca tinha escutado a palavra, mas o olhar e a entonação não deixavam dúvidas quanto ao seu significado.

- É claro que não existe esse cheiro quando os produtos são consumidos - disse ele.

- Nossos microprodutos não têm esse cheiro em momento algum - retrucou a Irmã. - Nossos biotécnicos desenvolveram espécies perfeitas. As algas crescem na luz mais pura possível, e em soluções eletrolíticas cuidadosamente equilibradas. As saprófitas são nutridas com as melhores combinações de matéria orgânica. As fórmulas e as receitas que utilizamos são algo que os homens da tribo jamais chegarão a conhecer ... Venha, chegamos. Pode respirar à vontade, e não vai achar nenhum odor desagradável. Esta é uma das razões pelas quais nossa comida é valorizada em toda a Galáxia, e o próprio imperador não se alimenta de outra coisa ... embora ela seja de muito boa qualidade para um homem da tribo, se quer minha opinião, mesmo que esse homem se auto-intitule imperador.

Havia rancor na voz dela, rancor esse que parecia dirigido contra o próprio Seldon. Em seguida, como se temesse que ele não chegasse a perceber isso, ela completou:

- Ou mesmo que ele se auto-intitule um hóspede ilustre. Eles penetraram num corredor estreito: de ambos os lados havia enormes tanques com espessas paredes de vidro nos quais se agitava um líquido verde-escuro, cheio de algas que se moviam em redemoinho, impulsionadas por bolhas de gás que brotavam do fundo do tanque; ricas em dióxido de carbono, deduziu Seldon.

Uma luz forte e de coloração rósea era diretamente projetada sobre os tanques, uma luz mais intensa do que a que brilhava ao longo do corredor. Seldon fez um breve comentário a respeito. - Claro - disse a Irmã. - As algas produzem melhor com uma luz na extremidade vermelha do espectro.

- Presumo - disse Seldon - que tudo aqui é automatizado. Ela encolheu os ombros, sem dizer nada.

- Não estou vendo um grande número de Irmãos e Irmãs por aqui - insistiu ele.

- Mesmo assim há trabalho para ser feito, e eles o executam, ainda que não os vejamos. Os detalhes não são de sua conta, homem da tribo. Não perca seu tempo fazendo perguntas.

- Calma, não se zangue. Não quero ficar sabendo seus segredos de Estado, querida.

A palavra lhe escapou sem querer, e ele teve que segurar Gota de Chuva Quarenta e Três pelo braço, pois ela pareceu a ponto de sair correndo. Estacou; Seldon percebeu o quanto estava trêmula, e soltou-a, embaraçado. Tentou reatar a conversa:

- É que tudo isto aqui dá a impressão de ser automático.

- Tenha a impressão que bem entender, mas o fato é que isto aqui é controlado por mentes humanas e decisões humanas. Todos os Irmãos e as Irmãs têm que trabalhar aqui durante algum tempo. Alguns fazem disto a sua profissão.

Ela tinha voltado a falar com naturalidade, mas Seldon notou, para aumentar seu embaraço, que a mão de Gota de Chuva Quarenta e Três esfregava disfarçadamente o ponto onde ele a havia tocado, como se a mão dele a tivesse machucado.

- Isto aqui tem quilômetros de extensão - disse ela -, mas se entrarmos neste ponto você poderá conhecer a seção dos fungos.

Seguiram em frente, e Seldon não pôde deixar de notar a limpeza que reinava no local. Os vidros reluziam. O chão de ladrilhos parecia úmido, mas quando ele se abaixou durante um breve momento para tocá-lo com a ponta dos dedos constatou que estava seco. Também não era escorregadio - a menos que suas sandálias (que, ao estilo mycogeniano, deixavam aparecer o dedão do pé) tivessem solas aderentes.

Num detalhe Gota de Chuva Quarenta e Três estava certa: aqui e ali havia um Irmão ou Irmã trabalhando em silêncio, consultando medidores, ajustando controles, às vezes dedicando-se a uma tarefa tão prosaica quanto lustrar instrumentos - mas sempre fazendo seu trabalho com intensa concentração.

Seldon teve a prudência de não perguntar que trabalho era aquele: não queria causar à Irmã a humilhação de ter de confessar que não sabia, ou o aborrecimento de ser forçada a lembrar-lhe mais uma vez que certas informações estavam vedadas a um estranho.

Cruzaram uma porta vaivém, e de súbito Seldon sentiu um leve traço do odor que recordava; olhou para Gota de Chuva Quarenta e Três mas ela não parecia

tê-lo percebido, e daí a alguns minutos também ele foi se acostumando.

A qualidade da luz, ali, era bem diferente. O tom róseo desapareceu por completo, e a intensidade era muito menor: tudo estava mergulhado em penumbra, exceto por alguns pontos da maquinaria que eram iluminados por holofotes; nesses pontos, havia invariavelmente um Irmão ou uma Irmã nas proximidades. Alguns deles usavam na testa faixas luminosas que emitiam um brilho leitoso; à distância, Seldon podia discernir, aqui e acolá, manchas luminosas que se moviam em várias direções.

Enquanto caminhavam, ele observou o perfil de Gota de Chuva Quarenta e Três, que era tudo o que ele tinha para examinar. Em qualquer outra circunstância ele não poderia deixar de estar consciente daquele crânio calvo, os olhos sem pintura, a face pálida. Aquilo diluía a individualidade dela e a tornava quase invisível; mas assim, de perfil, Seldon podia distinguir alguma coisa. O desenho do nariz e do queixo, os lábios cheios, regularidade, beleza. A luz difusa do ambiente deixava os seus contornos mais brandos, e suavizava aquele deserto liso no alto de sua cabeça.

Seldon pensou, com surpresa: ela poderia ser muito bonita, se deixasse o cabelo crescer e lhe desse um arranjo adequado.

E depois lembrou-se de que isso era impossível: ela permaneceria calva pelo resto da sua vida.

Mas por quê? Por que tinham de fazer aquilo? Mestre do Sol tinha dito que daquele modo um mycogeniano se reconheceria como tal pelo resto da vida. Que enorme importância teria isso, para que o estigma da cabeça depilada fosse aceito como uma insígnia, um traço de identidade?

Em seguida (ele tinha o hábito de argumentar em defesa de ambos os lados, ao investigar uma questão) pensou: o hábito torna-se uma segunda natureza. Se alguém se acostumar a que as cabeças sejam raspadas, a visão de um crânio peludo parecerá monstruosa, poderá mesmo provocar náuseas. Ele próprio barbeava o rosto todas as manhãs, removia com cuidado os pelos faciais, sentindo-se mal ao perceber na pele a menor aspereza; e no entanto não considerava seu rosto "calvo" ou, de qualquer maneira, pouco natural.

É claro que poderia deixar a barba crescer a qualquer momento, se assim quisesse: mas nunca queria.

Ele sabia que havia planetas onde os homens jamais se barbeavam; em outros, nem sequer prendiam ou penteavam os cabelos, deixavam-nos apenas crescer à vontade. Como reagiriam esses homens diante de seu rosto liso, suas bochechas e seu queixo totalmente raspados?

Enquanto continuava caminhando ao lado de Gota de Chuva Quarenta e Três (ao longo de um trajeto que parecia interminável) ele notou que de vez em quando ela lhe tocava o cotovelo para indicar uma mudança de direção, e ele teve a impressão de que ela começava a se acostumar à sua presença, pois não se apressava a retirar a mão; às vezes chegava a prolongar o toque por quase um minuto.

- Venha cá - disse ela

- O que é isso? - perguntou Seldon

Tinham parado junto a uma bandeja cheia de pequenas esferas, cada qual com uns dois centímetros de diâmetro. Um Irmão que estava trabalhando nas proximidades, e que tinha acabado de colocar ali a bandeja, olhou para eles com alguma curiosidade

Gota de Chuva Quarenta e Três sussurrou para Seldorr - Peça algumas.

Seldon compreendeu que ela não poderia falar a um Irmão sem que este tivesse se dirigido a ela, e perguntou, meio insegura.

- Posso ... posso pegar algumas, Irmão?

- Sirva-se de um punhado, Irmão - respondeu o outro, amigavelmente.

Seldon tomou nos dedos uma das esferas e estava a ponto de estendê-la para Gota de Chuva Quarenta e Três quando percebeu que ela tinha considerado o convite como extensivo a ela própria e já se apoderava de dois punhados

A esfera era macia, lustrosa. Enquanto se afastavam, Seldon perguntou à Irmã:

É para comer? - E ergueu a esfera até o nariz. - Não têm cheiro - disse ela

- E o que são?

- Guloseimas, guloseimas cruas. Para o mercado externo elas recebem sabor artificial, mas aqui em Mycogen nós a comemos assim, ao natural. .. é a melhor maneira. - Ela colocou uma na boca e disse: - Eu nunca me canso de comê-las.

Seldon levou a esfera à boca: ela se dissolveu e desapareceu rapidamente. Durante um breve instante sua boca se encheu de água e logo aquilo tudo deslizou pela sua garganta abaixo

Ele parou um instante, deslumbrado. O gosto era levemente doce, e na verdade deixava um travo agradavelmente amargo, mas a sensação principal ainda lhe escapava.

- Posso pegar outra? - pediu.

- Pegue meia-dúzia - disse Gota de Chuva Quarenta e Três, estendendo a mão. - Elas nunca têm exatamente o mesmo sabor, e praticamente não contêm calorias, somente sabor.

Ela tinha razão. Ele tentou conservar a guloseima intacta em sua boca; tentou lambê-la aos poucos; tentou arrancar-lhe um pedaço com os dentes. Mas a mais leve lambida a dissolvia, e acontecia o mesmo quando ele a partia em duas com os dentes. O sabor de cada uma era idefinível, e nunca exatamente igual ao da anterior

- O único problema - disse a Irmã, com uma voz deliciada - é que de vez em quando você experimenta uma que é absolutamente fora do comum, e você nunca a esquece, mas também jamais a reencontra. Provei uma, quando eu tinha nove anos ... - Logo sua expressão tornou-se mais séria e ela disse: - É uma boa coisa. Ensina a todos nós o quanto as coisas do mundo são efêmeras.

Para Seldon, aquilo foi como um sinal. Tinham vagueado por ali durante bastante tempo; ela tinha aos poucos se acostumado à presença dele e já estava conversando quase normalmente. Tinham chegado ao ponto que ele pretendia. Tinha que ser agora!

44.

- Eu venho de um mundo, Irmã - disse ele - onde as pessoas vivem a céu aberto, como se dá em todos os planetas, com exceção de Trantor. A chuva cai, ou não cai; os rios secam, ou se avolumam, inundando tudo; a temperatura se eleva, ou se abaixa. Isso significa que as colheitas podem ser boas ou más. Aqui, no entanto, o ambiente está sob controle total. As colheitas não têm outra possibilidade, a não ser a de serem boas. Que lugar abençoado é Mycogen.

E serou. Havia muitas respostas possíveis, e sua linha de ação ia depender de qual delas fosse escolhida pela moça.

Ela já estava falando com certa liberdade, e parecia não ter mais inibições por estar em companhia de um homem, portanto aquele longo passeio tinha servido aos propósitos de Seldon. Ela disse'

- O ambiente não é assim tão fácil de controlar. Surgem infecções viróticas de vez em quando, e às vezes se verificam algumas mutações repentinas e indesejáveis. Há ocasiões em que colheitas inteiras definham, ou ficam imprestáveis

- Isso me surpreende. E o que sucede então?

- Em geral não há outra solução senão inutilizar as colheitas estragadas, mesmo aquelas que estão apenas sob suspeita. Os depósitos e os tanques têm que ser totalmente esterilizados em seguida, e às vezes precisam ser destruídos.

- É quase uma cirurgia - comentou Seldon. - Vocês cortam fora o tecido estragado. - Sim.

- E quais são as medidas que tomam para que isso não aconteça?

- O que podemos fazer? Fazemos testes constantes para detectar qualquer mutação que possa surgir, novos vírus que podem estar aparecendo, alguma contaminação acidental ou mudança no ambiente. Raramente detectamos algo errado, mas quando isso acontece tomamos atitudes drásticas. O resultado disso é que os anos de más colheitas são raros, e mesmo quando acontecem isso só se dá em regiões localizadas. O pior ano que tivemos até hoje ficou apenas 12% abaixo da nossa média, embora isso já tenha sido o suficiente para acarretar dificuldades. O problema é que mesmo o planejamento mais cuidadoso e os programas de computador mais eficientes não podem prever tudo ... há sempre fatores imprevisíveis.

(Seldon sentiu um tremor percorrê-lo. Era quase como se ela estivesse a falar sobre a psico-história - mas ela estava apenas falando sobre a produção nas microfazendas de uma minúscula parte da humanidade, enquanto que ele estava tentando considerar todas as múltiplas atividades que se processavam no interior

de um gigantesco Império Galáctico.)

Um tanto desanimado, ele disse:

- Nem tudo, entretanto, é imprevisível. Existem forças que nos guiam, e que tomam conta de nós.

A Irmã empertigou-se, e virou-se para ele, lançando-lhe um olhar penetrante - mas tudo o que disse foi: - O quê? ...

Seldon sentiu-se pouco à vontade.

- Acho que quando falamos sobre vírus ou mutações estamos nos referindo ao mundo natural, aos fenômenos que estão sujeitos às leis naturais. E isso deixa de fora o sobrenatural, não é mesmo? Deixa de fora tudo quanto não está submetido às leis da natureza e que, em conseqüência, pode controlar essas leis.

Ela continuou a fitá-lo, como se de um instante para outro ele tivesse começado a falar em algum dialeto remoto e desconhecido do Padrão Galáctico; e mais uma vez disse apenas:

- O quê?

Seldon continuou, titubeando de encontro a palavras que lhe eram pouco familiares, e que o embaraçavam:

- Estou me referindo a alguma essência superior, a algum grande espírito, algum ... ora, não sei que nome dar a isso.

Gota de Chuva Quarenta e Três começou a falar, numa voz cujo registro ia se tornando cada vez mais agudo, embora permanecendo baixa:

- Eu sabia. Eu sabia que era isso que você queria dizer, mas não acreditei, não podia. Você está nos acusando de ter uma religião. Por que não disse logo? Por que não disse o que era?

Esperou uma resposta, e Seldon, um tanto confuso diante daquela investida, falou:

- Porque eu não utilizo essa palavra. Eu chamo a isto de sobrenaturalismo.

- Chame como quiser! É religião, e nós não temos isso. Religião fica para os homens da tribo, para essa esc ...

A Irmã parou e engoliu em seco, como se estivesse a ponto de sufocar, mas Seldon entendeu que era escória a palavra que ela tinha deixado incompleta.

Gota de Chuva Quarenta e Três recobrou finalmente o equilíbrio. Falando devagar, e num tom um pouco mais grave do que sua habitual voz de soprano, disse:

- Não somos um povo religioso. Nosso reino é o desta Galáxia, e foi sempre assim. Se você tem uma religião ...

Seldon se sentiu apanhado numa armadilha; não tinha contado com isto, e ergueu a mão, num gesto de defesa.

- Calma, não é bem assim. Sou um matemático, e meu reino também é o desta Galáxia. Pensei apenas, devido à rigidez dos costumes daqui, que talvez o seu reino fosse ...

- Não pense isso, homem da tribo. Se os nossos costumes são rígidos é porque somos apenas uns poucos milhões, cercados por bilhões e bilhões de estranhos. Temos que ter a nossa própria marca, seja ela qual for, para que os

poucos membros do nosso povo não se percam entre essas multidões, esses formigueiros humanos. Temos que marcar a nós mesmos com nossa ausência de pêlos, nossas roupas, nosso comportamento, nosso modo de vida. Temos que saber com certeza quem somos, e temos que ter certeza de que os homens da tribo saberão quem somos. Trabalhamos em nossas microfazendas para que possamos ter algum tipo de valor aos seus olhos, e com isso ter a certeza de que nos deixarão viver em paz. É tudo que pedimos ... que nos deixem viver em paz.

- Não tenho a menor intenção de fazer mal a você ou ao seu povo. O que busco é o conhecimento, aqui como em toda parte

- E por isso nos insulta ao perguntar sobre nossa religião, como se vivêssemos pedindo a algum espírito misterioso e insubstancial para fazer por nós o que nós mesmos não conseguimos.

- Existem muitos povos, muitos planetas que acreditam em sobrenaturalismo de uma forma ou de outra; religião, se prefere usar esta palavra. Podemos discordar deles, não importa como, mas é tão possível que estejamos errados em nossa descrença quanto eles em sua fé. Em todo caso, não existe vergonha alguma nesse tipo de fé, e minhas perguntas não devem ser encaradas como ofensas

Mas ela não se tinha conformado ainda.

- Religião! - disse, com voz irritada. - Não temos nenhuma necessidade disso.

A boa disposição de Seldon, que tinha diminuído visivelmente durante toda a altercação, acabou chegando ao fundo. Todo o seu plano, toda essa expedição ao lado de Gota de Chuva Quarenta e Três, tinha resultado em nada.

Ela não tinha se dado por satisfeita, e continuou:

- Nós temos algo muito melhor do que religião. Temos História.

Numa fração de segundo todo o otimismo de Seldon se recompôs por inteiro; e ele sorriu

LIVRO

O CASO DA MÃO SOBRE A COXA - ... Uma ocasião citada por Hari Seldon como o primeiro ponto decisivo em sua busca de um método para desenvolver a psico-história. Infelizmente, seus textos publicados não fornecem nenhuma indicação sobre o que teria realmente sido este "caso", e as especulações feitas a este respeito (que têm sido numerosas) são infrutíferas. Este continua sendo um dos mais intrigantes mistérios relativos à carreira de Seldon.

ENCICLOPÉDIA GALÁCfICA

45.

Gota de Chuva Quarenta e Três encarou Seldon com olhos brilhantes; sua respiração estava acelerada.

- Não posso continuar aqui - disse ela. Seldon olhou em torno.

- Ninguém está nos perturbando. Mesmo o Irmão que nos deu as guloseimas não disse nada. Ele pareceu nos considerar uma dupla de pessoas perfeitamente normal.

- É porque não há nada de estranho em nós dois, se a luz estiver fraca, se você mantiver sua voz baixa o bastante para que seu sotaque de homem da tribo não apareça, e se eu me mantiver calma. Mas agora ... - A voz dela estava mais rouca do que nunca.

O que é que há agora?

Estou nervosa, e tensa. Estou ... transpirando.

- Quem vai notar? Relaxe. Fique calma.

- Não posso relaxar, aqui. Não posso ficar calma, num lugar onde possam nos ver.

- E para onde podemos ir?

- Aqui perto existem uns aposentos que servem para repouso. Sei onde ficam, já trabalhei aqui.

Ela partiu a passo rápido e Seldon a acompanhou. Subiram uma pequena rampa e lá no alto havia uma fileira de portas, bem afastadas uma da outra. Sozinho ele jamais as teria percebido.

- Aquela ali no final - disse ela. - Se estiver livre.

O aposento estava vazio: um pequeno retângulo brilhava com os dizeres NÃO OCUPADO, e a porta estava entreaberta.

Gota de Chuva Quarenta e Três olhou para todos os lados, empurrou Seldon para dentro, e o seguiu com rapidez. Quando fechou a porta, acendeu-se uma luz no teto, iluminando o recinto. Seldon perguntou:

- O letreiro na porta indica que isto aqui está ocupado?

- Sim, automaticamente, quando a porta se fecha e a luz de dentro é acesa.

Seldon podia sentir o ar que circulava lá dentro, acompanhado de um leve rumor; mas haveria um lugar em Trantor onde aquele som e aquela sensação não estivessem presentes?

O quarto não era espaçoso, mas tinha um leito com um colchão firme e confortável, e lençóis limpos dobrados à cabeceira. Havia uma mesa e uma cadeira, uma pequena geladeira, e algo que parecia um forno embutido, certamente destinado a aquecer refeições.

Gota de Chuva Quarenta e Três sentou-se na cadeira, muito empertigada, fazendo um visível esforço para relaxar.

Seldon, em dúvida ao que devia fazer, ficou de pé até que ela, com um gesto impaciente, o fez sentar-se na cama. Com uma voz suave, como se falasse consigo mesma, Gota de Chuva Quarenta e Três disse:

- Se um dia ficarem sabendo que eu estive aqui com um homem, mesmo sendo um homem da tribo, serei banida.

Seldon ficou de pé num salto, dizendo: - Então vamos embora.

- Sente-se. Não posso sair enquanto estiver me sentindo assim. Você esteve me perguntando sobre religião. Afinal, você está procurando o quê?

Aos olhos de Seldon, ela estava totalmente transformada. Tinha sumido toda a passividade, toda a subserviência. Não havia mais o menor sinal da timidez, da atitude retraída diante da presença masculina. Os olhos dela o encaravam, estreitos, brilhantes.

- Já lhe disse - respondeu Seldon. - Procuro o conhecimento. Sou um pesquisador. Minha profissão e meu maior desejo é o de saber. Quero saber o que são as pessoas, e para isso preciso entender a História. Em muitos planetas, os registros históricos mais antigos (estou me referindo aos registros realmente antigos) degeneraram em mitos e lendas, tornando-se, muitas vezes, parte de um conjunto de crenças religiosas ou sobrenaturais. Mas se existe uma religião em Mycogen, então ...

- Eu lhe disse que nós temos História.

- Sim, já falou isso duas vezes. Mas é antiga? Até onde alcança?

- Vinte mil anos atrás.

- É mesmo? Vamos falar com franqueza. É História mesmo, ou é algo que já se diluiu em lenda? - História verdadeira, claro.

Seldon esteve a ponto de perguntar como ela podia responder com tanta segurança, mas mudou de idéia. Haveria alguma chance de registros históricos autênticos durarem vinte mil anos? Ele não era uma historiador; teria que perguntar a Dors.

Ao mesmo tempo, era bastante claro para ele que em cada planeta as narrativas históricas mais antigas não passavam de uma colcha de retalhos de heroísmos de encomenda, e minidramas que deviam funcionar apenas como exemplos moralizantes e não deviam ser tomados ao pé da letra. Isso acontecia em Helicon, e ainda assim dificilmente se encontraria um heliconiano que não estivesse disposto a pôr a mão no fogo pela veracidade dessas narrativas e garantir que elas representavam pura História. Eles confirmariam, por exemplo, até mesmo relatos grotescos como o da primeira exploração de Helicon e dos combates com enormes e vorazes répteis voadores - embora em nenhum mundo conhecido e colonizado por seres humanos já tivesse sido registrada a existência de répteis capazes de voar.

Portanto, ele perguntou apenas:

- E como começa essa História de vocês?

Havia algo distante nos olhos da Irmã, que não pareciam estar focalizados em Seldon ou em nada naquele aposento. Ela disse: - Começa com um mundo, o nosso mundo. O único mundo.

- Um único mundo? - Seldon recordou que Hummin tinha mencionado lendas que falavam de um único planeta de onde toda a humanidade se tinha originado.

- Sim - disse ela. - Um planeta. Vieram outros depois, mas o nosso foi o primeiro. Um planeta vasto e aberto, com muito ar, com espaço para todas as pessoas, com terras férteis, lares hospitaleiros, pessoas amistosas. Vivemos ali por milhares de anos até que um dia tivemos que partir, e começamos a nos esconder num mundo e em outro, e um dia alguns de nós conseguiram encontrar esta região em Trantor, onde aprenderam a produzir esta comida que hoje nos garante uma certa liberdade. Aqui em Mycogen, temos agora nosso próprio modo de viver, e nossos próprios sonhos.

- E essas histórias fornecem detalhes sobre esse planeta original, esse planeta único?

- Oh, sim, está tudo em um livro, e todos nós o possuímos.

Todos nós o levamos conosco o tempo inteiro, de modo que nunca há um momento em que não possamos parar, abri-lo e ler algum trecho, para que não nos esqueçamos de quem somos, de quem éramos, e de que um dia teremos o nosso mundo de volta.

- Vocês sabem onde fica esse mundo, e quem vive lá agora? Gota de Chuva Quarenta e Três hesitou, depois sacudiu a cabeça com veemência.

- Não, não sabemos, mas descobriremos um dia.

- E você tem esse livro?

- É claro.

- Posso vê-lo?

Um sorriso se espalhou pelo rosto da Irmã.

- Então é isso o que você quer - disse ela. - Eu sabia que você tinha algo em mente, quando me pediu para que eu o trouxesse sozinho para conhecer as microfazendas. - Ela parecia um pouco embaraçada. - Mas não pensei que fosse o Livro.

- É só O que quero - disse Seldon, com ardor. - Garanto-lhe que não tinha em mente nada além disso. Se você me trouxe até aqui porque pensou que ...

Ela não deixou que ele terminasse:

- Já estamos aqui, não é? Você quer ou não quer o Livro?

- Está se propondo a mostrá-lo?

- Com uma condição.

Seldon fez uma pausa, avaliando as possibilidades de se envolver em problemas mais sérios; teria ele superado as inibições da Irmã num grau muito maior do que pretendia de início? Perguntou com cautela:

- Que condição?

A língua de Gota de Chuva Quarenta e Três passou nervosamente sobre os lábios, umedecendo-os; e então ela disse, com um visível tremor na voz:

- Que você retire sua carapuça.

46.

Hari Seldon ficou parado, fitando Gota de Chuva Quarenta e Três com olhos vazios. Houve um perceptível momento em que ele não compreendeu o que ela tinha acabado de dizer: ele tinha esquecido completamente que estava usando uma carapuça na cabeça.

Um instante depois ele ergueu a mão e, pela primeira vez, teve plena consciência daquela coisa que estava usando. Era uma película lisa, mas ele a sentia ceder de leve à pressão dos dedos, denunciando a presença dos cabelos por baixo; não muito, porque afinal de contas seu cabelo era cortado curto, e não era muito espesso.

Ele perguntou, ainda apalpando o próprio crânio: - Por quê?

E ela:

- Porque eu tenho vontade. E porque é essa a condição para que você veja o Livro.

- Bem - disse ele -, se você realmente quer ...

Sua mão tateou à procura da borda da carapuça, para retirá-la, mas a moça o interrompeu:

- Não, por favor, deixe-me ...

O olhar dela era a tal ponto faminto que Seldon abaixou a mão e disse:

- Está bem ... como quiser.

Ela ergueu-se rápida da cadeira onde estava e sentou ao lado dele na cama. Devagar, com muito cuidado, ela despregou a película plástica ao lado de sua orelha. Umedeceu novamente os lábios com a ponta da língua, e estava ofegante quando por fim ergueu toda a carapuça, virando-a pelo avesso e

retirando-a do crânio de Seldon; o cabelo dele, libertado daquela pressão, ergueu-se um pouco, revolto, em desalinho.

Seldon falou, perturbado:

- Manter o cabelo embaixo disso provavelmente fez o meu couro cabeludo suar. Se for assim, meu cabelo deve estar um pouco úmido.

Ele ergueu a mão, num gesto instintivo de ajeitar os cabelos, mas ela o deteve, dizendo:

- Não, não, eu faço isso. É parte das condições.

Lentos e hesitantes, seus dedos se aproximaram, tocaram o cabelo dele, recuaram, aproximaram-se mais uma vez e, desajeitadamente, começaram a acariciá-lo.

- Está seco - disse ela. - E é ... é bom.

- Já tocou pêlos cefálicos antes? - perguntou Seldon.

- Às vezes, em crianças. Mas isto ... é diferente. - Seus dedos não paravam.

- Diferente, como? - Seldon, apesar do embaraço que sentia, continuava curioso.

- Não sei dizer. É diferente, e só. Um pouco depois ele perguntou: - Está satisfeita?

- Não. Não me apresse, por favor. Você ... pode fazê-lo inclinar-se, ficar do jeito que quiser?

- Não exatamente. Eles estão naturalmente acostumados a uma posição, mas eu precisaria de um pente para acomodá-los, e não tenho nenhum comigo.

- Um pente?

- Um objeto com dentes longos, como um garfo ... só que os dentes ficam de lado, e são mais numerosos, e feitos de um material mais suave.

- Não pode usar os dedos? - Os dedos dela corriam e corriam por entre os cabelos de Seldon.

- Até um certo ponto sim, mas não é a mesma coisa.

- Aqui atrás é bem áspero.

- Os cabelos são mais curtos aí.

Gota de Chuva Quarenta e Três pareceu lembrar-se de algo. - As sobrancelhas - disse. - Não é assim que se chamam? Ela despregou as faixas que recobriam os supercílios de Seldon e começou a correr as pontas dos dedos sobre eles, no sentido contrário aos pêlos.

- É tão bom! - disse ela, e deu uma risada aguda que por um momento lembrou a Seldon as risadas da irmã mais nova. - São lindos.

Já impaciente, Seldon perguntou:

- Há mais alguma coisa que faça parte das suas condições? Na penumbra, Gota de Chuva Quarenta e Três pareceu começar um gesto afirmativo, mas não o concluiu. Em vez disso, ela levou as mãos ao nariz e começou a cheirar as pontas dos dedos. Seldon imaginou que tipo de odor ela poderia estar sentindo.

- Como é estranho - disse ela. - Posso ... posso fazer isso novamente, outro dia?

Ainda sentindo-se meio pouco à vontade, Seldon replicou: - Desde que eu

tenha o Livro comigo, para poder estudá-lo ... talvez eu consinta.

Gota de Chuva Quarenta e Três enfiou a mão em seu kirtle e, de um recesso que Seldon não tinha percebido, retirou um pequeno livro feito de um material flexível e resistente. Ele o segurou, tentando controlar sua própria excitação.

Enquanto Seldon recolocava, cheio de cuidados, a sua carapuça sobre o cabelo, Gota de Chuva Quarenta e Três ergueu mais uma vez as mãos até o rosto e, num gesto delicado, começou a lamber as pontas dos dedos.

47.

- Ela tocou seu cabelo?

Dors Venabili olhou para o cabelo de Seldon como se estivesse também desejosa de tocá-lo, mas Seldon deu um passo de lado, afastando-se dela.

- Não, por favor - disse ele. - Aquela moça fez com que isso parecesse uma perversão.

- E provavelmente era, do ponto de vista dela. E quanto a você, que tipo de prazer sentiu?

- Prazer? Eu tive calafrios. Só quando ela acabou eu pude respirar novamente. Fiquei o tempo inteiro pensando: que outras condições ela vai impor? ..

Dors deu uma risada:

- Você teve medo de que ela quisesse fazer sexo? Teve medo ... ou uma certa esperança?

- Posso lhe assegurar que isso nem me passou pela cabeça. única coisa em que eu conseguia pensar era no Livro.

Estavam no quarto, e Dors tinha ligado o Campo de Distorção, para se assegurar de que não seriam ouvidos.

A noite de Mycogen começava a cair. Seldon tinha removido sua carapuça e o kirtle; durante o banho, tinha dado atenção especial ao cabelo, ensaboando-o e enxaguando-o duas vezes. Agora estava sentado na cama, usando uma espécie de roupão leve que tinha encontrado no armário.

Dors perguntou, com os olhos brilhando de malícia: - Ela sabia que você tem pêlos no peito?

- Espero sinceramente que isso não lhe tenha ocorrido.

- Pobre Hari. Você sabe, tudo isso é perfeitamente natural. Eu pro avelmente teria problemas semelhantes se ficasse a sós com um Irmão. Ou talvez pior, uma vez que ele iria acreditar (sendo a sociedade aqui o que é) que uma mulher estaria pronta para obedecer suas ordens sem vacilar.

- Não, Dors. Você pode achar que foi algo natural, mas não foi com você que aconteceu. A pobre moça estava num alto grau de excitação erótica. Ela tinha

todos os seus sentidos envolvidos na coisa ... cheirou os dedos, lambeu. Acho que se fosse possível ouvir o cabelo crescendo ela teria escutado com a maior atenção.

- Mas é justamente isso que estou considerando natural. Qualquer coisa proibida acaba ganhando uma aura de atenção sexual. Você teria algum interesse por seios de mulheres, se vivesse numa sociedade onde eles estivessem à mostra o tempo todo?

- Creio que sim.

- Mas não ficaria mais interessado ainda se eles fossem mantidos ocultos, como acontece na maior parte das sociedades? Ouça, deixe-me contar algo que aconteceu comigo certa ez. Foi num acampamento de férias à beira de um lago, em Cinna ... Presumo que vocês tenham esse tipo de coisa em Helicon ... lagos, praias, coisas assim ...

- Claro - disse Seldon, ligeiramente ofendido.- Está pensando que Helicon é o quê? Um mundo feito de rochas e montanhas, onde a única água é a que se bebe?

- Desculpe, Hari. Eu só queria ter certeza de que você iria entender o ambiente onde se passa a história. as nossas praias em Cinna nós somos muito liberais quanto ao tipo de traje que as pessoas usam ... ou não usam.

- Praias de nudistas?

- Nem tanto, se bem que qualquer pessoa poderia tirar toda a roupa sem atrair muita atenção. O normal é usar o minimo de roupa permitido pela decência, mas devo admitir que o nosso conceito de decência deixa pouquíssimo espaço para a imaginação

- Em Helicon - disse Seldon - nossos padrões de decência são um pouco mais rigorosos.

- Sim, já percebi isso pelo modo cerimonioso como você me trata, mas afinal cada pessoa tem seus próprios padrões. Enfim: eu estava certo dia sentada à beira do lago quando se aproximou um rapaz que eu tinha conhecido naquela manhã. Era um rapaz simpático e eu não tinha visto nada de errado a seu respeito; ele sentou no braço da minha cadeira e colocou a mão direita sobre a minha coxa esquerda (que estava nua, é claro) para se apoiar.

"Depois que conversamos alguns minutos ele falou, com uma certa malícia: 'Veja como são as coisas. Nós mal nos conhecemos, e no entanto eu considero perfeitamente natural o gesto de colocar minha mão sobre a sua coxa. E mais ainda: também parece natural a você, já que não parece se incomodar muito com o fato de eu a estar tocando."

"Foi só nesse instante que tomei consciência real de que a mão dele estava sobre minha coxa. A visão pública do corpo nu faz com que ele perca algo de seu apelo sexual. É como eu disse: é a proibição que estimula a vontade de ver.

"E aquele rapaz sabia disso também, porque continuou: E no entanto, se nos encontrássemos numa ocasião mais formal e você estivesse usando um vestido, você nem por sonhos permitiria que eu erguesse a barra do seu vestido e colocasse minha mão exatamente neste ponto onde ela está agora.'

"Dei uma risada, e continuamos a conversar sobre outros assuntos. É claro que, depois de ter chamado a atenção sobre a sua mão na minha coxa, o rapaz deve ter começado a se sentir menos à vontade, porque logo a retirou.

"Naquela noite, ao me vestir para o jantar, tive o cuidado de pôr uma roupa mais formal do que seria necessário, ou do que a que estaria sendo usada pelas outras mulheres. Logo encontrei o tal rapaz, que estava sentado numa das mesas do restaurante. Aproximei-me, trocamos cumprimentos, e eu lhe disse: 'Estou usando este vestido, mas por baixo dele minha coxa está nua. Dou-lhe permissão para levantar" meu vestido e colocar sua mão na minha coxa, no mesmo ponto onde ela estava hoje cedo.'

"Bem ... ele tentou, tenho que reconhecer, mas todo mundo estava olhando em nossa direção. Eu não teria feito nenhum gesto para detê-lo, assim como nenhum dos presentes; mas ele não conseguiu. O lugar onde estávamos não era mais público do que o outro, e as mesmas pessoas estavam presentes em ambas as ocasiões. Era claro para todos que eu tinha tomado a iniciativa, e de que não faria nenhuma objeção ao seu gesto, mas ele simplesmente não conseguiu quebrar seu condicionamento. As regras estabeleciam que a mão sobre a coxa durante a tarde era diferente da mão sobre a coxa à noite, e isso tinha um significado maior do que qualquer explicação lógica.

Seldon disse:

- Eu teria posto minha mão na sua coxa.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Mesmo vindo de um lugar onde os padrões de decência na praia são mais rígidos do que os nossos? - Sim.

Dors sentou-se em sua própria cama, depois recostou-se, as mãos cruzadas por trás da cabeça.

- Sendo assim, você não deve estar muito perturbado por eu estar usando um roupão com quase nada por baixo.

- Eu não estou escandalizado. Quanto a estar perturbado, isso depende da conotação que você queira dar à palavra. Não há dúvida de que estou plenamente consciente de como você está vestida. - Bem, se vamos ficar trancafiados aqui por muito tempo, vamos ter que nos acostumar a esse tipo de coisa.

- Ou tirar partido delas - sorriu Seldon. - Aliás, gosto muito do seu cabelo. Principalmente depois de vê-la careca o dia todo.

- Ótimo, mas não o toque. Não o lavei ainda. - Ela semicerrou os olhos. - É interessante. Você estabeleceu uma separação entre dois níveis de respeitabilidade ... o formal e o informal. O que você está dizendo é que Helicon é mais conservador, no plano informal, do que Cinna; e menos conservador no plano formal. É isso?

- Na verdade, fiz apenas uma comparação entre mim e o rapaz que colocou a mão na sua coxa. Não sei até que ponto somos representativos dos heliconianos e dos cinnianos. Posso imaginar sem dificuldade, em ambos os planetas,

indivíduos perfeitamente conservadores ... bem como outros totalmente malucos.

- O que estamos discutindo, na verdade, é a diferença entre as pressões sociais. Eu não sou uma viajante com vastos conhecimentos sobre a Galáxia, mas já tive que me envolver muito com o estudo social da História. No planeta de Derowd houve um tempo em que o sexo pré-conjugal era absolutamente livre. Relações sexuais múltiplas eram permitidas a todas as pessoas solteiras, e relações sexuais em público só eram censuradas quando atrapalhavam o trânsito nas ruas. Depois do casamento, no entanto, a monogamia, era absoluta e inviolável. A teoria deles era de que se alguém tivesse a liberdade para realizar todas as suas fantasias antes do casamento poderia depois sossegar e se dedicar a assuntos mais importantes.

- E funcionava?

- Funcionou até três séculos atrás; alguns dos meus colegas garantem que a razão para isso foram pressões externas de outros mundos que estavam perdendo muitos turistas atraídos para Derowd. Como vê, também existe uma pressão social a nível galáctico.

- Pressão econômica, no caso.

- Pode ser. Mas, continuando: trabalhando na Universidade eu tenho a chance de estudar esse tipo de pressões sociais, mesmo sem viajar pela Galáxia. Encontro pessoas de dezenas de lugares, de Trantor ou de outros mundos, e uma das maiores diversões nos departamentos de ciências sociais é comparar as pressões sociais em diferentes lugares.

"Aqui em Mycogen, por exemplo, tenho a impressão de que o sexo é rigidamente controlado, e só é admitido sob as regras mais severas, e esse controle é ainda mais rígido devido ao fato de o tema jamais ser discutido entre as pessoas. No Setor Streeling, também nunca se fala sobre sexo, mas ele não sofre nenhum tipo de restrição. No Setor Jennat, onde certa vez passei uma semana no curso de uma pesquisa, fala-se em sexo o tempo todo, mas apenas para condenar sua prática. Não creio que haja dois setores em Trantor, ou dois mundos fora de Trantor, que cultivem exatamente as mesmas atitudes em relação ao sexo.

Seldon comentou:

- Você faz tudo isso soar de um modo engraçado, até parece que ...

- Vou lhe dizer o que parece - cortou Dors. - Toda esta conversa sobre sexo deixou clara pelo menos uma coisa. Não vou permitir que você fique fora da minha vista nem uma vez mais.

- O quê?

- Por duas vezes eu o deixei sair sozinho; a primeira por negligência de minha parte, e a segunda por insistência sua. E em ambas as vezes ficou provado que eu errei. Lembre-se do que lhe aconteceu da primeira vez.

- Sim - reagiu Seldon, indignado -, mas nada me aconteceu agora.

- Você esteve a ponto de se envolver em complicações muito sérias. Imagine só se algum mycogeniano tivesse flagrado suas estripolias sexuais com uma das

Irmãs.
- Ora, vamos, não havia nada de sexual...
- Você mesmo disse que a moça estava tomada de alta excitação erótica.
- Sim, mas ...
- Foi um erro, Hari. Meta isso na sua cabeça. De agora em diante, você não vai a nenhum lugar sem mim.
- Olhe aqui - disse Seldon, com frieza -, meu objetivo era fazer alguma descoberta sobre a História de Mycogen; e o resultado disso que você chama de minhas "estripulias sexuais" foi que eu consegui um livro ... o Livro.
- Mas claro! - exclamou Dors. - Claro que sim, o Livro! Ande, onde está ele?!
Seldon estendeu o livro, que Dors revirou nas mãos, com olhar atento.
- Não acho que ele nos seja muito útil, Hari - disse ela. - Não acho que isto aqui se ajuste a nenhum tipo de projetor que eu conheça. Isso quer dizer que você vai ter que pedir um projetor mycogeniano, e eles decerto vão lhe perguntar para quê, vão descobrir que você está de posse deste Livro, e vão tomá-lo.
Seldon sorriu.
- Se as suas premissas fossem corretas, Dors, suas conclusões seriam infalíveis, mas acontece que esse aí não é o tipo de livro em que você está pensando. Não é um livro para ser projetado. O texto está impresso sobre as páginas, e as páginas são viradas, de uma em uma. Gota de Chuva Quarenta e Três me deu algumas explicações.
- Um livro impresso! - Era difícil dizer se a expressão de Dors era de pasmo ou de divertimento. - Mas isso é da Idade da Pedra! - É com certeza de uma era pré-imperial - disse Seldon -, mas não inteiramente. Você já deve ter visto um livro impresso, acho. - Sou uma historiadora, Hari. Claro que já vi.
- Ah, mas igual a este aqui?
Dors, sorrindo, abriu o livro, depois virou a página, depois outra, e mais outra.
- Está em branco - disse ela.
- Parece que está em branco. Os mycogenianos são teimosamente primitivistas, mas não de todo. Eles se apegam à essência do que é primitivo, mas não fazem questão de usar as tecnologias modernas, quando isto lhes convém. Quem sabe?
- Pode ser, mas ainda não entendi onde você quer chegar.
- As páginas não estão em branco, estão cobertas com rnicro-impressão. Dê-me o livro. Veja. É só apertar esta pequena saliência na parte interna da capa ... Veja!
A página onde o livro estava aberto foi subitamente coberta com linhas de texto que se moviam lentamente de baixo para cima.
Seldon disse:
- Pode-se controlar a velocidade do movimento para se ajustar à nossa velocidade de leitura, é só girar o botão numa direção ou na outra. Quando as linhas do texto atingem o limite superior, ou seja, quando você já leu até a derradeira linha, elas voltam para baixo, e se desligam. Você vira a página

seguinte, e continua.

- De onde vem a energia?

- Uma pequena bateria de microfusão, embutida, e sua duração é a duração do livro.

- Então, quando ela se descarrega ...

- Você joga o livro fora, o que pode acontecer até mesmo antes de a bateria se esgotar. devido ao desgaste natural; aí você consegue outro exemplar. A bateria nunca é substituída.

Dors tomou o Livro nas mãos e o olhou por todos os lados, comentando:

- Devo admitir que nunca vi nada parecido.

- Nem eu. A Galáxia, como regra geral, entrou para a cultura visual tão rapidamente que acabou saltando esta possibilidade.

- Mas isto é visual.

- Sim, mas não do ponto de vista ortodoxo. Este tipo de livro tem as suas vantagens. Ele envolve o leitor muito mais intensamente do que um livro-filme comum.

- Deixe-me ver se consigo manejá-lo - disse Dors. - Onde está mesmo o botão? .. - Ela abriu uma página ao acaso, e pôs as linhas do texto em movimento. Olhou durante algum tempo e depois disse: - Acho que isto não lhe vai ser muito útil, Hari. Não . me refiro ao livro, e sim à linguagem. Está em pré-galáctico.

- Você não pode ler? Uma historiadora ...

- Uma historiadora está habituada a lidar com línguas arcaicas, mas dentro de certos limites. Isto aqui é antigo demais para mim. Posso entender palavras isoladas aqui e ali, mas não o bastante para que me seja de alguma utilidade.

- Então está bom - disse Seldon. - Se é realmente antigo, tem algum valor.

- Não tem nenhum, se você não puder lê-lo.

- Eu posso lê-lo - disse ele. - É bilíngüe. Você não acha que Gota de Chuva Quarenta e Três é capaz de ler esse texto arcaico, não é?

- Se ela tiver recebido a educação adequada, por que não?

- Porque suspeito de que em Mycogen as mulheres não recebem outro tipo de educação senão aquela que é voltada para as tarefas domésticas. Alguns dos homens mais cultos devem ser capazes de ler isto, mas a maioria precisa de uma tradução em galáctico. - Seldon apertou outro botão. - Aqui está ela.

As linhas do texto instantaneamente mudaram para palavras em padrão galáctico.

- Maravilha - disse Dors, admirada.

- Poderíamos aprender uma porção de coisas com estes mycogenianos, mas não queremos.

- Não sabíamos nada sobre isto aqui.

- Não acredito. Eu estou sabendo agora, e você também.

Algum viajante deve vir a Mycogen de vez em quando, por motivos políticos ou comerciais ... de outro modo não haveria carapuças disponíveis com tanta facilidade. Em muitas oportunidades alguém deve ter posto os olhos num destes

livros e visto como funciona, mas deve ter achado que era algo apenas curioso, e que não merecia mais atenção ... apenas por ser mycogeniano.

- Será que merece tanta atenção assim?

- Claro. Tudo merece. Ou pelo menos devia merecer. Se Hummin estivesse aqui provavelmente diria que a falta de interesse a respeito destes livros é mais um sinal da decadência do Império.- Ele ergueu o Livro e prosseguiu, num rompante de entusiasmo: - Mas eu estou interessado, e eu vou ler isto aqui, e isto vai me conduzir na direção da psico-história.

- Tomara - disse Dors -, mas, se quer meu conselho, é melhor dormir primeiro e começar a estudá-lo de manhã, com a cabeça descansada. Cochilar sobre essas páginas não lhe vai ser muito útil.

Seldon hesitou, e aí disse:

- Puxa, como você é maternal.

- Estou cuidando bem de você.

- Mas eu tenho uma mãe, ela está viva, em Helicon. Gostaria mais que você fosse minha amiga.

- Tenho sido sua amiga desde o momento em que nos conhecemos.

Ela sorriu, e Seldon voltou a hesitar, incerto quanto à reação que se esperava dele; acabou dizendo:

- Então vou considerar isto um conselho amigável, e vou dormir um pouco.

Estendeu o braço para pôr o Livro na mesinha entre as duas camas, mas, depois de uma pequena vacilação, acabou enfiando-o debaixo do travesseiro.

Dors deu uma risada muito suave.

- Acho que você está com medo de que eu acorde durante a noite e leia o Livro antes de você. Não é isso?

- Não é impossível - respondeu Seldon, procurando não demonstrar embaraço. - Mesmo a amizade tem seus limites, e isto aqui é meu Livro, e a minha psico-história.

- Estou de acordo - disse ela - e posso garantir que sobre isso não discutiremos jamais. Aliás, tive a impressão, ainda há pouco, de que você ia dizer alguma coisa, quando o interrompi. Lembra?

Seldon pensou um pouco e disse: - Não.

Depois de apagar a luz, ele pensou apenas no Livro. Não se lembrou do episódio da mão sobre a coxa. Na verdade, ele tinha esquecido a história por completo ... conscientemente, pelo menos.

48.

Dors Venabili acordou e pelo seu crono-visor percebeu que ainda era noite.

Não ouvindo O ressonar de Hari, sentiu que a cama dele estava vazia. Se não tivesse deixado o apartamento, então estaria no banheiro.

Ela bateu de leve na porta: - Hari? ..

- Pode entrar - respondeu a voz dele, num tom absorto, e ela entrou.

A tampa da privada estava descida e Seldon estava sentado sobre ela, o livro aberto ao colo. Ao ver Dors, ele disse, não sem uma certa redundância:

- Estou lendo.

- Sim, já vi. Mas por quê?

- Não consegui dormir. Sinto muito. - Mas por que ler aqui?

- Se eu acendesse a luz do quarto, iria incomodá-la. - O Livro não tem iluminação?

- Não, tenho certeza. Quando Gota de Chuva Quarenta e Três me mostrou como funcionava, em momento algum ela mencionou iluminação. Aliás, acho que isso iria requerer tanta energia que a bateria não iria durar tempo bastante para se ler todo o Livro, - A voz dele tinha um tom de desapontamento.

- Então saia um instante - disse ela. - Já que estou aqui, quero usar o banheiro.

Quando Dors retomou ao quarto, encontrou Seldon sentado na cama, as pernas cruzadas, mergulhado no Livro. A luz estava acesa. Ela comentou:

- Você não parece satisfeito. Está decepcionado com o Livro? Ele ergueu os olhos, piscando.

- De certo modo, sim. Estive lendo trechos aqui e ali ... não tive tempo para mais do que isto. A coisa parece ser uma verdadeira enciclopédia, e um índice é composto quase totalmente por uma relação de nomes de pessoas e lugares que não têm muita utilidade para mim. Não tem nada a ver com o Império Galáctico, ou mesmo com o Trantor pré-imperial. Refere-se quase que exclusivamente a um único planeta e, até onde pude examinar, é uma interminável discussão sobre política interna.

- Talvez você esteja subestimando a antiguidade dele - disse Dors. - Talvez ele se refira a um período em que havia apenas um mundo ... apenas um mundo habitado, claro.

- Sim, eu sei - tornou Seldon, impaciente. - E é exatamente isso o que espero, desde que se trate da história desse mundo, e não de meras lendas. Mas não quero me forçar a pensar que é isto simplesmente porque gostaria que fosse.

- Essa questão de um único planeta de origem tem sido muito debatida ultimamente. A humanidade é uma única espécie que se espalhou através da Galáxia, de modo que deve ter se originado em algum lugar específico. Pelo menos, essa é a versão mais aceita no momento. Não se pode ter uma mesma espécie com origens independentes entre si, em mais de um planeta.

- Não acho que esse argumento seja definitivo - disse Seldon. - Os seres humanos podem ter surgido em mundos diferentes, como espécies diferentes, e depois podem ter cruzado entre si, dando origem a uma espécie intermediária.

- Não. Espécies não podem cruzar entre si. É por isso que são consideradas espécies diferentes.

Seldon pensou um pouco, depois encolheu os ombros:

- Bem, é melhor deixar isso a cargo dos biólogos.

- São justamente eles os maiores defensores da hipótese da Terra.

- Terra? É assim que eles chamam esse mundo original?

- É a designação popular desse mundo, embora não se tenha condições de saber seu nome oficial, supondo que houvesse um. E até agora não se tem nenhuma pista quanto a sua possível localização.

- Terra! - disse Seldon, recurvando os lábios. - Para mim, soa como um arroto(*). Em todo caso, se o Livro trata desse mundo original, ainda não vi nada a respeito. Como é mesmo que se soletra esse nome?

Dors soletrou a palavra e Seldon correu a verificar o índice. - Está vendo? O nome não consta do índice, nem com essa grafia nem com nenhuma variação aceitável.

- É mesmo?

- E há outros planetas que são mencionados, ainda que de passagem. Não recebem nomes, e parece não haver nenhum interesse em outros mundos a não ser na medida em que eles possam influenciar diretamente o tal mundo local ... pelo menos é o que posso deduzir do pouco que li. Há uma passagem em que eles se referem a algo denominado "Os Cinquenta". Não sei o que querem dizer. com isto. Cinquenta líderes? Cinquenta cidades? A mim me pareceram cinquenta mundos.

- Eles dão algum nome a esse seu mundo, esse mundo ao qual se referem o tempo todo? - perguntou Dors. - Se não o chamam de Terra, então como o chamam.

- Chamam-no, como seria de se esperar, "o mundo", ou "o planeta". Às vezes chamam-no "O Mais Antigo", ou "O Mundo do Amanhecer", o que deve ter uma ressonância poética que me escapa. Acho que o mais indicado seria ler o Livro do começo ao fim, e aí as coisas começariam a se ajustar e a fazer mais sentido. - Olhou para o livro em suas mãos com aborrecimento. - O problema é que isso iria exigir muito tempo, e não estou certo de que ao final eu me veria em melhor situação.

Dors suspirou.

- Sinto muito, Hari. Você parece tão desapontado ...

- Porque estou desapontado. Talvez a culpa seja minha, não devia ter-me permitido alimentar tantas esperanças. Ah, lembrei agora ... há um determinado ponto em que eles se referem ao seu mundo como Aurora.

- Aurora? - Dors ergueu os supercílios.

- Soa como nome próprio, mas não parece fazer nenhum sentido, pelo menos até onde possa entender. Essa palavra significa algo para você, Dors?

– Aurora ... - Dors pensou alguns instantes, com a testa ligeiramente contraída. - Não posso dizer que já tenha ouvido falar em algum planeta com este nome, seja na história do Império ou durante sua formação, mas não posso

* Uma descrição fiel da pronúncia em inglês de Earth (Terra). (N. do T.)

saber o nome de 25 milhões de planetas. Poderíamos verificar na Biblioteca da Universidade ... se um dia pusermos os pés em Streeling novamente. Não tem sentido procurar uma biblioteca aqui em Mycogen: tenho a impressão de que todo o conhecimento deles é o que está nesse Livro, e de que eles não estão interessados em nada que não esteja aí.

Seldon bocejou e disse:

- Acho que tem razão. Em todo caso, é inútil continuar a ler agora, e duvido que eu consiga manter meus olhos abertos por muito tempo. Tudo bem se eu quiser apagar a luz?

- Eu acharia ótimo, Hari. E de manhã podemos dormir até um pouco mais tarde.

Na escuridão, Seldon disse em voz baixa:

- Além do mais, algumas das coisas que eles dizem são ridículas. Por exemplo, eles dizem que em seu mundo havia uma expectativa de vida em torno de três ou quatro séculos.

- Séculos?

- Sim, eles calculam sua idade em termos de décadas, em vez de anos. Isso me deu uma sensação esquisita, porque a maioria das coisas que eles dizem é tão corriqueira que quando surge algo assim estranho você é quase que induzido a acreditar sem mais nem menos.

- Se você está inclinado a acreditar nisso, é bom lembrar que muitas lendas sobre épocas primitivas atribuem aos líderes desses tempos uma extrema longevidade. Você entende: se eles são descritos como incrivelmente heroicos, é de supor que a duração de suas vidas esteja à altura de suas façanhas.

- É mesmo? - bocejou Seldon novamente.

- É, sim. E o melhor remédio para uma crise aguda de credulidade é ir dormir, e voltar a analisar o assunto no dia seguinte.

E Seldon, fazendo uma pausa apenas durante o tempo necessário para pensar que uma extrema longevidade seria de fato necessária a quem quer que pretendesse compreender uma Galáxia cheia de gente, adormeceu.

49.

Na manhã seguinte, descontraído e revigorado, Seldon sentiu-se ansioso para retomar o estudo do Livro, e perguntou a Dors:

- Que idade você daria às Irmãs Gota de Chuva? - Não sei ... vinte, 22 anos?

- Bem, suponhamos que elas vivam de fato três ou quatro séculos ...

- Hari ... Isto é ridículo.

- Eu estou dizendo suponhamos. Em matemática, nós dizemos o tempo

inteiro: "Suponhamos que...", e aí vemos se isso nos conduz a uma conclusão que seja obviamente falsa, ou contraditória. Uma vida média muito longa implicaria, quase certamente, um período de desenvolvimento proporcionalmente longo. Elas poderiam aparentar vinte e poucos anos e, na realidade, já ter mais de sessenta.

Você pode tentar perguntar que idade elas têm. - Pode-se pressupor que elas mentiriam.

- E se olhássemos suas certidões de nascimento?

Seldon deu um sorriso retorcido.

- Aposto o que você quiser. .. uma noite na mesma cama, se estiver disposta ... aposto qualquer coisa em que elas dirão que não mantêm esse tipo de registros ou, se o fazem, que eles são vedados aos estranhos.

- Aposta recusada - disse Dors. - Caso isto seja verdade, será inútil fazer qualquer tipo de suposição sobre a idade delas.

- Oh, não. Veja a coisa por este ângulo. Se os mycogenianos têm uma expectativa de vida anormalmente longa, quatro ou cinco vezes maior que a de outras pessoas, então eles não podem gerar muitas crianças sem expandir tremendamente sua população. Lembre-se de que Mestre do Sol disse algo sobre o não crescimento da população, e na mesma hora pareceu aborrecido e recusou-se a falar mais a esse respeito.

- Onde você quer chegar? - perguntou Dors.

- Quando eu estava com Gota de Chuva Quarenta e Três não vi nenhuma criança.

- Nas micro-fazendas? - Sim.

- Esperava encontrar crianças ali? Estive com Gota de Chuva Quarenta e Cinco nas lojas, e nos níveis residenciais, e posso lhe garantir que vi numerosas crianças, de todas as idades, inclusive bebês, embora poucos.

- Oh. - Seldon parecia mortificado. -Isso quer dizer, então, que eles não podem ter uma expectativa de vida tão longa assim. - De acordo com sua linha de argumentação, não, com certeza. Pensou realmente que seria verdade?

- Não tanto assim. Mas o fato é que não podemos ficar nos bloqueando, e também não podemos esboçar hipóteses sem testá-las de uma maneira ou de outra.

- Isso pode significar enorme perda de tempo, se você parar para considerar seriamente certas coisas que são claramente absurdas, logo ao primeiro olhar.

- Algumas coisas parecem absurdas à primeira vista, mas não o são, e isso é tudo. Aliás, isto me lembra outra coisa. Você é a historiadora aqui; em seu trabalho já ouviu falar de certas coisas, ou certos fenômenos, chamados robôs?

- Ah! Esta é outra lenda antiga, e uma muito popular. Há um número enorme de planetas onde se fala sobre a existência, nos tempos pré-históricos, de máquinas em forma humana, chamadas robôs.

"As histórias sobre os robôs provavelmente se originam todas de uma lenda principal, porque seu tema geral é o mesmo. Os robôs foram criados, e depois foram crescendo em número e em habilidades até atingirem um status quase

sobre-humano. Começaram a ameaçar a humanidade, e foram destruídos. Em todos os casos se diz que essa destruição teve lugar numa época anterior aos registros históricos hoje disponíveis. Há um certo consenso de que essa lenda é uma descrição simbólica dos riscos e dos perigos associados à exploração da Galáxia, quando os seres humanos começaram a se espalhar para longe do mundo ou dos mundos que eram seu lugar de origem. Deve ter existido sempre o medo de encontrar inteligências diferentes ... e superiores."

- Talvez tenha acontecido ao menos uma vez, e isso deu origem à lenda.

- Exceto que em nenhum mundo não ocupado pelos humanos já se descobriram traços de inteligência pré-humana, ou não-humana.

- Mas por que "robôs"? A palavra tem algum significado? Nenhum que eu saiba, mas é o equivalente a "autômato". - Autômato ... claro. Por que não dizem logo assim? -

- Porque as pessoas gostam de usar termos arcaicos, devido às ressonâncias que têm, quando narram lendas antigas. Aliás, por que pergunta isto tudo?

- Porque eles falam em robôs, neste Livro mycogeniano! E de um modo muito favorável, inclusive. Dors ... você não ia sair com Gota de Chuva Quarenta e Cinco esta tarde?

- Sim, se ela aparecer novamente.

- Poderia fazer-lhe algumas perguntas e tentar arrancar dela as respostas, se fosse o caso?

- Posso tentar. Que perguntas?

- Eu gostaria que você tentasse descobrir, tão discretamente quanto possível, se existe alguma edificação em Mycogen que seja especialmente significativa, algo que esteja ligado ao passado, que tenha algum tipo de valor mítico, e que possa ...

Dors o interrompeu, tentando não sorrir:

- Você quer saber se em Mycogen existe um templo?

E Seldon, mais uma vez, a fitou com uma expressão de absoluta perplexidade:

- Templo? O que é um templo?

- Outro termo arcaico, de origem incerta. É um lugar com todas essas conotações que você mencionou ... significação, ligação com o passado, valor mítico. Muito bem, vou perguntar. É o tipo de coisa, no entanto, que eles podem ter certas restrições para falar a respeito ... com gente da tribo, claro.

- Mesmo assim, você deve tentar.

SACRATORIUM

AURORA - ... Um mundo mítico, supostamente habitado nos tempos primordiais, durante as primeiras épocas do vôo interestelar. Alguns julgam tratar-se do igualmente mítico "mundo original" de onde proveio a humanidade, também chamado "Terra". O povo do Setor Mycogen (q. v.) da antiga Trantor proclamava ser descendente dos habitantes de Aurora, e fazia dessa afirmativa o dogma central de seu sistema de crenças, a respeito do qual pouca coisa mais se sabe ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

50.

As duas Gotas de Chuva chegaram por volta do meio da manhã. Gota de Chuva Quarenta e Cinco parecia jovial como sempre, mas Gota de Chuva Quarenta e Três estacou assim que transpôs o umbral da porta, com ar sério e circunspecto. Manteve os olhos baixos e não lançou na direção de Seldon mais do que um rápido olhar.

Seldon, sem saber ao certo como proceder, fez um gesto a Dors, que disse, num tom de voz ao mesmo tempo formal e acolhedor: - Esperem um momento, Irmãs. Devo dar algumas instruções ao meu homem, ou ele não saberá o que fazer durante o resto do dia.

Trancaram-se no banheiro e Dors cochichou: - Alguma coisa errada?

- Claro. Gota de Chuva Quarenta e Três está visivelmente abalada. Por favor, diga-lhe que devolverei o Livro o mais rapidamente possível.

Dors concedeu a Seldon um olhar demorado e surpreso.

- Hari - disse ela -, você é uma pessoa de excelente coração, mas seu conhecimento das pessoas não é superior ao de uma ameba. Se eu mencionar esse Livro diante da pobre moça ela no mínimo vai ter a certeza de que você me contou tudo que aconteceu ontem, e aí sim, ela vai de fato ficar abalada. A única atitude correta é tratá-la exatamente como eu o faria em circunstâncias normais.

Seldon assentiu com a cabeça e disse, desanimado: - É, suponho que você tem razão.

Dors retomou ao apartamento por volta da hora do almoço, e encontrou Seldon sentado na cama, ainda folheando o Livro, mas com uma impaciência

visivelmente maior.

Ele a encarou carrancudo e disse:

- Se vamos passar muito tempo aqui vai ser preciso conseguir algum tipo de aparelho de comunicação, para ficarmos em contato. Eu não tinha a menor idéia de quanto tempo você iria ficar fora, e já estava começando a me preocupar.

- Bem, aqui estou eu - disse Dors, removendo cuidadosamente sua carapuça e contemplando-a sem muita simpatia. - O fato de você se preocupar me deixa satisfeita. Achei que você iria estar tão mergulhado no Livro que nem chegaria a perceber minha ausência.

Seldon soltou um grunhido.

- Quanto à comunicação - prosseguiu Dors -, duvido que esses aparelhos sejam fáceis de conseguir, aqui em Mycogen. Isso poderia acarretar facilidade de comunicação com as pessoas da tribo lá de fora, e desconfio que os líderes de Mycogen estão firmemente determinados a cortar qualquer interação possível com o mundo exterior.

- Sim - concordou Seldon, pondo o Livro de lado. - Isso é de esperar, pelo que já vi neste Livro. Descobriu alguma coisa a respeito do tal... templo?

- Sim - disse ela, removendo as faixas que lhe cobriam as sobrancelhas. - Ele existe. Há um certo número deles espalhados por todo o Setor, mas há um edifício central que parece ser o mais importante. - Fez uma pausa. - Você é capaz de acreditar que uma mulher reparou nos meus cílios e veio me dizer que eu não devia ser vista em público? Tenho a impressão de que ela quis dar parte de mim por atentado ao pudor.

- Não se preocupe com isso - tornou Seldon, impaciente. - Sabe onde fica esse tal templo mais importante?

- Tenho algumas orientações, mas Gota de Chuva Quarenta e Três me avisou que as mulheres não podem entrar lá a não ser em ocasiões especiais, nenhuma das quais está prevista para breve. O local é chamado de Sacratorium.

- É chamado do quê?

- Sacratorium.

- Que nome mais horrível. O que quer dizer isso?

Dors fez um gesto negativo com a cabeça.

- É um palavra nova para mim. E nenhuma das Gotas de Chuva sabia o seu significado. Para elas, Sacratorium não é o nome dado ao prédio, é o que o prédio é. Perguntar-lhes por que é chamado assim seria mais ou menos o mesmo que perguntar-lhes por que uma parede é chamada de parede.

- Há algo que elas saibam a respeito?

- Claro, Hari. Sabem para que serve. É um lugar que é dedicado a alguma coisa diferente da vida aqui em Mycogen. É dedicado a um outro mundo, um mundo mais antigo e melhor.

- O mundo onde eles viveram um dia, é isso?

- Certo. Gota de Chuva Quarenta e Cinco quase chegou a dizer isso, mas não o conseguiu. Ela não pôde pronunciar a palavra. - Aurora?

- Isso mesmo, mas tenho a impressão de que se você dissesse isto em voz

alta diante de um grupo de mycogenianos eles se sentiriam horrorizados. Gota de Chuva Quarenta e Cinco disse: "O Sacratorium é dedicado a ... " - e aí interrompeu-se, e desenhou as letras, de uma em uma, com a ponta do dedo sobre a palma da mão. E ficou vermelhíssima, como se estivesse fazendo um gesto obsceno.

- Estranho - disse Seldon. - Se o Livro é um ponto de referência confiável, Aurora é a sua tradição mais valiosa, seu principal fator de união, o centro ao redor do qual gira toda a vida dos mycogenianos. Por que a sua menção seria considerada obscena? Tem certeza de que não entendeu maio que ela quis dizer?

- Sim, tenho. E não é nenhum mistério. O excesso de referências a esse respeito acabaria chegando aos ouvidos dos estrangeiros. A melhor maneira de manter isto como segredo entre eles próprios é considerar tabu a simples menção da palavra.

- Tabu?

- Um termo técnico de antropologia. Designa pressões sociais muito poderosas que proíbem determinadas ações. O fato de as Irmãs não serem admitidas no Sacratorium provavelmente tem o poder de um tabu. Tenho certeza de que qualquer Irmã ficaria chocada se alguém lhe pedisse para invadir aquele local.

- As indicações que você tem são suficientes para que eu possa chegar por mim mesmo ao Sacratorium?

- Em primeiro lugar, Hari, você não vai até lá sozinho. Eu vou com você. Já conversamos sobre isto e deixei bem claro que não posso protegê-lo contra mulheres perigosas. Além disso, é impraticável ir até lá caminhando. Mycogen pode ser um Setor pequeno, em relação aos demais, mas não é tão pequeno assim.

- Pode-se pegar um expressway, então.

- Não há expressway atravessando o território de Mycogen. Isso tornaria muito fácil o contato entre os mycogenianos e as pessoas da tribo. Além disso, há transportes públicos do tipo que se pode encontrar em planetas menos desenvolvidos, e é isso que é Mycogen: um pedaço de um planeta subdesenvolvido, incrustado no corpo de Trantor, que por sua vez não passa de uma colcha de retalhos de sociedades desenvolvidas. E, Hari ... procure terminar de ler o Livro o mais depressa possível. Parece evidente que Gota de Chuva Quarenta e Três está numa situação difícil enquanto ele estiver em seu poder, e mais ainda se isso vier a ser descoberto.

- Quer dizer que o fato de um estranho ler esse livro também é tabu?

- Estou certa disso.

- Bem, devolvê-lo não vai fazer muita diferença. Eu diria que 95% dele é incrivelmente maçante. São guerras intermináveis entre grupos políticos, justificativas intermináveis para linhas de ação política cujo mérito não tenho como avaliar, intermináveis sermões éticos que, mesmo quando devidamente esclarecidos (e nem sempre isso acontece) adotam um tom de donos da verdade que dá até vontade de transgredi-los,

- Pelo jeito, até parece que eu estaria lhe fazendo um favor se levasse o livro embora.

- O problema é que há 5% dele que se refere a esse misterioso planeta Aurora. Continuo achando que existe algo por trás disso tudo, e que isso me pode ser útil. Por isso estou curioso a respeito do tal Sacratorium. .

- Acha que o Sacratorium pode contribuir para esclarecer o que o Livro diz a respeito de Aurora?

- De certo modo, sim. E também estou muito interessado no que o Livro fala sobre os autômatos, ou robôs, para usar a linguagem deles. Fiquei muito interessado nesse conceito.

- Mas você com certeza não está levando isso a sério? ...

- Quase. Se você tomar ao pé da letra certas passagens do Livro, elas implicam que certos robôs eram feitos à semelhança de seres humanos.

- Naturalmente. Se você vai construir um simulacro de ser humano, você vai fazer com que ele pareça um ser humano.

- Sim, simulacro significa "semelhança", mas uma semelhança pode ser apenas esquemática. Um desenhista pode esboçar uma figura com meros traços e ainda assim você pode reconhecer nela a semelhança de uma pessoa: um círculo para a cabeça, um traço vertical para o corpo, quatro linhas oblíquas para os braços e as pernas, e pronto. Mas eu estou me referindo a robôs que se parecem realmente com seres humanos, nos mínimos detalhes.

- Isso é ridículo, Hari. Imagine o trabalho que seria necessário para modelar o metal do corpo nas proporções corretas, para sugerir as curvas da musculatura ...

- E quem falou em metal? A impressão que me ficou foi a de que esses robôs eram orgânicos, ou pseudo-orgânicos; que eram recobertos de pele, e que não era possível distingui-los com facilidade de um ser humano, fosse como fosse.

Mas o Livro diz isso?

- Não de forma tão detalhada, mas dá para inferir que ...

- É uma inferência sua, Hari. Não pode pressupor isso assim tão seriamente.

- Deixe-me tentar. Há quatro coisas que pude deduzir a partir do que o Livro diz a respeito dos robôs ... e examinei cada uma das referências do índice remissivo. Em primeiro lugar: os robôs, ou pelo menos alguns deles, tinham a aparência exata de seres humanos. Em segundo lugar: tinham uma expectativa de vida bem longa, se podemos colocar assim.

- Seria melhor dizer "durabilidade" - disse Dors. - Do contrário, vai acabar pensando neles como pessoas de verdade. - Em terceiro - continuou Seldon, ignorando seu comentário -, alguns deles, ou pelo menos um deles, permanece vivo ainda hoje.

- Hari, esta é uma das lendas mais disseminadas que existem.

O herói antigo que não morre, mas permanece em animação suspensa, pronto para retomar e salvar seu povo no momento em que for necessário ... Ora, Hari, por favor! ...

- Em quarto lugar - prosseguiu Seldon, sem se deixar convencer -, existem

alguns trechos dando a entender que o templo principal, ou Sacratorium, se bem que esta palavra não conste do Livro, contém um robô. - Fez uma pausa, e depois completou: - Percebeu?

- Não - disse Dors. - Percebi o quê?

- Se combinarmos os quatro pontos, teremos um robô, com a aparência perfeita de um ser humano, e que ainda está vivo, durante, digamos ... vinte mil anos, e que está no Sacratorium.

- Ora, vamos, Hari, não vai me dizer que você acredita nisso.

- Não vou dizer que acredito de fato, mas não posso deixar de considerar esta hipótese. Suponhamos que seja verdade?! Suponhamos (está bem, eu admito, é uma chance em um milhão) que tudo isso é real... Não vê o quanto isto pode vir a ser útil? Ele pode lembrar como era a Galáxia antes dos mais antigos registros de que dispomos. Ele pode me ajudar a tornar a psico-história possível.

- Mesmo que seja verdade, acha que os mycogenianos vão permitir que você veja o robô e o entrevistado?

- Não pretendo pedir a permissão de ninguém. No mínimo, posso ir até o Sacratorium, e ver se há alguém para ser entrevistado.

- Mas não agora: amanhã, pelo menos. Se você não mudar de idéia até lá, então nós dois vamos.

- Você mesma disse que eles não permitem que as mulheres... - Eles permitem que as mulheres olhem pelo lado de fora, disso tenho certeza, e desconfio de que isso é só o que vamos conseguir.

E nesse ponto Seldon não teve como convencê-la.

51.

Seldon não fez nenhuma objeção a que Dors assumisse o comando: ela já tinha passeado pelas ruas principais de Mycogen, e estava mais familiarizada com elas do que ele próprio.

Mas Dors, com a testa franzida, não estava tão entusiasmada com essa perspectiva.

- Podemos nos perder com facilidade - avisou.

- Mas temos o mapa - disse Seldon.

Ela o fitou com impaciência.

- Lembre-se de que estamos em Mycogen, Hari. O que eu precisaria ter agora era um cômputo-mapa, algo a quem eu pudesse fazer perguntas. Essa versão mycogeniana é apenas um pedaço de plástico dobrado. Não posso dizer a isso onde estou, seja falando, seja digitando um teclado, e isso também não pode me responder nada. É uma coisa impressa.

- Então leia e veja o que diz.

- É isto que estou tentando fazer, mas foi escrito para pessoas familiarizadas com este sistema. Vamos ter que perguntar a alguém.

- Não, Dors. Apenas como último recurso. Não quero atrair a atenção de ninguém. É melhor arriscar um pouco e tentarmos descobrir o caminho por nós mesmos, mesmo que isso signifique perder o rumo uma ou duas vezes.

Dors consultou detidamente o folheto e por fim resmungou: - Vejamos ... isto dá um grande destaque ao Sacratorium. Era de se imaginar ... presumo que qualquer pessoa em Mycogen deve se dirigir para lá numa oportunidade ou noutra. - Depois de se concentrar mais um pouco, ela disse: - Ah, estou vendo. Não há como pegar um transporte daqui até lá.

- O quê?

- Não se inquiete. Ao que parece, é possível ir daqui até outro ponto, e lá pegar. um transporte para o Sacratorium. Teremos que passar de um para o outro.

Seldon relaxou.

- Ora, naturalmente. Não se pode pegar um expressway para metade dos lugares em Trantor sem ter que trocar de trem num certo ponto.

Dors lançou um olhar impaciente na direção dele.

- Eu sei disso. O que acontece é que estou acostumada a que essas coisas me digam como proceder. Quando é preciso descobrir por nós mesmos, até as coisas mais simples demoram a ficar claras.

- Está bem, querida, não precisa se irritar. Se já sabe o caminho, vá na frente, e eu a seguirei, humildemente.

E assim fizeram os dois, até chegarem a um cruzamento, onde pararam.

Três homens vestidos em kirtles brancos e um par de mulheres em kirtles cinza estavam parados na mesma esquina. Seldon tentou endereçar a todos um sorriso abrangente mas eles apenas o fitaram com indiferença e voltaram os olhos em outra direção.

Por fim o transporte chegou. Era uma versão fora de moda daquilo que Seldon, em Helicon, teria chamado de graviônibus. Havia no seu interior uns vinte bancos estofados, cada qual com capacidade para quatro passageiros. Cada um desses bancos dava para duas portas, uma de cada lado do veículo. Quando parava, emergiam passageiros de ambos os lados. (A princípio, Seldon chegou a se preocupar com relação aos passageiros que desciam pelo lado oposto à calçada, mas então notou que os demais veículos, qualquer que fosse a direção de onde vinham, paravam ao se aproximarem do ônibus, e só o ultrapassavam quando ele estava em movimento.)

Impaciente, Dors empurrou Seldon na direção de um banco onde havia dois lugares vagos, e o seguiu logo atrás. (Seldon já havia percebido que os homens sempre entravam e saíam em primeiro lugar.)

Quando sentaram, Dors murmurou:

Pare de prestar atenção às pessoas, e fique atento ao resto.

- Vou tentar.

- Por exemplo ...

Ela apontou para um pequeno quadrado embutido no encosto do banco fronteiro, e que ficava bem diante deles. No momento em que o veículo se pôs em movimento, o quadrado iluminou-se, indicando o nome da próxima parada, bem como os edifícios principais e as avenidas mais importantes por onde iam passando.

- Isso deve nos ajudar a descer no lugar certo - disse ela.

- Ainda bem que o Setor não é completamente bárbaro.

- Ótimo - disse Seldon. Depois, inclinando-se para Dors, ele sussurrou. - Ninguém está nos olhando. Parece que essas fronteiras artificiais servem para preservar a privacidade das pessoas em todo tipo de lugar público, não acha?

- Sempre considerei isso normal. Se está pensando em fazer disso uma das regras da psico-história, não creio que vá causar grande sensação.

Como Dors tinha previsto, a placa luminosa à frente deles anunciou pouco depois que estavam se aproximando da parada onde deveriam descer e apanhar a linha direta até o Sacratorium.

Desceram do veículo e mais uma vez tiveram que esperar; alguns ônibus tinham acabado de sair, mas não se passou muito tempo até chegar outro. Era uma linha movimentada, o que não surpreendeu a Seldon: O Sacratorium era provavelmente o centro nervoso daquele Setor.

Entraram no graviônibus e Seldon sussurrou: - Não vamos pagar?

- De acordo com o mapa - respondeu Dors -, o transporte público é gratuito.

Seldon fez uma careta, projetando o lábio inferior para a frente, e disse:

- Que coisa mais civilizada. Suponho que não há nada no mundo que não tenha seu outro lado ... nem mesmo o barbarismo, o atraso.

Mas Dors o tocou com o cotovelo e cochichou:

- Sua regra sobre a privacidade acaba de ser quebrada ... Alguém está nos observando. O homem à sua direita.

52.

Seldon voltou rapidamente o olhar naquela direção. O homem sentado à sua direita era magro, e parecia bastante idoso. Tinha olhos castanho-escuros e a pele amorenada, e Seldon teve certeza de que teria cabelos negros, não fosse a depilação.

Ele olhou novamente para a frente. Este Irmão tinha uma aparência atípica, A maioria dos Irmãos em que tinha reparado eram altos, de pele clara, e com olhos azuis ou cinzentos. Mas é claro que ele ainda não vira um número suficiente para poder formular uma regra geral.

Então houve um leve toque na manga direita de seu kirtle. Ele voltou-se, com alguma hesitação, e se deparou com um cartão onde estava escrito: CUIDADO, HOMEM DA TRIBO.

Num gesto automático, Seldon ergueu a mão até sua carapuça, quando o seu vizinho murmurou, de forma quase inaudível:

"Cabelo!". Sua mão logo o achou - uns poucos fios que tinham escapado de sob a carapuça, à altura de sua têmpora; ele certamente a tinha deslocado com algum gesto brusco. Com rapidez, e tão disfarçadamente quanto pôde, ajeitou a carapuça, e em seguida verificou se estava firme no lugar, fazendo um gesto como se a acariciasse de modo casual.

Virando-se para seu vizinho, fez um leve gesto com a cabeça, e murmurou:

- Obrigado.

O homem sorriu e disse, num tom de voz normal:

Indo para o Sacratorium? - Sim - respondeu Seldon.

- Fácil de adivinhar. Eu também vou para lá. Quem sabe possamos ir juntos? - Seu sorriso era amigável. - Estou com a minha ... minha ...

- Sua mulher. Claro. Podemos ir os três, então?

Seldon não sabia ao certo como reagir. Um breve olhar na outra direção mostrou-lhe que Dors estava olhando direto para a frente. Não demonstrava nenhum interesse na conversa entre os dois homens - uma atitude apropriada para uma Irmã. Mas ele sentiu uma pancadinha muito suave em seu joelho esquerdo, que ele interpretou como dizendo "Está bem, Hari". Em todo caso, seu senso natural de cortesia o fez dizer:

- Claro ... sem dúvida.

Não trocaram mais nenhuma frase até que a placa luminosa anunciou que estavam chegando ao Sacratorium, e o mycogeniano ergueu-se para descer do ônibus.

O graviônibus fez uma larga volta em torno da área bastante extensa que rodeava o Sacratorium, e quando parou houve um esvaziamento quase completo do veículo, os homens descendo sempre à frente das mulheres.

A voz do mycogeniano era um tanto vacilante devido à idade, mas seu tom era jovial.

- É um pouco cedo para o almoço, meus ... amigos - disse ele -, mas creiam-me, dentro de pouco tempo isto aqui estará repleto de gente. Não gostariam de comprar um lanche leve, e comê-lo aqui fora? Conheço bem esta área, e sei de um ótimo local.

Seldon imaginou se isso seria alguma tática para atrair homens da tribo desavisados até algum lugar onde os preços seriam astronômicos; mas resolveu arriscar.

- É muito gentil - disse. - Como não conhecemos bem o local, ficaremos gratos se nos conduzir.

Compraram um lanche - sanduíches e uma bebida semelhante ao leite - num balcão ao ar livre. O velho mycogeniano sugeriu que, uma vez que era um belo dia e eles eram visitantes, poderiam ir para o interior da área do Sacratorium e

fazer seu lanche do lado de fora do edifício, para melhor admirar o ambiente.

Durante a caminhada, Seldon notou que o Sacratorium era muito parecido com o Palácio Imperial, só que em escala reduzida, isso valia também para os jardins e demais terrenos que o cercavam. Era difícil para Seldon acreditar que o povo de Mycogen tivesse algum tipo de admiração pelas instituições do Império, ou mesmo algum tipo de sentimento que não fosse de ódio e desprezo; mas aquilo levava a crer que a identificação cultural mantinha-se de pé.

- É belo - disse o mycogeniano com evidente orgulho.

- Muito - disse Seldon. - Como brilha à luz do dia!

- Os jardins em torno do palácio são construídos como uma réplica dos jardins governamentais em nosso Mundo do Amanhecer. .. em miniatura, naturalmente.

- Já viu os jardins do Palácio Imperial? - perguntou Seldon com cautela.

O mycogeniano percebeu a implicação contida na pergunta mas não se deu por achado.

- Eles também copiaram o Mundo do Amanhecer. .. tão bem quanto lhes foi possível.

Seldon teve sérias dúvidas quanto a isto, mas guardou-as para si. Chegaram até um banco semicircular feito de pedra muito branca, que rebrilhava à luz do dia, a exemplo das paredes do Sacratorium.

- Ótimo - disse o mycogeniano, com os olhos radiantes de prazer. - Ninguém ocupou meu lugar. .. Digo que é meu lugar porque este é o meu banco favorito. Daqui temos uma bela visão da parede lateral do Sacratorium, por entre as árvores. Por favor, sentem-se. A pedra não é fria, posso assegurar-o E sua companheira ... pode sentar-se também. É uma mulher da tribo, eu sei, e tem hábitos diferentes. Ela ... ela pode falar, caso deseje.

Dors endereçou-lhe um olhar duro e sentou-se.

Seldon, reconhecendo que deveriam permanecer mais algum tempo na companhia do velho, achou de bom alvitre estender a mão e apresentar-se:

- Eu sou Hari, e minha companheira chama-se Dors. Acho que não dispomos de números.

- A cada um ... e a cada uma o seu costume - disse o outro, com simpatia. - Eu sou Micélio Setenta e Dois. Somos uma coorte numerosa.

- Micélio? - indagou Seldon, hesitante.

- Parece surpreso? Imagino que tenha encontrado apenas membros das famílias mais antigas, das famílias dos Anciãos. Nomes como Nuvem ou Raio de Sol ou Luz das Estrelas ... nomes de origem astronômica.

- Devo admitir que ... - principiou Seldon.

- Agora - prosseguiu o outro -, está encontrando os membros das classes mais humildes. Nossos nomes são inspirados no solo, e nos micro-organismos que cultivamos. São perfeitamente respeitáveis.

- Tenho certeza disso - respondeu Seldon. - E mais uma vez, obrigado por me ajudar quando ... quando tive o meu problema no ônibus.

- Ouça - disse Micélio Setenta e Dois -, eu lhes poupei uma porção de complicações. Se uma Irmã o tivesse avistado antes de mim, sem dúvida teria

começado à gritar, e o Irmão que estivesse mais próximo o teria atirado para fora do ônibus, sem nem sequer esperar que ele parasse.

Dors inclinou-se para a frente, a fim de encarar o Irmão, do outro lado de Seldon, e perguntou:

- E por que não foi essa sua reação?

- Eu? Não guardo animosidade contra os povos da tribo. Sou um estudioso.

- Um estudioso?

- Sim, o primeiro da minha coorte. Estudei na Escola do Sacratorium, e me saí muito bem. Sou versado em todas as artes antigas, e tenho licença para frequentar a biblioteca tribal, onde estão guardados os filmes-livros e os livros dos homens da tribo. Posso ver qualquer filme-livro ou ler qualquer livro que deseje. Temos também uma biblioteca de referência toda computadorizada, e também posso usá-la. Esse tipo de coisa alarga a nossa mente ... Não me incomodo de avistar um pouco de cabelo. Já vi inúmeras vezes imagens de homens com cabelo. E de mulheres também. - Nesse ponto ele lançou um rapidíssimo olhar para Dors.

Comeram em silêncio durante algum tempo e depois Seldon falou:

- Reparei que todo Irmão que entra ou sai do Sacratorium está usando uma faixa vermelha.

- Oh, sim - disse Micélio Setenta e Dois. - Sobre o ombro esquerdo, e ao redor do lado direito do peito, em geral cheia de belos bordados.

- Qual a razão disso?

- Nós a chamamos de obiah. Simboliza a alegria que se experimenta ao entrar no Sacratorium, e o sangue que se derrama para preservá-lo.

- Sangue?! - Dors franziu a testa.

- Apenas um símbolo, claro. Nunca vi ninguém derramar sangue verdadeiro no Sacratorium. Em todo caso, não há muita alegria aí dentro. O que há são muitas lamentações, muitos queixumes, muita gente prostrada recordando o Mundo Perdido ... - Sua voz baixou de tom. - Muito tolo.

Dors perguntou:

- Você não é ... um crente?

- Sou um estudioso - respondeu Micélio, com visível orgulho. Seu rosto cobriu-se de rugas quando ele sorriu, e pareceu ainda mais idoso. Seldon surpreendeu-se imaginando que idade o homem teria ... muitos séculos? Não, já tinha abandonado essa hipótese. Não era possível; e, no entanto... .

- Qual a sua idade? - perguntou, quase involuntariamente. Micélio Setenta e Dois não pareceu ofendido, nem teve a menor hesitação em responder: . - Sessenta e sete. Seldon insistiu:

- Disseram-me que, segundo a crença de seu povo, seus antepassados viviam vários séculos.

Micélio lançou um olhar estranho a Seldon.

- Como sabe disso? Alguém deve ter estado falando sobre o que não devia ... mas em todo caso é verdade. Existe essa crença. Somente as pessoas simplórias a levam a sério, mas os Anciãos a encorajam, porque isso reafirma a nossa

superioridade. Na verdade, a nossa expectativa de vida é maior do que em outras partes, porque temos uma alimentação superior, mas mesmo cem anos é uma idade que raramente se atinge.

- Pelo que diz, não considera os mycogenianos superiores? - perguntou Seldon.

- Não há nada errado com os mycogenianos, Inferiores eles certamente não são. Ainda assim, creio que todos os homens são iguais. Até mesmo as mulheres - completou, olhando de través para Dors.

- Não sei - disse Seldon - se muitos dos seus patrícios concordariam com isso.

- Ou muitos dos seus - tornou Micélio Setenta e Dois, com um leve ressentimento. - Eu, contudo, acredito. Um estudioso tem essa obrigação. Já vi e já li toda a grande literatura dos homens da tribo. Entendo a sua cultura. Já escrevi artigos a respeito dela. Posso sentar aqui e conversar com vocês tão tranquilamente como se vocês fossem ... como se fossem dois de nós.

Dors interveio, num tom de leve ironia:

- Parece orgulhoso de entender os costumes dos povos da tribo, Micélio Setenta e Dois. Já viajou para fora de Mycogen?

O velho mexeu-se inquieto no banco. - Não.

- Por que não? Iria nos conhecer ainda melhor.

- Eu não me sentiria bem. Teria que usar uma peruca. Ficaria envergonhado.

- Por que uma peruca? - indagou Dors. - Poderia continuar calvo.

- Não - respondeu Micélio. - Eu não seria tolo a esse ponto. Seria maltratado pelas pessoas que têm pelos

- Maltratado? Por quê? - perguntou Dors. - Em Trantor, bem como em outros mundos, há um grande número de pessoas que são naturalmente calvas.

- Meu pai é quase totalmente calvo - interveio Seldon - e imagino que quando estiver mais idoso serei calvo também. Meu cabelo já começa a ser um tanto escasso.

- Não é a mesma coisa - disse Micélio Setenta e Dois. - Vocês cultivam cabelos nas bordas do crânio, e sobre os olhos. Eu me refiro a quem é totalmente calvo, a quem não tem nenhum pelo

- No corpo inteiro? - perguntou Dors, interessada.

Desta vez, Micélio Setenta e Dois pareceu positivamente ofendido, e não disse uma palavra.

Seldon, ansioso para reconduzir a conversa na direção original, perguntou:

- Diga-me uma coisa, Micélio Setenta e Dois: os homens da tribo podem entrar no Sacratorium, como meros assistentes?

O velho sacudiu vigorosamente a cabeça.

- Nunca. É apenas para os Filhos do Amanhecer.

- Somente os Filhos? - perguntou Dors.

Micélio pareceu chocado durante um instante, depois respondeu, num tom magnânimo:

- Está bem, vocês são pessoas da tribo ... As Filhas do Amanhecer entram aí apenas em certos dias, em certas ocasiões. É assim que deve ser. Não estou

dizendo que eu aprovo tais regras. Se dependesse de mim eu diria: "Entrem, podem entrar, aproveitem, se puderem." Outros podem aproveitar isto melhor do que eu.

- Nunca entra aí?

- Quando eu era jovem, meus pais me traziam, mas ... - Ele sacudiu a cabeça. - Tudo o que havia era gente fitando o Livro e lendo passagens dele suspirando e chorando com saudade dos velhos tempos. É muito deprimente. Não se pode conversar, não se pode rir, não se pode nem sequer olhar uns para os outros. Sua mente tem que estar totalmente voltada para o Mundo Perdido; completamente. - Fez um gesto de rejeição com a mão. - Isso não é para mim. Sou um estudioso, e quero ter o mundo inteiro à minha disposição.

- Muito bem - aprovou Seldon, vendo aí uma abertura. - Também nos sentimos assim. Somos estudiosos também, tanto eu quanto Dors.

- Eu sei - disse Micélio Setenta e Dois.

- Sabe? Como?

- Tinham que sê-lo, As únicas pessoas da tribo cuja entrada é permitida em Mycogen são funcionários do Império, diplomatas, comerciantes importantes, e estudiosos ... e para mim vocês têm a aparência de estudiosos, pesquisadores. Foi isso o que me atraiu em vocês. Os semelhantes se atraem. - Ele deu uma risada de satisfação.

- Pois acertou. Sou matemático, e Dors é historiadora. E você?

- Eu sou especialista em ... cultura. Li todas as grandes obras da literatura dos povos da tribo: Lissauer, Mentone, Novigor ...

- E nós lemos as grandes obras do seu povo, Micélio. Eu já li o Livro, por exemplo ... o livro sobre o Mundo Perdido.

Os olhos de Micélio Setenta e Dois se arregalaram de surpresa, e sua pele morena empalideceu um pouco.

- Leu o Livro? Como? Onde?

- Temos exemplares em nossa Universidade, e tendo permissão é possível lê-la.

-Têm exemplares do Livro?

- Sim.

- Imagina se os Anciãos sabem disso!

Seldon prosseguiu:

E também já li sobre os robôs.

- Robôs?

- Sim. É por isso que eu gostaria de poder entrar no Sacratorium. Eu gostaria de ver o robô.

Dors tocou com a ponta do pé no tornozelo de Seldon, mas ele a ignorou.

- Não acredito nessas coisas - disse Micélio, pouco à vontade. - Pessoas instruídas não creem nisso. - Mas sua voz tinha baixado de tom, como se ele temesse ser escutado.

- Ouvi dizer - insistiu Seldon - que existe um robô no Sacratorium.

- Não quero falar sobre essas coisas absurdas - disse Micélio.

- Se houvesse de fato um robô no Sacratorium - continuou Seldon -, onde estaria ele?

- Mesmo que houvesse, eu não poderia responder. Não entro aí desde criança.

- Mas não saberia, se houvesse um lugar especial, um lugar secreto?

- O único lugar especial é o aerie dos Anciãos. Somente eles podem entrar lá, mas lá não existe nada.

Já entrou lá?

- Claro que não.

- Então como sabe?

- Eu não sei. Não sei se não existe nenhum pé de romã lá dentro. Não sei se não existe nenhum órgão a laser. Não sei se não existe um milhão de coisas lá dentro. Mas será que a minha falta de conhecimento sobre a ausência dessas coisas prova que elas estão presentes lá?

Por um instante, Seldon não encontrou o que dizer.

Um vago sorriso se sobrepôs ao rosto aborrecido de Micélio Setenta e Dois.

- Isto é um argumento de intelectual... Estão vendo, não sou um homem fácil de se lidar. Em todo caso, não o aconselho a subir até o aerie dos Anciãos. O que aconteceria a um homem da tribo que fosse apanhado ali não seria nada agradável... Bem, desejo o melhor do Amanhecer a vocês.

Sem outro aviso ele se ergueu do banco e afastou-se. Seldon ficou olhando em sua direção, surpreso.

- O que foi que o fez ir embora assim? - perguntou.

- Acho - disse Dors - que é porque vem alguém se aproximando.

E era verdade. Um homem alto, vestindo um kirtle branco de talhe elegante, cruzado por uma brilhante faixa vermelha, ricamente ornamentada, caminhava com pompa em sua direção. Tinha o ar inconfundível de um homem investido de poder e autoridade; tinha também o ar ainda mais inconfundível de um homem que não está nem um pouco satisfeito.

53.

Hari Seldon ficou de pé ao ver o novo mycogeniano aproximar-se. Não tinha a menor idéia de qual devia ser o comportamento mais adequado naquelas circunstâncias, mas teve a nítida impressão de que erguer-se não poderia prejudicá-lo em nada. Dors Venabili também se levantou, e manteve os olhos prudentemente abaixados.

O outro parou diante deles. Era um homem também idoso, mas menos desgastado pela idade do que Micélio Setenta e Dois. Os anos conferiam dignidade ao seu rosto ainda belo. Sua cabeça calva tinha um belo talhe

arredondado, e seus olhos eram de um azul brilhante, que contrastava com o vermelho vivo da faixa que usava atravessada sobre o peito.

O recém-chegado disse:

- Vejo que são pessoas da tribo.

Sua voz era um pouco mais aguda do que Seldon tinha esperado, mas ele falava pausadamente, como se estivesse cônscio do peso da autoridade em cada palavra saída de sua boca.

- É o que somos - respondeu Seldon com polidez, mas em tom firme. Não via razão para não reconhecer a posição do outro, mas também não pretendia abandonar a sua.

- Seus nomes? ..

- Eu sou Hari Seldon de Helicon, e minha companheira é Dors Venabili de Cinna. E o seu nome, homem de Mycogen? ..

Os olhos do outro se estreitaram com desagrado, mas ele também era capaz de reconhecer o tom da autoridade ao se deparar com ele.

- Eu sou Faixa do Céu Dois - disse ele, erguendo um pouco a ponta do queixo -, um dos Anciãos do Sacratorium. E a sua posição, homem da tribo?

- Nós - tornou Seldon, enfatizando o pronome - somos pesquisadores da Universidade de Streeling. Sou matemático e minha companheira é historiadora. Estamos aqui para estudar os hábitos de Mycogen.

- Com autorização de quem?

- De Mestre do Sol Catorze, que nos recebeu à chegada.

Faixa do Céu Dois ficou um instante em silêncio e então um discreto sorriso se desenhou em seu rosto, dando-lhe um ar de quase benevolência.

- O Grande Ancião - disse ele. - Eu o conheço bem.

- Temos certeza disso - falou Seldon, com brandura. - Deseja algo mais, Ancião?

- Sim. - O homem tentou recuperar a pomposidade inicial.

- Quem era o homem que estava em sua companhia e que se afastou daqui à minha aproximação?

Seldon balançou a cabeça.

- Nunca o vimos antes, Ancião, e nada sabemos a seu respeito. Nós o encontramos por acaso, e perguntamos a respeito do Sacratorium.

- O que lhe perguntaram?

- Duas perguntas apenas, Ancião. Perguntamos se este edifício era o Sacratorium, e se pessoas da tribo tinham acesso permitido ao seu interior. A resposta foi afirmativa à primeira pergunta, e negativa à segunda.

- O que é verdade. E qual a razão de seu interesse pelo Sacratorium?

- Senhor, estamos aqui para estudar os costumes de Mycogen, e o Sacratorium é o coração e a alma de Mycogen.

- É inteiramente nosso, e restrito a nós.

- Mesmo se um Ancião ... se o Grande Ancião ... nos conceder permissão para entrar, tendo em vista o nosso propósito de pesquisa?

- Devo então supor que essa permissão foi concedida?

Seldon hesitou uma fração de segundo, ao sentir que Dors erguia rapidamente os olhos e o fitava de esguelha; mas reconheceu que não poderia arriscar uma mentira dessas proporções.

- Não - disse. - Ainda não.

- E talvez nunca seja - tornou o Ancião. - Estão ambos aqui em Mycogen ao abrigo de uma autoridade, mas mesmo a mais alta autoridade não pode exercer controle total sobre o público. Nós veneramos o Sacratorium, e a população pode se irritar facilmente com a presença de estrangeiros em qualquer ponto de Mycogen ... e, com mais razão ainda, nas vizinhanças do Sacratorium. Bastaria que uma pessoa menos tolerante erguesse o grito de Invasão!, e até mesmo uma multidão pacífica como a que por aqui circula logo estaria pronta a fazê-los em pedaços ... e não estou falando em sentido figurado. Para o seu próprio bem, mesmo que o Grande Ancião os tenha tratado com cordialidade ... vão embora. Já!

- Mas o Sacratorium ... - teimou Seldon, embora Dors já o puxasse pela manga do kirtle.

- O que há no Sacratorium que possa interessá-los? - indagou o Ancião. - Já o estão vendo. Não há nada no seu interior Que lhes possa ser útil.

- Há o robô - disse Seldon.

O Ancião o fitou com uma expressão de choque e surpresa no rosto e logo, inclinando-se até seus lábios ficarem bem próximos ao ouvido de Seldon, murmurou com aspereza:

- Vá embora agora mesmo, ou eu próprio erguerei o grito de Invasão! E se não fosse pelo Grande Ancião, não lhes daria nem mesmo esta chance de sair daqui.

E Dors, demonstrando um vigor surpreendente, praticamente arrancou Seldon do chão, afastando-se a passos rápidos e puxando-o pela manga, até que ele conseguiu recobrar o equilíbrio e emparelhou o passo ao dela.

54.

Foi só na manhã seguinte durante o desjejum (e não antes disso) que Dors resolveu abordar o assunto - e de um modo que a Seldon pareceu particularmente constrangido.

- Belo fiasco, aquele de ontem - disse ela.

Seldon tinha chegado a supor que tudo aquilo poderia passar em branco, e fechou a cara.

- Fiasco por quê? - perguntou.

- Ora, fornos enxotados de lá. E em troca de quê? O que foi que ganhamos

com isso?

- Ganhamos a informação de que há um robô lá dentro.

- Micélio Setenta e Dois disse que não havia.

- Claro que disse. Ele é um estudioso, ou pensa que é, e o que ele não sabe sobre o Sacratorium encheria urna biblioteca do tamanho da que ele frequenta Ora ... você viu corno o Ancião reagiu.

- Claro.

- Não reagiria daquela forma se não houvesse de fato um robô. Ficou horrorizado quando viu que sabíamos de tudo.

- Isso são apenas suposições suas, Hari. E mesmo que houvesse um robô de fato, não poderíamos entrar lá.

- Podemos tentar, quanto a isso não há dúvida. Quando terminarmos o café, vou sair e comprar uma faixa para mim, uma daquelas obiahs, como eles as chamam. Vou colocá-la, manter meus olhos piedosamente baixos, e entrar lá.

- De carapuça? Vão descobrir você em um microssegundo.

- Não, não vão. Irei primeiro para a biblioteca onde está arquivado todo o material sobre os povos da tribo; eu gostaria de examiná-lo, de qualquer forma. Da biblioteca, que é um prédio anexo ao Sacratorium, segundo presumo, deve haver com certeza alguma entrada para o Sacratorium propriamente dito ...

- Onde você vai ser apanhado em flagrante.

- De modo algum. Você ouviu o que Micélio Setenta e Dois disse. Ficam todos com os olhos baixos, meditando sobre o seu Mundo Perdido, Aurora. Ninguém encara ninguém. Proceder assim seria provavelmente uma grave quebra de disciplina. Enfim: dali, chegarei até o aerie dos Anciãos ...

- Com toda essa facilidade? ..

- Num determinado momento, Micélio Setenta e Dois me aconselhou a não subir até o aerie dos Anciãos. Subir. Deve ficar em algum ponto naquela torre do Sacratorium, a torre central.

Dors balançou a cabeça.

- Não lembro as palavras exatas que ele usou, e não acredito que você também lembre. Acho que você está partindo de bases falsas para ... Espere.

Ela se interrompeu de súbito, o rosto contraído. - Sim? .. - indagou Seldon.

- Existe um termo arcaico, aerie, que significa "ninho de águias", ou "moradia situada nas alturas".

- Aha! Está vendo? Até que aprendemos algumas coisas em conseqüência do nosso pequeno fiasco de ontem. E se eu encontrar lá dentro um robô com vinte mil anos de idade, e ele for capaz de me dizer ...

- Está bem, vamos supor que semelhante coisa exista, o que é mais do que incrível, e que você a encontre, o que é altamente improvável: quanto tempo você acha que terão para conversar, antes de você ser descoberto?

- Não sei, mas se eu provar que o robô existe e se conseguir encontrá-lo, então darei um jeito de falar com ele. Agora é tarde para recuar. Hummin devia ter-me deixado em paz quando eu lhe disse que era impossível estruturar a psico-história. Agora que começo a achar que é possível, nada vai me deter, a

não ser que me matem.

- Os mycogenianos podem estar dispostos a fazê-lo, e você não pode correr um tal risco.

- Posso, sim. Vou tentar.

- Não, Hari. Estou aqui para protegê-lo, e não posso concordar com isso.

- Tem que concordar. Tornar a psico-história possível é algo mais importante do que minha segurança. Minha segurança é importante apenas na medida em que eu possa trabalhar na psico-história. Impeça-me de fazê-lo e sua própria tarefa perde o sentido, Dors. Pense nisto.

Hari Seldon sentia-se tomado por uma nova e vigorosa motivação. A psico-história - aquela sua nebulosa teoria que, há pouco tempo atrás, ele não tinha a menor esperança de comprovar - agigantava-se agora diante dele, tornava-se cada vez mais real. Agora, ele tinha que acreditar que era possível: sentia isso em sua própria carne, As peças começavam a ajustar-se e, embora ele ainda não conseguisse visualizar em sua totalidade as estruturas mais amplas, ainda assim tinha certeza de que o Sacratorium viria adicionar mais uma importante peça ao quebra-cabeças.

- Então vou com você, seu idiota - disse Dors -, para poder arrancá-l o de lá quando for preciso.

- Mulheres não podem entrar.

- E o que me faz uma mulher? Somente este kirtle cinza. Você não consegue ver meus seios por baixo dele. Com a carapuça, meu cabelo é invisível. Tenho o mesmo rosto lavado e sem marcas de qualquer homem. Os homens daqui têm rostos totalmente lisos.

Tudo de que preciso é um kirtle branco e uma obiah, e posso entrar lá dentro. Qualquer Irmã poderia, se não estivesse bloqueada por um tabu ... mas não é esse o meu caso.

Quem vai bloquear você sou eu. Você não vai. É muito perigoso.

Não é mais perigoso para mim do que para você. Mas preciso correr o risco.

- Então eu também preciso. Por que seus motivos serão mais imperiosos do que os meus?

- Porque ... - começou Seldon, e parou.

- Repita uma coisa para você mesmo - prosseguiu Dors, a voz dura como rocha. - Não vou deixar você entrar naquele templo sem mim. Se você insistir, vou desacordá-lo com uma pancada e amarrá-lo na cama. Caso não goste disso, é melhor abandonar qualquer intenção de fazer essa expedição sozinho.

Seldon hesitou e apenas soltou um resmungo mal-humorado.

Decidiu suspender a discussão, pelo menos por enquanto.

55.

O céu estava quase sem nuvens, mas era de um azul pálido, como se lá no alto houvesse uma névoa muito rarefeita a diluir sua cor. Isso era um toque delicado e sutil, pensou Seldon, mas de repente ele se surpreendeu com saudade de um sol verdadeiro. Ninguém em Trantor avistava o sol do planeta, a menos que subisse à Superfície, e mesmo assim numa ocasião em que a camada de nuvens permitisse.

E quanto aos trantorianos nativos? Sentiriam falta do sol? Pensariam nisso em alguma ocasião? Quando algum deles visitava um mundo aquecido por um sol natural, ficaria parado, a contemplar aquilo com olhos meio cegos, cheios de espanto?

Por que, pensava ele, tantas pessoas passavam suas vidas inteiras sem procurar respostas para tantas perguntas possíveis - e até mesmo sem perceber a existência dessas perguntas? Haveria algo mais excitante no mundo do que procurar respostas?

Seu olhar desceu até o nível do chão. A larga avenida era ladeada por edifícios baixos, a maioria deles funcionando como lojas. Inúmeros carros individuais moviam-se em ambas as direções, todos observando a mão do trânsito pela direita. Parecia uma coleção de antiguidades, mas todos eram movidos a energia elétrica, e se deslocavam quase sem produzir ruído. Seldon pôs-se a imaginar se "antiguidade" seria sempre um termo pejorativo. Aquele silêncio seria a compensação pela pouca velocidade dos carros? A rapidez seria, afinal, uma coisa tão fundamental assim?

Havia um grande número de crianças caminhando pelas calçadas, e os lábios de Seldon se contraíram num leve esgar de aborrecimento. Era evidente que os mycogenianos não poderiam ter uma estimativa de vida anormalmente longa ... a menos que estivessem dispostos a recorrer ao infanticídio. As crianças de ambos os sexos (embora fosse difícil distinguir meninos e meninas) usavam kirtles que vinham apenas um pouco abaixo do joelho, o que contribuía para a incansável atividade física típica da infância.

As crianças ainda mantinham seu cabelo, aparado até mais ou menos uma polegada de comprimento; mas ainda assim as mais velhas entre elas traziam capuzes presos aos kirtles e os usavam puxados sobre a cabeça, escondendo o alto do crânio. Era como se já fossem crescidos o bastante para que seu cabelo começasse a parecer obsceno - ou já se sentissem na idade de querer ocultá-lo, impacientes pelo dia do rito de passagem em que seriam depilados.

Um pensamento ocorreu a Seldon.

- Dors - perguntou ele -, quando vocês foram às compras, quem pagou ... você, ou as Irmãs?

- Eu, é claro. As Gotas de Chuva em momento algum exibiram uma ficha de crédito. E por que deveriam? As compras eram para nós, não para elas.

- Mas a sua ficha de crédito é trantoriana, é uma ficha de mulher da tribo.

- Claro, Hari, mas isso não é problema. O povo de Mycogen pode manter sua própria cultura, seu modo de vida e seus costumes, enquanto quiser. Eles podem depilar suas cabeças e usar kirtles. Ainda assim, têm que usar o mesmo sistema de créditos que é utilizado no resto do mundo. Se não o fizerem estarão obstruindo O fluxo do comércio, e ninguém em seu perfeito juízo pensará em fazer isto. É a força do crédito, Hari. - E ela ergueu a mão no ar como se estivesse exibindo uma ficha de crédito.

- E eles aceitaram sua ficha?

- Sem nem sequer examiná-la. Também nem olharam para a minha carapuça. Créditos abrem todas as portas.

- Ainda bem. Então, posso ir comprar ...

- Não. Eu faço as compras. Os créditos podem abrir todas as portas, mas fazem isso mais facilmente para um mulher da tribo. Eles estão tão acostumados a prestar pouca atenção às mulheres que automaticamente fazem o mesmo comigo. E chegamos. É esta a loja onde tenho vindo.

- Espero você aqui fora. Consiga-me uma boa faixa ... uma obiah que cause ótima impressão.

- Não faça de conta que esqueceu o combinado. Vou comprar duas. E também um outro kirtle branco com as minhas medidas.

- Não parecerá estranho, uma mulher comprando um kirtle branco?

- Claro que não. Eles irão imaginar que ele se destina ao meu companheiro, que por acaso é do meu tamanho. Na verdade, não creio que eles se dêem o trabalho de imaginar seja o que for, se a minha ficha de crédito for aceita.

Seldon ficou do lado de fora, esperando a qualquer momento alguém se aproximar e saudá-lo como homem da tribo (ou denunciá-lo ... mais provavelmente), mas isso não se deu. As pessoas que passavam por ele não lançavam sequer um olhar em sua direção, e os que o faziam pareciam não vê-lo. Ele estava especialmente inseguro em relação às mulheres, cada vez que via os kirtles cinzentos se aproximando aos pares ou, pior ainda, ao lado de um homem. Aquelas mulheres eram submetidas, relegadas a um segundo plano, desprezadas. Quer melhor maneira de ganhar uma breve notoriedade do que gritando de horror à visão de um estrangeiro? Mas as mulheres vinham, passavam, iam embora.

Não esperam ver nada estranho, pensou Seldon, e acabam não vendo mesmo.

Isso (concluiu ele) era de bom augúrio para sua expedição ao Sacratorium. Lá seria muitíssimo menor a expectativa de avistar um homem da tribo, e isso tornaria muitíssimo maior a sua chance de passar despercebido.

Ele estava de muito bom humor quando Dors emergiu da loja. - Conseguiu tudo?

- Tudo.

- Então vamos voltar ao apartamento, e trocar de roupa.

O kirtle branco não caiu tão bem no corpo de Dors quanto o cinzento, já que ela não tinha podido prová-lo ... mesmo o mais obtuso dos vendedores ficaria alarmado com semelhante pedido.

- Como estou, Hari? - perguntou ela.

- Parece um garoto - disse ele. - Agora vamos experimentar a faixa, ou obiah ... Preciso me acostumar a chamá-la por este nome.

Dors tinha retirado sua carapuça e estava sacudindo o cabelo para os lados, com uma expressão de alívio. Disse com vivacidade: - Não ponha a faixa agora. Não vamos sair desfilando Mycogen afora vestidos dessa forma. A última coisa que podemos fazer é chamar a atenção de alguém.

- Não, não, nem pensei nisso. Quero apenas ver como é que se coloca.

- Não ponha essa aí, então. Ponha a outra, é de melhor qualidade, mais bem trabalhada.

- Tem razão, Dors. Se um de nós deve chamar um mínimo de atenção, sou eu. Ninguém pode imaginar que você é uma mulher.

- Não era isto que eu estava pensando ... Queria apenas que você ficasse bonito.

- Agradeço mil vezes mas desconfio que isto é impossível. Mas vejamos, como é que se põe esta coisa? ..

Juntos, Hari e Dors ensaiaram o gesto de pôr e de tirar suas obiahs, várias vezes seguidas, até conseguir fazê-lo com rapidez e naturalidade. Dors mostrou a Hari o modo exato como tinha visto um homem fazer na véspera, antes de entrar no Sacratorium. Quando ele a elogiou pela sua agudeza de observação, ela se ruborizou.

- Não é nada, Hari, apenas reparei, só isso.

- Então você é um gênio no que diz respeito a reparar.

Finalmente satisfeitos, os dois ficaram de pé a uma certa distância, cada um fazendo uma revisão final na aparência do outro. A obiah de Seldon brilhava, com um dragão bordado em vermelho vivo sobre fundo também vermelho, num matiz mais suave. A de Dors era menos berrante: apenas uma delgada linha vermelha correndo ao longo da faixa, e numa tonalidade discreta.

- Está bem assim - disse ela. - Apenas o bastante para demonstrar bom gosto. - E a retirou.

- Ótimo - disse Seldon. - Vamos guardar a obiah num bolso interno. Aqui neste outro estou levando minha ficha de crédito ... a de Hummin, para ser exato; a chave do apartamento, e o Livro.

- O Livro? Vai levá-lo?

- Tenho que levá-lo. Suponho que lá no Sacratorium todo mundo deve ter um exemplar do Livro consigo. Devem cantar alguns trechos, ou fazer leituras. Se for necessário, leremos ambos do mesmo Livro, e espero que ninguém repare. Está pronta?

- Pronta não estarei nunca, mas vou com você.

- Talvez seja uma viagem monótona. Quer verificar minha carapuça e ver se não há nenhum cabelo aparecendo desta vez? E por favor, não coce sua cabeça.

- Tentarei. E quanto a você, está tudo perfeito.
- Você também.
- Você parece nervoso, Hari.
- Adivinhe por quê ...

Num gesto impulsivo, Dors estendeu a mão e apertou a de Seldon com força, largando-a logo a seguir, como se surpreendida. Baixando a vista, ela alisou as dobras de seu kirtle branco. Seldon, ainda um tanto surpreso e indubitavelmente satisfeito, pigarreou, e disse apenas:

- Então, está bem. Vamos.

AERIE

ROBÔ - ... Um termo empregado nas antigas lendas de diversos planetas para designar o que é mais comumente chamado de "autômato". Os robôs são descritos geralmente como de forma vagamente humana e feitos de metal, embora alguns deles, supostamente, tenham tido constituição pseudo-orgânica. Existe uma crença popular de que Hari Seldon, durante "a Fuga", viu um robô verdadeiro, mas as fontes desta história são de autenticidade duvidosa. Em nenhum ponto dos volumosos escritos de Seldon ele menciona qualquer robô, embora...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

56.

Ninguém reparou neles.

Hari Seldon e Dors Venabili repetiram o mesmo trajeto do dia anterior, e desta vez ninguém lhes deu a menor atenção. Praticamente ninguém os fitou; em várias ocasiões tiveram que afastar seus joelhos para um lado a fim de permitir que um outro passageiro situado num assento interno descesse do ônibus. Logo perceberam que, quando um novo passageiro subia, a atitude correta era passar para os assentos centrais, caso houvesse algum desocupado.

Desta vez, menos preocupados com as ruas e avenidas por onde passavam, os dois logo se aborreceram com o cheiro dos kirtles não lavados, mas logo chegaram ao seu destino.

- Aqui fica a biblioteca - disse Seldon em voz baixa.

- Imagino que sim - disse Dors. - Pelo menos é o edifício que Micélio Setenta e Dois apontou ontem.

Caminharam despreocupadamente naquela direção.

- Respire fundo - disse Seldon. - Primeiro obstáculo.

A porta estava aberta, e brilhava uma luz suave no interior do recinto. Havia cinco largos degraus de pedra conduzindo para cima. Eles pisaram no degrau de baixo e esperaram alguns instantes até perceber que seu peso não fazia com que os degraus se movessem para cima. Dors fez uma careta e, com um gesto, incitou Seldon a subir a escada.

Caminharam até o alto, sentindo-se indiretamente encabulados pelo

primitivismo de Mycogen. Atravessaram uma porta, além da qual havia uma mesa, e por trás dela um homem curvado sobre o computador mais rústico e primitivo que Seldon já vira em sua vida inteira.

O homem não ergueu a vista para encará-los. Não era necessário, pensou Seldon. kirtles brancos, cabeças lisas - todos os mycogenianos eram tão semelhantes que o olhar humano tendia a escorregar sobre suas imagens, e quem saía ganhando com isso eram os homens da tribo. '

O homem parecia absorto em algo muito importante, e perguntou apenas: - Pesquisa?

- Pesquisa - confirmou Seldon.

Ele fez um gesto com a cabeça indicando uma porta. - Podem entrar. Aproveitem.

Eles passaram para o interior do recinto e, até onde podiam verificar, eram as únicas pessoas naquele setor da biblioteca. Talvez a biblioteca não fosse um local muito convidativo, ou então o número de pesquisadores era reduzido; ou, quem sabe, as duas coisas juntas.

Seldon cochichou:

- Pensei que teríamos de apresentar algum tipo de licença, ou formulário de permissão, e nesse caso eu teria que alegar que havia esquecido.

- Talvez qualquer presença humana aqui seja bem-vinda, sejam quais forem as circunstâncias. Já viu algum lugar parecido com este? Se um lugar pode estar tão morto quanto uma pessoa, então estamos no interior de um cadáver.

A maioria dos livros naquela seção eram livros impressos como o Livro que Seldon carregava no bolso. Dors caminhou ao longo das estantes, examinando as lombadas, e disse:

- Livros velhos, quase todos. Alguns clássicos. A maioria sem nenhum valor.

- Algum livro estrangeiro? Não-mycogeniano, quero dizer.

- Oh, sim. Se eles têm seus próprios livros, devem estar guardados em outra seção. Esta secção aqui deve ser para pesquisas sobre o mundo exterior, para uso de pobres eruditos autodidatas como aquele de ontem. Bem, aqui estão os livros de referência ... Uma Enciclopédia Imperial com uns cinquenta anos de idade, margem de erro de um dia no máximo ... e um computador.

Ela estendeu a mão para o painel, mas Seldon a interrompeu: - Espere. Você pode fazer algo errado, e isso nos denunciaria. Ele apontou para um discreto letreiro luminoso além das estantes, onde reluziam os dizeres: SACRATORIUM - ENTRADA. O segundo "A" em SACRATORIUM estava apagado; talvez um defeito recente, talvez por simples negligência. (O Império estava em decadência, pensou Seldon. Por toda parte. Até em Mycogen.)

Olhou em redor. Aquela pobre biblioteca (tão necessária ao orgulho mycogeniano, talvez tão valiosa para os Anciãos que podiam usá-la para reunir migalhas de um conhecimento destinado a confirmar suas próprias crenças e apresentá-las como sofisticadas ideias dos homens da tribo) parecia estar completamente vazia; ninguém tinha entrado ali depois deles.

- Vamos nos ocultar aqui, onde o bibliotecário não nos pode ver, e colocar

nossas faixas - disse Seldon.

Quando pararam diante da entrada do Sacratorium, ele falou, mais consciente do que nunca de que depois de transposto aquele segundo obstáculo não haveria retorno possível:

- Dors, não venha.

Ela franziu a testa.

- Por que não?

- Não é seguro, e não quero que você corra nenhum risco.

- Estou aqui para proteger você - disse ela suavemente, mas com firmeza.

- Que tipo de proteção você pode me dar? Posso cuidar de mim mesmo, ainda que você não acredite nisto. E ser obrigado a cuidar de você seria uma desvantagem adicional. Não percebe isto? - Não se preocupe comigo, Hari - disse ela. - Quem tem de se preocupar sou eu. - Ela tocou com o indicador na faixa que descia em diagonal entre seus seios.

- Porque Hummin lhe pediu?

- Porque minhas ordens são essas.

Ela agarrou o braço de Seldon acima do cotovelo, e ele mais uma vez se surpreendeu com a firmeza de seus dedos. Ela disse: - Não aprovo isto, Hari, mas se você acha que tem de entrar ai, então eu vou com você.

- Então está bem. Mas se acontecer algo de errado e você tiver alguma chance de se safar, então corra. Não se preocupe comigo.

- Você está desperdiçando seu fôlego, Hari. E está me ofendendo.

Seldon tocou o pequeno painel quadrado que havia do lado, e a porta deslizou, abrindo-se à sua frente. Juntos, num movimento quase sincronizado, os dois caminharam através do umbral.

57.

Uma sala muito ampla, parecendo ainda maior devido à ausência de qualquer tipo de mobília. Nenhuma cadeira, nenhum banco, poltronas ou algo semelhante. Nenhuma mesa, nem cortinas, nem qualquer tipo de decoração.

Nenhuma lâmpada - apenas uma claridade uniforme e suave, igualmente distribuída por todo o espaço. As paredes não estavam inteiramente vazias. A intervalos irregulares, dispostos em diferentes alturas e a distâncias variáveis, havia telas pequenas, primitivas, bidimensionais, todas em pleno funcionamento. Do lugar onde estavam Seldon e Dors não havia sequer a ilusão de uma terceira dimensão, nada que se assemelhasse a uma holovisão convencional.

Havia algumas pessoas ali, não muitas, e cada qual afastada das outras; todos vestiam kirtles brancos e faixas vermelhas, e se distribuíam ao acaso, diante das

telas.

O silêncio era quase total; ninguém conversava, embora alguns movessem os lábios num murmúrio quase inaudível. Aquelas que andavam, cruzando o recinto, faziam-no com passos silenciosos, os olhos baixos.

A atmosfera era intensamente lúgubre.

Seldon se inclinou para Dors, que no mesmo instante pôs o dedo sobre os lábios, e apontou na direção de um dos monitores de televisão. A imagem mostrava um jardim de aspecto paradisíaco, recoberto de flores, revelado aos poucos por um vagaroso movimento de câmara.

Eles caminharam na direção do monitor, tentando imitar o modo como os mycogenianos presentes se deslocavam - passos lentos, cada pé sendo pousado no chão com infinita delicadeza.

Quando estavam a meio metro de distância da tela, uma voz suave e sugestiva começou a se fazer ouvir:

- ... 0 jardim de Antennin, numa reprodução feita a partir de antigos mapas e fotografias; ficava localizado nos arredores de Eos. Note-se que ...

Dors sussurrou, numa voz que Seldon quase não conseguiu escutar devido ao som que vinha da tela:

- O som é ligado quando alguém se aproxima, e se desligará se nos afastarmos daqui. Se ficarmos próximos à tela podemos conversar sem que nos escutem, mas não olhe para mim, e fique calado se alguém se aproximar.

Seldon, com a cabeça baixa e as mãos postas (tinha notado que esta era a posição adotada pela maioria) respondeu:

- Pelo que vejo, daqui a pouco alguém vai começar a chorar.

- Não admira. Estão lamentando a perda de seu Mundo.

- Espero que troquem os filmes de vez em quando. Deve ser terrível ver sempre os mesmos.

- São todos diferentes - disse Dors, depois de virar os olhos para a esquerda e a direita. - Talvez eles os mudem periodicamente. Não dá para saber.

- Espere! - exclamou Seldon, num tom de voz quase imperceptivelmente mais alto. - Venha por aqui.

Ele fez um gesto com a cabeça, e Dors o acompanhou; puseram-se mais uma vez a imitar o andar solene dos Irmãos, mas os passos de Seldon iam se tornando mais largos à medida que sua impaciência aumentava e Dors, ao alcançá-lo, deu um rápido mas firme puxão na manga de seu kirtle, fazendo-o diminuir o ritmo.

Quando se ouviu o som da outra tela para onde se dirigiam, Seldon sussurrou:

- Veja ... robôs.

A imagem mostrava a parte lateral de uma casa cercada de relva, tendo ao fundo uma cerca, e em primeiro plano três figuras que só poderiam ser descritas como robôs. Eram aparentemente metálicas, e tinham forma vagamente humana.

A voz do locutor dizia:

- Esta é uma reprodução, recentemente construída, da famosa propriedade de

Wendome, no terceiro século. O robô que é visto ao centro chamava-se Bendar, de acordo com a tradição, e serviu durante 22 anos antes de ser substituído, segundo rezam os registros antigos.

- Está vendo? - disse Dors. - "Recentemente construída".

Isso quer dizer que há uma renovação dos filmes.

- A menos - replicou Seldon - que esse locutor esteja dizendo "recentemente construída" durante os últimos mil anos.

Nesse instante um mycogeniano aproximou-se da tela que eles contemplavam e os cumprimentou numa voz baixa, embora não tão baixa quanto os sussurros dos dois:

- Saudações, Irmãos.

Não olhou para eles, e depois de um rápido e involuntário olhar de surpresa Seldon preferiu manter também seus olhos afastados. Dors tinha ficado impassível.

Seldon hesitou. Micélio Setenta e Dois tinha dito que ninguém conversava no interior do Sacratorium. Talvez tivesse exagerado. Além do mais tinha dito que não frequentava o Sacratorium desde criança.

Aflito, Seldon resolveu que devia falar. Murmurou: - Saudações a você, Irmão.

Não sabia se essa seria a forma correta de responder, ou mesmo se haveria alguma fórmula, mas o mycogeniano não pareceu ver nada de .estranho na resposta.

- Para ambos, em Aurora - disse o homem.

- E para você - respondeu Seldon; teve a impressão de que o outro esperava algo mais e completou: - ... em Aurora.

Houve um imperceptível relaxamento da tensão, mas Seldon sentiu que sua testa tinha ficado úmida.

O mycogeniano disse:

- Belas imagens ... Não as tinha visto ainda.

- Muito bem-feitas - disse Seldon e, num rompante de ousadia, arriscou: - Uma perda que jamais deverá ser esquecida.

O outro pareceu um tanto surpreso, e murmurou: - Sem dúvida, sem dúvida ... - e logo afastou-se. Dors ciciou:

- Não se arrisque. Não diga nada, se não for obrigado a falar.

- Pareceu-me natural. Em todo caso, parece que as imagens são mesmo recentes, se bem que esses robôs me desapontem um pouco. Não são o que eu esperava em matéria de autômatos. Quero ver os robôs orgânicos, os humanóides.

- Se é que existem - disse Dors, com alguma hesitação. - Se for esse o caso, não acho que sua função fosse a de tomar conta de jardins.

- É mesmo - disse Seldon. - Então, temos que localizar o aerie dos Anciãos.

- Se é que existe. A minha impressão é de que no meio deste espaço vazio não existe nada mais a não ser isso ... um imenso espaço vazio.

- Vamos olhar.

Caminharam lentamente ao longo da parede, passando à frente de cada uma

das telas, demorando-se um pouco diante de cada uma, até que os dedos de Dors se cerraram sobre o braço de Seldon. Entre duas telas viam-se as linhas que demarcavam um retângulo na parede.

- Uma porta - disse Dors. Mas logo ela atenuou essa afirmativa, indagando: - Acha que é? ..

Seldon, sub-sub-repticiamente, virou-se naquela direção. Estava cônscio de que, naquele ambiente de profunda concentração, cada rosto, quando não estivesse fixo num monitor, deveria estar voltado para o chão, numa atitude de prece.

Como será que se abre? - perguntou ele. - Um comutador embutido.

- Não vejo nenhum.

- Não há nenhuma marca, mas estou vendo um ponto levemente descolorado. Está vendo? Quantas vezes terão tocado ali? Quantas mãos?

- É ... posso tentar. Fique de olho e me dê um chute se alguém olhar nesta direção.

Ele estendeu a mão e, inspirando profundamente, tocou o ponto descolorido na parede, sem resultado. Em seguida encostou nele toda a palma da mão.

Uma porta se abriu com absoluto silêncio - nem um estalido, nem um chiado. Seldon a cruzou tão rapidamente quanto pôde, e Dors logo o seguiu. A porta se fechou às suas costas.

- A questão é: alguém nos viu entrar? - disse Dors.

- Os Anciãos devem entrar por aqui o tempo inteiro - disse Seldon.

- Sim, mas será que alguém vai nos tomar por Anciãos? Seldon esperou um pouco, depois disse:

- Se fomos observados, e se alguém tivesse achado que havia algo de errado conosco, então esta porta teria se aberto novamente quinze segundos depois de nossa entrada.

- É possível - respondeu Dors secamente. - Também é possível que não haja nada para ser visto ou para ser feito deste lado da porta, e por isso ninguém se preocupou quando nos viu entrar. - É algo a se confirmar depois - tornou Seldon.

O lugar onde estavam era uma sala estreita e relativamente pouco iluminada, mas quando deram mais alguns passos para o seu interior a luminosidade foi aumentando proporcionalmente.

Havia poltronas largas e confortáveis, pequenas mesas, vários divãs, uma geladeira alta e maciça, armários.

- Se isto aqui é o aerie dos Anciãos - disse Seldon - eles parecem gostar de conforto, apesar da austeridade geral do Sacratorium.

- É de se esperar - disse Dors. - O ascetismo é muito raro entre classes dirigentes, a não ser na composição de sua imagem pública. Pode anotar isso em sua caderneta de aforismos psico-históricos. - Ela lançou um olhar em redor. - E nada de robô.

- Um aerie é um recinto em local elevado, não esqueça; não é o caso deste aqui. Há andares superiores, e isto aqui deve conduzir até lá. - Ele apontou para uma escadaria toda acarpetada, mas não foi na sua direção; em vez disso, seus

olhos vaguearam incertos pelo recinto.
Dors percebeu o que ele estava procurando e disse:
- Não espere encontrar elevadores por aqui. Não esqueça o culto ao primitivismo dos mycogenianos. Não deve haver elevadores, e tem mais: se pisarmos no degrau inferior desta escada tenho certeza de que ela não começará a rolar para cima. Vamos ter que subir por ela ... vários andares, talvez.
- Subir por ela?!
- Pela lógica, ela deve conduzir ao aerie, se é que conduz a alguma coisa. Você quer chegar ao aerie ou não quer?
Caminharam juntos na direção da escada e começaram a subir por ela.
Subiram três andares. A luminosidade ia se reduzindo perceptivelmente, à medida que chegavam mais alto. Seldon parou para respirar e disse:
- Sempre me considerei em boa forma física, mas estou detestando isto aqui.
- Você não está habituado a esse tipo específico de esforço corporal - disse Dors. Ela, no entanto, não mostrava nenhum sinal de fadiga.
Quando atingiram o terceiro andar, a escada acabava diante de uma porta.
- E se estiver trancada? - perguntou Seldon, mais a si mesmo do que a Dors. - Vamos arrombá-la?
- Por que estaria trancada - replicou ela -, se a porta de baixo estava aberta? Se isto aqui é o aerie dos Anciãos, deve existir um tabu proibindo o acesso a qualquer um que não seja um deles, e um tabu é mais eficaz do que qualquer tipo de tranca.
- Sim, mas só no que diz respeito a quem acredita em tabus - disse Seldon; mas ainda assim não fez nenhum gesto na direção da porta.
- Já que está hesitando - disse Dors -, ainda há tempo de voltar atrás. Aliás, eu o aconselharia a fazer isso.
- Só estou hesitando porque não sei o que posso encontrar aí dentro. Se estiver vazio ... - Ele calou-se, e logo a seguir acrescentou, com voz áspera: - Se estiver vazio, está vazio.
E num gesto decidido deu um passo à frente e tocou o comutador que abria a porta.
Ela deslizou para o lado, silenciosamente, e Seldon recuou um passo, pegado de surpresa pela intensidade da luz que vinha do interior do recinto.
E ali, bem à sua frente, com olhos vivos e brilhantes, braços semi-erguidos, um pé ligeiramente à frente do outro, reluzindo com um brilho metálico levemente amarelo, estava uma figura humana. A princípio, pareceu a Seldon que a figura estava vestindo uma túnica bastante justa, mas a um segundo olhar ficou evidente que a túnica fazia parte do próprio objeto.
- O robô - disse Seldon, maravilhado. - Mas é de metal!
- Pior que isso - disse Dors, que tinha se movido rapidamente para um lado e para o outro. - Os olhos dele não me seguem. Os braços nem sequer oscilam. Não está vivo ... se é que se pode falar de "vivo" em relação a um robô.
E nesse instante um homem (sem a menor dúvida, um ser humano) surgiu por trás do robô e disse:

- Talvez não. Mas eu estou vivo.
Num gesto quase automático Dors deu um passo à frente, e se interpôs entre Seldon e o homem que tinha aparecido de modo tão repentino.

58.

Seldon empurrou Dors para o lado, talvez com mais rudeza do que pretendia.
- Não precisa me proteger - disse ele. - É o nosso velho amigo ... Mestre do Sol Catorze.
O homem que os encarava, usando uma dupla faixa vermelha que era provavelmente sua insígnia de Grande Ancião, disse:
E você é o homem da tribo Seldon.
- Naturalmente.
- E esta, a despeito de suas vestes masculinas, é a mulher da tribo Venabili.
Dors não disse nada.
Mestre do Sol Catorze prosseguiu:
- Tem razão, homem da tribo. Não represento nenhum perigo físico para vocês. Sentem-se, por favor. .. ambos. Já que não é uma Irmã, mulher da tribo, não terá que retirar-se. Pode tomar assento junto a nós nesta poltrona, na qual, se aprecia esse tipo de distinção, será a primeira mulher a sentar-se.
- Não aprecio esse tipo de distinção - disse Dors, escandindo as sílabas.
Mestre do Sol Catorze fez um gesto de aprovação com a cabeça. - Seja como quiser. Quanto a mim também me sentarei, porque tenho perguntas a fazer-lhes, e não pretendo fazê-las de pé.
Sentaram-se, num canto do aposento. Os olhos de Seldon se voltaram para o robô metálico.
Mestre do Sol Catorze disse: - É um robô.
- Eu sei - disse Seldon, laconicamente.
- Sei que sabe - disse Mestre do Sol Catorze, com a mesma concisão. - Mas agora que estabelecemos este ponto, por que motivo estão aqui?
Seldon o fitou sem titubear e disse: - Para ver o robô.
- Sabem que ninguém é admitido aqui no aerie, a não ser os Anciãos?
- Não sabia, mas suspeitava disso.
- Sabem que nenhuma pessoa da tribo é admitida no Sacratorium?
- Disseram-me isto.
- E ignorou esse aviso?
- Como já falei, queríamos ver o robô.
- Sabe que nenhuma mulher, mesmo uma Irmã, pode entrar no Sacratorium exceto em certas ocasiões, que são muito raras, e pré-fixadas?

- Disseram-me isto.

- E sabem que nenhuma mulher, em nenhuma hipótese, e por nenhum motivo, pode trajar vestes masculinas? No território de Mycogen isso é válido tanto para as Irmãs quanto para as mulheres da tribo.

- Ninguém me falou a esse respeito. Mas não estou surpreso.

- Muito bem. Quero que compreenda todas estas coisas.

- Agora: por que queria ver o robô?

Seldon encolheu os ombros.

- Curiosidade. Nunca vi um robô, e nem mesmo sabia que essas coisas existiam.

- E como chegou a saber de sua existência, e mais ainda, como soube que havia um deles justamente aqui?

Seldon demorou um pouco, e por fim disse: - Prefiro não responder essa pergunta.

- Foi para isso que o homem da tribo Hummin o enviou a Mycogen? Para investigar robôs?

- Não. O homem da tribo Hummin nos mandou para cá porque aqui estaríamos em segurança. Acontece que somos pesquisadores, a Dra. Venabili e eu. O nosso mundo é o mundo do conhecimento, e o nosso único propósito é adquirir mais conhecimento. Mycogen é muito pouco conhecido para além de suas fronteiras, e nós queremos compreender melhor os seus costumes e suas ideias É um desejo dos mais naturais e, do nosso ponto de vista, inofensivo ... e até elogiável.

- Ah, mas nós não queremos que as tribos exteriores e os outros mundos saibam demais a nosso respeito. Este é o desejo que reputamos natural, e cabe a nós julgar o que nos pode ser ou não inofensivo. Portanto, pergunto-lhe novamente, homem da tribo: como soube que existia um robô em Mycogen, e que estava exatamente nesta sala?

Boatos - disse Seldon por fim.

- Insiste em afirmar isto?

- Insisto em afirmá-lo. Boatos.

Os olhos muito azuis de Mestre do Sol Catorze estreitaram-se, mas a sua voz permaneceu inalterada.

- Homem da tribo Seldon, nós temos colaborado há muito tempo com o homem da tribo Hummin. Para um homem da tribo, ele tem sido um indivíduo honesto e confiável. Para um homem da tribo, claro! Quando ele enviou vocês dois até aqui e os entregou à nossa proteção, nós asseguramos que ela seria concedida. Mas o homem da tribo Hummin, a despeito de suas qualidades, não deixa de ser um homem da tribo, e nós alimentávamos certos receios. Não sabíamos ao certo quais seriam os verdadeiros propósitos de vocês dois ... ou mesmo os dele.

- Nosso propósito é o conhecimento - insistiu Seldon. - Conhecimento científico. A mulher da tribo Venabili é uma historiadora, e também cultivo interesse pela História. Por que não poderíamos estar interessados na História de

Mycogen?
- Em primeiro lugar, porque nós não o desejamos. Mas, sigamos em frente. Duas das nossas Irmãs de maior confiança foram enviadas até vocês. Receberam instruções para cooperar, para atender suas necessidades, e ... qual a expressão que vocês usam? .. desempenhar seu papel, embora não de modo a despertar suspeitas. - Mestre do Sol Catorze sorriu, mas era um sorriso ameaçador.
"Gota de Chuva Quarenta e Cinco - prosseguiu ele - acompanhou a mulher da tribo Venabili às compras, mas nada de estranho aconteceu durante esses passeios. Claro que ela nos fez um relatório detalhado. Gota de Chuva Quarenta e Três o conduziu, homem da tribo Seldon, até as nossas micro-fazendas Devia ter suspeitado da facilidade com que nossa Irmã aceitou acompanhá-lo a sós, algo inconcebível de acordo com nossos costumes; mas você argumentou que as leis aplicáveis aos Irmãos não se aplicariam aos homens da tribo, e convenceu-se, com excessiva facilidade, de que esse débil argumento tinha sido o bastante para persuadi-la. Ela acedeu ao seu desejo, ainda que em prejuízo de sua paz de espírito ... Por fim, inevitavelmente, ela foi interrogada a respeito de nosso Livro. Tê-lo passado às suas mãos sem nenhuma resistência iria com certeza despertar suas suspeitas, de modo que a Irmã foi forçada a fingir uma fantasia perversa que apenas um estrangeiro seria capaz de satisfazer; esse espírito de auto-sacrifício nunca será esquecido por nós. Suponho, homem da tribo, que o Livro ainda está em seu poder, e arrisco-me a supor que o tem consigo agora. Pode devolvê-lo? ... "
Seldon, aniquilado, permaneceu em silêncio, enquanto a mão enrugada de Mestre do Sol Catorze permanecia estendida, e ele insistia, com voz suave:
- Seria bem melhor do que se tivéssemos de recuperá-lo por meios violentos
Seldon devolveu o Livro. Mestre do Sol Catorze o folheou rapidamente, como que se assegurando de que todas as páginas estavam intactas. Depois continuou, com um suspiro:
- Terá que ser destruído, conforme o nosso costume ... é uma pena. Mas prossigamos: uma vez de posse do Livro, tínhamos certeza de que seu próximo passo seria chegar ao Sacratorium. Vocês dois estavam sendo observados durante todo esse tempo, pois hão de reconhecer que nenhum Irmão ou Irmã, a não ser que estivesse completamente distraído, iria torná-los por mycogenianos. Reconhecemos uma carapuça no momento em que a avistamos: não existem mais do que setenta delas em Mycogen, quase todas em poder de homens da tribo em viagem de negócios, os quais permanecem o tempo quase inteiro confinados em edifícios do governo, durante sua estada em Mycogen. Desse modo, vocês dois não apenas foram vistos, mas imediatamente identificados, por onde quer que se deslocassem.
"O Irmão idoso que os encontrou ontem os informou sobre a biblioteca e o Sacratorium, mas teve também o cuidado de dizer-lhes sobre as proibições relativas a esses lugares, porque não tínhamos a intenção de atraí-los a uma armadilha. Faixa de Céu Dois também os preveniu ... e até com certa veemência. Ainda assim, ambos prosseguiram em seu intento.

"A loja onde foram adquiridos o kirtle branco e as duas obiahs nos informou de imediato sobre essa compra, e tivemos certeza quanto às suas intenções. Cuidamos para que a biblioteca fosse esvaziada, o bibliotecário foi instruído para portar-se com discrição, e o Sacratorium recebeu um número reduzido de Irmãos. O único Irmão que, inadvertidamente, lhes dirigiu a palavra, quase estragou tudo, mas afastou-se de imediato ao perceber quem eram. E então ... vocês vieram até aqui.

"Como podem ver, vocês tinham a intenção de penetrar neste local,e não fomos nós que os atraímos até aqui. Vieram por sua própria vontade e por seus próprios meios; e tudo que lhes pergunto agora é, mais uma vez: por quê?

Desta vez foi Dors quem respondeu com a voz firme, os olhos inabaláveis:

- Vamos explicar-lhe tudo mais uma vez, mycogeniano. Nós somos pesquisadores. Achamos que o conhecimento é algo sagrado, e é conhecimento o que buscamos. Vocês não nos atraíram até aqui, mas também não nos interceptaram, como poderiam ter feito antes mesmo que atingíssemos este edifício. Facilitaram tudo para nós, removeram os obstáculos naturais, e isso pode ser considerado uma armadilha. E qual o prejuízo que causamos? De modo algum causamos dano ao edifício, ou a esta sala, ou a qualquer pessoa, ou a isso. - Ela apontou o robô; e prosseguiu:

"Isso não passa de um bloco inerte de metal que vocês mantêm guardado; agora nós sabemos que é uma coisa morta, e este é todo o conhecimento que buscávamos. Pensamos que seria algo mais importante e de certo modo estamos desapontados; mas agora que sabemos do que se trata podemos sair daqui ... e, e se for do seu agrado, ir embora de Mycogen."

Mestre do Sol Catorze a escutou sem que a expressão de seu rosto se alterasse; quando ela terminou, ele virou-se na direção de Seldon e disse:

- Este robô, como podem ver, é um símbolo; um símbolo de tudo quanto perdemos, de tudo o que já não possuímos, um símbolo de tudo quanto, no decorrer de milênios, jamais pudemos esquecer, símbolo daquilo que pretendemos recuperar em nosso futuro. Ele é tudo que nos resta, e por isso ele é para nós algo fortemente real e verdadeiro, algo valioso ... e no entanto, para esta mulher, ele é apenas um bloco inerte de metal. O que eu pergunto é: concorda com essa opinião, homem da tribo Seldon?

Seldon replicou:

- Nós viemos de mundos que não estão acorrentados a tradições com milhares de anos de idade; nossos mundos estão em contato com tudo quanto aconteceu entre esse passado e o tempo em que vivemos. Vivemos o presente, e para nós este presente é o produto de todo o passado, e não apenas de um momento remoto no tempo que devemos trazer agasalhado ao peito. Do ponto de vista intelectual somos capazes de compreender o significado que os mycogenianos atribuem ao robô, e naquilo que nos diz respeito nada impede que continue sendo assim. Mas nós só podemos enxergá-los com os nossos próprios olhos, assim como vocês só podem vê-lo com os seus. Para nós, é apenas um bloco inerte de metal.

- E agora - completou Dors - queremos ir embora.

- Mas não vão - disse Mestre do Sol Catorze. - Quando vieram até aqui, vocês cometeram um crime. É um crime apenas aos nossos olhos, como acabou de ser enfatizado. - Neste ponto, seus lábios se encurvaram num sorriso glacial. - Mas este é o nosso território, e dentro dele somos nós que fazemos as leis. E este crime, de acordo com as nossas leis, é punido com a morte.

- Vai nos abater a tiros? - perguntou Dors com ironia. Mestre do Sol Catorze assumiu uma expressão de desdém, e continuou a se dirigir apenas a Seldon:

- O que pensa que somos, homem da tribo Seldon? Nossa cultura é tão antiga quanto a sua; tão complexa, tão civilizada, tão humana quanto a sua. Eu não estou armado. Vocês serão julgados, e, uma vez que sua culpa é evidente, serão executados de acordo com a lei, de maneira rápida e indolor.

"Se tentassem fugir agora eu não poderia detê-los, mas lá embaixo há um grande número de Irmãos, muitos mais do que parecia haver quando vocês entraram no Sacratorium; e diante do seu comportamento eles seriam forçados a agir de maneira enérgica e violenta. Em nossa história há registros de homens da tribo que pereceram assim; não é uma morte agradável, e certamente não é uma morte indolor."

- Já ouvimos essa ameaça dos lábios de Faixa de Céu Dois - disse Dors. - Parece algo excessivo para uma cultura tão complexa, tão civilizada e tão humana quanto a de Mycogen.

- As pessoas podem ser induzidas à violência em momentos de forte emoção, homem da tribo Seldon - replicou Mestre do Sol Catorze, sem olhar para Dors -, não importa o quanto possam ser humanitárias em seus momentos de calma. Isto se dá em todas as culturas, e a sua mulher, que se diz historiadora, certamente sabe algo a respeito.

- Vamos ser razoáveis, Mestre do Sol Catorze - insistiu Seldon - A lei de Mycogen certamente vigora em relação a assuntos locais, mas não vigora em relação a nós, como deve saber. Somos cidadãos não-mycogenianos do Império, e é o imperador, através de seus representantes oficiais neste Setor, que deve se encarregar de qualquer delito que venha a ser cometido por nós.

Mestre do Sol Catorze replicou:

- Talvez seja assim nas leis e nos documentos e nas telas de holovisão, mas neste momento não estamos tratando de teorias. Há muito tempo que o Grande Ancião tem o poder de punir crimes de sacrilégio sem que haja qualquer interferência do trono imperial.

- Caso os criminosos pertençam ao seu próprio povo - disse Seldon. - Em se tratando de estrangeiros, o caso é forçosamente outro.

- Neste caso específico, duvido muito. O homem da tribo Hummin os trouxe aqui como fugitivos, e aqui em Mycogen não somos tão curtos de inteligência que não possamos suspeitar de que estejam fugindo justamente das leis do imperador. Ele não faria nenhuma objeção se resolvêssemos poupar-lhe algum trabalho.

- Claro que objetaria - disse Seldon. - Mesmo que estivéssemos fugindo das

autoridades imperiais, e mesmo que ele nos procurasse apenas com o intuito de nos punir, ainda assim ele nos quereria sãos e salvos. Permitir que nos executassem, por não importa que meios ou que motivos, sem a realização de um processo e um julgamento por parte do Império, seria um desafio à autoridade, e nenhum imperador admitiria esse precedente. Mesmo interessado em não prejudicar o comércio da micro-alimentação, ele seria obrigado a preservar a autoridade do trono. Os mycogenianos podem sentir o impulso de nos executar com sua próprias mãos, mas será que gostariam de ver as divisões do exército imperial invadirem seu setor, saquearem suas micro-fazendas e seus lares, profanar o Sacratorium e desrespeitar as Irmãs? Pense nisto.

Mestre do Sol Catorze voltou a sorrir, mas ainda uma vez não havia nada amistoso nesse sorriso.

- Na realidade - disse ele -, já pensamos nisso, e existe uma alternativa. Podemos condenar vocês dois e depois postergar sua execução a fim de que possam apelar para o imperador, solicitando uma revisão do processo. O imperador ficará grato por esta nossa submissão à sua autoridade, e mais grato ainda por lhe termos permitido pôr as mãos sobre vocês, sejam quais forem as razões que ele possa ter para isto; e Mycogen será duplamente beneficiado. É isto que desejam, então? O direito de apelar para o imperador no momento adequado, e deixar que ele decida que destino terão?

Seldon e Dors olharam um para o outro e se mantiveram em silêncio.

Mestre do Sol Catorze prosseguiu:

- Acho que vocês preferem ser entregues ao imperador a serem executados sumariamente; mas não sei por que tenho a impressão de que essa preferência se dá por uma margem muito estreita.

Nesse instante, uma outra voz soou no recinto.

- E eu acho - disse - que nenhuma dessas alternativas é aceitável, e que devemos procurar uma terceira.

59.

Dors foi a primeira a reconhecer o recém-chegado, talvez porque já o esperasse.

- Hummin! - exclamou. - Ainda bem que nos encontrou. Entrei em contato com você no momento em que percebi ser impossível dissuadir Hari desta ... - Ela ergueu os braços, num gesto largo - ... desta aventura.

Hummin tinha nos lábios um semi-sorriso que não atenuava a habitual gravidade de seu rosto, e sua expressão era um tanto fatigada.

- Eu estava envolvido com outras coisas, minha amiga - disse ele. - Nem

sempre posso aparecer no instante em que sou chamado. E quando cheguei aqui tive que fazer o mesmo que vocês: providenciar um kirtle, uma obiah, para não falar numa carapuça, e vir até este lugar. Se tivesse chegado mais cedo teria evitado tudo o que aconteceu, mas imagino que ainda não seja tarde demais.

Mestre do Sol Catorze ainda não se tinha recobrado do que parecia ser um choque doloroso. Numa voz que tinha perdido momentaneamente sua grave sonoridade, perguntou:

- Como entrou aqui, homem da tribo Hummin?

- Não foi fácil, Grande Ancião, mas, como a mulher da tribo Venabili pode lhe dizer, sou uma pessoa muito persuasiva. Alguns cidadãos daqui ainda lembram quem sou e o que fiz por Mycogen no passado, e lembram que chego até a ser um Irmão Honorário. Esqueceu isto, Mestre do Sol Catorze?

O Ancião replicou:

- Não esqueci, mas mesmo as melhores lembranças podem ser invalidadas por certas ações. Um homem da tribo aqui dentro, e uma mulher da tribo ... não pode haver crime maior. Tudo que já tenha feito por nós é insuficiente para compensar isto. Meu povo não é ingrato: ele saberá retribuir seus gestos de alguma outra forma, mas estes dois devem morrer, ou ser entregues às mãos do imperador.

- Também eu entrei aqui - disse Hummin com calma. - Isto não é também um crime?

- No seu caso - disse Mestre do Sol Catorze -, no seu caso pessoal, em se tratando de um Irmão Honorário, posso ... dispensar, por esta vez. Mas não estes dois.

- Porque espera alguma recompensa da parte do imperador? Algum favor? Alguma concessão? Já fez contato com ele, ou mais provavelmente com seu chefe do Estado Maior, Eto Demerzel?

- Recuso-me a falar sobre isto.

- O que equivale a dizer que sim ... Ora, vamos, não sei o que o imperador lhe prometeu, mas não pode ter sido muito. Ele não dispõe de muita coisa para dar, numa época decadente como a atual. Deixe que eu faça uma oferta. Estes dois lhe disseram que são pesquisadores?

- Sim.

- E são. Não estão mentindo. A mulher da tribo é uma historiadora, e o homem da tribo é um matemático. Os dois estão tentando juntar seus talentos para criar uma espécie de ciência matemática da história, a que eles chamam de "psico-história".

Mestre do Sol Catorze replicou:

- Não sei nada sobre essa psico-história, nem estou interessado em saber. Nem isto, nem nenhuma outra faceta de seus conhecimentos tribais me interessam.

- Ainda assim - disse Hummin -, peço que me ouça com atenção.

Hummin precisou de uns quinze minutos, falando com brevidade, para descrever como era possível sistematizar as leis naturais da sociedade (algo que

seu tom de voz sempre destacava como que entre aspas) de modo a tornar possível a antecipação dos fatos futuros com um alto grau de probabilidade.

Quando ele terminou, Mestre do Sol Catorze, que tinha escutado tudo sem que a expressão de seu rosto se alterasse, disse: - Eu penso que se trata de um tipo de especulação altamente implausível.

Seldon, com uma expressão compungida no rosto, fez menção de dizer algo, certamente para concordar; mas a mão de Hummin, que repousava sobre seu joelho, apertou-o de leve, fazendo-o silenciar.

- É possível, Grande Ancião - prosseguiu Hummin -, mas o imperador não pensa assim. E quando digo o imperador, que não deixa de ser uma pessoa benevolente, estou na realidade me referindo a Demerzel, sobre cujas ambições não preciso dizer nada. Os dois ficariam extremamente satisfeitos se pusessem as mãos sobre estes dois cientistas, e foi por esta razão que eu os trouxe até aqui, para que ficassem em segurança. Não me passou pela cabeça que o Grande Ancião pudesse querer trabalhar para Demerzel, entregando-lhe os fugitivos.

- Eles cometeram um crime que ...

- Sim, sabemos disso, Grande Ancião, mas é um crime apenas porque assim está sendo considerado. Não houve nenhum dano real.

- Foi causado dano às nossas crenças, aos nossos mais ...

- Mas imagine o dano que será causado se a psico-história cair nas mãos de Demerzel. Sim, admito que talvez nada venha a resultar dessa ciência, mas suponhamos por um momento que isso possa acontecer, e que o Império possa fazer uso dela, prevendo o grau de probabilidade dos fatos futuros, agindo de acordo com esse conhecimento de que ninguém mais dispõe, tomando as medidas necessárias para construir um futuro mais adequado aos interesses imperiais.

- E daí?

- Existe alguma dúvida, Grande Ancião, de que um futuro mais adequado aos interesses imperiais seja o de uma centralização cada vez maior? Há muitos séculos que o Império vem passando por um processo de crescente descentralização. Muitos planetas devem ao imperador uma obediência meramente formal, e praticamente governam a si próprios. Até mesmo aqui, em Trantor, existe descentralização. Mycogen, para dar apenas um exemplo, é quase totalmente livre de interferências por parte do Império. Não existe nenhum funcionário imperial aqui ao seu lado para supervisionar suas decisões e seus atos na qualidade de Grande Ancião. Quanto tempo acha que isto vai durar, quando homens como Demerzel puderem moldar o futuro de acordo com seus próprios interesses?

- Continua a ser uma mera especulação, e muito frágil- disse Mestre do Sol Catorze -, mas devo admitir que é inquietante.

- Ora, vamos - disse Hummin -, sei muito bem o que está pensando. De todos os homens da tribo, Demerzel é aquele em quem menos confia. As chances em favor da psico-história podem ser pequenas (se eu não fosse honesto não

admitiria isto), mas não são nulas; e se ela puder significar uma restauração do seu Mundo Perdido, que outra atitude lhe resta? O que os mycogenianos não seriam capaz de arriscar, mesmo por uma possibilidade tão remota quanto esta? Pense bem! Eu lhe faço uma promessa, e minhas promessas não são feitas em vão. Liberte estes dois, e estará apostando numa chance remota, mas de acordo com seus desejos mais profundos, e deixando de lado um caminho que não o levará a nada.

Houve um longo silêncio até que Mestre do Sol Catorze deu um suspiro e disse:

- Não sei muito bem como é isto, homem da tribo Hummin, mas todas as vezes em que nos encontramos acabo sendo convencido a fazer algo que de início não tinha a intenção de fazer.

- Já o enganei alguma dessas vezes, Grande Ancião?

- Mas já me ofereceu algo com chances tão remotas?

- E com um prêmio tão alto, em caso de vitória? Uma coisa compensa a outra.

Mestre do Sol Catorze fez um gesto afirmativo com a cabeça. - Tem razão. Leve estes dois embora, para muito longe de Mycogen; e que eu nunca mais ponha os olhos neles, até o dia em que essa sua ciência ... mas isso certamente ultrapassará o tempo de vida que me resta.

- Talvez não seja assim, Grande Ancião. Mas seu povo tem esperado com paciência durante quase vinte mil anos. Que objeção fariam a esperar mais ... duzentos anos, digamos?

- Pelo meu desejo eu não esperaria mais um só minuto, mas meu povo poderá esperar durante todo o tempo que se fizer necessário.

E, ficando de pé, ele falou:

- Abrirei o caminho para vocês. Leve estes dois daqui!

60.

Eles estavam finalmente viajando no interior de um túnel. Hummm e Seldon tinham atravessado um quando foram de aerotáxi do Setor Imperial para a Universidade de Streeling. Agora estavam num outro túnel, indo de Mycogen para ... Seldon não sabia onde, e hesitava em perguntar. O rosto de Hummin parecia talhado em granito, e não encorajava qualquer tentativa de conversação.

Hummin estava à frente, no veículo de quatro lugares, com um assento vazio à sua direita. Seldon e Dors ocupavam o banco de trás.

Seldon arriscou um sorriso para Dors, que parecia melancólica. - É bom vestir novamente roupas de verdade, hem?

- Nunca na minha vida - disse ela, com fervor - usarei ou pelo menos olharei

na direção de algo que se assemelhe a um kirtle. E nunca, por qualquer pretexto, usarei uma carapuça. Para falar a verdade, vou me sentir mal toda vez que um careca passar na minha frente.

Foi Dors quem finalmente formulou a pergunta que Seldon Vinha relutando em fazer.

- Chetter - disse ela, num tom de Impaciência -, por que não nos diz para onde estamos indo?

Hummin ficou meio de lado no assento e olhou sério para os dois.

- Para algum lugar - respondeu - onde seja difícil vocês dois se meterem em complicações ... se bem que já estou começando a duvidar que um lugar assim possa existir.

No mesmo instante Dors pareceu abatida.

- Na verdade, Chetter, a culpa foi toda minha. Em Streeling, deixei que Hari subisse à Superfície, sem acompanhá-lo. Em Mycogen, pelo menos o acompanhei, mas agora acho que em hipótese alguma devia ter permitido que ele entrasse no Sacratorium.

- Eu ia entrar lá - disse Seldon com determinação. - Não foi culpa dela, absolutamente.

Hummin não fez o menor esforço para distribuir culpas; apenas disse:

- Pelo que entendi você queria ver o robô. Havia alguma razão para isso? Alguma que possa me dizer?

Seldon sentiu-se enrubescer.

- Nesse aspecto eu estava errado, Hummin. Não encontrei o que esperava encontrar, ou o que queria encontrar. Se eu soubesse que o que havia no aerie era aquilo, não teria me dado o trabalho de ir até lá. Pode considerar o caso como um completo fiasco. - Está bem, Seldon, mas então, o que você esperava encontrar ali? Conte-me tudo, bem direitinho, e não se preocupe em dar detalhes. A viagem vai ser longa, e temos tempo de sobra.

- O caso é que fiquei sabendo que havia robôs com forma humana, e que esses robôs tinham uma vida muito longa; além do mais, talvez um deles ainda estivesse vivo, e poderia estar no aerie. Havia um robô ali, claro, mas era metálico, estava morto, servia meramente como símbolo. Se eu soubesse ...

- Isso mesmo. Se nós soubéssemos, não haveria necessidade de perguntas, ou de pesquisas de qualquer espécie. Mas onde você conseguiu informações sobre esses robôs com forma humana? Já que nenhum mycogeniano discutiria tais assuntos com você, só posso pensar numa fonte. O Livro mycogeniano ... um livro impresso movido a bateria, com texto em Auroriano arcaico e em galáctico contemporâneo. Estou certo?

- Sim.

- Como conseguiu um exemplar?

Seldon fez uma pausa, e murmurou. - É uma história meio embaraçosa.

- Eu não me embaraço com facilidade, Seldon.

Seldon contou todo o episódio, e Hummin permitiu que um sorriso muito contido surgisse em seu rosto. Depois disse:

- Não lhe ocorreu em momento algum que tudo isto poderia ser uma encenação? Nenhuma Irmã faria uma coisa assim, exceto sob ordens e ainda assim não seria facilmente persuadida.

Seldon fechou a cara e disse com aspereza:

- Não era tão óbvio assim. Existem pessoas pervertidas em qualquer lugar. E para você é muito fácil achar graça. Eu não tinha as informações que você tem ... nem eu, nem Dors. Se você não queria que eu caísse nessas armadilhas, devia pelo menos ter me avisado que elas existiam.

- Tem razão, e retiro o que disse. Em todo caso, acho que você não tem mais o Livro.

- Não. Mestre do Sol Catorze me fez devolvê-lo,

- Quanto dele você leu?

- Só uma pequena parte; não tive tempo. É um livro enorme, e posso dizer-lhe uma coisa, Hummin: tremendamente maçante.

- Sei disso, até porque já devo ter lido mais do que você. Não apenas é maçante, é totalmente não-confiável. É uma visão parcial da história; é muito mais uma visão mycogeniana oficial do que algo objetivo e argumentado. Há muitos trechos que são deliberadamente obscuros, de modo que os estrangeiros, mesmo se chegarem a ler o Livro, jamais entenderão por completo o que estão lendo. Por exemplo: o que foi que você leu sobre robôs que despertou seu interesse?

- Já lhe disse. Falam de robôs com forma humana, robôs que não podiam ser diferençados de seres humanos quanto à sua aparência externa.

- Quantos desses robôs existiriam? - perguntou Hummin.

- Não dizem. Pelo menos não vi nenhum trecho em que fossem fornecidos números. Talvez tenha havido apenas uma pequena quantidade, mas um deles, a quem o Livro se refere como Renegado, parece ter tido uma importância negativa, mas não pude perceber qual.

- Você não me falou disso - interveio Dors. - Se tivesse falado eu poderia explicar-lhe que Renegado não é um nome próprio, e sim outro termo arcaico, que significa aproximadamente "traidor" . Esse termo antigo tem uma aura de horror muito mais forte, ao seu redor. De certo modo, um traidor oculta a sua traição, mas um renegado se vangloria dela. .

Hummin disse:

- Essas sutilezas de linguagem antiga eu posso deixar a seu cargo, Dors, mas em todo caso, se o Renegado existiu de fato, e se era um robô com aparência humana, então é claro que como traidor e inimigo não seria preservado justamente no aerie dos Anciãos.

- Eu não sabia o significado desse nome - disse Seldon -, mas, como já disse, fiquei com a impressão de que se tratava de um inimigo. Achei que talvez ele tivesse sido derrotado e preservado como uma recordação do triunfo de Mycogen.

- Havia alguma indicação dessa derrota do Renegado, no Livro? .

- Não, mas talvez estivesse nos trechos que não li...

- É improvável. Qualquer vitória mycogeniana seria alardeada no Livro, de forma inequívoca, e mencionada vezes sem conta.

- Havia ainda outro ponto no Livro, a respeito do Renegado - disse Seldon, com hesitação. - Mas não sei se o entendi bem.

- É como lhe disse - falou Hummin. - Às vezes eles são propositadamente obscuros.

- De qualquer forma, parecem dizer que o Renegado podia de alguma forma drenar emoções humanas ... influenciá-las ...

- Qualquer político pode - retorquiu Hummin, encolhendo os ombros. - Chama-se a isto "carisma" ... quando funciona.

Seldon deu um suspiro.

- Bem, eu queria acreditar, é só isto. Teria dado tudo para encontrar um antigo robô de forma humana que estivesse ainda vivo e que eu pudesse interrogar.

- Para quê?

- Para aprender coisas sobre a sociedade Galáctica primitiva, quando ela ainda consistia em um punhado de planetas. A psico-história poderia ser deduzida com mais facilidade tendo por base um universo assim reduzido.

- E tem certeza de que poderia confiar nessas informações? - perguntou Hummin. - Será que depois de muitos milhares de anos, essas lembranças do robô seriam confiáveis? Quantas distorções não já teriam sofrido?

- Tem razão - disse Dors, de súbito. - Seria equivalente aos registros computadorizados de que lhe falei, Hari. Pouco a pouco essas recordações do robô iriam sendo descartadas, perdidas, iriam se apagando ou sofrendo alterações. Você só poderia retomar até um determinado ponto, e quanto mais voltasse menos confiáveis seriam as informações colhidas ... não importa o que você fizesse.

Hummin concordou. ,

- Já ouvi alguém se referir a isto como "Princípio de Incerteza da Informação".

- Mas não. seria possível - disse Seldon, pensativo - que algumas informações, por motivos muito especiais, fossem preservadas? Alguns trechos do Livro Mycogeniano podem se referir a acontecimentos de há vinte mil anos atrás e ainda assim corresponderem ao que eram originalmente. Quanto mais valorizada e quanto mais cuidadosamente preservada for qualquer informação em particular, mais duradoura e fidedigna ela pode ser.

- A palavra-chave aí é: "qualquer informação em particular".

O que o Livro se interessa em preservar pode não ser o que você queria ver preservado, e o que um robô recorda melhor pode ser o que tem menos importância para você.

Seldon exclamou, em desespero:

- Cada vez que me viro numa direção procurando uma maneira de desenvolver a psico-história, parece que as coisas se combinam de modo a tornar isto impossível. Por que continuar tentando?

- Pode parecer inútil agora - disse Hummin, a voz sem transparecer qualquer

emoção. - Mas, se alguém tiver o talento necessário, pode descobrir um novo caminho, algo que nenhum de nós seria capaz de imaginar agora. Dê um pouco mais de tempo a si mesmo, Seldon. Bem, pelo que vejo estamos nos aproximando de uma área de estacionamento. Vamos fazer uma parada e comer qualquer coisa.

Enquanto mastigavam pastéis de carneiro e fatias de um pão insípido (ainda pior após as iguarias de Mycogen), Seldon disse: - Você parece convencido, Hummin, de que sou eu essa pessoa com o "talento necessário" que mencionou. Mas é bem possível que não seja eu e você sabe disso.

- É verdade - disse Hummin. - Talvez não seja você. No entanto, não conheço no momento nenhum outro candidato a esse posto, de modo que vai continuar sendo você.

Seldon suspirou, dizendo:

- Está bem, vou tentar, mas não tenho mais a mínima esperança. É possível, mas não é praticável, foi o que eu disse desde o mício; e agora estou mais convencido disso do que já estive em qualquer outro momento

TERMOTUBOS

AMARYL, YUGO - ... Um matemático que, juntamente com o próprio Hari Seldon, pode ser considerado como um dos responsáveis pela estruturação da psico-história. Foi ele quem ...

... E no entanto as condições em que passou a primeira parte de sua vida chegam quase a ser mais impressionantes do que seus feitos matemáticos. Nascido na pobreza, no seio das classes baixas de Dahl, um setor da antiga Trantor, ele poderia ter sido relegado a uma vida de total obscuridade se não fosse pelo fato de Seldon, quase por acidente, encontrá-lo no transcurso da ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

61.

O imperador de toda a Galáxia sentia-se desgastado - fisicamente desgastado. Seus lábios doíam devido ao sorriso cortês que ele tinha sido forçado a apresentar a intervalos regulares. Seu pescoço estava rígido por causa das inúmeras vezes que tinha precisado inclinar a cabeça para um lado ou para o outro, fingindo interesse. Seus ouvidos zumbiam pelo muito que tinham sido forçados a escutar. Todo o seu corpo se ressentia da quantidade de vezes que tinha sido obrigado a levantar, a sentar-se, a virar-se, a estender a mão, a assentir com a cabeça.

Tinha sido apenas uma cerimônia rotineira da corte, onde ele tinha encontrado prefeitos e vice-reis e ministros e suas esposas ou maridos, de mil e um lugares em Trantor e (ainda pior) de mil e um lugares da Galáxia. Havia quase mil pessoas presentes, envergando trajes que iam do sofisticado ao simplesmente grotesco; e Cleon tivera que escutar uma babei de sotaques que não se atenuavam nem um pouco quando o seu interlocutor se esforçava para imitar a pronúncia do Padrão Galáctico conforme ensinado na Universidade Galáctica. Pior que tudo, o imperador evitara o tempo inteiro fazer qualquer comentário substancial sobre qualquer assunto, ao mesmo tempo em que usava e abusava de palavras destituídas de substância.

Tudo tinha sido gravado, som e imagem, com a maior discrição ... e Eto Demerzel recorreria a essas gravações para ver se Cleon, Primeiro deste Nome,

tinha-se comportado bem ... ou pelo menos era assim que o imperador colocava a questão para si próprio. Demerzel diria com certeza que estava apenas recolhendo dados para avaliar qualquer auto-revelação involuntária da parte de alguns dos convidados; e era possível que fosse verdade.

Um homem de sorte, Demerzel.

O imperador não podia deixar o Palácio e seus imensos jardins, enquanto que Demerzel poderia percorrer toda a Galáxia, se o desejasse. O imperador estava sempre em evidência, sempre acessível, sempre forçado a lidar com visitantes, desde os mais ilustres até os que não passavam de importunos. Demerzel permanecia anônimo, e nunca se permitia ser visto no interior do Palácio. Continuava a ser apenas um nome que inspirava medo, uma presença invisível e por isso mesmo mais ameaçadora.

O imperador era o agente interno, com todos os atavios e todas as mordomias do poder. Demerzel era o agente externo, sem nada que o fizesse ficar em evidência, nem mesmo um título formal - mas com sua mente e seus dedos tateando por toda parte, e sem exigir para seus infatigáveis esforços nenhuma recompensa a não ser aquela única - o exercício real do poder.

O imperador sentia um prazer macabro em considerar que a qualquer momento, sem aviso, com uma desculpa pré-fabricada ou mesmo sem desculpa alguma, ele poderia prender Demerzel, encarcerá-la, bani-lo, torturá-lo, executá-lo. Afinal de contas, em todos aqueles insuportáveis anos de inquietação constante, um imperador podia enfrentar dificuldades para fazer valer sua vontade em inúmeros planetas do Império, ou até mesmo em vários setores de Trantor - com sua corja de executivos e juristas locais, com quem ele tinha de lidar através de um labirinto de decretos, protocolos, termos de compromisso, tratados, e um emaranhado de documentos de direito interestelar, todos interligados e dependendo uns dos outros - mas pelo menos seus poderes permaneciam absolutos no que se referia ao Palácio Imperial e seus domínios.

E, no entanto, Cleon sabia que esses seus sonhos de poder eram inúteis. Demerzel tinha servido a seu pai, e Cleon era incapaz de recordar um tempo em que ele não tivesse recorrido a Demerzel para tudo. Era Demerzel quem tinha todas as informações, todas as estratégias, todos os instrumentos. Mais do que isso: quando alguma coisa saía errada, era Demerzel quem levava a culpa. O imperador permanecia acima das críticas, e nada tinha a temer - exceto, claro, os golpes palacianos, e a morte violenta à mão daqueles que lhe eram mais próximos e de mais confiança. Era para evitar isto, acima de tudo, que ele dependia de Demerzel.

Cleon sentia um leve tremor toda vez que pensava no que faria sem Demerzel. No passado, alguns imperadores tinham governado pessoalmente, secundados por chefes do Estado Maior destituídos de talento, e que tinham propositalmente mantido esse posto ocupado por incompetentes; e tinham se dado bem, até um certo ponto.

Mas para Cleon isto era impossível. Ele precisava de Demerzel. De fato, agora que a idéia de um assassinato lhe tinha ocorrido (e, dada a história recente do

Império, era inevitável que essa idéia lhe ocorresse) ele podia ver que não tinha como se desfazer de Demerzel. Por mais hábeis que pudessem ser suas manobras, Demerzel (ele tinha certeza disso) iria se antecipar a elas, saberia com antecedência o que estava para ser feito e, com sua incomparável destreza, desfecharia um golpe de Estado. Cleon estaria morto antes que pudesse pôr Demerzel nas correntes, e seu lugar seria ocupado por outro imperador a quem Demerzel iria servir ... e dominar.

Ou iria Demerzel se cansar deste jogo, e proclamar-se imperador a si próprio?

Nunca! O hábito do anonimato era forte demais. Se Demerzel se expusesse ao mundo, então seus poderes, sua sabedoria, sua sorte (fosse lá o que fosse) o abandonariam. Cleon tinha certeza disso; era algo fora de discussão.

Portanto, enquanto ele se comportasse bem, estaria em segurança. Sem ambições próprias, Demerzel o serviria com fidelidade.

E agora ali estava Demerzel diante dele, vestido de modo tão simples e sóbrio que Cleon sentiu-se desconfortavelmente cônscio da excessiva ornamentação de suas vestes de cerimônia, que tinha acabado de despir com a ajuda de dois criados de quarto. Naturalmente, Demerzel não surgira diante dele senão quando estava finalmente a sós e em trajes mais à vontade.

- Demerzel - disse o imperador de toda a Galáxia -, estou exausto.

- Cerimônias oficiais são cansativas, Sire - murmurou Demerzel.

- E por isso tenho que comparecer a elas todas ás noites?

- Não são todas as noites; mas são essenciais. É gratificante para as pessoas encontrarem o imperador pessoalmente, e merecerem a sua atenção. Ajuda o Império a correr mais macio sobre os trilhos.

- Antigamente, quem fazia o Império correr sobre os trilhos era o poder - disse Cleon, taciturno. - Hoje é um sorriso, é um aceno com a mão, uma palavra cochichada a um ouvido, uma medalha no peito, uma placa comemorativa.

- Se isso ajudar a manter a paz, Sire, então há muito que dizer em seu favor. E o reino de Vossa Majestade tem sido bem-sucedido.

- Você sabe por quê ... porque tenho você comigo. O meu único talento efetivo é ser capaz de perceber a sua importância. - O imperador lançou uma olhadela astuta a Demerzel. - Meu filho, por exemplo, não precisa ser meu herdeiro. Não é um garoto talentoso ... por que não fazer você meu herdeiro?

Demerzel respondeu com uma voz gélida:

- Isso é impensável, Sire. Eu não usurparia o trono que tem um legítimo herdeiro. Além disso, se desagradei a Vossa Majestade, imploro uma punição justa. Estou certo de que nenhum erro que eu tenha cometido merece a punição de me tornar imperador.

Cleon deu uma risada.

- Essa é uma boa avaliação do que seja um trono real, Demerzel, e por causa dela eu descarto a idéia de puni-lo. Vamos, vamos, conversemos sobre outros assuntos. Gostaria de dormir agora, mas não estou ainda pronto para os rituais com que eles me levam para a cama ... Vamos conversar.

- Sobre o quê, Sire?

- Sobre qualquer coisa ... Por exemplo, aquele matemático e sua psico-história. Penso nele de vez em quando. Hoje à noite, durante o jantar, estive pensando nele. Imaginei se uma análise psico-histórica seria capaz de prefigurar um método que tornasse possível ser imperador sem se submeter a essas intermináveis cerimônias.

- Arrisco-me a supor, Sire, que nem mesmo o psico-historiador mais hábil seria capaz disso.

- Bom, conte-me então as últimas notícias. Ele ainda está escondido entre aqueles carecas excêntricos de Mycogen? Você me prometeu que o arrancaria dali.

De fato, Sire, e fiz uma tentativa, mas lamento dizer que falhei.

Falhou? - O imperador permitiu-se franzir visivelmente a testa. - Demerzel, isto não me agrada.

- Nem a mim, Sire. Meu plano era levar o matemático a cometer alguma ação sacrílega ... uma coisa nada difícil em Mycogen, principalmente para um estrangeiro; mas algo que lhe acarretasse uma severa punição. O matemático seria forçado a apelar para a autoridade do Império, e nós o teríamos nas mãos. Providenciei isto ao preço de algumas concessões de nossa parte, concessões insignificantes para o Império mas muito importantes para Mycogen; a minha intenção era a de não nos envolver em momento algum na marcha dos acontecimentos. Tudo tinha que ser feito de modo indireto.

- Não duvido - disse Cleon -, mas o fato é que não deu certo. Imagino que o prefeito de Mycogen ...

- Lá ele é chamado de Grande Ancião, Sire.

- Pouco estou ligando para títulos. O Ancião recusou?

- Pelo contrário, Sire, ele ficou de acordo, e o matemático, Seldon, caiu na armadilha.

- E então?

- Deixaram-no fugir.

- Por quê? - exclamou Cleon, indignado.

- Quanto a isto não estou certo, Sire, mas suponho que alguém se antecipou a nós.

- Mas quem? O prefeito de Wye?

- É possível, Sire, mas tenho minhas dúvidas. Tenho Wye sob vigilância permanente. Se eles estivessem de posse do matemático eu já o saberia.

A essa altura o imperador não estava apenas de testa franzida, estava francamente enraivecido.

- Isto é mau, Demerzel, muito mau! Isto me desagrada profundamente! Um fracasso deste tipo me faz imaginar se você ainda é o mesmo homem que já foi um dia. Que medidas vamos tomar contra Mycogen por essa rebeldia contra o Império?

Demerzel curvou a cabeça diante da tempestade imperial, mas quando a re-ergueu sua voz permanecia fria e inalterada.

- Seria um erro castigar Mycogen agora, Sire. A agitação que se seguiria a essa

medida acabaria sendo favorável a Wye.
- Mas alguma coisa tem que ser feita.
- Talvez não. Sire. A situação não é tão má quanto parece.
- Como "não é tão má"?
- Vossa Majestade deve estar lembrado de que o matemático considerava sua psico-história algo impraticável.
- Claro que me lembro, mas que diferença faz? Quero dizer, para os nosso planos? ..
- Talvez nenhuma, mas se ela acabasse se tornando algo prático, Sire, poderia servir aos nossos planos de uma maneira infinitamente melhor. E de acordo com o que pude descobrir, o matemático está atualmente tentando trabalhar a sério em sua psico-história. O sacrilégio que cometeu em Mycogen foi, pelo que pude entender, parte de uma tentativa de resolver uma questão psico-histórica qualquer. Neste caso, Sire, será mais lucrativo para nós deixá-lo livre. Ele nos será muito mais útil quando tiver alcançado seus objetivos, ou quando estiver prestes a fazê-lo.
- E se Wye o apanhar primeiro?
- Cuidarei para que tal não aconteça.
- Com a mesma eficiência com que o trouxe de Mycogen para cá? ..
- Não falharei desta vez, Sire - replicou Demerzel com frieza.
- É melhor não falhar, Demerzel - disse o imperador. - Não tolerarei nenhum outro equívoco neste caso. - E, com voz rabugenta, acrescentou: - Pelo que vejo não vou dormir hoje à noite.

62.

Jirad Tisalver, do Setor Dahl, era um homem pequeno. O topo de seu crânio chegava apenas à altura do nariz de Hari Seldon. Isso não parecia incomodá-lo, no entanto. Tinha feições regulares e agradáveis, era um homem sorridente, com um espesso bigode negro e cabelos também negros e encaracolados.

Morava, com sua esposa e uma filha quase adolescente, num apartamento com sete pequenos quartos, imaculadamente limpo, mas quase desprovido de mobiliário.

Ele dizia:

- Peço desculpas, Sr. Seldon, Sra. Venabili, se não lhes posso dispensar o conforto a que devem estar acostumados, mas Dahl é um setor pobre, e não sou um de seus habitantes mais abastados. - Mais uma razão - disse Seldon - para pedirmos desculpas pelo transtorno causado por nossa presença aqui.
- Nenhum transtorno, Sr. Seldon. O Sr. Hummin nos pagou generosamente

pelo uso de nossos humildes aposentos, e esses créditos seriam bem-vindos ainda que sua presença não fosse ... e ela certamente o é.

Isso recordou a Seldon as palavras de despedida de Hummin, antes de deixar o Setor Dahl.

- Seldon - dissera ele -, este é o terceiro lugar que consigo para lhe servir de refúgio. Os dois primeiros eram setores notoriamente fora do alcance do Império, e isso talvez tenha servido para atrair atenções, uma vez que eram esconderijos previsíveis. Este aqui é diferente. É um setor pobre, sem nada de especial, e, para ser sincero, até certo ponto pouco seguro. Não é o tipo de lugar onde você buscaria refúgio, de modo que o imperador e seu chefe de Estado Maior talvez não voltem os olhos nesta direção. Seria demais pedir-lhe que, desta vez, procurasse ficar livre de complicações?

- Vou tentar, Hummin - disse Seldon, um pouco ofendido.

- Mas, por favor, procure lembrar que não procuro complicações . Estou apenas tentando aprender coisas que talvez demandem trinta vezes a duração de uma vida humana, e tudo isto para que possa ter uma mínima chance de estruturar a psico-história.

- Entendo muito bem - disse Hummin. - Esse seu aprendizado o levou até a Superfície em Streeling, depois até o aerie em Mycogen, e aqui em Dahl vai levá-lo sei lá aonde. Quanto a você, Dra. Venabili, sei que tem procurado cuidar de Seldon, mas precisa se esforçar um pouco mais. Meta na sua cabeça que ele é a pessoa mais importante em Trantor, ou mesmo em toda a Galáxia, e que deve ser mantido em segurança a qualquer custo.

- Continuarei a fazer o melhor possível - respondeu Dors muito empertigada.

- Quanto à família que vai hospedá-los, eles têm lá suas excentricidades, mas são basicamente boas pessoas, que já conheço há algum tempo. Procurem não metê-los em confusão.

Mas Tisalver, pelo menos, não parecia esperar nenhum problema da parte de seus novos inquilinos, e sua atitude efusiva diante da presença dos dois em sua casa parecia, mesmo descontando-se o aluguel que iria receber, bastante sincera

Ele nunca tinha deixado os limites do Setor Dahl, e seu apetite por histórias de lugares distantes parecia insaciável. Sua mulher, também, escutava tudo com um sorriso no rosto, e cheia de reverências e cortesias; e a filha, com um dedo na boca, espiava tudo com um olho, pela fresta da porta.

Isso se dava em geral após o Jantar, quando a família inteira se reunia na expectativa de ouvir os relatos de Seldon e Dors sobre o mundo exterior. A comida era abundante mas insípida, e às vezes difícil de mastigar, mas, mesmo depois da saborosa culinária de Mycogen, não chegava a ser intragável. A "mesa" era uma longa prateleira fixada ao longo da parede, e comiam-se as refeições em pé

Um cauteloso interrogatório levado a efeito por Seldon foi revelando aos poucos que esses eram os hábitos dos dahlitas como um todo, e que não eram devidos a penúria econômica. Naturalmente (explicou a Sra. Tisalver) havia altos executivos do governo, em Dahl, propensos a certo tipo de ostentação, como o

uso de cadeiras (ela as chamava de "bancos corporais"): mas isso era visto com desdém pelos membros da sólida classe média.

Embora prontos a desaprovar tais luxos desnecessários, os Tisalvers não se cansavam de ouvir falar a respeito deles, e estalavam a língua, deliciados, diante de referências a colchões de dormir colocados sobre um estrado suspenso, arcas e armários ricamente trabalhados, e a inesgotável variedade de pratos e talheres usados à mesa.

Também ouviam com atenção as referências aos hábitos culturais de Mycogen, enquanto Jirad Tisalver alisava com orgulho O próprio cabelo, deixando patente que breve aceitaria tanto uma depilação quanto uma emasculação. A Sra. Tisalver ficava furiosa à menor menção de subserviência feminina, e recusou-se terminantemente a crer que as Irmãs aceitassem tal coisa sem protestar.

A que lhes causou maior comoção, no entanto, foi a referência casual feita por Seldon sobre os domínios do Palácio Imperial. Quando, após uma ou duas perguntas, ficou claro que Seldon tinha pisado o solo do Palácio e falado pessoalmente com o imperador, uma espécie de pavor e reverência pareceram dominar a família inteira. Demorou um certo tempo até que se sentissem em condições de fazer perguntas, mas quando isso aconteceu Seldon constatou que dificilmente poderia satisfazer sua curiosidade; afinal de contas, ele tinha visto muito pouco do Setor Imperial, e menos ainda do interior do Palácio.

Uma tal resposta desapontou os Tisalvers, mas eles foram incansáveis e tentaram extrair de Seldon o máximo possível. Quando este terminou de narrar sua aventura palaciana, um novo espanto assaltou os Tisalvers ao constatarem que Dors, por seu lado, jamais tinha posto os pés no Palácio. Mais do que tudo eles rejeitaram o comentário casual de Seldon de que o imperador agia e falava como qualquer ser humano comum. Tal coisa parecia inconcebível para os Tisalvers.

Depois de três noites semelhantes, Seldon começou a ficar indócil. De início ele tinha visto com simpatia a perspectiva de não fazer nada (pelo menos durante o dia) a não ser ver alguns filmes-livros de História recomendados por Dors. Durante o dia, os Tisalvers colocaram seu visor de livros à disposição dos hóspedes, sem relutância, embora a garota parecesse descontente com isso e tivesse que ser mandada para o apartamento vizinho para fazer seus deveres de casa.

- Não adianta - disse Seldon, inquieto, andando pelo interior do quarto, depois de colocar um pouco de música para dificultar qualquer tentativa de escuta. - Entendo a sua fascinação pela História, mas para mim não passa de uma interminável coleção de detalhes; uma montanha, ou melhor, uma galáxia de dados na qual não consigo enxergar qualquer organização básica.

- Atrevo-me a dizer - disse Dors - que deve ter havido um tempo em que os seres humanos não viam nenhuma organização básica nas estrelas do céu, mas o fato é que acabaram descobrindo a estrutura da Galáxia.

- E eu estou certo de que isso levou o tempo de muitas gerações, e não umas

poucas semanas. Também deve ter havido um tempo em que a física parecia ser apenas uma massa informe de observações não relacionadas, até que as leis básicas fossem descobertas ... e isso deve ter levado gerações. Mas ... o que me diz dos Tisalvers?

O que há com eles? São simpáticos. - São muito curiosos.

- Claro que são. Você não seria, estando no lugar deles?

- Mas será apenas curiosidade? Parecem ter um interesse insaciável no meu encontro com o imperador.

Dors parecia impaciente.

- Justamente. É natural. Você não ficaria interessado, se as posições estivessem invertidas?

- Eles me deixam nervoso.

- Foi Hummin que nos trouxe para cá.

- Sim, mas ele não é infalível. Ele me levou para a Universidade, e eu acabei sendo atraído até a Superfície. Ele nos entregou a Mestre do Sol Catorze, que nos jogou numa armadilha, você sabe disso. Gato escaldado tem medo de água fria. Só sei que estou cansado de responder perguntas.

- Então inverta a situação, Hari. Não está interessado em Dahl?

- Claro que estou. Para começar, então: o que você sabe sobre este setor?

- Nada. É apenas mais um entre oitocentos setores diferentes, e só estou em Trantor há dois anos.

- Justamente. E há 25 milhões de planetas, e eu só estou trabalhando neste problema há pouco mais de dois meses. Quer saber de uma coisa? Estou pensando em voltar para Helicon e retomar meus estudos sobre a matemática da turbulência, que foi o tema de minha tese de doutorado, e esquecer que um belo dia tive a idéia de que a turbulência física podia ter alguma relação com as sociedades humanas.

Naquela mesma noite, entretanto, Seldon disse a Tisalver: - Sabe, Sr. Tisalver, ainda não sei o que faz, qual a natureza do seu trabalho.

- Eu? - Tisalver tocou com a ponta dos dedos no peito, coberto por uma simples camiseta branca com mangas, que parecia ser a vestimenta oficial masculina em Dahl. - Nada demais. Trabalho na estação de holovisão local, sou programador. É monótono, mas dá para viver.

- E é respeitável - disse a Sra. Tisalver. - Quer dizer, ele não tem que trabalhar nos termo-tubos

- Termo-tubos? - perguntou Dors, erguendo uma das sobrancelhas e tentando parecer interessadíssima .

- Oh, claro - disse Tisalver. - São a parte mais famosa de Dahl. Não são grande coisa, mas quarenta bilhões de pessoas em Trantor precisam de energia, e nós fornecemos boa parte dela. O resto do planeta não nos aprecia muito, mas gostaria de ver alguns desses setores mais sofisticados sendo forçados a fazer o que fazemos.

Seldon parecia meio confuso.

- Pensei que Trantor extraísse sua energia de estações orbitais que acumulam

energia solar.

- Em parte, sim - concordou Tisalver. - Em parte, também, de estações de fusão nuclear instaladas nas ilhas; e motores de micro-fusão, e estações eólias montadas na Superfície ... Mas metade - ele ergueu um dos dedos para dar ênfase, e seu rosto estava mais sério do que de costume -, metade vem dos termo-tubos Existem termo-tubos em muitas partes do planeta, mas em nenhum lugar se comparam aos de Dahl. Está falando sério quando diz que não sabia dos termo-tubos? Olhe bem para mim.

Dors interveio rapidamente:

- Sabe que somos estrangeiros, Sr. Tisalver. - Ela quase chegou a dizer "gente da tribo", mas corrigiu-se a tempo.- Especialmente o Dr. Seldon. Ele está em Trantor há apenas uns dois meses.

- É mesmo? - disse a Sra. Tisalver. Ela era um pouco menor do que o marido, cheia de corpo sem chegar a ser gorda, tinha os cabelos negros presos atrás num coque, e possuía belos olhos escuros. Como o marido, aparentava trinta e poucos anos.

(Depois de um período não muito longo, mas movimentado, numa sociedade como a de Mycogen, Dors ainda se surpreendia um pouco ao ver uma mulher interferir na conversa quando lhe dava vontade. Como nos acostumamos rapidamente a todo tipo de hábitos e valores, pensou ela; e fez uma anotação mental para lembrar isso a Seldon depois, como mais um item útil para a psico-história.)

- Oh, sim - respondeu. - O Dr. Seldon é de Helicon. A Sra. Tisalver exprimiu uma educada ignorância:

- E onde fica esse lugar?

- Ora, bem ... - Dors virou-se para Seldon. - Onde é que fica, Hari?

Seldon pareceu desconcertado.

- Para ser sincero, não sei se conseguiria localizá-l o num modelo galáctico, sem olhar as coordenadas primeiro: Tudo o que sei é que, em relação a Trantor, fica do outro lado do buraco negro ao centro da galáxia, e chegar até lá de hiper-nave é algo meio trabalhoso.

A Sra. Tisalver suspirou:

- Não creio que Jirad e eu cheguemos a viajar de hiper-nave algum dia.

- Claro que viajaremos, Casilia, um dia ... - O Sr. Tisalver, jovial, voltou-se para Seldon. - Mas conte-nos mais alguma coisa sobre Helicon, Sr. Seldon.

Seldon abanou a cabeça.

- Não sei como fazê-lo. Para mim é apenas um planeta como qualquer outro. Somente Trantor é diferente do resto. Não existem termo-tubos em Helicon, ou provavelmente em qualquer outro mundo a não ser em Trantor. Fale-me a respeito deles.

("Somente Trantor é diferente do resto". A frase ficou ecoando na mente de Seldon e durante alguns instantes ele concentrou-se nela; por algum motivo, veio-lhe à mente a história da mão sobre a coxa narrada por Dors, mas Tisalver estava falando, e tudo isso sumiu da mente de Seldon tão depressa quanto

surgira.)

Tisalver estava dizendo:

- Se quer mesmo saber sobre os termo-tubos, posso mostrar-lhe. - Virou-se para sua esposa. - Casilia, você se incomodaria se amanhã à noite eu levasse o Sr. Seldon para conhecer os termo-tubos?

- E eu - disse Dors, rapidamente.

- E a Sra. Venabili? ...

A Sra. Tisalver fechou a cara e disse em voz seca:

- Não creio que seja uma boa idéia. Nossos visitantes vão ficar aborrecidos.

- Não creio, Sra. Tisalver - disse Seldon, com seu melhor sorriso. - Gostaríamos muito de conhecer os termo-tubos E ficaríamos satisfeitos se se juntasse a nós ... bem como a sua filha, se ela também quiser vir.

- Para os termo-tubos?! - A Sra. Tisalver empertigou-se. - Não é lugar para uma mulher decente.

Seldon ficou desconcertado com a própria gafe, e disse: - Desculpe ... não quis ofendê-la.

- Não houve ofensa - acudiu Tisalver. - Casilia considera que é um ambiente indigno de nós, e de fato o é, mas uma vez que não trabalho ali não é nenhuma desonra fazer uma simples visita para mostrar o local aos nossos hóspedes. É um lugar desconfortável, no entanto, e eu jamais convenceria Casilia a usar o traje apropriado.

Com isto todos se ergueram, encerrando a conversa. As "cadeiras" dahlitas eram meros assentos moldados em plástico e instalados sobre pequenas rodas; os joelhos de Seldon sentiam-se terrivelmente incômodos naquela posição enrodilhada, e o assento parecia oscilar ao menor movimento do corpo. Os Tisalvers, no entanto, sentavam-se ali com firmeza e erguiam-se sem nem sequer apoiar-se nas mãos, o que para Seldon era uma façanha impossível. Dors também sentava e erguia-se dali sem dificuldade, e Seldon mais uma vez se maravilhou diante da graciosidade de seus movimentos.

Antes de irem para seus respectivos quartos, Seldon disse a Dors: - Tem certeza de que não sabe nada a respeito dos termotubos? Pela reação da Sra. Tisalver não parece ser um lugar muito agradável.

- Não pode ser algo tão desagradável assim, ou Tisalver não teria sugerido mostrá-los a nós. Vamos esperar para ver.

63.

- Vão precisar de uma roupa adequada - avisou Tisalver, enquanto a Sra. Tisalver fungava audivelmente, um pouco atrás.

Pela mente de Seldon passou a rápida visão de um kirtle, e ele indagou, inquieto:

- O que quer dizer com isto?

- Algo leve, como estou usando. Uma camiseta com mangas, calças largas, roupa de baixo leve, meias, sandálias abertas. Posso conseguir tudo isso para vocês.

- Ah, ótimo. Parece tudo em ordem.

- A Sra. Venabili, claro, usará a mesma coisa. Espero que lhe fique "bem”.

As roupas que Tisalver entregou aos dois, e que eram dele próprio, ficaram um pouco justas, mas no geral serviram. Quando estavam todos prontos, despediram-se da Sra. Tisalver e ela, com um ar reprovativo mas resignado, ficou à porta vendo-os se afastarem.

Era o final da tarde, e o céu estava tomado por um agradável brilho crepuscular. Dentro em pouco as luzes de Dahl seriam acesas; a temperatura era amena, e quase não havia veículos à vista: todas as pessoas se deslocavam a pé. À distância podia-se escutar o onipresente zumbido de um expressway; e de vez em quando vislumbrava-se o cintilar das suas luzes.

Seldon notou que os dahlitas não pareciam estar andando em nenhuma direção especial; davam a impressão de estar apenas passeando sem destino, apenas pelo prazer de andar a pé. Se Dahl era de fato um setor pobre, as diversões gratuitas deviam ter ali um significado especial; e o que podia ser mais agradável, e mais gratuito, do que um passeio a pé durante o entardecer?

Pouco a pouco Seldon sentiu que seu passo começava a se harmonizar ao ritmo descontraído de todos, e detectou uma aura de cordialidade a envolver seu grupo. As pessoas se cumprimentavam umas às outras ao se cruzar, e trocavam algumas frases amistosas. Bigodes negros de diferentes formas e espessuras surgiam por toda parte, e pareciam uma marca registrada dos dahlitas, algo tão disseminado quanto os crânios calvos dos Irmãos mycogenianos.

Era um ritual de começo de noite, no qual todos se asseguravam de que mais um dia tinha transcorrido em paz, e que os amigos de cada um continuavam satisfeitos e tranquilos E (algo que logo se tornou evidente) Dors atraía todos os olhares. No brilho incerto do crepúsculo, seu cabelo avermelhado parecia mais escuro do que o normal, mas ainda assim se destacava dentro daquele oceano de cabeleiras negras (exceto por uma ou outra de tom mais grisalho), como uma moeda de ouro a cintilar num monte de carvão.

- Que coisa agradável - comentou Seldon.

- E é - disse Tisalver. - Num dia normal, eu estaria fazendo este passeio com a minha esposa, e ela estaria em seu elemento. Não há ninguém no raio de um quilômetro que ela não conheça pelo nome, e não saiba seu trabalho, sua vida. Eu não sou assim. Agora mesmo, metade dessas pessoas que estou cumprimentando ... eu não poderia lhe dizer como se chamam. Mas, em todo caso, não vamos continuar andando por muito mais tempo. Temos que pegar um elevador. O mundo lá embaixo está em plena atividade.

Iam descendo pelo elevador quando Dors disse:

- Presumo, Sr. Tisalver, que os termo-tubos são lugares onde o calor interno de Trantor é usado para produzir vapor que faz girar as turbinas geradoras de eletricidade.

- Oh, não. Existem pilhas térmicas altamente eficientes que produzem eletricidade de modo direto. Não me peça detalhes, por favor. Sou apenas um programador de holovisão. E também não os peça às pessoas lá embaixo. Esta coisa toda é como uma espécie de enorme caixa preta ... funciona, mas ninguém sabe como.

- E se algo sai errado?

- Raramente acontece, mas quando acontece é chamado um especialista em alguma parte. Alguém que entenda de computadores. A coisa toda é altamente computadorizada, claro.

O elevador parou e eles saíram. Uma onda de calor os envolveu. - Está quente - disse Seldon, desnecessariamente.

- Sim - disse Tisalver. - É isto que torna Dahl tão importante como fonte de energia. Aqui, a camada de magma está mais próxima da superfície do que em qualquer outro ponto de Trantor. Temos que trabalhar com esta temperatura.

- E quanto a ar condicionado? - perguntou Dors.

- Existe, mas é uma questão de custo. Nós ventilamos, desumidificamos e refrescamos o ar, mas se formos longe demais isso vai requerer muita energia, e o processo todo começa a ficar excessivamente caro.

Tisalver parou diante de uma porta e marcou um código. A porta se abriu, deixando escapar uma lufada de ar fresco, e ele murmurou:

- Precisamos pedir a alguém que nos mostre o local, e que mantenha sob controle as piadas de que a Sra. Venabili pode vir a ser vítima ... pelo menos por parte dos homens.

- Não ligo para piadas - disse Dors.

- Eu ligo - replicou Tisalver.

Um indivíduo jovem saiu de um escritório e se apresentou como Hano Lindor. Era muito parecido com Tisalver, mas Seldon achou que enquanto não se acostumasse a ver pessoas baixas, morenas, com cabelos negros e fartos bigodes, não poderia distinguir com facilidade um indivíduo de outro.

Lindor disse:

- Terei muito prazer em mostrar-lhes o que for possível. Mas devo avisar que não é um espetáculo como podem estar pensando. - Seus olhos estavam fitos em Dors. - Não vai ser muito confortável. Acho melhor tirarmos as camisas.

- Aqui dentro está agradável - disse Seldon.

- Sim, mas só aqui dentro. Somos executivos e temos os nossos privilégios. Mas não podemos manter este nível de temperatura em toda parte; é por isso que os térmicos, ou seja, os trabalhadores, ganham um salário maior que o meu; ganham, para ser exato, os melhores salários de Dahl, e esta é a única razão pela qual conseguimos gente para trabalhar aqui. Ainda assim, é difícil conseguir térmicos para suprir a demanda. - Inspirou profundamente e disse: - OK, vamos mergulhar na panela.

Arrancou a camisa e a prendeu ao cinto; Tisalver e Seldon fizeram o mesmo.
Lindor olhou para Dors e disse: - Para seu próprio bem-estar, senhora ... mas não é obrigatório.
Tudo bem - disse Dors, e tirou a camisa.
Seu sutiã era branco, sem acolchoado, com cavas bem pronunciadas.
- Senhora ... - disse Lindor -, isto não é ... - Parou um instante, depois encolheu os ombros e disse: - Está bem, vamos.
Nos primeiros minutos, a única coisa que Seldon conseguiu perceber foram computadores e maquinaria, condutos gigantescos, luzes que piscavam, e telas iluminadas.
A luminosidade geral do ambiente era bastante reduzida, se bem que alguns pontos específicos da maquinaria estavam bem iluminados. Seldon olhou lá para o alto, na semipenumbra.
- Por que é tão escuro? - perguntou.
- Há luz suficiente ... onde é necessário - disse Lindor. Ele tinha uma voz bem modulada, e falava com rapidez, num tom severo. - A luminosidade ambiente é reduzida por razões psicológicas. A mente humana tem uma tendência a associar "mais luz" a "maior calor". Quando aumentamos as luzes os térmicos se queixam de que o local ficou mais quente, mesmo quando fazemos a compensação para manter a temperatura estável.
Dors falou:
- Parece que tudo é muito bem servido de computadores. Estou pensando por que todas as operações, então, não são deixadas a cargo dos computadores. Um ambiente como este é muito mais adequado à inteligência artificial do que à presença humana.
- Tem toda razão - disse Lindor -, mas não podemos nos arriscar a qualquer tipo de falha. Precisamos de pessoas por perto, para o caso de algo não estar correndo bem. Um defeito num computador pode causar problemas até a dois quilômetros de distância.
- O mesmo se dá quanto a um erro humano, não? - perguntou Seldon.
- Oh, sim, mas usando pessoas e computadores, o erro do computador pode ser localizado mais facilmente e corrigido por pessoas, e, simetricamente, o erro humano pode ser corrigido pelos computadores. O resultado disso é que nada de sério pode ocorrer a menos que computadores e técnicos falhem ao mesmo tempo, o que é uma possibilidade muitíssimo mais remota.
- Remota, mas sempre existe, não? - disse Seldon.
- Quase nunca sucede algo assim, mas acontece. Os computadores não são mais como antigamente ... nem as pessoas. - Todo mundo diz isso - disse Seldon, sorrindo.
- Não, não ... Não estou recordando os bons tempos do passado. É fato. São estatísticas.
Seldon mais uma vez lembrou-se de Hummin e de sua teoria sobre a decadência do Império.
- Vê o que eu digo? - disse Lindor, abaixando a voz. - Lá está um grupo de

térmicos ... do nível C-3, pelo que posso ver. Estão bebendo. Nenhum deles está em seu posto.

- Bebendo o quê? - perguntou Dors.

- Um líquido para repor as perdas eletrolíticas. Suco de frutas.

- Será que pode culpá-los? - disse Dors, indignada. - Num calor seco como este, é preciso beber algo.

- Faz idéia de por quanto tempo um C-3 veterano pode fazer render um copo de suco antes de retomar ao trabalho? E não há nada que possamos fazer quanto a isto, também. Se lhes dermos um intervalo de cinco minutos para beber esse copo e impedirmos que se reúnem em grupos para bater papo, estaremos detonando uma rebelião.

Estavam se aproximando do grupo de térmicos. Eram homens e mulheres (Dahl parecia ser uma sociedade anfissexual, com oportunidades iguais para todos), e estavam todos sem camisa. As mulheres usavam peças que podiam ser chamadas de sutiã, mas que eram estritamente funcionais: erguiam os seios para ajudar a ventilação do torso e diminuir a transpiração, mas não cobriam nada.

Dors sussurrou para Seldon:

- Muito prático isso, Hari. Eu estou encharcada.

- Tire seu sutiã, então - disse ele. - Não erguerei um dedo para impedi-la.

- Por alguma razão - disse ela -, achei que sua resposta seria esta. - Mas deixou o sutiã onde estava.

Pararam ao lado do grupo, que devia ter uma dúzia de térmicos. Dors voltou a falar baixinho:

- Se fizerem alguma piada, posso garantir que sobreviverei a isto.

Lindor, que a escutou, disse:

- Obrigado. Não posso garantir que não o farão. Em todo caso, é melhor que eu os apresente. Se eles pensarem que vocês são inspetores e que eu os estou acompanhando, podem ficar intratáveis. Os inspetores geralmente circulam por aqui sozinhos, sem ninguém da administração para vigiá-los. - Ergueu os braços pedindo atenção. - Térmicos! Quero apresentar-lhes duas pessoas. Temos dois visitantes estrangeiros ... dois pesquisadores, que vieram de outros mundos do Império. Eles vêm de planetas que têm problemas com a produção de energia, e vieram até aqui para ver como resolvemos esses problemas em Dahl. Eles creem que podem aprender alguma coisa.

- Vão aprender a suar ... - gritou um dos térmicos, e houve uma gargalhada rouca da parte do grupo.

- Ela vai acabar derretendo - exclamou uma das mulheres - coberta desse jeito.

Dors retrucou:

- Posso tirá-lo ... mas os meus não são páreo para os seus.

- A gargalhada dos térmicos recrudesceu, agora num tom de aprovação.

Mas um dos homens, ainda jovem, deu um passo à frente, fitando Seldon com olhos profundos; seu rosto era uma máscara de onde estava ausente qualquer

intenção de riso. Ele disse:

- Eu conheço você. Você é o matemático.

Adiantou-se mais, examinando o rosto de Seldon com um olhar ansioso e taciturno. Automaticamente, Dors deu um passo adiante, postando-se à frente de Seldon, e Lindor por sua vez colocou-se à frente dela, exclamando:

- Para trás, térmico! Veja como se comporta. Seldon o interrompeu:

- Espere aí! Deixem-no falar comigo. Por que será que todo mundo quer se postar à minha frente?!

Lindor abaixou a voz:

- Se eles se aproximarem, vai ver que eles não cheiram propriamente como flores de estufa.

- Posso agüentar - replicou Seldon bruscamente. - Você, rapaz. O que deseja?

- Meu nome é Amaryl. Yugo Amaryl. Eu o vi na holovisão.

- É possível, mas, e daí?

- Não me lembro do seu nome. - Não teria que se lembrar.

- O senhor falou sobre algo chamado psico-história.

- Não sabe como me arrependi disso.

- O quê?

- Nada. O que quer você?

- Conversar. Só um instante. Agora .

Seldon olhou para Lindor, que sacudiu a cabeça com firmeza:

- Não, enquanto estiver de serviço.

- Quando começa seu turno, Sr. Amaryl? - perguntou Seldon.

- Às dezesseis.

- Pode me encontrar às catorze?

- Certamente. Onde?

Seldon virou-se para Tisalver.

- Posso encontrar este homem em sua casa? Tisalver pareceu de súbito muito infeliz.

- Mas não é preciso! É apenas um térmico. Seldon retrucou:

- Ele me reconheceu. Sabe algo a meu respeito. Ele não pode ser apenas qualquer coisa. Vou recebê-lo em meu quarto. - O rosto de Tisalver não deu sinais de assentimento, e ele prosseguiu: - Meu quarto, pelo qual estou pagando aluguel. E o senhor estará fora de casa, em seu trabalho.

Tisalver disse em voz baixa:

- Não é por mim, Sr. Seldon. É minha mulher, Casilia. Ela não vai suportar tal coisa.

- Falarei com ela - disse Seldon, carrancudo. - Ela vai ter que suportar.

64.

Os olhos de Casilia Tisalver se arregalaram.

- Um térmico?! Não no meu apartamento!

- E por que não? - disse Seldon. - Ele vem ao meu quarto. Às catorze.

- Não posso admitir isto - disse a Sra. Tisalver. - É nisso que dá ir aos termo-tubos Jirad foi um idiota.

- De modo algum, Sra. Tisalver. Fomos até lá devido a um pedido meu, e fiquei fascinado. Preciso encontrar aquele rapaz. É algo indispensável para a pesquisa que estou fazendo

- Sinto muito se é, mas não posso admitir.

Dors Venabili ergueu a mão.

- Hari, deixe-me cuidar disto. Sra. Tisalver, se o Dr. Seldon precisa receber alguém em seu quarto esta tarde, esta pessoa adicional implica aluguel adicional. Podemos entender isto. Pelo dia de hoje, então, o aluguel do quarto do Dr. Seldon será duplicado

A Sra. Tisalver pensou um pouco

- Bem, é muito decente da parte de vocês, mas não se trata apenas dos créditos. É preciso pensar na vizinhança. Um térmico suado, malcheiroso ...

- Duvido que esteja suado e malcheiroso às catorze, Sra. Tisalver, mas deixe-me prosseguir. O Dr. Seldon precisa de fato encontrar esse homem; se não puder recebê-lo aqui vai ter que recebê-lo em algum outro local, mas não podemos ficar andando com ele para um lado e para outro ... seria demasiado inconveniente. O que teremos de fazer, nesse caso, será alugar um quarto em algum outro local. Não vai ser fácil, e preferimos não fazê-lo, mas teremos que dar um jeito. Teremos que pagar o aluguel até o dia de hoje e deixar o quarto, e naturalmente teremos que explicar ao-Sr. Hummin por que tivemos que alterar os planos que ele tão gentilmente preparou para nós ...

- Espere. - O rosto de Sra. Tisalver tornou-se laboratório de cálculos. - Não gostaríamos de desagradar ao Sr. Hummin .. ou a vocês dois. Durante quanto tempo essa criatura permaneceria aqui?

- Ele virá às catorze. Seu turno de trabalho principia às dezesseis. Ele estará aqui por menos de duas horas, talvez até muito menos do que isto. Nós o encontraremos lá fora, eu e o Dr. Seldon, e o traremos para o quarto do Dr. Seldon. Qualquer vizinho que o aviste irá pensar que ele é um estrangeiro, um arrugo nosso

A Sra. Tisalver assentiu.

- Então que seja assim. Aluguel dobrado pelo quarto do Sr. Seldon por um dia, e o térmico virá nos visitar apenas essa vez. - Apenas essa vez - concordou Dors

Mais tarde, porém, quando Dors e Seldon estavam no quarto, ela disse:

- Por que você tem que ver esse homem, Hari? Será que entrevistar um térmico é também importante para a psico-história?

Seldon julgou perceber uma nota de sarcasmo na voz dela, e replicou com azedume:

- Não tenho que basear cada um dos meus atos nesse grandioso projeto, no qual, aliás, tenho cada vez menos fé. Também sou um ser humano, com curiosidades humanas. Estivemos naqueles termo-tubos durante horas, e você

viu o tipo de gente que trabalha ali. São claramente incultos. São pessoas de baixo nível, sem trocadilho, e ainda assim houve um deles que me reconheceu. Deve ter me visto na holovisão por ocasião da Convenção Decenal, e lembrou-se da palavra "psico-história". Isso me pareceu um fato incomum, ou pelo menos algo pouco comum, e eu gostaria de trocar algumas palavras com esse indivíduo.

- Porque agrada à sua vaidade ter-se tornado famoso até mesmo entre os trabalhadores dos termo-tubos de Dahl?

- Bem ... talvez. Mas também espicaça minha curiosidade.

- E como sabe que ele não foi instruído por alguém e que sua intenção é apenas arrastar você para o perigo, como aconteceu antes?

Seldon se retraiu.

- Bem, não vou deixá-lo passar os dedos pelos meus cabelos. - Em todo caso, estamos mais experientes agora, não é mesmo? E desta vez estou certo de que você estará do meu lado. Quer dizer: você me deixou ir sozinho à Superfície, deixou-me ir sozinho às micro-fazendas com Gota de Chuva Quarenta e Três, mas agora não vai mais fazer isto, não é mesmo?

- Pode ter certeza absoluta disso - disse Dors.

- Então está bem: eu falarei com o rapaz e você ficará de guarda para detectar qualquer possível armadilha. Sabe que tenho toda confiança em você.

65.

Amaryl chegou alguns minutos antes das 14:00, olhando em redor com ar desconfiado. Tinha o cabelo penteado, e as pontas de seu bigode negro estavam levemente reviradas para cima. Sua camiseta era imaculadamente branca; havia um perceptível odor à sua volta, mas era claramente devido ao uso generoso de algum tipo de loção. Trazia na mão uma pasta.

Seldon, que o esperava do lado de fora, o tomou por um cotovelo e Dors pelo outro, e num instante estavam dentro do elevador. Chegaram ao andar dos Tisalver, e subiram sem demora para dentro do quarto de Seldon.

Amaryl disse, numa voz humilde: - Ninguém em casa, hem?

- Estão todos no trabalho - respondeu Seldon num tom neutro. Indicou a única cadeira do quarto, um assento fixado diretamente ao piso.

- Não - disse Amaryl. - Não preciso disso. Um de vocês dois pode usá-lo. - Agachou-se no chão com um movimento ágil.

Dors o imitou, sentando-se na beirada do colchão de Seldon, que repousava diretamente sobre o piso; Seldon também abaixou-se, mas de modo desajeitado, tendo que se apoiar nas mãos e não conseguindo encontrar um destino adequado para suas pernas.

- Muito bem, rapaz - disse ele. - Por que quer falar comigo?

- Porque você é um matemático. É o primeiro matemático que já encontrei ... assim de perto, claro, ao meu alcance.

- Os matemáticos são gente igual a todo mundo.

- Não para mim, Dr .... Seldon? ..

- Esse é o meu nome.

Amaryl pareceu satisfeito.

- Acabei me lembrando. Sabe de uma coisa, eu também queria ser um matemático.

- Muito bem. E o que o impede? Amaryl fechou a cara.

- Está falando sério?

- Bem, imagino que alguma coisa esteja lhe servindo de obstáculo ... - Sim, falo sério.

- O que me serve de obstáculo, Dr. Seldon, é que eu sou um dahlita, um térmico do Setor Dahl. Não posso pagar por uma boa educação, não tenho créditos suficientes para me educar. Uma educação de verdade, claro. Tudo o que eles me ensinaram foi a ler e cifrar, e usar um computador, e aí pronto, eu já podia ser um térmico. Mas eu queria mais do que isso, e comecei a estudar por conta própria.

- De certa forma é a melhor maneira de estudar. E como você fez?

- Eu conhecia uma bibliotecária que estava disposta a me ajudar. Era uma boa mulher, e ela me ensinou a usar os computadores para estudar matemática. Ela me passou também um programa de computador que me colocou em contato com outras bibliotecas. Eu ia para lá todos os meus dias de folga, e de manhã, quando largava meu turno de trabalho. Às vezes ela me trancava em sua sala, para que as outras pessoas não me atrapalhassem, e às vezes me deixava entrar quando a biblioteca estava fechada. Ela não sabia nada sobre matemática, mas me ajudou tanto quanto pôde. Era uma viúva, uma mulher idosa. Talvez me visse como filho ou coisa parecida. Ela não tinha filhos.

(Talvez, pensou Seldon, houvesse alguma outra emoção envolvida; mas logo ele afastou esse pensamento. Não era da sua conta.)

- Eu gostava de Teoria dos Números - continuou Amaryl.

- Elaborei algumas coisas a partir do que aprendi no computador, e dos livros-filmes onde estudei matemática. E descobri algumas coisas novas, que não estavam nos livros-filmes.

Seldon ergueu as sobrancelhas.

- Isso é interessante. Que tipo de coisas novas?

- Trouxe algumas para lhe mostrar. Nunca as mostrei a quem quer que fosse. As pessoas com quem convivo ... - Ele encolheu os ombros. - Iriam rir na minha cara, ou então ficar entediadas. Certa vez tentei conversar sobre isto com uma garota que eu conhecia, mas ela disse que eu era muito esquisito, e que não queria mais sair comigo. Há algum problema ... se eu lhe mostrar isto?

- De modo algum. Deixe-me ver.

Seldon estendeu a mão e depois de uma breve hesitação Amaryl lhe entregou

a pasta que tinha trazido.

Durante um longo tempo, Seldon examinou os escritos de Amaryl. Os trabalhos eram de uma extrema ingenuidade, mas ele não sorriu em momento algum. Acompanhou as demonstrações, nenhuma das quais era nova, evidentemente - ou mesmo parecia nova.

Mas isso não tinha importância. Seldon ergueu os olhos.

- Você fez isto tudo sozinho?

Com um olhar amedrontado, Amaryl fez um gesto afirmativo. Seldon escolheu algumas páginas e as mostrou.

- O que o fez pensar assim? - Seu dedo correu ao longo de uma folha, acompanhando um raciocínio matemático.

Amaryl olhou o texto, franziu a testa, pensou um pouco. Então começou a explicar a linha de raciocínio que tinha adotado.

Seldon ouviu tudo e perguntou:

Já leu um livro de Anat Bigell?

- Sobre Teoria dos Números?

- O título é Dedução Matemática. Não é sobre Teoria dos Números especificamente.

Amaryl abanou a cabeça.

- Nunca ouvi falar nele. Sinto muito.

- Ele demonstrou este teorema aqui ... há trezentos anos atrás.

Amaryl pareceu chocado. - Mas eu não sabia!

- Estou certo que não. Acontece que você o demonstrou de uma maneira mais hábil do que a dele. Não é uma maneira rigorosa, mas em todo caso ...

- Rigorosa? O que quer dizer com isto?

- Não importa. - Seldon voltou a colocar as folhas no maço de onde as tinha tirado e guardou tudo outra vez na pasta. - Faça várias cópias disto. Pegue uma delas, faça com que seja datada por um computador oficial, e a coloque sob selo computadorizado. Minha amiga aqui presente, a Ora. Venabili, pode fazer com que você seja aceito na Universidade de Streeling sem ter que pagar, através de alguma modalidade de bolsa de estudo. Você terá que começar desde o princípio, e estudar outras matérias além de matemática, mas ...

Amaryl estava sem fôlego.

- Na Universidade de Streeling? Eles não vão me aceitar.

- Por que não? Dors, você pode conseguir isto, não é?

- Estou certa que sim.

- Não, não pode - disse Amaryl com veemência. - Não vão me aceitar. Sou um dahlita.

- E daí?

- Eles não aceitam gente de Dahl.

Seldon olhou para Dors. - Do que está falando? .. Dors abanou a cabeça. - Não faço idéia.

- A senhora é urna estrangeira - disse Amaryl. - Há quanto tempo está em Streeling?

- Há um pouco mais de dois anos, Sr. Amaryl.

- Já viu algum dahlita por lá ... alguém baixo, cabelo negro e crespo, grandes bigodes?

- Há estudantes com todas as aparências possíveis.

- Mas não há nenhum dahlita. Preste atenção da próxima vez que estiver lá.

- Mas por que não há? - perguntou Seldon.

- Eles não gostam de nós. Nós somos diferentes. Não gostam dos nossos bigodes.

- Você pode raspá-lo, se ... - A voz de Seldon morreu diante do olhar furioso que Amaryl dardejou sobre ele.

- Nunca! Por que vou raspá-lo? Meu bigode é minha masculinidade.

- Você não raspa a barba? Ela faz parte de sua masculinidade também.

- Não. Entre o meu povo, é só o bigode.

Seldon olhou mais uma vez para Dors e murmurou: - Cabeças raspadas, bigodes ... são todos malucos.

- O quê? - perguntou Amaryl, irritado.

- Nada. Diga-me: o que é que eles não gostam mais, nos dahlitas?

- Eles inventam coisas para não gostar de nós. Dizem que cheiramos mal. Que somos sujos. Que roubamos. Que somos violentos, que somos estúpidos.

- Por que dizem isso?

- Porque é fácil de dizer, e porque faz com que eles se sintam melhor. É claro que, se nós somos forçados a trabalhar nos termo-tubos, acabamos sendo sujos e cheirando mal. Somos pobres e marginalizados, então alguns de nós roubam, ou praticam a violência. Mas nem todos nós somos assim. O que me diz desses cabelos amarelos no Setor Imperial, que pensam que são donos da Galáxia ... ou melhor, que são mesmo donos da Galáxia. Eles não são violentos? Nunca roubam? Se eles tivessem que fazer o trabalho que eu faço, teriam o mesmo cheiro que eu. Se tivessem de viver como eu vivo, também seriam sujos.

- Quem nega o fato de que em qualquer lugar existe todo tipo de pessoas? - disse Seldon.

- Ninguém discute isso. Acham que é assim, e mais nada. Sr. Seldon, eu preciso ir embora de Trantor. Não tenho a menor chance aqui, nenhuma maneira de reunir créditos, ou de receber uma educação, nenhuma maneira de me tornar matemático, ou de me tornar algo diferente do que eles dizem que sou ... um nada, uma coisa sem valor.

As últimas frases foram ditas com total frustração, quase desespero.

Seldon tentou ser razoável.

- A pessoa que está me alugando este quarto ... é um dahlita.

É um homem educado, tem um emprego decente.

- Oh, claro! - disse Amaryl com fervor. - Existem alguns desses. Eles deixam que alguns se dêem bem, para mostrar que não é impossível. E esses que se dão bem podem viver uma boa vida, desde que não ponham os pés fora de Dahl. Mandem-nos sair daqui e eles vão ver como se tratam os dahlitas lá fora. Enquanto permanecem aqui dentro, eles se dão por satisfeitos tratando o resto

de nós como animais ... faz com que eles se achem iguais aos cabelos amarelos. Essas pessoas educadas que lhe alugaram o quarto ... o que disseram elas, ao saber que um térmico viria até aqui? Como lhe disseram que eu seria? Estão fora de casa, não estão? Jamais ficariam no mesmo lugar que eu.

Seldon umedeceu os lábios.

- Eu não vou me esquecer de você. Darei um jeito para que saia de Trantor e vá para minha Universidade, em Helicon ... assim que eu próprio conseguir chegar lá.

- Promete? Dá sua palavra de honra? Mesmo sendo eu um dahlita?

- O fato de você ser dahlita não tem importância para mim. O fato de que você já é um matemático, isto sim, é importante. Mas ainda preciso me acostumar a essas coisas que você está dizendo. Sempre achei impossível que se pudesse alimentar sentimentos tão irracionais para com pessoas inofensivas.

Amaryl respondeu com amargura:

- É porque o senhor nunca teve ocasião de se interessar por essas coisas. Elas podem estar acontecendo mesmo embaixo do seu nariz, e o senhor não as percebe, porque elas não o afetam.

Dors disse:

- Sr. Amaryl, o Dr. Seldon é um matemático, como o senhor, e às vezes a cabeça dele parece estar nas nuvens. Precisa compreender isto. Quanto a mim, sou historiadora. Sei o quanto é frequente um determinado grupo de pessoas olhar com desprezo para outro grupo. Existem alguns tipos de ódio grupal que chegam quase a ser ritualísticos, que não têm nenhuma justificação racional possível, e que têm uma influência enorme na história. É uma pena.

Amaryl replicou:

- É, é muito fácil dizer que é uma pena. A senhora diz que desaprova isso, fica se sentindo uma excelente pessoa, e vai cuidar de sua própria vida, sem se interessar mais pelo caso. Mas é algo muito pior do que "uma pena". É contra tudo o que é decente e natural. Somos todos iguais ... cabelos amarelos e cabelos negros, altos e baixos, orientais, ocidentais, meridionais e estrangeiros. Todos, todos nós, vocês dois, e eu, e até mesmo o imperador, todos nós descendemos do povo da Terra ... ou não?

- Descendemos de quem? - perguntou Seldon. Seus olhos dilatados de espanto se voltaram no mesmo instante para Dors. - Do povo da Terra - tornou Amaryl. - O planeta onde se originou a humanidade.

Um planeta? Um apenas?

Um único planeta, claro. A Terra.

- Quando você diz "Terra" isso quer dizer "Aurora", não é isso?

- Aurora?! O que é isso? Quero dizer Terra. Nunca ouviu falar da Terra?

- Não. Para falar a verdade, não.

- É um mundo mítico - começou Dors - que ...

- Não é mítico. Era um planeta de verdade.

Seldon suspirou.

- Já ouvi isso tudo antes. Bem, vamos repassar de novo. Existe algum livro

dahlita que fale da Terra?
- Algum o quê?
- Está bem ... algum programa de computador?
- Não sei do que está falando.
- Meu rapaz, onde você ouviu falar da Terra?
- Meu pai me falou. Todo mundo sabe a respeito dela.
- Existe alguém que seja especialmente bem informado sobre ela? Você aprendeu alguma coisa a respeito, na escola?
- Na escola nunca me disseram uma palavra.
- Então, como é que as pessoas ficam sabendo?
Amaryl! encolheu os ombros com a expressão de quem está se sentindo excessivamente pressionado a respeito de algo sem importância.
- Sei lá. Todo mundo sabe. Se quer ouvir algumas histórias sobre a Terra, existe Mãe Rittah. Creio que ela ainda é viva.
- Sua mãe? Como é que ...
- Não é minha mãe. E o modo como todo mundo a chama. Mãe Rittah. É uma mulher muito velha, que mora em Billibotton, ou pelo menos morava.
- Onde é isso?
- Para lá - disse Amaryl, fazendo um gesto vago.
- Como posso chegar lá?
- Chegar lá? Você não pode. Nunca voltaria.
- Por que não?
- Pode me acreditar. Ora, você não vai querer ir lá.
- Eu gostaria de ver essa tal Mãe Rittah.
Amaryl abanou a cabeça.
- Sabe usar uma faca?
- Usar para quê? Que tipo de faca?
- Uma faca de luta. Como esta. - Estendeu a mão para o cinto, um cinto largo que prendia suas calças ao tronco. Parte do cinto se abriu e dali emergiu a lâmina de uma faca, uma lâmina fina, reluzente, mortal.
A mão de Dors desceu com rapidez e agarrou o punho direito de Amaryl. Ele deu uma risada.
- Não vou usá-la. Ia apenas mostrá-la a vocês. - Pôs a faca de volta ao cinto. - Você vai precisar de uma para se defender. Se não tiver uma faca destas, ou se a tiver mas não souber usá-la, nunca sairá vivo de Billibotton. Em todo caso ... - Seu rosto tornou-se mais uma vez sério e alerta. - Falou sério, Sr. Seldon, quando disse que me levaria para Helicon?
- Absolutamente sério. É uma promessa. Escreva seu nome e onde pode ser encontrado por hiper-computador Você tem seu código, suponho.
- Tenho o do meu alojamento nos termo-tubos Serve?
- Sim.
- Está bem - disse Amaryl, lançando a Seldon um olhar carregado de franqueza. - Isso quer dizer que todo o meu futuro depende do senhor, Sr. Seldon, portanto, por favor não vá a Billibotton. Não posso perdê-lo, justamente agora. -

Voltou olhos suplicantes para Dors e disse: - Por favor, Sra. Venabili ... se é que lhe dá alguma atenção, não deixe que ele vá. Por favor!

BILLIBOTTON

DAHL - ... Por estranho que pareça, o aspecto mais célebre deste setor é Billibotton, um lugar semilendário a respeito do qual houve uma incrível proliferação de histórias. De fato, existe todo um gênero de literatura no qual heróis e aventureiros (bem como vítimas) são obrigados a enfrentar os perigos da travessia de Billibotton. Tais histórias acabaram se tornando tão estilizadas que a mais conhecida e presumivelmente a única autêntica entre elas, a que se refere a Hari Seldon e Dors Venabili, acabou adquirindo uma aura fantástica por pura e simples associação ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

66.

Quando Hari Seldon e Dors Venabili ficaram a sós, Dors perguntou, pensativa:

- Você está mesmo pensando em ir ver essa tal Mãe não sei o quê?

- Estou com essa intenção.

- Você é um homem estranho, Hari. Parece estar indo de mal a pior. Quando estávamos em Streeling você deu um jeito de ir à Superfície, o que parecia algo inofensivo, e fez isso com um propósito perfeitamente racional. Em Mycogen você invadiu a aerie dos Anciãos, uma façanha muito mais arriscada, e com um propósito dos mais tolos. Agora em Dahl você está querendo ir a esse tal lugar, o que esse rapaz considera um verdadeiro suicídio, e por uma razão absurda.

- Estou curioso a respeito dessa referência à Terra. Preciso saber o que há por trás disso.

- É uma lenda, e nem mesmo é uma lenda interessante. Uma coisa rotineira. Os nomes mudam de planeta para planeta, mas o conteúdo é sempre o mesmo. Existe sempre a história de um mundo original, de uma idade de ouro. Existe, nas pessoas de sociedades complexas e cheias de problemas, uma espécie de atração por um passado supostamente simples e puro ... é algo universal. De um modo ou de outro, isso se dá em todas as sociedades, uma vez que cada pessoa acha o seu mundo complexo e cheio de problemas, por mais simples que ele pareça. Anote isso para a sua psico-história.

- Ainda assim - disse Seldon - devo considerar a possibilidade de que esse

mundo único tenha existido. Aurora ... Terra ... o nome não importa. De fato ... Ele fez uma longa pausa, até Dors perguntar: - E então? ..

Ele abanou a cabeça.

- Lembra daquela história sobre a mão na coxa, que você me contou em Mycogen? Foi logo depois que eu consegui o Livro das mãos de Gota de Chuva Quarenta e Três ... Bem, essa história surgiu de novo em minha cabeça uma dessas noites, quando estávamos conversando com os Tisalvers. Eu disse algo que, por um instante, me fez lembrar. ..

- Lembrar o quê?

- Não sei. Foi uma idéia que surgiu e desapareceu no mesmo instante, mas todas as vezes em que penso nessa noção de um planeta único tenho a impressão de estar tocando em algo com as pontas dos dedos, mas é algo que sempre me foge.

Dors o olhou com surpresa.

- Não imagino o que possa ser. Essa história sobre a mão na coxa não tem nada a ver com a Terra ou Aurora.

- Eu sei, mas essa ... coisa ... que me escapa à mente parece ter alguma ligação com essa planeta único, e tenho a intuição de que preciso descobrir mais a respeito, seja como for. A respeito disso ... e dos robôs.

- Robôs? Pensei que o aerie de Mycogen tivesse encerrado esse assunto.

- De modo algum. Continuo pensando neles. - Ele fitou Dors com um olhar preocupado e disse: - Mas não tenho certeza. - Certeza de quê?

Mas ele apenas sacudiu a cabeça e não disse mais nada. Dors franziu a testa e disse:

- Hari, deixe-me dizer-lhe uma coisa. Na história oficial, e pode acreditar que sei do que estou falando, não existe nenhuma menção a um único mundo de origem. É uma crença popular, concordo; não apenas entre as pessoas rudes que se apegam a costumes folclóricos, como os mycogenianos e os térmicos de Dahl, mas há biólogos que insistem em que deve ter havido um único planeta de origem, por motivos que estão além da minha especialidade, e muitos historiadores de tendência mística gostam de especular sobre isso. Pelo que sei, tais especulações estão na moda entre as elites intelectuais, mas a História oficial não sabe de nada a respeito

- Mais um motivo - disse Seldon - para tentar ir além da história oficial. Tudo o que me interessa é descobrir um recurso que simplifique a psico-história de acordo com as minhas necessidades, e pouco me importa que tipo de recurso seja esse, se é um truque matemático, ou um truque histórico ou alguma coisa totalmente imaginária. Se esse rapaz com quem acabamos de falar tivesse um pouco mais de preparo técnico eu lhe entregaria este problema. Ele tem um pensamento muito engenhoso, muito original..

- E você vai ajudá-lo, então?

- Claro. Assim que tiver condições para isto.

- Será que é certo, fazer promessas que você não sabe se terá condições de cumprir.

- Eu quero cumpri-la. Se você é tão exigente quanto a promessas impossíveis, considere o caso de Hummin, quando prometeu a Mestre do Sol Catorze que eu iria usar a psico-história para devolver aos mycogenianos o seu mundo primordial. A chance de que isto aconteça é praticamente nula. Mesmo se a psico-história chegar a funcionar, quem pode saber se ela poderá ser utilizada para um propósito tão limitado, tão específico? Este sim, é um caso típico de prometer o que não se pode dar.

Dors replicou com ardor:

- Chetter Hummin estava tentando salvar nossas vidas, e nos manter longe das mãos de Demerzel e do imperador. Não esqueça isso. E acho que ele de fato gostaria de ajudar os mycogenianos.

- E eu de fato gostaria de ajudar Yugo Amaryl, e estou mais próximo de ajudá-lo do que aos mycogenianos, de modo que você pode justificar um caso, mas não critique o outro. E tem outra coisa, Dors. - Os olhos dele faiscaram em desafio. - Preciso falar com essa tal de Mãe Rittah, e estou pronto para Ir sozinho.

- Nunca! - retrucou Dors. - Se você for, eu vou.

67.

A Sra. Tisalver voltou para casa, com a filha a reboque, uma hora após a saída de Amaryl. Não dirigiu uma palavra a Seldon e Dors, apenas fez um leve aceno de cabeça quando eles a cumprimentaram, e circunvagou o olhar pela sala, como se tentando detectar algum traço da passagem do térmico por ali. Depois aspirou o ar de modo explícito e lançou um olhar acusador para Seldon, antes de seguir para seu próprio quarto.

Tisalver chegou mais tarde; quando Seldon e Dors vieram jantar, ele aproveitou o fato de sua mulher ainda estar fazendo os derradeiros preparativos para a refeição e perguntou em voz baixa. - A tal pessoa esteve aqui?

- E já se foi - respondeu Seldon sério. - Sua esposa estava fora.

Tisalver assentiu e disse:

Vai precisar fazer isso outra vez? - Creio que não - disse Seldon

- Ótimo.

O jantar transcorreu quase todo em silêncio, mas depois dele, quando a garota se retirou para seu quarto a fim de se entregar ao duvidoso prazer de praticar com o computador, Seldon recostou-se e pediu:

- Falem-me um pouco sobre Billibotton

Tisalver fez uma cara atônita, e sua boca se moveu sem que ele emitisse um som. Casilia, no entanto, não perdia o dom da fala tão facilmente.

- É lá que seu novo amigo mora? - perguntou. - Vão retribuir-lhe a visita?

- Até agora - disse Seldon com calma -, tudo o que fiz foi perguntar sobre Billibotton.

- É uma favela - disse Casilia, com voz cortante. - A ralé mora lá. Ninguém vai lá, à exceção da gentinha que habita aquilo ali

- Fiquei sabendo que uma tal de Mãe Rittah mora lá.

- Nunca ouvi falar nela - disse Casilia, e fechou a boca com decisão. Era bastante óbvio que ela não queria saber o nome de ninguém que morasse em Billibotton.

Tisalver, lançando um olhar pouco à vontade na direção da esposa, disse:

- Já ouvi falar dela. É uma velha meio maluca, e dizem que lê a sorte das pessoas.

- E ela mora em Billibotton?

- Não sei, Sr. Seldon, nunca a vi. Ela é mencionada de vez em quando nos noticiários das holo-transmissões, quando faz suas profecias.

- Essas profecias se realizam? Tisalver torceu o nariz.

- Alguma profecia por acaso se realiza? As dela nem sequer fazem sentido.

- Falam alguma coisa sobre a Terra?

- Não sei. Não me surpreenderia.

- A menção da Terra não pareceu causar-lhe espanto. Já ouviu falar dela?

Desta vez Tisalver foi pegado de surpresa.

- Mas certamente, Sr. Seldon. É o planeta de onde todas as pessoas se originam ... ou pelo menos é o que se supõe.

- O que? se supõe? Não acredita nisso?

- Eu? Eu tenho instrução. Mas muita gente ignorante acredita.

- Existem filmes-livros sobre a Terra?

- Histórias para crianças às vezes mencionam a Terra. Lembro-me de que, quando eu era pequeno, minha história favorita começava assim: "Era uma vez, há muito tempo atrás, na Terra, quando a Terra era o único planeta ... " Lembra-se, Casilia? Você também gostava desta.

Casilia apenas encolheu os ombros, ainda pouco disposta a deixar-se dobrar.

- Gostaria de ver essa história algum dia - disse Seldon. - Tenho interesse de ver filmes-livros de verdade, quer dizer ... mais sérios; e filmes, ou textos impressos.

Não conheço nenhum, mas na biblioteca ...

- É, tentarei isto. Existe algum tabu a respeito da Terra?

- O que é tabu?

- É ... é uma espécie de costume muito forte, de que as pessoas não deveriam falar sobre a Terra, especialmente estrangeiros.

Tisalver o fitou com uma expressão tão desconcertada que tornou desnecessária qualquer resposta.

Foi a vez de Dors perguntar:

- Existe alguma regra a respeito da ida de pessoas de fora até Billibotton?

- Regras propriamente não - disse Tisalver, recobrando a firmeza. - Mas não é

um boa idéia para ninguém pôr os pés ali. Eu jamais o faria.

- Por que não? - perguntou Dors.

- É perigoso, é violento. Todo mundo ali anda armado. Quer dizer: em Dahl todo mundo anda armado, mas em Billibotton eles usam as armas. Fique aqui nestes arredores! Isto aqui é seguro.

- Por enquanto - disse Casilia, numa voz soturna. - Talvez fosse melhor passarmos a sair sempre juntos. Hoje em dia os térmicos vão a qualquer lugar. - E houve mais um olhar ameaçador na direção de Seldon.

- Disse que em Dahl todo mundo anda armado? - perguntou Seldon. - As leis imperiais contra armas são muito severas. - Sei disso - disse Tisalver -, e aqui não há fuzis atordoadores, ou armas percussivas, ou sondas-psi, nada desse tipo. Mas há facas. - Fez uma expressão embaraçada.

- Leva uma faca consigo, Sr. Tisalver? - perguntou Dors.

- Eu? - Ele ficou horrorizado. - Sou um homem pacífico, e esta vizinhança é muito tranquila

- Temos um par delas em casa - disse Casilia, fungando um pouco. - Não temos tanta certeza quanto à vizinhança.

- Todo mundo tem facas consigo?

- Quase todo mundo, Sra. Venabili - disse Tisalver. - É um hábito. Não quer dizer que todo mundo as use.

- Mas em Billibotton as usam, suponho.

- Às vezes. Quando estão muito exaltados, eles costumam brigar.

- E o governo permite isso? Estou me referindo ao governo imperial.

- Às vezes tentam fazer uma limpeza geral em Billibotton; mas facas são muito fáceis de esconder, e a tradição é muito forte. Além do mais, esse tipo de crime geralmente faz vítimas entre os próprios dahlitas, e não creio que isso cause muita preocupação entre o governo.

- E se um estrangeiro for morto?

- Se o fato for noticiado, o governo pode ficar inquieto, mas no final verifica-se que ninguém viu nada, ninguém sabe de nada. O governo prende algumas pessoas baseando-se em motivos vagos; mas nunca consegue provar coisa alguma. Presumo que acabam concluindo que a culpa foi dos estrangeiros, por terem se metido a andar por ali. Portanto ... não vá a Billibotton, mesmo que tenha uma faca.

Seldon abanou a cabeça, teimoso.

- Não pretendo usar uma faca. Não saberia como usá-la, pelo menos com a perícia necessária.

- Então é simples, Sr. Seldon - tornou Tisalver, com um tom funéreo. - Fique longe dali.

- Também não pretendo fazer isto - disse Seldon.

Dors acompanhava o diálogo com uma expressão claramente aborrecida, e perguntou a Tisalver:

- Onde se pode comprar uma faca? Ou se for o caso, podemos usar uma das suas?

Foi Casilia quem respondeu de imediato

- Aqui não se usam as facas alheias. Vocês terão que comprar a de vocês.

- Existem lojas de facas por toda parte - ajuntou Tisalver.

- Em princípio, não deviam existir ... sabe como é, teoricamente elas são ilegais. Mas qualquer loja de ferramentas as vende. Se vocês virem uma máquina de lavar na vitrine, é um sinal positivo.

- E como se chega em Billibotton? - perguntou Seldon.

- Pelo expressway. - Dors franziu a testa, e Tisalver sentiu-se Incômodo.

- E uma vez descendo do expressway, o que se faz? - Insistiu Seldon.

- Pegue o expressway indo na direção do leste - disse Tisalver. - É só seguir a sinalização. Mas, mesmo que tenha de ir, Senhor Seldon ... - Tisalver hesitou, e depois prosseguiu: - Não leve a Sra. Venabili. Às vezes as mulheres são tratadas ... de uma maneira muito pior.

- Ela não vai - disse Seldon.

- Tenho a impressão de que vai, sim - disse Dors, com calma e determinação.

68.

O bigode do balconista da loja de ferramentas era claramente tão farto quanto tinha sido em sua juventude, mas agora estava grisalho, embora os seus cabelos permanecessem escuros. O homem tocou automaticamente o bigode, cofiando-o para os lados, no momento em que Dors entrou na loja.

- A senhora não é dahlita - disse.

- Não, mas em todo caso quero comprar uma faca - respondeu ela.

- É contra a lei vender facas.

- Olhe, não sou policial, nem agente do governo. Estou indo para Billibotton.

O homem a olhou de cima a baixo. - Sozinha?

- Com meu amigo. - Ela fez um gesto de polegar sobre o ombro na direção de Seldon, que a esperava mal-humorado do lado de fora.

- Está querendo uma faca para ele? - Olhou para Seldon e não precisou de muito tempo para dizer: - É um estrangeiro também Deixe que ele entre e compre sua própria faca.

- Ele também não é agente do governo. E quero comprar a faca para mim.

O homem abanou a cabeça.

- Esses estrangeiros são malucos. Mas se está disposta a gastar alguns créditos, pode gastá-los aqui.

Ele enfiou a mão sob o balcão, e trouxe dali um cabo compacto e cilíndrico; deu-lhe uma hábil torção com os dedos, e fez emergir uma lâmina brilhante.

- É a maior que tem? - perguntou Dors.

- É a melhor faca para mulheres que já foi fabricada - afiançou o homem.
- Mostre-me uma faca masculina.
- Não vai querer uma que seja pesada demais. Sabe usar uma dessas coisas?
- Posso aprender, e peso não é coisa que me preocupe. Mostre-me uma faca para homens.
O balconista sorriu .
.- Bem, se quer mesmo ver uma ... - Meteu a mão noutra parte do balcão e trouxe dali um cabo bem mais grosso. Uma rápida torção, e emergiu dali uma lâmina que parecia pertencer a uma faca de açougueiro. Ele a estendeu para Dors, o cabo para frente, ainda sorrindo.
Ela disse:
- Mostre-me como se faz.
Ele apanhou outra faca, torcendo o cabo com os dedos numa direção para fazer a lâmina surgir, e na direção oposta para a recolher.
- Aperte o cabo, e depois torça - explicou.
- Faça outra vez.
O homem obedeceu.
- Está bem - disse Dors. - Feche-a, e me dê.
Ele obedeceu, jogando-a na direção de Dors, que a apanhou no ar sem dificuldade, para logo devolvê-la, pedindo:
- Faça isso mais rápido.
O homem ergueu as sobrancelhas por um instante e depois, sem aviso prévio, atirou a faca com força à esquerda de Dors. Sem esboçar nenhum movimento com a mão direita, ela apanhou o cabo da faca com a mão esquerda, e com um rápido movimento dos dedos fez a lâmina brotar, e logo em seguida desaparecer novamente. O homem ficou de boca aberta.
- Esta é a maior que tem? - perguntou ela.
- É, sim. Se for usá-la, vai acabar se cansando.
- Tudo bem, eu respiro mais fundo. Vou querer outra.
- Para seu amigo? - Não, para mim.
- Está pensando em usar duas facas?
- Eu tenho duas mãos.
O balconista suspirou.
- Senhora, por favor fique afastada de Billibotton. Não sabe o que eles fazem com as mulheres naquele lugar.
- Sou capaz de imaginar. Como posso pôr essas facas em meu cinto?
- Nesse que está usando é impossível. Não é um cinto próprio para facas. Mas posso lhe vender um.
- Um que guarde duas facas?
- Devo ter um cinto duplo por aí. .. mas ninguém nunca pede um deles.
- Eu estou pedindo.
- Talvez eu não tenha um do seu tamanho. Podemos cortá-lo, ou fazer o que for preciso. Vai lhe custar uma porção de créditos.
- Minha ficha de crédito pode cobrir isto.

Quando ela finalmente emergiu da loja, Seldon comentou, com azedume:
- Você fica ridícula com um cinto desse tamanho.
- É mesmo, Hari? Ridícula demais para acompanhar você a Billibotton? Então vamos voltar para o apartamento.
- Não. Vou até lá sozinho. Me sentirei muito mais seguro.
- Sabe que não adianta dizer isto, Hari. Ou vamos os dois, ou voltamos os dois para casa. Em hipótese alguma nos separaremos.
Havia alguma coisa na firmeza de seus olhos azuis, na linha resoluta de seus lábios, e no modo como suas mãos se apoiavam de ambos os lados do cinto, que convenceu Seldon de que ela falava sério.
- Está bem - disse ele. - Mas se você sobreviver, e se eu voltar a encontrar com Hummin, meu preço para continuar trabalhando na psico-história vai ser o seu afastamento ... por mais que eu tenha me apegado a você. Entendeu bem?
Dors sorriu.
- Esqueça isso. Não venha pôr o seu cavalheirismo em prática logo comigo. Nada vai me fazer mudar de idéia, e agora quero saber se você entendeu bem.

69.

Eles saíram do expressway quando o letreiro luminoso anunciou: BILLlBOTTON. Talvez como uma indicação do que os esperava, o segundo "I" estava enegrecido de sujeira, mal deixando passar a luz.
Deixaram o vagão e seguiram por uma rua larga que passava ao lado. Era o começo da tarde, e à primeira vista Billibotton era muito semelhante à parte de Dahl que eles tinham acabado de deixar.
O ar, no entanto, estava impregnado de um odor muito forte, e as ruas estavam cobertas de lixo. Era possível deduzir que os carros-varredores automáticos não eram algo fácil de encontrar pela vizinhança.
E, embora a rua parecesse bastante normal, a atmosfera era de tensão, como uma mola enrolada com demasiada força.
Talvez fossem as pessoas. Circulava pela rua uma quantidade normal de pedestres, mas não eram como os pedestres em outros lugares, pensou Seldon. Os pedestres em geral, movidos pela pressa e pelas suas obrigações, tendem a estar absorvidos em si mesmos; e, nas enormes multidões que fervilhavam nos espaços superpopulosos de Trantor, as pessoas só podiam sobreviver psicologicamente se se ignorassem umas às outras. Os olhos não se cruzavam. As mentes sofriam um bloqueio. Cada pessoa criava em torno de si própria uma névoa artificial de privacidade, para se proteger. Como alternativa, haviam os rituais amistosos dos passeios noturnos em ambientes próprios para isso.

Em Billibotton, no entanto, estavam ausentes tanto o isolamento quanto o clima de cordialidade ... pelo menos no que dizia respeito a estrangeiros. Cada pessoa que passava, em qualquer direção, virava-se para examinar melhor Seldon e Dors. Cada par de olhos, como se ligado a eles por fios invisíveis, os seguia enquanto eles caminhavam ao longo da rua, com uma expressão malévola.

A roupa dos habitantes de Billibotton mostrava uma tendência para ser velha, cheia de manchas e eventualmente de rasgões. Havia um verniz de pobreza e sujeira a recobri-las, e Seldon começou a sentir desconforto no interior das roupas novas que estava usando.

- Onde você acha que deve morar a Mãe Rittah? - perguntou ele.

- Não faço idéia - disse Dors. - Você nos trouxe aqui, e é você que deve achar qualquer coisa. Minha função aqui é protegê-lo e penso que isso já vai me dar bastante trabalho.

- Pensei que bastaria perguntar a qualquer transeunte - disse Seldon -, mas por algum motivo não estou muito encorajado a fazer isso.

- Não o culpo. Duvido que as pessoas daqui fiquem muito entusiasmadas em ajudá-lo.

- Por outro lado, há os garotos - disse ele, fazendo um gesto na direção de um menino que aparentava uns doze anos, ou que pelo menos era jovem o bastante para não ostentar ainda o tradicional bigode dahlita. O menino tinha parado a uma certa distância e olhava na direção deles.

- Você deve achar - disse Dors - que um garoto dessa idade ainda não desenvolveu a antipatia típica que os billibottonianos sentem pelos forasteiros.

- O que acho - disse Seldon - é que ele ainda não é grande o bastante para exercer contra os forasteiros a violência típica com que os billibottonianos devem tratá-los. Talvez ele fuja de nós e grite palavrões à distância, mas duvido que nos ataque, se nos aproximarmos. - Ergueu a voz. - Ei, rapaz!

O garoto recuou um passo e continuou a fitá-los. - Venha cá - insistiu Seldon, com um gesto.

- Pra quê? - retrucou o garoto.

- Quero perguntar um endereço. Venha mais perto, não quero ficar gritando.

O garoto deu dois passos, aproximando-se. Tinha o rosto sujo, mas os olhos eram vivos e brilhantes. Suas sandálias eram diferentes uma da outra, e havia um grande remendo na sua calça.

- Que endereço? - perguntou ele.

- Estamos procurando a casa de Mãe Rittah.

- Pra quê, cara? - Os olhos do menino brilharam.

- Eu ... sou um professor. Sabe o que é um professor?

- É um cara que vai pra escola. .

- Você vai à escola?

O garoto cuspiu de lado com desprezo. - Eu não.

- Eu gostaria de fazer uma consulta com Mãe Rittah ... se você puder me levar à casa dela.

- Quer saber seu futuro? Você vem pra Billibotton, cara, usando essa roupa aí... eu vou dizer seu futuro. Você vai é se dar mal.

- Como é seu nome?

- Pra que quer saber?

- Para que a gente possa conversar como amigos, e depois você possa me levar à casa de Mãe Rittah. Sabe onde ela vive?

- Pode ser, ou pode ser que não. Meu nome é Raych. E o que é que eu ganho se levar vocês lá?

- Gostaria de ganhar o que, Raych?

Os olhos do garoto foram até o cinto que Dors usava.

- A moça aí tem duas facas. Me dê uma e eu lhe levo lá.

- Isso aí são facas para gente adulta, Raych. Você ainda é muito jovem.

- Então sou jovem pra levar vocês na casa de Mãe Rittah. - Lançou um olhar astuto por entre a franja desordenada de cabelo que lhe caía sobre a testa.

Seldon ficou inquieto; não queria que uma multidão começasse a se agrupar em volta deles. Vários homens já tinham parado para olhar em sua direção, mas tinham seguido em seu caminho ao constatar que nada de interessante estava acontecendo. Mas se o garoto ficasse irritado, se dissesse ou fizesse algo agressivo na direção deles, alguém iria sem dúvida se aproximar.

Ele sorriu e perguntou: - Sabe ler, Raych?

O garoto voltou a cuspir.

- Eu não. Ler pra quê? ...

- Sabe usar um computador?

- Dos que falam? Claro que sei, todo mundo sabe.

- Então vamos fazer um trato. Você me leva até a loja de computadores mais próxima. Eu compro um computador pequeno para você e um programa que lhe vai ensinar a ler em poucas semanas.

Seldon teve a impressão de que os olhos do menino brilharam diante da oferta, mas logo se endureceram de novo.

- Não - disse ele. - Ou a faca, ou nada.

- Mas aí é que está, Raych. Você aprende a ler com o computador, e não diz nada a ninguém. Depois de um certo tempo, você aposta com alguém, dizendo que sabe ler. Aposte cinco créditos.

- Você ganha esses créditos com facilidade, e pode comprar uma faca.

O menino hesitou.

- Não. Ninguém vai apostar nada comigo. Ninguém tem créditos.

- Se você souber ler, pode conseguir um emprego numa loja de ferramentas, pode economizar seu salário e comprar uma faca, com desconto. Que tal?

- E o computador?

- Eu o compro agora mesmo, e o entrego quando você me levar à casa de Mãe Rittah.

- Tem créditos?

- Tenho uma ficha de crédito.

- Vamos ver esse computador primeiro.

A transação foi efetuada sem problemas, mas quando o garoto estendeu a mão para pegar o computador Seldon abanou a cabeça e o enfiou no bolso.

- Nada disso, Raych. Primeiro vai ter que me levar até Mãe Rittah. Tem certeza de que sabe onde é?

Raych fez uma cara de desdém.

-- Claro que sei. Vou levar vocês lá, mas quando chegar lá é melhor me dar mesmo o computador, senão eu chamo uns caras que eu conheço e boto eles atrás de vocês dois.

- Não precisa ameaçar - disse Seldon. - Vamos cumprir nossa parte do trato.

Raych começou a guiá-los pelas ruas, sob os olhares curiosos de vários transeuntes.

Seldon ficou em silêncio durante a caminhada, e Dors o imitou. Ela, no entanto, estava muito menos perdida em seus próprios pensamentos, e permanecia intensamente alerta em relação aos arredores: encarava de frente os pedestres que se viravam para fitá-los, e uma vez, quando houve passos apressados às suas costas, ela se virou, em guarda, com um olhar ameaçador.

Por fim Raych parou e disse:

- Nesse prédio aqui. Ela tem casa, sabia?

Entraram num enorme conjunto habitacional e Seldon, que tinha a intenção de memorizar o caminho para não se perder na volta, logo se desorientou.

- Como pode saber o caminho num lugar como este, Raych? - perguntou.

O garoto encolheu os ombros.

- Ando por aqui desde menino - disse. - E os apartamentos têm número, quer dizer, quando ninguém arrancou ainda ... E tem umas setas, tem umas marcas. Se a gente é acostumado não dá pra se perder.

Raych era acostumado, aparentemente, porque eles foram penetrando sem hesitação naquele labirinto. Tudo ali respirava um ar de completa decadência: detritos amontoados, moradores refugiando-se nos portais, incomodados pela presença dos estranhos. Garotos barulhentos corriam em todas as direções na disputa de algum tipo de jogo, e alguns deles gritaram Ei, sai do meio! quando a sua bola levitadora por pouco não atingiu Dors.

Raych parou diante de uma porta escura, coberta de arranhões, na qual brilhava fracamente o número 2782.

- É aí - disse, estendendo a mão.

- Primeiro vamos ver quem está aí dentro - disse Seldon com suavidade. Apertou o botão, mas nada aconteceu.

- Está quebrado - disse Raych. - Tem que bater na porta. Com força que ela é meia surda.

Seldon cerrou o punho e bateu à porta, sendo recompensado com um som de passos vagarosos vindo do interior. Uma voz anasalada soou:

- Quem quer falar com Mãe Rittah?

- Dois professores! - gritou Seldon.

Estendeu para Raych o pequeno computador, com os disquetes numa pequena caixa à parte; o garoto o recebeu com um sorriso, e saiu em carreira

desabalada. Seldon voltou o rosto na direção da porta que se abria, e de Mãe Rittah.

70.

Mãe Rittah teria mais de setenta anos, mas tinha aquele tipo de rosto que à primeira vista parece não corresponder à idade. Bochechas redondas, uma boca miúda, um queixo também pequeno meio gorducho. Era de estatura pequena, talvez um metro e meio, e tinha um corpo roliço.

Mas havia finas rugas ao redor de seus olhos; e quando sorria, como sorriu à vista de seus visitantes, mais rugas se espalharam pelo seu rosto. Movia-se com dificuldade.

- Entrem, entrem - disse, numa voz baixa mas estridente, e espiando na direção deles como se a vista começasse a lhe falhar.

- São de fora ... São estrangeiros, não é mesmo? Não têm cheiro de Trantor.

Seldon teria preferido que ela não mencionasse "cheiro". O apartamento, atulhado de móveis e objetos velhos e empoeirados, estava saturado de um odor rançoso de comida. O ar era tão espesso e úmido que ele ficou certo de que aquele odor ficaria impregnado em suas roupas, quando saíssem dali.

Disse:

- Tem razão, Mãe Rittah. Sou Hari Seldon, de Helicon. Minha amiga é Dors Venabili, de Cinna.

- Ah! - fez ela, enquanto olhava em redor, sem conseguir encontrar um lugar onde os visitantes pudessem sentar.

- Preferimos ficar de pé, Mãe - disse Dors.

- Hem? - Ela se virou para Dors. - Tem que falar mais alto, minha menina. Meus ouvidos não são mais o que eram quando eu tinha sua idade.

- Por que não usa um aparelho de escutar? - perguntou Seldon, erguendo a voz:

- Não ajudaria, Sr. Seldon. Parece que há alguma coisa de errado com o nervo, e eu não tenho dinheiro para neuro-reconstrução. Mas ... vieram para que Mãe Rittah leia o seu futuro?

- Não propriamente - disse Seldon. - Viemos perguntar sobre o passado.

- Ótimo. É tão difícil adivinhar o que as pessoas querem ouvir.

- Deve ser uma arte muito difícil - sorriu Dors.

- À primeira vista é fácil, mas é preciso que se seja muito convincente ... Bem, faço por onde merecer meu cachê.

- Se tiver aqui um terminal de crédito - disse Seldon -, poderemos pagar-lhe um bom cachê, para que nos fale sobre a Terra .. sem tentar adivinhar o que

queremos ouvir, é claro. Queremos a verdade.

A mulher, que tinha continuado a se mover pelo aposento, arrumando detalhes aqui e ali para deixá-lo à altura dos visitantes, estacou de súbito

- O que querem saber sobre a Terra?

- Para começar: o que é a Terra?

Os olhos da velha pareceram perder-se num ponto indefinido do espaço. Quando falou, sua voz era baixa e tranquila

- É um planeta, um planeta muito antigo. Já se perdeu ... já foi esquecido.

- Ele não faz parte da histona - disse Dors. - Isto, nós sabemos

- Ele vem muito antes da história, menina - disse Mãe Rittah com solenidade. - Ele existia antes do alvorecer da Galáxia. Era o único mundo onde vivia a humanidade. - Ela fez um firme gesto afirmativo com a cabeça.

Seldon perguntou:

- Havia algum outro nome para a Terra ... Aurora? Mãe Rittah fechou a cara.

- Onde ouviu falar disso?

- Em minhas pesquisas. Falaram-me de um planeta muito antigo, e já esquecido, chamado Aurora, no qual a humanidade vivia em paz, em tempos remotos.

- É mentira! - Mãe Rittah limpou a boca como se ela própria tivesse dito algo imperdoável. - Esse nome nunca deve ser mencionado senão como a fonte do Mal. Foi dali que todo o Mal surgiu. A Terra vivia só, até que um dia o Mal apareceu juntamente com seus planetas irmãos. O Mal quase destruiu a Terra, mas a Terra reorganizou suas forças e destruiu o Mal... com a ajuda dos heróis

- A Terra existia antes desse planeta do Mal..

- Tem certeza disso?

- Muito, muito antes. A Terra permaneceu sozinha na Galáxia por milhares de anos, milhões de anos.

- Milhões? A humanidade viveu lá por milhões de anos, sem que houvesse habitantes em nenhum outro mundo?

- É verdade. É verdade. É verdade!

- Mas como pode saber disso, Mãe Rittah? Está em algum programa de computador? Em algum livro? Tem alguma coisa aí que eu possa ler?

Mãe Rittah abanou a cabeça.

- Eu ouvi essas velhas histórias da boca de minha mãe, Que as ouviu da minha avó, e assim por diante. Eu não tive filhos, de modo Que conto as histórias a outras pessoas, mas elas vão acabar morrendo. Este é um tempo sem fé.

Dors interveio:

- Não é bem assim, Mãe. Há pessoas Que fazem especulações e hipóteses sobre esses tempos pré-históricos, e Que estudam algumas dessas velhas histórias sobre os mundos perdidos.

Mãe Rittah fez um gesto vigoroso com o braço, como se para afastar o que tinha ouvido.

- Olham para tudo isto com olhos frios - replicou. - São professores. Tentam acomodar tudo dentro das suas ideias Eu poderia contar-lhes histórias sobre o

grande herói Ba-Lee, mas vocês não teriam tempo para escutá-las, e eu mesma já estou muito fraca

Seldon perguntou:

- Já ouviu falar de robôs?

A mulher foi percorrida por um estremecimento, e ela quase gritou:

- Por que me pergunta essas coisas?! Robôs eram pessoas artificiais, eram todos maus, e eram instrumentos dos planetas do Mal. Foram destruídos, e nunca devem ser mencionados.

- Havia algum robô, em especial, que os planetas do Mal odiassem?

Mãe Rittah cambaleou na direção de Seldon, para fitá-la bem dentro dos olhos. Estava tão próxima que ele podia sentir-lhe a respiração.

- Veio aqui para zombar de mim? - perguntou ela. - Sabe dessas coisas todas, e vem me perguntar? Por que pergunta?

- Porque quero saber.

- Houve um homem artificial que ajudou a Terra. Seu nome era Da-Nee, amigo de Ba-Lee. Ele não morreu: está vivo em alguma parte, esperando a hora de voltar. Ninguém sabe quando soará essa hora, mas algum dia ele irá reaparecer, restaurar os grandes dias do passado, remover toda a crueldade, toda a injustiça, toda a miséria ... Assim foi prometido. - A estas palavras, ela fechou os olhos e sorriu, como que perdida em recordações.

Seldon ainda esperou calado durante algum tempo, depois suspirou e disse:

- Obrigado, Mãe Rittah. Foi muito útil para nós. Quanto lhe devo?

- É tão agradável encontrar estrangeiros - disse a velha. - Dez créditos. Posso lhes oferecer um refresco?

- Não, obrigado - disse Seldon com fervor. - Por favor, aceite vinte. Gostaríamos apenas que nos ensinasse como ir daqui até o expressway. E, Mãe Rittah ... se pudesse dar um jeito de passar para um disquete de computador essas histórias sobre a Terra, eu poderia pagar-lhe muito bem.

- Seria muito cansativo ... Pagar quanto?

- Iria depender do tamanho das histórias, e de serem muito bem contadas. Eu poderia pagar-lhe mil créditos.

Mãe Rittah umedeceu os lábios.

- Mil créditos? Mas como posso achá-lo, quando a história estiver pronta?

- Eu lhe darei um número de código de computador onde poderei ser localizado.

Seldon entregou o número a Mãe Rittah, recebeu as instruções para se orientar e, quando saiu do apartamento com Dors, respirou cheio de alívio o ar relativamente mais limpo que circulava no beco.

71.

Enquanto caminhavam, Dors falou:

- Não foi uma entrevista muito longa, Hari.

- Sei disso. O local era muito desagradável, e achei que já tinha ouvido o bastante. É incrível como esses contos folclóricos tendem a aumentar as coisas.

- "Aumentar", como?

- Bem, os mycogenianos povoam o seu Aurora com pessoas capazes de viver séculos a fio; os dahlitas povoam a Terra com uma humanidade que viveu ali por milhões de anos. E ambos falam de robôs que são praticamente imortais. De qualquer modo, tudo isso dá o que pensar.

- Se o caso é de milhões de anos, então ... Espere. Para onde estamos indo?

- Mãe Rittah disse para seguirmos nesta direção até chegarmos a uma área de descanso, depois seguir o sinal que diz PASSAGEM CENTRAL, sempre à esquerda, e continuar acompanhando o sinal. Passamos por alguma área de descanso, na vinda? .

- Talvez estejamos voltando por um caminho diferente. Não me lembro de nenhuma área de descanso, mas na realidade não prestei muita atenção ao trajeto. Estava de olho nas pessoas, e ...

Sua voz morreu. Logo mais à frente a rua se alargava em duas direções.

Seldon lembrou-se. Eles tinham passado por ali. Havia uma dupla de vagabundos mal vestidos sentados no chão, um de cada lado.

Não tinha sido necessário, no entanto, que Dors ficasse de olho nos transeuntes, quando passaram ali pela primeira vez: naquele trecho não havia ninguém caminhando. Mas agora, lá à frente, eles podiam ver um grupo de homens, relativamente altos para o padrão dahlita, bigodes eriçados, braços musculosos reluzindo nus à luz amarelada que brilhava sobre a passagem.

Era evidente que estavam à espera deles dois e, quase automaticamente, Seldon e Dors estacaram. Por um Instante tudo permaneceu imóvel, mas logo em seguida Seldon olhou para trás, mais dois ou três indivíduos acabavam de surgir e vinham em sua direção.

- Uma armadilha - disse Seldon por entre os dentes. - Eu não devia ter deixado você vir, Dors.

- Pelo contrário, foi justamente por isso que vim. Mas terá valido a pena passar por isto só para ver Mãe Rittah?

- Se sairmos desta, valeu, sim. - E, erguendo a voz, Seldon falou: - Dão licença?.

Um homem deu um passo à frente. Ficava exatamente à altura de 1,73m de Seldon, mas era de ombros mais largos e corpo bem mais musculoso. Um pouco

flácido no entanto, notou Seldon.
- Eu sou Marron - disse com arrogância, como se aquele nome devesse causar impacto sobre os dois. - Estou aqui para dizer-lhes que não gostamos de forasteiros em nosso distrito. Se quiserem entrar aqui não há problemas, mas se quiserem sair vão ter que pagar.
- Está bem. Quanto?
- Quanto tiverem. Vocês são estrangeiros ricos, devem ter fichas de crédito, não? Passem para cá, então
- Não.
- Não precisa dizer não. Nós vamos tomá-las.
- Só podem tomar minha ficha se me matarem ou me ferirem gravemente, e ela só pode ser ativada pelo meu registro vocal. Da minha voz normal, claro.
- Não é problema, senhor. .. como vê, estou sendo bem educado. Nós podemos tomar sua ficha sem feri-lo demais.
- Quantos grandalhões de vocês são necessários para isso? Quantos são ... nove? - Seldon contou rapidamente. - Dez.
- Basta um. Eu.
- Sem ajuda de ninguém?
- Eu sozinho.
- Se o resto de vocês se afastar e nos der espaço, Marron, eu gostaria de ver você tentar.
- Não tem uma faca, forasteiro. Quer uma?
- Não. Use a sua, para equilibrar a luta. Eu lutarei sem faca.
Marron virou-se para os outros e disse:
- Ei, o rapaz aqui é metido a engraçado. Não está nem sequer com medo, não é uma beleza? Ah, seria uma covardia machucar o rapaz. Olhe aqui, senhor. Eu fico com a moça, está bem? Se não gostar disso, é só me entregar as fichas de crédito de vocês dois, e usar suas vozes para ativá-las. Agora, se disser que não, então, depois que eu cuidar dela, e isso vai levar um certo tempo ... - Ele riu alto. - Então, depois disso, posso dar um jeito em você.
- Não - disse Seldon. - Deixe a moça ir embora. Chamei você para uma briga, homem a homem, você com sua faca, eu sem nenhuma. Se achar que não dá, pode chamar um de seus amigos para ajudá-lo, mas deixe a moça ir embora.
- Pare, Hari! - gritou Dors. - Se o caso dele é comigo, deixe-o vir, e ver o que pode fazer. Fique aí, Hari, e não se mova.
- Ouviu isso? - disse Marron, com um sorriso largo. - Fique aí e não se mova! Acho que a moça gostou de mim. Vocês dois aí segurem o cara.
Cada um dos braços de Seldon foi agarrado com força, e ele sentiu a ponta de uma faca na nuca.
- Não se mexa - disse uma voz áspera ao seu ouvido - e pode assistir a tudo. A moça vai gostar. .. Marron é muito bom nisso.
Dors gritou de novo: - Não se mova, Hari!
Ela voltou-se e encarou Marron atentamente, com as mãos à altura do cinto.
Ele veio se aproximando com determinação e Dors esperou até que ele

estivesse à distância de um braço; nesse instante ela fez um gesto rápido, e Marron subitamente se viu diante de suas enormes facas reluzentes.

A princípio ele pareceu recuar; mas logo deu uma gargalhada. - A moça tem duas facas ... facas de homem, vejam só. Eu tenho apenas uma, minha pequena, mas vai ser o suficiente. - Num movimento hábil ele fez surgir sua própria arma. - Não quero feri-la, moça, porque isto vai ser muito mais gostoso, para mim e para você, se eu não o fizer. .. Quem sabe eu posso desarmá-la, hem?

Dors retrucou:

- Não quero matá-lo. Vou fazer o possível para evitar fazer isso, mas mesmo assim quero que todos aqui sejam testemunhas. Se eu matar você é para proteger meu amigo, porque essa é a minha missão.

Marron fez uma cara exagerada de medo:

- Oh, por favor, não me mate, moça! - Depois prorrompeu numa gargalhada, sendo imitado pelos outros dahlitas.

Marron ameaçou um golpe com sua faca, mas sem chegar muito perto de Dors. Repetiu o gesto, e depois uma terceira vez; em momento algum Dors fez menção de desviar o corpo, percebendo que nenhum dos golpes era de fato endereçado contra ela.

Marron fechou a cara. Estava tentando assustá-la, mas tinha conseguido apenas tornar sem efeito as próprias ameaças. O golpe seguinte foi direto contra Dors, e a faca que ela tinha na mão esquerda se moveu veloz, chocando-se com a dele com uma força que jogou o braço de Marron para o lado. A outra faca de Dors fez um traço em diagonal sobre a camiseta branca, deixando um fino corte ensanguentado através do qual apareceram os pelos escuros.

Marron abaixou o olhar sobre si próprio, perplexo, enquanto os outros dahlitas soltavam exclamações de surpresa. Seldon sentiu que o aperto dos dois homens que lhe seguravam os braços diminuía um pouco, e retesou os músculos, à espera do momento adequado.

Desta vez Marron atirou-se para a frente e sua mão esquerda projetou-se, ao mesmo tempo em que a outra desferia o golpe, tentando agarrar o punho de Dors. Mais uma vez a faca na mão esquerda de Dors aparou o golpe, enquanto sua mão direita fazia um ágil movimento de esquiva: quando a mão de Marron tentou fechar-se sobre seu pulso, agarrou apenas a lâmina, recebendo um talho no meio da palma.

Dors saltou para trás e Marron, sangrando no peito e na mão esquerda, gritou sufocado pela raiva:

- Alguém aí, me jogue outra faca!

Houve um momento de hesitação, e então um dos dahlitas atirou uma faca. Marron ergueu o braço para pegá-la, mas Dors foi mais rápida. A lâmina em sua mão direita golpeou a faca que vinha pelo ar e a arremessou à distância, rodopiando.

Seldon sentiu que a pressão em seus braços diminuía um pouco mais e, num repelão, conseguiu soltar-se. Seus captores voltaram a cair sobre ele, soltando

gritos roucos, mas ele ergueu o joelho com violência entre as pernas do primeiro, e desferiu no outro uma cotovelada no plexo solar que o mandou ao chão.

Ele abaixou-se e recolheu as facas dos dois homens que gemiam, caídos aos seus pés; e quando voltou a se erguer tinha facas em ambas as mãos, como Dors, Seldon não tinha a menor noção de como manejar aquelas armas, mas sabia que isso jamais ocorreria aos dahlitas num momento como aquele.

Dors disse:

- Mantenha-os à distância, Hari. Não ataque ainda ... Marron, meu próximo golpe não vai ser apenas um arranhão.

Descontrolado pela raiva, Marron deu um rugido e atacou às cegas, tentando derrotar sua oponente através da mera energia cinética. Dors deu uma queda de corpo para o lado, esquivou-se ao golpe do braço direito de Marron e desferiu de passagem um pontapé no seu tornozelo direito, fazendo-o ir ao chão, enquanto a faca saltava à distância.

Dors ajoelhou-se sobre o corpo caído do dahlita e, colocando um punhal de encontro à sua garganta e outro sobre a nuca, gritou: - Renda-se!

Com um berro gutural Marron conseguiu golpeá-la com o braço, puxou-a para um lado, tentando pôr-se de pé; mas ainda não estava erguido e Dors já o atacava mais uma vez, com uma das facas descendo veloz sobre o seu rosto e arrancando-lhe um lado do bigode. Marron desta vez soltou um uivo como o de um animal em agonia, levando a mão ao rosto; quando a retirou, estava encharcada de sangue.

- Não vai voltar a crescer, Marron - disse Dors. - Um pedaço do lábio veio junto. Se me atacar de novo, você é um homem morto.

Ela ficou em guarda, mas para Marron já tinha sido o bastante.

Ele saiu cambaleando, soltando gemidos lamentosos, e deixando atrás de si um rastro de sangue.

Dors virou-se para os outros dahlitas. Os dois que Seldon havia derrubado ainda estavam no chão, desarmados e parecendo pouco ansiosos para se pôr de pé. Ela se curvou, e com rápidos movimentos cortou-lhes os cintos e o cós das calças.

- Vão ter que segurar suas calças, quando forem embora - disse ela.

Voltou-se para encarar os sete dahlitas que permaneciam de pé, como que petrificados de espanto.

- Quem de vocês jogou aquela faca? - perguntou ela. Silêncio.

- Não importa - continuou Dors. - Venham de um em um, ou todos juntos. Mas cada golpe que eu der, vai ser para matar.

E, como se estivessem todos bem ensaiados, os sete homens deram-lhe as costas e fugiram às carreiras.

Dors ergueu os supercílios e disse a Seldon:

- Desta vez, pelo menos, Hummin não pode dizer que eu não o protegi.

- Ainda não consigo acreditar no que vi - disse Seldon. - Não sabia que você era capaz de brigar assim ... nem mesmo de falar assim, para ser sincero.

Dors sorriu.

- Você também tem suas habilidades ... acho que formamos uma boa dupla. Recolha as lâminas de suas facas e as guarde no bolso. Acho que as notícias correm rápido por aqui, e vamos poder sair de Billibotton sem sofrer nenhum outro contratempo.

E ela tinha toda razão.

DISFARCE

DAVAN - ... Nos tempos conturbados que foram os últimos séculos do Primeiro Império Galáctico, os motivos mais frequentes para as convulsões sociais nasciam do fato de que líderes políticos e militares lutavam entre si pela conquista do poder supremo (uma supremacia cujo valor ia se tornando cada vez menor a cada década). Só muito raramente surgia algo, antes do advento da psico-história, que pudesse ser considerado um movimento popular. Com relação a isto, um dos exemplos mais intrigantes é o de Davan, a respeito do qual pouca coisa se sabe com certeza, mas que deve ter encontrado Hari Seldon pelo menos uma vez, quando ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

72.

Tanto Hari Seldon quanto Dors Venabili tinham tomado banhos cuidadosos e demorados, utilizando as instalações um tanto primitivas do banheiro da residência dos Tisalver. Tinham acabado de trocar de roupa e estavam no quarto de Seldon quando Jirad Tisalver retomou do trabalho. Seu toque à campainha foi um tanto tímido, ou assim pareceu, pois não soou durante muito tempo.

Seldon abriu a porta e disse, bem-humorado: - Boa noite, Sr. Tisalver ... e Sra. Tisalver.

Ela estava mesmo por trás do marido, a testa franzida, com uma cara de poucos amigos.

Tisalver arriscou uma pergunta, como se não estivesse muito certo da situação:

- Estão bem ... o Sr. e a Sra. Venabili? - Fez um sinal afirmativo com a cabeça, como que pedindo uma resposta tranquilizadora

- Muitíssimo bem. Entramos e saímos de Billibotton sem nenhum problema, e acabamos de tomar banho e de nos trocar. Garanto-lhe que não ficamos com nenhum cheiro. - Seldon ergueu o queixo enquanto falava, sorridente, dirigindo-se à Sra. Tisalver por sobre o ombro do marido.

Ela fungou alto, como se tentasse detectar alguma coisa no ar. Ainda hesitante, Tisalver comentou:

- Ouvi dizer que houve uma briga de faca. Seldon ergueu as sobrancelhas:

- É isso o que estão dizendo?

- Sim. O Sr. e a Sra. Venabili contra cem malfeitores, segundo fui informado ... e que vocês mataram a todos e fugiram. Foi isso mesmo? - Havia, apesar do tom relutante, um profundo respeito na voz do dahlita.

- Evidentemente que não - disse Dors, com voz impaciente. - Isso é ridículo. Por quem nos tomam? Genocidas? E acham que uma centena de bandidos iriam ficar parados, esperando, durante todo o tempo que nós dois levássemos para matar a todos? Pense um pouco.

- É o que todos estão dizendo - disse Casilia, com firmeza.

- E não queremos esse tipo de coisa em nossa casa.

- Em primeiro lugar - replicou Seldon -, não foi aqui que aconteceu. Em segundo, não eram cem homens, eram apenas dez. Em terceiro, não morreu ninguém Houve uma certa altercação, mas depois disso eles se afastaram e nos deixaram passar.

- Eles se afastaram, e os deixaram passar? Esperam que acreditemos nisso, estrangeiros? - perguntou Casilia, com ar beligerante.

Seldon deu um suspiro. Ao menor impasse, os seres humanos tinham essa curiosa mania de se dividir em grupos antagônicos. Falou:

- Bem, admito que um deles sofreu alguns pequenos cortes. Mas nada de sério.

- E nenhum de vocês se machucou? - perguntou Tisalver, em cuja voz a admiração ficava mais e mais evidente.

- Nem um arranhão - disse Seldon. - A Sra. Venabili manejou muito bem suas duas facas.

- Isso eu acredito - disse a Sra. Tisalver, os olhos postos no cinto de Dors - e é justamente isso que não quero ver ocorrendo por aqui.

Dors respondeu com firmeza:

- Enquanto ninguém nos atacar aqui, nada vai ocorrer.

- Mas é por causa de vocês - disse Casilia - que a porta do nosso edifício está cheia de gentinha.

- Meu amor - disse Tisalver -, não vamos nos zangar por. ..

- Por quê? - retrucou ela com desdém. - Está com medo, só porque ela usa facas? Eu bem gostaria de vê-la usar essas facas.

- Não tenho a mínima intenção de usá-las aqui - disse Dors, fungando tão audivelmente quanto a Sra. Tisalver costumava fazer. - Mas, o que foi que disseram a respeito de gentinha à porta do edifício?.

Tisalver respondeu:

- O que minha mulher está querendo dizer é que um desses meninos vadios de Billibotton, pelo menos a julgar por sua aparência, está lá fora à sua procura, Sr. Seldon, e nós não estamos acostumados a coisas assim nesta vizinhança. Prejudica nossa respeitabilidade. - Sua voz soava como um pedido de desculpas.

- Está bem, Sr. Tisalver - disse Seldon. - Nós vamos lá fora, verificamos do que se trata, e o mandaremos embora o mais cedo..

- Não, espere aí - interrompeu Dors, aborrecida. - Estamos em nossos quartos.

Pagamos por eles. Nós é que decidimos quem pode e quem não pode nos visitar. Se há lá fora um rapaz de Billibotton, ele é antes de tudo um dahlita. Mais do que isso: é um trantoriano. E mais importante do que ser um trantoriano, é um cidadão do Império e um ser humano. E além do mais, vindo à nossa procura e pedindo para falar conosco ele se transforma em nosso convidado. Portanto, nós vamos trazê-lo aqui para dentro.

A Sra. Tisalver não esboçou um movimento, e seu marido parecia incerto sobre o que fazer. Dors prosseguiu:

- Já que vocês acham que eu matei uma centena de arruaceiros em Billibotton, certamente não vão achar que eu tenho algo a temer desse garoto ... ou de vocês dois, se for o caso. - Sua mão direita desceu até o cinto, num gesto casual.

Tisalver teve um assomo inesperado de energia e disse:

- Sra. Venabili, não temos nenhuma intenção de ofendê-la.

É claro que os quartos lhes pertencem, e podem receber neles quem quer que lhes convenha. - Deu um passo atrás, puxou pelo braço a indignada Sra. Tisalver e a arrastou consigo, levando até o fim esse impulso de determinação pelo qual, sem dúvida, iria pagar caro mais tarde.

Dors lançou um olhar sem simpatia para o casal, e Seldon deu um sorriso seco.

- Que coisa atípica de você - disse ele. - Pensei que eu era a pessoa que entrava quixotescamente em todo tipo de dificuldade, e você era a pessoa prática e tranquila cujo único objetivo era evitar confusões.

Dors balançou a cabeça.

- Não suporto ver um ser humano ser tratado com desprezo s6 por causa do grupo social a que pertence. São gente respeitável como estes dois os maiores responsáveis pela existência dos marginais que há lá fora.

- E há outras pessoas mais respeitáveis ainda - disse Seldon - responsáveis pela existência destes dois aqui. Essas animosidades recíprocas fazem parte da humanidade, e ...

- Você vai ter que tratar disso na psico-história, não é mesmo?

- Certamente que sim ... se algum dia a psico-história chegar a existir e a tratar de alguma coisa. Ah, aqui está o menino que provocou toda esta discussão. E é Raych, o que de modo algum me surpreende.

73.

Raych entrou, olhando para todos os lados, visivelmente inibido. O dedo indicador de sua mão direita ergueu-se num gesto maquinal até o lábio superior, como que impaciente por sentir os primeiros pelos brotando ali.

Por fim ele virou-se para a irritada Sra. Tisalver e fez uma reverência

desajeitada.

- Obrigado, dona. Tem uma casa muito bonita.

Quando a porta bateu com força às suas costas, ele virou-se para Seldon e Dors com um ar cúmplice de conhecedor:

- Belo lugar vocês arranjaram, hem?

- Que bom que você gosta - disse Seldon muito sério. - Como soube que estávamos neste endereço?

- Segui vocês, não é? Ei, moça - ele virou-se para Dors - a senhora briga como eu nunca vi uma mulher.

- Tem visto muitas mulheres brigando? - perguntou Dors, divertida.

Raych esfregou a mão no nariz.

- Não, nunca vi nenhuma. Mulheres não usam facas, só umas pequenas, para assustar os garotos. Mas não me assustam.

- Estou certa que não. Mas o que vocês fazem, que as mulheres são forçadas a puxar facas?

- Nada, nadinha. A gente brinca com elas um pouco, a gente grita ei, moça, deixe eu ... - Ele interrompeu-se e depois de um momento finalizou: - Nada não.

- Não tente isso comigo - disse Dors.

- Tá brincando? Depois do que fez com Marron? Ei, moça, onde foi que aprendeu a lutar daquele jeito?

- No meu planeta.

- Me ensine.

- Foi para isso que veio aqui?

- Foi não. Vim trazer um recado.

- De alguém que quer brigar comigo?

- Ninguém quer brigar com a senhora, moça. Olhe, a senhora está famosa em Billibotton, todo mundo já ouviu falar. Pode andar lá por Billibotton e a rapaziada vai lhe abrir caminho, e vai lhe fazer cara bonita, pode acreditar. Puxa, moça, a senhora fez sucesso. É por isso que ele me mandou aqui.

- Raych - disse Seldon - pode nos dizer quem é ele?

- Um cara chamado Davan.

- E quem é ele?

- Um cara. Vive em Billibotton, e anda sem faca.

- E consegue sobreviver?

- Ele lê bem muito, e ajuda o pessoal quando eles têm problema com o governo. Aí o pessoal deixa ele em paz, por isso ele não precisa de faca.

- E por que não veio ele próprio? - perguntou Dors. - Por que mandou você?

- Ele não gosta desse lugar aqui, diz que se sente mal. Diz que as pessoas daqui são do lado do governo, que o pessoal daqui vi e lambendo o ... - O garoto fez uma pausa, olhou em dúvida para os dois estrangeiros, e continuou: - Só sei que ele nunca vem aqui, mas disse que dava para eu vir porque sou um garoto. - Ele sorriu. - Eles quase não deixaram, não foi? Quer dizer, a senhora aí, que parecia que estava me farejando. - Parou, desconcertado, e olhou para si próprio. - Lá no lugar donde eu venho não é moleza conseguir tomar banho.

- Está tudo bem - sorriu Dors. - Mas então onde vamos falar com esse Davan, já que ele não vem até aqui? Afinal de contas, se você não se importa, nós não gostaríamos de voltar a Billibotton.
- Mas eu já disse! - bradou Raych, indignado. - Vocês podem ir pra Billibotton, pra vocês é limpeza, lá. Mas no lugar que Davan está ninguém vai mexer com vocês.
- Onde é?
Aqui perto. Eu posso mostrar.
- E o que esse Davan quer conosco? - perguntou Dors.
- Sei lá. Mas ele disse assim ... - Raych semicerrou os olhos num esforço para lembrar. - "Diga que eu quero ver o homem que tratou um térmico de Dahl como ser humano, com a mulher que derrotou Marron numa briga de facas e não o matou quando podia tê-lo feito." Acho que foi isso.
Seldon sorriu.
- É, parece que está certo. Ele está à nossa espera?
- Está, sim.
- Então nós vamos. - Ele olhou para Dors com algo de dúvida, mas ela disse:
- Está bem, vamos. Não faço questão. E talvez não seja uma armadilha... a esperança é a última que morre.

74.

Havia no céu o brilho agradável do entardecer quando eles saíram à rua, um leve toque violeta e uma orla cor-de-rosa nas simulações de nuvens que se amontoavam lá no alto. Dahl podia se queixar do tratamento que recebia do Governo Imperial, mas com certeza não havia nada de errado com a atmosfera que os computadores daquele setor eram capazes de programar.
Dors disse, em voz baixa:
- Parece que ficamos famosos, Hari. Não tenha dúvida quanto a isso.
Seldon abaixou os olhos ainda voltados para o céu, e só então se deu conta de uma pequena multidão que se aglomerava nas proximidades da entrada do edifício dos Tisalver.
As pessoas do grupo olhavam para eles sem nenhuma dissimulação, e quando perceberam que os dois estrangeiros tinham notado sua presença ali um vago murmúrio circulou por entre elas, dando a impressão de que de um momento para outro iriam começar a aplaudir.
- Agora sei por que a Sra. Tisalver estava tão preocupada - disse Dors. - Eu devia ter sido um pouco mais simpática.
A multidão se compunha, em sua maior parte, de pessoas pobremente

vestidas, e não era difícil adivinhar que muitas delas vinham de Billibotton.

Obedecendo a um impulso repentino, Seldon ergueu o braço e acenou, sendo respondido com alguns aplausos. Uma voz anônima, perdida na multidão, gritou:

- Moça, mostre pra gente algum de seus truques com faca! Dors gritou de volta:

- Só se eu ficar zangada! - e houve uma gargalhada de aprovação.

Um homem deu um passo à frente. Certamente não era de Billibotton, e não dava sinais de ser um dahlita. Tinha apenas um bigodinho muito fino, e de pelos castanhos. Ele se apresentou: - Meu nome é Mario Tanto. Sou do Jornal-HV Trantoriano . Podemos registrar suas imagens para nossa transmissão desta noite?

- Não - disse Dors. - Nada de entrevistas. O homem não se deu por achado.

- Fui informado de que vocês estiveram envolvidos numa briga de faca com um grupo de homens em Billibotton ... e que os derrotaram. - Ele sorriu. - Lamento, mas isso é notícia.

- Não - disse Dors. - Nós encontramos um grupo de homens em Billibotton, conversamos com eles, e fomos embora. Foi tudo o que aconteceu, e não temos nenhuma outra informação a dar.

- Como é seu nome? Você não parece trantoriana.

- Não tenho nome.

- E o de seu amigo aí?

- Ele também não tem.

O homem fez uma cara aborrecida.

- Olhe aqui, moça. Vocês são notícia, entende? E tudo o que estou tentando é fazer meu trabalho.

Raych puxou a manga de Dors, e ela se curvou para ouvi-lu sussurrar algumas palavras. Fez um sinal com a cabeça e voltou a erguer-se.

- Não acredito que seja de fato um jornalista, Sr. Tanto. A impressão que tenho é de que o senhor é um agente do governo imperial, tentando causar problemas à população de Dahl. Não houve briga nenhuma, e o senhor está tentando fabricar notícias sobre uma, talvez para justificar algum tipo de intervenção do Império em Billibotton. Se eu fosse o senhor, não me demoraria muito por aqui ... Não creio que o senhor seja muito popular entre estas pessoas.

A multidão tinha começado a murmurar desde às primeiras palavras de Dors, e ao escutar estas últimas frases já havia um movimento de empurra-empurra em redor de Mario Tanto, enquanto o murmúrio crescia e ele olhava nervoso em redor, até que por fim se afastou. Dors ergueu a voz às suas costas:

- Deixem-no ir embora! Não toquem nele. Não lhe dêem nenhum pretexto para dizer que houve violência.

Continuaram em seu caminho, e Raych disse:

- Puxa, moça, devia ter deixado o pessoal acabar com ele.

- Você é um garoto sanguinário - disse Dors. - Vamos, é melhor nos levar logo aonde está esse seu amigo.

75.

o homem chamado Davan esperava por eles numa sala nos fundos de um restaurante caindo aos pedaços. Raych os guiou o tempo inteiro, mostrando mais uma vez estar tão à vontade por entre os becos arruinados de Billibotton quanto uma toupeira nos subterrâneos de Helicon.

Foi Dors quem pela primeira vez teve um impulso de precaução.

- Espere aí, Raych. Onde é mesmo que está nos levando?

- Pra ver Davan - disse o menino, impaciente. - Já falei.

- Mas isto aqui é uma área desabitada. Ninguém mora aqui.

Dors olhou ao redor com evidente desagrado. Não havia uma só pessoa à vista, e as placas e sinais luminosos que havia estavam total ou parcialmente apagados.

- É assim mesmo - disse o menino. - Davan gosta assim. Ele só vive se mudando, fica num lugar, fica noutro. Sabe como é ... não gosta de dar um tempo num lugar só.

- Por quê? - perguntou Dors.

- Por que é mais seguro.

- Seguro contra o quê?

- Contra o governo.

- E por que o governo teria alguma coisa contra Davan?

- Eu não sei, moça. Deixe eu lhe dizer uma coisa. Vou lhe mostrar onde é e lhe ensinar a chegar lá, e vocês vão.

Seldon interveio:

- Não, Raych, tenho certeza de que sem você nós vamos nos perder com facilidade. Aliás acho melhor você esperar enquanto estivermos lá, para poder nos trazer de volta.

Raych retrucou:

- E o que que eu ganho com isso? Vou ficar parado esperando, morrendo de fome?

- Você fica esperando, Raych, e se ficar com fome eu lhe pago um bom jantar. Qualquer coisa que você queira.

- Tá dizendo isso agora, moço. E depois?

Dors levou a mão ao cinto e puxou a faca, expondo-lhe a lâmina num gesto hábil, e disse:

- Está nos chamando de mentirosos, Raych?

Raych arregalou os olhos, mas não pareceu nem um pouco impressionado com a ameaça; deu um assobio e disse:

- Puxa, nem vi direito. Faça de novo, moça.

- Faço mais tarde ... se você esperar por nós. Se não ... - Dors o fitou bem de frente. - Se não, vamos atrás de você.

- Ah, qual é, moça ... - disse o garoto. - Vocês não vão atrás de mim coisa nenhuma. Vocês não são desse tipo. Mas eu espero, pode deixar. - Endireitou-se, fazendo pose. - Dou minha palavra.

Continuou a guiá-los em silêncio, até entrarem no restaurante abandonado; seus passos ecoavam nos amplos espaços vazios.

Davan ergueu os olhos quando os viu entrar, um olhar agressivo que logo se suavizou à visão de Raych. Fez um gesto interrogativo com a cabeça na direção dos outros dois. Raych respondeu:

- São esses aqui. - Deu um sorriso, e afastou-se.

- Sou Hari Seldon - disse Seldon. - Esta é Dors Venabili.

Fitou Davan com curiosidade. Era de tez morena e tinha o previsível bigode dahlita, mas além dele também ostentava uma barba cerrada. Era o primeiro dahlita não-barbeado que Seldon encontrava: até mesmo os arruaceiros de Billibotton tinham as faces e o queixo meticulosamente escanhoados.

- Como é seu nome, senhor? - perguntou Seldon. Davan.

- Raych deve ter-lhes dito.

- Seu sobrenome.

- Davan é o bastante. Foram seguidos até aqui, Sr. Seldon?

- Tenho certeza que não. Se alguém nos seguisse não duvido que Raych seria capaz de ver ou ouvir qualquer coisa. Se não ele, a Sra. Venabili ouviria.

Dors deu um leve sorriso.

- Tem muita confiança em mim, Hari.

- Cada vez mais - disse ele.

Davan mexeu-se em sua cadeira, preocupado.

- Mesmo assim - disse -, vocês já foram localizados.

- Localizados?

- Sim. Já fiquei sabendo sobre o pseudo-repórter.

-Já? - Seldon demonstrou surpresa. - Mas desconfio de que ele era de fato um jornalista ... e inofensivo. Nós o chamamos de agente imperial por sugestão de Raych, o que foi uma boa idéia. A multidão ficou irritada e nos livramos dele.

- Não, não - disse Davan. - Ele era de fato um agente. Meus amigos o conhecem, e ele de fato trabalha para o Império. Em todo caso, vocês não agem como eu. Vocês não usam nomes falsos e não mudam constantemente de esconderijo. Usam seus próprios nomes, e não fazem nenhum esforço para se disfarçar. Você é Hari Seldon, o matemático.

- Sim, sou - disse Seldon. - Por que inventaria um nome falso?

- O Império está à sua procura, não é mesmo?

Seldon encolheu os ombros.

- Tenho permanecido em lugares onde o Império não pode pôr suas mãos em mim.

- Não abertamente ... mas o Império não é obrigado a agir abertamente. Eu o

aconselharia a desaparecer, desaparecer mesmo.

- Desaparecer. .. assim? - Seldon olhou em volta, com evidente desagrado. A sala era um ambiente tão morto quanto os corredores que ele tinha atravessado para chegar até ali. Tudo estava recoberto de mofo, e a impressão geral era profundamente depressiva.

- Sim - disse Davan. - Poderia nos ser útil.

- De que modo?

- Conversou com um homem chamado Yugo Amaryl?

- Sim.

- Amaryl me disse que o senhor pode predizer o futuro.

Seldon deu um fundo suspiro. Estava incomodado por permanecer de pé naquela sala vazia. Davan estava sentado numa almofada, e havia outras almofadas em redor, mas nenhuma tinha aparência limpa. E ele não se sentia inclinado a e encostar nas paredes, que eram cobertas de imensas manchas de mofo.

Ele disse:

- Talvez não tenha entendido o que Amaryl lhe disse, ou talvez Amaryl não me compreendeu bem. Tudo o que fiz foi provar que é possível escolher certas condições iniciais. a partir das quais as possibilidades históricas, em vez de mergulhar em condições caóticas, Podem se tornar predizíveis, dentro de certo limite. No entanto, não sei que condições iniciais seriam essas, nem estou certo de que elas possam ser descobertas por uma pessoa ou grupo de pessoas num tempo finito. Entendeu?

- Não.

Seldon suspirou novamente.

- Deixe-me tentar outra vez. É possível prever o futuro, mas é impossível descobrir como tirar vantagem dessa possibilidade. Entendeu?

Davan endereçou um olhar sombrio a Seldon, depois a Dors. - Então, não pode prever o futuro.

- Isso mesmo, Sr. Davan.

- Chame-me Davan, apenas. Mas talvez um dia o senhor possa descobrir como fazê-lo.

- Pode ser.

- E é por isso que o Império o deseja.

- Não. - Seldon ergueu o dedo, num gesto didático. - Minha impressão é de que é por isso que o Império não está fazendo um grande esforço para pôr as mãos em mim. Eles gostariam de me apanhar, se pudessem fazê-lo sem maiores dificuldades, mas sabem que, no momento, eu ainda não sei de muita coisa, e portanto não convém pôr em risco o delicado equilíbrio político de Trantor, interferindo com os costumes e as leis deste ou daquele setor. É somente por isso que eu posso me deslocar com razoável segurança, e usando meu próprio nome.

Davan escondeu a cabeça nas mãos e murmurou:

- Isto é uma loucura. - Depois ergueu a cabeça para Dors:

- É a esposa do Sr. Seldon?

Dors respondeu calmamente:

- Não, sou sua amiga, e encarregada de protegê-lo.

- Conhece-o bem?

- Estamos juntos há alguns meses.

- Só isso?

- Só.

- Na sua opinião, ele fala a verdade?

- Eu sei que ele fala a verdade, mas, já que não confia nele, que motivo teria para confiar em mim? Se Hari, por algum motivo, estivesse lhe mentindo, eu deveria estar pronta a mentir também para ficar do lado dele.

Davan olhou de um para o outro com uma expressão de desamparo. Depois falou:

- Em todo caso ... querem nos ajudar?

- Quem é nós, e por que razão precisam de ajuda?

- Viram a situação aqui em Dahl - disse Davan. - Vivemos oprimidos. Deve ter consciência disso; e, pelo modo como tratou Yugo Amaryl, creio que tem uma certa simpatia por nós.

- Vocês têm toda nossa simpatia.

- E devem saber quem nos oprime.

- Suponho que vá me dizer que é o governo imperial, e admito que ele tem a sua parte nisso. Por outro lado, já reparei que aqui em Dahl existe uma classe média que despreza os térmicos, e grupos de criminosos que aterrorizam o resto do setor.

Os lábios se Davan se estreitaram, mas ele permaneceu imóvel. - É verdade - disse. - É mais ou menos isso. Mas tudo isso é encorajado pelo Império, por uma questão de princípios. Dahl é potencialmente uma fonte de sérios problemas para o governo. Se os térmicos entrassem em greve, Trantor iria experimentar quase de imediato um severo racionamento de energia ... com todas as consequências que isto acarreta. O problema é que as próprias classes abastadas de Dahl iriam mobilizar seus recursos para pagar os marginais de Billibotton, e fazê-los enfrentar os trabalhadores e abortar a greve. Já aconteceu antes. O Império permite que alguns dahlitas sejam relativamente ricos, porque com isso os converte em lacaios do governo; e ao mesmo tempo evita fazer com que as leis sobre controle de armas sejam seguidas à risca, permitindo assim que os grupos criminosos continuem fortes.

"O Governo Imperial faz isso em toda parte, não apenas em Dahl. Não podem impor sua vontade pela força, como nos velhos tempos, quando governavam com brutalidade explícita. Hoje em dia, Trantor tornou-se tão complexo, e pode sofrer perturbações tão facilmente, que as forças imperiais são obrigadas a manter suas mãos longe dos ...

- Uma forma de decadência - disse Seldon, recordando os comentários de Hummin.

- O quê? - disse Davan.

- Nada. Continue.

- As forças imperiais são obrigadas e se manter à distância, mas acabaram descobrindo que ainda assim podem agir de modo eficaz. Cada setor é estimulado a ver com desconfiança os seus vizinhos. No interior de cada setor, as classes econômicas e sociais são estimuladas a manter uma espécie de guerra perpétua umas contra as outras. O resultado disso é que o povo de Trantor é incapaz de qualquer forma de ação organizada. Por toda parte, as pessoas estão mais dispostas a se enfrentar umas às outras do que em se agrupar para pôr em xeque a tirania central; assim, o Império governa sem precisar lançar mão da força.

- E na sua opinião - disse Dors, - o que pode ser feito a respeito disso?

- Há anos que tento construir um sentimento de solidariedade entre as populações de Trantor.

- Posso imaginar - disse Seldon secamente - que a esta altura deve estar considerando essa uma tarefa das mais difíceis, e das mais ingratas.

- Tem toda razão - disse Davan -, mas o nosso partido está cada vez mais forte. Muitos desses lutadores de faca estão começando a perceber que há coisas melhores para fazer com uma faca do que usá-la uns contra os outros. Aquele grupo que atacou vocês em Billibotton é um bom exemplo dos que ainda não se juntaram a nós. Os nossos são aqueles que estão agora do seu lado: aqueles que o defenderam contra o tal agente que se dizia jornalista. Vivo aqui, no meio deles. Não é um modo de vida muito atraente, mas aqui estou em segurança. Temos simpatizantes nos setores vizinhos, e dia a dia o nosso número aumenta.

- E nós? - perguntou Dors. - Onde entramos nisto?

- Para começar, vocês dois são estrangeiros, e são dois eruditos. Precisamos de gente como vocês entre os nossos líderes. Nossas forças são recrutadas entre os pobres e os oprimidos, porque são eles os que mais sofrem; mas são os que têm menos condições para exercer a liderança. Uma pessoa como vocês vale uma centena deles.

- É uma avaliação esquisita, para quem diz estar defendendo os oprimidos - disse Seldon.

- Não digo que sejam melhores do que eles enquanto pessoas - apressou-se a corrigir Davan. - Estou falando em termos de liderança. O partido precisa recrutar seus líderes entre homens e mulheres com preparo intelectual.

- Isso quer dizer que pessoas como nós dariam ao seu partido uma aura de respeitabilidade.

- É muito fácil tratar com sarcasmo uma causa nobre, Sr. Seldon; basta querer. Mas o senhor é mais do que respeitável e mais do que intelectual, Sr. Seldon. Mesmo não admitindo ser capaz de penetrar as névoas do futuro ...

- Por favor, Davan - disse Seldon -, não tente ser poético; e não fale no condicional. Não é uma questão de "não admitir". Eu não posso prever o futuro. E o futuro não é feito de névoas, e sim de uma parede de aço cromado.

- Deixe-me terminar. Mesmo que o senhor não consiga fazer previsões com

uma, como direi, acuidade psico-histórica, ainda assim o senhor estudou história, e pode ter certas intuições a respeito do desenvolvimento futuro dos fatos. Não é assim?

Seldon balançou a cabeça.

- Posso ter uma certa intuição a respeito deles, mas por uma questão de afinidade com as intuições matemáticas. Não posso saber até que ponto posso traduzir isso em conceitos que tenham significação histórica. E, na verdade, eu não estudei história ... Gostaria de tê-lo feito. Hoje percebo o quanto me faz falta.

Dors interveio com tranquilidade:

- Eu sou a historiadora, Davan, e posso dizer algumas coisas, se isso lhe interessa.

- Claro que sim ... - disse Davan, e completou, com um misto de gentileza e de desafio: - Por favor.

- De início, temos que lembrar que já houve um grande número de revoluções, na História Galáctica, que derrubaram tiranias: seja em planetas isolados, em sistemas planetários, ocasionalmente no próprio Império ou nos governos regionais pré-Império. Na maioria das vezes, isso significou apenas uma troca de tiranos. Em outras palavras: uma classe dominante é substituída por outra ... às vezes por uma que é mais eficiente, e portanto mais capaz de se manter no poder. .. enquanto que os pobres e oprimidos continuam pobres e oprimidos como antes, ou até pior.

Davan, que escutava com atenção, falou:

- Sei muito bem disso. Todos nós sabemos. Talvez possamos aprender com os fatos do passado, para saber melhor o que devemos evitar. Além disso, a tirania que existe agora é real. A que pode existir no futuro é meramente potencial. Se ficarmos receosos das mudanças devido à idéia de que essas mudanças podem piorar as coisas, então não existe mais a menor esperança de pôr fim às injustiças.

Dors prosseguiu:

- Um segundo ponto que você deve lembrar é que mesmo tendo o direito ao seu lado, mesmo que haja uma forte pressão no sentido de que se faça justiça, em geral são os tiranos no poder que detêm a força. Nada do que seus guerreiros armados de faca possam fazer pode se contrapor ao fato de que existe um exército equipado com armas cinéticas, químicas e neurológicas, disposto a usá-las contra seu povo. Você pode arregimentar do seu lado todos os pobres e oprimidos, e ainda por cima todos os respeitáveis, mas precisa descobrir algum modo de derrotar as forças de segurança e o exército imperial, ou pelo menos enfraquecer a lealdade que eles têm para com seus dirigentes.

Davan disse:

- Trantor é um mundo multi-governamental Cada setor tem seus próprios líderes, e muitos deles têm posições anti-imperiais Se pudermos ter um desses setores mais poderosos do nosso lado, isso mudaria a situação, não é mesmo? Não seríamos mais apenas um bando de vagabundos empunhando facas e

pedras.
- Isso significa que vocês têm de fato um setor mais forte do seu lado, ou que apenas têm planos de conseguir isso?
Davan ficou calado. Dors continuou:
- Posso imaginar que você deve estar pensando no prefeito de Wye. Se o prefeito está disposto a usar o descontentamento popular como meio para ter mais chances de desequilibrar o imperador, não lhe parece então que o seu objetivo maior seria justamente o de ocupar ele próprio o trono imperial? Por que iria ele arriscar a sua presente posição, que tem vantagens consideráveis, por um prêmio menor que esse? Ele não parece ser alguém muito interessado nas bênçãos da justiça e num tratamento humanitário para todas as pessoas.
- Quer dizer então - disse Davan - que qualquer aliado poderoso que venha a ficar do nosso lado pode acabar nos traindo?
- É uma situação mais do que comum na história da Galáxia.
- Se estivermos prevenidos contra isso, então não podemos nos antecipar, e traí-lo?
- Você quer dizer, usá-lo onde for necessário e então, em algum momento decisivo, assassinar o líder de suas forças?
- Talvez não tenha de ser exatamente assim, mas deve haver algum meio de nos livrarmos dele, se isso se mostrar necessário.
- Então o que temos é um movimento revolucionário no qual os líderes principais estão prontos a atraiçoar-se entre si, e cada qual está apenas à espera da oportunidade ideal para fazê-lo. Parece uma boa receita para produzir um caos!
- Então vocês não vão nos ajudar? - perguntou Davan. Seldon, que tinha acompanhado o diálogo entre Dors e Davan com a testa contraída, disse:
- Não é tão simples assim. Nós gostaríamos de ajudá-los. Estamos do lado de vocês. Acho que nenhum indivíduo sensato aceitaria apoiar um Império que se mantém a si próprio através de estímulo ao ódio e à desconfiança entre os povos. Mesmo quando isso parece funcionar, é algo que só pode ser descrito como meta estável: ou seja, está constantemente a ponto de se desequilibrar numa direção ou na outra. Mas a questão é: como podemos ajudar? Se eu já dispusesse da psico-história, se eu pudesse dizer-lhes o que é mais possível de acontecer, ou se eu pudesse dizer-lhes qual ação, entre um certo número de alternativas, teria mais chance de produzir uma conseqüência positiva, então eu poria minhas habilidades à sua disposição. Mas acontece que ainda não tenho isso. A melhor maneira que tenho para ajudá-lo é tentar desenvolver a psico-história.
- E quanto tempo isso vai demorar? Seldon encolheu os ombros.
- Não posso dizer.
- E como pode nos pedir para esperar indefinidamente?
- E que outra alternativa eu tenho, se no momento sou inútil para vocês? Só posso dizer uma coisa: até pouco tempo atrás eu estava convencido de que o desenvolvimento de uma psico-história era absolutamente impossível. Hoje, não

estou mais tão certo.

- Tem alguma solução em mente?

- Não, apenas a intuição de que algum tipo de solução pode ser encontrado. Não sou capaz ainda de definir o que aconteceu e me fez começar a pensar assim, mas estou tentando. Deixe-me tentar mais um pouco. Talvez voltemos a nos encontrar.

- Ou talvez - disse Davan - se retornarem para a casa onde estão, vão se descobrir presos numa armadilha do governo imperial. O senhor pode pensar que o Império o deixará trabalhar em paz na sua psico-história, Sr. Seldon, mas tenho certeza de que o imperador e seu parasita Demerzel não vão querer esperar para sempre, tanto quanto eu.

- Eles não vão ganhar nada se se precipitarem - disse Seldon calmamente -, já que eu estou do seu lado, e não do lado deles. Vamos, Dors.

Os dois giraram nos calcanhares e deixaram Davan sozinho naquela sala em ruínas. Raych os esperava do lado de fora .

76.

Raych estava mastigando e lambendo os dedos, ao mesmo tempo em que amassava o invólucro em que a comida, fosse o que fosse, tinha estado acondicionada. Havia um forte odor de cebola no ar, a julgar por certas nuanças, era comida micro-fermentada

Dors retraindo-se um pouco diante do forte cheiro, perguntou: - Onde conseguiu comida, Raych?

- Os amigos de Davan. Eles me deram. Davan é legal.

- Então não vamos ter que lhe pagar um jantar? - perguntou Seldon, consciente de seu estômago vazio.

- Vão me dar uma coisa aí - disse Raych, com um olhar cobiçoso na direção de Dors. - Uma das facas, moça. Basta uma.

- Faca coisa nenhuma - disse Dors. - Você nos leva de volta, em segurança, e eu lhe darei cinco créditos.

- Como é que eu vou comprar uma faca com cinco créditos? - grunhiu o garoto.

- Não sei, mas é tudo o que vamos lhe dar - tornou Dors.

- Sacanagem, moça - disse Raych.

- Sacanagem se eu usar minha faca em você - disse Dors. - Vamos, vamos andando.

- Tá bem, calma aí - disse o garoto, e fez um gesto: - Por ali.

Começaram a caminhar de volta pelos corredores vazios, mas desta vez Dors,

que não deixava de olhar em todas as direções, parou de súbito.
- Espere, Raych. Estamos sendo seguidos. Raych a olhou com impaciência.
- Tá ouvindo nada, moça.
Seldon inclinou a cabeça para o lado e disse: - Eu não estou ouvindo coisa alguma.
- Eu estou - disse Dors. - Bem, Raych, não queremos nenhuma brincadeira. Diga-me agora mesmo o que está acontecendo, ou vou bater tanto na sua cabeça que você vai ficar vesgo durante uma semana. Não pense que estou brincando.
Raych ergueu o braço num gesto defensivo.
- Bata, moça! Bata, pra ver uma coisa! São os caras de Davan. Eles tomam conta da gente, se aparecer algum valente.
- São os amigos de Davan?
- São. Eles estão indo pelos corredores de serviço.
A mão direita de Dors agarrou Raych pela gola da camisa o ergueu, enquanto ele esperneava: - Ei, moça! Ei!
Seldon exclamou:
- Dors! Não o machuque!
- Vou machucá-lo muito, se descobrir que ele está mentindo.
Estou aqui para proteger você, Hari, e não a ele.
- Não tô mentindo não! - debateu-se Raych. - Não tô não.
- Tenho certeza de que ele diz a verdade - falou Seldon.
- Vamos ver, Raych, diga-lhes para aparecerem, para que nós possamos vê-los. - Ela o largou, e limpou as mãos uma na outra. - Parece que é maluca, moça - disse Raych, ressentido. E ergueu a voz: - Ei, Davan! Apareça aí, pessoal!
Passaram-se alguns instantes e então, através de uma passagem escura ao longo do corredor, surgiram dois homens com bigodes negros, um deles com uma cicatriz correndo de ponta a ponta sobre o seu queixo. Ambos seguravam facas, mas com as lâminas recolhidas.
- Quantos mais de vocês há por aí? - perguntou Dors com aspereza.
- Um bocado - disse um dos recém-chegados. - São ordens. Estamos guardando vocês. Davan quer que vão em segurança.
- Obrigado - disse Dors. - Procurem ser mais discretos ainda. Raych, vamos andando.
- Raych retrucou, de mau humor:
- Tá vendo? Eu não tava mentindo.
- Tem razão - disse Dors -, ou pelo menos, acho que tem. Peço desculpas.
- Eu devia ficar com raiva - disse Raych, empertigando-se para parecer mais alto. - Mas deixa pra lá. Só dessa vez. - E pôs-se novamente a caminho.
Quando atingiram a avenida principal, o grupo invisível de guardas desapareceu; pelo menos os ouvidos agudos de Dors já não conseguiam distinguir seus passos. Àquela altura, no entanto, já caminhavam pela parte mais respeitável do Setor.
Dors comentou, pensativa:

- Não creio que tenhamos roupas que possam lhe servir, Raych.
- E pra que quer roupa pra mim, senhora? - O senso de cerimônia parecia retomar a Raych, uma vez fora dos corredores. - Eu tenho roupa.
- Pensei que você gostaria de vir até o apartamento conosco e tomar um banho.
Raych respondeu:
- Mas pra quê? Eu tomo banho noutro dia. E boto a outra camisa. - Ergueu um olhar astuto para Dors. - Tá chateada porque me deu uma dura, não é? Tá querendo ficar numa boa? .
Dors sorriu.
- É, sim, mais ou menos isso.
Raych fez uma gesto cavalheiresco com a mão.
- Deixa pra lá, não me machucou não. Agora, eu vou dizer uma coisa: a senhora é forte, pra uma moça. Me levantou como se eu não pesasse nadinha
- Eu estava aborrecida, Raych. Tinha que proteger o Sr. Seldon.
- A senhora é uma guarda-costas? - O garoto lançou a Seldon um olhar cheio de curiosidade. - O senhor tem uma moça de guarda-costas? !
- Não posso evitar - disse Seldon, com um sorriso torto. - Ela insiste. Além do mais, acaba se saindo muito bem.
- Pense melhor, Raych - disse Dors. - Tem certeza de que não quer tomar um banho, um bom banho quente?
- Não vai dar. Tá pensando que a madame vai me deixar entrar na casa dela de novo?
Dors ergueu o olhar e viu Casilia Tisalver de pé na entrada do prédio de apartamentos, olhando primeiro para ela, e depois para o garoto maltrapilho; era difícil dizer qual das duas visões lhe causava desagrado maior.
Raych disse:
- Bom, até logo, senhor, senhora. Não sei nem se ela vai deixar vocês entrarem na casa. - Pôs as mãos nos bolsos e retomou pelo mesmo caminho, afetando um ar de indiferença e despreocupação.
- Boa noite, Sra. Tisalver - disse Seldon. - Um pouco tarde, não é?
- É muito tarde - replicou a mulher. - E hoje tivemos aqui na rua uma confusão enorme, por causa daquele jornalista, depois que vocês atiçaram aquela gentinha contra ele.
- Não atiçamos ninguém contra ninguém - disse Dors.
- Eu estava lá - falou a mulher, intransigente. - E vi tudo. - Deu um passo de lado para deixá-los entrar, mas demorando-se o suficiente para que sua relutância fosse percebida.
- Ela está agindo como se o dia de hoje tivesse sido a gota d'água - disse Dors, quando subia ao lado de Seldon, encaminhando-se para seus quartos.
- E daí? - perguntou ele. - O que ela vai poder fazer a respeito?
- É justamente isso o que estou imaginando - disse Dors.

OFICIAIS

RAYCH - ... De acordo com Hari Seldon, seu primeiro encontro com Raych foi inteiramente acidental. Ele era apenas um garoto de rua a quem Seldon pediu informação sobre um endereço. Mas a partir daquele instante sua vida ficou entrelaçada à do grande matemático, até que ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

77.

Na manhã seguinte, depois de tomar banho e se barbear, Seldon, nu da cintura para cima, bateu à porta de comunicação que separava seu quarto do de Dors, e chamou, à meia-voz:

- Dors, abra aí, sou eu.

Ela abriu a porta. Os anéis acobreados de seus cabelos ainda estavam úmidos, e ela também estava nua da cintura para cima.

Seldon recuou instintivamente, embaraçado e surpreso. Dors deu um olhar rápido para si própria, para os seios que balançavam, com indiferença, e, pegando de uma toalha, envolveu com ela os cabelos úmidos.

- O que foi que houve? - perguntou. Olhando de lado, Seldon respondeu:

- Ia lhe perguntar a respeito de Wye. Dors respondeu com naturalidade:

- Sobre "por quê" em relação a quê? E por favor, Hari, não fique me ouvindo com um ouvido só, vire de frente para mim. Você certamente não é um homem virgem!

Seldon, magoado, replicou:

- Eu estava apenas tentando ser polido, mas se você não ficou ofendida, eu certamente não ficarei. E não quero saber nada a respeito de "por quê", e sim de Wye, o Setor Wye.

- O que quer saber? Em outras palavras: por que Wye?

- Ouça, Dors, estou falando sério. De momento em momento esse Setor Wye é mencionado por alguém, ou, para ser mais exato, mencionam o prefeito de Wye. Hummin falou dele, você, Davan. E eu não sei praticamente nada sobre o setor ou sobre o seu prefeito.

- Eu também não sou trantoriana, Hari. Sei muito pouco a respeito disso, mas não há problema em passar tudo para você. Wye fica próximo ao Polo Sul; é um setor muito grande, muito populoso ...
- Muito populoso? No Polo Sul?
- Não estamos em Helicon, Hari, nem em Cinna. Isto aqui é Trantor. Tudo fica situado no subsolo, e o subsolo é praticamente o mesmo nos polos ou no equador. Imagino que eles, naturalmente, mantenham a sua programação de dias e noites seguindo o mesmo padrão que se verifica fora dos domos ... os dias muito longos no verão, as noites muito longas no inverno. Tais extremos, é claro, são mera afetação. Eles são orgulhosos de habitarem o Polo
- Na Superfície deve ser muito frio, sem dúvida.
- Oh, claro. A superfície de Wye é coberta de neve e gelo, mas não numa camada tão espessa quanto você pode pensar. Se isso acontecesse poderia danificar as cúpulas, mas o que se dá é algo muito diferente, e é a razão do poder político de Wye.
Ela virou-se para o espelho, removeu a toalha dos cabelos, e os recobriu com a rede de secar, que após uns cinco segundo os deixou soltos e brilhantes.
- Você não sabe o quanto é bom não estar usando uma carapuça - disse ela, enquanto vestia a blusa.
- Sim, mas o que tem a camada de gelo a ver com o poder de Wye?
- Pense bem. Quarenta bilhões de pessoas usam uma grande quantidade de energia; cada caloria dela acaba degenerando em calor, e é preciso livrar-se desse calor de alguma forma. Ele é canalizado para os polos, principalmente para o Polo Sul, que é o mais desenvolvido dos dois, e é descarregado no espaço. Nesse processo ele derrete a maior parte do gelo, e tenho certeza de que isso é uma das causas das nuvens e das chuvas de Trantor, não importa o quanto os meteorologistas insistam em dizer que as coisas são mais complexas do que isso.
- E o Setor Wye utiliza esse calor, antes de descarregá-lo?
- Pelo que sei, sim. A propósito, não tenho a mínima idéia da tecnologia envolvida na descarga desse calor, mas estou me referindo mesmo é ao poder político. Se Dahl parasse de produzir energia aproveitável, isso certamente causaria incômodos a Trantor, mas existem outros setores que produzem energia e que poderiam incrementar essa produção, além de também existir, é claro, energia armazenada de uma ou de outra forma. Depois de um certo tempo, seria preciso dar um jeito na situação em Dahl; mas não de imediato. Wye, por outro lado ...
- Sim? ..
- Bem, Wye é o escoadouro para pelo menos 90% do calor criado no planeta, e não há quem possa substituí-lo nessa função. Se Wye decidisse interromper essa sua emissão de calor, a temperatura de Trantor começaria imediatamente a aumentar.
- Inclusive em Wye.
- Sim, mas já que Wye fica no Polo Sul, pode dar um jeito de provocar um

influxo de ar frio. Não chegaria a fazer muita diferença, mas Wye conseguiria agüentar a situação por mais tempo do que o resto de Trantor. A questão é, portanto, que Wye é um problema muito delicado para o imperador, e que o prefeito de Wye é, ou pelo menos tem condições de ser, extremamente poderoso.

- E que tipo de pessoa é o atual prefeito de Wye?

- Isso eu não sei. O que cheguei a escutar ocasionalmente me deu a idéia de que é muito velho, e vive praticamente recluso, mas é um sujeito duro como o casco de uma hiper-nave, e muito hábil no jogo do poder.

- Mas por quê? Se é tão velho assim, não ficaria no poder por muito tempo.

- E quem sabe, Hari? Talvez ele tenha sonhado com isso a vida toda. Ou então é o jogo propriamente dito ... as manobras pelo poder, sem nenhum desejo efetivo pelo próprio poder. Talvez se ele conquistasse esse poder e viesse a ocupar o lugar de Demerzel, ou mesmo o trono imperial, ele viesse a se sentir desapontado, porque o jogo teria chegado ao fim. Ou então poderia, se ainda estivesse vivo, começar o jogo subsequente - o de se manter no poder, que pode ser igualmente difícil e igualmente gratificante.

Seldon balançou a cabeça.

- Não consigo imaginar como alguém pode desejar ser imperador.

- Nenhuma pessoa em seu juízo perfeito desejaria isso, concordo, mas a "ambição imperial", como é freqüentemente chamada, é como uma doença que, uma vez contraída, cancela a sanidade mental do indivíduo. E quanto mais perto se está dos cargos de comando, mais suscetível se fica de contrair essa doença. A cada promoção que se recebe ...

- ... a doença vai se manifestando mais visivelmente. Sim, entendo muito bem. Mas também tenho a impressão de que Trantor é um mundo tão grande, as necessidades aqui são tão interligadas, as ambições tão conflitantes, que isso acaba sendo responsável pela maior parte das dificuldades do imperador, tornando mais difícil sua tarefa. Por que ele não sai simplesmente de Trantor, e se estabelece em um planeta mais simples?

Dors riu.

- Você não faria essa pergunta se conhecesse um pouco de história. Trantor é o Império, ao longo de milhares de anos de tradição. Um imperador que não esteja no palácio Imperial não é o imperador. Ele é antes de tudo um lugar, mais do que uma pessoa.

Seldon mergulhou em silêncio, o rosto rígido, e depois de algum tempo Dors perguntou:

- Qual é o problema, Hari?

- Estou pensando - disse ele, num resmungo. - Desde que você me contou aquela história da mão sobre a coxa, tenho tido algumas ideias fugidias ... E agora essa sua observação sobre imperador sendo um lugar, mais do que uma pessoa; isso parece que tocou num ponto.

- Que ponto?

Seldon balançou a cabeça.

- Ainda estou pensando. Posso estar indo na direção errada.

- Fitou Dors de frente, e aí seus olhos pareceram entrar em foco. Em todo caso, acho melhor descer e tomar o café da manhã.

J- á é um pouco tarde, e não acho que a Sra. Tisalver esteja de tão bom humor que se disponha mandar servi-lo no quarto.

- Você é um otimista - disse Dors. - A minha impressão é de que o humor dela não vai permitir sequer que nós continuemos hospedados aqui. Ela vai nos mandar embora.

- Talvez esteja aborrecida, mas afinal estamos pagando.

- Sim, mas desconfio de que a má vontade dela conosco já ultrapassa o valor dos nossos créditos.

- Talvez o marido alimente uma boa vontade maior em relação ao aluguel.

- O marido? Se ele abrir a boca hoje, Hari, a única pessoa a ficar mais surpreendida do que eu será a Sra. Tisalver. Mas já estou pronta, e é melhor irmos descendo.

Desceram até a parte inferior do apartamento, o domínio dos Tisalver; e lá encontraram a dama em questão à sua espera com muito menos do que um café da manhã ... e com muito mais também.

78.

Casilia Tisalver estava de pé na sala, empertigada como um poste; tinha um semi-sorriso em seus lábios carnudos e um brilho estranho nos olhos. Seu marido tinha um ar melancólico, e estava encostado à parede. No centro da sala havia dois homens em postura rígida e tesa, como se tivessem visto as almofadas no piso mas tivessem preferido ignorá-las.

Ambos tinham o bigode e a tez morena dos dahlitas; eram magros e vestiam roupas escuras tão semelhantes uma à outra que não podiam deixar de ser duas fardas. Havia uma delgada linha branca correndo ao longo dos ombros e descendo lateralmente pela perna das calças. Do lado direito do peito, cada um deles ostentava o emblema da espaçonave e do sol, o símbolo do Império Galáctico em cada planeta habitado da Galáxia; no presente caso, havia uma letra "D" no centro do sol.

Seldon deduziu imediatamente que os dois eram membros das forças de segurança de Dahl.

- O que significa isto? - perguntou, pondo-se em guarda. Um dos homens deu um passo à frente.

- Sou o oficial de setor Lanel Russ. Este é o meu colega, Gebore Astinwald.

Ambos ergueram dois holo-cartões de identificação que tremeluziram diante

dos olhos de Seldon, mas este não lhes deu muita atenção.
- O que desejam? - perguntou. Russ perguntou calmamente:
- É Hari Seldon, de Helicon?
- Sou.
- E a senhora, é Dors Venabili, de Cinna?
- Sou - disse Dors.
- Estou aqui para investigar uma queixa de que um certo Hari Seldon instigou ontem um tumulto nesta vizinhança.
- Não fiz isto - disse Seldon.
- Nossa informação - continuou Russ, olhando a tela de um computador de bolso - é de que o senhor acusou um jornalista de ser agente imperial, e incitou contra ele uma multidão de agressores.
Dors interveio:
- Fui eu que o acusei de ser agente do Império, oficial. Tive minhas razões para considerar que isso era verdade. Não é crime uma pessoa exprimir suas opiniões. Existe liberdade de expressão no Império.
- Isso não inclui uma opinião expressa com o objetivo deliberado de provocar uma agressão.
- Como pode afirmar que foi assim, oficial?
Nesse instante a Sra. Tisalver se interpôs, com sua voz estridente:
- Eu estou dizendo que foi assim, oficial. Ela viu que havia uma multidão presente, uma multidão dessa gentinha que vive à procura de baderna. Ela disse propositalmente que o homem era um agente do Império, e ela não sabia nada a respeito dele; disse, sim, disse para jogar os tais vagabundos contra o rapaz. Era evidente que ela sabia muitíssimo bem o que estava fazendo.
- Casilia - disse o Sr. Tisalver em tom de súplica, mas ela lançou contra ele apenas um olhar, reduzindo-o ao silêncio.
Russ voltou-se para a Sra. Tisalver.
- Foi a senhora quem registrou a queixa?
- Sim. Estes dois estão hospedados aqui há alguns dias e não têm feito outra coisa senão nos causar problemas. Convidaram gente de baixa reputação para dentro do meu apartamento, e prejudicaram a minha reputação junto à vizinhança.
- Oficial - perguntou Seldon -, é contra a lei convidar cidadãos de Dahl, pessoas limpas e pacatas, ao nosso quarto? Os dois quartos no andar superior são nossos quartos, nós os alugamos e estamos pagando por eles. Será um crime falar com dahlitas em Dahl?
- Não, não é crime - disse Russ. - Mas isto não faz parte da queixa. O que lhe deu motivos, Sra. Venabili, para supor que a pessoa a quem acusou fosse de fato um agente do Império?
- Ele tinha um bigode muito fino, e castanho - disse Dors. - Concluí que não era um dahlita, e achei que fosse um agente imperial.
- Concluiu? O seu companheiro, o Sr. Seldon, não tem bigode. Conclui que ele também é agente do Império?

- De qualquer forma - interveio Seldon -, não houve baderna. Pedimos às pessoas que não tomassem nenhuma atitude violenta contra o tal indivíduo, e tenho certeza de que elas nos atenderam.

- Tem certeza, Sr. Seldon? - disse Russ. - Nossa informação é de que ambos deixaram o local imediatamente após fazer a acusação. Como pode ter certeza quanto ao que sucedeu depois disso?

- Não posso ter certeza - disse Seldon. - Mas deixe-me fazer uma pergunta. O homem está morto, por acaso? Está ferido?

- O indivíduo em questão foi interrogado por nós. Ele nega que seja agente do Império, e não temos nenhuma informação indicando que ele o seja. Ele também se queixa de ter sido tratado com violência.

- Pode estar mentindo em ambos os casos - disse Seldon.

- Eu sugiro que o examinem com uma sonda-psi.

- Isto não pode ser feito à vítima de um crime - disse Russ - O governo deste setor é muito claro a respeito. Todavia seria possível submeter os acusados do crime a uma sonda-psi. Aceitariam isto?

Seldon e Dors se entreolharam por um momento, e Seldon respondeu:

- Não. Claro que não.

- Claro que não - repetiu Russ, com uma nota de sarcasmo na voz. - Apesar de estarem tão dispostos a sugerir que isso fosse feito em outra pessoa.

O outro oficial, Astinwald, que até aquela altura não dissera uma palavra, sorriu levemente.

Russ continuou:

- Fomos informados de que há dois dias atrás o senhor e a senhora se envolveram numa luta de faca em Billibotton, e feriram gravemente um cidadão dahlita chamado ... - Ele apertou um botão em seu computador e consultou a tela - ... Elgin Marron.

- Suas informações dizem como a briga começou? - perguntou Dors.

- Isso é irrelevante no momento, senhora. Nega que a luta tenha ocorrido?

- Claro que não negamos isso - disse Seldon, começando a se irritar -, o que negamos é que tenhamos de alguma forma provocado essa briga. Nós fomos atacados. A Sra. Venabili foi ameaçada por esse tal Marron e era bastante claro que ele estava tentando violentá-la. O que aconteceu em seguida não foi mais do que uma reação em legítima defesa. Ou será que em Dahl o estupro é liberado?

Russ continuou a falar, em voz monocórdia:

- Disse que foram atacados? Por quantas pessoas?

- Dez homens.

- E o senhor sozinho, ajudado apenas por uma mulher, defendeu-se contra dez homens?!

- A Sra. Venabili e eu nos defendemos.

- Como se explica, então, que nenhum dos dois mostre qualquer sinal de violência? Algum dos dois tem ferimentos em algum local que não esteja à vista agora?

- Não.

- Como se explica então que, numa briga entre um casal e dez homens, nenhum dos dois apresente qualquer contusão, enquanto o queixoso, Elgin Marron, foi hospitalizado com graves ferimentos, e vai precisar sofrer um transplante de pele em seu lábio superior?

- Nós lutamos bem - disse Seldon, de cara fechada.

- Inacreditavelmente bem. O que me diz se eu lhe disser que três homens testemunharam que o senhor e sua amiga atacaram Marron, sem nenhuma provocação da parte deste?

- Digo-lhe que ninguém acreditaria nisso. Estou certo de que Marron tem ficha policial como arruaceiro e violento. Por outro lado, havia dez homens lá; e fica óbvio que seis entre eles se recusaram a prestar falso testemunho. Como é que os outros três explicam o fato de que não foram socorrer seu amigo ao vê-lo sofrer uma agressão gratuita e correr risco de vida? Está claro que estão mentindo.

- Sugere que apliquemos neles uma sonda-psi?

- Sim. E, antes que pergunte, continuo a recusar que o façam em nós.

Russ prosseguiu:

- Também fomos informados de que ontem, após deixar esta rua onde incitaram a multidão contra o jornalista, o senhor e sua companheira foram se encontrar com um tal Davan, um conhecido subversivo que está sendo procurado pelas forças de segurança. É verdade?

- Vai ter que prová-la sem nossa ajuda - disse Seldon. - E não temos a intenção de responder mais perguntas.

Russ guardou no bolso o computador.

- Receio que seja minha obrigação pedir que me acompanhem até nosso quartel-general para maiores esclarecimentos.

- Não creio que seja necessário, oficial- disse Seldon. - Somos estrangeiros e não praticamos nenhum ato contra a lei. Livramo-nos de um jornalista que estava nos importunando indevidamente. Tentamos nos defender de uma agressão que poderia culminar em rapto e assassinato, numa parte do setor conhecida pelo seu alto índice de criminalidade. E entramos em contato com um grande número de dahlitas. Não vemos, em tudo isso, nenhum motivo para prestar maiores esclarecimentos a quem quer que seja. Seria um profundo aborrecimento para nós.

- Quem decide isso sou eu - retrucou Russ. - Querem me acompanhar?

- Não - disse Dors.

- Cuidado com ela! gritou a Sra. Tisalver. - Ela usa duas facas.

O oficial Russ suspirou e disse:

- Obrigado, senhora, mas já estou sabendo disso. - Voltou-se para Dors. - Sabe que é um crime muito sério, neste setor, portar armas sem autorização? A senhora tem essa autorização?

- Não, oficial, não tenho.

- Então é óbvio que foi uma faca ilegalmente conduzida que feriu Elgin

Marron? Tem consciência de que isto aumenta em muito a gravidade do delito?

- Não houve delito, oficial- disse Dors. - Por favor, compreenda isto. Marron também portava uma faca, e tenho certeza de que também não tinha autorização para tal.

- Não temos prova alguma disso, e o fato é que Marron apresenta ferimentos a faca, e a senhora não.

- Claro que ele tinha uma faca, oficial. Se o senhor não sabe que todos os homens de Billibotton e a maioria dos homens de Dahl levam facas consigo, sem autorização, então é a única pessoa que não está a par disso. Por toda parte há lojas prontas a vender facas a qualquer pessoa. Não sabia disso?

- Não interessa o que eu sei ou não sei - respondeu Russ. - Nem interessa se há outras pessoas violando a lei, e quantas são.

- Tudo o que nos interessa neste momento é o fato de que a Sra. Dors Venabili violou a lei sobre porte de armas. Peço que me entregue essas facas imediatamente, senhora, e que em seguida os dois me acompanhem até o quartel-general.

- Se quer as facas venha buscá-las - desafiou Dors. Russ deu um suspiro.

- Não deve estar imaginando, senhora, que as únicas armas existentes em Dahl são facas, ou que eu esteja disposto a me envolver numa briga desse tipo. Tanto eu quanto meu companheiro dispomos de pistolas de raios que poderão destruí-los num instante, antes que a senhora possa estender a mão até o cinto, por mais rápida que seja. Mas não vamos usar essas armas, porque não viemos aqui para matá-los; cada um de nós tem um neuro-chicote, e não vacilaremos em usá-los. Espero que não me peça nenhuma demonstração. Ele não é mortal e não causa nenhum tipo de dano permanente, nem deixa marcas ... mas a dor é excruciante. Meu colega tem um neuro-chicote apontado em sua direção, e aqui está o meu. As facas, por favor, Sra. Venabili.

Houve uma pausa e então Seldon disse:

- Não adianta, Dors. Entregue as facas.

E nesse momento soaram batidas frenéticas à porta; e todos eles ouviram uma voz estridente que chamava em altos brados, do lado de fora.

79.

Raych não se tinha afastado muito daqueles arredores, após levar Dors e Seldon de volta ao apartamento dos Tisalver.

Tinha comido bastante enquanto esperava o fim do encontro que os dois tinham mantido com Davan; e mais tarde dormira um pouco, depois de ter achado um banheiro que se mantinha mais ou menos em funcionamento. Na

verdade, não tinha nenhum lugar para onde ir, depois que os estrangeiros o tinham dispensado. Tinha uma casa pouco confortável, e uma mãe que não ficaria preocupada caso ele deixasse de aparecer por algum tempo. Ela nunca ligava.

Ele não sabia quem era seu pai, e às vezes imaginava se teria mesmo um. Tinham-lhe dito que ele forçosamente teria um pai, e as razões para isso tinham-lhe sido explicadas com crueza. Raych não sabia se devia acreditar numa história tão extravagante, mas em todo caso os detalhes o deixavam excitado.

Pensou naquilo em relação à senhora. Ela era muito mais velha do que ele, claro, mas era bonita, e brigava tão bem quanto um homem ... melhor do que um homem, até. Isso o deixou percorrido por sensações estranhas.

E ela lhe ofereceu um banho. De vez em quando Raych nadava nas piscinas de Billibotton, quando tinha alguns créditos sobrando, ou quando podia entrar sem pagar. Eram as únicas chances que ele tinha para tomar um banho completo, mas a água era fria, e ele tinha que esperar, depois, até secar por inteiro.

Um banho de chuveiro era diferente. Água quente, sabonete, toalhas, ar aquecido. Ele não sabia exatamente como seria isso; sabia, no entanto, que seria gostoso se ela estivesse por perto.

Ele já era bastante experiente no mundo das ruas para conhecer lugares onde podia se esconder num beco, nas proximidades de algum banheiro, e ainda assim permanecer nas proximidades do apartamento onde ela estava - e num local onde ninguém pudesse descobri-lo e expulsá-lo.

Passou a noite inteira sendo assaltado por ideias pouco usuais.

Que tal se aprendesse mesmo a ler e escrever? Será que isso teria alguma utilidade? Não sabia muito bem que utilidade seria essa, mas ela poderia dizer-lhe. Ele imaginava vagamente que alguém lhe daria dinheiro quando ele fizesse coisas que no momento ele era incapaz de fazer; mas não sabia que coisas seriam essas. Ele teria de aprender - mas como é que se aprende?

Se ele ficasse com os dois estrangeiros, talvez eles pudessem ajudá-lo. Mas será que eles gostariam de tê-lo ao seu lado?

Envolvido por esses pensamentos ele começou a cochilar:

Quando acordou mais tarde, não foi porque a luz ambiente tinha ficado mais intensa, e sim porque seus ouvidos atilados tinham começado a registrar as variações dos ruídos que vinham da rua principal, à medida que as atividades do dia iam começando.

Ele era capaz de identificar praticamente todo tipo de som, porque nos labirintos subterrâneos de Billibotton, se alguém queria sobreviver com um mínimo de segurança, era preciso registrar a presença das coisas antes de elas serem visíveis. E agora ele estava ouvindo o motor de um carro cujo som indicava: perigo. Um som oficial, um som ameaçador. ..

Raych sacudiu-se bruscamente e, quando se sentiu desperto, partiu na direção da passarela principal. Nem sequer precisou avistar o emblema da espaço nave e do sol na parte lateral do carro: as linhas do seu desenho foram suficientes. Ele

percebeu na mesma hora que aquele carro tinha vindo para prender o homem e a mulher, porque eles dois tinham se encontrado com Davan. Ele não parou para analisar essas questões ou refletir sobre elas: já partia a toda carreira, esbarrando de um lado e do outro nas pessoas que já enchiam as passarelas naquele começo de dia.

Estava de volta em menos de quinze minutos. O carro ainda estava parado no mesmo lugar, e havia uma porção de curiosos em volta dele, olhando-o a uma distância respeitosa. Daí a pouco haveria um número bem maior. Raych subiu correndo as escadas, tentando lembrar a porta até onde viera na véspera. Não havia tempo para esperar o elevador.

Ele encontrou a porta, ou pelo menos achava que era aquela, e bateu, bateu com os punhos cerrados, gritando:

- Senhora! Senhora!

Estava tão perturbado que não conseguia lembrar o nome dela, mas lembrou parte do nome do homem.

- Hari! - gritou. - Me deixe entrar!

A porta se abriu e ele enfiou-se para dentro ... ou pelo menos tentou. A mão brutal de um oficial o agarrou pelo braço. - Calma aí, garoto. Onde pensa que vai?

- Me larga! Eu não fiz nada! - Ele olhou em redor. - Ei, moça, o que é que eles estão fazendo?

- Estão nos prendendo - disse Dors, a cara fechada.

- Pra quê? - perguntou Raych, debatendo-se. - Ei, me larga, Do Império. Não vá com eles, moça. Não é obrigada a ir com eles.

- Caia fora daqui - rosnou Russ, sacudindo o garoto com violência.

- Não caio. E vocês também não vão sair daqui, Do Império. Minha turma está vindo toda. Vocês não vão sair se não deixarem o pessoal.

- Que turma é essa? - O oficial franziu a testa.

- Estão do lado de fora agora, e devem estar botando o carro de vocês abaixo. E depois vão pegar vocês e dar um arraso.

Russ voltou-se para seu parceiro.

- Chame o quartel-general. Diga para mandarem um par de caminhões com Macros.

- Não! - Raych desvencilhou-se da mão de Russ e correu sobre Astinwald. - Não vai chamar coisa nenhuma!

Russ apontou o neuro-chicote e disparou.

Raych soltou um grito agudo, enquanto erguia a mão até o ombro direito e caía, as pernas se agitando convulsivamente.

Russ não teve tempo de voltar a apontar para Seldon. A mão do heliconiano o agarrou pelo pulso que erguia a arma e, com um puxão violento, arremessou o neuro-chicote no ar, ao mesmo tempo que dobrava o braço do oficial às costas, pisando-lhe também o pé para mantê-lo parado; quando deu um puxão mais forte para cima, Seldon sentiu o ruído da omoplata ao deslocar-se, ao mesmo tempo que Russ soltava um arquejo rouco de dor.

Astinwald tinha erguido sua pistola de raios, mas num átimo o braço esquerdo de Dors lhe rodeava por trás o pescoço, e uma faca brilhava de encontro à sua garganta.

- Mova um milímetro - disse ela - qualquer parte do seu corpo, e eu cortarei seu pescoço até atingir a espinha dorsal. Largue a pistola. Largue! Agora jogue o neuro-chicote no chão.

Seldon foi até onde Raych jazia todo encolhido, gemendo, e o abraçou. Depois virou-se para Tisalver.

- Tem gente lá fora - disse. - É uma gente que está enfurecida, e se entrar aqui vai arrebentar tudo o que vocês têm. Não vai deixar nem as paredes de pé. Se não quiser que isso aconteça, pegue essas armas e as jogue na sala ao lado. Faça o mesmo com as armas desse outro oficial que está caído. Vamos, rápido! Peça ajuda a sua mulher. Garanto que da próxima vez ela vai pensar duas vezes antes de jogar a polícia contra gente inocente. Dors, este sujeito aqui no chão vai ficar inofensivo por algum tempo. Ponha o outro fora de combate, mas sem matá-lo.

- Certo - disse Dors. Invertendo a posição da faca na mão direita, ela golpeou a cabeça de Astinwald com o cabo maciço, numa pancada que o fez afrouxar os joelhos e ir ao chão. Ela fez uma careta e comentou: - Detesto fazer essas coisas.

- Eles machucaram Raych - disse Seldon, tentando ignorar seu próprio desconforto diante de tudo aquilo.

Deixaram o apartamento às pressas e, uma vez do lado de fora, encontraram a passarela central apinhada de pessoas, homens na maioria, que ergueram um brado de triunfo no momento em que os três emergiram do prédio. Ao se aproximarem da multidão, eles sentiram o odor do suor e das roupas mal lavadas.

Alguém gritou:

- Cadê os Do Império?

- Lá dentro - respondeu Dors. - Deixem os dois em paz. Por enquanto estão fora de combate, mas daqui a pouco vão chegar reforços. É melhor vocês irem embora logo.

- E vocês? - perguntou uma dúzia de vozes.

- Vamos embora. Não vamos voltar.

- Eu cuido deles! - gritou Raych, libertando-se dos braços de Seldon e ficando de pé. Esfregava furiosamente o ombro direito. - Já dá pra andar, deixa eu ir, deixa eu ir.

A multidão abriu caminho para eles. Raych comandou. - Moço, moça, podem vir, vem, vem. Correndo!

Fugiram ao longo da passarela, seguidos de perto por algumas dúzias de dahlitas. e de súbito Raych parou ao lado de uma abertura, dizendo.

- Aqui, aqui, vamos entrar. Vou levar vocês pra um lugar onde ninguém vai achar vocês de jeito nenhum. É um lugar que nem Davan conhece. Problema é que a gente vai ter que passar pelos esgotos. Não tem ninguém lá, mas é meio

fedido ... sabe como é que é?

- Acho que dá para sobreviver a isso - resmungou Seldon. E começaram a descer uma rampa espiralada, rumo aos níveis inferiores de Dahl, de onde um odor mefítico se elevava em sua direção.

80.

Raych conseguiu levá-los em segurança até o esconderijo. Para chegar lá, tiveram que escalar os degraus metálicos de uma escada que os conduziu até uma espécie de sótão, bastante amplo, cuja finalidade Seldon não conseguiu adivinhar. Estava repleto de uma maquinaria pesadona e silenciosa, cuja função também permaneceu envolta em mistério. O aposento estava razoavelmente limpo: uma corrente de ar permanente evitava que a poeira se acumulasse, e, mais importante ainda, reduzia a intensidade do odor predominante naquele nível do subsolo.

Raych parecia orgulhoso.

- E aí? Não é bom? - perguntou. Ainda esfregava o ombro de vez em quando, e fazia uma careta quando tocava em algum ponto mais dolorido.

- Podia ser pior - admitiu Seldon. - Sabe para que serve este lugar, Raych?

Raych encolheu os ombros, ou pelo menos esboçou o gesto, e fez uma careta.

- Sei lá. - E ajuntou, com despreocupação: - E quem precisa saber?

Dors tinha sentado no chão depois de passar a mão por ele e olhar com desconfiança para a palma. Ao ouvir a pergunta de Seldon, ergueu o rosto e disse:

- Se quer um palpite, eu penso que isto aqui é parte de um complexo que se destina a reciclar detritos, reduzindo sua carga tóxica. O produto final desse processo todo deve ser usado como fertilizante.

Seldon fez uma cara preocupada.

- Então as pessoas que controlam isto devem vistoriar o local periodicamente, e pelo que sabemos podem surgir a qualquer momento.

- Eu já vim aqui - disse Raych - e nunca vi ninguém.

- Presumo que Trantor tem tudo automatizado, onde quer que isso seja possível- disse Dors. - E se existe alguma coisa que requer automatização é o tratamento de dejetos. Acho que estaremos em segurança ... ao menos por algum tempo.

- Não muito - disse Seldon. - Vamos ter fome e sede, Dors.

- Eu posso arranjar comida e água - acudiu Raych. - Quando a gente vive na rua tem que saber arrumar essas coisas.

- Obrigado, Raych - disse Seldon, com ar ausente -, mas no momento não

estamos precisando. - Farejou o ar. - Acho que jamais voltarei a sentir fome.
- Vai, sim - disse Dors. - E mesmo que este ar faça você perder o apetite, vai acabar sentindo sede. Pelo menos não teremos problemas de evacuação ... estamos praticamente em cima de um esgoto aberto.
Ficaram algum tempo em silêncio. O salão estava à meia-luz e Seldon pôs-se a imaginar por que os trantorianos não o deixavam logo às escuras, mas logo lhe ocorreu que jamais tinha visto escuridão completa em nenhuma área pública de Trantor. Provavelmente, pensou ele, um hábito característico de uma sociedade com energia em abundância. Era estranho que um mundo com quarenta bilhões de pessoas pudesse ser rico em energia, mas havia o calor interno do planeta para ser utilizado, sem contar a energia solar e as usinas de fusão nuclear instaladas no espaço. Aliás, não havia planetas com escassez de energia em todo o Império. Teria existido um tempo em que a tecnologia era tão primitiva a ponto de acarretar escassez energética?
Encostou-se numa tubulação por onde, provavelmente, corria parte do sistema de esgotos Quando esse pensamento lhe ocorreu ele afastou-se de imediato, e foi sentar-se ao lado de Dors.
- Existe algum modo de entrarmos em contato com Chetter Hummin? - perguntou.
- Para falar a verdade - disse ela -, eu já mandei uma mensagem para ele, ainda que a contragosto.
- A contragosto?
- Minhas ordens são para proteger você. Cada vez que sou forçada a entrar em contato com ele isso significa que falhei.
Seldon a fitou inquisitivamente, estreitando os olhos.
- Precisa ser assim tão compulsiva, Dors? Você não pode me proteger contra as forças de segurança de um setor inteiro.
- Suponho que não. Podemos nos livrar de alguns ...
- Pois é. Acabamos de fazê-lo. Mas eles vão mandar reforços. Carros blindados, neuro-canhões, vapor anestesiante. Não sei ao certo que tipo de armamentos eles têm aqui, mas com certeza vão usar o que tiverem de melhor.
- Tem razão - disse Dors, contraindo os lábios.
- Eles não vão achar vocês, moça - disse Raych de repente. Seus olhos vivos tinham acompanhado o diálogo dos dois. - Eles nunca acham Davan.
Dors deu um sorriso sem alegria e acariciou os cabelos do garoto, para logo em seguida olhar consternada a palma da própria mão. Disse:
- Não sei se você deve continuar conosco, Raych, Não quero que eles peguem você.
- Eles não vão me pegar. E se eu for embora quem vai arranjar comida e água pra vocês? E quem vai achar outro lugar pra vocês se esconderem, um lugar que os Do Império não conheçam?
- Não, Raych, eles vão acabar nos encontrando. Eles nunca se esforçaram a sério para encontrar Davan. Davan os aborrece, mas tenho a impressão de que eles não o levam muito a sério. Sabe o que quero dizer?

- Quer dizer que ele é somente um chute no... no joelho dos caras, mas os caras acham que não vale a pena perder tempo indo atrás dele.

- É, isso mesmo. Mas você viu que nós ferimos aqueles dois oficiais, e eles não vão nos perdoar por isso. Mesmo que seja necessário toda a força de que eles dispõem, mesmo que eles tenham que passar um pente fino em cada corredor e cada aposento de Dahl, eles vão chegar até nós.

- Então a culpa foi minha - disse Raych. - Se eu não tivesse entrado ali e levado aquela descarga vocês não tinham arrebentado os caras e não estavam nessa confusão toda.

- Não ... mais cedo ou mais tarde nós teríamos "arrebentado" os dois. Quem sabe? Talvez ainda seja preciso arrebentar alguns.

- Mas a senhora arrasou - disse Raych. - Se eu não estivesse ali todo ... todo doído, eu tinha visto melhor.

Seldon falou:

- Não vai ser possível enfrentar todo o sistema de segurança do setor. A questão é: o que farão conosco quando nos pegarem? Uma sentença de prisão, com certeza.

- Oh, não - tornou Dors. - Se for preciso, apelaremos para o imperador.

- O imperador?! - Raych arregalou os olhos. - A senhora conhece o imperador?!

Seldon fez um gesto.

- Qualquer cidadão da Galáxia pode apelar para o imperador, Raych. Mas isso me parece a última coisa a fazer, Dors. Desde que eu e Hummin deixamos o Setor Imperial, o que temos procurado é justamente fugir ao imperador.

- Não a ponto de ir parar no fundo de uma prisão dahlita.

Apelar ao imperador pode servir para adiar o desfecho do caso, e nesse intervalo podemos pensar em alguma outra coisa.

- E há Hummin.

- Sim - disse Dors, pouco à vontade. - Mas não podemos considerá-lo um faz-tudo. Primeiro: mesmo supondo que ele recebeu meu recado e tem condições de vir imediatamente a Dahl, como vai nos encontrar aqui? E mesmo que nos encontre, o que pode fazer contra as forças de segurança do setor?

- Nesse caso, precisamos pensar em fazer algo antes que nos encontrem.

- Podem vir comigo - disse Raych. - A gente sai na frente, e eles não vão alcançar a gente nunca, eu conheço cada buraco que tem aqui.

- Podemos sair na frente se houver apenas um grupo de perseguidores, mas com certeza serão vários, e fugindo de um acabaremos indo de encontro a outro.

Ficaram mergulhados num silêncio incômodo durante bastante tempo, cada um dos três percebendo o quanto estavam encurralados e sem esperanças. De súbito Dors moveu-se e disse, num sussurro baixo e tenso:

- Chegaram. Estou ouvindo.

Quedaram-se imóveis, atentos, escutando ... até que Raych saltou de pé e cochichou:

- Estão vindo dali. Vamos fugir por lá.

Seldon, que não tinha ouvido coisa alguma, sentiu-se desnorteado, mas preferiu confiar na agudeza de sentidos dos outros. No momento em que Raych começou a se mover rumo ao caminho de fuga que tinha indicado, uma voz distante chegou ecoando por entre as paredes metálicas do sistema de esgoto.

- Não se mexam ... não se mexam.

- É Davan - disse o garoto. - Como foi que ele soube que a gente estava aqui?

- Davan? - disse Seldon. - Tem certeza?

- Tenho toda. Ele veio ajudar a gente.

81.

Davan perguntou:

- O que aconteceu?

Seldon não chegou a se sentir muito aliviado. A presença de Davan, por certo significaria muito pouco em termos de enfrentar os agentes de segurança de todo o setor; mas em todo caso ele comandava um grande número de pessoas que talvez pudessem criar uma certa confusão ...

Ele disse:

- Você já deve saber o que aconteceu, Davan. Desconfio que muitas das pessoas que estavam hoje em frente ao prédio dos Tisalvers eram gente sua.

- Sim, vários deles. A versão que corre é de que vocês iam ser presos e derrotaram um esquadrão de oficiais do Império. Mas por que iam ser presos?

- Eram apenas dois - disse Seldon, erguendo dois dedos. - Dois oficiais do Império. E já foi o bastante. Quanto ao motivo da nossa prisão, uma parte foi devida ao encontro que tivemos com você.

- Isso não é o bastante. Os Do Império em geral não se incomodam muito comigo. - Acrescentou, com voz amarga: - Eles me subestimam.

- Talvez - disse Seldon -, mas a mulher que nos alugava os quartos prestou queixa, dizendo que tínhamos instigado a multidão contra o tal jornalista, ontem, quando íamos encontrar com você. Já sabe a respeito disso. Já que seus amigos estiveram envolvidos nos episódios de ontem e de hoje, e já que dois oficiais foram seriamente machucados, eles certamente vão querer dar uma batida geral nestes corredores, e você vai sofrer as consequências Sinto muito. Nunca tivemos a intenção de causar esse tipo de problema.

Mas Davan abanou a cabeça, dizendo:

- Não, você não conhece os Do Império. Para eles, isso ainda não é suficiente. Eles não querem nada contra nós: o setor teria que tomar uma atitude oficial a nosso respeito, e eles preferem nos deixar apodrecendo em Billibotton e em

outras favelas. Eles estão atrás de vocês dois. O que foi que andaram fazendo?

Dors interveio com impaciência:

- Não fizemos nada, e em todo caso isso não interessa agora.

- Se é à nossa procura que eles estão, então vão acabar chegando aqui para nos desalojar. Se você estiver no caminho, vai se meter numa enrascada.

- Não. Eu tenho amigos ... amigos poderosos - disse Davan.

- Falei isto a vocês na noite passada. Esses amigos podem ajudar vocês dois tanto quanto a mim. Quando vocês se recusaram a nos ajudar abertamente, ontem, entrei em contato com eles. Eles sabem onde vocês estão, Dr. Seldon. O senhor é um homem famoso. Essas pessoas têm uma posição que lhes permite falar com o prefeito de Dahl e fazer com que o senhor seja deixado em paz, não importa o que tenha feito. Mas isso significa que terá que ir embora ... sair de Dahl.

Seldon sorriu, e sentiu-se tomado por uma sensação de alívio.

Falou:

- Então você conhece alguém capaz disso, Davan? Alguém que atende de imediato a um chamado, alguém capaz de dissuadir o governo de Dahl contra alguma ação precipitada, alguém que pode nos tirar daqui em segurança? Que ótimo ... isso não me surpreende. - Ele virou-se para Dors, sorridente. - O mesmo que em Mycogen. Como é que Hummin consegue isso?

Mas Dors sacudiu a cabeça.

- Está tudo rápido demais ... não estou entendendo.

- Pelo que vejo ele é capaz de qualquer coisa - disse Seldon.

- Eu o conheço melhor do que você, e há mais tempo - replicou ela. - E não acho que ele seja capaz de tudo.

Seldon sorriu.

- Não subestime Hummin. - E então, como que ansioso em mudar de assunto, voltou-se outra vez para Davan. - Mas como nos encontrou aqui? Raych disse que você não tinha a menor idéia sobre este local.

- Ele não sabe! - A voz de Raych tinha um tom estridente, cheio de indignação. - Esse lugar aqui é meu, quem achou fui eu. - Nunca tinha vindo aqui - disse Davan, olhando ao redor.

- Um lugar muito interessante. Raych é um garoto criado nestes corredores, e está muito à vontade neste labirinto.

- Sim, já percebem isso. Mas como você conseguiu nos achar?

- Um sensor térmico. Tenho um instrumento que detecta radiações infravermelhas, um padrão térmico específico que corresponde à temperatura de trinta e sete graus Celsius. Ele reage à presença de seres humanos, e a nenhuma outra fonte de calor. E indicou a presença de vocês três.

Dors não parecia convencida.

- Que utilidade pode ter isto em Trantor, onde há seres humanos por toda parte? - perguntou ela. - Esses sensores existem em outros mundos, mas aqui...

- Sei disso - disse Davan. - Acontece que são úteis nas favelas, nos corredores desertos e nas passarelas subterrâneas das partes mais decadentes do setor.

- E onde você o conseguiu? - perguntou Seldon.

- Digamos que o consegui, e isto é o bastante. Mas, Sr. Seldon, temos que dar um jeito de tirá-lo daqui. Há muitas pessoas à sua procura, e esse meu amigo poderoso quer protegê-lo.

- E onde está, esse seu amigo poderoso?

- Está se aproximando. Pelo menos o meu sensor está registrando a aproximação de um padrão térmico humano, e não imagino que possa ser outra pessoa.

A porta se abriu, e um homem entrou no recinto; mas a exclamação de alegria de Seldon morreu em seus lábios. O recém-chegado não era Chetter Hummin.

WYE

WYE - ... Um dos setores da antiga cidade-planeta de Trantor ... Nos derradeiros séculos do Império Galáctico, Wye era a zona mais poderosa e mais estável da cidade-planeta. Seus governantes alimentavam uma antiga aspiração ao trono imperial, baseados no fato de que alguns de seus antepassados tinham sido imperadores. Sob o governo de Mannix IV, Wye era um setor fortemente militarizado e (como foi alegado depois pelas autoridades do Império) estava planejando um golpe para assumir o controle do planeta ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

82.

O homem que entrou no salão era alto e musculoso. Usava um longo bigode louro de pontas reviradas, e suíças que desciam de ambos os lados do rosto até embaixo do queixo, deixando descobertos a ponta do queixo e o lábio inferior, que tinha um brilho úmido. Tinha o cabelo muito fino, e cortado tão rente que por um desagradável momento Seldon sentiu-se quase de volta a Mycogen.

Usava uma roupa que era visivelmente um uniforme, todo em vermelho e branco, e seu peito era cruzado por um cinto bastante largo, decorado com botões de prata.

Quando falou, sua voz era de um baixo profundo, e tinha um sotaque que não se assemelhava a nada que Seldon já tivesse ouvido antes. A maioria dos sotaques desconhecidos geralmente lhe eram desagradáveis ao ouvido, mas este tinha uma qualidade quase musical, talvez devido à riqueza de sonoridades graves.

- Sou o sargento Emmer Thalus - retumbou ele, numa lenta sucessão de sílabas. - Vim à procura do Dr. Hari Seldon.

- Sou eu - disse Seldon. - E cochichou de lado para Dors:

- Se Hummin não pôde vir pessoalmente, mandou com certeza um belo espécimen da fauna local para representá-lo.

O sargento concedeu a Seldon um olhar imperturbável e um tanto ou quanto longo. Depois disse:

- Sim. Sua descrição me foi fornecida. Por favor, Dr. Seldon, queira me

acompanhar.
- Se me indicar o caminho ...
O sargento deu um passo para trás. Seldon e Dors deram um passo para a frente.
O sargento estacou e ergueu uma mão enorme, com a palma virada para Dors.
- As minhas instruções - disse - são para levar comigo o Dr. Hari Seldon. Não recebi ordens de conduzir nenhuma outra pessoa.
A princípio, Seldon não entendeu direito o que se passava. Depois, sua surpresa cedeu lugar à irritação.
- É impossível que tenha recebido tais instruções, sargento.
A Dra. Dors Venabili é minha colega e minha acompanhante. Ela deve vir comigo.
- Isto não está de acordo com o que me disseram, Dr. Seldon.
- Pouco me importa o que lhe disseram. Sem ela não darei um passo.
- E tem mais - ajuntou Dors, claramente aborrecida -, as minhas instruções são para proteger o Dr. Seldon em quaisquer circunstâncias, e não poderei fazer isso se não estiver em sua companhia. Em conseqüência, onde ele for, eu também irei.
O sargento parecia desconcertado. . - As minhas instruções são para que nada desagradável lhe aconteça, Dr. Seldon. Se não quiser me acompanhar voluntariamente, devo levá-lo à força para o meu veículo. Tentarei ser tão gentil quanto possível.
Ele deu um passo na direção de Seldon, erguendo os braços na sua direção, como se com o propósito de agarrá-lo e arrastá-lo para longe dali.
Seldon esquivou-se, ficando fora do alcance dos braços do sargento, e ao mesmo tempo desferiu uma cutilada com a mão direita, atingindo o braço do sargento no ponto onde os músculos eram menos volumosos, acertando o osso.
O sargento perdeu o fôlego por alguns instantes e pareceu vacilar, mas logo se recuperou e, com o rosto impassível, avançou novamente. Davan permaneceu imóvel no lugar onde estava, observando o enfrentamento dos dois, mas Raych deslizou de sua posição, indo ficar por trás do sargento.
Seldon repetiu uma segunda vez seu golpe, e depois uma terceira; mas agora o sargento Thalus, prevendo o ataque, abaixou o ombro, recebendo a cutilada com seus músculos maciços.
Dors tinha sacado suas duas facas.
- Sargento - disse ela com determinação - vire-se para cá. Devo preveni-lo de que posso feri-lo gravemente, se continuar tentando submeter o Dr. Seldon contra a vontade deste.
O sargento estacou, mediu com os olhos as duas lâminas que estavam ergui das à sua frente, e disse:
- Minhas instruções me obrigam a preservar a integridade física do Dr. Seldon, mas não a de qualquer outra pessoa.
Com surpreendente rapidez, sua mão desceu até o neuro-chicote que trazia

num coldre preso ao cinto. Ao mesmo tempo, Dors partiu em sua direção, as facas rebrilhando.

Nenhum dos dois completou o movimento.

Com um pulo rápido, Raych tinha empurrado o sargento para a frente com o braço esquerdo, enquanto com a mão direita subtraía a arma do seu coldre. No instante seguinte ele tinha recuado, empunhando o neuro-chicote com ambas as mãos, e gritando:

- Quietinho aí, sargento, senão vai ter!

O sargento voltou-se, e uma sombra de irritação cobriu seu rosto avermelhado; foi o único momento em que pareceu perder a compostura.

- Abaixe isso, garoto - disse ele. - Você não sabe usar essa coisa.

- Ah, sei não? - retrucou Raych. - Pois isso aqui é a trava de segurança, e está solta. Se vier me pegar eu atiro.

O sargento imobilizou-se. Ele certamente sabia o quanto era perigoso um neuro-chicote nas mãos de um garoto de doze anos.

Seldon também não estava gostando daquilo.

- Cuidado, Raych - disse. - Não atire. Mantenha o dedo afastado do contato.

- Não vou deixar esse cara me pegar.

- Ele não vai. Sargento, por favor, não se mova. Vamos fazer um acordo. O senhor recebeu instruções para me levar daqui, certo?

- Certo - disse o sargento, cujos olhos salientes estavam firmemente postos em Raych, o qual por sua vez o fitava com firmeza equivalente.

- Mas não lhe disseram para levar ninguém mais, certo?

- Justamente - respondeu ele com firmeza. Era visível que nem mesmo a ameaça de um neuro-chicote o faria recuar.

- Muito bem, sargento, mas, por favor, preste atenção. Alguém lhe disse para não levar outras pessoas?

- Eu disse que ...

- Não, não, escute, sargento: há uma diferença. Suas instruções foram somente: "Traga o Dr. Seldon"? Foi essa a ordem que recebeu, nem menção a nenhuma outra pessoa, ou as ordens foram mais específicas? Por exemplo: "Traga o Dr. Seldon, e somente ele?"

O sargento digeriu a pergunta por alguns instantes e depois respondeu:

- Recebi ordens de levá-lo, Dr. Seldon.

- Então não houve nenhuma menção a outras pessoas que, por esta ou aquela razão, poderiam estar presentes?

Pausa. - Não.

- Ninguém lhe pediu para levar a Ora. Venabili, mas em compensação ninguém o proibiu de levá-la, não é assim?

Pausa. - Sim.

- Então o senhor pode levá-la ou não, ficando isso a seu critério?

Longa pausa.

- Suponho que sim.

- Muito bem. Aqui temos Raych, um garoto que está apontando para o senhor

um neuro-chicote, o seu próprio neuro-chicote, não se esqueça; e o garoto está ansioso para usar a arma.

- E muito! - confirmou Raych.

- Ainda não, Raych - disse Seldon. - Do outro lado, temos a Dra. Venabili, com duas facas que ela sabe usar com muita eficiência, e finalmente aqui estou eu, que posso, se me der chance, quebrar seu pomo-de-Adão com um único golpe, de tal forma que o senhor jamais será capaz de articular novamente uma só palavra. Bem: o senhor está ou não inclinado a levar também a Ora. Venabili? Suas ordens, não esqueça, deixam essa decisão a seu cargo.

A voz do sargento era a de um homem derrotado, quando por fim ele respondeu:

- Eu levarei a mulher.

- E o garoto, Raych.

- E o garoto.

- Muito bem. Tenho a sua palavra de honra, sua palavra de honra como soldado, de que fará o que acabou de dizer, honestamente?

- Tem a minha palavra de honra como soldado - disse o sargento.

- Então está bem. Raych, devolva a arma do sargento. Vamos, não me faça esperar.

Raych, com as feições contraídas numa careta de desapontamento, olhou para Dors, que hesitou mas fez um sinal afirmativo com a cabeça. Seu rosto estava tão descontente quanto o do menino.

Ele estendeu a arma de volta ao sargento e disse:

- Só porque eles mandaram, seu grande ... - Suas últimas palavras se perderam num murmúrio ininteligível.

Seldon disse:

- Dors, guarde suas facas.

Dors fez um gesto de recusa com a cabeça, mas acabou obedecendo.

- E agora, sargento? - disse Seldon.

- O sargento olhou para a arma em sua mão, e depois para Seldon. Disse:

- O senhor é um homem de honra, Dr. Seldon, e a minha palavra será mantida. - Com um gesto hábil de militar, ele devolveu a arma ao coldre.

Seldon voltou-se para Davan e disse:

- Davan, por favor esqueça o que acaba de ver aqui. Nós três estamos voluntariamente acompanhando o sargento Thalus. Diga a Yugo Amaryl, quando o encontrar, que não me esquecerei dele, e que quando tudo isto estiver terminado e eu recuperar minha liberdade, conseguirei que ele entre para a Universidade. E se houver qualquer coisa razoável que eu possa fazer pela sua causa, Davan, eu a farei. E agora sargento, vamos embora daqui.

83.

- Já tinha estado antes num aerojato, Raych? - perguntou Seldon.

Raych sacudiu a cabeça, incapaz de dizer uma só palavra. Olhava para a Superfície que passava por baixo deles, com um misto de medo e deslumbramento.

Seldon percebeu de repente o quanto Trantor era um mundo composto de expressways e de túneis. Mesmo as viagens mais longas eram feitas por via subterrânea, por toda a população. As viagens aéreas, por mais comuns que fossem em outros planetas, eram um luxo em Trantor; e aerojatos como aquele ...

Como é que Hummin tinha conseguido aquilo? imaginou Seldon.

Olhou através da janela para as incontáveis cúpulas cujas silhuetas curvas se erguiam e se abaixavam; o verde da vegetação que recobria aquela área do planeta; as faixas ocasionais cobertas pelo que seria pouco menos do que uma jângal; os braços de mar que eles sobrevoavam ocasionalmente, com suas águas cor de chumbo emitindo de súbito um lampejo cegante, quando o sol fendia momentaneamente a camada de nuvens.

Depois de mais de uma hora de vôo, Dors, que estava mergulhada num filme-livro, acompanhando um romance histórico sem parecer muito interessada, desligou-o e disse:

- Gostaria de saber para onde estamos indo.

- Se você não sabe - disse Seldon-, eu menos ainda. Você está em Trantor há muito mais tempo.

- Sim, mas só pelo lado de dentro - disse ela. - Aqui fora, avistando apenas a Superfície, estou tão perdida quanto um bebê recém-nascido.

- Oh, sim. Bem, presumo que Hummin saiba o que está fazendo.

- Tenho certeza de que sabe - disse Dors acidamente - mas isso talvez não tenha nada a ver com a presente situação. Por que você continua a pressupor que tudo isso se deve a uma iniciativa dele?

Seldon ergueu as sobrancelhas.

- Já que você perguntou ... não sei. Apenas supus que fosse assim. Por que não seria?

- Porque a pessoa que arranjou tudo isto não especificou que eu deveria ser levada juntamente com você. Eu simplesmente não consigo imaginar Hummin ignorando minha existência. E também pelo fato de que ele não veio pessoalmente, como fez em Streeling e em Mycogen.

- Você não pode esperar isso sempre, Dors. Talvez ele estivesse ocupado. O

que me surpreende não é que ele não tenha vindo pessoalmente desta vez; é que tenha podido vir nas vezes anteriores.

- Mesmo admitindo que ele não pôde vir em pessoa, será que ele mandaria um palácio-voador luxuoso e espalhafatoso como este? - Ela fez um gesto amplo indicando o aerojato espaçoso e ricamente equipado.

- Talvez fosse o que estivesse mais à mão. E talvez ele tenha imaginado que um veículo tão evidente quanto este não pareceria a ninguém o transporte mais adequado para dois fugitivos. O velho truque de fazer o contrário do truque mais óbvio.

- Um truque velho demais, na minha opinião. E ele mandaria um idiota como esse sargento Thalus para substituí-lo?

- O sargento não é um idiota. Ele apenas foi treinado para prestar total obediência. Com instruções adequadas, ele pode ser de inteira confiança.

- Então voltamos ao ponto onde estávamos, Hari. Por que não lhe deram instruções adequadas? Para mim é inconcebível que Chetter Hummin mandasse alguém levar você para fora de Dahl e não dissesse uma só palavra a meu respeito. Inconcebível.

Para isto Seldon não tinha nenhuma resposta, e seu ânimo murchou um pouco.

Mais uma hora se passou e por fim Dors disse:

- Parece que está ficando frio lá fora. O verde da Superfície está começando a ficar marrom, e acho que os aquecedores aqui dentro acabam de ser ligados.

- E o que quer dizer isto?

- Dahl fica na região dos trópicos, portanto estamos evidentemente viajando para o Norte ou para o Sul. .. e a uma considerável distância. Se eu tivesse alguma noção da direção em que nasce o sol eu poderia dizer.

Depois de um certo tempo, eles passaram sobre um trecho de praia onde havia uma franja de gelo rodeando as cúpulas que se erguiam ao longo da costa.

E então, inesperadamente, o aerojato mergulhou de cima para baixo.

Raych gritou:

- Vai bater! A gente vai morrer!

Os músculos da barriga de Seldon se contraíram, e ele cerrou os dedos sobre os braços da poltrona.

Dors não pareceu afetada, e apenas disse:

- Os pilotos aí na frente não parecem alarmados. Acho que vamos apenas entrar num túnel.

E no momento em que ela acabou de falar, as asas do jato se dobraram sobre si mesmas e se recolheram numa fenda no corpo da nave, que um instante depois penetrou como bala no interior de um túnel. A escuridão os envolveu durante um breve instante, mas logo em seguida a iluminação automática foi ligada, e eles puderam ver as paredes do túnel voando em sentido contrário, através das janelas.

- Nunca saberei se eles têm mesmo certeza de que o túnel não está já ocupado - disse Seldon.

- Pois eu estou certa de que eles confirmam isso uma dúzia de quilômetros antes - disse Dors. - Bem, algo me diz que este é o último trecho de nossa viagem, e breve vamos saber onde estamos. - Ela fez uma pausa e depois concluiu: - E algo me diz que não vamos gostar muito da resposta.

84.

o aerojato emergiu do túnel e se desviou para uma pista de aterrissagem com uma cobertura tão alta que pareceu a Seldon a coisa mais parecida a um céu diurno entre todas as que ele já vira em Trantor, desde que deixara o Setor Imperial.

A nave começou a parar muito mais cedo do que ele tinha esperado, mas à custa de uma quase insuportável pressão que os empurrou para a frente. Raych, especialmente, foi comprimido de encontro à poltrona dianteira, e começava a ter dificuldade para respirar, até que a mão de Dors o agarrou pelo ombro e o puxou um pouco para trás.

O sargento Thalus, imponente e teso, desceu do jato e se encaminhou para a porta traseira; depois de abri-la ajudou os passageiros a descerem do seu compartimento, de um em um.

Seldon foi o último. Virou ligeiramente o rosto ao passar pelo sargento, dizendo:

- Foi uma viagem agradável, sargento.

Um lento sorriso se espalhou pelo rosto largo do militar, erguendo um pouco o lábio superior e o bigode. Ele tocou a aba do quepe numa quase continência, e disse:

- Obrigado mais uma vez, doutor.

A seguir, os três foram conduzidos ao banco traseiro de um carro de linhas arrojadas, e o sargento se sentou ao volante, pondo o veículo em movimento com surpreendente delicadeza.

Passaram por largos viadutos, ladeados por edifícios muito altos e imponentes, cujas janelas cintilavam à luz do dia. Como em toda parte em Trantor, podiam ouvir a uma certa distância o rumor surdo e contínuo de um expressway. As passarelas estavam cheias de pessoas que, em sua maior parte, pareciam muito bem-vestidas.

Por toda parte o ambiente tinha uma aparência limpa, talvez até em excesso.

A insegurança de Seldon aumentou. As preocupações de Dors quanto ao destino que os aguardava pareciam perto de se confirmar. Seldon inclinou-se na direção dela e murmurou:

- Acha que estamos de volta ao Setor Imperial?

- Não - disse Dors. - Os edifícios do Setor Imperial são um pouco mais rococó, e não estou vendo aqui nenhum indício da mania por parques que eles têm lá, se é que me entende.

- Então onde estamos, Dors?

- Hari, creio que vamos ter que perguntar.

A viagem não foi longa, e logo eles deslizaram para um estacionamento ao lado de uma imponente estrutura de quatro andares. Um friso esculpido representando animais imaginários se estendia ao longo do topo do edifício, decorado com faixas de pedra cor-de-rosa. Era uma fachada de beleza magnífica, habilmente desenhada.

- Isso aí - disse Seldon - me parece bastante rococó. Dors encolheu os ombros, sem saber o que dizer.

Raych deu um assobio e comentou, numa voz que tentava, sem sucesso, não demonstrar admiração:

- Puxa, que lugar mais maluco.

O sargento Thalus fez um gesto para Seldon, pedindo que o seguisse. Seldon deu um passo atrás e, também recorrendo à linguagem universal dos gestos, abriu os braços, para incluir Dors e Raych.

O sargento teve um momento de hesitação, diante da imponente entrada do edifício; fez uma expressão de desamparo, e seu bigode pareceu murchar um pouco. Depois disse, mal-humorado: - Está bem ... os três. Manterei minha palavra de honra. No entanto, outras pessoas podem não se considerar presas a esse meu compromisso, como sabe.

Seldon assentiu.

- Seu compromisso diz respeito apenas aos seus próprios atos, sargento.

O sargento pareceu aliviado e, por um momento, seu rosto se iluminou de emoção, como se estivesse a ponto de apertar a mão de Seldon ou manifestar sua gratidão de alguma outra forma. Mas pareceu mudar de idéia, e deu um passo para o degrau inferior da escadaria que levava à porta de entrada. Sob o seu peso, a escada começou imediatamente a rolar para cima.

Seldon e Dors fizeram o mesmo e não tiveram muito trabalho para manter o equilíbrio. Raych, que por um instante tinha ficado perplexo, logo se recuperou e correu até a escada, pisou no degrau e colocou ambas as mãos nos bolsos, começando então a assobiar com despreocupação.

A porta se abriu e por ela surgiram duas mulheres, uma de cada lado, em posições simétricas. Eram jovens e atraentes. Seus vestidos, que tinham cintos logo abaixo dos seios e desciam até os tornozelos, eram de um tecido suave cheio de pregas, e pareciam farfalhar quando elas se moviam. Ambas tinham cabelos castanhos que lhes caíam em rolos encaracolados, de ambos os lados do rosto. (Seldon achou o resultado agradável, mas ficou imaginando o tempo que elas deviam perder, todas as manhãs, para preparar aquele penteado. Ele não tinha observado penteados assim tão cheios de refinamento nas mulheres que tinha acabado de ver nas ruas.)

As duas mulheres lançaram aos recém-chegados olhares cheios de desdém.

Seldon achou que não era para menos. Depois dos acontecimentos do dia, ele e Dors não estavam com uma aparência muito melhor que a de Raych.

Ainda assim as duas fizeram cerimoniosas reverências para eles e em seguida ficaram de lado e executaram um gesto na direção do interior do prédio - com tal sincronismo e simetria de movimentos que Seldon não pôde deixar de se perguntar se elas ensaiariam aquilo durante muito tempo. Era claro que os três estavam sendo convidados a entrar.

Caminharam ao longo de um rico salão, cheio de móveis e de artigos de decoração cuja utilidade Seldon não conseguia imaginar. O piso era levemente colorido, e parecia cintilar com uma luminescência própria. Sua textura era algo úmida, e Seldon notou com embaraço que estava deixando pegadas empoeiradas sobre ele.

E então uma outra porta se abriu de par em par e uma outra mulher surgiu. Era visivelmente mais velha do que as outras duas (as quais se curvaram simetricamente à sua entrada, flexionando os joelhos de tal modo que Seldon mal pôde acreditar que elas conseguissem manter o equilíbrio; era algo que sem dúvida requeria uma longa prática).

Seldon pensou se também ele devia executar alguma acrobacia ritual em sinal de respeito, mas já que não lhe ocorreu a mais leve idéia a respeito do que fazer, limitou-se a inclinar de leve a cabeça. Dors permaneceu ereta e, pelo que ele pôde avaliar, com uma certa atitude de menosprezo. Raych estava olhando boquiaberto em todas as direções e parecia nem sequer se dar conta de que mais uma pessoa tinha entrado no recinto

A mulher era roliça - não propriamente gorda, mas tinha o corpo cheio. Seu cabelo era penteado de um modo exatamente igual ao das outras duas, e seu vestido era no mesmo estilo, só que muito mais enfeitado - em demasia até, de acordo com as noções estéticas de Seldon.

Ela era visivelmente de meia-idade, e havia fios grisalhos espalhados pelos seus cabelos, mas as covinhas em seu rosto lhe davam uma aparência bem mais jovem. Os olhos castanhos eram brilhantes e alegres, e de um modo geral ela tinha uma aparência mais maternal do que propriamente idosa.

- Como estão? - disse ela. - Todos vocês.

Não parecia surpresa pela presença de Dors e de Raych, e os incluiu com naturalidade em sua saudação.

- Estou à sua espera já a bastante tempo - continuou ela, - e quase consegui contactá-lo na Superfície, em Streeling. O senhor é o Dr. Hari Seldon, com quem tenho tentado marcar um encontro. A senhora, creio, é a Dra. Dors Venabili, pois me informaram de que estava a fazer-lhe companhia. Quanto a este jovem, creio que não o conheço, mas de qualquer forma é bem-vindo entre nós. Bem ... não devemos perder muito tempo falando, porque imagino que todos precisam urgentemente descansar.

- E tomar um banho, madame - disse Dors, sem perder tempo. - Cada um de nós está precisando de um bom chuveiro.

- Oh, certamente - disse a mulher - e uma troca de roupas também.

Especialmente este rapaz. - Ela pôs os olhos em Raych, mas sem a expressão de desagrado demonstrada pelas outras duas mulheres. - Como é seu nome, rapaz?

- Raych ... - disse ele, numa voz constrangida. E completou logo em seguida - senhora.

- Mas que fantástica coincidência - disse ela, com os olhos cintilantes. - Um bom presságio, sem dúvida. O meu nome é Rashelle. Não é interessante? Mas, venham. Vamos cuidar de vocês. Depois, teremos tempo de sobra para jantar e conversar à vontade.

- Espere, madame - disse Dors. - Posso perguntar onde estamos?

- Wye, querida. E pode me chamar de Rashelle, soa mais amigável. Não gosto de formalidades.

Dors se endireitou.

- Está surpresa com a minha pergunta? Não é natural que , queiramos saber o nome do lugar onde estamos? ..

.Rashelle deu uma gargalhada cristalina.

- De fato, Dra. Venabili, temos que fazer algo com relação ao nome deste setor. Não fiz uma pergunta, e sim uma afirmativa. A senhora perguntou onde estava, e eu não lhe perguntei "por que" , eu lhe disse: Wye. Vocês estão no Setor Wye de Trantor.

- Em Wye?! - Seldon largou a pergunta num jato.

- Sim, Dr. Seldon, sem dúvida. Nós estávamos à sua procura desde o dia em que fez sua palestra na Convenção Decenal, e agora estamos muito felizes por tê-lo finalmente entre nós.

85.

Na verdade eles precisavam de um dia inteiro para descansar, relaxar, banhar-se, receber novas roupas (acetinadas e frouxas, no estilo de Wye) e dormir bastante.

Foi durante a sua segunda noite ali que foi servido o jantar que madame Rashelle havia prometido.

A mesa era enorme, ainda mais considerando-se que havia apenas quatro comensais: Hari Seldon, Dors Venabili, Raych e Rashelle. O teto e as paredes estavam banhados por uma luz suave, cujas cores mudavam a uma velocidade tal que podia ser percebida pelos olhos, mas não tão rápido que incomodassem a mente. A toalha da mesa, que não era feita de tecido (Seldon não conseguiu definir de que material era feita) também parecia brilhar com luz própria.

Os serviçais eram muitos e silenciosos, e numa das vezes em que a porta se abriu Seldon julgou perceber de relance uma fileira de soldados armados, de

prontidão do lado de fora. Aquela sala podia ser uma luva de veludo, mas o punho de ferro não ficava muito distante.

Rashelle estava simpática e amistosa, e tinha criado uma simpatia especial por Raych, tendo insistido para que ele se sentasse ao seu lado.

Raych - esfregado, lavado, irreconhecível naquelas roupas novas, tinha tido o cabelo aparado e penteado; e mal se atrevia a emitir uma palavra, como se achasse que sua gramática já não estava à altura da sua aparência. Constrangido até não poder mais, ele observava Dors cuidadosamente, à medida que ela trocava um talher por outro, procurando imitá-la nos mínimos detalhes.

A comida era saborosa, mas fortemente temperada, a um tal ponto que Seldon não conseguia reconhecer a natureza exata de cada prato.

Rashelle, com seu rosto redondo iluminado por um sorriso que fazia brilhar duas fileiras de dentes muito alvos, disse:

- Deve estar pensando que em nossa comida usamos aditivos mycogenianos, mas não é assim. É tudo produzido em Wye. Não existe nenhum setor neste planeta tão auto-suficiente quanto Wye. Trabalhamos muito para que seja assim.

Seldon assentiu com gravidade e disse:

- Tudo o que nos tem proporcionado é de primeira qualidade, Rashelle. Somos muito gratos por todas estas coisas.

E ainda assim, bem no seu íntimo, ele achou que a comida não se comparava aos padrões de Mycogen; e achou também que, como tinha segredado a Dors há algum tempo atrás, estava celebrando ali sua própria derrota. Ou a derrota de Hummin, o que vinha a ser a mesma coisa. Afinal de contas ele tinha sido capturado por Wye, justamente a hipótese que tinha causado tanta preocupação a Hummin logo após o incidente na Superfície.

- Talvez - estava dizendo Rashelle - no meu papel de anfitriã, perdoem-me se eu fizer algumas perguntas de natureza pessoal. Estarei certa se presumir que vocês três não constituem uma família? Ou seja: que você, Hari, e você, Dors, não são casados, e que Raych não é seu filho? ...

- Nós três não temos nenhum grau de parentesco - disse Seldon. - Raych nasceu em Trantor, eu em Helicon e Dors em Cinna.

- E como se conheceram?

Seldon procurou explicar tudo da maneira mais sintética que lhe foi possível. - Não houve nada de romântico ou de especial em nossos encontros - concluiu.

- E ainda assim tomei conhecimento de que você criou um impasse junto ao meu ajudante, o sargento Thalus, quando ele manifestou a intenção de trazê-la sozinho de Dahl.

Seldon respondeu com gravidade:

- Eu me apeguei muito a Dors e a Raych, e não queria que nos separassem.

Rashelle sorriu:

Vejo que é um homem sentimental.

- Sim, sou. Sentimental... e perplexo.

- Perplexo?

- Oh, sim. E já que foi tão gentil a ponto de nos fazer perguntas pessoais,

posso também fazer-lhe uma?

Certamente, meu caro Hari. O que quiser.

- Quando chegamos aqui, você me disse que Wye se interessava por mim desde o dia em que falei da Convenção Decenal. Qual o motivo para tal interesse?

- Você já sabe, com certeza. Nós estamos interessados na sua psico-história.

- Isso eu posso entender. Mas o que a faz pensar que, tendo-me aqui com vocês, também têm a psico-história?

- Ora, você não seria tão descuidado que a tivesse perdido no caminho.

- Pior que isso, Rashelle, eu nunca a tive comigo. As bochechas de Rashelle abriram duas covinhas.

- Mas em sua palestra você disse que a tinha. Não é que eu tenha entendido o que você falou. Não sou matemática. Mas eu tenho matemáticos ao meu serviço, e eles me explicaram tudo quanto você disse.

- Nesse caso, minha cara Rashelle, você deve ouvi-los com mais atenção. Posso supor que eles lhe disseram que defendi a psico-história como um conjunto concebível de predições, mas eles certamente lhe terão dito também que nada disso é praticável.

- Não posso acreditar nisso, Hari. Logo no dia seguinte você foi chamado para uma audiência com aquele pseudo-imperador, Cleon.

- Pseudo-imperador? - murmurou Dors com ironia.

- Claro - disse Rashelle, como se respondendo a uma pergunta seriíssima. - Pseudo-imperador. Ele não tem direito legal ao trono.

Seldon fez um gesto impaciente para mudar de assunto.

- Rashelle, eu disse a Cleon exatamente o que acabo de dizer-lhe, e ele me deixou partir.

Desta vez Rashelle não sorriu, e uma certa aspereza se infiltrou em sua voz.

- Sim, ele o deixou partir, assim como o gato da fábula deixou partir o rato. Mas ele o tem perseguido desde então ... em Streeling, em Mycogen, em Dahl. Ele o perseguiria até mesmo aqui, se se atrevesse a tanto. Mas, deixemos isso de lado. Nossa conversa está se tornando excessivamente séria. Vamos nos divertir, vamos ouvir um pouco de música.

Mal suas palavras soaram, o aposento foi invadido pelos sons agradáveis de uma música instrumental. Rashelle inclinou-se para Raych e disse suavemente:

- Garoto, se você não está muito à vontade com esse garfo, pode usar sua colher, ou os dedos. Não vou reparar.

- Sim, madame - disse Raych, e engoliu em seco, mas Dors cruzou o olhar com o dele, e seus lábios soletraram silenciosamente gar-fo.

Raych continuou empunhando o garfo. Dors disse:

- Esta música é muito agradável, madame. - Ela deixou bem evidente que estava recusando o tratamento informal proposto por Rashelle. - Mas não seria desejável que nos distraísse. Tenho a impressão de que o perseguidor do Dr. Seldon em todos esses lugares pode ter estado a serviço do Setor Wye. Certamente a senhora não estaria tão a par dos acontecimentos, se Wye não

tivesse desempenhado um papel fundamental neles.

Rashelle deu uma gargalhada.

- Wye tem olhos e ouvidos por toda parte, é claro, mas não fomos nós os perseguidores. Se isso fosse verdade, nós os teríamos capturado sem cometer nenhuma falha ... como acabou acontecendo em Dahl, quando finalmente fomos buscá-los. Mas onde quer que uma perseguição fracasse, ou uma mão tente agarrar alguém e não consegue, podem estar certos de que se trata de Demerzel.

- Tem Demerzel em tão baixo conceito? - disse Dors.

- Sim. Isso a surpreende? Nós o derrotamos.

- Vocês? O Setor Wye?

- O setor, é claro, mas pode-se dizer que, desde que Wye venceu, sou eu a vitoriosa.

- Que coisa estranha - disse Dors. - Existe uma opinião generalizada em Trantor de que os habitantes de Wye não participam em nada, seja de vitórias, de derrotas, ou de qualquer coisa semelhante. Considera-se que em Wye não há senão uma única vontade, e um único pulso forte, e que esse é o do prefeito. Certamente você, ou qualquer outro wyano, tem um peso relativamente pequeno nessas decisões.

Rashelle abriu um largo sorriso. Fez uma pausa para lançar um olhar benevolente a Raych e beliscar sua bochecha, e depois disse:

- Se você acredita que nosso prefeito é um autocrata e que não há outra vontade além da sua no governo de Wye, então você provavelmente está certa. Mas ainda assim eu posso usar o pronome que usei, porque a minha vontade pessoal deve ser levada em conta.

- Por quê? - perguntou Seldon.

- E por que não? - devolveu ela, enquanto os servos começavam a esvaziar a mesa. - Eu sou a prefeita de Wye.

86.

Raych foi o primeiro a manifestar alguma reação diante das palavras de Rashelle. Esquecendo o verniz de civilização que o vinha recobrindo de modo tão incômodo, ele soltou uma gargalhada rouca e disse:

- Ei, madame, a senhora não pode ser prefeita. Prefeito é negócio pra homem.

Rashelle o olhou com simpatia e respondeu, numa imitação perfeita de seu tom de voz:

- Ei, garoto, tem prefeito que é homem, e tem prefeito que é mulher. Bote isso na sua cabecinha.

Os olhos de Raych se arregalaram e ele pareceu atônito. Por fim conseguiu dizer:

- Ei, madame, a senhora fala legal.

- É isso aí - disse Rashelle. - É só eu querer.

Seldon pigarreou e disse:

- Você imita bem essa linguagem, Rashelle. Ela assentiu de leve com um gesto de cabeça.

- Não uso esse sotaque há muitos anos, mas é algo que nunca se esquece. Certa vez tive um amigo, um bom amigo, que era dahlita ... há muito tempo, quando eu era jovem. - Ela suspirou. - Ele não falava assim, é claro, era um rapaz muito inteligente; mas gostava de imitar essa fala para se divertir, e me ensinou a fazê-lo também. Era muito excitante conversar com ele usando esse tipo de fala, era como se isso criasse um mundo só nosso, que excluísse todo o restante das pessoas. Era maravilhoso, e era também impossível. .. meu pai deixou isso muito claro. E agora surge diante de mim esse jovem maroto, Raych, para me fazer recordar aquele tempo tão distante. Ele tem o mesmo sotaque, os mesmos olhos, o mesmo jeito impudente ... e daqui a uns cinco ou seis anos vai ser a delícia e o terror das mulheres. Não é assim, Raych?

- Não sei, madame - disse Raych. - É capaz.

- Tenho certeza de que vai ser assim, e que você vai se parecer muito com meu ... meu velho amigo; e nessa época eu me sentirei bem mais segura se não puser os olhos em você. Bem, agora o jantar já acabou, e está na hora de você se recolher ao seu quarto, Raych. Pode ver um pouco de holovisão, se quiser. Não creio que você saiba ler.

Raych enrubesceu.

- Eu vou aprender a ler. Qualquer dia. O Sr. Seldon me garantiu.

- Estou certa de que vai.

Uma jovem aproximou-se de Raych, depois de fazer uma reverência graciosa na direção de Rashelle. Seldon não conseguiu perceber que tipo de sinal a tinha feito entrar no salão.

Raych perguntou:

- Eu não posso ficar com o Sr. Seldon e a Sra. Venabili?

- Você vai vê-los depois - disse Rashelle -, mas nós temos alguns assuntos para conversar, e agora você deve ir.

Dors deu a Raych uma ordem muda - Vá! -, e com uma careta o garoto deslizou de sua cadeira e seguiu a criada.

Quando ele deixou o salão, Rashelle voltou-se para Seldon e Dors e disse:

- O menino vai ficar em segurança, claro, e será bem tratado.

Por favor, não receiem nada a esse respeito. Quanto a mim, também estarei em segurança. Assim como essa criada surgiu agora, poderão surgir uma dúzia de homens armados, e com muito mais rapidez, se for necessário. Entendam bem isto.

Seldon retrucou calmamente:

- Não temos a menor intenção de causar-lhes algum mal, Rashelle ... ou devo

dizer senhora prefeita?

- Rashelle será o bastante. Acontece que, segundo fui informada, você é muito hábil em lutas corporais, Hari, e você, Dors, também usa com muita destreza aquelas facas que mandei retirar de seus aposentos. Não quero que tentem inutilmente lançar mão desses talentos, uma vez que o meu propósito é ter Hari vivo, em perfeitas condições ... e amigável.

- É sabido por todos, senhora prefeita - disse Dors, insistindo no tom formal - que o governante de Wye nos últimos quarenta anos tem sido Mannix, Quarto deste Nome; e que ele ainda está vivo, e de plena posse de suas faculdades. Então ... quem é a senhora?

- Sou exatamente quem lhe disse ser, Dors. Mannix IV é meu pai. Ele ainda está, como disse você, vivo e de plena posse de suas faculdades. Aos olhos do imperador e de todo o Império, ele é o prefeito de Wye, mas está cansado das responsabilidades do poder e finalmente está propenso a transferi-lo para as minhas mãos, que estão dispostas a recebê-la. Sou filha única, e durante toda minha vida fui preparada para governar. Desse modo, meu pai é o prefeito de direito, e eu sou a prefeita de fato. As forças armadas de Wye já me juraram a sua lealdade ... e em Wye é isso que conta.

Seldon assentiu.

- Que seja, então - disse ele. - Mas mesmo assim, seja o governante Mannix IV ou Rashelle I (imagino que seja a primeira), não há nenhum sentido em me manter aqui. Já lhe disse que não disponho de uma psico-história em condições de funcionar, e não acho que alguém, seja eu ou outro, venha a dispor de uma em qualquer época. Falei exatamente isto ao imperador. Não posso ser útil nem a vocês nem a ele.

- Como você é ingênuo - disse Rashelle. - Conhece a História do Império?

Seldon sacudiu a cabeça.

- Nestes últimos tempos comecei a lamentar não conhecê-la melhor.

Dors o interrompeu secamente:

- Eu conheço a História do Império muito bem, embora minha especialidade seja história pré-imperial, senhora prefeita. Mas que diferença faz isto?

- Se conhecerem essa história, saberão que a Casa de Wye é antiga e ilustre, e que descende da dinastia daciana.

- Os dacianos governaram há cinco mil anos - disse Dors. - O número de seus descendentes, nas 150 gerações que viveram e morreram desde essa época, já deve equivaler a metade da população da galáxia ... se todas as reivindicações de descendência, por mais absurdas, forem aceitas.

- As nossas reivindicações de descendência, Dra. Venabili, não são absurdas. - Pela primeira vez o tom de voz de Rashelle era frio e inamistoso, e seus olhos emitiram um brilho duro e metálico. - Estamos muito bem documentados. A Casa de Wye manteve-se constantemente em posições de mando político ao longo de todas essas gerações, e houve ocasiões em que ocupamos o trono imperial e governamos a galáxia.

- Os filmes-livros de História - disse Dors - referem-se habitualmente aos

governantes de Wye como "anti-imperadores", nunca reconhecidos pela totalidade do Império.

- Isso depende de quem escreve os filmes-livros de história. No futuro seremos nós, porque o trono que um dia foi nosso voltará a sê-lo.

- Para conseguir isso terão que deflagrar uma guerra civil.

- Não haverá esse perigo - disse Rashelle, voltando a sorrir.

- É isso o que preciso deixar bem claro, porque preciso da ajuda do Dr. Seldon para prevenir uma tal catástrofe. Meu pai, Mannix IV, foi um homem de paz durante toda sua vida. Sempre foi leal a quem quer que ocupasse o Palácio Imperial, e soube manter Wye. como um dos pilares mais fortes da economia trantoriana, a bem da prosperidade de todo o Império.

- Não creio que, só por isso, o imperador tenha depositado nele nenhuma confiança especial - disse Dors.

- Suponho que é assim de fato - tornou Rashelle, muito calma -, uma vez que os imperadores que ocuparam o Palácio durante a vida de meu pai sabiam ser usurpadores e pertencentes a uma dinastia de usurpadores. Quem usurpa um trono não pode ter confiança num governante legítimo. E ainda assim meu pai soube manter a paz; é claro que ele conseguiu criar e manter imensas forças de segurança para levar a cabo essa tarefa e preservar a paz, a prosperidade e a estabilidade do setor; é claro, também, que as autoridades imperiais permitiram isto porque era de seu interesse que Wye permanecesse pacífico, próspero, estável... e leal.

- Mas Wye é leal? - perguntou Dors.

- Leal ao verdadeiro imperador, naturalmente - disse Rashelle - e atualmente atingimos aquele estágio em que nossa força é tão grande que podemos tomar facilmente o poder, num golpe-relâmpago, e antes que alguém possa dizer "guerra civil" haverá um verdadeiro imperador, ou uma verdadeira imperatriz, se preferirem, no trono; e Trantor será um mundo tão pacífico quanto sempre o foi.

Dors balançou a cabeça.

- Posso chamar sua atenção para alguns pontos? - perguntou. - Na qualidade de historiadora?

- Estou sempre disposta a escutar - disse Rashelle, inclinando muito levemente a cabeça na direção de Dors.

- Seja qual for o poder das suas forças de segurança, por mais bem treinadas e bem equipadas que elas sejam, jamais poderão se igualar às forças militares imperiais alojadas em 25 milhões de mundos.

- Ah, a senhora acaba de pôr o dedo no ponto fraco do usurpador, Dra. Venabili. Existem 25 milhões de planetas, e as forças imperiais estão espalhadas por todos eles. Essas forças estão disseminadas ao longo de um espaço incalculável, sob um número gigantesco de oficiais, nenhum deles propriamente preparado para qualquer tipo de missão além dos limites de sua própria província, e cada um deles muito mais disposto a agir em nome de seus interesses pessoais do que em nome do Império. Nossas forças, por outro lado, estão todas aqui, em Trantor. Podemos desfechar e concluir nossa ação

muitíssimo antes que todos esses longínquos generais e almirantes sequer tomem conhecimento de que estão sendo requisitados.

- Mas depois virá uma resposta ... e com força irresistível.

- Está tão certa disso? - disse Rashelle. - Nós estaremos no palácio, Trantor estará em nosso poder, e estará em paz. Por que as forças imperiais iriam se revoltar, quando, simplesmente deixando as coisas seguirem seu rumo, cada um desses líderes menores teria à sua disposição o seu pequeno mundo, a sua pequena província para governar?

- Mas é esse o seu propósito? - perguntou Seldon, admirado.

- Está me dizendo que pretende governar um Império deixando que ele se fragmente em mil pequenos pedaços?

- Exatamente - disse Rashelle. - Eu governarei Trantor, suas estações espaciais, e os sistemas solares próximos que fazem parte da província trantoriana. Eu preferiria ser imperatriz de Trantor do que imperatriz da Galáxia.

- Ficaria satisfeita, então, apenas com Trantor - disse Dors, num tom de visível descrença.

- E por que não? - disse Rashelle, subitamente inflamada. Ela inclinou-se para diante, as palmas das mãos fortemente apoiadas sobre a mesa. - É isso que meu pai vem planejando há mais de quarenta anos. Ele só continua se apegando à vida para ver a concretização desse sonho. Para que queremos milhões de planetas, planetas remotos que não significam nada para nós, que nos enfraquecem, que drenam nossas forças e as diluem ao longo de absurdos parsecs cúbicos de espaço, que nos mergulham num caos administrativo, que nos arruínam com suas intermináveis disputas e problemas, e que afinal de contas são algo totalmente sem importância, no que nos diz respeito? Este planeta superpovoado, esta cidade planetária já é galáxia bastante para nós. Temos tudo do que precisamos para nos manter. Quanto ao restante da galáxia, que se faça em pedaços! Cada um desses militares menores pode ficar com seu próprio pedaço. Não vão ter que guerrear ... há bastante para todos.

- Mas vão guerrear, mesmo assim - disse Dors. - Cada um acabará por não se sentir satisfeito com sua própria província. E cada um vai ter medo de que seu vizinho não esteja satisfeito com a província que lhe coube. Cada um vai se sentir inseguro, e vai começar a pensar que a sua única garantia de segurança será assumir o poder sobre a galáxia inteira. Isso é historicamente certo, Madame Imperatriz de Coisa Nenhuma. Haverá um número infinito de guerras, nas quais o trono imperial e Trantor acabarão sendo envolvidos ... até a ruína de todos.

- Seria assim - disse Rashelle com desprezo - se ninguém pudesse enxergar mais longe do que você, se todos tivessem que se basear apenas nas lições comuns da História.

- E o que há para enxergar mais longe? - replicou Dors. - E em que tipo de lições alguém pode se basear, se não nas da História?

- O que há mais longe? - disse Rashelle. - Vou lhe dizer.: .. há ele!

E seu braço se ergueu num gesto decidido, o dedo indicador apontado para

Seldon.

- Eu?! - disse Seldon. - Olhe, eu já lhe disse que a psico-história ...

- Não é necessário repetir o que já disse, meu bom Dr. Seldon ... não vai nos adiantar de nada. A senhora pensa, Dra. Venabili, que meu pai nunca pressentiu os perigos de uma guerra civil sem fim? Pensa que ele não empregou a sua mente privilegiada em busca de algum modo de evitar isso? Meu pai está pronto para tomar poder imperial há mais de dez anos, num golpe que não lhe iria lhe exigir mais do que um dia. A única coisa que o tem detido é a necessidade de assegurar a paz após a tomada do poder.

- E isso continua lhes faltando - disse Dors.

- Isso deixou de nos faltar no momento em que ouvimos comentários sobre a conferência do Dr. Seldon na Convenção Decenal. Percebi imediatamente que era disso que precisávamos. Meu pai, que já está muito velho, custou a compreender todo o alcance do fato. Quando eu lhe expliquei tudo, no entanto, ele entendeu o que isso significava, e foi então que transferiu formalmente o poder para as minhas mãos. Portanto é a você, Hari, que devo minha atual posição ... e é a você que deverei a posição ainda mais alta que terei no futuro-

- Eu já lhe disse que eu não posso ... - começou Seldon, sentindo-se extremamente inquieto.

- Não tem a menor importância saber o que pode e o que não pode ser feito. O que importa é o que o povo vai ou não vai acreditar que é possível. Eles vão acreditar em você, Hari, quando você lhes disser que de acordo com as previsões psico-históricas Trantor poderá governar a si mesma, e que as províncias irão se transformar em reinos que conviverão em paz.

- Jamais farei uma tal predição - disse Seldon - sem dispor de uma psico-história verdadeira. Não vou fazer o papel de charlatão. Se você tem esses planos, então diga você essas coisas.

- Não, Hari, eles não me acreditariam. Acreditariam em você, o grande matemático. Por que não satisfazê-los, então?

- Acontece - disse Seldon - que o imperador também pensou em me usar como uma fonte de profecias que ele queria ver realizadas. Eu me recusei a fazer isso por ele. Pensa que concordaria em fazê-lo por você?

Rashelle ficou alguns momentos calada, e quando voltou a falar sua voz tinha perdido a intensa excitação de minutos atrás, e tinha um tom quase de adulação.

- Hari - disse ela -, pense bem na diferença que há entre mim e Cleon. O que Cleon pretendia de você era, sem dúvida alguma, uma espécie de propaganda destinada a mantê-lo no trono. Não adiantaria de nada você obedecer-lhe, porque o trono imperial está abalado. Então você não sabe que o Império Galáctico está num estado de decadência, e que não vai poder se manter por muito mais tempo? A própria Trantor está pouco a pouco se deteriorando, por causa do peso insuportável e crescente da administração de 25 milhões de mundos. O que está à nossa frente é a derrocada e a guerra civil, não importa o que você diga em favor de Cleon.

- Já ouvi algo semelhante - disse Seldon. - Pode ser verdade, mas e daí?

- Daí, deixemos que o Império se faça em pedaços sem que haja guerra. Ajude-me a estabelecer um governo firme sobre um domínio reduzido, o bastante para poder ser governado com eficiência. Deixe-me conceder liberdade ao restante da galáxia, deixar que cada parte dela viva sua própria vida, de acordo com seus hábitos e sua cultura. A galáxia se tornará novamente um todo interligado, através de mecanismos como o livre comércio, o turismo, a comunicação; e assim poderemos evitar o seu desmoronamento às mãos das forças que, hoje, mal conseguem mantê-la de pé. Minha ambição é das mais moderadas: um mundo, e não milhões; paz, e não guerra; liberdade, e não escravidão. Pense um pouco a respeito ... e me dê sua ajuda.

Seldon disse:

- E por que a Galáxia iria acreditar em mim mais do que acreditaria em você? Eles não me conhecem, e quantos de seus generais-de-frota iriam se impressionar diante de uma mera palavra como "psico-história"?

– Não acreditariam em você agora, mas não estou pedindo que aja agora. A Casa de Wye esperou milhares de anos, e pode esperar alguns milhares de dias a mais. Colabore comigo, e eu tornarei seu nome famoso. Farei com que a promessa da psico-história brilhe através de todos os mundos habitados, e no momento certo, quando eu achar que é hora de jogar a cartada decisiva, você fará a sua profecia, e nós agiremos. Então, num piscar de olhos da história, a Galáxia estará submetida a uma Nova Ordem que a tornará estável e feliz pelos éons afora. Vamos, Hari ... vai recusar uma oportunidade como essa?...

DERRUBADA

THALUS, EMMER - ... Um sargento nas forças militares de segurança no Setor Wye da antiga Trantor ...

.. . Além dessas estatísticas biográficas absolutamente banais, nada se sabe a respeito deste indivíduo, a não ser que em uma ocasião ele teve nas mãos o destino da Galáxia.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

87.

O café, na manhã seguinte, foi servido numa saleta ao lado dos quartos dos três prisioneiros, e foi farto, além de delicioso. Havia uma notável variedade de pratos, e uma quantidade mais do que suficiente de cada um.

Seldon instalou-se à mesa tendo diante de si uma montanha de salsichas fortemente temperadas, sem ligar para as lúgubres profecias de Dors com relação a estômagos e cólicas.

Raych disse:

- A dona...a senhora prefeita me disse, essa noite, quando veio me ver, que .

- Ela veio ver você? - perguntou Seldon.

- Sim. Ela disse que queria saber se eu tava legal. Disse que quando tivesse tempo ia me levar no zoo.

- Um zoo? - Seldon olhou para Dors. - Que tipo de zoo pode haver em Trantor? Gatos e cachorros?

- Há alguns animais naturais do planeta - disse Dors - e eu imagino que eles importam algumas espécies de outros mundos, e há também aqueles tipos de animais que existem em vários mundos, sendo que alguns planetas são mais ricos deles do que Trantor, naturalmente. Para falar a verdade, Wye tem um zoo que é bastante famoso, provavelmente o melhor do planeta, depois do zoo imperial.

- Ela é uma velha legal - disse Raych.

- Não é tão velha assim - disse Dors -, mas certamente está cuidando bem da

nossa alimentação.

- Isso é fato - admitiu Seldon.

Quando o desjejum terminou, Raych saiu para realizar algumas explorações.

Retomaram ao quarto de Dors, e Seldon comentou, com visível insatisfação:

- Não sei até quando vão nos deixar em paz. Ela evidentemente planejou alguma estratégia para preencher nosso tempo.

- Até agora não temos muito do que nos queixar - disse Dors - Estamos muito mais à vontade aqui do que em Mycogen ou em Dahl.

- Dors, você não está se deixando convencer por aquela mulher, não?

- Eu? Por Rashelle? Claro que não. Como pode pensar isso?!

- Bem, você está confortavelmente instalada, a comida é ótima ... Seria bastante natural relaxar um pouco e aceitar o que a sorte nos destina.

- Sim, seria muito natural. E por que não fazer isso?

- Olhe, você estava me falando ontem à noite sobre o que pode acontecer se Rashelle tiver sucesso no que está planejando. Posso não ser um historiador, mas estou disposto a acreditar no que você diz, e o fato é que isso faz sentido ... mesmo para um não-historiador. O Império vai se fazer em pedaços, e esses pedaços ficarão lutando uns contra os outros ... indefinidamente. É preciso deter Rashelle.

- Concordo - disse Dors. - É preciso detê-la. A única coisa que não me ocorre é: como fazer isso num piscar de olhos? - Ela lançou para Seldon um olhar analítico. - Hari ... você não conseguiu dormir a noite passada.

- E você? - perguntou ele; era evidente que não tinha pregado o olho.

Dors o fitou com curiosidade, o rosto enevoado de preocupação. - Você passou a noite pensando na destruição da Galáxia, devido ao que eu falei?

- Isso, e mais outras coisas. Será que poderíamos fazer contato com Chetter Hummin? - As últimas palavras foram pronunciadas quase num sussurro.

- Tentei fazer isso quando tivemos que fugir da polícia em Dahl - disse ela. - Ele não apareceu. Tenho certeza de que recebeu meu recado, mas não veio. Pode ser que, devido a inúmeras razões, ele não tenha podido vir ao nosso encontro, mas certamente o fará, assim que lhe for possível.

Acha que lhe aconteceu alguma coisa?

- Não - disse Dors, pacientemente. - Não creio. Como pode saber? A notícia teria chegado aos meus ouvidos. Tenho certeza. E até agora não fiquei sabendo de nada.

Seldon franziu a testa e disse:

- Não estou tão seguro disso quanto você. Para ser sincero, não estou seguro a respeito de nada. E mesmo se Hummin aparecesse, o que poderia fazer, no presente caso? Ele não pode enfrentar o poder de Wye. Se existe aqui, como diz Rashelle, o exército mais organizado de Trantor, o que pode Hummin fazer contra ele?

- Isso é algo que não adianta discutir. Mas ... você não poderia convencer Rashelle, mesmo que fosse enfiando isso à força em sua cabeça, de que não tem em mãos a psico-história?

- Estou certo de que ela sabe muito bem que eu não tenho a psico-história, e que não a terei tão cedo ... se é que a terei um dia. Acontece que ela pretende dizer que eu a tenho, e se o fizer de modo convincente as pessoas acreditarão nela, e mais cedo ou mais tarde começarão a agir de acordo com as profecias que, segundo ela, eu terei feito ... mesmo que eu não pronuncie uma só palavra.

- Mas isso vai levar um certo tempo. Ela não pode construir sua reputação do dia para a noite. Para fazer isso com alguma eficiência deve levar pelo menos um ano.

Seldon estava andando de um lado para outro do quarto, girando nos calcanhares ao chegar à parede e retomando sobre os próprios passos.

- Pode ser - disse ele -, mas não sei ainda. Talvez ela esteja recebendo pressões para agir mais depressa. Ela não me parece uma pessoa que tenha aprendido a cultivar a paciência. E o seu pai, Mannix IV, talvez esteja ainda mais impaciente, devido à idade. Ele pode estar sentindo a proximidade da morte, e já que trabalhou a vida inteira perseguindo esse objetivo, talvez ele prefira vê-lo alcançado uma semana antes de sua morte do que uma semana depois dela ... Além disso ... - Seldon fez uma pausa e deixou seus olhos correrem ao longo do quarto vazio.

- Além disso o quê? - perguntou Dors.

- Bem, nós precisamos ficar livres. Sabe, resolvi o problema da psico-história.

Os olhos de Dors se arregalaram.

- Você conseguiu!! Já sabe o que fazer!

- Não totalmente. Pode levar décadas ... séculos, pelo que posso avaliar Mas agora sei que é algo que pode ser feito, não é apenas uma possibilidade teórica. Agora que sei que é possível, preciso de tempo, de tranquilidade, das mínimas condições que me permitam trabalhar nesse projeto. O Império deve se manter inteiro até que eu, ou talvez os meus sucessores, tenhamos aprendido como preservá-lo, ou como minimizar as consequências de sua queda, caso ela seja de fato inevitável. Foi exatamente isso que me manteve acordado a noite inteira: a sensação de ter um ponto de partida para meu trabalho, e de não poder ainda pôr as mãos à obra e dar-lhe início.

88.

Era o quinto dia depois de sua chegada em Wye, e, logo pela manhã, Dors estava ajudando Raych a enfiar um traje elegante com o qual ele não tinha a menor familiaridade.

O garoto olhou cheio de dúvidas o holo-espelho à sua frente e viu sua própria imagem reproduzida com precisão, imitando todos os seus movimentos mas sem apresentar a inversão entre esquerda e direita que se dá nos espelhos comuns. Raych nunca tinha usado um holo-espelho, e não tinha resistido à tentação de estender a mão para a imagem, dando uma gargalhada, cheia de embaraço, no

momento em que sua mão e a mão do reflexo passaram uma através da outra.
Depois ele falou:
- Essa roupa tá meio engraçada.
Ele examinou seu casaco, que era feito de um tecido extremamente maleável, com o cinto coberto de filigranas; e passou as mãos pelo colarinho duro que se erguia por trás de sua nuca, elevando-se até a altura das orelhas.
- Minha cabeça parece com uma bola dentro de um cesto - disse ele.
Dors respondeu:
- Mas é assim que as crianças ricas se vestem aqui em Wye. Todo mundo que avistar você vai achá-lo bonito, vai sentir inveja.
- Mesmo com meu cabelo assim, todo cortado?!
- Claro. Você vai usar este chapeuzinho redondo.
- Aí é que minha cabeça vai parecer mesmo com uma bola!
- É só você não deixar que ninguém a chute, então. Agora, lembre-se do que eu lhe disse. Preste atenção ao que acontece ao redor, e não se porte como um menino.
- Mas eu sou um menino - retorquiu ele, com os olhos muito abertos, numa expressão que parecia cheia de inocência.
- Muito me admira que diga isso - falou Dors. - Tenho certeza de que você vê a si mesmo como um adulto de doze anos.
Raych sorriu.
- OK. Vou ser um bom espião.
- Não é bem isso que estou pedindo. Não se arrisque. Não fique escutando nas frestas das portas. Se você for pegado, isso não vai ser útil a ninguém ... principalmente a você mesmo.
- Ah, que que é isso, moça? Tá pensando que eu sou menino? !
- Você acabou de dizer que é. Bem: escute tudo que for falado perto de você, mas sem que eles percebam. E lembre-se bem de tudo quanto ouvir, para nos dizer na volta. É muito simples.
- É. Fácil de dizer - disse ele com um sorriso - e fácil de fazer.
- E tenha cuidado. Raych piscou o olho. - Deixa comigo.
Um criado (tão delicadamente rude como só um criado arrogante consegue ser) veio buscar Raych para conduzi-lo até onde Rashelle estava à sua espera.
Seldon ficou olhando enquanto os dois se afastavam e disse, pensativo:
- Ele vai espionar as conversas com tanta atenção que nem vai ver o zoo. Não sei se é correto enviar um garoto para algo tão perigoso.
- Você acha? - disse Dors. - Raych foi criado nas favelas de Billibotton, não se esqueça. Acho que ele tem um repertório de esperteza maior do que o meu e o seu juntos. Além disso, Rashelle está gostando dele, e tudo quanto ele fizer será visto com simpatia ... Pobre mulher.
- Tem mesmo pena dela, Dors?
- Talvez você ache que ela não merece simpatia, porque é filha de um prefeito, e considera-se prefeita também; e porque está tentando destruir o Império ... Pode ser que tenha razão, Hari, mas ainda assim há alguns aspectos

dela pelos quais é possível ter alguma simpatia. Por exemplo, ela teve um caso de amor infeliz. Isso é bastante evidente. Sem dúvida alguma ela teve o coração partido ... durante algum tempo, pelo menos.

Seldon perguntou:

- Já teve algum caso de amor com final infeliz, Dors? Dors pensou por alguns instantes e depois disse:

- Não, na verdade. Estou muito envolvida com meu trabalho para andar partindo o coração.

- Eu pensei isso.

- Então por que perguntou?

- Eu podia estar enganado.

- E quanto a você? ...

Seldon pareceu pouco à vontade.

- Para ser sincero, sim. Já passei muito tempo com o coração partido ... reduzido a pedaços, para ser sincero.

- Eu pensei isso.

- Então por que perguntou?

- Não por ter achado que podia estar errada, posso lhe garantir. Apenas queria ver se você mentiria a respeito, ou não ... Você não mentiu, e isso me alegra.

Houve uma pausa. Depois Seldon falou:

J- á se passaram cinco dias, e nada aconteceu.

- Exceto que estamos sendo muito bem tratados, Hari.

- Se os animais pudessem pensar, muitas vezes achariam que estavam sendo bem tratados, quando de fato estariam apenas sendo engordados para o matadouro.

- Eu admito que ela está engordando o Império para o matadouro.

Mas quando?

- Quando ela achar que está pronta, imagino.

- Ela se gabou de poder dar o golpe em apenas um dia, e a impressão que me ficou foi a de que poderia ser qualquer dia. - Mesmo se fosse assim, ela preferiria ter certeza de poder bloquear qualquer reação por parte do Império, e isso exigiria mais tempo.

- Quanto tempo? Ela quer bloquear essa reação usando a mim ... só que até agora não fez nenhum gesto nesse sentido. Não há sinais de que ela esteja tentando construir uma reputação para mim. Onde quer que eu vá em Wye ninguém me reconhece. Não há nenhuma multidão de wyanos se agrupando para me saudar nas ruas. Não há nada a meu respeito nas holo-transrnissões.

Dors sorriu:

- Dá até para imaginar que seu orgulho está ferido por permanecer no anonimato, Hari. Você é muito ingênuo. Ou não é um historiador, o que vem a ser o mesmo. Você devia estar mais orgulhoso de se tornar um historiador, através da psico-história, do que de poder salvar o Império com ela. Se todos os seres humanos entendessem a história, talvez parassem de viver repetindo os mesmos erros, vezes sem conta.

- Em que sentido sou ingênuo? - perguntou Seldon, erguendo a cabeça e olhando-a com ar desafiador.

- Não fique ofendido, Hari. Acho que é um dos seus traços mais atraentes, na verdade.

- Eu sei. Isso desperta seus instintos maternais, e afinal você recebeu ordens de cuidar de mim. Mas em que sentido eu sou ingênuo?

- Em achar que Rashelle iria tentar convencer a população inteira do Império de que você é um profeta. Ela nada conseguiria com isso. Quatrilhões de pessoas é algo muito difícil de se mover com rapidez. Existe inércia social e psicológica, assim como inércia física. E, começando a agir às claras, ela iria simplesmente atrair a atenção de Demerzel.

- E o que ela está fazendo, então?

- Meu palpite é de que as informações sobre você, devidamente enfeitadas e exageradas, estão indo para uma quantidade restrita de pessoas que têm importância vital. Estão indo para os vice-reis de setores, os almirantes das frotas, as pessoas de influência nas quais Rashelle julga ver simpatia pela sua causa ... ou antipatia pelo imperador. Bastaria que uma centena dessas pessoas se passasse para o lado dela para confundir as forças legalistas durante tempo suficiente para que Rashelle I implantasse a sua Nova Ordem com firmeza, e fosse capaz de esmagar qualquer tentativa de resistência. Pelo menos, penso que estes são os planos dela.

- E continuamos sem notícias de Hummin.

- Ainda acho que ele deve estar fazendo alguma coisa. Isto aqui é algo muito importante para ser ignorado. - Já lhe ocorreu que ele pode estar morto?

- É uma possibilidade, mas não creio nisso. Se Hummin tivesse morrido eu já estaria sabendo.

- Mesmo aqui?

- Mesmo aqui.

Seldon ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

Raych retomou no final da tarde, alegre e excitado, com descrições vivas de macacos e de monstros bakarianos; esse assunto dominou as conversas durante todo o jantar.

Não foi senão depois da refeição, quando estavam de volta aos seus aposentos, que Dors disse:

- Agora, Raych, conte-me o que aconteceu com a prefeita.

Houve alguma coisa que ela disse ou fez que possa ser do nosso interesse?

- Teve uma - disse Raych, cujo rosto se iluminou. - Aposto que foi por causa disso que ela não veio jantar com a gente.

- E o que foi?

- Sabe, o zoo estava fechado pra todo mundo, menos pra gente. Tinha uma porção de pessoas com a gente: ia eu, Rashelle, e aquela porção de caras de uniforme, e aquelas mulheres com roupa engraçada, e tudo mais. Aí chegou um cara de uniforme, quer dizer, um cara diferente, que não tava desde o começo; ele chegou e falou um negócio no ouvido de Rashelle, aí ela fez assim com a

mão mandando todo mundo ficar no lugar onde estava, e foi saindo pra conversar com o tal cara, meio longe, onde ninguém podia ouvir. Eu fiquei meio de costas esse tempo todo, mas aí saí olhando de jaula em jaula e fui chegando perto do lugar onde os dois tinham ido conversar.

"Rashelle estava dizendo: mas como é que eles se atrevem? e ela parecia furiosa da vida. E o cara de uniforme parecia nervoso. Eu só dei uma olhadinha bem rápido, porque eu tinha de fingir que estava olhando os bichos; mas deu pra escutar muita coisa. O cara faiou que fulano, um nome que eu não entendi, mas parecia um general, esse tipo de coisa ... pois bem, ele falou que esse fulano tinha, ele e os oficiais dele, tinha jurado finalidade ao pai de Rashelle ... "

- Jurado fidelidade - disse Dors.

- Essa coisa aí; e que esses caras estavam tudo meio nervosos porque agora iam ter de obedecer a uma mulher. Ele disse que os tais caras só queriam o velho como prefeito, e que se o velho tava doente era pra ele botar no lugar dele outro cara, e não uma dama.

- E não uma dama? Tem certeza?

- Foi isso o que ele disse. Ele tava quase cochichando. Tava nervoso, e Rashelle tava tão irada que nem podia falar direito. Ela disse assim: "Vou pedir a cabeça dele, vou obrigá-lo a me jurar fidelidade amanhã mesmo, e quem quer que se recuse vai se arrepender." Foi assim mesmo que ela falou. Aí ela acabou com o passeio e dali mesmo a gente voltou, e ela não me disse mais nem uma palavra o tempo todo, ficou só ali, sentada no carro, com uma cara ruim, uma cara de muita raiva.

- Muito bom - disse Dors. - Não comente isto com ninguém, Raych,

- Tá OK. Era isso que queria?

- Era mais ou menos isto. Você agiu bem, Raych. Agora, volte para o seu quarto e esqueça toda esta história. Nem pense mais sobre isto.

Quando Raych se retirou, Dors voltou-se para Seldon.

- Muito interessante - disse ela. - Ao longo da História, filhas têm sucedido ao pai, ou mesmo à mãe, em prefeituras ou em outros cargos de poder. Já houve até mesmo imperatrizes, como você sabe, e não consigo me lembrar de que em algum momento da história do Império a autoridade delas tenha sido posta em questão. É curioso que esse tipo de coisa acabe acontecendo logo agora, aqui em Wye.

- O que há de estranho? - perguntou Seldon. - Estivemos há pouco tempo em Mycogen, onde as mulheres são tratadas com visível menosprezo, e onde jamais alcançariam uma posição de poder, mesmo menor.

- Sim, claro, mas isso é uma exceção. Existem outros lugares onde são as mulheres que dominam. Por toda parte, no entanto, governo e poder são geralmente tratados de modo equissexual. Se há um número maior de homens em posições de liderança é geralmente porque as mulheres em geral se inclinam, por motivos biológicos, para a criação dos filhos.

- Mas qual é a situação aqui em Wye?

- equissexual, até onde tenho conhecimento. Rashelle não hesitou em assumir

a prefeitura, e imagino que o velho Mannix também não tenha hesitado em transferir o poder para a filha. Além disso, ela estava surpresa e furiosa diante da rebeldia dos tais oficiais. Ela visivelmente não contava com isso.

- E você parece muito satisfeita. Por quê?

- Porque é algo tão fora do comum que deve ter sido engendrado por alguém, e imagino que foi por Hummin.

- Acha mesmo que foi? - perguntou Seldon, pensativo.

- Sim.

- Quer saber de uma coisa? - disse ele. - Eu também acho.

89.

Era o seu décimo dia em Wye, e de manhã bem cedo o sinal de chamada à porta do quarto de Seldon começou a soar repetidas vezes, ao mesmo tempo em que se ouvia a voz aguda de Raych gritando:

- Sr. Seldon! Acorde! É guerra! É guerra!

Seldon precisou de apenas um segundo para emergir do sono profundo e saltar da cama, totalmente desperto. Estava um tanto trêmulo (os wyanos gostavam de manter seus aposentos muito bem refrigerados, como ele logo descobrira em seus primeiros dias ali), mas foi até a porta e a abriu.

Raych invadiu o quarto, excitado, os olhos muito abertos.

- Sr. Seldon, eles agarraram Mannix, o velho, o prefeito!

- Eles ...

- Eles quem, Raych?

- Os caras do Império! Dizem que passou a noite toda chegando jatos, todos cheios. A holo-transmissão tá falando disso o tempo todo. Pode ir ver lá no quarto da senhora. Ela disse para lhe deixar dormindo, mas eu achei que era melhor lhe acordar.

- Fez muito bem - disse Seldon, e, demorando-se apenas o tempo necessário para enfiar um roupão, rumou para o quarto de Dors. Ela já estava vestida, e estava sentada diante da holovisão.

Por trás da imagem clara e nítida de uma mesa aparecia um homem, com o símbolo da espaçonave e do sol claramente visível no lado esquerdo de sua túnica. De cada lado, apareciam dois soldados, também ostentando a insígnia do Império, e fortemente armados. O oficial sentado à mesa estava dizendo:

- ... está totalmente sob o controle de Sua Imperial Majestade.

O prefeito Mannix está ileso e em segurança, e permanece em plena posse de seus poderes institucionais, contando para isso com o auxílio amigável das tropas imperiais. Dentro de pouco tempo ele estará se dirigindo a todos vocês,

para pedir calma a todos os wyanos e para solicitar aos soldados wyanos ainda em armas que as deponham sem luta.

Seguiram-se outras emissões onde apareciam vários jornalistas com vozes impessoais, todos usando braçadeiras com o símbolo do Império. As notícias eram sempre as mesmas: a rendição desta ou daquela unidade das forças de segurança de Wye, depois de uma breve troca de tiros, e às vezes sem oferecer a menor resistência. Este ou aquele setor da cidade já estavam ocupados - e seguiam-se repetidas imagens de multidões de wyanos observando com ar sombrio as tropas imperiais desfilando em suas avenidas.

Dors disse:

- Foi executado com perfeição, Hari. A surpresa foi total. Não houve a menor chance de resistência, e não se verificou nada de mais sério.

Então o prefeito Mannix IV surgiu na imagem, como fora prometido. Estava de pé e, talvez a bem das aparências, não havia nenhum soldado do Império à vista, embora Seldon tivesse plena certeza de que um grande número deles estaria ali, logo além do raio de alcance das câmeras.

Mannix era idoso, mas sua força ainda era visível, apesar do desgaste da idade. Seus olhos não fitavam de frente a holo-câmera, e ele pronunciava as palavras de um modo visivelmente forçado; mas, de acordo com o que tinha sido prometido, ele aconselhou todos os wyanos a permanecerem calmos, a não oferecer resistência, a evitar que Wye sofresse prejuízos maiores, e a cooperar com o imperador que, pela vontade de Mannix, ainda permaneceria muito tempo no trono.

- Nenhuma referência a Rashelle - disse Seldon. - É como se ela não existisse.

- Ninguém falou nela até agora - disse Dors -, e este lugar, que afinal de contas é a residência dela (ou uma das) ainda não foi atacado. Mas mesmo que ela consiga fugir daqui e se refugiar em algum setor vizinho, duvido que qualquer lugar em Trantor possa ser um lugar seguro para ela.

- Pode ser - disse uma voz -, mas durante algum tempo estarei segura aqui.

Rashelle entrou no quarto. Estava bem-vestida, e mantinha uma calma absoluta. Chegava mesmo a sorrir, mas não era um sorriso alegre: apenas a fria exibição de seus dentes muito brancos.

Os três a fitaram surpresos por alguns instantes, e Seldon surpreendeu-se imaginando se ela ainda teria todos aqueles servos do seu lado ou se eles teriam se apressado a abandoná-la ao primeiro sinal de adversidade.

Em voz um tanto fria, Dors disse:

- Posso ver, senhora prefeita, que suas esperanças de dar um golpe de Estado acabam de se dissipar. Alguém deve ter se antecipado aos seus planos.

- Ninguém se antecipou aos meus planos - retorquiu Rashelle. - Eu fui traída. Alguém promoveu uma sabotagem junto aos meus oficiais, e, indo contra toda a tradição e contra toda a racionalidade, eles se recusaram a obedecer a uma mulher, alegando obediência apenas ao seu antigo líder, meu pai. E, como era de se esperar de um bando de traidores, acabaram deixando que seu antigo líder fosse aprisionado, e não pudesse chefiar a resistência. - Ela olhou em redor à

procura de uma cadeira, e sentou-se. - E agora o Império vai prosseguir seu trajeto rumo à decadência e à morte ... quando eu estava pronta para lhe oferecer uma nova vida.

- Pois eu acho - disse Dors - que o Império evitou um período indefinidamente longo de lutas inúteis e de destruição. Console-se com isto, senhora prefeita.

Era como se Rashelle não tivesse ouvido suas palavras.

- Tantos anos de preparativos ... destruídos numa única noite - disse ela, e ficou ali sentada, abatida, envelhecida vinte anos.

Dors disse:

- Isso dificilmente poderia ter sido feito numa única noite.

O suborno de seus oficiais, se é que isso ocorreu, deve ter requerido um certo tempo.

- Quanto a isso, Demerzel é um mestre, e eu devo tê-lo subestimado. Como ele o fez, não posso saber ... ameaças, propinas, argumentos brandos e enganadores. Ele é mestre na arte da dissimulação e da traição ... eu devia ter sabido. - Ela fez uma pausa e prosseguiu: - Se fosse um ataque armado da parte dele, eu não teria tido a menor dificuldade em rechaçar qualquer força que ele mandasse contra nós. Mas quem poderia pensar que Wye seria traído, que um juramento de fidelidade pudesse ser tão facilmente posto de lado?

Seldon argumentou, tentando ser objetivo:

- Mas presumo que o juramento foi feito ao seu pai e não a você.

- Absurdo - disse Rashelle, com ardor. - Quando meu pai me transmitiu seus poderes, como estava legalmente autorizado a fazer, ele automaticamente transferiu para mim todos os juramentos de lealdade que lhe tinham sido prestados. Há inúmeros precedentes. Faz parte do cerimonial que tais juramentos sejam repetidos diante do novo governante, mas é um preceito apenas ritualístico, e não uma imposição legal. Meus oficiais sabiam disso, embora tenham preferido esquecer. Estão usando minha condição de mulher como simples pretexto, mas o fato é que eles tremem de medo de uma vingança imperial que jamais viria, caso eles tivessem sido mais firmes; ou tremem de cobiça pensando em recompensas que lhes foram prometidas mas que eles jamais verão ... se é que eu conheço Eto Demerzel.

Ela virou-se subitamente para Seldon.

- É você, que ele quer. Sabe disso, não é mesmo? Demerzel nos atacou por sua causa.

Seldon ficou perplexo.

- Por minha causa?! Por quê?

- Não seja idiota. Pela mesma razão por que eu o trouxe para cá ... para usá-lo como um instrumento, é claro. - Ela suspirou.

- Pelo menos não fui traída por completo. Ainda há alguns soldados que permanecem leais ... Sargento!

O sargento Emmet Thalus entrou em passos leves e cautelosos que pareciam ligeiramente estranhos, considerando-se seu tamanho. Seu uniforme estava impecável, e seu bigode louro tinha as pontas meticulosamente retorcidas.

- Senhora prefeita - disse ele, e com uma batida de calcanhares estacou em posição de sentido.

Ainda era, pelo menos aparentemente, o espécimen da fauna local que Seldon tinha identificado: um homem dedicado a obedecer ordens cegamente, totalmente alheio ao rumo dos acontecimentos e ao novo estado de coisas.

Rashelle enviou um sorriso tristonho para Raych.

- E como vai você, meu pequeno Raych? Cheguei a pensar que poderia fazer algo por você ... mas agora parece impossível. - Tudo OK, madame - disse Raych, desajeitadamente.

- Poderia também ter feito algo por você, Hari - prosseguiu ela -, e acho que também devo pedir-lhe perdão.

- Não há motivo para isso, madame.

- Sim, devo pedir-lhe perdão ... não posso deixar que Demerzel o tenha nas mãos, Hari. Seria tornar sua vitória completa, e isso não vou permitir.

- Não trabalharei para ele, madame, assim como não teria trabalhado para a senhora.

- Não se trata de trabalhar, Hari, e sim de ser usado. Adeus ... Sargento, liquide-o.

O sargento puxou sua pistola de raios e Dors, com um grito, jogou-se para a frente, mas Seldon a agarrou pelo cotovelo, desesperadamente.

- Calma, Dors - disse ele. - Calma, ou ele pode matá-la.

Ele não vai me fazer mal. Você também, Raych, fique para trás, e não se mexa.

Seldon encarou o sargento.

- Está hesitando, sargento ... porque sabe que não vai poder atirar. Eu podia tê-lo matado há dez dias atrás, mas não o fiz. E o senhor me deu sua palavra de honra, naquele dia, de que iria me proteger.

- O que está esperando? - gritou Rashelle. - Mandei que o matasse, sargento!

Seldon não disse mais nada: ficou encarando o sargento que, com os olhos muito abertos, apontava a pistola para sua cabeça. - Eu dei uma ordem! - gritou Rashelle

- Eu tenho sua palavra - disse Seldon com calma. Por fim o sargento Thalus disse, com voz embargada:

- Desonrado ... de uma maneira ou de outra. - Sua mão se abaixou e a pistola caiu ao chão com um ruído metálico.

Rashelle gritou:

- Você também me traiu!

Antes que Seldon pudesse se mover ou que Dors conseguisse se soltar dos dedos firmes com que ele ainda a segurava, Rashelle empunhou a pistola de raios, apontou-a contra o sargento, e fez contato.

Seldon nunca tinha visto alguém ser morto por uma daquelas armas. Por alguma razão, talvez devido ao nome da arma, ele esperava ouvir uma explosão ensurdecedora, e pedaços de carne esfrangalhada voando em todas as direções. Mas pelo menos essa pistola wyana não tinha nenhum efeito desse tipo. Seldon

não conseguiu saber que tipo de dano os raios causavam aos órgãos internos da pessoa atingida, mas, sem uma mudança de expressão, sem o menor esgar de dor, o sargento Emmet Thalus tombou de joelhos e rolou pelo chão, morto, liquidado, sem espaço para dúvidas nem para esperanças.

Rashelle virou-se para Seldon, e sua mão empunhava a pistola com uma firmeza que não lhe permitia qualquer esperança de vida além do próximo segundo.

Foi Raych, no entanto, quem entrou em ação no momento exato em que o sargento caiu. Colocando-se entre Seldon e Rashelle, ele começou a gesticular em desespero.

- Não atire, madame! - gritava ele.

Por um momento, Rashelle ficou desconcertada. - Afaste-se daí, Raych. Não quero ferir você.

Esse momento de hesitação era tudo do que Dors precisava.

Libertando-se com violência da mão de Seldon, mergulhou sobre Rashelle, chocando-se contra ela, fazendo-a cair com um grito, e arremessando a pistola mais uma vez ao chão.

Raych apanhou a arma.

Seldon respirando fundo, disse: - Raych, dê-me essa pistola. Mas Raych recuou.

- Não vai querer matar ela, vai, Sr. Seldon? Ela foi legal comigo.

- Não quero matar ninguém, Raych - disse ele. - Ela matou o sargento e teria me matado também; mas recusou-se a ferir você, e só por isso nós vamos deixar que viva.

Por fim Seldon sentou-se, a pistola descuidadamente na mão direita, enquanto Dors removia o neuro-chicote do cinto do sargento.

Então soou uma nova voz.

- Eu tomarei conta dela de agora em diante, Seldon. Seldon ergueu os olhos e soltou uma exclamação de alegria. - Hummin! Finalmente!

- Lamento ter demorado tanto, Seldon, mas eu tinha muita coisa a fazer. Como está, Dra. Venabili? Suponho que esta é a filha de Mannix, Rashelle. Mas quem é o garoto?

- Raych é um jovem dahlita nosso amigo - disse Seldon. Um grupo de soldados entrou no aposento e, a um gesto de Hummin, rodeou Rashelle.

Dors, no momento em que pôde relaxar a vigilância que exercia sobre a outra mulher, passou as mãos sobre a roupa, alisando a blusa amarrotada. Seldon lembrou-se de repente que ainda estava de roupão.

Rashelle, lutando para libertar-se das mãos dos soldados, apontou para Hummin e dirigiu-se a Seldon:

- O que significa isto?

- Este é Chetter Hummin - disse Seldon. - É um amigo meu, e meu protetor neste planeta.

- Seu protetor? - Rashelle soltou uma gargalhada quase histérica. - Seu tolo! Seu idiota! Esse homem é Eto Demerzel, e se você olhar para o rosto de sua

amiga Dors vai perceber que ela sabia de tudo desde o começo. Você esteve prisioneiro o tempo todo, muito mais do que esteve aqui em Wye!

90.

Hummin e Seldon sentaram-se para almoçar algumas horas mais tarde, naquele mesmo dia; durante a maior parte do tempo os dois ficaram como que envolvidos por um véu de silêncio.

Não foi senão no final da refeição que Seldon espreguiçou-se e perguntou, com voz jovial:

- Bem, senhor, como devo tratá-lo de agora em diante? Ainda penso em chamá-lo de "Chetter Hummin", mas mesmo aceitando o fato de que tem outras identidades não posso chamá-lo de "Eto Demerzel". Deve ter algum título honorífico, e ainda não sei bem que tipo de tratamento usar. Espero suas instruções.

O outro respondeu, com gravidade:

- Chame-me de Hummin ... se não se incomodar. Ou de Chetter, se preferir. Sim, sou Eto Demerzel, mas com relação a você sou Hummin. Para falar a verdade, os dois são uma só pessoa. Eu lhe disse que o Império está marchando para a decadência. Eu acredito nisso, em ambas as identidades. Disse a você que preciso da psico-história como um meio de prevenir essa decadência, ou de trazer um tipo de revigoramento posterior, caso a ruína do Império seja inevitável; e em ambas as minhas personalidades eu acredito nisso.

- Mas você me teve em suas mãos. Presumo que você estava por perto quando tive meu encontro com Sua Majestade Imperial. - Com Cleon. Sim, é claro.

- E você poderia ter falado comigo, ali, exatamente como o fez mais tarde quando se apresentou como Hummin.

- E o que teria conseguido? Como Demerzel, eu tenho tarefas imensas. Tenho que manobrar Cleon, que é um governante bem-intencionado mas não muito brilhante; tenho de impedir que ele cometa erros. Tenho que desempenhar a minha parte na administração de Trantor e do Império. E, como você pode ver, tenho que dedicar muito tempo à missão de não permitir que Wye nos cause muitos problemas .

.- Sei disso - murmurou Seldon.

- Não é nada fácil, e quase saí derrotado. Passei anos enfrentando Mannix, aprendendo a conhecer seu modo de pensar, e planejando uma resposta para cada uma de suas ações. Não imaginei, em momento algum, que ele ainda em vida passaria o poder para as mãos de sua filha. Eu não a tinha estudado em

profundidade, e não estava preparado para lidar com a sua imprudência. Diferentemente do pai, ela tinha sido criada considerando o poder como uma espécie de direito natural, e não tinha noção muito clara de suas limitações. Ela pôs as mãos em você, e me forçou a agir antes de estar totalmente pronto.

- Você quase me perdeu, em conseqüência disso. Por duas vezes, olhei para a boca de uma pistola.

- Sei disso - assentiu Hummin. - E podíamos ter perdido você na Superfície também ... um outro acidente que fui incapaz de prever.

- Mas você ainda não respondeu minha pergunta. Por que me pôs a correr através de Trantor para escapar de Demerzel, quando você próprio era Demerzel?

- Você disse a Cleon que a psico-história era apenas um conceito puramente teórico, uma espécie de jogo matemático que não tinha significado em termos práticos. Talvez isso fosse verdade, mas se eu o abordasse oficialmente, tinha certeza de que você apenas fincaria pé nas suas próprias opiniões. Por outro lado, me senti atraído pela simples noção de uma psico-história. Comecei a imaginar se afinal de contas ela seria ou não apenas uma espécie de jogo. Você deve compreender que eu não queria apenas usar você: eu queria uma psico-história real, e praticável.

"Portanto eu pus você a correr através de Trantor, com o temível Demerzel nos seus calcanhares o tempo inteiro. Achei que isso iria ajudar a estimular sua mente; tornaria a psico-história algo muito mais excitante do que um mero brinquedo matemático. Você tentaria desenvolver esse trabalho para servir a Hummin, um idealista sincero; coisa que não faria para servir a Demerzel, um lacaio imperial. Além disso, nesse trajeto você teria alguns vislumbres da vida em Trantor, e isso poderia ser-lhe útil... certamente muito mais útil do que ficar trancado numa torre de marfim num planeta distante, cercado apenas por seus colegas matemáticos. E então? Eu estava certo? Fez algum progresso?"

- Na psico-história? Sim. Pensei que você soubesse.

- Como saberia?

- Eu disse a Dors.

- Mas não a mim. Em todo caso, este é o momento. Ainda bem que há boas notícias.

- Não inteiramente - disse Seldon. - É apenas um minúsculo ponto de partida, algo muito simples, mas em todo caso é um começo.

- É um ponto de partida que pode ser explicado a um não matemático?

- Acho que sim. Veja bem: desde o início eu estava vendo a psico-história como uma ciência que tinha de levar em conta as interações entre 25 milhões de planetas, cada um com uma população média de quatro bilhões de pessoas. É demais. Não há como manipular algo tão complexo. Se eu queria obter sucesso, se havia alguma maneira de descobrir uma psico-história possível de ser usada, eu teria de achar um sistema mais simples.

"Então comecei a pensar que podia me voltar para o passado e lidar com um único mundo, um mundo que fosse o único ocupado pela humanidade nas eras

remotas antes da colonização da Galáxia. Em Mycogen eles falavam de um planeta primordial chamado Aurora, e em Dahl ouvi falar de um planeta chamado Terra. Pensei que talvez fossem o mesmo mundo com dois nomes diferentes, mas havia pelo menos um ponto em que ambos eram diferentes, de modo a tornar essa hipótese impossível. Mas isso não importava. Sabia-se tão pouca coisa a respeito de cada um deles, e ainda assim de mistura com mitos e lendas, que perdi as esperanças de elaborar a psico-história com o auxílio deles.

Seldon fez uma pausa e tomou um gole do seu suco de frutas, mantendo os olhos firmemente pousados em Hummin.

- E então? - disse Hummin.

- Nesse ínterim, Dors me narrou algo que fiquei denominando a história da mão sobre a coxa. Era um episódio que em si não tinha muita importância, apenas uma história divertida e um tanto trivial. Mas foi em função dela que Dors mencionou os diversos modos de encarar o sexo nos diversos setores de Trantor. Ocorreu-me, nessa hora, que ela estava tratando os setores de Trantor como se fossem planetas separados. Pensei, meio distraidamente, que em vez de 25 milhões de mundos diferentes eu tinha em mãos agora 25 milhões mais oitocentos ... Era uma diferença trivial, de modo que não pensei mais no caso.

"Mas ao longo de minha fuga, do Setor Imperial para Streeling, daí para Mycogen, daí para Dahl, daí para Wye, fui observando o quanto cada um era diferente do outro. Começou a crescer na minha mente a idéia de Trantor não como um mundo, mas como um complexo de mundos; só que eu ainda não tinha atingido o ponto crucial da questão.

"Foi somente quando conversei com Rashelle. Como vê, foi bom que eu tivesse sido capturado por Wye; e foi bom também que os sonhos grandiosos de Rashelle a tivessem levado a discutir comigo seus conceitos. Ela me disse que suas ambições se resumiam a Trantor e a alguns planetas adjacentes. Para ela, isso já constituía um Império, e ela considerava os mundos restantes como algo totalmente destituído de importância.

"Foi então que, num momento, tive a intuição de algo que devia estar se formando em minha mente há um tempo considerável. Por um lado, Trantor possuía um complexo sistema social, sendo um planeta populoso composto de oitocentos "mundos" menores. Ele era em si mesmo um sistema suficientemente complexo para fornecer sentido à psico-história; e por outro lado era bastante simples, comparado ao Império como um todo, para dar alguma esperança de que ela pudesse vir a ser utilizada.

"E quanto aos outros mundos, aos vinte e cinco milhões de mundos restantes? Bem, eram apenas uma porção de nulidades remotas. É claro que afetavam Trantor e eram afetados, mas isso eram efeitos de segunda ordem. Se eu pudesse estruturar a psico-história, numa primeira aproximação, tendo apenas Trantor por base, então esses efeitos menores de seu relacionamento com os demais planetas poderiam ser adicionados depois, com modificações posteriores. Entende o que quero dizer? Eu estava procurando um único planeta sobre o qual eu pudesse basear a ciência da psico-história, e estava procurando por ele no

passado remoto ... quando o tempo inteiro o planeta de que eu precisava estava justamente por baixo dos meus pés.

Hummin murmurou, com evidente alívio e prazer: - Maravilhoso.

- Mas ainda está tudo por fazer, Hummin. Preciso estudar Trantor a fundo. Preciso desenvolver o instrumental matemático para poder manipulá-lo. Se eu tiver sorte e tiver uma vida longa, talvez consiga obter as respostas antes de morrer. Se não, meus sucessores terão que seguir meu caminho. É possível que o Império desmorone e se faça em pedaços antes que a psico-história possa ser utilizada.

- Farei o possível para ajudá-lo - disse Hummin.

- Sei disso - disse Seldon.

- Confia em mim, a despeito do fato de eu ser Demerzel?

- Inteiramente. Absolutamente. Mas confio apenas porque você não é Demerzel.

- Mas sou - insistiu Hummin.

- Não, não é. Sua identidade como Demerzel é tão distante da verdade quanto a sua identidade como Hummin.

- O que quer dizer com isto? - Os olhos de Hummin se arregalaram, e ele recuou ligeiramente.

- Quero dizer - falou Seldon - que você escolheu o nome Hummin de propósito, e que ele tem para você um significado especial. Hummin é uma pronúncia derivada de humano, não é?

Hummin não disse nada, e continuou de olhos fitos em Seldon, que finalmente disse:

- Porque você não é humano, não é mesmo, Hummin-Demerzel? Você é um robô.

DORS

SELDON, HARI - ... É comum pensar em Hari Seldon apenas em conexão com a psico-história, vê-lo apenas como a personificação da matemática e da mudança social. Não há dúvida de que ele encorajava isto, uma vez que em seus textos oficiais ele não fornece nenhuma indicação a respeito de como chegou a resolver os diversos problemas envolvidos na criação da psico-história. A julgar pelo que ele nos relata, seus saltos conceituais se davam no vazio. Do mesmo modo, ele nada nos diz sobre os becos-sem-saída onde deve ter penetrado, ou os rodeios desnecessários que forçosamente deve ter feito ...

... Quanto à sua vida pessoal, é uma imensa lacuna. No que diz respeito aos seus pais e demais parentes, temos conhecimento apenas de um punhado de informações, e não mais. Seu único filho, Raych Seldon, foi adotado, embora não se tenha informações mais detalhadas sobre o fato. Relativamente a sua esposa, sabe-se apenas que ela existiu. É evidente que Seldon tinha a intenção de se tornar uma mera cifra, com exceção do que se relacionava com a psico-história. É como se ele sentisse (ou desejasse que o mundo sentisse) que ele não viveu, que ele simplesmente "psico-historiou" .

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

91.

Hummin permaneceu muito calmo, sem que um só músculo se movesse em seu rosto, encarando Seldon - que por sua vez continuou à espera. A palavra estava com Hummin, pensou ele.

Hummin falou, mas disse apenas:

- Eu? Um robô? Por robô presumo que você queira dizer um ser artificial, como aquele objeto que você viu no Sacratorium de Mycogen.

- Não exatamente - disse Seldon.

- Nada de metal? Nada polido? Nada que seja um simulacro sem vida? - Hummin falava sem dar nenhuma indicação de que estivesse se divertindo.

- Não - disse Seldon. - Para ser uma criatura artificial não é necessário ser feito de metal. Estou falando de um tipo de robô indistinguível, na aparência, de um ser humano.

- Se é indistinguível, Hari, como você pode distingui-lo?

- Não é pela aparência.
- Explique.
- Hummin, durante a minha fuga para ficar a salvo de Demerzel, ouvi falar de dois mundos muito antigos - Aurora e Terra. Cada um deles era mencionado como sendo o primeiro mundo, ou o único mundo. Em ambos os casos os robôs eram mencionados, mas com uma diferença.

Enquanto falava, Seldon observava com atenção o homem do lado oposto da mesa, imaginando se ele acabaria por dar algum sinal de que era menos que humano - ou mais.

- Sempre que se falava em Aurora - prosseguiu ele -, havia um robô de quem se falava como um renegado, um traidor, alguém que tinha abandonado uma causa. Quando se falava na Terra, havia um robô que era considerado herói, que representava a salvação. Seria exagerado supor que esses dois robôs eram um só?
- E era? - murmurou Hummin.
- Foi isso que comecei a pensar, Hummin. Achei que Terra e Aurora eram dois mundos separados, coexistindo no tempo. Não sei qual dos dois surgiu primeiro. Pela arrogância e pelo senso de superioridade dos mycogenianos, cheguei a supor que Aurora era .o planeta original, e que eles desprezavam os terrestres que eram seus descendentes, ou que eram uma degeneração de sua raça.

"Por outro lado, Mãe Rittah, quando me falou da Terra, estava convencida de que a Terra era o mundo original da humanidade; e certamente, a posição minúscula e isolada dos mycogenianos numa galáxia com quatrilhões de habitantes muito afastados do estranho ethos mycogeniano poderia significar que a Terra era de fato o planeta primordial, e Aurora era uma espécie de mutação aberrante. Não posso dizer qual das duas hipóteses é verdadeira, mas estou mostrando minha linha de raciocínio, para que você possa entender minhas conclusões finais."

Hummin assentiu.

- Percebo aonde quer chegar. Continue.
- Esses dois planetas eram inimigos. Mãe Rittah deixou isso bem claro. Quando eu comparo os mycogenianos (que personificam Aurora) com os dahlitas (que personificam a Terra), imagino que Aurora, fosse ou não o primeiro planeta, era sem dúvida o mais avançado cientificamente, o que podia produzir robôs mais elaborados, até mesmo indistinguíveis de um ser humano em sua aparência. Portanto, um tal robô teria que ter sido desenhado e construído em Aurora. Mas ele era um renegado; portanto, foi a Aurora que ele traiu. O povo da Terra o considerava um herói, portanto ele deve ter se passado para o lado dos terrestres. Por que esse indivíduo fez isso, quais as suas razões, isso é algo que não sei dizer
- Deveria dizer: "por que essa máquina fez isso ... " - comentou Hummin.
-Talvez, mas vendo você sentado aqui à minha frente torna-se quase impossível para mim considerar um robô como uma coisa, e não como uma pessoa. Mãe Rittah estava convencida de que esse herói-robô ... que ela

mencionava ... ainda existia, e que retornaria um dia quando fosse necessário. Quanto a mim, achei que não havia nada de impossível na noção de um robô imortal, ou pelo menos um que fosse imortal na medida em que se tomassem precauções para a reposição de partes defeituosas ou desgastadas.

- Mesmo o cérebro? - perguntou Hummin.

- Mesmo o cérebro. Na verdade não sei muita coisa a respeito de robôs, mas imagino que um novo cérebro pode receber em si a gravação de todos os registros de um cérebro usado. E Mãe Rittah também fez alusão a alguns estranhos poderes mentais. Pensei. é possível que sim. Posso ser um sujeito romântico, sob alguns pontos de vista, mas não tão romântico a ponto de pensar que um único robô pode alterar o curso da história apenas largando uma das facções em luta e se juntando à outra. Um simples robô não poderia assegurar a vitória da Terra e a derrota de Aurora .. a menos que houvesse algo de estranho, algo muito especial a seu respeito

Hummin replicou;

- Já lhe ocorreu, Han, que você está lidando com lendas, lendas que devem ter sofrido distorções ao longo dos séculos e dos milênios, até o ponto de recobrir com um véu sobrenatural os acontecimentos mais simples? Como pode acreditar num robô que não apenas tem aparência humana, mas que é também imortal e tem superpoderes mentais? Não está começando a acreditar em algo sobre-humano?

- Sei muito bem o que são as lendas, e não me deixo levar por elas, nem acredito em contos de fadas. Entretanto, quando elas são confirmadas por acontecimentos estranhos que eu próprio testemunhei, ou que sucederam comigo.

- Acontecimentos como ... ?

- Hummin, confiei cegamente em você desde o nosso primeiro encontro. Claro ... você me ajudou a enfrentar aqueles dois desordeiros, quando nada o obrigava, e isso me predispôs a seu favor, já que naquele instante eu não podia imaginar que os dois tinham sido contratados por você e estavam cumprindo suas instruções. Mas, isso não importa.

- Não mesmo - disse Hummin, e finalmente um tom bem-humorado surgiu em sua voz.

- Eu confiei em você. Deixei-me convencer a não voltar para Helicon e me tornar um fugitivo através de Trantor. Acreditei, sem questionar, em tudo que você me disse. Coloquei-me inteiramente em suas mãos. Revendo tudo isso agora, tenho a impressão de que aquele não era eu. Não sou uma pessoa fácil de dominar, no entanto foi isso que aconteceu. Mais do que isso: nem achei estranho o fato de estar me comportando de um modo tão diferente do habitual.

- Você é quem sabe, Hari.

- E não era só comigo. Como é que Dors Venabili, uma bela mulher com sua própria carreira profissional, pôde abandonar seu trabalho de uma hora para outra a fim de me acompanhar em minha fuga? Como é possível que ela arriscasse sua vida para proteger a minha, assumindo a missão de me proteger

como algo sagrado, e tornando-se quase obcecada pelo cumprimento dessa tarefa? Foi só porque você lhe pediu?

- Eu lhe pedi, sim

- E no entanto ela não me parece o tipo de pessoa capaz de promover uma mudança tão radical em sua vida simplesmente para atender um pedido de alguém. E também não posso acreditar que ela se tenha apaixonado loucamente por mim à primeira vista e isso a fez perder o autodomínio. De certa forma, eu até gostaria que sucedesse assim, mas ela me parece uma pessoa que sabe dominar com facilidade seu lado emocional, muito mais ... e aqui estou lhe falando com toda franqueza ... muito mais do que eu consigo em relação a ela.

- Ela é uma mulher maravilhosa - disse Hummin. - Não, acho que você esteja errado

Seldon continuou:

- Como se explica, mais adiante, que Mestre do Sol Catorze, um homem de arrogância monstruosa, líder de um povo que se considera povo eleito e privilegiado ... que um homem assim aceite em receber estranhos como eu e Dors, e os trate da melhor maneira possível? E depois que infringimos todas as suas regras e cometemos os piores sacrilégios, como se explica que ele se tenha deixado dissuadir tão facilmente de nos aplicar um castigo?

"Como é que você pôde convencer gente tão mesquinha e preconceituosa como os Tisalvers a nos receber? Como se explica que você esteja à vontade em qualquer ponto deste mundo, seja amigo de todos, influencie cada pessoa a despeito das peculiaridades de cada uma? E por falar nisso, como se explica o seu poder sobre Cleon? E, ainda que ele seja um indivíduo maleável, fácil de dominar, então como se explica o poder que você exerceu sobre o pai de Cleon, que segundo todos os testemunhos era um tirano ríspido e arbitrário? Como pôde conseguir tanta coisa, Hummin?

"- E mais: como se explica que Mannix IV de Wye tenha consumido décadas inteiras na preparação de um exército sem rival em todo o planeta, um exército treinado à perfeição nos mínimos detalhes ... e que esse exército não erguesse um dedo quando Rashelle tentou fazer uso dele? Como foi que você os convenceu a fazerem o papel de renegados ... o mesmo que você desempenhou um dia?

Hummin respondeu.

- Isso significa apenas que eu sou um indivíduo cheio de tato, habituado a lidar com pessoas dos mais diversos tipos; que estou numa posição que me permite prestar favores a pessoas importantes, e garantir-lhes que poderei voltar a prestá-los no futuro. Penso que nada do que fiz exige uma explicação sobrenatural.

- Nada do que você fez? Nem mesmo a neutralização do exército de Wye?

- Eles não queriam obedecer a uma mulher.

- Eles deviam saber há muitos anos que, no momento em que Mannix morresse ou decidisse deixar o poder, este poder iria para as mãos de Rashelle ... e no entanto eles jamais demonstraram qualquer descontentamento

com isso, até o momento em que foi conveniente para você que assim acontecesse. Dors uma vez o descreveu como um homem muito persuasivo, e isso é verdadeiro. Você é muito mais persuasivo do que qualquer homem poderia ser. Mas não é mais persuasivo do que seria normal para um robô imortal, com estranhos poderes mentais ... E então, Hummin?

- É isso que você espera, Hari? - perguntou Hummin. - Espera que eu admita que sou um robô? Que tenho apenas a aparência de um ser humano? Que sou imortal? Que sou uma mente-prodígio?

Seldon inclinou-se sobre a mesa na direção de Hummin.

- Sim, Hummin, é isso que espero. Espero apenas que me diga a verdade, e isso que você acabou de falar é apenas o esboço dessa verdade. Você, Hummin, é o robô a quem Mãe Rittah se referiu como Da-Nee, amigo de Ba-Lee. Você tem que admiti-lo agora ... não lhe resta mais nenhuma escolha.

92.

Era como se eles estivessem no interior de um universo onde só cabiam os dois. Ali, no coração de Wye, no momento em que o exército wyano estava sendo desarmado pelas forças imperiais, eles estavam calmamente sentados diante um do outro. Ali, no vórtice dos acontecimentos que atraíam as atenções de todo o planeta, e de toda a Galáxia, havia aquela bolha de isolamento em cujo interior Seldon e Hummin jogavam seu jogo de ataque e defesa - Seldon tentando forçar Hummin a aceitar sua interpretação da realidade, Hummin não fazendo o menor movimento no sentido de aceitá-la.

Seldon não receava que fossem interrompidos. Tinha certeza de que aquele vácuo de isolamento onde estavam era um limite que ninguém conseguiria transpor, pois os poderes de Hummin (não... os poderes do robô) manteriam todos à distância, até que o jogo estivesse concluído.

Por fim Hummin, falou:

- Você é um sujeito engenhoso, Hari, mas ainda não vejo nada que me obrigue a reconhecer que sou um robô e que sou forçado a admitir esse fato. Todos os fatos que você enumera são verdadeiros ... seu próprio comportamento, o de Dors, Mestre do Sol, os Tisalver, os generais wyanos; tudo pode ter acontecido de fato como você descreveu, mas isso não quer dizer que sua interpretação desses fatos esteja correta. Não duvido de que todos esses fatos possam ter uma explicação muito natural. Você confiou em mim porque acreditou no que eu lhe disse. Dors passou a considerar importante a sua segurança porque ela percebeu a importância da psico-história, uma vez que ela própria é historiadora. Mestre do Sol e os Tisalvers me deviam favores a respeito

dos quais você não tem nenhuma informação, e os generais de Wye simplesmente se recusavam a ser comandados por uma mulher. Por que teremos que recorrer ao sobrenatural para explicar tudo isto?

Seldon perguntou:

- Hummin, você realmente acha que o Império está se desmoronando, e realmente considera importante fazer alguma coisa para que isso não aconteça, ou para que pelo menos as consequências não sejam tão graves?

- Acredito - disse Hummin, e Seldon sentiu que ele estava sendo sincero.

- Você realmente tem a intenção de me fazer estrutura r a psico-história? Acha que você mesmo não poderia fazê-lo?

- Eu não tenho essa capacidade.

- E você acha que somente eu posso manipular a psico-história, ainda que eu próprio duvide disso às vezes?

- Sim.

- Então você deve sentir que tem a obrigação de me ajudar nesta tarefa, desde que lhe seja possível.

- Sim.

- Nada disso seria influenciado por sentimentos de ordem pessoal, ou considerações egoístas?

Um sorriso leve cruzou muito rapidamente o rosto grave de Hummin, e por um momento Seldon pressentiu um imenso e árido deserto de cansaço por trás dos seus modos quietos.

- Construí toda a minha carreira sem dar atenção a sentimentos pessoais ou considerações egoístas - disse ele.

- Então, peço a sua ajuda. Posso elaborar a psico-história lançando mão apenas de Trantor, mas isso me acarretará uma série de dificuldades. Posso chegar a superá-las, mas isso se tornaria muitíssimo mais fácil se eu tivesse as respostas para alguns fatos cruciais. Por exemplo: o primeiro mundo onde a humanidade se desenvolveu foi a Terra, foi Aurora, ou foi algum outro planeta? Qual era a relação entre a Terra e Aurora? Quem colonizou a Galáxia ... um dos dois, ou ambos? Se foi apenas um, por que o outro não o fez? Se foram ambos, como isso foi resolvido? Existem planetas que descendem de ambos, ou apenas de um deles? Como foi que os robôs se tornaram obsoletos? Com foi que Trantor se tornou o planeta imperial, e não algum outro mundo? O que aconteceu, nesse ínterim, à Terra e a Aurora? Existem mil perguntas que eu poderia lhe fazer agora, e mais cem mil que iriam surgindo à medida que eu me aprofundasse. Vai permitir que eu continue ignorando tudo isto, Hummin, vai permitir que eu falhe em minha tarefa, quando lhe seria tão fácil me ajudar a vencer?

Hummin replicou:

- Se eu fosse esse tal robô, como poderia ter espaço em minha mente para vinte mil anos de história de milhões de mundos diferentes?

- Não conheço a capacidade das mentes dos robôs. Não sei qual a capacidade da sua. Mas mesmo que você não tenha essa capacidade, deve manter essas informações registradas em algum lugar seguro, e facilmente acessíveis. E se

você tem essas informações e eu preciso delas, como pode se negar a fornecê-las? E se não se recusa a fornecê-las ... então como pode negar que é um robô, aquele robô, o Renegado?

Seldon recostou-se à cadeira e inspirou profundamente; depois prosseguiu:

-- Portanto, vou perguntar mais uma vez: você é esse robô?

Se você deseja a psico-história, então tem de admiti-la. Se continuar negando que é um robô, e se chegar a me convencer disso, então as minhas chances com a psico-história vão se tornar muitíssimo mais remotas. Cabe a você decidir. Você é um robô? Você é Da-Nee?

E então Hummin disse, imperturbável como sempre:

- Seus argumentos são irrefutáveis. Sim, eu sou R. Daneel Olivaw. O "R" significa robô .

93.

R. Daneel Olivaw continuou a falar muito mansamente, mas pareceu a Seldon que havia uma mudança muito sutil no seu tom de voz, como se ele falasse mais à vontade agora que não estava mais desempenhando um papel.

- Ao longo de vinte mil anos - disse ele -, ninguém descobriu que eu era um robô, a não ser quando era esta minha intenção. Em parte, isso aconteceu porque os seres humanos deixaram de usar robôs há tanto tempo que muito pouca gente chega sequer a lembrar que eles existiam. E em parte aconteceu porque eu tenho a capacidade de detectar e de fingir emoções humanas. Detectá-las não dá muito trabalho, mas fingir emoções é algo difícil para mim, por motivos ligados à minha natureza robótica ... embora, quando necessário, eu seja capaz de fingir razoavelmente. Tenho essa capacidade, mas ao mesmo tempo tenho que evitar usá-la. Procuro nunca interferir com as emoções alheias, a não ser quando não me resta escolha; e quando interfiro, raramente faço mais do que fortalecer, tão pouco quanto possa, emoções que já estão ali. Se eu puder atingir os meus objetivos sem ler que lançar mão desses recursos, eu farei assim.

"Não foi preciso influir muito sobre Mestre do Sol Catorze para que ele aceitasse vocês dois ... digo 'influir' porque não considero isso uma coisa agradável de fazer Não tive que lançar mão disso porque ele me devia antigos favores e é um homem muito honrado, a despeito das excentricidades que vocês constataram. Interferi em suas emoções apenas da segunda vez, quando vocês tinham cometido um sacrilégio diante de seus olhos, mas isso não me exigiu muito. Ele não estava propriamente ansioso para entregar vocês às autoridades do Império, pelas quais ele não tem qualquer simpatia. Apenas estimulei um

pouco essa falta de simpatia e ele devolveu vocês dois aos meus cuidados, aceitando os argumentos que eu tinha exposto, e que em outra ocasião ele consideraria suspeitos.

"Também não interferi em suas emoções, Hari. Você também não simpatizava com o Império. Isso se dá com a maioria das pessoas hoje em dia, e esse é um fator importante na decadência e no progressivo desgaste das instituições imperiais. Além do mais, você estava orgulhoso do conceito de psico-história, estava orgulhoso de ter tido essa idéia. Você não se importaria de tentar provar que ela podia ser uma atividade prática; isso viria alimentar ainda mais o seu orgulho.

Seldon franziu a testa.

- Desculpe-me, Sr. Robô, mas não me parece que eu seja um tal monstro de orgulho.

Daneel respondeu com delicadeza:

- Você não é nenhum monstro. Você tem plena consciência de que ser arrastado pelo orgulho não é algo admirável, nem útil, e em conseqüência você tenta reprimir esses impulsos; mas você também pode desaprovar o fato de que seu corpo seja comandado pelas batidas de seu coração, e não pode impedir nem uma coisa nem a outra. Você esconde seu orgulho de você mesmo, em benefício de sua própria paz de espírito, mas não pode escondê-lo de mim. Ele está aí, não importa o quão cuidadosamente você consiga mascará-lo. Tudo que eu tive a fazer foi estimulá-lo um pouco, e logo a seguir você estava disposto a tomar uma série de atitudes para não cair nas mãos de Demerzel, atitudes que um momento antes você se recusaria a tomar. E em seguida estava disposto a trabalhar na psico-história com uma intensidade que, num momento antes, você acharia ridícula.

"Não achei necessário influenciar nada mais, e desse modo você chegou a perceber a minha verdadeira natureza. Se eu tivesse previsto esta possibilidade teria tomado minhas providências para evitá-la, mas as minhas habilidades não são infinitas. Também não lamento ter falhado, porque seus argumentos são sólidos, e é importante que você saiba quem eu sou, e que eu use isto que sou para ajudá-lo.

"As emoções, meu caro Seldon, são um impulso poderoso para as ações humanas, um impulso muito mais poderoso do que os próprios humanos são capazes de perceber. Você não sabe o quanto pode se conseguir com apenas um leve toque na direção certa ... e o quanto eu reluto em fazer isso.

Seldon estava respirando fundo, tentando enxergar a si mesmo como um homem dominado pelo orgulho, e não gostando disso nem um pouco.

- Reluta por quê? - perguntou.

- Porque é algo que pode muito facilmente escapar ao controle. Eu tinha que impedir que Rashelle convertesse o Império numa anarquia feudal. Se eu tivesse manipulado bruscamente os generais wyanos, o resultado poderia ter sido uma revolta sangrenta. Homens são homens ... e os generais de Wye são quase todos homens. Não é preciso muita coisa para fazer emergir os ressentimentos e

o medo latente das mulheres que existem em qualquer homem, devido a alguma razão biológica que eu, como robô, não consigo compreender plenamente.

"Tudo o que precisei fazer foi estimular esses sentimentos, para fazer abortar os planos de Rashelle. Se eu tivesse feito um mínimo de pressão além do necessário, não teria conseguido o meu objetivo ... uma tomada do poder sem derramamento de sangue. A única coisa que eu pretendia era fazer com que os wyanos não oferecessem resistência, quando minhas tropas desembarcassem."

Daneel fez uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras, e depois prosseguiu:

- Não quero discutir matematicamente o modo como meu cérebro positrônico funciona. É algo mais complexo do que posso entender, embora talvez para você não o fosse tanto, desde que você dedicasse algum tempo a esse estudo. Em todo caso, basta dizer que sou governado pelas Três Leis da Robótica, que são tradicionalmente formuladas em palavras... ou pelo menos o eram há muito tempo atrás. As Leis são:

"Primeira. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano seja ferido

"Segunda. Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas pelos seres humanos, exceto quando tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei.

"Terceira. Um robô deve proteger sua própria existência, desde que isto não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis.

"Acontece que eu tive um amigo ... há vinte mil anos atrás. Outro robô. Diferente de mim. Não podia ser confundido com um ser humano, mas era dotado de poderes mentais muito fortes, e foi através dele que eu conquistei os meus próprios poderes.

"Ele achava que deveria haver uma Lei ainda mais abrangente do que as Três Leis. Ele a chamava de Lei Zero, uma vez que deveria vir antes da Primeira. Essa Lei dizia:

"Lei Zero. Um robô não pode prejudicar a humanidade ou, por omissão, permitir que a humanidade sofra algum prejuízo.

"Portanto, a Primeira Lei passaria a ser assim redigida:

"Primeira. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano seja ferido, exceto para evitar entrar em conflito com a Lei Zero.

"E as demais Leis seriam igualmente modificadas. Entendeu?" Daneel fez uma pausa, e Seldon respondeu:

- Sim, entendi.

Daneel continuou.

- O problema, Hari, é que um ser humano é algo fácil de identificar. Eu posso apontar para um, distingui-lo. É fácil perceber o que pode ferir ou prejudicar um ser humano, e o que não pode ... relativamente fácil, pelo menos. Mas o que é a humanidade? Quando falamos dela, para onde apontamos? E como podemos definir o que significa prejuízo para a humanidade? Quando e que uma determinada linha de ação causará à humanidade mais bem do que mal... e

como podemos prever isto? Esse robô que criou a Lei Zero morreu ... tornou-se permanentemente inativo - porque foi forçado a cometer ações que ele achava que iriam salvar a humanidade, mas ele não tinha certeza disso. E quando ele foi desativado, deixou a guarda da Galáxia ao meu cargo.

"Desde essa época eu venho fazendo o possível. Procuro limitar minhas interferências a um mínimo, e me baseio nos próprios seres humanos para julgar o que é bom e o que não é. Os humanos podem trapacear; eu não. Eles podem errar o alvo: eu não me atrevo. Eles podem ferir ou prejudicar alguém, ainda que involuntariamente: eu seria automaticamente desativado se o fizesse. A Lei Zero não abre exceção para o mal causado involuntariamente.

"Mas em certos momentos eu sou forçado a tomar atitudes.

O fato de que eu ainda esteja em funcionamento mostra o quanto minhas ações têm sido moderadas e discretas. No entanto, desde que o Império entrou neste processo de decadência, tenho sido forçado a agir com frequência cada vez maior, e há algumas décadas estou desempenhando o papel de Eto Demerzel, tentando manipular o governo imperial de forma a protelar o desmoronamento ... e, como pode ver, ainda estou funcionando.

"Quando você pronunciou sua conferência na Convenção Decenal, percebi de imediato que, usando a psico-história como instrumento, seria possível identificar o que poderia ser bom ou mau para a humanidade. Com ela, poderíamos tomar nossas decisões menos às cegas. Eu poderia mesmo confiar nos seres humanos para tomar tais decisões, e me reservar apenas para as emergências de maior gravidade. Portanto, dei um jeito de fazer com que Cleon ouvisse falar da sua conferência e mandasse chamá-lo. Diante da sua negativa, fui forçado a descobrir outra maneira de fazer com que você aceitasse a incumbência. Entendeu, Hari?

- Sim, Hummin - murmurou Seldon, atemorizado. - Entendi.

- Para você, continuarei sendo Chetter Hummin, nas raras ocasiões em que voltaremos a nos encontrar. Eu lhe fornecerei todas as informações que você julgar necessárias, e, como Eto Demerzel, cuidarei de protegê-lo da melhor maneira possível. Mas você jamais poderá usar o nome Daneel para se referir a mim.

- Não pretendo fazê-lo - apressou-se Seldon a dizer. - Já que preciso de sua ajuda, atrapalhar os seus planos só poderiam me prejudicar.

- Sim, sei disso. - Daneel deu um sorriso cansado. - Apesar de tudo, você é vaidoso o bastante para pretender ser o único pai da psico-história, Jamais admitiria que alguém chegasse um dia a ficar sabendo que você precisou da ajuda de um robô.

Seldon enrubesceu. - Eu não ...

- Sim, embora você procure esconder isso até de você mesmo. E isto é importante, porque eu estou incrementando essa emoção em você quase imperceptivelmente, de tal modo que você jamais será capaz de falar sobre mim a quem quer que seja. Isso jamais lhe passará pela cabeça.

- Eu tenho a suspeita de que Dors sabe sobre ...

- Sim, ela sabe a meu respeito. E ela também não pode falar sobre mim a quem quer que seja. Agora que vocês dois conhecem minha verdadeira identidade, podem falar sobre isso um com o outro, mas não a alguma outra pessoa.

Daneel empurrou a cadeira para trás.

- Hari, tenho muito trabalho a fazer agora. Daqui a algum tempo, você e Dors serão levados de volta ao Setor Imperial. ..

- Aquele garoto, Raych ... ele tem que me acompanhar. Não posso abandoná-lo. E há um jovem dahlita, chamado Yugo Amaryl, que ...

- Compreendo. Raych acompanhará vocês dois, e você pode tomar as providências necessárias em relação a qualquer amigo seu. Todos vocês serão bem cuidados. E você começará a trabalhar na psico-história. Terá uma equipe. Terá computadores e todo o material de referência que considerar necessário. Procurarei interferir o mínimo possível, e se houver alguma resistência ao seu trabalho você terá que resolver os problemas sozinho, desde que isso não ameace a sorte de sua missão.

- Espere um pouco, Hummin - disse Seldon, com urgência na voz. - E se, apesar de toda sua ajuda e todo o meu trabalho, não for possível transformar a psico-história num instrumento prático? O que acontecerá, se eu falhar?

- Nesse caso - disse Daneel-, eu tenho à mão um segundo projeto. Algo em que venho trabalhando há muito tempo, noutro planeta, de um modo diferente. É algo também muito complicado, e sob certos aspectos mais radical do que a psico-história. Pode falhar também, mas as chances de sucesso são maiores quando abrimos duas trilhas do que quando abrimos apenas uma.

"Ouça o que lhe digo, Hari ... Se chegar um momento em que você for capaz de montar um instrumento destinado a impedir que o pior aconteça, dê um jeito de montar dois instrumentos, porque se um deles falhar o outro pode cumprir a tarefa. O Império deve ser preservado, ou então reconstruído sobre novas fundações. Faça com que haja duas, em vez de apenas uma, se for possível."

Ele ficou de pé.

- Agora tenho que voltar ao meu trabalho, e você vai voltar ao seu. Não se preocupe. Cuidarão de você.

Com um leve aceno de cabeça, ele afastou-se.

Seldon ficou a acompanhá-I o com o olhar, e depois murmurou:

- Primeiro tenho de falar com Dors.

94.

- O palácio foi liberado - disse Dors. - Rashelle não sofreu nenhum ferimento.

E logo você será levado de volta ao Setor Imperial, Hari.

- E você, Dors? - perguntou ele, com a voz levemente embargada.

- Creio que voltarei para a Universidade - disse ela. - Meu trabalho está parado, minhas aulas abandonadas.

Não, Dors. Tenho uma tarefa mais importante para você. - O que é?

- A psico-história. Não posso assumir esse projeto sem você.

- Claro que pode. Sou analfabeta em matemática.

- E eu em História ... e precisamos das duas.

Dors deu uma gargalhada.

- Desconfio de que você, como matemático, é alguém fora de série, mas eu como historiadora sou apenas razoável, nada de excepcional. Você pode encontrar uma grande quantidade de historiadores que serão muito mais úteis à psico-história do que eu.

- Nesse caso, Dors, deixe-me dizer-lhe que a psico-história precisa de muito mais do que de um matemático e uma historiadora. Precisa de uma grande disposição para enfrentar um trabalho que pode durar uma vida inteira. Sem você, Dors, eu não terei essa disposição .

- Claro que terá.

- Dors, se você não vier comigo, eu não terei. Dors o fitou, pensativa.

- Esta discussão é inútil, Hari. Sem dúvida que Hummin é quem vai tomar a decisão final. Se ele me mandar de volta à Universidade ...

- Ele não vai.

- Como pode ter certeza?

- Porque eu o disse claramente a ele. Se ele mandar você de volta à Universidade, eu voltarei para Helicon, e o Império pode vir abaixo.

- Você não pode estar falando sério.

- Claro que estou.

- Ainda não percebeu que Hummin pode modificar seus sentimentos de modo a que você queira trabalhar na psico-história, mesmo sem mim?

- Seldon sacudiu a cabeça.

- Hummin não tomaria uma decisão tão arbitrária. Já conversei com ele. Ele não pode manipular à vontade as mentes humanas, porque está limitado por algo que ele chama as Leis da Robótica. Mudar a minha mente até o ponto em que eu não queira mais você ao meu lado, Dors, seria uma mudança de tais proporções que ele não estaria disposto a correr o risco. Por outro lado, se ele me deixar em paz e se você se juntar a mim no projeto, ele terá o que deseja ... uma chance real de obter a psico-história. Por que não escolheria isto?

Dors retrucou:

- Ele pode não concordar, por razões só dele.

- Mas por quê?

- Você foi incumbida de me proteger, Dors. Hummin cancelou essa determinação?

- Não.

- Então ele deseja que você continue me protegendo. E eu preciso de sua

proteção.

- Contra o quê? Agora você tem toda a proteção de Hummin, tanto no papel de Demerzel quanto no de Daneel, e isso é o máximo que você pode desejar.

- Se eu tivesse a proteção de todas as pessoas e todos os exércitos da Galáxia, ainda assim seria a sua que eu iria requisitar.

- Então você não precisa de mim para a psico-história. Precisa para sua proteção.

Seldon fechou a cara.

- Não! Por que está distorcendo minhas palavras? Por que está me forçando a dizer algo que você já sabe o que é? Não se trata de psico-história nem de proteção. Isso são apenas pretextos, e eu usarei qualquer outro pretexto que venha a ser necessário. Eu quero você ... só você. E se quer saber a verdadeira razão para isso é simplesmente porque você é você.

- Você nem sequer me conhece.

- Isso não importa. Eu não ligo. Além do mais, conheço você de certa forma. Mais do que você imagina.

- É mesmo?

- Sim. Você obedece ordens a ponto de arriscar sua vida por mim sem hesitação e sem aparentemente se preocupar com as consequências Você aprendeu a jogar tênis com extrema rapidez. Você aprendeu a manejar facas com rapidez ainda maior, e se saiu perfeitamente bem na briga com Marron. Sobre-humanamente bem ... eu diria. Seus músculos são incrivelmente fortes, e seus reflexos são incrivelmente rápidos. Você consegue perceber quando um quarto está sendo espionado, e consegue entrar em contato com Hummin de algum modo que não envolve nenhum tipo de instrumento.

- E o que você acha disso tudo? - perguntou ela.

- Ocorreu-me a idéia de que Hummin, como R. Daneel Olivaw, tem em mãos uma tarefa impossível. Como pode um único robô tentar dirigir um Império? Ele deve ter ajudantes.

- Isso é óbvio. Milhões deles, eu acho. Eu sou uma ajudante.

Você é um ajudante. Raych é um ajudante. - Você é um tipo diferente de ajudante.

- Em que sentido? Vamos, Hari, diga. Se você escutar sua própria voz dizendo isso, você vai perceber o quanto é sem sentido.

Seldon a fitou demoradamente, e por fim falou, em voz muito baixa:

- Não, não vou dizer. Não vou porque ... porque eu não me importo.

- Não? - perguntou Dors. - Você me quer. .. do jeito que eu sou?

- Eu quero você, do jeito que as coisas são. Você é Dors, e não importa o que mais você é. Não há outra coisa no mundo que eu deseje tanto.

Dors disse, suavemente:

- Hari, eu quero tudo o que há de bom para você, devido ao que eu sou. Mas eu sinto que, mesmo que eu fosse algo diferente, eu ainda iria querer para você tudo que há de bom. E eu não acho que eu seja boa para você.

- Boa ou má, eu não ligo. - Seldon caminhava de um lado para outro, os olhos

baixos, como que sopesando o que iria dizer em seguida. - Dors, você já foi beijada?

- Claro, Hari. Faz parte da vida social, e eu vivo em sociedade.

- Não, não! Quero dizer: já beijou de verdade um homem? Apaixonadamente?

- Ora, Hari, sim.

- Gostou?

Dors hesitou, e depois disse:

- Quando beijei desse modo eu me senti melhor do que teria me sentido caso desapontasse um rapaz de quem eu gostava, e cuja amizade era importante para mim. - Nesse ponto, Dors enrubesceu, e virou o rosto para o outro lado. - Por favor, Hari. Isso é algo muito difícil de explicar.

Mas Seldon, mais determinado do que nunca, aumentou a-pressão. - Então você o beijou por outros motivos ... para evitar ferir os sentimentos dele.

- Num certo sentido, é o que todo mundo faz.

Seldon ruminou esta resposta durante algum tempo, e de súbito perguntou:

- Você já pediu para ser beijada?

Dors fez uma pausa, como se repassando a própria vida.

- Não - disse, por fim.

- Ou desejou ser beijada outra vez, logo após um beijo?

- Não.

Já foi para a cama com um homem? - perguntou ele com uma voz suave, desesperada.

- Claro. Já lhe disse. Essas coisas fazem parte da vida.

- Seldon a agarrou pelos ombros como se quisesse sacudi-la.

- Mas já sentiu desejo, necessidade de estar muito perto de uma pessoa em especial? Dors, você já sentiu amor?

Dors ergueu os olhos muito lentamente, quase com tristeza, até fitar os olhos de Seldon.

- Sinto muito, Hari, mas ... não.

Seldon a largou, e seus braços ficaram pendendo, frouxos, junto ao corpo.

Dors tocou-lhe no braço com a mão e disse:

- Está vendo, Hari ... não sou mesmo o que você quer. Seldon ficou cabisbaixo, fitando o solo. Examinou mais uma vez toda a questão, tentando pensar racionalmente, até que por fim desistiu. Queria o que queria; e queria aquilo para além de todo pensamento, e para além de toda racionalidade.

Ergueu os olhos para ela.

- Dors, querida ... mesmo assim, eu não me importo. Seldon pôs os braços em volta dela e foi aproximando o rosto muito devagar, como se temesse que ela tentasse se afastar, ao mesmo tempo em que a puxava mais para perto.

Dors não se moveu, e ele a beijou ... lentamente, demoradamente, e por fim com uma paixão cada vez maior - até que de súbito os braços dela o envolveram e o apertaram.

Quando ele finalmente parou, ela o fitou com olhos onde se refletia seu sorriso, e disse:

- Beije-me outra vez, Hari ... por favor.

* * *

Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - 20921 Rio de Janeiro, RJ - Tel.: 580-366R

ISAAC ASIMOV

Em Tranton, capital do Império Galáctico, o imperador Cleon I persegue o heliconiano Hari Seldon, criador de uma monografia sobre Psico-história que pode transformar a face do Império. Essa fantástica teoria da previsão pode conferir a Cleon o saber profético de que ele necessita para manter a estabilidade imperial. Enquanto luta desesperadamente para evitar que sua teoria caia em mãos erradas, o jovem matemático forja sua arma para o futuro: uma força que se tornará conhecida pelo nome de Fundação.

PRELÚDIO DA FUNDAÇÃO